**Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Centro de Energia Nuclear na Agricultura**

Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil

Djalma Nery Ferreira Neto

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em
Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

**Piracicaba
2017**

Djalma Nery Ferreira Neto
Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais

Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil

versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de 2011

Orientadora:
Prof.^a. Dr.^a. **LAURA ALVES MARTIRANI**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em
Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

Piracicaba
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
DIVISÃO DE BIBLIOTECA – DIBD/ESALQ/USP

Ferreira Neto, Djalma Nery

Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil /
Djalma Nery Ferreira Neto. - - versão revisada de acordo com a resolução
CoPGr 6018 de 2011. - - Piracicaba, 2017.

368 p.

Dissertação (Mestrado) - - USP / Escola Superior de Agricultura "Luiz de
Queiroz". Centro de Energia Nuclear na Agricultura.

1. Sustentabilidade 2. Permacultura 3. Teoria Crítica 4. Movimento
Ambientalista I. Título

DEDICATÓRIA

ao povo brasileiro, convicto de que podemos superar este tenebroso e longo Estado de Exceção que atravessamos. Nenhuma injustiça é permanente.

à memória de Bill Mollison (1928 – 2016)

AGRADECIMENTOS

Primeiro a você, que lerá estes longos agradecimentos até o fim, e me perdoará por isso, pois não poderia ser diferente. Um trabalho como este jamais poderia acontecer sem a colaboração ativa e insubstituível de muita gente, e aqui tentarei cumprimentar e agradecer uma parte delas.

À minha orientadora, Laura Alves Martirani, que com seu carinho, paciência e competência soube balizar tão bem este estudo, tornando-o um fato, e não só uma promessa.

À coorientadora e amiga, Valéria Vasconcelos, portadora de eterna luz e juventude, pela inspiração e acolhida sempre fraternas. E por meio dela, a todo pessoal do Sítio Manacá que me acolheu durante retiros para estudo e escrita desse trabalho: Joana, Osmar, Suri, Pâmela e Pipoca.

Ao professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques, por suas valiosas contribuições como membro da banca em meu exame de qualificação.

À minha irmã, Estela, por desbravar tantos caminhos e ser esse horizonte tão presente; de quem até hoje sigo os passos – primeiro no rock, depois no RPG, e hoje na academia.

À minha mãe, Adriana, que me transmitiu o fogo da luta e da vida. Ser que me ensinou a querer e a perseguir com afinho meus sonhos; sempre me lembrando de ser feliz. Querida por milhares de pessoas, e especialmente por mim.

A meu pai, Djalma, que se foi cedo demais, mas que certamente contribuiu para este trabalho, e com quem sempre converso em sonhos. Logo nos reuniremos, e vou querer ouvir pessoalmente as suas críticas.

Às minhas sobrinhas, Júlia e Isadora, luzes no caminho, com quem muito aprendo.

A todo povo da Veracidade – casa, trabalho e escritório. Onde cresci e continuo crescendo. Tadeu, Joana, Amanda, Aline, Júlia, Mauro, João e Guto; ao povo do 'Malditas Ovelhas!' – Bruno, Eduardo, Yraê e Zé Guilherme – e todo pessoal que por lá passou, alegrando e bagunçando o espaço. A motivação principal disso tudo são vocês.

À Flavia Torunsky, paciente amiga com quem comemorei várias conquistas e compartilhei muitos apuros. Coautora implícita dessa obra, que começou muito antes das palavras no papel e que para muito além delas irá.

À Luana Castelli, mulher guerreira à quem devo grande parte da minha militância na educação popular e seu marido Gabriel Rampone, em nome de quem agradeço todxs da

Ecovila Tibá São Carlos, primeira e eterna parceria de projetos e horizontes da Veracidade. Somos todos um.

À Marina Villarinho, que plantou esse projeto comigo e que o alimenta ainda que distante. Parceira de estrada, vida e muito mais.

Ao Yuri Almeida, em nome de quem agradeço todo o pessoal do PUPA, em São José dos Campos, pela gênese compartilhada, pelos caminhos unificados, pelo acompanhamento e apoio mútuo que desde o princípio construímos.

Aos companheiros e companheiras do grupo CURARE, uma das melhores surpresas que o destino me apresentou logo no início desta caminhada. Tão afinados estávamos sem nos conhecer... Em especial aos mestres Tomaz Lotufo, Thiago Silva e André Fossaluza, que hoje tenho a honra de chamar 'amigos'.

Aos membros e fundadores da APASC, em especial às figuras de Paulo Mancini, Marcos Sorrentino, Bernardo Teixeira, e Haydeé Torres – nossa gratidão ao trabalho que realizaram e realizam se dará na continuidade da luta. Esperamos um dia fazer jus ao legado a nós transmitido. Sabemos que nada começa e certamente não acaba aqui.

A todo pessoal do GECOM: Isa, Vanessa, Rafa, Cláudia, Estela, Laura, etc – que me proporcionaram um recorrente espaço de diálogo e crescimento, e com quem, lado a lado, fraternalmente, pude dar meus primeiros passos decididos dentro da academia.

A todo pessoal da OCA, que me acolheu com braços, abraços, cafés e presentes nas poucas vezes em que me fiz presente.

Ao João, pela fundamental acolhida no Sítio Kaa Puã, em São Roque, onde pude me concentrar para ler, escrever e pensar, a não ser pelos momentos em que não resisti a passar longos períodos absorvendo um pouco de seu amplo conhecimento da vida e das coisas.

Aos meus amigos de infância e longa data da “Banca”, com os quais tenho até hoje – e sempre! – o privilégio de conviver (com alguns mais, e outros menos): Kazuma, Matheus, Dhiego, Marcos, André, Spawn, Fabiel e Nakano. Vocês provavelmente nem lerão este trabalho, mas são responsáveis por grande parte na manutenção da minha felicidade enquanto estive escrevendo e muito antes disso.

Ao 'companheiro' César Borges, por suas seguidas indicações de leitura, amizade e toda colaboração intelectual indispensável.

Às tantas pessoas que me acolheram em viagens e estadias durante os trabalhos de campo para essa pesquisa: Marquito, do CEPAGRO; Camila Argenta; Ney e Andrea do Sítio Çarakura; Maria Alejandra, companheira de caronas, sonhos e viagens; Jeferson, do Instituto

Ambiental Daterra; pessoal do Utopia e Luta; Maria Karam, Rodrigo e Camilo; Carol Veloso; ao Leonardo, em Ratonas; pessoal da Arca Verde; Pedro Vieira Bastos, do Sítio Amoreza; ao Martin, à Rafa e ao pequeno Noah, em nome de quem ofereço esse trabalho à toda nova geração que vem com tudo por aí!

À amiga Fernanda Picciarelli, poetisa taurina alada que me ajudou a planar e ver as coisas de outro ângulo: pelos ensinamentos, companhias, conversas, livros, desencontros (por que não?) e por toda “puratura”.

Agradeço a CAPES, por seu fundamental financiamento durante a pesquisa, sem o qual esse trabalho certamente não seria possível.

Agradeço à atenciosa e dedicada Mara Casarin, secretária do PPGI-EA que tanto me auxiliou nesse processo.

Agradeço à professora e coordenadora do PPGI-EA, Maria Victoria Ramos Ballester, por sua dedicação e afinho em fazer este um dos melhores programas de pós-graduação do Brasil, por meio da qual cumprimento todo o corpo docente do programa.

Por fim, agradeço à minha companheira Nieve Pavani, que não só esteve integralmente a meu lado durante o intenso processo de pesquisa e escrita, mas criou as condições para que esse trabalho fosse de fato possível. Meu agradecimento não cabe nestas linhas, mas que ao menos fique registrado nessas páginas. Amar e mudar as coisas, nos interessa mais.

Não poderia deixar de agradecer aos felinos e felinas que tornaram tudo mais agradável e ronronante: Patas, Make e Graniza!

EPÍGRAFE

Os mundos novos devem ser vividos antes de ser explicados

Alejo Carpentier

*Se você já construiu castelos no ar, não tenha vergonha deles.
Estão onde devem estar. Agora, dê-lhes alicerces*

Henry David Thoreau

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE TABELAS.....	13
1. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO.....	15
1.2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	18
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
2.1. DEBATES PRELIMINARES.....	21
2.1.1. Ecologias, ecologismos e permaculturas.....	22
2.1.1.1. Biocêntrica.....	23
2.1.1.2. Antropocêntrica.....	23
2.1.1.3. Sociocêntrica.....	24
2.1.1.4. Ecologia ancestral: o bem viver.....	25
2.1.1.5. Arenas das ecologias.....	26
2.1.2. O declínio do saber-fazer.....	27
2.1.3. Ética, estética, técnica e política.....	36
2.2 A PERMACULTURA.....	42
2.2.1. Um pouco de história.....	42
2.2.2. O que é permacultura afinal?.....	44
2.2.3. O sistema de design.....	49
2.2.4. Convergências e Conferências – autorregulação da comunidade.....	52
2.2.4.1. Considerações históricas sobre as Convergências Internacionais de Permacultura.....	54
2.2.4.2. As convergências continentais.....	59
2.2.4.3. As CLAPs – Convergências Latino Americanas.....	59
2.2.4.3.1. A 4ª CLAP, na Colômbia, em 2015.....	64
2.2.4.4. As conferências brasileiras.....	67
2.2.5. Permaculturas: aprofundamentos.....	68
2.2.5.1. Um conceito em disputa.....	69

2.2.5.2. Nova sensibilidade, valores e saberes locais.....	74
2.2.5.3. Elitização e acesso ao conhecimento.....	75
2.2.5.4. Permacultura, política e mal-estar.....	78
2.3. A PERMACULTURA NO BRASIL.....	84
2.3.1. Período difuso (pré 1992).....	85
2.3.2. Incubação: primeiros PDCs e as primeiras turmas (1992-1995).....	88
2.3.3. Ativação e institucionalização: RBP, PAL e IPC8 (1995 - 2007).....	91
2.3.4. Etapa crítica: outras perspectivas e a Rede Permear (2004-2008).....	99
2.3.5. Popularização (2008 – hoje).....	101
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	107
3.1. FERRAMENTAS E REFERENCIAIS METODOLÓGICOS.....	108
3.2. ETAPAS DA PESQUISA.....	111
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	117
4.1 MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PERMACULTURA NO BRASIL.....	117
4.1.1 Elaboração e difusão do questionário.....	117
4.1.1.1. Grupos mapeados através do questionário.....	118
4.1.2. Trabalho e diário de campo.....	124
4.1.2.1. Aproximações e desafios comuns.....	127
4.1.3. Entrevistas.....	131
4.2. CAMINHOS E PERSPECTIVAS PARA A POPULARIZAÇÃO DA PERMACULTURA NO BRASIL	
.....	135
4.2.1. Permacultura, movimentos sociais e terceiro setor.....	135
4.2.2. Permacultura e políticas públicas.....	147
4.2.3. Algumas experiências concretas para popularização da permacultura no Brasil:	
Curare, Pupa, Veracidade e Rede Permaperifa.....	151
4.2.4. Permacultura Popular: redundância, incongruência ou disputa?.....	156
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS.....	165
ANEXOS.....	171

RESUMO

Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil

A presente pesquisa teve por objetivo elaborar um mapeamento dos grupos de permacultura em atividade no Brasil construído a partir de um formulário *online* autodeclaratório, entrevistas e vivências de campo. Foram levantados dados quantitativos e qualitativos, e desenvolvida uma análise crítica do “estado da arte” da permacultura no Brasil a partir de seus grupos e promotores, bem como de suas práticas, que foram debatidas à luz de referenciais da teoria crítica, trazendo à tona este ainda pouco conhecido conceito e expondo alguns dos principais desafios para sua difusão. Concebida em meados dos anos 1970 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, a permacultura é um sistema de design conectado à criação de assentamentos humanos sustentáveis e à edificação de 'um outro mundo possível', balizado por técnicas e preceitos éticos específicos, distintos dos hegemônicos. O agravamento da crise socioambiental contemporânea, somado à notória ascensão do discurso ecológico que ganha espaço na mídia e nos mercados, faz com que a permacultura – e todo um conjunto de novas práticas consideradas 'verdes', 'alternativas' e sustentáveis – ganhem centralidade e atenção, tornando-se palco de uma disputa que, por um lado, visa torná-las mais um item comercializável e, por outro, as enxerga como possibilidades concretas para edificação de uma outra sociedade, mais justa, harmônica e igualitária, entendendo-as como incompatíveis aos ditames e necessidades do mercado capitalista. Alguns grupos defendem que a cooptação das práticas da permacultura transformadas em mercadoria reduziria seu potencial transformador, além de criar barreiras para sua popularização. No entanto, a sustentabilidade financeira apresenta-se também como um desafio àqueles e àquelas que dedicam suas vidas à prática e a difusão da permacultura. Tomando por base a combinação citada entre pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas e trabalho de campo, buscou-se aqui, avaliar e discutir os caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Permacultura; Teoria Crítica; Movimento Ambientalista

ABSTRACT

Paths and prospects for the popularization of permaculture in Brazil

The present research had the objective of elaborating a mapping of the groups of permaculture in activity in Brazil constructed from an online self-declaration form, interviews and field experiences. Quantitative and qualitative data were collected and a critical analysis of the “state of the art” of permaculture in Brazil was developed from its groups and promoters, as well as their practices, which were debated in the light of critical theory references, bringing to the surface this still little known concept and exposing some of the main challenges for its diffusion. Conceived in the mid-1970s by australians Bill Mollison and David Holmgren, permaculture is a design system connected to the creation of sustainable human settlements and the building of 'another possible world', marked by specific ethical techniques and precepts, distinct from the hegemonic ones. The aggravation of the contemporary social and environmental crisis, together with the notorious rise of the ecological discourse that gains space, media and markets, makes permaculture - and a whole set of new practices considered 'green', 'alternative' and sustainable - gain centrality and attention, becoming the scene of a dispute that, on the one hand, aims to make them one more marketable item and, on the other hand, sees them as concrete possibilities for the construction of another society, more just, harmonious and egalitarian, understanding them as incompatible with the dictates and needs of the capitalist market. Some groups argue that the cooptation of permaculture practices transformed into commodities would reduce their transformative potential, as well as create barriers to their popularization, the focus of the present study. However, financial sustainability also presents itself as a challenge to those who dedicate their lives to the practice and diffusion of permaculture. Based on the cited combination between bibliographical research, documentary, interviews and field work, we sought to evaluate and discuss the paths and perspectives for the popularization of permaculture in Brazil.

Keywords: Sustainability; Permaculture; Critical Theory; Environmentalist movement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os 12 princípios da permacultura.....	47
Figura 2 - A flor da permacultura.....	48
Figura 3 - exemplo de design permacultural de propriedade.....	49
Figura 4 - Foto da primeira IPC, na Austrália, em 1984. Bill Mollison à direita.....	53
Figura 5 - Fotografia da Primeira CLAP, na Argentina, no ano 2000.....	61
Figura 6 - Foto oficial da 4ª CLAP, na comunidade Varsana, Colômbia.....	64
Figura 7 - Teia com os contatos dos diversos grupos presentes, mapa colaborativo da 4ª CLAP	65
Figura 8 - Linha do tempo - etapas do desenvolvimento da permacultura no Brasil.....	85
Figura 9 - Capa da Revista Permacultura Brasil nº 01, de 1998.....	94
Figura 10 - Reunião dos grupos de permacultura realizada durante o VI ENGA, na Ecovila Tibá, em São Carlos, em 2014.....	106
Figura 11: - Mapa com a localização geográfica das pessoas entrevistadas.....	114
Figura 12 - Mapa com as 9 principais visitas realizadas durante o trabalho de campo.....	115
Figura 13 - Postagem demonstrando data e alcance da primeira postagem convocando os grupos de permacultura à participação.....	118
Figura 14 - Fundação de grupos de permacultura ano a ano no Brasil (gráfico).....	122
Figura 15: Distribuição geográfica dos grupos mapeados via formulário online.....	123
Figura 16: Mapa ampliado da região sul / sudeste com distribuição geográfica dos grupos cadastrados.....	124
Figura 17 - No Instituto Ambiental Daterra, em Estância Velha (RS), com Jeferson e Paulo	130
Figura 18 - No Coletivo Biowit, na Colônia Witmarsum (PR).....	131
Figura 19 - Nuvem de palavras feita a partir das transcrições das entrevistas realizadas.....	134
Figura 20: Manifestação contra a PEC 215 (2015) e inserção da permacultura no movimento indígena.....	135
Figura 21 - Gráfico permacultura e movimentos sociais.....	136
Figura 22 - Parceria entre grupos de permacultura e terceiro setor.....	140
Figura 23 - Pergunta em rede social sobre permacultura e movimentos sociais.....	143
Figura 24 - Nuvem de palavras final da dissertação.....	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Data e local de realização de todas as IPCs.....	54
Tabela 2 - Datas e locais das CLAPs.....	59
Tabela 3 - Principais perguntas do formulário online.....	112
Tabela 4 - Grupos de permacultura brasileiros cadastrados no formulário online.....	119
Tabela 5 - Resumo informativo acerca das pessoas entrevistadas durante a pesquisa.....	132

1. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO

torna-se impossível pensar em sustentabilidade dentro dos marcos que conformam a lógica do sistema dominante, a não ser enquanto uma retórica vazia e fetichista, elaborada sob medida para manipular a questão ambiental de modo a garantir uma sobrevivência para o capital (...) Mas reconhecer a manipulação da questão ambiental em benefício da reprodução do atual estado de coisas não significa que possamos ignorá-la. “O problema é suficientemente concreto, independente do uso que dele se faça nos dias atuais” (MÉSZÁROS, 2009, p. 52). Contudo, as contradições produzidas pelo desenvolvimento capitalista são tantas que já não basta mais apenas com disfarçá-las ou “reciclá-las”, afinal de contas a lógica expansionista da acumulação, como bem se sabe, não é, em hipótese alguma, compatível com (a verdadeira) sustentabilidade, apesar de a ideologia dominante insistir no contrário. Por consequência, a configuração de uma nova práxis ambiental deve estar necessariamente vinculada a um projeto (utópico) mais amplo, de cunho universalista, que almeje a superação do movimento de reprodução do capital e a construção de uma nova sociedade mais igualitária, integrando, assim, a causa ecológica às demandas e exigências das muitas lutas travadas pelas classes oprimidas. Afinal, humanidade e natureza não podem ser compreendidas separadamente, mas como mutuamente imbricadas em uma unidade simbiótica e dialética – uma operação realizada tanto no pensamento como na prática e que se diferencia radicalmente da práxis que tem sido levada a cabo com base no ideário burguês (SILVA, 2013, p. 40-43).

Nesta introdução e apresentação, nada mais adequado do que iniciarmos por uma 'contextualização geral' do trabalho, fruto de três anos de pesquisa acadêmica, somados a quase dez de acompanhamento e participação no tema. A permacultura é assunto assaz recente e, como tal, apresenta uma série de dificuldades a quem se propõe a pesquisá-la e conhecê-la, caso que se agrava em trabalhos de profundidade como este que realizamos, tendo em vista a escassez de fontes e leituras. No meio acadêmico, se por um lado temos a satisfação do pioneirismo – visto que poderíamos enumerar nos dedos das mãos os trabalhos de pós-graduação que abordam explícita e privilegiadamente o tema aqui discutido –, por outro enfrentamos o ônus deste desbravamento, com seus percalços, inseguranças e incertezas. A 'sorte' nos trouxe por caminhos benfazejos, colocando-nos ao alcance pessoas e experiências que tornaram possível suportar e superar os desafios postos, tanto dentro da academia como fora dela.

Por se tratar de um campo prático e concreto, a retroalimentação entre prática e teoria foi capaz de proporcionar um amplo aprendizado, apontando para caminhos concretos e possibilidades reais de um outro mundo possível: objetivo último daqueles e daquelas que praticam e vivem a permacultura em suas vidas.

Dada a limitação temporal e espacial intrínseca a esta pesquisa, buscamos ordenar da maneira mais clara possível as informações e fatos relevantes para atingir a consecução do objetivo aqui proposto: apresentar um mapeamento atualizado – e representativo – dos grupos de permacultura em atividade no Brasil. Com isso esperamos poder traçar um panorama concreto de quem são e o que fazem os inúmeros centros, estações, institutos e coletivos de permacultura espalhados pelo país. Somado ao objetivo central, também nos atribuímos as tarefas de, por um lado, esboçar uma pequena historiografia acerca da chegada e desenvolvimento da permacultura no Brasil; por outro, de oferecer algumas reflexões críticas e análises qualitativas baseadas no citado mapeamento e com enfoque nos desafios para a popularização da permacultura. Para cumprir tais tarefas foi necessário, também, nos dedicarmos a uma espécie de preâmbulo teórico para exposição de alguns pontos-chaves para o melhor entendimento dos debates postos.

Este trabalho se organiza em 5 capítulos (e em suas respectivas subdivisões): Introdução; Revisão bibliográfica; Materiais e métodos; Discussão e análise dos resultados; e Considerações finais.

Sobre a estrutura do trabalho em si, nesta introdução, explicitamos a perspectiva de fala da qual partimos, com rápidas considerações iniciais sobre nossa concepção do fazer científico; apresentamos o objeto de enfoque do trabalho e, para finalizar, apontamos algumas justificativas e explicitamos outros desdobramentos da presente pesquisa.

O segundo capítulo, voltado à revisão bibliográfica é composto por debates preliminares necessários à compreensão aprofundada dos dilemas e questões de fundo que permeiam toda a discussão presente. Tais debates subsidiam preocupações e conceitos presentes neste trabalho, oferecendo uma rápida revisão bibliográfica de temas e pontos relevantes para situar a pesquisa. Além disso, nele apresentamos objetivamente o que é a permacultura, em suas dimensões histórica, conceitual e metodológica contribuindo, inclusive, com uma breve historiografia do desenvolvimento da permacultura no Brasil, para melhor compreensão do caso e momento em que vivemos.

O terceiro capítulo, chamado 'Materiais e métodos' traz uma exposição metodológica sobre as etapas e instrumentais utilizados. Nele, além de nos aprofundarmos pelos caminhos, ferramentas e referências que nos acompanharam na escrita desta dissertação, apresentamos o formulário de cadastrado utilizado para o mapeamento dos grupos, com considerações sobre a sua constituição e circulação. Por fim, trazemos detalhes sobre o trabalho de campo, as viagens e as entrevistas realizadas.

No capítulo 4 “Discussão e Análise de resultados” iremos nos debruçar sobre as principais informações obtidas ao longo da pesquisa, trazendo os resultados de nosso mapeamento em busca dos grupos de permacultura em atividade no país, com um resumo das respostas para que se possa ter a dimensão da abrangência do trabalho empreendido. Nos anexos consta a transcrição completa das respostas a todo questionário de pesquisa. É também neste capítulo que nos aprofundamos em elementos qualitativos aferidos no formulário de pesquisa com reflexões que apontam para os possíveis caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil, proporcionando debates específicos. Também são apresentadas algumas experiências concretas de grupos contemporâneos que se alinham com o propósito de popularização e democratização da permacultura. Em síntese, neste capítulo constam análises quantitativas e também qualitativas a respeito da pesquisa realizada.

Por último, o quinto capítulo traz breves considerações finais que amarram toda a trajetória construída.

Nos anexos do trabalho, disponíveis em versão digital (em DVD) que acompanha essa dissertação, constam materiais de apoio gerados durante o trabalho, tais como 26 entrevistas transcritas na íntegra e seus respectivos arquivos de áudio; bibliografia básica em arquivos de texto; versão digital deste trabalho; imagens, fotografias e vídeos autorais; entre outros. Ao disponibilizar este material visamos dar mais concretude à presente pesquisa, e contribuir para o aprofundamento daqueles e daquelas que se interessarem pelo tema. Os trechos das entrevistas realizadas inseridos no corpo da dissertação encontram-se sob formatação específica para melhor diferenciação, em formato análogo ao de citação porém com recuo distinto.

A permacultura, ou 'cultura da permanência' é uma noção bastante recente, com bibliografia e material profundamente escasso dentro e fora da academia. Vamos para os 40 anos de permacultura, e não passam de algumas dezenas as referências sólidas (em termos de literatura) que possuímos para conhecê-la e sobre ela refletir. Logo, um de nossos objetivos é colaborar, no que estiver ao nosso alcance, no sentido de preencher um pouco desta lacuna, com enfoque na realidade brasileira, com suas particularidades e demandas, que adiante explicitaremos. Esperamos contribuir com a mudança deste cenário, fazendo com que cada vez mais pessoas tomem contato com possibilidades de mudança em diversos níveis: do pessoal ao coletivo.

Permacultura, em essência, é a prática de um outro mundo possível, balizada por valores fraternos, harmônicos, éticos e solidários. Esperamos ser possível, durante a leitura,

vislumbrar e contagiar-se destas possibilidades, exatamente como nos aconteceu durante a escrita dele: ao longo do processo, reforçamos nossa convicção de que é preciso experimentar outra maneira de existir e de estar no mundo, diferente desta que nos é oferecida a priori. Nos traz esperança e felicidade saber que não são poucas as pessoas dedicadas à construção destas e de outras tantas possibilidades.

1.2. Objetivos e justificativa

A vida em sociedade seria mais simples e serena se adotássemos a prática de, sempre que possível, iniciar por expor abertamente nossas posições e intenções. Não importa o fato de que nem sempre elas se concretizem; ou que, frequentemente, resultem em efeitos imprevistos ou indesejados – tais casos tratam-se de contingências e circunstâncias. O silêncio nesse campo, geralmente, é motivado por duas grandes razões: ou denota sincera ausência de reflexão acerca da importância em tornar claras as perspectivas e motivações do autor; ou, em outros casos, tal silêncio é diretamente proporcional à impossibilidade (no sentido ético) de assumir determinadas intenções. Os maiores ideólogos são aqueles que tentam omitir a posição de seus discursos – não raro, quanto maior o entusiasmo por atestar neutralidade, mais 'inconfessáveis' são os interesses em questão. Preferimos, então, iniciar por correr o risco do desagrado, sepultando qualquer incômodo silêncio.

Tendo em vista a multiplicidade de perspectivas, apresentar a nossa claramente constitui-se como um sinal de respeito para com nossos interlocutores. Apresentando o ponto do qual partimos, lhes damos a oportunidade de situarem-se mais precisamente no universo em questão, e assumirem sem receio as próprias – e inevitáveis – parcialidades.

Parece-nos de bom tom partir pela tentativa de desmanchar os nós desse complexo novelo, emaranhado pela infundada pretensão da neutralidade no fazer científico (MORIN, 1982; SANTOS, 2000). Pois, em verdade, o que se espera da ciência é transparência, não opacidade. Paira no discurso científico uma névoa chamada neutralidade. Quanto mais intensa se encontra, tanto mais nos turva a vista. Por isso, se a ciência é uma arte humana, e o ser humano é ser parcial, nos parece um contrassenso pretender neutralidade onde existe intenção. Começemos pela responsabilidade de assumir as nossas.

Dessa maneira, escolhemos trazer neste capítulo de introdução, além das considerações iniciais usuais, esta breve reflexão sobre a impossibilidade de reivindicarmos essa como uma pesquisa 'neutra'.

Ter uma posição e uma intenção não nos priva de objetividade e racionalidade. O rigor científico e ético no qual nos baseamos ao longo de todas as etapas de pesquisa, busca incorporar ao máximo conceitos e práticas que nos auxiliam a equilibrar a vivência com a ciência acadêmica em seus métodos e premissas. Esforçamo-nos no sentido de ouvir atentamente e da maneira mais imparcial possível todos os interlocutores nas quase 30 entrevistas realizadas e transcritas, a despeito de suas posições favoráveis ou contrárias à nossa hipótese e percepção das questões abordadas. Por isso optamos também por trazer na íntegra as entrevistas nos anexos. Além disso, apresentamos os dados obtidos através de nosso formulário *online* de pesquisa da maneira mais objetiva e transparente possível por meio de gráficos e dados concretos e quantitativos. A adoção de métodos científicos e racionais, busca conferir solidez acadêmica ao mesmo, resultando em um híbrido entre engajamento militante e rigor científico.

Nossa trajetória encontra-se profundamente atrelada à trajetória do 'objeto' que se estuda. Optamos portanto por um tipo de pesquisa que comporte tal engajamento, e o que faça deste engajamento recurso para maiores aprofundamentos e obtenção de dados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa (GODOY, 1995a; 1995b); participante (BRANDÃO, 1984; 1985); com elementos de pesquisa-ação (TRIPP, 2005) e inspiração etnográfica (NEVES, 2006), utilizada principalmente para as dinâmicas e atuações em campo. Com relação aos pormenores das citadas metodologias, discorreremos mais adiante.

Vale citar brevemente a trajetória do autor e pesquisador, formado em Ciências Sociais pela UNESP, campus de Araraquara, no ano de 2011; educador popular desde 2012, atuando junto a uma rede nacional vinculada ao governo federal chamada RECID (Rede de Educação Cidadã). Pesquisador e praticante de permacultura desde 2008, foi rápida a percepção de que a permacultura se encontrava restrita a espaços e públicos específicos, e que algumas contribuições poderiam ser feitas para colocá-la em condições de ser disseminada, levando consigo sua prática e discurso de autonomia, melhorando a condição de vida das pessoas objetivamente. Já em 2012, engaja-se na fundação de uma estação de permacultura urbana na cidade de São Carlos, chamada Veracidade, que nasce como concretização da leitura crítica acerca do panorama contemporâneo da permacultura, causa à qual, à época, somaram-se quase 50 pessoas, fundadoras da entidade. Centenas de formações, oficinas, cursos e palestras foram realizadas desde esse momento, percorrendo diversos territórios e cidades, tecendo redes em inúmeras parcerias

Junto a esse novo engajamento, foi possível observar que em muita gente, de diferentes lugares, reverberavam percepções semelhantes sobre a necessidade de difundir e ampliar os efeitos e alcances dessa 'Revolução Silenciosa' chamada permacultura. Então percebemos a necessidade e importância de se trabalhar em rede; fazer desse processo algo coletivo. E, novamente, entendemos que o primeiro passo seria saber quem já se encontrava engajado neste processo. Logo, surgiu a ideia de trabalhar num mapeamento quantitativo e qualitativo e atualizado dos atores da permacultura no Brasil, para entender suas respectivas posições e, a partir disso, vislumbrar caminhos e perspectivas.

Por fim, cabe ressaltar o desejo e intenção particular em contribuir para a popularização da permacultura no Brasil. Para isso, é preciso superar dilemas e obstáculos que se desenrolam dentro e fora do movimento, buscando construir um horizonte utópico comum para onde os permacultores e permacultoras do Brasil possam mirar e caminhar. Como consta na epígrafe desta introdução “torna-se impossível pensar em sustentabilidade dentro dos marcos que conformam a lógica do sistema dominante” (SILVA, 2013, p. 40), e ao longo do trabalho iremos demonstrar porque tal afirmação é importante para pensarmos o papel e a articulação da permacultura no Brasil e no mundo.

Que esta pesquisa possa contribuir de alguma forma para a reflexão crítica e coletiva e ajudar a promover autonomia e a democratização do acesso aos úteis e inspiradores conhecimentos aglutinados dentro da permacultura.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo promovemos uma revisão bibliográfica e empreendemos debates preliminares úteis e necessários a uma boa compreensão do trabalho como um todo. Escolhemos iniciar pelos debates, de cunho mais filosófico e, então, partir para as revisões dos temas concretos, a saber: a permacultura.

2.1. DEBATES PRELIMINARES

Alguns debates preliminares constituem-se como questões de fundo. Poderíamos chamá-los de 'questões geradoras'; 'questões suleadoras' ou 'questões filosóficas'. São aprofundamentos prévios, apresentados para explicitar e qualificar a motivação e os horizontes desta pesquisa, bem como algumas posições e pontos de partida, desde a perspectiva do pesquisador.

Acerca dos debates preliminares, é importante esclarecer que não tencionamos de qualquer forma esgotá-los, dada sua amplitude e complexidade. Nosso intuito é apenas expor e discutir algumas questões de fundo para a pesquisa aqui conduzida, sempre correlacionando-as à permacultura. É importante frisar que se tratam de debates preliminares aplicados; sobre cada um deles, poderíamos discorrer enormemente, como, inclusive, é possível verificar em diversos outros trabalhos, mais densos do que este neste aspecto.

Na introdução formulamos um primeiro e breve debate como ponto de partida, onde discorreremos sobre a (não) neutralidade da ciência – o que nos parece ser um início conveniente.

Aqui trazemos debates que nos parecem igualmente necessários para a criação de uma narrativa sólida e consubstanciada. Desenvolveremos três: um sobre a pluralidade da ecologia em suas concepções e manifestações; outro acerca do que caracterizamos como o declínio do 'saber-fazer', em contraposição ao crescente 'saber-comprar' estimulado pela sociedade industrial mercantilizada contemporânea; e um último acerca da estreita e profunda relação entre ética, estética, técnica e política. Todos eles apresentam-se mais breves e rápidos do que gostaríamos, impossibilitando-nos de percorrer as profundidades e dimensões que cada

um deles comporta. Optamos por abordá-los, ainda que superficialmente, dada a importância que carregam.

2.1.1. Ecologias, ecologismos e permaculturas

A ecologia, associada à sua tradição alemã do fim do século XIX a partir dos escritos de Ernst Haeckel – expoente do positivismo cientificista da época –, propõe-se ao estudo das relações, sobretudo da interconexão entre indivíduos de uma comunidade e o ambiente por eles ocupado. Desta concepção inaugural, originaram-se diversas outras, especificando os objetos de análise das disciplinas. Dentre elas, citamos a exemplo a 'biologia da conservação' (formulada em 1978, em publicação de Wilcox e Soulé, que postula práticas científicas para a conservação de biomas), a 'ecologia da restauração' (que combina diversas disciplinas ecológicas, como a ecofisiologia animal e vegetal, a fim de recriar através de projetos ecossistemas antes degradados ou extintos, orientados pelo princípio da autossustentação) e a 'agroecologia' (que combina técnicas agrícolas com sistemas ecológicos sustentáveis, saberes tradicionais e princípios socioculturais).

Nos quase 150 anos da ecologia como ciência formal, muitas concepções metodológicas e críticas se formaram. Para efeito da abordagem proposta, optamos por orientá-la na tripartição proposta por Guattari (1990), ressignificando a ecologia sobre o conceito da ecosofia, ou seja, uma ecologia expandida até os limites da ética e da política. A ecosofia irá refletir a ecologia em três aspectos gerais: como meio ambiente; nas relações sociais; e na subjetividade humana.

Outra tripartição que vale a pena ser mencionada, e que norteia igualmente nossas reflexões nesta pesquisa, é a de Martínez Alier (2007), vinculada aos posteriores movimentos ecologistas. Ele compreende o ecologismo como: biologia da conservação, ou culto ao silvestre; evangelho ou credo da ecoeficiência; e ecologismo dos pobres, ou ecologismo popular / movimento de justiça ambiental.

Abaixo apresentamos as consonâncias entre as duas tripartições acima apresentadas, assim como elementos complementares que nos são permitidos sugerir a partir da aplicação destes referenciais bibliográficos sobre o objeto pesquisado – a permacultura no Brasil. Para este fim, apresentamos as diferentes concepções de ecologia repartidas em: biocêntrica; antropocêntrica; e sociocêntrica.

2.1.1.1. Biocêntrica

A primeira parte da tripartição em Guattari apresenta um ecologismo centrado no meio ambiente, que reivindica a defesa e proteção das reservas naturais como finalidade máxima. Em Alier, há o elemento de culto à natureza silvestre e ‘original’, conferindo ares primitivistas à sua representação discursiva, entendendo-a como reduto de valores incomensuráveis.

Nossa apropriação destas leituras reivindica demarcar estas linhas como protagonizados por uma inclinação *biocêntrica*, por reunirem demandas que apontam para a supervalorização do meio ambiente em si e por si, determinando, deste modo, a valoração dos componentes sociais e econômicos sob este eixo – o biológico.

O elemento problemático posto, entendemos, é a supressão do valor dos elementos sociais e culturais. É patente que o manual clássico da preservação do meio ambiente, assim como a adoção individual de práticas ecológicas está represada entre as populações de classe média e alta. Isso porque a estrutura política e econômica na qual se funda a civilização faz com que outras demandas aparentemente muito mais imediatas como moradia, saneamento básico e alimentação, por exemplo, sejam as primeiras preocupações de setores vulneráveis da sociedade, muito anteriores à preocupação ecológica.

2.1.1.2. Antropocêntrica

A segunda linha referencia-se na subjetividade humana e suas demandas autocentradas, associada a máxima do desenvolvimento sustentável, que encontra residência na crença de que é possível empreender avanços técnicos, propulsores do desenvolvimento econômico, com uma política de mínimo uso dos recursos naturais. Em Alier, por sua vez, os interesses humanos como centro do ecologismo se manifestam através daquilo que chamou “evangelho da ecoeficiência”. Constitui essa linha, a perspectiva de uma economia ambiental que, somada a uma ecologia industrial pretende levar a bandeira de que é possível o uso prudente dos recursos naturais através da modernização das técnicas ecológicas e do extrativismo em favor do desenvolvimento.

Disto compreendemos a presença de elementos que nos permitem categorizar essa ecologia como de tipo antropocêntrica, pois detém-se nas prioridades do desenvolvimento das estruturas já estabelecidas e referenciadas nas necessidades civilizacionais, com ênfase na industrialização.

O desenvolvimento sustentável e sua hiperdependência das estruturas econômicas incorre em erro semelhante ao do conservacionismo: deposita sobre a economia e o sistema que a incuba e regula a possibilidade de também acolher modelos sustentáveis de sociedade e produção. Ao fim do argumento fundador do desenvolvimento sustentável vem à superfície o ímpeto em validar a necessidade prioritária da civilização hiperdesenvolver tecnologias, só que neste caso, protegidas por uma capa verde; além de subverter e assimilar todas as potenciais e já elaboradas críticas à produção e consumo que uma ecologia política venha a apresentar.

2.1.1.3. Sociocêntrica

Por fim, na última tripartição, manifesta na ecologia das relações sociais em Guattari, ou no ecologismo dos pobres em Alier, encontramos terreno fértil para ampliar a noção de ecologia que nos interessa especialmente.

Esta defesa se fortalece a partir da sensibilidade de que no avanço do conservacionismo ou do desenvolvimentismo, seus eventuais (porém recorrentes) efeitos colaterais, recaem sobre grupos sociais vulneráveis, seja por suas configurações étnico-raciais, culturais, econômicas, geográficas, ou a junção de dois ou mais fatores. Na perspectiva de Alier, o ecologismo dos pobres, que preferimos denominar doravante ecologismo social¹, emerge incitando a resistência dos grupos face aos avanços da industrialização, ou os ecologismos de recortes indiferentes às necessidades populares. O que se estabelece aqui é o estado de disputa da natureza como subsistência, seja nas comunidades rurais ou urbanas; não tanto atrelados ao senso de preservação da natureza enquanto entidade patrimonial das indeterminadas gerações futuras, mas como ferramenta de luta dos pobres vivos hoje.

Resgatando a definição de ecosofia em Guattari, que visa entrelaçar meio ambiente, ética e política, o ecologismo social encontra no meio ambiente o território de suas lutas políticas, balizados pela ética da justiça social e ambiental num tempo que não é outro senão o presente.

É preciso aprofundar a leitura acerca da assimilação estratégica da ecologia entre os movimentos populares, pois que esta ferramenta, aproveitada na luta de classes, aflora na consciência dos indivíduos não somente enquanto um braço da ecologia oficial ressignificada. É possível demarcar aqui um elemento de fronteira entre a tradição oficial e o espírito das

1 - Esta escolha se dá também pelo alinhamento teórico com Murray Bookchin, anarquista americano fundador da ecologia social que se apresenta enquanto um dos eixos teóricos ao longo de toda a presente pesquisa.

práticas populares, assimiladas dentro de uma consciência ancestral. Em nossa perspectiva, a ecologia como crítica radical da sociedade evoca certo processo de permear entre ciência e prática, dentro dos modelos das sabedorias silenciadas historicamente. É neste sentido que é relevante não somente para os movimentos sociais, mas também para a permacultura validar e conhecer as ecologias ‘não científicas’.

2.1.1.4. Ecologia ancestral: o bem viver

Poderíamos chamar de ecologia não-oficial tudo aquilo associado às práticas do “Bem Viver” sistematizadas por Acosta (2015). O autor se apoia na visão de mundo de povos indígenas (como os kícwa, os aymara, os guaranis, etc) que compreendem a importância em se viver de modo harmonioso com a natureza, com os outros indivíduos de sua comunidade, como também consigo mesmos. Além da clareza no entendimento da necessidade da sensibilidade com o todo para se alcançar o bem viver, Acosta destaca a força resiliente dos povos indígenas no enfrentamento das opressões sofridas através dos séculos:

Os indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (ACOSTA, 2015, p. 24).

Conscientes de que tais práticas não devem ser ignoradas num registro das diversas ecologias possíveis, a ecologia dos povos ameríndios oferece respostas às críticas antes apresentadas aos projetos de conservação da natureza e de desenvolvimento sustentável. O bem viver ancestral:

revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento. Critica a própria ideia de desenvolvimento, transformada em uma entelúquia que rege a vida de grande parte da Humanidade – que, perversamente, jamais conseguirá alcançá-lo. Por outro lado, os países que se assumem como desenvolvidos mostram cada vez mais os sinais de seu mau desenvolvimento. E isso em um mundo em que as brechas que separam ricos e pobres, inclusive em países industrializados, se alargam permanentemente. A visão de mundo dos marginalizados pela história,

particularmente dos povos e nacionalidades indígenas, é uma oportunidade para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta. Ou seja, trata-se de bem conviver em comunidade e na Natureza (ACOSTA, 2015, p. 24-25).

O intento em se retratar a profundidade das práticas indígenas ancestrais transcende a de reivindicar espaço histórico nas definições sobre as ecologias. Mesmo com o pouco desenvolvimento dos conceitos que este breve tópico nos permite, é possível encontrar entre as reflexões de Acosta ou na vivência e observação imediata destes povos, que a perspectiva crítica e integrada que buscamos por meio de ferramentas tecnológicas alcançar, já está desenvolvida e posta há muitas gerações. São estas práticas tão ‘rudimentares’ que abarcam as dimensões orgânica, ética e política de um ecologismo que serve a todos, e não somente a um projeto descarnado de civilização, que divide natureza, ambiente e economia, fracassando antes mesmo do seu início ao defender um projeto de integração por meio da valorização de fragmentos insustentáveis. Ainda nas palavras de Acosta:

A questão continua sendo política. Não podemos esperar uma solução “técnica”. Nosso mundo tem de ser recriado a partir do âmbito comunitário. Como consequência, temos de impulsionar um processo de transições movido por novas utopias. Outro mundo será possível se for pensado e organizado comunitariamente a partir dos Direitos Humanos – políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos indivíduos, das famílias e dos povos – e dos Direitos da Natureza (2015, p. 26).

A metodologia dos povos indígenas encontra mais coerência dentro de um propósito ecológico de mundo – através da restauração dos vínculos comunitários e das comunidades com a própria natureza – do que as perspectivas técnicas de restauração de equilíbrio.

2.1.1.5. Arenas das ecologias

As ecologias, em suas perspectivas práticas, ocupam espaços distintos. A estes diferentes espaços chamaremos 'arenas', aludindo a certa circularidade, mas também retratando algo relacionado aos conflitos que carrega. Em síntese essas arenas são o espaço da ciência; das práticas pessoais; e dos movimentos sociais – em cada qual, inúmeros meandros, minúcias e subdivisões. Nestes espaços desenrolam-se e disputam hegemonia as distintas concepções ecológicas listadas acima, entre outras. Conservacionismo, desenvolvimento

sustentável e ecologia social disputam espaço na ciência, nas práticas dos indivíduos e nos movimentos sociais, desdobrando-se em diferentes manifestações e fenômenos.

Cabe dizer que fenômeno semelhante acontece com a permacultura, portando manifestações plurais e distintas em seu bojo, onde coexistem e convivem concepções e propósitos diversos, porém unificados. Essa noção é importante para a melhor compreensão das páginas subsequentes deste trabalho.

Entendemos que a permacultura transborde qualquer tentativa de classificação quando relacionada a um dos ecologismos e ecologias apresentados acima. A permacultura, em sua multiplicidade e diferentes linhas, transpassa as ecologias, comportando em si múltiplas compreensões da natureza e da interação dos seres humanos com esta, gerando movimentos igualmente múltiplos, praticando e exemplificando em vivências tais compreensões. As bases e fundamentos que nos permitem afirmar a pluralidade de referências e práticas da permacultura poderá ser conferida nos capítulos seguintes deste trabalho. Por hora é importante reforçar esta ponte entre diferentes concepções e práticas no universo da ecologia, cuja multiplicidade transfere-se também para a permacultura.

2.1.2. O declínio do saber-fazer

Os homens têm história porque têm de **produzir** sua vida, e têm de fazê-lo de modo **determinado**; isto é dado por sua organização física, tanto quanto sua consciência (MARX, 2007, p. 34 – grifo nosso).

Não raro nos encontramos atônitos perante um percalço doméstico, sem saber sequer por onde começar a resolvê-lo. Um interruptor quebrado; a descarga disparada; vazamento no chuveiro. Chamamos alguém – seja um amigo, parente, vizinho ou, mais comumente, um profissional – e, ao observar a muitas vezes simples e rápida resolução do problema, nos sentimos desprovidos de habilidades e conhecimentos aparentemente banais.

Já com relação a questões maiores, tais como cuidar de uma horta, jardim ou, quem sabe, construir uma casa, a distância torna-se ainda mais nítida, e um hiato geracional também se faz presente. Não é preciso um levantamento estatístico ou estudo científico – ainda que fosse conveniente fazê-lo – para constatar que nossos antepassados (mesmo os próximos como pais, avós ou bisavós), comumente apresentam uma série de conhecimentos e habilidades distintas das nossas como, por exemplo, um maior vínculo com relação ao cultivo

da terra (muito mais intenso do que o vínculo da geração atual) e, mesmo, muitos construíram ou, talvez, tenham participado da construção de suas próprias casas. Tratava-se de um outro momento histórico; serviços e produtos muito mais limitados e escassos do que hoje; uma maior demanda por especialistas; etc. A necessidade – motor da história – de possuir determinados conhecimentos, fazia-se presente como questão de sobrevivência para muitos.

Ao longo do último século, assistimos a ascensão e o apogeu da sociedade industrial, reconfigurando profundamente as relações de produção da realidade (MARCUSE, 1967), fomentando novos arranjos institucionais e, também, influenciando e redefinindo as bases para a construção da subjetividade humana a nível global (MARCUSE, 1977), em especial no ocidente. Alguns chegaram até mesmo a afirmar o ingresso em uma era pós-industrial, com a predominância da produção de bens imateriais como foco da economia contemporânea, como nos conta – e refuta – J. P. Dupuy (1980):

Doravante o que importa é produzir ‘bens imateriais’. A sociologia norte-americana, com Daniel Bell, Marshal McLuhan e outros, já produziu a ideologia apologética dessa reconversão: é o tema bem conhecido do advento de uma nova forma de sociedade: a sociedade pós-industrial, apresentada como um novo progresso na libertação da humanidade em respeito às necessidades materiais (...) Por trás dessa mitologia postíça, esconde-se uma realidade mais severa: o redesdobramento da indústria à escala mundial. Falar de ‘novo crescimento’ ou de ‘nova ordem econômica internacional’, a ideia é a mesma: enviemos as nossas indústrias pesadas para poluir os países do Terceiro Mundo (DUPUY, 1980, p. 20).

Fazemos tal observação, de maneira sucinta, apenas para situar o pano de fundo aqui proposto: trata-se de discutir as causas e consequências do declínio do ‘saber-fazer’ na sociedade contemporânea, onde as interfaces produtivas com a realidade concreta continuam existindo, apesar de reconfiguradas. Claramente, não tencionamos, de maneira leviana, nos propor a esgotar tão profícuo debate, mas sim não deixar de percorrê-lo como elemento fundamental para a compreensão das páginas que se seguirão. Para iniciá-lo, parece-nos didático introduzir uma outra categoria, que se lhe opõe e que, junto com o ‘saber-fazer’ – ‘*savoir-faire*’ e ‘*know-how*’ são outras formas pelas quais o conceito pode também se apresentar – forma o binômio que nos dará o lastro para a discussão a seguir: o ‘saber-comprar’.

Logo, ‘saber-fazer’ e ‘saber-comprar’ apresentam-se como duas categorias que aqui se antagonizam, e se constituem enquanto a predominância de uma série de conhecimentos, habilidades ou ‘*modus operandis*’ sobre o qual se desenvolve um tipo específico de

racionalidade, à qual, por sua vez, corresponde pela conformação subjetiva de um dado sujeito.

Está longe de nosso intuito, inspirados por algum tipo qualquer de primitivismo atávico, romantizar o passado (BOOKCHIN, 2010). Um rápido passeio histórico nos permitiria facilmente constatar as péssimas condições de vida a que esteve sujeito, objetivamente, um habitante dos centros urbanos mundiais no século XIX, por exemplo. Em termos absolutos, com o passar dos anos, a expectativa de vida aumenta; caem as taxas de mortalidade infantil; e um enorme etcétera (IBGE, 2003). Tampouco podemos deixar de constatar que, em termos relativos, nem todas as mudanças foram para melhor: temos novas doenças; novos desafios sociais e ambientais, etc.

O fato central é que – sem discutir exceções, que sempre se fazem presentes – via de regra, entendemos o ser humano como produto de seu meio (MARX, 2007), inclusive e principalmente no que diz respeito à constituição de seus conhecimentos, habilidades e universo subjetivo (MARCUSE, 1977; GUATTARI, 1987, 1990), influenciados pelas dinâmicas sociais, culturais, ambientais, políticas, etc, próprias de um determinado contexto. Dessa forma, entendemos que as dinâmicas sociais e concretas do século XIX, por exemplo, exigiam que um indivíduo dominasse certos conhecimentos, pois as circunstâncias eram outras. Lembremos também, que os 'conhecimentos essenciais' das camadas populares nem sempre eram os mesmos das camadas abastadas da sociedade – quadro que prossegue semelhante com a 'divisão social do trabalho' (DURKHEIM, 1977) – o que nos permite fazer um recorte de classe no estudo da conformação da subjetividade individual, no passado e no presente.

Parece-nos importante debater e conceituar algumas noções centrais para o entendimento do modo de produção vigente, e sua relação com a constituição do sujeito contemporâneo, a fim de acompanhar processos de trânsito e mutação social, e poder caracterizá-los como frutos (e/ou causas) de determinados vetores históricos.

Partindo da centralidade da categoria marxiana de trabalho – expressa principalmente nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 (MARX, 2004), compilados e primeiramente publicados por Lukács no ano de 1932 –, podemos traçar um caminho que explicita algumas das causas para o declínio do 'saber-fazer' na sociedade contemporânea. Abordando o trabalho enquanto um conceito filosófico como proposto por Karl Marx, veremos que a totalidade da existência humana está abarcada ontologicamente em suas fronteiras. Indo além da concepção de trabalho em seu sentido puramente econômico (como

alguns de seus antecessores no campo da Economia Política), ele apresenta o trabalho enquanto práxis fundamental e distintiva da espécie, na qual o ser humano objetiva² sua vontade e a manifesta no mundo concreto – esse seria, para Marx, nosso traço distintivo, inseparável da existência da espécie: manifestar vontade e consciência por meio da atividade vital. Assim, diferentemente dos outros animais (que apenas atendem suas necessidades imediatas com suas atividades vitais), o ser humano, por meio do trabalho, constrói um mundo objetivo por meio da manipulação da natureza, que vai além da sua simples biologia.

Bem, afirmamos antes que a necessidade é motor da história. E uma vez que entendemos a história como a história humana, torna-se simples supor que as necessidades das quais falamos são também as necessidades humanas.

Sendo a filosofia marxiana uma filosofia da práxis – e práxis aqui sempre deve ser entendida como a atividade produtiva do homem, atividade adequada a fins, em primeiro lugar –, com efeito, essa filosofia tem como categoria central o trabalho humano. Para Marx, é por meio de sua atividade prático-sensível que o homem não apenas provê as suas necessidades cotidianas e mais imediatas, o homem por meio do seu próprio trabalho produz a si mesmo. Isso quer dizer que o homem é o resultado de sua própria atividade produtiva, através do trabalho o homem engendra a si mesmo, mais ainda, mediante o trabalho o homem tem seu nascimento histórico; mais precisamente, o homem se torna um ser histórico, uma vez que esse nascimento é obra de suas próprias mãos (MOURA, 2012).

Ressaltemos também que, ao falar de necessidades (ou carências) é preciso superar o escopo das necessidades biológicas, fundamentais à manutenção da vida 'corpórea' do ser humano.

As carências que realmente orientam e determinam a produção não são essas necessidades biológicas 'cruas', abstratas, mas carências sociais, que são elas próprias produto de um desenvolvimento histórico e resultado de um progresso anterior da atividade material produtiva (MÁRKUS, 2015, p. 37).

E para complementar, em seu “Grundrisse: esboço da crítica da economia política” (MARX, 2011, p. 435), Marx afirma que “as necessidades são produzidas, tanto quanto o são os produtos e as diferentes habilidades do trabalho”. Ele já reconhecia (na mesma obra citada) a existência de uma profunda lacuna entre as habilidades e as necessidades do ser humano contemporâneo (isso em meados do século XIX, quando escreve o autor). Para ele tratava-se então de um fenômeno histórico, resultado da conhecida divisão social do trabalho e,

2 - Sobre o conceito de 'objetivação' em Marx, ver LESSA e TONET (2008).

portanto, da alienação. Como bem afirma G. Márkus, “o caráter histórico das necessidades humanas baseia-se e decorre das características do trabalho enquanto uma atividade humana específica” (MÁRKUS, 2015, p. 38).

É também o que Marcuse (1967), em seus ensaios, caracterizou por Homem Unidimensional: o sujeito como produto de uma sociedade consumista, 'de massa', dominada pela tônica da mercantilização; toda a formação subjetiva e objetiva deste sujeito é mediada por forças exteriores, para adequá-lo à sociedade que o produziu.

São muitos os autores a reforçar esse movimento dialético que existe entre a constituição dos sujeitos e seu meio primário. Para nós, o conceito de alienação é especialmente importante, pois ilustra em grande parte a ascensão do 'saber-comprar' em detrimento do 'saber-fazer'. O alienado encontra-se alheio a algo que originalmente lhe pertence, e que lhe é subtraído por circunstâncias diversas e externas.

Com a ascensão e multiplicação dos mercados e das práticas comerciais, alcançamos um inédito patamar civilizatório na contemporaneidade. Vejamos bem: mercados e práticas comerciais existem há muito tempo; em sociedades pré-capitalistas, tribais, pré-colombianas, etc. A única novidade sistêmica que hoje constatamos é a predominância das relações e práticas mercantis (insufladas pela disseminação global do capitalismo) a nível mundial. Certamente, em regiões e populações pontuais e isoladas, isso pode ainda não haver se consolidado enquanto um fato, mas nossa abordagem não se detém, por ora, em exceções. O fato é que vivemos um período de hegemonia das relações de Capital³ como jamais se viveu antes, e isso reconfigura a maneira como todos os atores se organizam. As transações comerciais de compra e venda são elementos básicos dessa determinada ordem predominante, e cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.

o empobrecimento dos laços que unem os homens ao mundo e aos outros torna-se um poderoso gerador de demanda de substitutos mercantis, que permite sobreviver num mundo cada vez mais alienante, no mesmo tempo em que eles reforçam as condições que os tornam necessários (DUPUY, 1980, p. 34)

Dessa forma, entendemos que o capitalismo (resumidamente, o sistema onde as relações sociais predominantes são as capitalistas) não se constitui apenas como um sistema econômico ou político, mas também como um sistema cultural, dotado de signos, semântica, símbolos, crenças, etc. E para garantir sua reprodução, ele necessita ocupar cada uma dessas

3 - Sobre isso, ver MARX (2013).

áreas com elementos que favoreçam a sua manutenção. Assim que, mercantilizar as relações humanas, 'empobrecendo os laços que unem os homens ao mundo e aos outros', torna-se uma tática necessária para o avançar do sistema. Em outras palavras, minar a autonomia e a solidariedade são práticas inerentes ao capitalismo.

Uma das grandes fontes de autonomia individual (enquanto conhecimento) e coletiva (enquanto cultura) encontra-se nos laços que unem o ser humano ao mundo material, dotando-o de capacidades para trabalhar a natureza e atender suas necessidades e carências de forma geral. Em termos comparativos, em uma situação de necessidade, um sujeito que sabe como construir seu abrigo, ou plantar seu alimento, tem mais autonomia em relação a outro que não possui tais conhecimentos, e que passa a apresentar *dependência* para conseguir que outros o auxiliem a prover algumas de suas necessidades básicas, tais como se alimentar e proteger-se. Em algumas sociedades não capitalistas⁴, a ausência do fluxo monetário, faz com que as relações de reciprocidade e parentesco sejam o lastro que garante a um indivíduo suas condições de bem-estar, de acordo com os padrões e aspectos da sociedade em questão. Dentro dos parâmetros da sociedade ocidental hegemônica, o que garante o acesso material a determinadas necessidades básicas são as transações comerciais, normalmente mediadas pela moeda.

A divisão do trabalho acarreta que os homens dependam da reciprocidade em grau muito mais elevado do que no caso de cada pessoa cultivar sua própria couve ou até confeccionar seus próprios sapatos e ternos. A divisão do trabalho traz a dependência da reciprocidade (STEINER, 2006, p. 89).

Porém, esta reciprocidade só se materializa no sentido de cada qual garantir que disponibilizará, via mercado, o produto ou serviço que oferece à sociedade. Logo, é a compra que definirá quem tem ou não acesso a tais bens ou serviços, fazendo com que o tecido social gire em torno do fluxo econômico.

De qualquer forma, somos dependentes, e essa é uma realidade que urge compreendermos. Não existe autossuficiência (no sentido de autonomia plena) no âmbito da existência humana. Somos parte de uma enorme rede de acontecimentos, ou uma 'Teia da Vida' (CAPRA, 1996), como defendem alguns autores. Essa teia abrange todos e cada um dos diferentes aspectos de nossas vidas, dos biológicos aos sociais. A forma em que essa

4 - A despeito da hegemonia do das relações e do modo de produção capitalista, ainda hoje é possível encontrar determinados 'interstícios' que operam em outro registro da experiência humana, principalmente em sociedades tribais e apartadas de centros urbanos e globais.

dependência se manifesta, no que diz respeito aos modos de organização social, é que pode variar de contexto a contexto.

Talvez seja importante ressaltar: não acreditamos num mundo onde cada ser seja única e inteiramente responsável pela sua existência, construindo sua casa, plantando seus alimentos e realizando com as próprias mãos tudo o mais que for necessário. Entendemos que a sociedade em si não é um problema; a questão principal é a maneira como determinada sociedade se organiza. Entendemos também que ninguém precisa ser capaz de fazer absolutamente tudo sozinho, o que, além de sofrível, dificilmente contribuiria para a evolução social e coletiva da humanidade. A colaboração e a interdependência são elementos fundamentais e intrínsecos à nossa existência, mas é a competição que se faz mais presente, na prática e no imaginário geral⁵.

E aqui talvez convenha refutar um dos mitos ou concepções equivocadas aos quais a permacultura está sujeita: muitos a vem como a intenção de alcançar a autossuficiência plena; construir uma 'fazenda feliz' onde tudo funciona e nada mais é necessário. Mas essa imagem não faz jus à realidade. Não é disso que se trata permacultura, mas sim de criar e fomentar relações de justa interdependência. Apostar em relações humanas horizontalizadas, de benefício mútuo e equiparável; reconstruir o tecido social baseado em outros pilares, que não o fluxo financeiro.

Não é isso que acontece dentro das relações capitalistas. A relação de dependência converte-se claramente em relação de dominação, onde, de um lado, estão os que possuem muito, podendo demandar aquilo que quiserem daqueles que não possuem nada a não ser sua própria força de trabalho, que aos primeiros é vendida em busca da sobrevivência primária. Isso se intensifica numa dinâmica financeirizada⁶, onde dinheiro converte-se em mais dinheiro, garantindo a permanência do controle daqueles que já se encontram no poder, com pequenas e praticamente irrelevantes exceções ou variações.

Toda essa longa digressão tem o intuito de subsidiar a afirmação de que, no processo histórico, o sujeito foi (e vem sendo) desestimulado a 'saber-fazer', ou ter conhecimento

5 - Aqui poderíamos discutir sobre um embate conceitual entre as concepções de Darwin e Kropotkin sobre as relações na natureza. Enquanto o primeiro defende a percepção de que a seleção natural favorece os mais aptos num sistema contínuo de competição, com os mais fortes subjugando os mais fracos indefinidamente, Kropotkin, em sua obra "Ajuda Mútua" (2009) discorre sobre a colaboração entre seres vivos na natureza como um dos fatores determinantes para a evolução e manutenção da mesma, questionando porque os sistemas humanos não poderiam também se basear naquela concepção de relação em sociedade. Sobre este interessante embate recomendamos a leitura do artigo de Nildo Viana (2015) chamado "Kropotkin e o Darwinismo", elencado na bibliografia desta dissertação.

6 - Sobre a financeirização do Capital (que não cabe nesta já longa digressão), recomendamos a leitura de LAPHYDA (2011) e HARVEY (2004)

prático de formas concretas de suprir suas necessidades; e sistematicamente encorajado a substituir esse conhecimento por outro, mais adequado às atuais configurações: o 'saber-comprar'.

Nas regiões onde o capitalismo estabeleceu-se primeiro e mais profundamente, é possível constatar o vertiginoso aumento da gama de serviços e produtos oferecidos à população. Já não é comum que as pessoas sejam parte ativa das atividades que irão lhe suprir as necessidades; as casas são compradas, não apenas em sua construção, mas em sua concepção, projeto e estilo – para que pensar se podemos pagar? Com os alimentos sucede o mesmo: sequer sabemos como, onde ou por quem são cultivados, o que nos importa é tê-los à nossa mesa. Estabelece-se a cultura da compra em detrimento da do protagonismo. Repetimos que, com isso, não tencionamos dizer que o sujeito deveria fazer por ele mesmo tudo aquilo do que precisa, mas sim que o grau de afastamento e alienação contemporâneo está produzindo indivíduos que são incapazes até mesmo das coisas mais básicas; o que se está sendo enterrado é o conhecimento e as condições para a autonomia.

Entendemos que 'saber-comprar' constitui-se, de fato, como uma habilidade concreta. É necessário entender e operar sobre o funcionamento das transações comerciais para possuir êxito em sua prática. Mas também entendemos que se trata de um espectro do conhecimento muito mais limitado e completamente dependente de uma dada configuração social, pois baseado em uma mediação humana. Já o 'saber-fazer', constitui-se enquanto um vínculo direto com o mundo material, com a natureza, menos atrelado a intermediações. O sujeito que sabe fazer, ainda que se encontre inserido em um ou outro contexto (rural, urbano, metropolitano, indígena etc), leva consigo esse conjunto de conhecimentos, que permanece, no mais das vezes, útil, pois aplicável à realidade circundante; já aquele que sabe comprar, ao se ver afastado de seu habitat de origem (a sociedade mercantil), não encontra aplicação para aquilo que 'sabe fazer'.

A sociedade capitalista cria indivíduos cada vez mais dependentes de um dado sistema, e, justamente por isso, cada vez menos afeitos à ideia de superá-lo, suprimi-lo ou substituí-lo.

Karl Marx, ao analisar a mercadoria (2013) apresenta-a como “um objeto exterior, uma coisa, que, por meio das suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”. Apresenta-a também como portadora de dois tipos distintos de valor: valor de uso e valor de troca.

O valor de uso está na utilidade desta coisa, trata-se de uma característica intrínseca ao objeto e seu uso, não existindo apartado dele. Esse valor só se realiza na utilização ou

consumo de determinado bem, e não importa a quantidade de trabalho necessário para produzi-lo.

O valor de troca é quantificável e inerente a uma dada sociedade, “muda constantemente com o tempo e o lugar. O valor de troca parece, por isso, ser algo casual e puramente relativo” (MARX, 1985, p. 56); trata-se de quantificar o trabalho socialmente necessário para produzir algo, um bem ou mercadoria. Este valor está dissociado do uso do bem a que corresponde. Não importa como ou para que seja utilizado, o que importa é sua capacidade de ser intercambiado por outros bens (especialmente por dinheiro).

Essa duplicidade é o que permite a acumulação de valores, pois, para um ser humano portador de imensa fortuna, seria impossível realizar os valores de uso de tudo que possui. No entanto, está ao alcance deste indivíduo, acumular bens e mercadorias a partir de seus valores de troca e, assim, administrar sua fortuna como lhe convier.

Assim com os bens produzidos nesta sociedade, os trabalhadores (e sua força de trabalho) são, eles próprios, mercadorias quando consumidas por aqueles que os empregam, pagos de acordo com seu valor de troca, balizado pelas leis do mercado.

Vivemos um momento de supremacia dos valores de troca sobre os valores de uso. Isso faz com que o fluxo de mercadorias, de qualquer natureza, seja a prioridade da produção, uma das pedras angulares do sistema vigente.

Em termos analíticos, poderíamos correlacionar os valores de uso e de troca, respectivamente, a duas outras categorias: autonomia e heteronomia (DUPUY, 1980). Numa dada sociedade, hipotética, onde os bens sejam tomados primordialmente por seu valor de uso, as pessoas teriam acesso àquilo que lhe corresponde em termos concretos, ditando a partir da própria ação (autonomia), quais são os objetos que pertencem ou não pertencem 'à sua jurisdição', sendo sua capacidade de ação o lastro para tal definição. Já na sociedade em que vivemos, a predominância dos valores de troca faz com que fatores externos aos indivíduos (heteronomia) indiquem aquilo a que os mesmos têm ou não têm acesso, 'direito', ou 'posse', propiciando arranjos próprios da sociedade contemporânea como, por exemplo, os dados de distribuição de terra ou moradia; produzem-se dessa forma, fenômenos grotescos como terras improdutivas em um mundo abarrotado de pessoas em busca de terra; milhões de casas vazias enquanto milhões não possuem casa, e uma enorme lista de gritantes (porém 'aceitas') contradições.

Operando por um outro registro, mais direto e talvez menos conceitual, trata-se de uma manifestação do filosófico conflito entre 'ser' e 'ter'. Ser é saber; ter é comprar. No

entanto, caminhamos para um lugar onde o indivíduo é cada vez mais identificado com aquilo que ele tem. As pessoas 'são' ricas; 'são' pobres. E a maior parte dos indicadores 'sociais' baseiam-se na riqueza material das populações.

Referenciando-nos ao início deste tópico, reforçamos que essa desconexão dos sujeitos com o meio que os cerca não é um acaso, e sim um projeto consciente do qual a fabricação de indivíduos dependentes da estrutura vigente é parte integrante. Acreditamos que a permacultura opera no sentido oposto, revalorizando o saber-fazer, estimulando com que as pessoas se conectem mais profundamente ao entorno e com as questões materiais ao redor. Para que, ao menos, as pessoas **saibam** fazer, a despeito de não necessitarem fazê-lo; para que o conhecimento seja fruto da conexão e também da experiência. Em uma frase: a permacultura luta contra a terceirização da vida.

2.1.3. Ética, estética, técnica e política

Partindo de uma possível síntese, o objeto central deste debate preliminar é apontar a profunda inter-relação existente entre estas quatro categorias aparentemente estanques e muitas vezes compartimentadas quando observadas a partir de concepções alinhadas a um paradigma mecanicista da realidade.

Ética, estética, técnica e política encontram-se em profunda correlação. Uma decisão estética apresenta desdobramentos e reações tanto políticas quanto técnicas, e vice-versa. Uma nova ética aponta consequentemente para outra política; e assim por diante. Os esforços práticos, teóricos e discursivos de autonomizar tais esferas têm resultado – como nos mostra a história – em diversas concepções de mundo tidas por alguns como questionáveis, parciais ou até mesmo imprecisas: o purismo que deu origem à “*Ars gratia artis*”, o movimento de 'arte pela arte', que defende a autonomia da arte, desligando-a de razões funcionais, pedagógicas ou morais, privilegiando apenas a sua dimensão estética, com uma forma de expressão que objetiva a fruição e o esmero artístico em si. A política 'príncipesca' de Nicolau Maquiavel, que questiona os antigos paradigmas políticos de origem grega (em especial aqueles retirados da 'República' de Platão) que se expressam, entre outros, no conceito de rei-filósofo, um monarca que deve portar virtudes éticas, técnicas e administrativas, e introduz um realismo político pragmático, ao esboçar a figura de 'governante' hoje em voga: o tecnocrata que, em

teoria, não se baliza por valores outros que não técnicos perpetuar sua hegemonia e governar de maneira eficiente. Maquiavel promoveu uma cisão entre moral e política, prática que se imortalizou na célebre frase a ele atribuída: 'os fins justificam os meios'. A tecnicização do discurso e da prática científica dominante; a acelerada revolução industrial; entre tantos outros fatos, são elementos que podemos tomar no sentido de observar algumas das consequências ao promover a dissociação destas quatro categorias intrinsecamente conectadas.

Trazemos essas considerações porque é mister considerar o potencial integrador da permacultura na conexão entre tais categorias. A permacultura não existe dissociada de uma ética profundamente calcada em 3 pilares (cuidado com os outros; cuidado com a natureza; e partilha justa dos excedentes). Tampouco existe permacultura sem preocupação estética na realização das inúmeras ações, construções e plantios – além da funcionalidade, o *design* traz também considerações de natureza estética ao se projetar uma área. As técnicas reunidas na permacultura apontam para a emancipação humana, e são caminhos concretos na busca por autonomia e conexão com o entorno e com os outros seres: são conhecimentos técnicos os que nos possibilitam encetar uma relação sustentável com a agricultura, com a água e com as nossas construções; é preciso domínio técnico de seus elementos e fatores. Por último, a política encontra-se também presente no fazer permacultural, uma vez que este aponta para transformações sociais e coletivas profundas, propiciando outras relações entres os seres humanos e seus sistemas de organização e governo.

Logo, poderíamos, em síntese, dizer que a permacultura é uma metodologia de *design* acoplada a determinada ética, e que ela traz consigo técnicas de subsistência e de reprodução social distintas das hegemônicas, apontando para outras possibilidades organizativas e políticas.

Murray Bookchin, em seu livro “Ecologia Social” (2010), discorre sobre “a importância que tiveram os valores éticos e culturais na Antiguidade sobre a evolução das técnicas em geral e, em particular, sobre todas as épocas não submetidas a uma lógica de mercado” (p. 79). Ele nos conta também que os seres humanos “desenvolvem um conjunto de valores, de instituições e de relações culturais que permitem, ou não, o desenvolvimento de técnicas” (p. 79).

O autor afirma que apenas recentemente, principalmente a partir dos embates ambientalistas com as usinas nucleares dos anos 1970 em diante, é que a diferenciação entre técnicas consideradas 'boas' ou 'más', ou seja, uma percepção ética do desenvolvimento técnico, pôde então ter um lugar de destaque e relevância desde a primeira Revolução

Industrial – debate que até então jamais havia sido realizado amplamente. Bookchin denuncia a “natureza autoritária da atual tecnologia” (2010, p. 82) ao falar da supremacia da fábrica e da escala industrial como tendência hegemônica de produção vigente. Ele defende que a desvinculação da dimensão ética dos conceitos de autonomia e autogestão desembocou em um reducionismo que resultou na hipervalorização de sua dimensão econômica (técnica e concreta), em detrimento de todo seu alcance amplo, contrastando com o conceito helênico de autonomia como autogoverno associado à plenitude dos seres capazes de governarem seus próprios destinos: cilada que os movimentos ambientalistas, dentre eles a permacultura, deve procurar evitar, sob o risco de cooptação à ordem vigente. Em outras palavras, também é possível que, no seio das práticas e propostas inovadoras oriundas dos inúmeros ecologismos e 'contraculturas espaciais'⁷, haja uma desvinculação entre ética e técnica prejudicial a uma atuação estruturalmente transformadora – a isso, chamamos tecnicização, fenômeno que também pode ocorrer e se desenrolar no interior de movimentos e comunidades como a permacultura, portadora de múltiplas facetas, agentes e contradições. Tais tendências devem ser analisadas em suas consequências e, idealmente, substituídas por outras mais holísticas que se não se permitam cooptar pelo discurso tecnocrático. Quando os grupos e institutos de permacultura preocupam-se demasiada ou exclusivamente na reprodução e aperfeiçoamento de técnicas como a bioconstrução, agrofloresta ou saneamento ecológico, por exemplo, precisamos nos atentar para os perigos então anunciados, e apresentar alternativas que historicizem e deem amplitude às práticas, tornando-as todo um 'projeto de sociedade' ao invés de um simples amontoado de técnicas e conhecimentos.

É possível observar, na sociedade contemporânea, o destaque dado à centralidade da fábrica como um espaço político de disputa e construção de subjetividade, do qual se apropriaram ambos os grandes blocos ideológicos do mundo durante e após a Guerra Fria, o comunista e o capitalista. Em qualquer dos contextos a fábrica aparece como local de disciplina e hierarquia: numa para manutenção do bem-estar de poucos; noutra para a manutenção da coletividade. De qualquer forma o sujeito 'produzido na fábrica' está marcado pela autoridade e pela obediência que alienam o indivíduos de suas escolhas e de suas

7 - As 'contraculturas espaciais' é um conceito desenvolvido por Luis Fernando de Matheus e Silva (2013), em sua tese de doutorado no programa de pós-graduação de Geografia Humana da USP intitulado “Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)”. Elas podem ser “definidas, de modo mais específico, como microexperimentos de produção socioespacial, geralmente de caráter comunitarista, que nascem como tentativas de subversão à ordem dominante, onde o nível privado e a esfera do cotidiano ganham primazia e tornam-se o lócus privilegiado no qual são experimentadas e desenvolvidas técnicas, práticas e solidariedades distintas daquelas que conformam a lógica homogeneizante, individualista e alienante imposta pelo espaço abstrato, enredado nas regras do mercado, nos termos do desenvolvimento da indústria e nas táticas do Estado” (p. 50).

próprias capacidades, “reduzindo a sua individualidade à sua necessidade” (BOOKCHIN, 2010, p. 91).

À fábrica, representante do mundo industrial, Bookchin opõe o artesanato: “A premissa que dá origem ao artesanato é então a seguinte: uma virtuosidade pessoal que passa por um saber tão ético, espiritual e estético como técnico”. E continua: “O artesanato é a atividade livre e criativa e não o trabalho cansativo” (2010, p. 89).

A própria etimologia das palavras demonstra essa importante diferenciação: o operário, aquele que opera; o artesão, aquele que cria, que pratica arte.

Com relação a tudo isso, acreditamos que a permacultura, ao valorizar e propor outras técnicas e modos de vida concretos, alimenta a produção de outra subjetividade, promovendo a criação de novos tipos de indivíduos, distintos daqueles formados pela sociedade industrial-fábrica contemporânea. Em certa medida, a permacultura pode apresentar respostas a pergunta acerca de quais então seriam as tecnologias potencialmente libertadoras capazes de substituir as fábricas em uma nova conformação social. Essa pergunta se dá calcada na premissa de que as técnicas hegemônicas em determinado arranjo social não são 'fatores naturais', mas sim eleitas dentre tantas possibilidades de acordo com interesses então vigentes. A opção por um modelo agrícola extensivo e monocultural, por exemplo, não é simples necessidade irrefutável, mas uma escolha política com desdobramentos concretos na vida de bilhões de pessoas. A mesma lógica aplica-se ao resto: a maneira como manejamos nossas reservas de água; como construímos; ou como nos abastecemos energeticamente – todas essas escolhas foram feitas dentre inúmeras outras possíveis, e são frutos de um jogo de relações e interesses que aponta para determinada configuração e organização social. Bookchin afirma que “a 'neutralidade' da técnica sobre as relações sociais é apenas mais um mito. Ela, a técnica, mergulha em um universo social de intenções, de necessidade, de desejos e de interações” (2010, p. 95).

O autor fala sobre a diferença que eleger métodos alternativos a trabalhos concretos pode exercer no cerne da atividade, usando como exemplo as maneiras opostas em que se pode colher o trigo:

a primeira, onde o amor, a festa, o canto e a alegria tem um lugar de relevo, contrasta com a segunda, onde o trabalho é feito com a monotonia das máquinas por um pequeno grupo de trabalhadores. A primeira, onde a mão-de-obra humana desempenha um papel importante, reforça o sentimento comunitário. A segunda, onde a grande maquinaria se impõe, contribui para o isolamento e para o sentimento de opressão que o indivíduo moderno

sente. A mesma função, feita de formas diferentes, tanto pode ser uma obra de arte, produto de um artesanato local, como um trabalho desagradável que acentua o mal-estar dos indivíduos (BOOKCHIN, 2010, p. 97)

Nesse sentido, é importante frisar a escolha da permacultura pela valorização do trabalho humano; e por um modelo que, além de comida, gere bem-estar. Ao lado dela, poderíamos elencar toda uma gama de outras concepções e práticas que anunciam um mundo à escala humana (SCHUMACHER, 1983), agroecológico (ALTIERI, 1989), repleto de tecnologias apropriadas (KAPLINSKI, 1990) e distinto deste em que vivemos. Essas possibilidades se fundamentam em reflexões, estudos e experimentos sólidos que, muitas vezes, acabam por denunciar as forças e vetores que impedem ou dificultam a emergência de tais transformações. No entanto, Bookchin reforça a atenção para o fato de que

Uma nova tecnologia está hoje emergindo. Ela é tão importante para o futuro como é a fábrica para o presente. Ela traz consigo um critério de seleção das técnicas atualmente existentes, a partir de seu interesse ecológico e da sua relação com a liberdade humana. Nos seus aspectos de maior relevo, estas técnicas são fortemente descentralizadoras, isto é, humanas na sua própria escala, de construção muito simples e de orientação compatível com a natureza. Elas vão buscar a sua energia ao sol e ao vento, bem como aos resíduos urbanos e aos resíduos agrícolas. (...) Esta nova concepção da técnica pode ser designada por 'tecnologia popular', os pequenos jardins comunitários, (...) os painéis solares feitos de forma quase artesanal, (...) os pequenos moinhos de vento exprimem, todos em conjunto, a vontade de iniciativa autônoma de comunidades anteriormente passivas. O que importa é (...) o ressurgimento de um sentimento de autocompetência, quem em geral é negado ao cidadão comum” (p. 97-98)

Com isso, Bookchin ressalta o perigo de tais tecnologias serem também apropriadas pelo *status quo*, o que acarretaria a manutenção da ordem vigente ainda que sob nova roupagem, em um movimento análogo ao que acontece com o discurso desenvolvimentista camuflado pela retórica do desenvolvimento sustentável. Em outras palavras, não se trata apenas de fomentar novas técnicas, mas edificar toda uma outra visão de mundo, com orientações basilares distintas das hegemônicas. Assim como Herbert Marcuse (1977), Bookchin anuncia tais novas tecnologias como possível resultado de uma “nova sensibilidade, de uma nova competência e de uma nova consciência” (BOOKCHIN, 2010, p. 98). É esta nova sensibilidade impressa nos indivíduos que, acreditamos, trará o potencial para se configurar enquanto lastro e esteio da nova sociedade, justamente porque as tecnologias alternativas podem muito bem ser recentralizadas e reestruturadas, segundo esquemas

repressivos e hierárquicos, para se adaptarem à lógica de acumulação e injustiça do sistema hegemônico, conforme dissemos acima.

A permacultura, como conjunto de técnicas ou ciência, pode-se constituir enquanto um veículo de libertação; mas seu uso restritivo e sua aproximação com a forma-mercadoria⁸ poderiam torná-la um veículo de domínio e repressão. É importante frisar que os avanços técnicos e científicos, em si, não são um problema; eles adquirem ‘sentido’ de acordo com o contexto que os concebe e utiliza.

A crítica a forma-mercadoria não é a crítica ao avanço tecnológico, mas sim a um modo de produção em que a presença dos padrões é que determina tudo: sua presença, número, qualidade e quantidade. Assim como a ciência para emancipação não pode se submeter a um modo produtivo baseado no favorecimento de uma classe e na reprodução de padrões éticos e morais hegemônicos e “estabilizantes” (MARCUSE, 1969, p.24), a permacultura que visa emancipação deve se balizar pelas necessidades humanas e não pela forma-mercadoria.

Na dinâmica de manutenção do mercado capitalista, as mercadorias, produzidas de acordo com as exigências do lucro, tem se tornado parte e parcela da própria existência das pessoas. Essa dinâmica perversa disputa a expansão das fronteiras do mercado através da inserção constante de novas mercadorias, mesmo daquelas que, objetivamente, busquem e apontem para superação desse modo de produção (a foto de Che Guevara estampada nas camisetas; o movimento punk controlado; entre outras tantas experiências subversivas adequadas à ordem). Com a permacultura não é diferente: ela é disputada a todo instante para distintos projetos, ainda que traga em seu bojo certos direcionamentos. A hegemonia capitalista, não raro, consegue imprimir sua marca, seu *modus operandi*, aos projetos de contestação.

O processo de apropriação e aplicação de conceitos não é estático, e os vetores em disputa são vários. Nossa preocupação se dá no sentido de que os acordos políticos entre estes vetores apenas reformem superficialmente certos projetos, mantendo os pontos fulcrais que o sustentam. A permacultura pode ser utilizada como ferramenta de questionamento estrutural ou não, de acordo com o entrelaçamento de fatores éticos, estéticos, técnicos e políticos de quem a disputa e “manuseia”, e é isso que queremos frisar.

8 - O debate sobre a 'forma-mercadoria' relaciona-se ao debate sobre valor de uso e valor de troca, brevemente esboçado no tópico anterior. Marx (1985), no primeiro volume do 'Capital', afirma que “O produto do trabalho adquire a forma-mercadoria quando o seu valor adquire a forma de valor-de-troca, oposta à sua forma natural; quando, portanto, ele é representado como a unidade em que se funda esta contradição”. Em outras palavras, a forma-mercadoria é um dos motores relacionais da sociedade capitalista, baseada no fluxo e na produção de mercadorias.

A partir das breves reflexões acima apresentadas, o intuito do presente tópico foi o de chamar a atenção para questões relativas às categorias de técnica, estética, ética e política, mostrando o quão imbricada estão e como a permacultura deve levar em consideração a todas elas em sua prática e existência.

2.2 A Permacultura

2.2.1. Um pouco de história

Para entender o que é permacultura e como ela surgiu temos que, antes de mais nada, entendê-la como fruto de um processo histórico construído a muitas mãos, por diversas gerações, como apresentado brevemente no capítulo anterior. Os anseios e insatisfações com relação aos rumos da sociedade, acumulados e remodelados ao longo dos anos, vão tomando diversas e distintas formas, conformando campos e propostas práticas de resistência ao hegemônico e de combate ao estabelecido. A permacultura é uma dessas formas, dentre tantas outras análogas, anteriores e posteriores.

Para abordar especificamente o termo em questão, bastante difundido mundialmente e relacionado à boa parte das 'teorias verdes' contemporâneas, temos que retornar aos meados dos anos 1970, na Austrália, e conhecer um pouco das perspectivas e trajetórias de seus dois fundadores: Bill Mollison e David Holmgren.

No começo da década de 1970, David Holmgren acabara de ingressar na faculdade da Tasmânia como estudante do curso de Design Ambiental, em Hobart. Sua família apresentava um conhecido histórico de militância nas questões ecológicas, de forma que, mesmo jovem, David já trazia consigo uma grande bagagem prática e teórica no campo do ambientalismo. Uma vez na universidade, buscou se aproximar de professores que contemplassem seus anseios de relacionar em sua pesquisa as suas principais áreas de interesse, tais como a produção de alimentos orgânicos; a questão construtiva; e o design em si.

Na época, o curso superior da Tasmânia era um pouco diferente do que se conhece do curso superior existente no Brasil. Bastava escolher as matérias que se cursaria, escolher um tutor e optar por assistir ou não as aulas. Ao final de dois anos o aluno deveria apresentar o trabalho de graduação. Com

isso, David tentava junto aos seus professores achar alguém que entendesse seus objetivos. Mas o fato era que ele não tinha muito retorno, até que um de seus mestres indica Bill Mollison como sendo alguém que talvez pudesse ajudar. Holmgren assiste a uma palestra de Mollison e percebe que há uma similaridade de pensamentos e objetivos, ele havia encontrado seu mentor (MENDES, 2010, p. 18).

Bruce Charles (Bill) Mollison nasce na cidade de Stanley em 1928, no extremo norte da Tasmânia, em local diametralmente oposto a Hobart, onde viria a morar e lecionar por vários anos, período em que conhece David. Até os 28 anos residiu em um vilarejo bastante ermo, em profundo contato com a natureza, trabalhando como pescador, padeiro e guarda-florestal. Em 1954, ingressa na *Commonwealth Scientific and Industrial Research Organisation* (CSIRO), na seção de Pesquisa de Vida Silvestre e para o Departamento de Pesqueiros Interiores da Tasmânia e passa a trabalhar com afinco em investigação agrícola. Após dez anos, em 1964, se desliga da organização para estudar biogeografia na Universidade de Hobart, onde se torna professor em 1968, ajudando a fundar a unidade de Psicologia Ambiental da Universidade da Tasmânia. Mas logo no início dos anos 1970, demite-se do emprego acadêmico e decide 'isolar-se' por dois anos em um terreno de aproximadamente dois hectares – tempo durante o qual começa a praticar, e investigar, ainda que de maneira embrionária, alguns dos pilares e princípios do que viria a ser sistematizado enquanto permacultura.

Em seu livro, *Introdução à Permacultura*, [Bill] conta que durante esse tempo sobreviveu pescando e apanhando batatas. Quando voltou, decidiu por não fazer outra coisa a não ser tentar persuadir as pessoas a criarem sistemas biológicos positivos, algo que permitisse a todos viver sem a destruição desenfreada nos sistemas biológicos (MENDES, 2010, p. 14)

Passados dois anos do retiro que durou de 1972 a 1974, Mollison “se deu conta de que não poderia simplesmente manter-se apartado da sociedade, mas era preciso utilizar seus conhecimentos para ajudar a reverter o quadro de degradação ambiental que tanto lhe incomodava” (SILVA, 2013, p. 159). No seu retorno, conheceu David Holmgren, que o procurou em busca de orientação. Mollison, à época com seus 45 anos era considerado um excelente professor, sempre pronto a motivar seus estudantes, fomentando seu desenvolvimento e criatividade. Ele chegou ao ponto de convidar vários deles a morar com ele e sua esposa, o que, segundo relatos, resultou em uma forte instabilidade doméstica visto que não havia anuência plena do casal para aquele tipo de prática. David foi um destes

estudantes. Durante um ano morou junto a seu orientador a fim de aprimorar e aprofundar a colaboração e os estudos com ele. Juntos, desenvolveram uma série de reflexões e experiências práticas sobre outras formas de agricultura e cultivo, ligada aos ciclos naturais e embasadas em referenciais teóricos tais como a biodinâmica, agricultura natural e agricultura biológica. O objetivo de ambos era o de encontrar uma metodologia agrícola que pudesse se estender indefinidamente no espaço, que pudesse ser 'permanente'. Deste esforço conjunto e após muitas idas e vindas nasce o que, alguns anos mais tarde, viria a ganhar o mundo sob o nome de 'permacultura'. (MENDES, 2010).

Após o final de sua graduação e a publicação e a grande repercussão do livro '*Permaculture One*', em 1978, motivado por diversos questionamentos, David decide seguir um caminho diferente daquele que se abria. Ele sente não possuir vivência prática suficiente para investir em uma dinâmica de expansão de algo ainda não devidamente testado por ele, pois a maioria de suas experiências concretas eram recentes e inconclusas. Os cursos demonstravam-se como uma grande responsabilidade neste sentido. Resolve então recolher-se para poder aprimorar seus conhecimentos de maneira empírica e passa a viver em uma propriedade de sua família aonde pratica o design permacultural. Na sequência, casa-se com Su Dennett e compra uma propriedade em Daylesford, próxima a Melbourne, ao sul da Austrália, e a batiza de Meliodora, onde David e Su vivem até hoje colocando em prática seus projetos permaculturais.

Já Mollison assumiu a frente de difusão da permacultura pelo mundo, tornando-se o grande vetor de expansão da mesma em especial até o início dos anos 1990, escrevendo livros, ministrando cursos e fundando institutos e organizações internacionais.

2.2.2. O que é permacultura afinal?

Permacultura é uma ciência prática utilizada para desenhar espaços (desde casas até cidades) de modo que os elementos sejam posicionados de acordo com a visão sistêmica⁹ onde tudo existe em relação, criando ciclos sustentáveis de aproveitamento energético e benefício mútuo. Ela é uma maneira de intervir na realidade, propondo uma nova ética, outra

9 - A visão sistêmica é parte de um paradigma emergente das ciências que surge no século XX e faz oposição ao pensamento mecanicista do século XVII representando principalmente pelas figuras de Descartes, Newton e Bacon. Ele aponta, em suma, para a não fragmentação das esferas da vida e da ação humana, a partir da perspectiva de integração entre ser humano e natureza, afirmando a interconexão latente que nos une como em uma "Teia da Vida" (obra de um dos principais expoentes dessa corrente de pensamento, Fritjof Capra).

conduta – uma nova maneira de *ser* no mundo, opondo-se à tônica individualizante da sociedade de consumo e da lógica da produção industrial contemporânea. Nesta proposta, ela acaba por aproximar inúmeras áreas do conhecimento, sendo transversal e transdisciplinar por essência.

A permacultura reaproxima os indivíduos de sua vida material, responsabilizando-os pela produção e reprodução de suas necessidades básicas, gerando uma nova relação entre as pessoas e o ambiente que as cerca, na qual a posição de consumidor passivo não é aceitável, mas insustentável perante o discurso vigente da escassez.

Bill Mollison e David Holmgren, nos anos 70, criaram a permacultura inspirados no modelo das comunidades aborígenes tradicionais da Austrália, além de diversas outras influências como a agricultura natural de Fukuoka¹⁰; a agricultura permanente de J. Russel Smith¹¹; e as técnicas de design de P. A. Yeomans¹². Mollison e Holmgren mantinham diálogos sobre a criação de uma agricultura sustentável desde o início dos anos 70, criando a palavra permacultura em 1974 (MOLLISON, 1994 [1991], p. 9). O termo nasce como uma fusão do inglês “*permanent agriculture*” (agricultura permanente), pois foi inicialmente criada para aplicação na agricultura e em ambientes rurais. Mais tarde, percebendo-se o potencial de expansão do método, passou a significar “*permanent culture*” ('cultura permanente' ou 'cultura da permanência'), para que pudesse abarcar outras áreas. Mollison, define-a como:

uma filosofia de trabalhar com, e não contra a natureza; de observação prolongada e pensativa em vez de trabalho prolongado e impensado, e de olhar para plantas e animais em todas as suas funções, em vez de tratar qualquer área como um sistema único de um único produto (1979, p.1).

10 - Masanobu Fukuoka foi um microbiólogo e agricultor japonês, famoso por seus métodos de cultivo chamados de agricultura natural, selvagem ou 'método Fukuoka', onde a observação e a relação com a natureza constituem-se como pilares centrais. Autor, entre vários livros, das obras “A Revolução de uma Palha” e “A Senda Natural do Cultivo”, neles apresenta suas propostas para uma forma de 'plantio direto' como sua forma particular de agricultura voltada às relações harmoniosas com a natureza.

11 - Joseph Russell Smith, nascido nos Estados Unidos em 1874, em Virgínia, foi um professor de geografia e precursor das hoje chamadas agroflorestas, que são sistemas de produção alimentar que mimetizam ambientes florestais, mesclando preservação e produção, preservação de solos com cultivo de alimentos. Em 1929 publicou o livro “*Tree Crops: a permanent agriculture*”, cujo conceito de agricultura permanente teria inspirado David Holmgren e Bill Mollison durante suas pesquisas em busca de uma forma sustentável de agricultura. Infelizmente o livro, ainda hoje, não conta com tradução para o português, mesmo sendo um referencial antológico de todo movimento ambientalista e da agricultura natural mundial.

12 - Percival Alfred Yeomans (1904 – 1984) foi um inventor australiano e engenheiro de mineração. Em suas atividades especializou-se em hidrologia e design de equipamentos, e ficou famoso por seu conceito de '*keyline*', ou linha mestra, onde buscava os pontos principais para lidar com as águas de uma propriedade a partir de seu relevo. Ele se notabilizou como escritor, tendo escrito quatro livros sobre suas ideias e influenciando toda uma geração de agricultores e fazendeiros de todo mundo, entre eles, Bill Mollison e David Holmgren.

Metodologicamente, a permacultura (como concebida por seus criadores) possui uma ética composta por 3 premissas; além de 12 princípios e quatro grandes eixos de trabalho.

A **Ética** da permacultura é a base orientadora da conduta de seus praticantes, ela “reside em um conjunto de normas regido por valores humanistas e ecológicos, que visa orientar seus adeptos a manter uma conduta consciente e responsável nos mais diferentes níveis e contextos” (SILVA, 2013, p. 182); ela é composta por 3 premissas: o cuidado com a terra; o cuidado com os outros; e a divisão dos excedentes (partilha justa).

Surgida das entranhas do ecologismo do final do século XX, a ética permacultural tenta transcender os valores morais e costumes hegemônicos que sustentam a racionalidade moderna e a sociedade burguesa, como, por exemplo, a competitividade, o individualismo e o princípio de “dominação” sobre a natureza, vistos como antiecológicos e anti-humanistas, e substituí-los por outros que ganharam bem menos importância ao longo do processo de modernização capitalista, mas que, no entendimento dos permacultores, são vitais para o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária e sustentável, como o princípio da cooperação e o respeito intrínseco pela vida (SILVA, 2013, p. 183).

Todas as ações planejadas e executadas devem levar em consideração tais valores e premissas, e isso faz com que a permacultura não se constitua apenas enquanto uma ferramenta neutra, insípida, mas simultaneamente portadora de uma intencionalidade. A existência desta ética é um dos instrumentos de controle e autorregulação da permacultura e entre seus praticantes pois, sem o devido respeito às suas premissas é impossível praticar permacultura. Dessa forma, busca-se um mecanismo que dificulte apropriações e subversões dos objetivos iniciais calcados na solidariedade e na transformação positiva do entorno e da existência humana. A ética é o início de onde tudo parte no universo da permacultura.

Existem também uma série de **Princípios** que foram mais tarde sistematizados e apresentados por David Holmgren (2007). Através destes princípios, David resume observações e considerações centrais que devem sempre ser lembradas durante o processo de design. Os princípios são espécies de dicas centrais e universais ao planejamento permacultural. Eles são: observe e interaja; capte e armazene energia; obtenha rendimento; pratique autorregulação e aceite retorno; use e valorize os serviços e recursos renováveis; não produza desperdícios; design partindo de padrões para chegar aos detalhes; integrar em vez de segregar; use soluções pequenas e lentas; use e valorize a diversidade; use as bordas e valorize os elementos marginais; use criativamente e responda às mudanças.

Figura 1 - Os 12 princípios da permacultura

Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/milaborelli/permacultura-e-emissaozero>>. Acesso em janeiro 2016

Já os **Eixos de trabalho** são grandes áreas nas quais se dividem as ações e aprofundamentos, de modo a propor soluções distintas das convencionais para cada uma delas: água; energia; habitação; alimentos. A divisão por eixos de trabalho é uma prática inspirada no biorregionalismo, uma das grandes influências da permacultura. Essas 4 áreas, em síntese, representam as necessidades humanas básicas e, dada a insustentabilidade na metodologia de produção e reprodução de todas elas, faz-se necessário apresentar caminhos alternativos para supri-las. A bioconstrução; a agricultura intensiva; as energias limpas; e o manejo ecológico de água são tecnologias incorporadas pela permacultura para 'fazer frente' aos modelos postos, e demonstrar que é possível nos organizarmos a partir de outras formas de suprir as demandas materiais que temos.

Existe uma imagem que, graficamente, resume todos esses preceitos. Ela é a chamada flor da permacultura e tem inspirado os olhos e mentes de milhares de pessoas por

todo o mundo, dando exemplos claros de aplicabilidade desse método que faz parte de um paradigma emergente:

Figura 2 - A flor da permacultura

Desenho reconstituído e traduzido por juriciardi/2008 do site: www.permacultureprinciples.com

Disponível em: <<https://zerodesperdicio.wordpress.com/2010/10/30/flor-da-permacultura/>>. Acesso em: janeiro 2017

Ainda de acordo com Mollison (1994), devem ser observadas algumas regras para garantir um correto planejamento e, consequentemente, um bom sistema de *design*. Essas regras podem ser resumidas nos 9 pontos abaixo:

1) Localização relativa, onde os elementos de um sistema devem ser posicionados uns com relação aos outros; 2) Cada elemento deve cumprir o maior número possível de

funções; 3) Cada função importante deve ser sustentada por vários elementos distintos; 4) O design deve distinguir setores e zonas para o planejamento eficiente do uso de energia; 5) Usar recursos biológicos; 6) Criar sistemas intensivos a pequena escala; 7) Acelerar a sucessão e a evolução; 8) Estimular a diversidade; 9) Utilizar os 'efeitos de borda'

2.2.3. O sistema de design

Conforme vimos acima, a permacultura é sobretudo um sistema de planejamento de ambientes sustentáveis calcado em uma ética e diversos princípios práticos e metodológicos. O primeiro resultado de sua aplicação é, em geral, um design como o demonstrado na figura abaixo.

Figura 3 - exemplo de design permacultural de propriedade

Fonte: Mendes, 2010, p. 29

Para sua execução, é necessário dominar pelo menos dois instrumentos: o zoneamento e a setorização.

As zonas são estabelecidas de acordo com o fluxo energético de cada área do espaço a ser planejado, e se trata de uma classificação (que vai de zero a cinco) que enumera quais serão as áreas mais e as menos trabalhadas em um sistema. Em outras palavras, “para que o planejamento tenha um bom funcionamento, ele geralmente é dividido por zonas, isto é, o posicionamento dos elementos será feito de acordo com a quantidade ou frequência em que serão utilizados, ou que necessitarão de visitas” (MENDES, 2010, p. 25). As zonas podem ser divididas da seguinte maneira:

Zona 0 – é o centro da atividade, geralmente é o local onde está a casa;

Zona 1 – região próxima a casa ou ao centro da atividade (exemplo: horta ou composteira);

Zona 2 – região mantida com certa intensidade (exemplo: pomar ou açude);

Zona 3 – zona um pouco mais distante (exemplo: criação de animais de médio e grande porte, pomar que não necessite de poda, pastagens para os animais ou para forragem);

Zona 4 – zona semi-manejada, de pouca visitação (exemplo: árvores de grande porte);

Zona 5 – zona sem nenhuma interferência (exemplo: áreas de preservação, reservas legais, etc).

Já os setores são as diferentes energias externas que deverão ser levadas em consideração no momento de fazer o design de uma área. O conhecimento dos padrões e regimes locais de chuvas, ventos e incidência solar, por exemplo, é algo fundamental para o sucesso de um sistema. Além disso, fatores mais variáveis porém não menos importantes, também devem ser considerados: poluição sonora, visual e atmosférica são exemplos. Na setorização, a área planejada é considerada o centro do sistema, e um círculo representará a incidências das diversas energias externas e sua principal localização geográfica na área, como podemos ver na figura acima. A função dessa setorização é auxiliar na busca por encontrar os melhores posicionamentos dos elementos no sistema.

Conforme dissemos acima, a permacultura é uma ciência prática utilizada para desenhar espaços (desde casas até cidades). Ela é uma maneira de intervir na realidade, propondo uma nova ética, outra conduta – uma nova maneira de *ser* no mundo.

A permacultura aponta para a necessidade de protagonizarmos também a esfera de nossa vida material, concreta, atrelada a questões básicas como alimentação, moradia e formas mais imediatas de consumo, em oposição a uma crescente valorização de atividades puramente intelectuais, imateriais e subjetivas. A ideia é gerar agentes ativos e conscientes em suas escolhas (individuais e coletivas) e seus subsequentes desdobramentos práticos, fazendo com que a partir desse empoderamento possamos apontar para outros modelos de sociedade e de (re)produção da vida, adotando soluções distintas das convencionais para prover as necessidades materiais de existência.

Do trabalho de conclusão de curso de Holmgren, orientado por Mollison, nasce o livro “Permacultura Um”, lançado em 1978, pela editora '*Transworld Publishers Pty Ltd*', com a tiragem de 25 mil cópias, considerado o marco teórico da permacultura. Desde então, ela vem se disseminando rapidamente e atingindo novos e mais profundos espaços; talvez apoiada pelo seu alto potencial de replicabilidade (já que baseada na observação¹³) ou pela ascensão inegável do pensamento ambientalista¹⁴, mas o fato é que essa ciência empírica cruzou fronteiras e culturas até chegar ao Brasil. No entanto, é mister considerar que ainda não houve uma ampla popularização de sua prática e conhecimento, de modo que ela mesma é tema de espaços restritos e específicos.

A Permacultura, por ser um conceito historicamente recente, ainda encontra grande escassez de fontes que discutam sua significação com profundidade. Ao mesmo tempo, nos impele – como pesquisadores e interessados – ao ato positivo de, ao buscar definir tal conceito, beber diretamente da fonte. David Holmgren, em seu livro “Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade” a define como:

Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. As pessoas, suas edificações e a forma como se organizam são questões centrais

13 - O primeiro princípio da permacultura é a observação da realidade aonde se pretende intervir, buscando soluções que se integrem ao meio não de maneira exótica (no sentido de “que vem de fora”), mas nativa, respeitando as localidades e prezando pelo equilíbrio natural. Por isso ela pode ser facilmente aplicada em todo o e qualquer contexto, pois se trata de uma metodologia baseada nas particularidades da prática, não de um dogma.

14 - Atribui-se ao lançamento do livro “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson, no ano de 1962 o marco inaugural de uma nova fase do movimento ambientalista, aonde começa-se a ponderar séria e amplamente os efeitos nocivos da sociedade industrial e do padrão de consumo. Mais tarde, outros eventos importantes acabaram por elevar o debate a novas paragens, tais como o lançamento do livro “*The Limits of Growth*” em 1972, publicado pelo MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) a pedido do Clube de Roma, trazendo uma perspectiva desastrosa de futuro caso não alterássemos nosso padrão de consumo e crescimento. Assim que, de 78 em diante, as pautas ambientais já se encontravam em considerável destaque, o que pode ter auxiliado na propagação da permacultura como uma solução prática para o dilema em voga.

para a permacultura. Assim, a visão da permacultura de uma agricultura permanente ou sustentável evoluiu para uma visão de uma cultura permanente sustentável (HOLMGREN, 2007, p.3).

Já em finais dos anos 80, a aplicação da permacultura em ambientes urbanos ganhou grande notoriedade. De lá pra cá, diversos centros urbanos no mundo começaram a abrigar iniciativas e grupos difusores da permacultura, inclusive o Brasil, que é hoje referência na área. A transversalidade da prática e dos temas permitiu uma rápida assimilação e apropriação de seu discurso, mais ainda em um contexto de destaque para a pauta ambiental.

Para entender melhor essa expansão, no tópico seguinte abordaremos os diversos encontros da comunidade permacultural, formada por praticantes e adeptos dessa 'forma de estar no mundo'. Com sua expansão, a partir de meados dos anos 1980, inúmeras convergências, conferências, seminários e encontros foram realizados para reunir interessados em debater e praticar permacultura.

2.2.4. Convergências e Conferências – autorregulação da comunidade

Desde os anos 1980, com a crescente expansão da permacultura ao redor do globo, e a fim de cumprir com um dos princípios permaculturais que fala sobre a importância da prática da autorregulação, estabeleceu-se a dinâmica da realização de encontros periódicos biorregionais, nacionais, continentais e internacionais que reunissem em um mesmo espaço, por determinado tempo, os praticantes e adeptos da permacultura em determinado território. Assim seriam discutidos os desafios locais, as possibilidades de superação dos mesmos, ao passo em que, simultaneamente, propiciar-se-ia um espaço de troca e convivência entre os membros da comunidade, a fim de aproximá-los, solidificando a colaboração e a solidariedade entre todos¹⁵.

Foi assim que, em 1984, aconteceu a 1ª IPC (*International Permaculture Convergence* – Convergência Internacional de Permacultura), em Rowlands, no estado de Nova Gales do Sul, na Austrália, reunindo cerca de 100 pessoas. Dentre os muitos temas, discutiu-se o formato dos PDCs (sigla para *Permaculture Design Certificate Course*, curso básico de introdução ao universo da permacultura que explicaremos detalhadamente adiante) e a metodologia pedagógica central de transmissão do conhecimento para novos interessados.

15 - Obviamente nem todos os países – como no caso do Brasil – organizam seus encontros nacionais ou regionais, devido a inúmeras questões locais; tampouco é uniforme a realização das convergências continentais ou internacionais, o que resulta de processos organizativos que precisam levar em conta diversos elementos.

Figura 4 - Foto da primeira IPC, na Austrália, em 1984. Bill Mollison à direita.

Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/cheap-thrillz/18274435746>>. Acesso em: janeiro 2017

Dada a incipiência da permacultura no mundo, e as dificuldades em difundi-la para outras localidades, a consolidação na realização e frequência das Convergências e Conferências Internacionais¹⁶ foi se estabelecendo gradualmente, com algumas pequenas lacunas temporais e ajustes necessários até que se atingisse a dinâmica atual. Apesar dos desafios em levar a cabo os objetivos propostos e garantir uma frequência estável, hoje é possível observar a consolidação dos encontros em ritmo bianual, acontecendo a cada vez em um continente distinto para que haja maior interação e para que várias realidades sejam contempladas e conhecidas pela comunidade internacional.

16 - A diferença entre Conferências e Convergências é pouco discutida e sutil, tendo em vista que, em geral, ambas compõem uma IPC. Em síntese, as conferências são espaços completamente abertos, mais curtos e expositivos, onde os participantes assistem a uma série de debates e palestras de pessoas experientes na área; já as convergências, tem um viés mais prático de construção de redes, com a programação composta por seus participantes, e são abertas a pessoas que já realizam um PDC antes. Nas palavras dos organizadores do 13º IPC a ser realizado na Índia neste ano de 2017, “o evento se desenvolve em 2 partes - a Conferência com a participação de membros do público, tomadores de decisão, políticos e representantes da comunidade da Permacultura; e a Convergência, onde participam pessoas que já completaram seu *Permaculture Design Course*”. Disponível em: <<http://ipcindia2017.org/IPCs.php>>. Acesso em abril de 2017.

No quadro abaixo podemos observar aonde e quando aconteceram todas as IPCs até a presente data (e também as que já estão agendadas como, por exemplo, a de 2017 na Índia, e a de 2020 na Argentina), e visualizar com mais concretude sua existência e dinâmica.

Tabela 1 - Data e local de realização de todas as IPCs

	Ano	Região/País
IPC1	1984	Austrália
IPC2	1986	Estados Unidos
IPC3	1988	Nova Zelândia
IPC4	1991	Nepal
IPC5	1993	Escandinávia
IPC6	1996	Austrália
IPC7	2005	Croácia
IPC8	2007	Brasil
IPC9	2009	Malawi
IPC10	2011	Jordânia
IPC11	2013	Cuba
IPC12	2015	Reino Unido
IPC13	2017	Índia
IPC14	2020	Argentina

2.2.4.1. Considerações históricas sobre as Convergências Internacionais de Permacultura

A partir de materiais e fontes disponíveis e dispersas na internet, citações de textos e vídeos, faremos adiante uma breve síntese dos principais e mais relevantes acontecimentos de cada uma das convergências internacionais. A partir desta historiografia, podemos acompanhar algumas minúcias do processo de difusão e evolução da permacultura e de sua comunidade ao redor do mundo.

(i). IPC1 – Austrália, 1984:

Conforme citado acima, tratou-se oficialmente do primeiro encontro, ao qual compareceram pouco mais de uma centenas de pessoas, majoritariamente australianos, em Rowlands, Nova Gales do Sul. Max Lindegger, em um texto de memórias publicado do IPC7, na Croácia, diz que, aquela primeira convergência,

Foi realizada durante um período de crescimento da Permacultura, e quando ainda todos nos conhecíamos muito bem. Como todas as Conferências que se seguiram, a Conferência / Convergência de Rowlands foi organizada por voluntários dedicados. Lembro-me de viajar para Nova Gales do Sul (eu estava então vivendo em Nambour, ao norte de Brisbane) com Lea Harrison para uma reunião pré-planejamento¹⁷

(ii). IPC2 – Estados Unidos, 1986:

A segunda convergência aconteceu no noroeste dos Estados Unidos, em uma comunidade-cooperativa chamada *Breitenbush Hot Springs*, e na cidade de Olympia, capital do estado de Washington. Além disso, desenrolaram-se diversas atividades por outras localidades como California, Berkley e Seattle. Lindegger descreve este momento como um dos possíveis picos da permacultura nos Estados Unidos, mesmo sendo ela incipiente no território, com centenas de participantes e inúmeras apresentações ilustres e imperdíveis.

(iii). IPC3 – Nova Zelândia, 1988:

A terceira IPC aconteceu na cidade de Christchurch, localizada na costa leste da Ilha Sul ao norte da Península de Banks, e foi organizada por Steve Hart. Foi neste encontro que a definição de permacultura oficialmente mudou de agricultura permanente para cultura da permanência, e que os conceitos de permacultura urbana e biorregionalismo foram inseridos no currículo dos PDCs. A permacultura estava crescendo, e alguns dos mais engajados à época, relatam que se começou uma reflexão sobre a possível necessidade da permacultura se tornar mais organizada e profissional. Mas ao que consta, muitos estavam preocupados com a possibilidade de se perder uma importante conexão de base.

17 - Tradução livre do original “*The 1st Permaculture Conference/Convergence was held in the early 1980's, at Rowlands, in New South Wales Australia. It was held during a growth period of Permaculture, and when we still all pretty well knew each other. Like all the Conferences which followed, the Rowlands Conference/Convergence was organized by dedicated volunteers. I can remember travelling down to NSW (I was then living at Nambour, north of Brisbane) with Lea Harrison for a pre-planning meeting*”. Disponível em <<https://www.ipcuk.events/IPC1>>. Acesso em jan 2017

(iv). IPC 4 – Nepal, 1991:

A Convergência foi realizada em um novo centro de ensino de permacultura em Baretnigar, na parte oriental do Nepal (apoiado por organizações humanitárias australianas e dinamarquesas).

Um dos principais pontos deliberados, nasceu das dificuldades de administrar internacionalmente a rede. Decidiu-se então que a rede internacional seria estruturada por uma espécie de 'Guilda Permacultural' composta pelas pessoas diplomadas, e administrada localmente por um encontro destes diplomados. Após certa mobilização no sentido de desaprovar as novas medidas, decidiu-se dar um passo atrás, e voltar à administração central australiana. No entanto, foi um passo importante para uma futura descentralização da rede.

(v). IPC5 – Escandinávia, 1993:

Essa IPC começou com um PDC na Noruega, seguido de uma viagem de barco até a Suécia para a Convergência. Depois disso, aconteceu a Conferência, na Dinamarca. Alguns afirmam ter essa sido umas das melhores IPCs. Cabe citar que foi obtida quantia considerável de fundos governamentais que financiaram e facilitaram a vinda de participantes de vários países, em especial representantes do hemisfério sul com maiores dificuldades financeiras, dada a profunda desigualdade econômica e social presentes nestes países. Estima-se a participação de 400 pessoas na Conferência e aproximadamente 120 na Convergência. Na Conferência, decidiu-se pela descentralização das redes de permacultura, já que o crescimento criava dificuldades no sistema de emissão de diplomas certificados. Nesse momento, Bill Mollison delegou a 'capacidade' de emissão de diploma a algumas pessoas, de acordo com determinadas regiões: Scott Pittman seria responsável pelos diplomas nos Estados Unidos; Declan Kennedy e Tony Anderson pela Europa; e Ali Sharif pela América Latina.

(vi). IPC6 – Austrália, 1996:

A sexta IPC aconteceu em Perth, a sudoeste da Austrália e foi organizada por Pat Dare. Inicialmente ela ocorreria na África do Sul, porém, devido à instabilidade política no país isso não foi possível. Um importante focalizador da permacultura no Brasil, Skye, foi um dos protagonistas nesta convergência, e o proponente de que a próxima ocorresse no México, o que gerou um problema diplomático com os sul-africanos que visavam manter a perspectiva

de uma IPC no país após estabilizada a situação política local. Ao fim, também não foi possível organizar o encontro no México, devido a problemas locais. Tentou-se realizá-la na Argentina e na Nova Zelândia, mas em nenhum local foi possível viabilizá-la. Esta situação gerou uma grande lacuna entre a sexta e a sétima IPC, que só ocorreria 9 anos depois, na Croácia. Essa provavelmente foi a primeira convergência amplamente documentada em termos audiovisuais e que conta até mesmo com um documentário todo a respeito, além de um site com todo o material das aulas e palestras disponível na Internet¹⁸.

(vii). IPC7 – Croácia, 2005:

A Convergência na Croácia foi marcada por grandes dificuldades organizativas do começo ao fim. Após inúmeras idas e vindas com o grupo organizador, Tony Anderson foi até a Croácia um ano antes, onde realizou um PDC, formando uma turma que assumiria o comitê de organização do encontro. No último instante, Tony precisou pegar um empréstimo bancário para pagar as acomodações, o que, ao final, lhe deu um prejuízo de aproximadamente 3 mil euros, pois com toda a instabilidade, esta foi uma das convergências mais esvaziadas

(viii). IPC8 – Brasil, 2007:

Cerca de 600 pessoas, representando mais de 40 países, estiveram no Brasil em maio de 2007 para a Oitava Convergência Internacional de Permacultura, organizada por Ali Sharif e pela Permacultura América Latina (PAL). David Holmgren visitou o país neste mesmo ano, ministrando cursos avançados em Santa Catarina, São Paulo, Brasília e Bahia.

Luiz Fernando de Matheus e Silva (2013, p. 168) nos conta que

A Conferência teve como tema “Economia Verde” e foi realizada no pavilhão da Bienal, em São Paulo. O curso de PDC foi realizado no bairro do Grajaú, a Convergência no ecocentro IPEC, em Pirenópolis (GO) e as visitas às experiências em permacultura se desenvolveram no IPA, em Manaus, e no OPA (Organização de Permacultura e Arte), em Salvador.

Uma das delegadas australianas, Robyn Francis, descreve o imenso sucesso do evento em sua representatividade, organização e relevância. Ela cita especialmente a presença

18 - Vídeo documentário disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=e-uBb7P0OEA>>. Acesso em janeiro de 2017. E site com todo o material do encontro disponível em <<http://permaculturewest.org.au/ipc6/toc.html>> Acesso em janeiro de 2017.

massiva de jovens permacultores, o que ela encara como uma possível 'virada' no movimento mundial da permacultura, que finalmente atingia as novas gerações de maneira mais ampla¹⁹.

(ix). IPC9 – Malawi, 2009:

Com um formato um tanto diferenciado, essa Convergência e Conferência foi composta por 4 eventos que aconteceram entre 18 de outubro a 30 de novembro em Zimbábue, Zâmbia e Malawi.

Existe farto material documentado acerca deste encontro.

(x). IPC10 – Jordânia, 2011:

Em 2011, a comunidade internacional da permacultura reuniu-se na Jordânia, sob o tema “Plano Jordânia – água para vida, água para natureza”. Pela primeira vez, todo o evento foi transmitido ao vivo pela internet através de *streaming*.

(xi). IPC11 – Cuba, 2013:

Realizada entre novembro e dezembro de 2013, entre Havana e Los Cocos, trata-se possivelmente de um dos encontros mais interessantes já ocorridos, com aproximadamente 500 representantes de mais de 60 países. O encontro contou com uma gigantesca documentação textual e audiovisual a respeito²⁰. Cuba possui uma sólida organização de permacultores estabelecida desde o início dos anos 1990, quando uma brigada foi enviada ao país para ajudar no processo de superação do 'pico do petróleo' (este fato está registrado em um famoso filme chamado 'O poder da comunidade'²¹). Além disso, o país é famoso pelo avançado estágio da agricultura urbana, pois a prática tornou-se uma questão de sobrevivência dado o contexto de embargo econômico e ausência de produtos derivados de petróleo.

(xii). IPC12 – Reino Unido, 2015:

19 - O relato na íntegra pode ser lido em <<http://permacultureaustralia.org.au/2007/06/13/ipc8-brazil-%E2%80%93C2%A0report/>>. Acesso em janeiro de 2017.

20 - Na página da IPC12 há um link com um compilado de informações sobre as outras convergências. A respeito da IPC11, visitar o endereço disponível em <<https://www.ipcuk.events/IPC11>>. Acesso em janeiro de 2017.

21 - Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rr70FVoAXBo>>. Acesso em janeiro de 2017.

A última IPC realizada, ocorreu em Londres (Conferência) e no interior da Inglaterra (Convergência), além de inúmeros cursos e atividades descentralizados pelo Reino Unido constando como parte integrante da programação. Reuniu mais de 600 pessoas de 50 distintos países. Decidiu-se pela próxima na Índia e indicou-se a seguinte na Argentina.

2.2.4.2. As convergências continentais

Além das IPCs, existem também as Convergências Continentais, cujo propósito – além de articular as redes e iniciativas locais –, é consolidar debates, estratégias e deliberações que serão levados até a próxima IPC e socializados com toda a comunidade internacional. É por isso que, em geral, as convergências continentais também acontecem a cada dois anos, intercaladas com as IPCs.

Não cabe a esta pesquisa aprofundar-se nas particularidades de cada uma das organizações e encontros continentais, expondo suas dificuldades e avanços. Mas para melhor compreender alguns dos aspectos, caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil, faz-se necessário falarmos rapidamente sobre a CLAP (Convergência Latino América de Permacultura), da qual tive a oportunidade de participar em sua 4ª edição, realizada na Colômbia, em junho de 2015, nas proximidades de Bogotá.

2.2.4.3. As CLAPs – Convergências Latino Americanas

O quadro abaixo demonstra de maneira sistematizada o histórico de realizações das CLAPs, trazendo o ano e o país em que aconteceram.

Tabela 2 - Datas e locais das CLAPs

	Ano	País de realização
1ª CLAP	2000	Argentina
2ª CLAP	2001	Brasil
3ª CLAP	2008	Cuba
4ª CLAP	2015	Colômbia
5ª CLAP	2017	Venezuela

A realização da Primeira Convergência Latino Americana de Permacultura aconteceu entre os dias 27 de março e 2 de abril do ano 2000, reunindo aproximadamente 50

participantes de 10 diferentes países na Ecovilla Gaia, em Navarro, Província de Buenos Aires, Argentina. A organização do encontro ficou a cargo do Instituto Argentino de Permacultura, com colaboração de um comitê formado por pessoas de diversos países.

Um dos pontos altos citados do relatório do evento²², além das inúmeras apresentações e oficinas, é o que fala sobre a fundação de uma Rede de Apoio à Permacultura Latino Americana chamada RAPEL:

A cada dia se manifestava com mais claridade e interesse a necessidade de establecer una red de apoyo mutuo (...) Assim nasceu a RAPEL – Rede de Apoio à Permacultura Latino Americana. Foi combinado seu objetivo e forma de funcionamento. Se propuseram comitês para as distintas áreas: publicação de um compilado do congresso, a formação da Academia Latino Americana de Permacultura, intercâmbio de sementes, adaptação do curso de 'design' à realidade latino americana, e a criação de uma lista de projetos em cada região²³.

A história subsequente demonstrou que tal rede acabou por não se efetivar, e não se encontram mais registros de sua atuação posterior. Pensando na anterior existência da PAL, acreditamos ser válido questionarmo-nos se a mesma não cumpriria com a função esperada pela RAPEL, ou se haviam divergências ou dificuldades que tornassem necessária a criação de um outro organismo para o fomento da permacultura em território latino americano. Nesse quesito, a ausência de Ali Sharif nesta convergência na Argentina é sintomática, uma vez que ele seria o responsável continental por acompanhar os processos de evolução da permacultura na América Latina.

22 - Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/0Bw12ZOllg1nMRTNBQlQyQmxzMm8/view>>. Acesso em jan 2017.

23 - Tradução livre do original: “Cada día se manifestaba con claridad el interés y la necesidad de establecer una red de apoyo mutuo. Es por eso que luego de varios círculos logramos consensar la formación de una red. Así nació RAPEL - Red de Apoyo a la Permacultura Latinoamericana. Se acordaron los objetivos y forma de funcionamiento. Se propusieron comités para distintas áreas: publicación de un proceeding del congreso, formación de la Academia Latinoamericana de Permacultura., intercambio de semillas, adaptación del curso de diseño a la realidad Latinoamericana y creación de una lista de proyectos en cada región.”. Link do relatório disponível na nota anterior, número 7.

Figura 5 - Fotografia da Primeira CLAP, na Argentina, no ano 2000

Disponível em: <<http://www.gaia.org.ar/1ra-clap-convergencia-latinoamericana-de-permacultura>>. Acesso em janeiro 2017.

Quanto ao segundo encontro que, ao que consta em relatório da primeira convergência, deveria ocorrer na Bahia no ano seguinte, não encontramos nenhum registro e as nossas fontes não puderam nos elucidar esta questão.

Como vimos, existe um certo hiato entre a realização dos encontros latino-americanos, em especial entre o terceiro (2008) e o quarto (2015). Segundo informações obtidas por meio de diálogos junto aos participantes da 4ª CLAP, na Colômbia, após a 3ª CLAP, realizada em Cuba no ano de 2008, indicou-se que a convergência seguinte se daria no Chile, o que, devido a problemas de organização internos, jamais ocorreu. Tal incidente e todos os seus desdobramentos teriam desestimulado a continuidade dos encontros, que atravessaram um longo período de dormência até que grupos locais se dispusessem a construí-lo novamente. Essa situação é bastante parecida com a que ocasionou um hiato na realização das IPCs entre 1996 e 2005.

A importância das CLAPs reside na adequação e reconfiguração do fazer permacultural nos países da América Latina, territórios social e culturalmente muito distintos da Austrália, onde a permacultura nasceu.

Na América Latina em geral, observamos uma maior interação e presença de povos nativos, tradicionais, indígenas e quilombolas, uma vez que os Palawa, aborígenes nativos da Tasmânia, ilha ao sul da Austrália – bem como praticamente todos os outros povos e etnias presentes até então –, foram dura e totalmente exterminados no processo de colonização e ocupação do território australiano (ROBSON, 1985). Além disso, em termos comparativos, a escassez e a desigualdade social são elementos muito mais presentes na realidade latino-americana do que na Austrália, um país que equalizou com mais eficiência as disparidades econômicas e sociais, e que entrega aos seus habitantes um nível médio de bem-estar social muito superior ao nosso. O mesmo se aplica à presença e relevância dos movimentos sociais populares, muito mais intensos por aqui (MELUCCI, 1989).

Todas essas diferenças fazem com que a prática da permacultura, seu método de difusão e suas referências tenham que ser revistas, partindo sempre do contexto e das particularidades locais. Dessa forma, conectada à realidade onde chega, ganha força e relevância ao integrar-se às questões mais proeminentes, necessárias e urgentes encaradas por determinados povos, nutrindo-se do arcabouço cultural local para que, nessa troca, dialogue mais profundamente com as pessoas que vivenciam e constroem tal realidade, sem os contornos de algo exógeno àquelas existências.

No entanto, a história nos mostra que a chegada e o desenvolvimento da permacultura no Brasil, em suas dimensões técnica, estética, cultural e ética, reproduziu, por vezes, alguns dos padrões australianos sem sopesar a contento as devidas particularidades. Desse modo, construiu expectativas cujas premissas estariam conectadas a outro contexto.

Observamos que a permacultura traz consigo todo um arcabouço estético e cultural, com suas práticas, léxicos e referenciais conectados muitas vezes à matriz australiana ou sua cultura ancestral. Como alguns exemplos, temos o '*didgeridoo*', um instrumento de sopro criado pelos aborígenes australianos; e o '*aho*', cumprimento xamânico dos povos nativos norte-americanos, entre outras referências. Não existe nenhum problema na difusão de tais elementos, porém, quanto mais formos capazes de desenvolver uma escuta radical e incorporar elementos culturais locais às práticas permaculturais, provavelmente maiores serão nossas chances de êxito no sentido de estabelecer um diálogo onde a permacultura também possa contribuir com seus saberes e considerações, sendo adotada como ferramenta por grupos e comunidades diversas. Dessa forma, nos aproximaremos do intuito dialógico acima enunciado e estaremos verdadeiramente partindo dos saberes tradicionais de nossa localidade para pensar ações e alternativas, promovendo trocas multilaterais e potencialmente profícuas. No caso do Brasil, pesquisar a arquitetura e os métodos construtivos das quase 400 etnias

nativas; conhecer os métodos de cultivo desses povos; suas histórias, lendas e cantigas; seus instrumentos musicais, suas festas, e toda a extensão de sua sabedoria expressa no modo de viver; jogar capoeira e tocar berimbau, são exemplos básicos que podemos pensar para promover essa interface.

E para finalizar, existiu também, em um primeiro momento, a importação de soluções desconectadas das demandas e mentalidade local. Técnicas construtivas como o superadobe; ou mesmo o pau-a-pique não são soluções universais. Como construir casas de barro em um contexto amazônico de chuvas torrenciais durante toda uma estação?

Tais questionamentos nos colocam a importância da incorporação e reflexão sobre elementos autóctones das culturas com as quais trabalharemos, demonstrando que apesar da pretensa universalidade, é preciso também relativizar e adaptar para sermos resilientes e constituirmos estratégias permanentes e harmônicas, respeitando práticas antecessoras.

Talvez porque a permacultura seja um conceito estrangeiro, que chegou ao Brasil já de certa forma elitizado. Gente que teve acesso a ir para Europa, Austrália, Estados Unidos... então talvez isso explique um pouco a origem de como chegou a permacultura no Brasil (entrevista presencial com Leandro Sparrenberger)

Para conseguir sincronizar os ponteiros, seria necessário ouvir aos agentes locais, para que pudessem apresentar seu '*feedback*' à comunidade internacional, de modo a construir essa necessária adaptação técnica, estética, estratégica e, por vezes, até mesmo ética da permacultura nos diferentes territórios, conferindo à mesma, a resiliência e plasticidade necessárias para sua difusão, garantindo o respeito a diversidade cultural dos povos.

Parece-nos necessário, também, registrar que tais convergências (continentais ou internacionais) muitas vezes se apresentam como espaços de exposição das divergências que se acumulam historicamente. Dessa forma, por vezes, polêmicas das mais diversas naturezas são debatidas e ou situadas e, quando possível, sanadas. Trata-se também do necessário mecanismo de autorregulação. Só com a exposição dos conflitos é que eles podem ser encaminhados; e felizmente existem espaços para que eles venham à tona. Tais divergências variam de aspectos técnicos aos estratégicos, passando pelos pessoais e circunstanciais.

Sobre isso, em depoimento, o permacultor Marco Aurélio Tavares Bastos, presente na 2ª CLAP lembra que “a Marsha [Hanzi] começou aquele Congresso Latino Americano já falando sobre alguns problemas”²⁴.

24 - Entrevista na íntegra nos anexos deste trabalho

Tais fatos corroboram a nossa percepção das convergências e conferências como espaços de encontro, fruição e autorregulação da comunidade de praticantes da permacultura.

Para entender um pouco melhor tais questões, apresento um breve resumo da experiência como participante da 4ª CLAP

2.2.4.3.1. A 4ª CLAP, na Colômbia, em 2015

Entre os dias 15 e 21 de junho de 2015, na Comunidade Varsana, ao sul de Bogotá, teve lugar a 4ª CLAP, com a presença de aproximadamente 140 pessoas de 15 países.

Figura 6 - Foto oficial da 4ª CLAP, na comunidade Varsana, Colômbia

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gjKefm1ixcA>>. Acesso em: janeiro 2017.

Tratou-se de um encontro repleto de dinâmicas de contato, aproximação e interação. Um dos objetivos centrais foi o de desenvolver a chamada 'PermaLatina', uma rede latino-americana de permacultura que conferisse unidade para as iniciativas e grupos em caráter continental, buscando semelhanças e convergências para uma atuação estratégica unificada. O planejamento dessa rede esteve presente em quase todos os dias do encontro, e foi realizado com o auxílio da metodologia Dragon Dreaming, um “um sistema integrado e um método completo para a realização de projetos criativos, colaborativos e sustentáveis”²⁵. Um mapa feito colaborativamente ficou exposto durante o evento, com todos os seus respectivos contatos, para estimular a formação dessa rede.

Figura 7 - Teia com os contatos dos diversos grupos presentes, mapa colaborativo da 4ª CLAP

Fonte: arquivo pessoal do autor

25 - Mais informações disponíveis em <<http://www.dragondreamingbr.org/portal/>>. Acesso em: janeiro 2017.

Todos os representantes de países tiveram espaço para falar acerca de suas realidades, de forma a socializar os panoramas nacionais, entendendo melhor os desafios postos a cada uma das regiões. Nos anexos deste trabalho encontram-se diversas apresentações em formato 'Power Point' e gravações de áudio dessas apresentações, onde os interessados podem saber mais especificamente das questões relativas a determinado país.

Falou-se muito sobre a necessidade de 'latinizar a permacultura', que significa justamente identificar elementos locais que devam ser agregados ou adaptados com relação à forma 'tradicional' de fazer e ensinar permacultura na América Latina. Tais elementos passam pela constituição étnica, cultural, por fatores econômicos, sociais e políticos dos países, e precisam ser absorvidos e considerados no momento de objetivar a entrada e a consolidação da permacultura em determinado território.

Sobre o Brasil, a fala de apresentação foi feita majoritariamente pelo permacultor Thomas Enlazador, e complementada por mim.

Alguns desafios que temos são: um país continental muito grande, difícil fazer qualquer coisa para ter uma maior integração. Estamos vivendo uma crise econômica brutal, sem linhas de financiamento do governo, está bem difícil. Distintas visões, a linha mais antiga, mais tradicional que não aceita essa permacultura mais alternativa, mais anárquica, mas holística que fazemos; esse mito dos 'diplomados'. Nós queremos 'permados' não diplomados. E integrar esses mundos, que é um pouco do papel que eu cumpro. Comunicação é outro desafio, e resolução de conflitos. Nós temos permacultores no Brasil que não se falam há décadas, e estamos tentando fazer essa ponte. E também popularizar a permacultura, com cursos acessíveis, PDCs, etc. Os pontos positivos: conseguimos colocar a permacultura na política nacional de agroecologia. É a primeira vez que a permacultura aparece em uma política nacional. A permacultura já é um critério em muitos editais, um critério de desempate. A crise de água que estamos tendo no sudeste, especialmente em São Paulo fez com que as pessoas comesse a captar água de chuva, e aí se criou o movimento 'Cisternas Já!', e o governo está pagando um grupo para implementar 100 mil cisternas na cidade de São Paulo, pequenas cisternas. Fortalecimento da permacultura popular. Estamos cada vez mais trabalhando dentro das aldeias indígenas, dentro das comunidades tradicionais e quilombolas, eu mesmo sempre estou indo para a floresta. Nesta rede, a PSB, estamos tendo também uma maior politização dos permacultores, porque não adianta ser permacultor e não falar de design social, de política, temos que abrir os flancos para transformar a permacultura em políticas públicas factíveis. A integração com o CASA está começando a melhorar. E algumas tecnologias já são certificadas pelo governo oficialmente, como o 'bason', o banheiro seco, e um tratamento de águas cinzas. Não é mais ilegal como era até alguns anos atrás. E um movimento muito forte de ocupação dos parques urbanos, ocupar e resistir.

E na sequência, complemento:

Como Thomas falou, o Brasil é um país continental, e qualquer coisa que vise ter uma unidade nacional terá muitos desafios. E é isso que acontece com a permacultura no Brasil, que é muito melhor vista e pensada quando a colocamos no plural: as permaculturas. E nosso desafio no Brasil e também no mundo é fazer desta pluralidade uma riqueza; dentro da diversidade encontrar e construir uma convergência. Para chegar a esta unidade creio que devemos buscar os fundamentos básicos da permacultura, ou seja, voltar-nos para a ética de 'cuidado' e de 'partilha', e a partir daí respeitar toda e qualquer adaptação contextual que se faça, e que não podemos deixar de fazer na América Latina, que é um lugar completamente diferente da Austrália, onde surgiu a permacultura. Eu digo isso porque vejo uma certa 'tecnificação' da permacultura. As técnicas de como fazer 'isso' ou 'aquilo' tem estado muitas vezes em primeiro plano quando, na realidade, elas não tem sentido sem o contexto e sem a ética proposta pela permacultura. Eu tenho esperança que no Brasil e no mundo, nós possamos nos voltar as bases disso que fazemos: cuidar das pessoas e compartilhar. E assim encontraremos a unidade na diversidade.

Tais posições ressoaram muito positivamente junto aos participantes da 4ª CLAP, arrancando aplausos e o entusiasmo de todos os presentes.

Foi possível perceber que muitos dos países presentes passam por processos semelhantes, com a diferença de que o Brasil é o país com o cenário mais avançado e consolidado. Talvez, a ausência de organizações e institutos mais estabelecidos seja uma oportunidade para que países onde a permacultura encontra-se em plena ascensão, como Colômbia ou Venezuela, estabeleçam suas iniciativas já em estreito diálogo com sujeitos, fatores e particularidades locais, aprendendo sobre os saberes ancestrais dos povos tradicionais presentes nos territórios e seus descendentes.

Durante o encontro, um dos momentos do qual participei, encarregou-se de deliberar acerca da localização da próxima convergência valendo-se de um método horizontal de decisões coletivas conhecido por sociocracia. Após algumas horas de reunião, indicou-se que a Venezuela seria o país a sediar a 5ª CLAP, proposta que obteve aprovação da plenária final do encontro.

2.2.4.4. As conferências brasileiras

Ao que a história e as pesquisas apontam, aconteceram apenas duas Conferências Brasileiras de Permacultura, ambas organizadas pelo IPB (Instituto de Permacultura da Bahia), em Salvador, respectivamente nos anos de 1995 e 1997.

A 1ª Conferência Brasileira de Permacultura aconteceu no Centro de Treinamento de Líderes, entre os dias 31 de julho e 6 de agosto de 1995. A 2ª Conferência aconteceu entre os

dias 29 de setembro e 4 de outubro de 1997, no Centro de Convenções, reunindo cerca de 150 pessoas, como nos conta Marsha Hanzi, em entrevista por e-mail:

Fizemos a primeira conferência em Salvador (na época só tinha a gente praticando Permacultura no Brasil), num centro de treinamento da Igreja Católica em Itapuã. (...) foi bem no começo da nossa história. Fizemos sozinhos, com a pequena equipe que tinha na época, chamando as pessoas interessantes: arquitetos, agricultores, Ernst Gotsch, etc. Tivemos um público de mais ou menos 120 pessoas, a maioria universitários. Depois fizemos outro em Salvador, num centro de conferências grande. Esta vez foi coordenada por uma profissional. (...) Nesta vez tivemos um certo apoio do Secretário de Florestas, acho. Lembro que foi um órgão de governo que nos deu trabalho no final, porque nunca entregaram o valor prometido (as passagens dos convidados!), porque a pessoa que assina os cheques recusou-se a assinar. Nós todos levamos um grande prejuízo por conta disso. Lembro que, além do Ernst, estive Hiroshi Seo, e outros profissionais e agricultores. Não lembro de mais eventos grandes coordenados por nosso instituto. Logo depois deste, participei na Argentina, na convergência sul-americana.

Ao que consta, outros encontros brasileiros de permacultura não vieram a ocorrer desde então, ainda que o Brasil tenha sediado encontros internacionais tais como a Convergência Latino América e a Convergência Internacional (IPC). Tal fato aponta para possível falta de alinhamento e unidade entre as linhas e 'escolas' nacionais de permacultura, cindidas por questões que variam de aspectos políticos aos pessoais, como apontam as diversas entrevistas que coletamos ao longo da pesquisa. Reunificar a prática da permacultura no Brasil e harmonizar os diferentes grupos e institutos é, provavelmente, um dos maiores desafios contemporâneos postos à presente geração de permacultores e permacultoras locais.

2.2.5. Permaculturas: aprofundamentos

Tendo entendido a origem e parte significativa da organização entre os permacultores e permacultoras ao redor do mundo, faz-se necessário tecermos alguns aprofundamentos críticos a partir de leituras, diálogos e experiências práticas vivenciadas com o objetivo de enriquecer nossa análise e visão sobre o tema abordado. O primeiro elemento a ser abordado, perante o que foi até aqui apresentado, é a percepção de que ainda existem muitas maneiras de fazer e enxergar a permacultura, tornando-a plural por excelência. Por isso é possível observarmos a existência de diversas linhas e escolas distintas de permacultura, manifestando-se no plural enquanto *permaculturas*.

Em termos gerais, é possível observar que o contato com o universo da permacultura encontra-se restrito a círculos econômica e socioculturalmente favorecidos, não atingindo parcelas marginalizadas da sociedade e tampouco alcançando ampla difusão popular, o que, a partir de uma leitura conceitual da permacultura, pode explicitar uma grande contradição entre prática e teoria. Acredita-se que, assim como o termo “desenvolvimento sustentável” – amplamente cooptado pelo capitalismo industrial para prolongar o ímpeto desenvolvimentista em um contexto de ascensão da consciência ecológica –, a permacultura, apesar de promover autonomia, não esteja gerando emancipação. É que grande parte de sua prática não tem questionado estruturalmente a ordem estabelecida, a despeito de seu discurso abarcar uma contumaz crítica (SILVA, 2013). Em outras palavras: acredita-se que o verdadeiro potencial transformador da permacultura não esteja sendo explorado a contento, e que o fetiche da técnica e do conhecimento seja um dos principais fatores a atuar como fato neutralizador deste potencial. Isso se deve à percepção de que certas 'escolas' da permacultura concentram-se muito mais na excelência técnica de suas práticas do que na compreensão social de uma necessária reorganização do modo de produção e de consumo humanos; dessa forma, o debate político fica sufocado em prol do discurso da eficiência. A presente pesquisa espera contribuir também para identificar e visibilizar experiências práticas que sejam de fato sustentáveis, transcendendo a simples “retórica da sustentabilidade” (HENDERSON, 2012, p.10), e que busquem uma compreensão mais abrangente daquilo que significa a construção de um mundo mais justo e igualitário, em termos sociais e ambientais, percebendo o embricamento destes fatores.

2.2.5.1. Um conceito em disputa

No cenário acadêmico, encontramos poucos trabalhos voltados à pesquisa desta ciência. Em 1992 Bill Mollison vem ao Brasil e ministra o primeiro curso de formação em permacultura (PDC) no Rio Grande do Sul, “de lá pra cá, a Permacultura desenvolveu-se no Brasil, conquistando dia após dia um número crescente de praticantes.” (PERMEAR, 2009 apud HENDERSON, 2012, p. 26)²⁶. É justamente a novidade do termo (observando desde a escala histórica) que o investe de uma resiliência característica de conceitos ainda não cristalizados no imaginário popular, de modo que a discussão, ainda difusa, precisa ser

26 - Sobre isto discorreremos detalhadamente no capítulo seguinte “A permacultura no Brasil”.

aprofundada para que se possa definir com clareza quais são as atribuições e qual o escopo desta ciência prática.

Essa resiliência é estratégica quando falamos da disputa por este conceito, pois aqui se discute entre outras coisas, o uso que se faz do mesmo e quais são seus principais agentes e públicos.

Parece-nos importante compreender por quais círculos e camadas sociais a permacultura movimenta-se, e o que significa isso. Entende-se que este é o ensejo histórico adequado para delinear com clareza tal conceito, trazendo-o, se possível, para o campo das contribuições reais e estruturais à criação e manutenção de um modo de produção social que leve em consideração a conexão existente entre todas as formas de vida (pensamento sistêmico). É preciso entender o potencial verdadeiro deste conceito e qual a importância de disseminá-lo para além de círculos restritos.

O conhecimento que ele encerra é um bem universal que pode melhorar as condições objetivas de vida daqueles que o possuem, mas sua mercantilização impede que ele chegue ao campo dos despossuídos, transformando a realidade destes.

Se a permacultura visa transformar a vida material dos seres humanos, criando soluções distintas das convencionais para várias áreas, podemos aproximá-la de uma preocupação latente no materialismo histórico, aonde as condições objetivas de vida em sociedade são definidas pela produção material de nossa existência coletiva. Ou seja: transformar os meios de produção (substituindo-os por outros adequados à visão permacultural/holística de mundo) poderia também transformar a relação entre as classes sociais e estruturas políticas vigentes. Isso porque, para citar apenas um exemplo, o motivo gerador primordial do Estado (o excedente) seria balizado objetivamente por um dos pilares da permacultura: partilha justa. Também, porque estas transformações passariam necessariamente pela descentralização das atividades produtivas e reprodutivas da existência, criando núcleos locais e soluções adaptadas, desestimulando o crescimento em escala industrial e centralizada de produção e importação de bens e serviços. Entendemos que existe a possibilidade de interpretar a permacultura como um viés prático e contemporâneo do materialismo histórico dialético, uma vez que ela, na sua lógica de assimilação e recriação de conhecimentos ancestrais trabalha também com o processo de tese-antítese-síntese, e enxerga na influência do entorno um fator determinante para a construção de subjetividades – por isso busca transformá-lo profundamente.

Sobre o posicionamento teórico da permacultura, Luis Fernando de Matheus e Silva (2013, p. 158), defende que

é possível afirmar que a permacultura relaciona-se diretamente com o pensamento pós-moderno, sobretudo no que diz respeito ao ecletismo; à mistura (por vezes superficial) de referências difusas; à rejeição a qualquer tipo de projeto unificado para o mundo e à adesão ao pragmatismo enquanto “única filosofia de ação possível” (HARVEY, 2007).

A despeito da leitura acima e da confirmação obtida por David Holmgren (2004) que deixa claro que “o conceito e o movimento da permacultura fazem parte daquilo que alguns chamam de pós-modernismo, em que todo o significado é relativo e incerto” (p. 27), acreditamos ser possível tecer pontes com parte dos referenciais modernos e materialistas para entender a permacultura em seu viés de transformação estrutural. Algumas das críticas contemporâneas da ecologia e do ambientalismo à 'modernidade' foram brevemente apontadas em capítulo anterior, mas ressaltamos que é preciso perceber a complexidade do que está em jogo.

Se o fim das grandes utopias e o surgimento de infinitas possibilidades de futuro, descentralizadas e distintas, são traços marcantes da chamada pós-modernidade, é necessário que nos perguntemos se uma sociedade regida pelos valores e critérios da permacultura não é também uma espécie de grande utopia global. Ou se, em contraposição, a práxis permacultural comporta ações locais desconectadas, acreditando de fato na construção de 'pequenos paraísos sustentáveis', isolados do entorno, onde tudo funciona.

Aqui é preciso levar em consideração aquilo que Murray Bookchin (2011) chama de 'anarcoindivisualismo', 'anarquismo de estilo de vida' ou ainda 'individualismo libertário', que se resume em uma espécie de conduta onde o direito às práticas e liberdades individuais são soberanas com relação a todas as outras, estimulando uma espécie de escapismo para ações locais e pontuais. Em uma concepção semelhante, a espiritualização do universo permacultural também pode colaborar para o estabelecimento de tendências em que o desenvolvimento pessoal e interior encontre-se privilegiado em detrimento de ações coletivas e comunitárias, afastando ainda mais os indivíduos de seu potencial transformador através dos movimentos unificados.

Com isso, a expectativa de superação do capitalismo, se não desaparece do horizonte utópico, é relegada a um segundo plano, dando lugar à crença de que a transformação societária (...) será mais o resultado “natural” da “evolução espiritual dos indivíduos”, traduzida em mudanças espontâneas de hábitos, de valores, etc., do que o fruto de uma luta organizada e programática contra os poderes dominantes, uma retórica individualista e “apolítica” que nega a luta de classes, escamoteia a urgente necessidade de

transcender o capital e seus muitos estranhamentos para a edificação de uma sociedade verdadeiramente sustentável (SILVA, 2013, p. 140)

Ainda que tais posições existam entre praticantes da permacultura no Brasil e no mundo, não podemos imputar tal visão sobre todo um movimento, cuja trajetória concreta aponta também para outros referenciais, estes sim articulados a concepções mais amplas e à responsabilidade em engajar a população em um outro projeto de sociedade.

Um destes referenciais é o movimento biorregionalista, surgido no início dos anos 1970 nos Estados Unidos fortemente inspirado pelo ecoanarquismo e pelo municipalismo libertário de Bookchin. Em síntese o biorregionalismo se trata de uma forma de organização e de vida conectada com as características intrínsecas das regiões onde atua, almejando a sustentabilidade e a diminuição dos impactos ambientais. Traz consigo uma proposta de organização democrática e participativa, levando em consideração os recortes por bacias hidrográficas, e a criação de núcleos políticos descentralizados (VELASCO, 2003). Sobre ele, Silva (2013), afirma que

Por trás destes objetivos manifestos, aparece implícita a utopia de uma nova sociedade composta por pequenas unidades descentralizadas, autogeridas, democráticas e sustentáveis, que, uma vez interligadas, seriam capazes de gerar as condições necessárias para o pleno desenvolvimento humano, em “harmonia com a natureza”. Uma “comuna de comunas” (p. 150).

Tomando por base o chamado pensamento sistêmico, entendendo a vida e a sociedade como resultados de uma dinâmica relacional, podemos afirmar que soluções pontuais não são suficientes para encarar problemas globais. Os desafios aos quais a permacultura se lança, apresentam-se de norte a sul, de leste a oeste do globo, em diferentes intensidades e manifestações, porém muitas vezes unificados em seu sentido e origem. Questões como o pico do petróleo; a dinâmica da competição capitalista e a exploração da natureza são obstáculos mundiais para a consolidação de uma sociedade sustentável, objetivo dos que praticam e vivem a permacultura. Ainda que 'pequenos enclaves libertários' sejam construídos, e que muitos nutram expectativas em vivências de pequena escala, rapidamente percebe-se que nenhum espaço está isolado, e que é impossível fragmentar as verdadeiras soluções. As propriedades permaculturais possuem um teto de desenvolvimento muitas vezes ditado pelo entorno; e não à toa Bill Mollison e posteriormente David Holmgren optaram por difundir suas propostas à escala global. Se ambos acreditassem apenas nas ações pequenas e locais, poderiam usufruir da permacultura apenas em seu microcosmos para a consolidação de

experiências pontuais, mas entenderam que deve haver uma espécie de unidade, ainda que distinta das anteriores, para se alcançar resultados realmente transformadores. A necessidade e a existência de redes nacionais, continentais e mundiais; das trocas, encontros, cursos e todos os esforços para a difusão deste movimento demonstram que existe a necessidade e a compreensão de que ele ganhe escala e crie massa crítica para que se possa construir coletivamente o renascimento de grandes utopias, completamente distintas daquelas defendidas anteriormente no ciclo histórico da modernidade, vinculadas majoritariamente ao projeto comunista e socialista, porém com muitas influências oriundas destas referências como, por exemplo, a inspiração encontrada nas propostas dos socialistas utópicos do século XIX para a consolidação das distintas etapas de 'contraculturas espaciais' materializadas (SILVA, 2013).

Dessa forma, talvez seja insuficiente simplesmente relegar ao plano da pós-modernidade as práticas e propostas permaculturais, negando-lhes uma articulação em forma de utopia global e uma organização que se equipare aos esforços empreendidos na modernidade. Obviamente existem muitas distinções, e diversos autores considerados pós-modernos são também eles influenciados por referenciais sólidos da modernidade. Herbert Marcuse, por exemplo, marxista e freudiano, pensador da Escola de Frankfurt, foi uma das maiores influências dos movimentos de contracultura dos anos 60/70 que, por sua vez, foram essenciais para o nascimento da permacultura. O mesmo se dá com Murray Bookchin, anarquista norte-americano criador do comunismo e do municipalismo libertário, tido por alguns como pós-moderno ainda herdeiro de uma sólida tradição moderna.

Sobre a concepção de pós-modernidade, Holmgren também diz, anos depois (2007, p.11), que

Nos estágios finais e caóticos da sociedade opulenta pós-moderna, os sistemas de autoridade do conhecimento são menos claros e as oportunidades para esse pensamento independente e mais sistêmico estão distribuídas de forma difusa através da hierarquia social e geográfica. Nesse contexto, não podemos contar com rótulos e condutas como sinais de autoridade e valores quando avaliamos qualquer solução futura de design.

À parte a existência de uma conduta que automaticamente transforma em pejorativa (por sua 'liquidez') a expressão 'pós-moderno'; ao lado de outra que cristaliza os referenciais da modernidade taxando-os de superados, é preciso encontrar espaço para entender a multiplicidade e a relação causal entre distintas visões e abordagens contemporâneas.

Os adeptos da permacultura não a impõe enquanto único caminho, e tampouco se prestam apenas ao pragmatismo voluntarista (se assim fosse, possivelmente não existiram tantos cursos, encontros e espaços para refletir e debater o papel da permacultura, seu sistema pedagógico, seu horizonte, etc). O diferencial reside no reconhecimento da existência de diversas propostas e sistemas que podem e devem se complementar no sentido da construção de sociedades mais justas e sustentáveis, o que, talvez, seja um dos fatores mais cativantes deste movimento.

Ainda que a permacultura, na maneira como se manifesta, carregue vários elementos identificados com a pós-modernidade é possível também abrir caminho para reflexões aprofundadas que nos permitam encontrar relações diretas entre ela e a construção de novas utopias globais, pois, como vimos, os problemas que ela encara não são do tipo 'eccléticos e difusos', ainda que essas características estejam imputadas à sua prática. Em síntese: a permacultura é um conceito em disputa. Ou como preferem alguns: em construção

2.2.5.2. Nova sensibilidade, valores e saberes locais

Enquanto proposta metodológica, a permacultura visa, através da observação e adaptação, trazer soluções baseadas no contexto local, partindo dos saberes nativos da população que a está utilizando, acrescentando descobertas e apontamentos recentes da chamada “ciência oficial”, que muitas vezes não reconhece ou incorpora conhecimentos ancestrais de comunidades tradicionais. Com isso, transforma o educando-educador em sujeito de seu processo pedagógico, criando contra-hegemonia ao não optar por uma educação com características colonizadoras e bancárias (FREIRE, 2014).

A criação desta cultura (enquanto conjunto de hábitos e valores) caminha no sentido do desenvolvimento de uma Nova Sensibilidade²⁷, como discutida por Marcuse em sua obra “Um ensaio sobre a libertação” (1977), tão necessária para a efetivação e permanência de outro *modus operandi* socioambiental em nossa civilização.

Marcuse questiona valores tão naturalizados em nós ao ponto de se tornarem parte da fisiologia humana, causando reações físicas e biológicas perante estímulos socialmente construídos. Questiona nossos desejos e necessidades, propondo uma revisão dos mesmos. E a

27 - Essa Nova Sensibilidade abriga os pilares subjetivos e culturais que sustentarão uma nova prática da existência humana, a partir da qual não mais seremos capazes de tolerar com naturalidade a “obscenidade” das discrepâncias sociais vigentes. Sobre ela, Marcuse diz que “A nova sensibilidade, que marca a supremacia dos instintos da vida sobre a agressividade e a culpa, criaria, numa escala social, a necessidade vital da abolição da injustiça e da miséria e modelaria a ulterior evolução do ‘nível de vida’.” (MARCUSE, 1977, p.40)

partir desse questionamento é que começa a esboçar o que chama de “uma base biológica para o socialismo”, que seria, então, a introjeção de valores mais fraternos, coletivistas e solidários dos que os vigentes, de modo a propiciar outras reações e relações. Com isso, ele nos chama a atenção para confusões de entendimento entre os domínios da natureza e da cultura, algumas das quais acabam por 'naturalizar' certas condutas culturalmente construídas. Em outras palavras: cada sistema organizativo introjeta distintas reações nas subjetividades e mesmo na fisiologia humana: o egoísmo, a inveja e mesmo certas formas de medo, tidas como reações 'naturais' por alguns, podem ser percebidas também como construídas com base uma lógica vigente, que nos ensina o que temer, o que evitar, etc. Viver em uma sociedade organizada para partilhar a abundância em vez de gerir a escassez teria reflexos profundos, segundo essa teoria, mesmo em reações e sentimentos tidos por naturais ou fisiológicas, e, no limite, 'esse outro mundo possível', auxiliaria no lançamento de outras bases biológicas para a existência

A permacultura, em suas soluções para a existência material, desnaturaliza ações banalizadas como a alimentação ou produção de resíduos, trazendo possibilidades distintas de satisfazê-las, questionando reações fisiológicas derivadas de sólidas construções sociais.

Ao utilizar um banheiro seco²⁸, por exemplo, nos deparamos com o paradigma das fezes que, em nossa sociedade, são apartadas dos indivíduos com a maior celeridade possível. Ou, ao cultivar um pomar, desconstruiríamos um certo senso comum urbano que encara como “sujeira” a grande quantidade de folhas que cai das árvores. São visões de mundo individuais que tem desdobramentos práticos e objetivos na vida da coletividade; por isso a opinião do outro é, também, assunto nosso, e a abertura para questionamentos e revisões é uma postura fundamental na construção de um mundo melhor.

2.2.5.3. Elitização e acesso ao conhecimento

Acredita-se que exista uma demasiada elitização acerca de um conhecimento que deveria elevar o nível de vida humano e as condições materiais do entorno, chegando principalmente às periferias dos grandes centros urbanos, aonde é especialmente necessário.

28 – Banheiro seco é um tipo de sanitário que não utiliza água como meio de transporte dos excrementos, poupando este recurso. Em seu lugar, é utilizado um material seco, de preferência com alto teor de carbono (tal como serragem, cinza, gramíneas trituradas, etc) como cobertura das fezes, de modo a impedir o aparecimento de vetores e mal odor. A partir desta mistura, inicia-se o processo de compostagem aonde este excremento, por fim e após procedimento correto, tornar-se-á terra fértil que pode ser utilizada na produção de flores, árvores e recuperação de solos.

Em termos práticos, a transmissão da técnica permacultura, tem se dado, principalmente, através de cursos pagos e, na maioria dos casos, a preços não populares.

No Brasil, inicialmente, o conhecimento foi irradiado através de institutos de permacultura distribuídos entre os diferentes biomas brasileiros: IPEC (Instituto de Permacultura do Cerrado), IPEMA (Instituto de Permacultura da Mata Atlântica), IPA (Instituto de Permacultura da Amazônia), IPB (Instituto de Permacultura da Bahia), entre outros. Estes institutos – a maioria em funcionamento atualmente – atuam como uma espécie de vitrine para demonstração e centralização das soluções desenvolvidas pela permacultura. Os interessados em obter aquele conhecimento podem ir e conhecê-las nestes centros, conforme discutiremos mais profundamente no capítulo seguinte.

O curso básico de “iniciação” em permacultura é conhecido internacionalmente como PDC (*Permacultural Design Course Certificate*), e após ter completado um desses cursos (com carga horária mínima de 72 horas, geralmente realizado no prazo de dez dias e condensa a introdução à técnica) é que alguém se afirma oficialmente permacultor (ou aprendiz). Sobre isso, Cazeloto afirma que

A permacultura possui características de uma comunidade, com suas normas, práticas, valores e, principalmente, com um grupo de praticantes legitimados que se identificam como *permacultores*. O signo de admissão a esse grupo é a posse de um certificado, expedido aos que participam de um curso de formação identificado pela sigla PDC (no original, em inglês, *Permaculture Design Certificate*. A tradução para o português manteve a sigla e o curso é conhecido como *Permacultura, Design e Consultoria* ou simplesmente como *Certificado de Design em Permacultura*) (CAZELOTO, 2010, p. 195).

Apenas para que possamos expor com mais precisão, durante a elaboração deste trabalho (no ano de 2016), fizemos uma pesquisa entre quatro renomados institutos de permacultura a fim de averiguar quais seriam os valores solicitados para se ter acesso ao PDC. Os resultados, em ordem de valor decrescente, foram, em reais:

- a) 2.980,00
- a) 1.950,00
- b) 1.800,00
- c) 1.200,00

Com base nestes números, podemos discutir a acessibilidade a técnica por parte daqueles que não possuem recursos, e, ainda que muitos destes centros abram-se a negociações, trocas (parciais ou integrais) e outras possibilidades, a monetarização do

conhecimento é patente. Vale lembrar que os valores citados cobrem alimentação, hospedagem e material didático, bem como são utilizados para viabilizar a vinda e a remuneração de instrutores(as). Outra parte destes recursos é utilizada para melhorar a infraestrutura dos centros realizadores e mantê-los em funcionamento, tendo importância inquestionável na reprodução da técnica, de modo que não se discute a fundamental contribuição dos mesmos. A questão central é como propiciar um acesso a permacultura que não seja mediado, necessariamente, pela relação monetária, e que atinja, também, camadas populares?

Para além de garantir formas de acesso não monetárias, existe também uma estética particular que tende a atrair grupos específicos e, de certa maneira, já sensibilizados com relação a pauta ambiental. Então surge outro questionamento no sentido de ampliar o campo de influência da permacultura: como popularizá-la economicamente e esteticamente sem prejuízo nenhum em sua qualidade?

Neste ponto julga-se válida outra contribuição do supracitado artigo de Edilson Cazeloto:

Na prática, a permacultura sofre influências do ambiente hegemônico da cibercultura. Como movimento aberto e sem controle centralizado, acabam ocorrendo desvios em sua ética proposta e muitas ações permaculturais acabam se coadunando com práticas mercadológicas. Cursos são vendidos, consultorias são prestadas, livros são publicados visando o lucro de editoras e palestras são proferidas com a cobrança de ingresso (2010, p. 199).

No entanto, como segue o autor, esses “desvios” não invalidam a contra-hegemonia expressa através dos preceitos e pilares da permacultura, que em sua essência combate tendências mercadológicas e individualistas.

Observa-se que:

o movimento de projetos para as camadas populares no Brasil cresce a passos lentos. Esta preocupação em tornar a Permacultura popular tem o intuito de buscar transformações possíveis junto às camadas populares, pautando-se por melhores condições de vida, democracia e cidadania (SANTOS; BARBOSA; CAON, 2013, p.121).

Aqui, vale atentar-nos para um dos primeiros registros acadêmicos que expressam a preocupação em 'popularizar a permacultura' (nestes termos), e que fala diretamente em permacultura popular como “um campo de conhecimento que permite o trabalho com setores das camadas populares, tanto do campo quanto da cidade” (SANTOS; BARBOSA; CARON,

2012, p.122). É importante frisar que ao se falar em popularização da permacultura, não se busca unicamente sua difusão, mas sim o empoderamento por parte de um setor específico da nossa sociedade: aqueles e aquelas que vivem nas condições mais precárias dada a vulnerabilidade econômica e social que atinge grande parte da população mundial; significa que as chamadas ‘camadas populares’ também tenham acesso a permacultura, e que a mesma não fique restrita apenas a grupos socioeconomicamente favorecidos. E que ao acessar a permacultura, ajudem também a transformá-la.

2.2.5.4. Permacultura, política e mal-estar

De maneira generalista, valendo-nos da experiência pessoal de aproximadamente uma década de atuação junto à praticantes de permacultura, poderíamos dizer que uma das facetas onde a permacultura brasileira não se apresenta tão inovadora é em sua compreensão de 'política'. Nesse aspecto, poderíamos afirmar que ressoam concepções muito semelhantes à do grande público em geral. Essas percepções se confirmaram ainda mais após a realização da pesquisa, das entrevistas e do trabalho de campo realizado. A identificação majoritária de 'política' com 'política partidária', faz com que muito jovens engajados em transformações, membros de diversos grupos de permacultura, optem pelo afastamento, pelo silêncio e pelo não-envolvimento, contagiados pelas acepções negativas e pejorativas que a política partidária traz em seu bojo. Perante o assustador panorama da corrupção e da impunidade – tão escancarado e, ao mesmo tempo, aparentemente tão fora de nosso controle – os sentimentos de repulsa e recusa são praticamente inevitáveis. Não à toa, vê-se com certa frequência a postura de renúncia às dinâmicas políticas 'do mundo lá fora' em moradores de ecovilas, e praticantes de permacultura, que preferem investir seu tempo em atividades de construção concreta de outras experiências possíveis.

Essa concepção em muito repercute a posição dos fundadores Bill Mollison e David Holmgren que, em seus escritos, muitas vezes evitaram ou se omitiram perante o debate político-institucional ou direto. Fizemos uma busca por palavras-chave em dois livros fundacionais da permacultura: '*Permaculture One: A Perennial Agricultural System for Human Settlements*', de Mollison e Holmgren, publicado em 1978; e '*Permaculture Two: Practical Design for Town and Country in Permanent Agriculture*', de Mollison, publicado no ano seguinte, em 1979. Desperta-nos a atenção o fato de que, em ambos, pouquíssimas vezes se apresenta de maneira contínua e sólida qualquer debate aprofundado sobre concepções

políticas, referenciais teóricos, propostas concretas de sociedade, etc. De maneira geral, a escassa argumentação desenvolve-se no registro da busca pela autonomia e autossuficiência individual ou de pequenos grupos, e da denúncia perante o absurdo generalizado que vivemos em termos de escolhas de produção, consumo e organização, com a noção de 'crise' bastante presente. De maneira objetiva, no livro '*Permaculture One*', a palavra 'política' (e suas derivadas: político, políticos, políticas, etc) aparece apenas sete vezes em um livro de 140 páginas; enquanto o termo 'social' (e derivados), aparece apenas 5. Já no '*Permaculture Two*', a palavra 'política' (e derivadas) é vista 12 vezes num total de 162 páginas, e a 'social', nove vezes. Em nossa análise, parece-nos insuficiente, perante o objetivo de transformação holístico ao qual a permacultura se propõe, recorrer tão poucas vezes a categorias centrais em narrativas de transformação, ainda que as mesmas neguem as formas atuais de manifestação da política.

Esses são apenas indícios de uma posição que se repete em diversas outras publicações importantes²⁹, onde os debates conceituais, filosóficos e políticos são negligenciados ou omitidos para que se dê vazão e centralidade às técnicas reunidas e apresentadas nos livros. Logo nas primeiras páginas de tais publicações, não raro, encontramos técnicas de manejo de solo, seleção de espécies e/ou construção de galinheiros. Perguntamo-nos se não haveria necessidade de se garantir mais tempo para um entendimento aprofundado do horizonte geral de onde a permacultura emerge; quais são suas críticas centrais; seus pressupostos; acordos e horizontes.

Ao mesmo tempo, observamos, breves e não aprofundadas citações de expoentes do debate político-social entre as páginas dos textos, quase passando despercebidas por entre diversas outras informações, e nos questionamos se os autores optaram conscientemente por não aprofundar tais debates (tendo em vista que se encontravam munidos de diversas referências), ou se tais referências são feitas de maneira leviana, sem a devida compreensão da dimensão política dos citados autores. Falamos, por exemplo, da citação a Mao Tse Tung logo na página um de '*Permaculture Two*' (MOLLISON, 1979, p.1); ou às três citações ao anarquista Piotr Kropotkin em '*Permaculture One*' (MOLLISON; HOLMGREN, 1978, p. 14, 19, 37). Optamos por transcrever dois excertos relevantes para o entendimento e ideias gerais da abordagem dada pelos fundadores da permacultura à categoria 'política':

29 - Além dos livros 'Permacultura Um' e 'Permacultura Dois', são exemplos dessa abordagem outras obras clássicas, tais como: '*Permaculture: a Designer's Manual*' (MOLLISON, 1988) 'Permacultura Passo a Passo' (MORROW, 1993), 'Introdução à permacultura' (MOLLISON; SLAY, 1998), entre outros.

O que nós chamamos sistemas políticos e econômicos, está ou desemboca em nossa habilidade de conservar o ambiente natural. (...) Eu não consigo pensar em uma única decisão política que seja tão importante como a decisão de tais homens em restaurar o solo, pois são os produtos deste solo que permitem aos políticos sobreviverem³⁰ (MOLLISON, 1979, p. 12-29, tradução nossa).

Particularmente, não vejo outra solução (política, econômica) para os problemas do homem do que a formação de pequenas comunidades responsáveis envolvidas em permacultura e tecnologia apropriada (...) Contra essa insanidade universal a única resposta é reunir alguns amigos e começar a construir a alternativa, em uma filosofia de responsabilidade individual para a sobrevivência da comunidade (...) Acredito que os dias de poder centralizado estão contados, e que uma re-tribalização da sociedade é um inevitável – e talvez doloroso – processo. As teorias aplicadas de política, economia e indústria fizeram uma sociedade doente; é tempo para novas abordagens. Vivemos no mundo pós-industrial, e temos uma imensa quantidade de informações e tecnologias sofisticadas que nos permitem trocar informações, mesmo vivendo em uma situação de aldeia³¹ (MOLLISON, 1979, p. 142, tradução nossa).

Nos dois trechos acima, ambos do livro 'Permacultura Dois', de Mollison, é possível observar certa tendência às soluções individuais e/ou microrregionais. O autor fala em 'juntar alguns amigos'; em 're-tribalização da sociedade'; e na importância do engajamento comunitário a nível local. Em termos de macropolítica, o autor defende que não enxerga uma decisão que seja tão importante quanto a decisão de uma pessoa em conservar seu solo. Poderíamos nos perguntar o que diria o autor da decisão de um ser humano (um político do primeiro escalão nacional de um país, digamos), em estimular (ou impedir) que as pessoas conservem seus solos por meio de lei ou decreto, de tal monta que milhares de indivíduos subitamente fossem afetados em suas práticas. São questionamentos que julgamos legítimos para um amplo entendimento do alcance daquilo que se enuncia e propõe por meio dos fundadores da permacultura.

30 - No original: “What we call political and economic systems stand or fall on our ability to conserve the natural environment. (...) I cannot think of a single political decision which is as important as the decision of such men to restore soil, for it is the products of the soil that allows politicians to survive”.

31 - No original: “For myself, I see no other solution (political, economic) to the problems of man than the formation of small responsible communities involved in permaculture and appropriate technology (...) Against such universal insanity the only response is to gather together a few friends and commence to build the alternative, on a philosophy of individual responsibility for community survival (...) I believe that the days of centralized power are numbered, and that a re-tribalization of society is an inevitable, if sometimes painful process. The applied theories of politics, economics and industry have made a sick society; it is time for new approaches. We live in the post-industrial world, and have an immense amount of sophisticated information and technology which enables us to exchange information while living in a village situation”.

Em uma passagem posterior da mesma obra, Mollison, ainda que seguindo com a tônica da ação local, fala também em políticas públicas, recursos e mesmo em partidos:

No entanto todos têm habilidades e pontos fortes para oferecer e podem formar ou participar de partidos ecológicos ou grupos de ação local para mudar a política de nossos governos locais e estaduais, para exigir o uso de terras públicas em nome de pessoas sem terra, e para juntar-se a nível internacional para desviar recursos originados de desperdício e destruição para a conservação e construção³² (1979, p. 143).

No livro 'Permacultura Um', Mollison e Holmgren (1978) apresentam algumas interessantes estatísticas de uma pesquisa conduzida por estudantes de psicologia ambiental da Universidade da Tasmânia, que aplicaram questionários em indivíduos migrantes do contexto urbano ao rural, no final dos anos 1970. 241 pessoas foram entrevistadas, muitas das quais participantes de 'comunidades alternativas' da região. Uma das observações é sobre a desilusão institucional com a 'macro política', e a tendência às soluções locais. Os autores alinham tal conduta ao pensamento do anarquista russo, Kropotkin.

O impulso apolítico é em parte indicativo do desencanto das pessoas com elevada formação em relação às atuais políticas dos "grandes negócios", e consequente abandono dos sistemas de suporte à vida. Alinhados com as visões avançadas de Kropotkin do século passado, acreditamos que é social e ecologicamente desejável para todas as regiões ser autossuficientes em alimentos, e, para todas as pessoas ter algum contato com o processo de produção de alimentos. Que isso é possível com a agricultura intensiva em trabalho humano, e um nível adequado de tecnologia³³ (MOLLISON; HOLMGREN, 1978, p. 89).

Tais excertos coadunam a percepção contemporânea de que existe certo afastamento entre grupos e ativistas da permacultura e a constituição de políticas públicas de maior alcance, principalmente desenvolvidas em parceria institucional com governos e gestores públicos estaduais e federais. Trata-se de uma opção tática explicitada desde as obras fundantes, em construir autonomia local e comunitária sem depositar esperanças e energias

32 - No original: "However everyone has skills and strengths to offer and may form or join ecology parties or local action groups to change the politics of our local and state governments, to demand the use of public lands on behalf of landless people, and to join internationally to divert resources from waste and destruction to conservation and construction"

33 - No original: "The apolitical drift is in part indicative of the disenchantment of educated people with present 'big business' politics, and consequent neglect of life-support systems. In line with Kropotkin's far-sighted views of the last century, we believe it is socially and ecologically desirable for all regions to be self-sufficient in food, and for all people to have some contact with the process of food production. That this is possible with labour-intensive agriculture and a moderate level of technology is certain"

em relações com atores políticos da ordem hegemônica, e nem disputar instâncias burocráticas apartadas da vida concreta das localidades.

Outra citação importante no sentido de apresentar tais concepções políticas e sociais desde a perspectiva dos fundadores da permacultura pode ser vista em uma entrevista que Bill Mollison concedeu ao jornalista estado-unidense Scott London, intitulada “Permacultura: uma revolução silenciosa”, no ano de 2005.

Bem, é uma revolução. Mas é o tipo de revolução que ninguém vai notar. Ela pode ficar um pouco mais sombria. Prédios podem funcionar melhor. Você pode ter menos dinheiro para ganhar porque a sua comida está toda em torno de você, e você não tem quaisquer custos de energia. Quantidades gigantescas de dinheiro podem ser liberadas na sociedade para que possamos prover-nos melhor. Portanto, é uma revolução. Mas permacultura é anti-política. Não há espaço para políticos, ou administradores, ou sacerdotes. E não existem leis. As únicas ética que obedecemos são: cuidado da terra, cuidado de pessoas, e reinvestimento nesses fins³⁴ (MOLLISON, 2005).

Estranhamos o fato de que, a despeito das palavras acima, em um dos livros fundacionais da permacultura, a primeira citação apresentada seja de autoria de Mao Tse Tung (MOLLISON, 1979). Ou ainda, que, em abril de 2008, Bill Mollison tenha lançado o Manifesto do Partido da Permacultura na Austrália (*Permaculture People's Party – Manifesto*), cuja frase de abertura é: “Se você encontrar lágrimas neste papel, são os autores chorando pelo destino na Austrália nas mãos de idiotas³⁵” (tradução livre).

Parecem-nos incompatíveis tais escolhas com a concepção de uma permacultura antipolítica. O PPP (*Permaculture People's Party*) criou um programa político que inspirou e inspira candidatos 'verdes' de todo o mundo, pontuando decisões importantes sobre temas como produção de alimentos; proibição do uso de agrotóxicos; incentivo às energias renováveis, etc. Isso torna a permacultura não apenas política na ampla acepção do termo mas, além disso, uma possível ferramenta institucional de disputa.

Sem buscar um aprofundamento no debate tático, a única observação que nos parece necessária é ressaltar a aparente incongruência entre diferentes manifestações por parte dos

34 - No original: “Well, it's a revolution. But it's the sort of revolution that no one will notice. It might get a little shadier. Buildings might function better. You might have less money to earn because your food is all around you and you don't have any energy costs. Giant amounts of money might be freed up in society so that we can provide for ourselves better. So it's a revolution. But permaculture is anti-political. There is no room for politicians or administrators or priests. And there are no laws either. The only ethics we obey are: care of the earth, care of people, and reinvestment in those ends”. Disponível em: <<http://www.scottlondon.com/interviews/mollison.html>>. Acesso em: janeiro 2017.

35 No original: “If you see teardrops on this paper it is the authors crying for the fate of Australia in the hands of idiots...” (PPP MANIFESTO, 2008)

fundadores da permacultura. Acreditamos que esta notável contradição se reflete também nos centros de permacultura (e em seus participantes e entusiastas) espalhados pelo mundo, criando concepções bastante distintas abrigadas sob um mesmo teto.

Com relação a negação da política (em sua faceta institucional), em parte temos pleno acordo com tal estratégia, que se apresenta mais legítima à medida que o acirramento das contradições sociais faz com que os Estados e governos demonstrem cada vez mais sua real natureza, alinhada aos interesses das elites econômicas; e as instituições hegemônicas escancarem cada vez mais sua “falência”.

Ao mesmo tempo nos preocupa o ímpeto em negligenciar uma enorme e profunda história de lutas (institucionais ou não) promovida por inúmeros grupos de resistência ao longo da história e, inclusive, na contemporaneidade.

Partimos da necessidade de dialogar profundamente com essa imensa contradição: de um lado a justificada descrença na política e nas instituições oficiais; e, de, outro, a certeza de que ambas (tanto política como instituições) apresentam reflexos concretos em nossa existência individual e coletiva e, portanto, não podem ser simplesmente negligenciadas por qualquer projeto ou tentativa de transformação substancial da realidade. Em outras palavras: nenhuma ilusão com as instituições, mas nenhuma negligência com sua influência. Acreditamos ser necessário mediar tais concepções de realidade, e não fomentar nenhum dos dois extremos: nem a fixa obsessão pela tomada e ocupação dos poderes institucionais; tampouco o completo desprezo com relação a existência dos mesmos.

Em nossa análise do universo da permacultura, a balança hoje pende para projetos que optam conscientemente por descartar prematuramente tais instituições, devido a tal sentimento de descrença nas mesmas. Acreditamos que o envolvimento com movimentos sociais – que além de valores disputam também instituições da sociedade (CASTELLS, 2000) –, pode apresentar reflexos muito positivos no sentido de fomentar tal mediação, contribuindo para a efetivação dos projetos permaculturais em nossa sociedade. Sobre isso, falaremos mais adiante usando como base dados coletados em nosso formulário de pesquisa.

Por fim, concebemos a permacultura como uma ferramenta política, não apenas no campo da construção da autonomia e da autossuficiência local e comunitária, mas também na disputa e ocupação de espaços de construção e deliberação de políticas públicas. Claramente, para obter tal influência, é preciso que ela se capilarize, difunda e amplie na sociedade brasileira.

2.3. A permacultura no Brasil

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento (...) O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 2012, p. 243).

Toda história é perspectiva (RODRIGUES, 2015). Por isso, a síntese aqui realizada é apenas uma dentre as sínteses possíveis. Ela é fruto de diversos e específicos encontros, e foi movida por questionamentos particulares. Portanto, não é objetivo deste capítulo apresentar uma história definitiva e incontestável da chegada e do desenvolvimento da permacultura no Brasil. Muito pelo contrário: aqui apresentamos um rápido panorama de momentos chave para a consolidação e difusão das práticas permaculturais no país, citando alguns de seus principais agentes e fomentadores. O fato de tratar-se de uma história recente tem duplo efeito: se por um lado a proximidade dos fatos é uma vantagem em termos de precisão histórica e riqueza de detalhes, por outro, tratamos de fatos bastante recentes, com desdobramentos por vezes ainda em aberto, e sem que se tenha transcorrido um necessário tempo que nos auxilia a apurar o olhar e as interpretações. Tratar de sistematizar a história recente é um risco que assumimos.

O presente capítulo é fruto não apenas dos 3 anos de pesquisa e estudo bibliográfico durante o período do mestrado; tampouco das mais de 30 entrevistas realizadas e transcritas ou das viagens de campo onde visitei mais de 20 iniciativas diferentes. Mas a tudo isso se somam quase dez anos de prática, reflexão e estudo por dentro do universo da permacultura, nos quais a história aqui organizada vem sendo montada como a um mosaico.

A contribuição que trazemos é uma tentativa de entender e classificar com mais rigor e profundidade alguns dos momentos centrais dessa história, buscando elementos comuns, categorias e compartimentalizações (não estanques) que nos permitam entender de maneira mais ordenada os diversos momentos, fases e etapas atravessados e vividos no seio da comunidade permacultural brasileira.

Para esta tarefa, delimitamos o Brasil como território de interesse, e o desenvolvimento da permacultura como centro. Assim, ordenamos fatos relevantes dentro desse recorte, e que nos auxiliam a entender o momento presente, apresentando pistas e propostas para enfrentar algumas das dificuldades e desafios hoje atuais.

Para a melhor compreensão deste capítulo e da concepção historiográfica pela qual optamos, dividimos a evolução da permacultura no Brasil em 5 etapas distintas as quais abordamos separadamente ainda que, na prática, elas constituam um *continuum* não compartimentado, múltiplo e simultâneo, com manifestações das mesmas por vezes sobrepostas. Logo, nossa leitura não se baseia em um caminho linear, mas em identificar pontos chave que deram origens a novos desdobramentos e perspectivas, abrindo possibilidades.

As etapas aqui apresentadas são: período difuso (anterior a chegada oficial, em 1992); Incubação (1992-1995); Ativação e institucionalização (1995-2007); Etapa crítica (2004 – 2008); Popularização (2008 – hoje). Cabe frisar que as presentes divisões foram feitas apenas para fins didáticos, e a partir do estudo da história, das entrevistas, trabalho de campo e vivências, valendo-nos de momentos e fatos relevantes que demonstram algum tipo de 'guinada' ou alteração no processo histórico.

A imagem abaixo sintetiza a sistematização aqui exposta:

Figura 8 - Linha do tempo - etapas do desenvolvimento da permacultura no Brasil

2.3.1. Período difuso (pré 1992)

A partir de 1978 estava aberta ao mundo a permacultura. Obviamente não se tratou de um processo imediato. Afinal, os meios de comunicação eram, à época, infinitamente mais

precários do que hoje. Porém 25 mil cópias do livro '*Permaculture One – a Perennial Agriculture for Human Settlements*' começaram a circular nesta data, e a partir disso

despontaram diversos grupos regionais dedicados a estudar a permacultura e seus participantes passaram a se encontrar frequentemente com o objetivo de criar redes, articular-se politicamente, realizar alguma ação prática ou mutirão de trabalho, trocar informações, sementes, mudas, etc. (SILVA, 2013, p.161)

Em 1978 e 1979, respectivamente, com a edição da primeira revista de permacultura, chamada '*Permaculture Magazine*', e a fundação do '*Permaculture's Institute*' (ambas iniciativas impulsionadas por Bill Mollison), a permacultura finalmente ganha o mundo, transcendendo barreiras nacionais e iniciando seu processo de mundialização.

Paralelamente a este fenômeno de expansão internacional da permacultura, faz-se necessário registrarmos alguns dos desdobramentos dos incipientes movimentos contraculturais na América do Sul e, em especial no Brasil, onde

as “comunidades alternativas” se materializaram como microscópicos enclaves libertários sob um contexto geral de repressão e recrudescimento da violência do Estado promovido pelas ditaduras militares e o consequente agravamento das tensões políticas e sociais. Na maior parte dos casos, essas comunidades se localizavam em lugares “escondidos” e/ou (até então) afastados dos grandes centros urbanos (...) No Brasil, este movimento foi particularmente forte em meados dos anos 1970 e início dos anos 1980. Nesta época, tem-se notícia dos grandes festivais de música, ao estilo *Woodstock*, como o “Festival de Águas Claras”, realizado pela primeira vez em 1975, na cidade de Iacanga, interior do estado de São Paulo e o “Festival de Saquarema” de 1976, no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, o movimento ambientalista brasileiro começa a tomar corpo, em consonância com as discussões levantadas pela Conferência de Estocolmo de 1972, e surgem diversos grupos ecologistas, a maioria deles localizados na região centro-sul, compostos por ativistas que desenvolviam suas atividades a partir das comunidades alternativas rurais. Todos esses elementos foram cruciais para a conformação de uma contracultura brasileira surgida tardiamente, junto com o lento processo de democratização vivenciado desde o governo Geisel. Em meio a essa atmosfera, surgiu uma plêiade de comunidades influenciadas pelo movimento hippie, pelo tropicalismo, pelo movimento *New Age* e pelo ambientalismo em diversos rincões do país (SILVA, 2013, p. 92).

Tais grupos, comunidades e seus participantes serão os primeiros vetores de difusão da permacultura no Brasil, ainda de forma difusa e não sistematizada, dado o contato que começam a ter, através de viagens, encontros e estudos com as novas propostas e conhecimentos ecológicos em voga à época.

Em entrevista com o permacultor e participante assíduo dos encontros de comunidades alternativas, Leonardo Borges, ele conta que tais grupos são compostos majoritariamente por pessoas jovens

viajando pelo Brasil buscando alguma forma diferente de viver. Pessoas remanescentes das ecovilas, como a “*The Farm*”, nos Estados Unidos, por exemplo; de algumas ecovilas da Europa, e que trouxeram para o Brasil conhecimentos de alimentação viva; conhecimentos de parto natural; conhecimentos em agrofloresta; de meditação; de Yoga, etc. E eles começaram a se organizar a partir de um encontro – todo ano eles iam se encontrar para poder trocar conhecimentos.

Esse encontro, que acontece ainda nos dias de hoje, é o chamado ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas), organizado pela ABRASCA (Associação Brasileira das Comunidades Alternativas), fundada em 1978, com sede no município de São Lourenço, em Minas Gerais.

Neste encontro anual, cujo público varia entre centenas e milhares de pessoas, diversas práticas e estilos de vida alternativos são intercambiados pelos participantes, servindo como polo aglutinador e difusor de tendências ecológicas, tradicionais ou contemporâneas, praticadas por membros das comunidades. Conforme Leonardo nos conta, temas como agroecologia, yoga, meditação, permacultura, alimentação natural, xamanismo, entre diversos outros, são debatidos, experimentados e vivenciados pelos presentes, e consequentemente formam multiplicadores a nível nacional. Dado o alinhamento da permacultura com tais práticas, trata-se de um terreno fértil para sua expansão entre uma juventude que busca alternativas concretas, que apresentem outros parâmetros para a produção e reprodução da vida e do espaço (HARVEY, 2006).

Marsha Hanzi, permacultora suíça-americana residente no Brasil desde 1976, fez seu primeiro PDC no Havaí, no início de 1992. Ela nos conta em entrevista que, em finais dos anos 1980

estava morando no sítio, perto de Bragança Paulista, já praticando agricultura orgânica há anos, quando vi o livro “Permacultura Um”, que me inspirou muito. Logo em seguida mudamos para a Bahia, onde procurei em vão um curso, que ainda não existia no Brasil.

Assim, é possível verificar que algumas das pessoas que faziam parte desse movimento alternativo, em meados dos anos 1980, tomaram contato com a permacultura em outros países, por vezes mesmo tendo realizado cursos no exterior. Podemos então visualizar

o momento e atmosfera histórica em que a palavra permacultura começa a circular pelo país e pelo continente, ainda em período anterior à vinda de Bill Mollison para ministrar o primeiro PDC, momento considerado como o marco 'oficial' da chegada da permacultura ao Brasil.

2.3.2. Incubação: primeiros PDCs e as primeiras turmas (1992-1995)

É no ano de 1992 que, com a vinda de Bill Mollison, situa-se oficialmente a entrada da permacultura no Brasil, com o primeiro PDC em território nacional (SILVA, 2013; MENDES, 2010; HENDERSON, 2012). Durante esses primeiros anos, desenrola-se a etapa aqui nomeada 'incubação', que se caracteriza por esforços e acompanhamentos externos constantes prévios à consolidação e existência de um trabalho sistematizado balizado por agentes locais na formação de multiplicadores e expansão do movimento, o que só vai acontecer por volta do ano de 1995, quando da realização da Primeira Conferência Brasileira de Permacultura, em Salvador; e na realização sistemática de diversos PDCs, de norte a sul do país.

Para falar sobre esse primeiro PDC brasileiro conversamos com Ananta Alano e Toni Backes, dois dos participantes do curso que nos concederam entrevistas com os pormenores. Ananta, hoje residente no Chile, fundador do Sítio Pé na Terra, em Viamão (região metropolitana de Porto Alegre) foi a primeira pessoa a contatar diretamente Bill Mollison e consultá-lo sobre a possibilidade de um curso no Brasil. Ele nos conta que um engenheiro agrônomo da prefeitura de Porto Alegre, seu conhecido,

soube que eu estava viajando na Austrália, e fez contato comigo para que eu falasse com o Bill para que ele viesse para uma atividade de comemoração do 'Dia da Árvore', para fazer uma palestra de um dia, uma conferência na Semana do Meio Ambiente pela prefeitura de Porto Alegre. O Bill me respondeu negativamente. Ele me disse que não ia, a não ser que fosse para formar permacultores; que ele não iria só para fazer palestra. E eu dei esse retorno para o Paim [agrônomo da prefeitura], e segui viagem, porque dali eu ia para Nova Zelândia. Quando eu voltei ao Brasil, após o fim da viagem, depois de um mês e pouco, fiquei sabendo que eles tinham acertado então o curso com o Bill. Ele veio em 1992 para formar a primeira turma de permacultura. O local do curso foi o Viveiro da Prefeitura de Porto Alegre [localizado no município vizinho de Viamão, onde Toni Backes trabalhava]

Graças a esse contato inicial, Ananta figurou por um bom tempo, nos principais sites internacionais de permacultura, como um dos introdutores do movimento no país, mas, a

pedido dele, a informação foi retificada e o nome retirado, pois ele não se sentia apto a merecer tal título, uma vez que não teve atuação tão profunda no sentido de realmente ser um dos agentes fundamentais para a expansão da permacultura no Brasil, como ele mesmo nos conta. Além disso, Ananta hospedou Bill Mollison no Sítio Pé na Terra durante o curso e por alguns dias seguintes, tendo a chance de conviver por algumas semanas com ele.

Nesta estada dele, a gente fundou o Instituto Gaúcho de Permacultura, e o Bill Mollison fez questão de botar 5 mil reais (não lembro como era o nome do dinheiro naquele tempo); no estatuto do Instituto consta que ele “começa com o dinheiro doado nesse momento pelo Bill Mollison”, o que foi um privilégio da gente. Porque o Bill, nessa altura da vida, terminou o curso e ia pro Equador ou pra Colômbia pra dar outro PDC, só que o avião de Porto Alegre não decolou por causa do clima, e só tinha voo depois de 4 dias. E aí ele ficou 4 dias no 'Pé na Terra', que foi o meu grande privilégio de viver com ele esses dias exclusivamente lá, com ele nos dando orientação do que fazer para o sítio ficar mais perto da permacultura.

Sobre o curso, que aconteceu no Parque Saint Hilaire (onde se localizava o Horto Municipal, à época sob gestão da capital gaúcha, hoje sob a gestão da prefeitura de Viamão), Ananta nos conta que foram 10 dias consecutivos de aula, o dia todo, manhã e tarde, com Bill Mollison e Scott Pittman, dos Estados Unidos, como professores. Ele lembra que

o curso foi tão impactante que... não vou dizer que mudou minha vida, porque eu já tinha toda uma vivência com ecologia e com agricultura biodinâmica, mas deu uma visão muito mais ampla da permacultura. Isso foi um impacto muito poderoso, porque eu comecei a ver não só a relação da agricultura, mas também com o entorno, com o mundo, principalmente com a questão energética, que é nó da ecologia, o nó da sustentabilidade (...) O curso pelo que me lembro foi pago. Não foi muito caro mas foi pago. Eu não tenho a menor ideia de como foi a seleção dos participantes, mas na maioria eram pessoas ligadas a área. Tinham arquitetos, agrônomos, agricultores. Tinha de tudo na verdade, mas acho que a maioria eram agrônomos e paisagistas. Eu acho que éramos um grupo de vinte e poucas pessoas, o Toni Backes, que é um paisagista conhecido nacionalmente hoje; o Paim; a Marsha Hanzi, lá da Bahia...

Ele nos conta ainda de suas impressões acerca de Bill Mollison, graças a essa possibilidade de convivência um pouco mais prolongada, por ser seu anfitrião e acompanhá-lo por praticamente todos os dias no Brasil. Ele lembra de Bill como

um sujeito de uma energia, e de uma capacidade de motivar os alunos, e de mostrar as coisas... enorme. E um dos nossos papos, ele tomou uns tragos, e me disse que o motor dele era a raiva: “*the anger*”. E eu disse “como assim?”. A indignação pelo que a gente tá fazendo com o planeta e com as nossas vidas chegava a tal ponto que ele tinha raiva. Ele queria tentar mudar esse modelo, esse parâmetro, para que as pessoas fossem mais felizes. Um homem profundo. E ao mesmo tempo muito brincalhão e alegre quando ele estava fora da raiva permacultural dele [risos]. Um cara muito

gozador. E um grande professor, um grande mestre. Ele passou vários dias no sítio. Então toda hora ele estava dando ideias: “você tem água? Então você tem que engarrafar essa água e vender; ela vai ser o melhor negócio do mundo, vai vender mais caro do que petróleo”.

Três anos após o PDC, Ananta se mudou para o Chile, aonde vive até hoje, afastando-se do protagonismo na difusão da permacultura no Brasil, mas levando para suas práticas pessoais, a pequena escala, todo o conhecimento e sensibilidade adquiridos. Ainda sobre esse primeiro PDC realizado com apoio da Prefeitura de Porto Alegre, cabe citar que a mesma, à época, se encontrava sob a gestão de Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores (PT), conhecido por sua aproximação com os movimentos sociais populares, sua simplicidade e afinidade com as questões rurais.

No período de 1992 à 1995, acontece o que a jornalista e pesquisadora Rafaelle Mendes chama de “1ª Onda”. Estimulado pelas “discussões suscitadas com a ECO 92, o 'movimento permacultural brasileiro' cresceu rápido e não tardou para que surgissem os primeiros institutos nacionais dedicados à formação, à capacitação e à divulgação da permacultura no país” (SILVA, 2013, p. 167). Ainda no ano de 1992, em 27 de setembro, após a realização de um curso de Introdução à Permacultura ministrado por Marsha Hanzi e Didier Bloch, é fundado o IPB (Instituto de Permacultura da Bahia) com sede na casa de Marsha, no condomínio Águas Finas, em Lauro de Freitas. Cabe ressaltar que essa fundação se deu pouquíssimo tempo depois de finalizado o PDC em Viamão/Porto Alegre. O IPB é considerado o primeiro Instituto de Permacultura do Brasil, ao lado do Instituto Gaúcho (IPERS), que não teve prosseguimento, existindo ainda hoje em estado de latência.

Com relação à história do IPB, em 1993 foi realizado o primeiro curso de Permacultura em uma faculdade de agronomia no Brasil (durante a Semana Agrônômica da Universidade Federal do Espírito Santo). Além da “Organização do primeiro curso de Permacultura em Terras Secas, realizado em parceria com o IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada), em Juazeiro (BA). Com os facilitadores: Marsha Hanzi, Ianto Evans e a arquiteta mexicana Alejandra Caballero”³⁶.

No ano de 1994, a equipe do IPB realizou um PDC em Salvador entre os dias 28 de fevereiro e 13 de março, além de diversos cursos para estudantes de agronomia, e de seu grande empenho na divulgação da permacultura por meio da publicação de artigos e entrevistas. Neste ano ocorre também a fundação do IMCA (Instituto Morro da Cutia), em

36 - Segundo consta no site da entidade. Disponível em <<http://www.permacultura-bahia.org.br/interna.php?cod=7>>. Acesso em janeiro de 2017.

Montenegro, região metropolitana de Porto Alegre, organização parceira em ações pontuais junto a indivíduos e grupos ativos no cenário brasileiro e ainda incipiente da permacultura.

Em 1995, Marsha trabalha como instrutora em um curso de Introdução ao Desenho Permacultural Amazônico realizado pela PAL (Permacultura América Latina), e, entre julho e agosto, é realizada a Primeira Conferência Brasileira de Permacultura, no Centro de Treinamento de Líderes, em Salvador, a qual citamos brevemente no capítulo anterior, ao falar das Convergências e Conferências. Entendemos que, neste momento, fica clara a existência de uma comunidade relativamente ativa e organizada em andamento, com centenas de praticantes da permacultura fixados no Brasil, muitos deles devidamente capacitados através de cursos desenvolvidos entre os anos de 1992 e 1995 e vários tendo comparecido à primeira conferência realizada em território nacional.

2.3.3. Ativação e institucionalização: RBP, PAL e IPC8 (1995 - 2007)

A etapa seguinte, aqui nomeada 'Ativação e institucionalização', compreende o período entre os anos de 1995 e 2007, também conhecido como 'Segunda Onda' (MENDES, 2010), onde se empreendem esforços ainda maiores para consolidar e ampliar o alcance da permacultura no Brasil por uma série de iniciativas e ações de seus precursores. Essa ativação conta com uma injeção de recursos oriundos de parcerias junto a organizações internacionais (majoritariamente a Permacultura América Latina, PAL) para a consolidação dos primeiros institutos, para edição de periódicos e para financiar treinamentos e capacitações em todo o país.

A PAL é uma organização não-governamental fundada em Santa Fé, nos Estados Unidos, pelo iraniano Ali Sharif, no ano de 1989 – Sharif é um dos maiores 'discípulos' de Molison, tendo recebido dele a responsabilidade de difundir a permacultura em território latino-americano. O principal objetivo da PAL é o de colaborar com apoio técnico e financeiro para a difusão da permacultura nos países da América Latina. Ela assessora, apoia e coordena projetos no Equador, Peru, Haiti, Guatemala e Brasil, onde acompanha os institutos vinculados à RBP (IPA, IPEC, IPEP e OPA). A partir de 1995, a PAL recebe a missão específica de promover a permacultura pela amazônia brasileira, o que se realiza em parceria com o governo no Projeto Novas Fronteiras da Cooperação para o Desenvolvimento

Sustentável (PNFC) vinculado ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

é interessante observar o papel desempenhado pela ONG estadunidense Permacultura Latino-Americana (PAL). Graças aos fundos levantados por ela e também à sua rede de articulação político-institucional, muitas das ações iniciais levadas a cabo pelos institutos ligados à Rede Brasileira de Permacultura puderam prosperar, como, por exemplo, o programa de divulgação e disseminação da permacultura entre pequenos agricultores, desenvolvido dentro do “Projeto Novas Fronteiras da Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável” (PNFC), da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Fundada pelo iraniano Ali Sharif em 1989 para “servir como apoio técnico e financeiro na introdução pioneira do conceito de design permacultural em projetos de desenvolvimento sustentável em toda América Latina”, as ações da PAL ajudam a iluminar uma série de aspectos interessantes do movimento permacultural. Em primeiro lugar, por ser mantida financeiramente por doadores privados e por fundações internacionais (estadunidenses e europeias) e manter fortes vínculos com instituições decisórias nacionais e mundiais, a PAL é um dos muitos exemplos que comprovam não ser de todo correta a ideia sustentada por Holmgren (2004) de que o desenvolvimento mundial da permacultura tem ocorrido basicamente graças à ação (individual e coletiva) dos permacultores (SILVA, 2013, p. 169).

O citado programa do Ministério da Agricultura e do Abastecimento foi incentivado e financiado também pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). No Brasil, ele foi coordenado pelo permacultor André Soares, fundador do IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado), e formou gratuitamente mais de 2000 permacultores entre os anos de 1997 e 1999, em sua maioria pequenos agricultores interessados em conhecer as alternativas ecológicas e sustentáveis para a produção de alimentos. André Soares, um de nossos entrevistados, é uma das pessoas fundamentais para todo o processo de difusão e consolidação da permacultura no Brasil:

Fiz meu primeiro PDC em 1993 com Bill Mollison, depois outros com Max Lindegger. Fundei o IPCQ (Instituto de Permacultura Central Queensland) no mesmo ano. Fundei a Rádio NAG também na Austrália no ano seguinte, a primeira rádio permacultural no mundo. Ao voltar ao Brasil [em 1997] trabalhei 1 ano e meio com o PNUD e realizei 20 PDCs gratuitos em vários estados.

No período atual, onde existe uma presente crítica relativa à mercantilização da permacultura através dos caros cursos oferecidos por alguns centros e institutos (em especial por aqueles membros da RBP, como IPEC, IPA e IPEP), tal fato histórico é muita vezes omitido, e é preciso citar essa difusão gratuita realizada em meados da década de 1990. Note-

se o fato de que tais cursos possuíam financiamento de organizações governamentais nacionais e internacionais cujo valor não obtivemos sucesso em averiguar. No entanto, isso corrobora com a leitura de que é imprescindível para o crescimento da permacultura que seus profissionais e militantes remunerados pelos seus trabalhos e esforços, para que possam continuar se dedicando a eles. A questão central é que, nos dias de hoje se estabeleceu a cultura e a prática generalizada de que a remuneração dos professores e professoras venha do pagamento pelas inscrições dos participantes quando, em um passado não muito distante, a história nos mostra a possibilidade de pensar em outro modelo de financiamento, oriundo de agentes externos, possibilitando com que os cursos sejam gratuitos ou realizados a valores muito baixos, proporcionando acessibilidade e democratizando o acesso ao conhecimento na ponta.

Entre os anos de 1995 e 1999, as principais ações foram vinculadas à expansão da permacultura via PAL e por meio dos PDCs financiados pelo PNUD.

No ano de 1998, uma outra importante ação (financiada pela PAL/RBP) foi a edição da revista trimestral “Permacultura Brasil”, que lançou 16 números até o ano de 2004. O intuito da publicação era o de integrar conhecimentos, iniciativas e recursos para promover soluções eticamente responsáveis, buscando incentivar permacultores e o público em geral a praticar a cultura da sustentabilidade (ou cultura da permanência), e desenvolver projetos que viessem a contribuir para o amadurecimento da consciência ecológica no Brasil. A publicação, durante seus 6 anos de existência, passou pelas mãos dos editores Fernando Soares, Sérgio Pamplona e Nina Rodrigues.

Figura 9 - Capa da Revista Permacultura Brasil nº 01, de 1998

Fonte: Arquivo pessoal de Sérgio Pamplona

Em sua última edição, a de número 16, Sérgio Pamplona e Nina Rodrigues trazem um editorial que se tornou antológico, com críticas incisivas (porém até então veladas) sobre o cenário da permacultura no país e seus principais agentes propulsores. Este editorial, junto com a fundação da Rede Permeiar, representa para nós o que chamamos de início da 'etapa crítica', o momento seguinte desta historiografia, onde a comunidade permacultural atinge a maturidade e busca sua autorregulação a partir de outras perspectivas de expansão e de visão política e social, criticando algumas das leituras e opções dos protagonistas da etapa anterior, durante o período de institucionalização. Sobre isso nos debruçaremos no tópico seguinte.

Entre o final dos anos 1990 e o começo dos anos 2000, “acompanhando um ritmo verificado em nível mundial, o movimento continuou crescendo a passos largos, com a formação de um número cada vez maior de permacultores e a criação de novos institutos” (SILVA, 2013, p. 167). Conforme nos relata a jornalista Rafaelle Mendes em seu trabalho de

conclusão de curso intitulado “Perma o que?” (2010), a realização dos PDCs entre 1997 e 1999 é responsável por formar pessoas importantes no movimento como André Soares (IPEC), Carlos Miller (IPA), João Rockett (IPEP), Jorge Timmermann (IPAB), entre outros que, mais tarde, assumiriam a liderança dos institutos integrantes da RBP, como parte da chamada 2ª onda da permacultura brasileira. Estabelece-se então a criação de seis centros biorregionais, alocados em cada um dos seis diferentes biomas brasileiros (cerrado, pampas, mata atlântica, amazônia, caatinga e pantanal) para que se pudesse estabelecer uma referência prática do fazer permacultural em cada uma das realidades naturais do país.

Em meados de 1999 a PAL apoia a fundação da Rede Brasileira de Permacultura. A RBP tinha como suas principais funções organizar e elevar o crescente corpo de projetos voltados para soluções práticas a um nível significativo capaz de trazer mudanças de maior tamanho, incorporando um padrão de excelência e receptividade a quem ensina e aplica o design permacultural. Naquela época a formação da RBP reflete o que acontece em outras regiões do planeta onde outras instituições permaculturais se organizaram em fonte de recursos que possam ser trocados com outros grupos de Permacultura. Os responsáveis pela fundação da RBP, Rede Brasileira de Permacultura foram: o Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB) em Santa Catarina, o Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA) no Amazonas. Instituto de Permacultura do Cerrado (IPEC), em Goiás e o Instituto de Permacultura dos Pampas (IPEP), no Rio Grande do Sul – atualmente desativado (MENDES, 2010, p. 84).

A partir de 2002 começam a aparecer as primeiras divergências de pensamento entre os permacultores brasileiros, vinculadas a diversas questões, dentre as quais a importância de valorizar a formação humana, a construção de redes e da popularização e democratização do acesso aos cursos e ao conhecimento. É por volta dessa época que Jorge Timmermann opta por fechar o IPAB e começa a trabalhar na construção de uma rede de permacultores, uma rede de pessoas e não de institutos. Tal rede viria a se tornar a 'Permear', da qual trataremos a seguir. Jorge e Suzana, sua esposa, com a participação de diversas outras pessoas, começaram a mobilizar as pessoas que já haviam passado por seus cursos e atividades e, rapidamente, foram capazes de articular muita gente.

Com a saída do IPAB, a RBP fica constituída por IPEC, IPA e IPEP, sendo que, mais tarde é incorporada também a OPA – Organização Permacultura e Arte. André Soares, em entrevista nos conta que

A rede foi uma confusão desde o princípio. Questões de poder. Nem sei se foi oficializado algum dia. Foram só brigas e delírios. Eram 4 institutos mas seus líderes não se entendiam. Não houve uma "seleção" [para quais institutos seriam financiados

e quem seriam seus líderes]. Foi uma tentativa de socialização fracassada. A maior parte do dinheiro dos primeiros institutos veio da PAL. Não faço ideia do total mas nunca foi muito. Para fundação do IPEC recebemos 20 mil dólares que usamos para organizar os primeiros cursos. O resto foram recursos pessoais (economias) que usamos para comprar ferramentas, etc.

Observando a dinâmica estabelecida para a difusão da permacultura durante este período, e tendo em vista a configuração socioeconômica brasileira predominante, fatos como a profissionalização da permacultura e a realização de cursos a valores consideravelmente elevados (tomando por base o poder aquisitivo da população), possivelmente contribuíram para a pouca ressonância popular do movimento nestes anos, restrito a parcelas minoritárias da sociedade. Outra pista que poderíamos levantar está ligada ao alto, rápido e desordenado investimento financeiro feito para a consolidação dos primeiros Institutos vinculados à Rede Brasileira de Permacultura, desconectado de uma articulação nacional mais profunda, tendo diversos de seus protagonistas oriundos de outros países ou brasileiros retornando ao Brasil depois de estada no estrangeiro, como nos relata acima André Soares, ao falar sobre a RBP.

Outro membro ativo desta Segunda Onda, Carlos Miller, do IPA, nos conta que

o primeiro apoio veio do PNFC. (...) cerca de 90 mil dólares que foi utilizado para a construção de um bom viveiro, estruturas básicas produtivas e para possibilitar uma estratégia de coleta de sementes em vários pontos da Amazônia

Alguns outros poucos trabalhos (tendo em vista a permacultura ser um tema recente e pouco explorado em termos acadêmicos) trazem informações e entrevistas mais detalhadas sobre a biografia e trajetória dos principais agentes e institutos de permacultura da chamada 'segunda onda', de maneira que, neste estudo, nos atemos a uma explanação mais geral dos principais fatos e desdobramentos³⁷.

Para finalizar esta terceira etapa em nossa historiografia, precisamos falar da IPC8, realizada no Brasil em maio de 2007, a qual apresentamos brevemente em capítulo anterior. Para nós, ao mesmo tempo que este é um marco apoteótico no processo de desenvolvimento da permacultura no Brasil, ele é também a prova cabal da existência de um outro polo organizado de permacultores e permacultoras que vinham já buscando outras formas de fazer, pensar e falar de permacultura no país, trazendo algumas críticas e, indiretamente, apresentando uma cisão com determinadas visões e metodologias até então hegemônicas. Uma análise aprofundada da história da Oitava IPC – que não faremos aqui – nos demonstra

37 - Sobre isso, recomendamos a leitura do trabalho da jornalista Rafaelle Mendes (2010), que apresenta uma compilação de entrevistas detalhadas sobre diversos permacultores e seus institutos.

diversos elementos que atestam essa bifurcação de caminhos então consolidada, além de alguns aspectos complementares porém não antagônicos a respeito de como organizar o movimento no Brasil.

É possível observar, por exemplo, que as atividades da Conferência e da Convergência Internacional de 2007 acontecem todas em espaços vinculados à RBP, tais como IPEC, IPA e OPA; o mesmo se dá com o nome dos principais palestrantes e expositores, todos fortemente relacionados com os representantes da Rede Brasileira.

Já a vinda de David Holmgren ao Brasil torna o cenário e a cisão ainda mais clara, pois o co-criador do permacultura transita apenas por espaços vinculados ao outro 'bloco' da permacultura, em especial àqueles conectados a Rede Permear, em atividade desde 2004. David Holmgren realiza 4 cursos avançados de permacultura no Brasil, sendo eles no Sítio Çarakura, em Florianópolis; no Sítio Beira Serra, em Botucatu; em Brasília, com Sérgio Pamplona; e na Bahia, com Marsha Hanzl.

Bill Mollison, por sua vez, na sua vinda ao Brasil, visitou outros lugares. Tal fato reforça os relatos sobre este velado porém conhecido 'afastamento' entre Bill e David, que optaram por caminhos distintos e não cultivaram mais uma relação de proximidade após a publicação do primeiro livro juntos, em 1978³⁸. No Brasil, tal divergência entre os co-fundadores da permacultura (hoje entendida pela maioria como posturas complementares, e não antagônicas) fez-se notar especialmente, com grupos diretamente alinhados ao Bill e ao *Permaculture's Institute*; e outros mais próximos de David e de Meliodora.

Andrea de Oliveira, pedagoga e uma das fundadoras do Instituto Çarakura, nos conta em entrevista que

Em 2007, ia ter a Convergência Internacional de Permacultura aqui no Brasil, e o David Holmgren ia vir. Então a gente falou brincando: “Ah, vamos trazer o David aqui pro Çarakura”. Ele estava lançando o livro dos “12 Princípios Avançados de Permacultura”, e tinha essa intenção de dar 4 cursos, porque era o tempo que ele tinha antes da Convergência (...) e acabou que esse curso dos princípios avançados do sul do Brasil foi no Çarakura! O David (...) ele é uma pessoa muito sensível, muito humilde, gente como a gente, e isso pra mim foi o que mais desmistificou. Porque, na época, existiam já algumas 'panelinhas' da permacultura, infelizmente. E aí, tinha a panelinha do sul que não queria que o curso fosse no Çarakura, principalmente porque a gente estava levando uma corrente de socializar a permacultura, de trazer cursos gratuitos,

38 - Diversos relatos apontam que tal divergência se deu com relação às posturas adotadas após a publicação do primeiro livro, o *'Permaculture One'*. Enquanto Bill Mollison optou por continuar escrevendo, por abrir os institutos e espalhar a permacultura pelo mundo, David Holmgren preferiu se recolher em seu sítio e praticar tudo o que haviam proposto profundamente, tendo voltado a escrever apenas muitos anos depois, quando a permacultura já era um movimento mundial graças aos esforços implacáveis de difusão empreendidos inicialmente por Mollison.

curso de baixo custo, de levar oficinas pra universidade; e isso desbancava um grupo que cobrava, e achava que só eles que podiam fazer permacultura.

Ainda sobre a vinda de David Holmgren ao Brasil, o arquiteto e permacultor Tomaz Lotufo, que participou ativamente dessa história conta que

a Permear trabalhou muito bem, na hora de receber David Holmgren. O Skye trouxe a notícia de que o David queria vir pro Brasil antes da convergência, e perguntou se a gente não conseguiria se articular para recebê-lo. Tinha um custo de passagem e o custo dele no Brasil. A ideia era aproveitar pra ele fazer atividades aqui. Isso, com a gente tendo uma rede, foi fundamental, porque rapidamente a gente se reuniu e organizou a passagem do David por Santa Catarina, São Paulo, Botucatu, Brasília e Bahia (...) a gente se articulou super bem, pagamos a passagem, fizemos vários cursos, muita gente participou, e foi histórico. Em São Paulo eu estava bem dentro da história, e a gente levou ele pra UMAPAZ. Ele deu uma palestra que coincidiu com a época do *Gaia Education* gratuito, então aquele salão estava lotado, com umas 200 pessoas. E depois ele foi lá pro Sítio Beira Serra, em Botucatu, e deu esse curso avançado. Aí também em Brasília, e deu no IPB. Nessa época também veio o Bill Mollison para convergência, e eu tive a honra de receber ele no restaurante do meu pai, aqui em São Paulo. Ele fez também os seus corresponsabilizados por aí, e a gente fez uma palestra com ele que foi sensacional. Nesse caso foi uma coisa meio que em parceria com o IPEC, e a PAL, Permacultura da América Latina. No evento estavam o André Soares, o Ali Sharif, etc. Foi fantástico (...) A Permear foi muito forte nessa época. A rede foi capaz de absorver a vinda de um cara como esse, ele ser muito bem recebido e, ao mesmo tempo, semear em muitos lugares, pra muita gente, as propostas dele.

Simpatias e antipatias são fenômenos comuns e é compreensível que posturas e abordagens distintas atraiam públicos distintos. Seja como for, é importante frisar que os relatos e entrevistas que realizamos apontaram por inúmeras vezes para a existência de um profundo 'racha' no movimento permacultural brasileiro, em especial a partir de 2004. Alguns citam este fato como motivação para a inexistência de novas Conferências Brasileiras, que nunca mais aconteceram depois de 1997, segundo o que se tem registro; e também para a inexistência de uma rede sólida de troca e intercâmbio da comunidade (a despeito das tentativas da Permear e da Permacultura Social Brasileira, a PSB³⁹). Entrevistas também apontam para a leitura de que as 'feridas abertas' no movimento estão prestes a sarar, inaugurando-se a possibilidade de um novo período de reorganização.

É importante frisar a existência de uma percepção atual acerca da complementaridade das abordagens. Em outras palavras, existe o reconhecimento de que o papel inicial dos Institutos e da etapa de ativação foi fundamental e necessária para todos os

39 - A Permacultura Social Brasileira (PSB) é uma comunidade online para intercâmbio de informações, conhecimentos e possibilidades de trabalho, cursos e voluntariados no país. Ela funciona como uma rede social e foi criada por Ricardo Bortolato em 2009 e chegou a contar com 12 mil membros. O espaço de fórum encontra-se desativado, e a principal interação da PSB se dá hoje por meio de sua página no facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/redepsb/>>. Acesso em janeiro de 2017.

desdobramentos futuros sendo que, mesmo com a existência de divergência, existe uma grande sensação de respeito e gratidão generalizada entre todos os protagonistas das distintas etapas.

2.3.4. Etapa crítica: outras perspectivas e a Rede Permear (2004-2008)

Para fins de nossa historiografia, dois fatos principais inauguram essa quarta etapa aqui chamada de 'Etapa Crítica' da permacultura no Brasil: a fundação da Rede Permear (após a saída do IPAB da RBP), e o encerramento da revista Permacultura Brasil, com editorial final escrito por Sérgio Pamplona e Nina Rodrigues, ambos em 2004. É interessante notar a simultaneidade desta quarta etapa com momentos da etapa anterior, tendo em vista que ela (a terceira etapa) continua seu movimento ascendente até 2007, quando da realização da IPC8, no Brasil.

Neste famoso editorial da última edição da Revista Permacultura Brasil, tido por alguns como um verdadeiro e sucinto manifesto, escancara-se (ainda que sem maiores esclarecimentos e exposições), a existência de uma fratura no movimento permacultural brasileiro.

Uma revista não se faz apenas do desejo nem do empenho de poucos. Precisa de uma conjunção de interesses, de uma intensidade de forças e de uma certa insistência obstinada, como tudo aquilo que nasce das mãos de quem acredita que é possível mudar o mundo. Precisa, acima de tudo, de corações abertos e espíritos democráticos para desviar-se da vala comum dos instrumentos de poder que servem aos interesses e as ideias de uns poucos. Quando falta um destes pressupostos, a revista e qualquer outro meio estão fadados ao fim. Aconteceu com Permacultura Brasil. Perdoem-nos porque não vamos aqui tornar pública a história que está por trás de nossa decisão. Acreditamos que, para o momento, há coisas mais importantes a serem ditas (editorial da Revista Permacultura Brasil, nº 16, 2004, p.3)

Em paralelo aos elementos que levaram à escrita deste editorial de encerramento, acontece também, desde 2002, a articulação para a formação de uma rede brasileira de permacultura alternativa à RPB, que, sincronicamente, também é fundada no ano de 2004. Sobre ela, e em entrevista, Tomaz Lotufo nos conta que

Em 2002, o que acontece, é que ninguém sabe o que é permacultura. Era uma época em que os Institutos, eram super importantes porque traziam visibilidade. Nesse

período, eu comecei a fazer PDCs em Botucatu. Eu, o Lucas, meus primos, etc. Então eu encontrei o Jorge Timmermann na volta do Fórum Social Mundial. Lembro que a conversa com ele era assim: “olha, legal os institutos, mas agora tem muitos permacultores se formando; tem pessoas se formando, e vai chegar o momento onde o protagonismo não deve estar mais com os institutos, mas sim com os permacultores fazendo”. E é com essa ideia que surge a Permear. Nessa época, eu e muitos outros permacultores começamos a nos empoderar, e o Jorge foi vendo que não tinha sentido mais em ser um instituto. Ele juntou um monte de permacultores que estavam orbitando próximos ao trabalho dele. Tinha o Sérgio Pamplona que também fazia parte da RBP; tinham outros permacultores do sul que também estavam se encontrando... enfim, a gente começou a juntar um grupo (...) Então fomos fazendo formação, discutindo permacultura, e no momento que o Jorge sai da RBP pensa “bom, agora vamos fazer uma rede de permacultores”, e a Permear surge nesse lugar. (...) Foi muito legal, porque a gente teve o privilégio, lá no Sítio Beira Serra, de juntar todo mundo desse grupo. Tinha gente de Brasília, do Sul, de São Paulo... e lá o Sérgio com a companheira dele na época sugeriram o nome Permear, e assim foi fundada a Rede. No fim, a Rede Permear surge pelo afeto, aquilo que você já me viu falando, e que eu insisto muito: rede não se decreta, ela se costura, por confiança – confiar. (...) a gente tomou esse passo como uma continuidade do que estava acontecendo nos institutos, agora uma rede não de institutos, mas de permacultores.

Dessa forma, no ano de 2004, no Sítio Beira Serra, nasce a Rede Permear para dar vazão aos anseios trazidos à época por parte significativa dos(as) praticantes de permacultura no Brasil. Tomaz continua nos contando sobre o desenvolvimento da rede e as principais questões debatidas naqueles anos

A gente começou a fazer encontros frequentes, (...) fizemos encontros em Santa Catarina e também lá em Brasília com o Sérgio, com o pessoal do IPOEMA. A Marsha Hanzi entrou na Permear; o Guilherme lá do Paraguai; o Skye com a Ivone... que tinha o Instituto de Permacultura do Cerrado e Pantanal; o Marcelo Bueno com a Cris, do IPEMA... então, nesses encontros iam chegando pessoas, parceiros e novos permearers, o que fazia a discussão ir ficando rica e interessante, com várias propostas, a gente discutia questões pedagógicas do PDC, essa questão da certificação, do diploma australiano, da página, das citações, dos caminhos a que a permacultura está levando, e sempre fazia coisas também. Então foi um período super legal que durou alguns anos dessa maneira aquecida (...) uma coisa que foi muito forte foi a formação de professores, que era uma das grandes questões; e também o PDC ficar mais barato, mais acessível.

Ao final ele conta que devido a uma questão de escala, a rede foi sendo aos poucos desativada, e fala como a vê hoje

Não é que a Permear terminou, mas ela deixou de se formalizar, e isso é muito interessante, porque a permacultura começou a crescer demais, e começou a ter uma demanda de um monte de gente querendo participar da Permear, e a gente sem saber o que fazer (...) uma rede se faz por afeto, ela precisa de cola, de liga. Ela tem solidez, ela trabalha bem na medida em que tem esse afeto, e afeto é olho no olho, é confiança, tudo aquilo que a gente conhece bem. E na medida em que veio uma demanda de

crescimento para a Permear, ela foi perdendo o seu sentido, porque para a gente crescer teríamos que abrir mão do afeto. E aí, qual é o sentido de tudo isso? Então a gente simplesmente foi parando de falar e de se articular como Permear (...) a gente parou de falar dela, não decretou um fim, não aconteceu uma data onde ela deixou de acontecer (...) E eu acho que a Permear ainda existe na verdade. Essas pessoas continuam se articulando, dialogando, não com aquela intensidade, mas os cursos de formação de professores ainda acontecem, ainda tem muita troca (...). A permear está aí, mas enquanto uma estrutura invisível (...) E logicamente, cada um da Permear tem muitas conexões, eu hoje tenho muita conexão com o Veracidade, o Curare, com o PermaSampa, com outros coletivos que fazem parte desse braço. Então, na verdade, será que o Curare, o Veracidade e o PermaSampa não são dessa Permear invisível? Isso que é o tesão do afeto, a rede está aí, ela acontece. Na hora que a gente precisar se articular, a gente consegue.

Em síntese, podemos dizer que a chamada 'Etapa Crítica' da permacultura se inaugura em meados de 2004, com o encerramento da revista Permacultura Brasileira e com o nascimento da Rede Permear, que se movimenta mais ativamente até meados de 2008 quando entra em 'latência' devido à impossibilidade de gerir seu crescimento incompatível com os propósitos de proximidade, horizontalidade e autogestão. Seu propósito é criar um ambiente de acolhimento para novos permacultores e permacultoras e promover o intercâmbio de experiências, conhecimentos e saberes, bem como democratizar o acesso a esse universo até então restrito a uma minoria da população. Entre outras coisas, estava nos objetivos da rede manter um site e uma revista, que teve apenas um número por uma questão financeira, já que não foi possível angariar fundos para financiá-la. O site também não se encontra mais no ar nos dias de hoje.

2.3.5. Popularização (2008 – hoje)

Entramos então naquela que consideramos a quinta e atual etapa do desenvolvimento da permacultura no Brasil, e seu principal propósito é a 'popularização' da mesma. É necessário reforçarmos que essas divisões estão aqui estabelecidas apenas para fins didáticos, e não significam compartimentos estanques. Além do mais, vários dos indivíduos e grupos que protagonizaram as diferentes etapas, desde os primórdios da permacultura no Brasil, continuam atuando nos dias de hoje. Em outras palavras, as transições aqui apresentadas não significam rupturas bruscas que tenham soterrado práticas passadas, mas a emergência

organizada de novas abordagens e perspectivas, portadoras de outros métodos, práticas e análises. É desta forma que devemos encarar esse capítulo de historiografia.

A partir de 2008, tendo o movimento de permacultura atravessado distintos momentos, o que possibilitou a formação e a análise crítica da história e de práticas anteriores, uma 'nova onda' (possivelmente a terceira) de permacultores e permacultoras começaram a questionar a elitização do acesso à permacultura dada a realidade de seus cursos e formações inacessíveis em termos financeiros para a maioria da população. Além disso, uma série de outras barreiras, de natureza estética, linguística e comportamental começaram a ser também criticadas perante a necessidade de dialogar e abarcar uma parcela cada vez maior da população. Essas percepções foram principalmente fruto do crescimento lento e comedido da permacultura, e da dificuldade de penetração em territórios periféricos e tradicionais, ficando o movimento majoritariamente restrito a grupos universitários e de classe média⁴⁰.

Surge então uma leva de grupos e indivíduos que apontam para o que, mais tarde, seria entendido como 'permacultura popular'. Ou seja: ações permaculturais preocupadas com a democratização e a popularização da prática e do conhecimento da permacultura. Essas ações se multiplicaram na forma de PDCs a custos reduzidos, na distribuição de bolsas de estudo, nos programas de voluntariado e vivência, e em outras inúmeras formas não monetárias de tornar menos exclusivo o acesso à permacultura e levá-la a espaços periféricos, socializando seus saberes e incorporando novos grupos e indivíduos. Mas ao falar em 'popularização', tal abordagem não se restringe à difusão pura e simples do conhecimento, mas sim do empoderamento das camadas sociais historicamente desfavorecidas e marginalizadas; ou, em outras palavras, os sujeitos oprimidos e oprimidas. Não se trata de levar a eles o conhecimento como uma luz salvadora, mas justamente do oposto: trazê-los para dentro do movimento como sujeitos fundamentais para fazer daquela ferramenta algo realmente emancipador. Essa inversão demonstra como há realmente uma rua de duas mãos em jogo: as pessoas podem se beneficiar a partir da permacultura; e a permacultura se beneficia com o afluxo dessas pessoas que dela se empoderam.

Este movimento desembocará em iniciativas como os PDCs Populares do Grupo Curare, em Botucatu; nos trabalhos da Associação Veracidade, em São Carlos; Pupa, em São José dos Campos; Estação Luz, em Ribeirão Preto; Quebrada Sustentável; PermaPerifa; dentre tantos outros hoje em atividade.

40 - Isso não quer dizer que não tenham sido realizados trabalhos pontuais anteriores junto a movimentos sociais ou povos tradicionais no Brasil. Podemos citar como exemplo os projetos de formação de assentados da reforma agrária no Rio Grande do Sul protagonizado por João Rockett, do IPEP, junto ao MST; ou os trabalhos com povos indígenas e quilombolas desenvolvido por Ney Silva, do Sítio Çarakura; ou ainda os PDCs gratuitos para agricultores promovidos por André Soares em parceria com a PAL e o PNUD.

Consideramos o permacultor Thomas Enlazador como uma das figuras pioneiras nesse sentido. Abaixo, ele nos narra um pouco de sua trajetória neste momento histórico:

A gente fez o primeiro curso de permacultura com essa proposta de permacultura popular, que foi em 2008, lá no Ecocentro Bicho do Mato. Estávamos eu, o Marcos Ninguém, o Luiz Vieira, o Tchela, e muita gente que hoje está trabalhando com permacultura no sul da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco. E foi um sucesso. Teve mais ou menos umas 50 pessoas. A gente cobrou um valor bem legal, e começamos a mudar um pouco, a complementar o currículo, a grade e a ementa do PDC, que a gente considerava um pouquinho fora do contexto brasileiro, e fora dos contextos biorregionalistas. E aí começamos a fazer essa adaptação também

Thomas conheceu a permacultura em 2001, com Sérgio Pamplona, e fez seu primeiro PDC em 2006, com Marsha Hanzi, tendo vivenciado alguns dos momentos de intensidade da Rede Permear. Militante das causas sociais e ambientais, encontrou na permacultura uma incrível ferramenta para potencializar seus projetos, e desde então tem se aprimorado. Seu principal foco é o que ele chama hoje de 'design social', uma vez que reconhece uma lacuna nesse tipo de formação dentro da comunidade permacultural brasileira

Eu sou a favor da politização da permacultura, acredito que a permacultura tem que estar mais presente nos processos de construção política com os movimentos sociais e ambientais. Ela deveria se pautar e se tornar política pública, a exemplo da agroecologia. Mas a permacultura ainda é um movimento bastante elitizado, onde a maior parte dos permacultores no Brasil são brancos, filhos de classe média e classe média alta, que não tem formação política (...) acho que a permacultura no Brasil precisa se voltar mais para os movimentos sociais e para as comunidades tradicionais, democratizar mais esses cursos, viabilizar financeiramente eles, e não transferir o custo do curso para as inscrições, e de alguma forma a gente começar a pensar numa federação ou numa Associação Brasileira de Permacultores e que possa ter uma incidência política forte nessas instâncias legais

Considerado um sujeito polêmico, Thomas é um dos principais entusiastas da politização da permacultura, superando essa abordagem descolada dos processos sociais locais e enxergando a permacultura como uma ferramenta de superação estrutural da ordem estabelecida, que pode ser utilizada para promover transformações amplas e reais na vida das pessoas, encarando as contradições sistêmicas postas em nossa sociedade. Recentemente, desenvolveu um curso batizado PDS (Permacultura e Design Social) que começa a aplicar em algumas localidades do Brasil, sendo uma espécie de PDC com enfoque social.

Quanto ao momento presente, e por ter vivido vários momentos e dialogar com diversos 'atores' do cenário, Thomas acredita que é necessário

sair um pouco dessa disputa, desse jogo de ego. Eu acho que o momento agora é da permacultura se emancipar enquanto movimento, e trazer mais pra dentro esses permacultores antigos que não estavam muito conscientes da importância política da permacultura

Realmente trata-se de um tópico da maior relevância a inclusão e reaproximação das diferentes 'escolas' de permacultura no Brasil que, como falamos anteriormente, vivenciaram (e em certa medida ainda vivem) uma nítida cisão, prejudicando os processos organizativos e de formação de redes que poderiam apresentar forte impacto no sentido de popularizar e difundir o movimento para maiores parcelas da população, conseguindo incidir mais profundamente sobre a realidade concreta das pessoas.

Mais ou menos na mesma época, no ano de 2007, em Botucatu, algumas pessoas vinculadas ao Sítio Beira Serra (em especial o primo de Tomaz Lotufo, João Paulo Lotufo), voltavam de um PDC ministrado por Skye, em Campo Grande. João Paulo era aluno do curso de biologia da UNESP, engajado com o movimento estudantil e trouxe para seus colegas a experiência e a empolgação com a 'tal da permacultura'. Após várias reflexões e ações iniciais, em parceria com a universidade, no ano de 2009, organizaram um PDC com o intuito de capacitar o grupo inicial e, especialmente, estudantes residentes na moradia universitária que já se organizavam em torno de um projeto de extensão chamado 'Moradia Estudantil Agroecológica', que praticava agricultura e compostagem na moradia. André Santachiara Fossaluza, também estudante de biologia e residente da moradia engajado com o projeto da extensão (e que viria a ser um dos fundadores do Grupo Curare) lembra que

A gente era um grupo de mais ou menos 15 pessoas na moradia, e ninguém nunca tinha feito nenhum tipo de formação em permacultura. E era basicamente impossível da gente fazer um PDC aqui no Brasil. Era muito fora da nossa realidade, acho que naquela época o pessoal pagou uns 750 reais no curso, mais toda a viagem até Campo Grande. Resumindo, era totalmente impossível. Então eu conheci o Tomaz e o Lucas. Eles já atuavam há um bom tempo, mas eu realmente não conhecia. Daí veio a vontade da gente trazer um PDC pra Botucatu. E nesse momento, foi uma parceria muito interessante, que foi o pessoal que foi fazer o curso em Campo Grande, e o projeto da moradia. A gente conseguiu através da universidade, viabilizar um primeiro curso de permacultura aqui em Botucatu que foi em 2009. Na época ele custou 100 reais e teve 10 pessoas isentas, que éramos todos da moradia, e 20 pagantes. Quando a gente conversa hoje em dia sobre como isso foi possível, a gente nem imagina

A partir de então iniciou-se uma dinâmica de cursos populares de permacultura anuais acontecendo em Botucatu, apoiados pela UNESP, e tutelados por Tomaz Lotufo e o grupo do Sítio Beira Serra. Sempre a preços muito acessíveis e com várias bolsas (graças à cessão de infraestrutura por parte da universidade; a dinâmicas de revezamento nos trabalhos;

e outras formas de apoios e patrocínios). Conforme as turmas iam se formando, ia sendo gerada uma massa crítica local que continuava se reunindo e praticando a permacultura em suas vidas. Foi criado um grupo de estudos e, no ano de 2011 o PDC (até então chamado PDC Moradia) passa a se chamar PDC Curare, dando origem ao grupo que, até hoje, realiza uma vez ao ano, na cidade de Botucatu (além de outras parcerias em cidades próximas) cursos de design em permacultura com imensa qualidade, critério e a valores muito mais acessíveis do que os praticados em muitos centros, institutos e estações.

Podemos também considerar o nascimento do Grupo Curare (fortemente influenciado pelo Sítio Beira Serra e, portanto, pelas reminiscências da Rede Permear) como um dos marcos do movimento de popularização de permacultura no Brasil, tendo formado mais de 300 permacultores e permacultoras ao longo desses anos de história, e sobre ele falaremos mais adiante.

É importante também citarmos neste histórico a existência da PSB, Permacultura Social Brasileira, como um fórum catalisador de novas possibilidades. A rede virtual, criada em 2009 por Ricardo Bortolato chegou a contar com 12 mil membros. Por se tratar da iniciativa de um indivíduo relativamente novo no movimento, e de abordagem neutra, pessoas de várias gerações da permacultura começaram a fazer parte da rede, e até algumas pessoas que não se falavam começaram ali a retomar relações. Dessa forma, podemos dizer que a PSB, que hoje não existe mais enquanto fórum, auxiliou no processo de reunificação do movimento permacultural brasileiro, que encontrou um espaço para resistir.

Figura 10 - Reunião dos grupos de permacultura realizada durante o VI ENGA, na Ecovila Tibá, em São Carlos, em 2014

Fonte: Arquivo Grupo Curare

Muitos outros grupos – alguns dos quais abordaremos adiante – fazem parte deste movimento de popularização da permacultura no Brasil, e suas principais reflexões giram em torno de como superar as barreiras e obstáculos que separam o grande público do universo e das possibilidades da permacultura. Criando novos métodos e estratégias para facilitar o acesso aos cursos, atividades e vivências, esses grupos vêm se aproximando de diversos movimentos e indivíduos e, cada qual à sua maneira, vem encontrando caminhos e perspectivas para garantir a popularização da permacultura.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa desenvolveu-se em sete etapas principais:

- (i) planejamento;
- (ii) revisão bibliográfica;
- (iii) mapeamento dos grupos via formulário online;
- (iv) entrevistas presenciais e à distância;
- (v) trabalho / viagem de campo;
- (vi) análise dos resultados (qualitativa e quantitativa);
- (vii) síntese e redação do texto.

Para percorrer as etapas listadas, valemo-nos de quatro principais recursos, utilizados majoritariamente de forma concomitante e cíclica, pois retroalimentam-se entre si, a saber: análise documental, na qual os textos básicos da permacultura, da ecologia, da teoria crítica e metodológicos foram retomados a partir de uma leitura crítica, e colocados no centro da discussão; planilha de dados aferidos por meio de pesquisa *online* divulgada amplamente; estudos de casos a partir de vivências em campo; e entrevistas semiestruturadas ou abertas. Em síntese: análise documental; pesquisa *online*; estudos de casos; e entrevistas.

Esses 4 recursos dialogam entre si – assim como boa parte das etapas entre elas mesmas – pois agregam elementos uns aos outros na medida em que se desenrolam. A análise nos entrega dados para construção e condução do mapeamento, assim como os estudos de caso. O mapeamento nos proporciona novas referências para análise documental, e nos apresenta outros atores a serem entrevistados, e assim por diante.

Para levar a cabo a tarefa de realizar um bom trabalho, munimo-nos de ferramental teórico e metodológico apropriado e amplo, para planejar e executar nossas abordagens, pesquisas, triagens e escritas.

Em um esforço de síntese, poderíamos dizer tratar-se de uma pesquisa-ação (TRIPP, 2005), participante (BRANDÃO, 1984; 1985), qualitativa e quantitativa (GODOY, 1995a; 1995b), com inspirações etnográficas (NEVES, 2006). Mas o que exatamente isso quer dizer?

Então, para explicitar as implicações de tais escolhas, nos parece válido, neste momento, apresentar sucintamente um pouco destas perspectivas metodológicas e seus

diálogos, frisando que não se trata de compartimentá-las e nem ordená-las de forma hierárquica ou cronológica, mas desvelar suas relações e complementariedades, sem advogar por qualquer forma de 'purismo' na prática e no fazer científico. Na sequência, falaremos mais detalhadamente das sete etapas desta pesquisa.

3.1. Ferramentas e referenciais metodológicos

Para levar a cabo a tarefa proposta, munimo-nos de alguns referenciais teóricos e metodológicos no sentido de balizar nossa prática científica, a saber: pesquisa-ação, pesquisa participante e etnografia.

O pesquisador David Tripp (2005), da Universidade de Murdoch, de maneira crítica e contrário à banalização conceitual e prática da pesquisa-ação, defende “que se encare a pesquisa-ação como uma das muitas diferentes formas de investigação-ação” a qual é por ele sucintamente definida como “toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 443). Dessa forma, o autor não entende tal método como o melhor ou mais inovador entre todos possíveis, mas como uma metodologia entre outras, que deve ser corretamente compreendida e utilizada com consciência e rigor; ele frisa justamente que, ainda que possamos nos dedicar a uma minuciosa arqueologia do termo, teremos dificuldade para delimitar clara e definitivamente sua origem, pois se trata de um método oriundo de uma rotineira, antiga e popular conduta de pesquisa, “simplesmente porque as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la” (TRIPP, 2005, p. 445).

Tripp (2005) define a pesquisa-ação como “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (p. 447), e acrescenta que “as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.)” (p. 447).

Isso posto, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática (TRIPP, 2005, p. 447).

Já com relação à chamada pesquisa participante, como apontamos acima, ela se encontra profundamente imbricada com a pesquisa-ação, apesar de encontrarmos matrizes e leituras teóricas distintas (THIOLLENT, 1999; PERUZZO, 2005; LOUREIRO, 2007; BRANDÃO, 1985).

Thiollent (1997) afirma que “Toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada” (p. 21). Mas salienta também que, ainda que tênues, existem divergências, como, por exemplo, no sentido do entendimento básico da necessidade em publicizar os resultados obtidos. Além disso, alguns autores reconhecem um sutil embate entre pragmatismo (pesquisa-ação) e conscientização (pesquisa participante), ao confrontar essas duas categorias e, também, afirmam que a pesquisa-ação é uma proposta mais presente e adaptada aos países industrializados, ao passo em que a pesquisa participante teria raízes e ligações com os países emergentes (THIOLLENT, 1997).

Como uma contribuição relevante, e considerando diversas formulações explicitadas anteriormente, Haguette (1990), afirma que a pesquisa participante encontra-se a serviço de grupos, indivíduos ou categorias sociais marginalizadas, exploradas e desfavorecidas, posicionando-se politicamente de maneira clara e objetiva; abre-se mão da pressuposta 'neutralidade científica' convencional, em prol de explicitar que 'há um lado' *a priori* estabelecido. Não obstante, seu objetivo não é o de simplesmente transformar positivamente a condição de vida destes grupos, mas o de fomentar e estimular nessas pessoas o ímpeto e a capacidade de análise e resolução de problemas cotidianos atrelados às suas vidas.

Esta 'tomada de posição', longe de ser fácil, necessita de um trabalho permanente de reflexão crítica do pesquisador sobre as implicações teóricas e metodológicas de sua intervenção e do processo de pesquisa-ação. Essa função que o pesquisador desempenha constitui determinado poder que não deve ser mascarado por uma ideologia de orientação neutra e não diretiva (HAGUETTE, 1990, p. 147-148).

Acreditamos, justamente, que a permacultura pode atuar como uma ferramenta de produção de autonomia e melhoria de vida; como uma fonte de bem-estar individual e coletivo ao buscar superar determinadas situações de escassez, empoderando as pessoas e grupos para prover ou saber como prover parte de suas necessidades materiais imediatas. Logo, nos identificamos com essa modalidade de pesquisa, uma vez que fazemos uma clara opção política no sentido de tornar a permacultura acessível a grupos desfavorecidos e socioeconomicamente fragilizados.

James P. Spradley (1980) afirma que a partir do método etnográfico, podemos entender e conhecer profundamente uma comunidade por meio do ponto de vista de seus próprios membros, acessando as interpretações que os mesmos dão aos acontecimentos que vivenciam, ao invés de apenas formular interpretações construídas por uma subjetividade externa.

O desafio, em nosso caso se constitui em, ao fazer parte de tal comunidade, não nos valer apenas de vivências e interpretações pessoais – e as legitimar com as ferramentas escolhidas – para entender e expressar toda a complexidade do universo observado. Com a aplicação da metodologia, acreditamos que tal engajamento certamente enriquece e acelera o processo de pesquisa, em nosso caso tendo conferido profundidade e matizes ao resultado final.

O grau de familiaridade com o objeto de estudo pode se constituir em um empecilho, se for considerado igual a conhecimento: uma reflexão sistemática e crítica sobre o que já se julga como conhecido leva a um re-conhecimento do objeto. O re-conhecimento do objeto, e também o encontro com o exótico, podem trazer novas perspectivas e saídas para problemas (NEVES, 2006, p. 5).

Ao contrário de muitos casos, onde o pesquisador tem a tarefa primária de transformar o exótico em familiar, neste trabalho, o maior desafio foi o de transformar o familiar em exótico (DA MATA, 1978, p.28).

Além disso, Neves (2006, p.6), diz que o fazer etnográfico “começa com perguntas descritivas gerais. Após analisar as informações iniciais coletadas, perguntas estruturais e contrastantes aparecem, que levam a observações focalizadas”. E também que:

Começa-se a pesquisa com observações descritivas gerais, numa tentativa de traçar um panorama da situação social e do que ocorre ali. SCHATZMAN e STRAUSS (ibid., p.34) sugerem que um mapeamento inicial do local a ser estudado seja feito. Esses autores falam sobre três tipos de mapas:
 *mapa social (número e tipos de pessoas, hierarquia, divisão de trabalho...);
 *mapa espacial (localização das pessoas, equipamentos, salas...);
 *mapa temporal (fluxo de pessoas, horários, reuniões, rotinas...);
 (NEVES, 2006, p. 6-7)

Assim iniciamos nossa pesquisa: propondo um mapeamento nacional (com questões qualitativas e quantitativas) dos grupos de permacultura atuantes. Com as perguntas elencadas buscamos abarcar simultaneamente as 3 categorias de mapas citados: social, espacial e

temporal. A partir desses dados detalhados (localização, pessoas envolvidas, tempo de atuação, etc) prosseguimos para um aprofundamento que nos levou a observações focalizadas e seletivas.

3.2. Etapas da pesquisa

No início deste capítulo, apenas listamos quais são as etapas que a pesquisa compreende. Aqui apresentamos informações mais precisas, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do processo como um todo.

Durante a etapa de “planejamento”, realizamos a sistematização da produção acadêmica e literária do universo da permacultura, bem como organizamos textos e referências análogos e relacionados, criando um banco de dados organizado para iniciar a pesquisa. O objetivo desta etapa foi o de possibilitar a promoção do diálogo entre permacultura e teoria crítica por meio de obras basilares de autores como Bill Mollison, David Holmgren, Herbert Marcuse, Murray Bookchin, David Harvey, entre outros. Reunimos também material de estudo metodológico, em viés técnico e crítico, no sentido de qualificar nossa coleta de dados através de questionários e entrevistas (LAKATOS & MARCONI, 2003).

Na etapa seguinte, nos aprofundamos nas obras e referenciais elencados promovendo uma “revisão bibliográfica” dos temas abordados, empoderando-nos de seus acúmulos e nos situando nos universos em questão.

Na terceira etapa, a partir da revisão bibliográfica iniciada, desenvolvemos um questionário capaz de explicitar dados relevantes a fim de contemplar os objetivos do trabalho, buscando compreender a postura sociopolítica e pedagógica de organizações que trabalham na difusão de práticas permaculturais em território nacional. Buscamos abarcar as dimensões social, espacial e temporal citadas por Neves (2006) acima. O questionário conta com 40 questões, entre dissertativas e de múltipla escolha. As perguntas e respostas podem ser visualizadas por meio do link: <https://goo.gl/u7KDwb>, e também constam na íntegra nos anexos dentro da mídia (DVD) que acompanha esta dissertação.

Devido às dimensões da planilha final, pareceu-nos inviável imprimi-la para que fosse aqui incluída, pois necessitaria de muitas divisões, causando enorme confusão na apreensão global dos dados, mas na tabela abaixo selecionamos algumas das principais

perguntas qualitativas para que se possa ter uma dimensão mais concreta da composição do citado formulário, e dos questionamentos trazidos por ele.

Tabela 3 - Principais perguntas do formulário online

É formalizado enquanto instituição?
Número aproximado de participantes
Possui funcionários e/ou pessoas contratadas pelo grupo?
Entre os participantes do grupo, qual a porcentagem daqueles que obtém a maior parte de sua renda de atividades relacionadas à permacultura e/ou atuam profissionalmente na área?
Qual o perfil econômico médio? Qual a faixa de renda dos participantes do grupo?
Existe uma faixa etária predominante entre os membros do grupo? Se sim, quais?
Quais são as principais formas de atuação do grupo?
O grupo trabalha com algum público-alvo específico? Qual?
O grupo atua em parceria com movimentos sociais?
O grupo atua em parceria com ONGs ou outras organizações do terceiro setor?
Quais as fontes de recursos e/ou financiamento do grupo/entidade?
O grupo promove/realiza atividades de formação como oficinas, palestras, cursos, etc?
Quais os principais temas dos cursos/oficinas oferecidos pela organização?
Como é o processo de construção dos conteúdos das atividades e como é feita a escolha dos temas?
É possível fazer uma caracterização, em termos gerais, do público participante das atividades?
De maneira geral, o acesso às atividades pedagógicas é gratuito ou pago para quem participa?
No caso das atividades pagas, existe alguma política de bolsas ou acesso não monetário a elas?
O grupo segue ou se inspira em alguma metodologia pedagógica específica? Se sim, qual?
Em geral, após (ou durante) as atividades, existe algum espaço ou momento para que os participantes possam avaliá-la? Como funciona esse espaço?
O grupo aceita ou tem interesse em aceitar voluntários?
Pode indicar outros grupos, estações ou instituições que trabalham com permacultura?

Ainda na etapa de “mapeamento via formulário online”, promovemos um levantamento panorâmico do estado da arte da permacultura no Brasil, para que fosse possível chegar a elementos mais precisos, entendendo quem são, onde estão e o que fazem os atores participantes deste grande movimento.

As perguntas desenvolvidas a partir de pesquisa e reflexão inicial, transformaram-se em um formulário online cujas respostas foram diretamente encaminhadas para uma planilha geral (que pode ser acessada por meio do *link* acima), de forma automatizada, facilitando a tabulação de dados. Este formulário foi amplamente divulgado em meios físicos e digitais, majoritariamente por meio de redes sociais (como *Facebook*), em mensagens eletrônicas (*e-mails*), encontros de grupos permaculturais, etc. Adiante, no capítulo de análise dos resultados comentaremos sobre a repercussão de tal formulário, que superou nossas expectativas chegando a ser visualizado por mais de 20 mil pessoas, tendo rendido mais de 100 cadastros completos de grupos de permacultura brasileiros.

A partir dos dados brutos obtidos neste mapeamento foi possível iniciar nossas primeiras análises valendo-nos dos referenciais teóricos e bibliográficos anteriormente estabelecidos. Tendo em vista sua representatividade, a planilha gerada pelo mapeamento *online* constituiu-se enquanto nosso principal banco de dados, especialmente no que diz respeito às análises quantitativas, tais como distribuição geográfica dos grupos, número de participantes, envolvimento com movimentos sociais, etc.

Como sequência da etapa anterior, nesta quarta fase da pesquisa, realizamos aproximadamente 30 entrevistas com o intuito de aprofundar nossa compreensão dos processos históricos e políticos em curso – e também os já vivenciados – no que diz respeito à consolidação e popularização da permacultura no Brasil. Essas entrevistas foram realizadas em três principais formatos: presencial, telefônico e virtual (e-mail ou redes sociais) de acordo com a disponibilidade das pessoas entrevistadas, e todas aconteceram durante o período de um ano, entre janeiro de 2016 e janeiro de 2017. A seleção dos indivíduos para as entrevistas deu-se a partir dos destaques e protagonismos encontrados durante os períodos de pesquisa, estudo e vivências. Buscamos entrevistar pessoas com engajamento e participação profundas no que diz respeito ao processo investigado; atores históricos e relevantes no processo. Esta etapa nos munuiu de sólidos dados qualitativos para análise. A grande maioria das entrevistas foi transcrita e o registro se encontra na íntegra nos anexos deste trabalho, permitindo maiores aprofundamentos aos interessados. Retiramos delas trechos relevantes para inserção no corpo do texto da dissertação. Para as entrevistas, observamos os requisitos éticos necessários, solicitando autorização para gravação e transcrição das mesmas de todos os participantes, garantindo o direito ao anonimato e ou omissão de passagens caso requisitado. Solicitamos também de todos eles um “termo de consentimento livre e esclarecido”, para oficializar a anuência na participação deles.

O mapa abaixo mostra a localização dos entrevistados e entrevistadas durante a pesquisa, para que se possa ter dimensão da distribuição geográfica dos mesmos no território nacional

Figura 11: - Mapa com a localização geográfica das pessoas entrevistadas

Na quinta etapa realizamos o trabalho de campo a partir de vivências *in loco* junto a grupos cadastrados em nosso formulário de pesquisa *online* (etapa 3). Para tal, selecionamos a região sul do Brasil, pois, além de ser uma das regiões com maior concentração de grupos, trata-se do local aonde aconteceram os primeiros cursos de permacultura no Brasil, com a vinda de Bill Mollison a Porto Alegre no ano de 1992. Tendo em vista esses fatores, entramos em contato por *e-mail* e/ou telefone com todos os 20 grupos da região sul e estabelecemos uma rota de viagem com base naqueles que indicaram interesse em receber uma visita

presencial para fins de aprofundamento da presente pesquisa. Entre março e abril de 2016, foram realizadas 9 visitas presenciais, a parte deslocamentos e atividades paralelas não incluídas oficialmente no trabalho mas muitas vezes relacionadas ao tema.

Figura 12 - Mapa com as 9 principais visitas realizadas durante o trabalho de campo

O intuito das vivências (e também o das entrevistas) foi entender com maior detalhamento quais são os desafios e caminhos dos grupos, e qual a concepção dos mesmos com relação à popularização da permacultura no Brasil. Esta quinta etapa resultou em registros de campo tais como diários, entrevistas em áudio, fotos, rascunhos e materiais gráficos em geral.

Estudando e triando as respostas ao mapeamento proposto, das entrevistas e das vivências em campo, pudemos produzir as primeiras reflexões, análises e discussões

aprofundadas, como, por exemplo sobre o envolvimento dos grupos de permacultura com movimentos sociais brasileiros, sendo esta a sexta etapa da presente pesquisa. Nela apresentamos análises qualitativas que contemplam as dimensões espacial, temporal e social do universo da permacultura, valendo-nos das informações fornecidas pelos próprios grupos e pelas pesquisas anteriores.

Por último, na sétima etapa, munidos de dados gerais majoritariamente quantitativos (mapeamento, etapa 3), e dados aprofundados com ênfase qualitativa (entrevistas e campo, etapa 4 e 5), prosseguimos para uma análise crítica e minuciosa de todo material, resultando na síntese e redação do texto final da dissertação, englobando os aspectos observados em todas as etapas precedentes. O resultado da sétima etapa é justamente este volume finalizado que aqui se encontra.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Mapeamento dos grupos de permacultura no Brasil

4.1.1 Elaboração e difusão do questionário

O levantamento realizado teve como objetivo o mapeamento panorâmico do estado da arte da permacultura no Brasil, onde já é possível vislumbrar elementos mais precisos: onde estão, quem e quantos são os atores intrincados nesta difusa rede em formação.

Conforme exposto no capítulo 3, no qual apresentamos os métodos utilizados, as perguntas desenvolvidas na primeira etapa a partir de pesquisa e reflexão inicial, transformaram-se em um formulário *online* cujas respostas foram diretamente encaminhadas para uma planilha geral que se encontra na íntegra nos anexos, e também no tópico logo abaixo, em sua versão resumida.

Este formulário foi divulgado em redes sociais, em mensagens virtuais, encontros e espaços de reunião de grupos permaculturais, obtendo considerável repercussão por parte de inúmeros indivíduos e entusiastas, que se identificaram com a necessidade do trabalho sendo empreendido. Somente na primeira onda de divulgação, realizada no dia 02 de outubro de 2015, foram 217 compartilhamentos realizados, e quase 10.000 visualizações do conteúdo. A essa seguiram-se outras publicações, obtendo menor porém relevante nível de visualizações e compartilhamentos.

Figura 13 - Postagem demonstrando data e alcance da primeira postagem convocando os grupos de permacultura à participação

Fonte: retirado de postagem na rede social Facebook em 02 de outubro de 2015

Segundo uma estimativa que fizemos, contabilizando outras postagens e divulgações que se seguiram a esta primeira, é possível dizer que aproximadamente 400 pessoas compartilharam o *link* para o formulário de mapeamento, e mais de 20.000 pessoas visualizaram o conteúdo das mensagens compartilhadas.

A partir dos dados brutos obtidos neste mapeamento iniciamos nossas primeiras análises munidos dos referenciais teóricos e bibliográficos anteriormente estabelecidos.

4.1.1.1. Grupos mapeados através do questionário

Através do questionário pode-se levantar 100 grupos que declaram promover e organizar atividades permaculturais, elencados na tabela abaixo:

Tabela 4 - Grupos de permacultura brasileiros cadastrados no formulário online

GRUPO	CIDADE	ESTADO	FUNDAÇÃO
1. Ananda Kirtana	Belmiro Braga	MG	1989
2. Ecovila El Nagual	Mage	RJ	1989
3. Ecolaborando	Embu das Artes	SP	1992
4. Gerna Orgânicos	Pouso Alegre	MG	1994
5. Instituto Terraviva	Maceió	AL	2000
6. Instituto Kairós	São Paulo	SP	2000
7. Permacultura Mato Grosso do Sul	Campo Grande	MS	2000
8. Yvy Porã Estação de Permacultura	São Pedro de Alcântara	SC	2003
9. Permaculturando na Mantiqueira	São Bento do Sapucaí	MG	2003
10. Ecovila Karaguatá	Santa Cruz do Sul	RS	2003
11. Sítio Abaetetuba	Nova Friburgo	RJ	2004
12. Instituto Arca Verde	São Francisco de Paula	RS	2005
13. APOMM – Associação Permacultural Montanhas da Mantiqueira	Serra da Mantiqueira	MG	2005
14. Sociedade para Avanço Humano e Conhecimento Ecosófico	São Cristóvão	SE	2005
15. Ecovila Tibá de São Carlos	São Carlos	SP	2006
16. Curare	Botucatu	SP	2007
17. Associação Prosciente	São Paulo	SP	2007
18. EcoVida São Miguel	Santana do Riacho/Serro	MG	2007
19. Morada Natural Bioarquitetura e Agroecologia	Conceição do Rio Verde	MG	2007
20. NEPPSA – Núcleo de Estudos e Práticas Permaculturais no Semiárido	Fortaleza	CE	2007
21. Boldinho da Urca	Rio de Janeiro	RJ	2008
22. Sítio Nós da Teia	Brasília	DF	2008
23. Estação de Permacultura Morada Ekoa	Imbituba	SC	2008
24. eBioconstrução	Araçariguma	SP	2008
25. EKOPEV – Ecocentro de Permacultura Viçosa	Viçosa	MG	2008
26. Ecovila Viver Simples	Itamonte	MG	2008
27. Estação Luz Espaço Experimental de Tecnologias Sociais	Ribeirão Preto	SP	2008
28. Grupo Caporó	Vila Velha	ES	2009
29. IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica	Ubatuba	SP	2009
30. ECOFOCUS	Rio de Janeiro	RJ	2009
31. Contraponto	Congonhas do Norte	MG	2009
32. Sítio Amoreza	Morro Redondo	RS	2009
33. Grupo MUDA e LaVAPer	Rio de Janeiro	RJ	2009
34. Rede PSB	Toledo	MG	2009

GRUPO	CIDADE	ESTADO	FUNDAÇÃO
35. Instituto Cupinzeiro	São João Batista da Glória	MG	2009
36. Coletivo BioWit	Palmeira	PR	2010
37. Fundação Julita	São Paulo	SP	2010
38. Sítio Kaa Puã	São Roque	SP	2010
39. Jupi-Poranga	Jijoca de Jericoacoara	CE	2010
40. IPC – Instituto de Permacultura do Ceará	Eusébio	CE	2010
41. RAE – Rede de Agroecologia e Permacultura	Araçatuba	SP	2011
42. EcoPalha	Chapecó	SC	2011
43. Instituto Penso Verde	Porto Alegre	RS	2011
44. Piracanga	Itacaré	BA	2011
45. Núcleo de Agroecologia Nheengatu	Piracicaba	SP	2011
46. Purna Ananda Ashram Ecovila	Vassouras	RJ	2011
47. Permabrilis	Niterói	RJ	2011
48. Espaço de Permacultura Arraial de Santa Ana	Iporanga	SP	2011
49. GEPPE/UFC – Grupo de Estudos em Práticas de Permacultura	Fortaleza	CE	2011
50. PUPA Permacultura	São José dos Campos	SP	2012
51. Associação Veracidade	São Carlos	SP	2012
52. Sítio São Miguel	Caconde	SP	2012
53. Eco Sítio Aysso	Nova Petrópolis	RS	2012
54. Coletivo Dedo Verde	São Paulo	SP	2012
55. Sítio Cambacua	Planaltina de Goiás	GO	2012
56. Centro Vida Orgânica	Rancho Queimado	SC	2012
57. IBC – Instituto Biorregional de Cerrado	Alto Paraíso de Goiás	GO	2012
58. Ecosítio Nova Terra	Maquiné	RS	2013
59. Oásis Mundo	Paraty	RJ	2013
60. Casa Amarela	Salvador	BA	2013
61. Nova Oikos Permacultura	Camboriú	SC	2013
62. Daterra Educação e Permacultura	São Bernardo do Campo	SP	2013
63. Instituto Ambiental Daterra de Permacultura e Sustentabilidade	Estância Velha	RS	2013
64. Espaço Rosa dos Ventos Permacultura	São Thomé das Letras	MG	2014
65. IDEAL – Instituto de Defesa e Envolvimento Ambiental	Piraquara	PR	2014
66. APEMA – Associação de Permacultores da Mata Atlântica	Rio de Janeiro	RJ	2014
67. Bioconstrução em Pocinhos	Caldas	MG	2014
68. Caaeté – Projeto Permacultural	Santo Antônio do Pinhal	SP	2014
69. PermaUna	Taubaté	SP	2014
70. Coletivo Vértice	Pinhalzinho	SP	2014
71. Sítio Permaculturando	Praia Grande	SC	2014

GRUPO	CIDADE	ESTADO	FUNDAÇÃO
72. Sítio Guayi	Tangará	SC	2014
73. Cooperativa Viver Natural	Uberlândia	MG	2014
74. Amorada Ahow	São Paulo	SP	2014
75. Coletivo Permacultura Joinville	Joinville	SC	2014
76. Flor de Ibez	Barra do Garças	MT	2014
77. Sítio Agroecológico Experimental	Barra do Garças	MT	2015
78. Laró House	Jericoacoara	CE	2015
79. Estação Biomangue de Permacultura	Armação dos Búzios	RJ	2015
80. Estação Marcos Ninguém de Permacultura	Alpestre	RS	2015
81. Santa Gaia Sustentável	São Sebastião	SP	2015
82. Nativos Urbanos	Sete Lagoas	MG	2015
83. Oca Aram	Guarulhos	SP	2015
84. Terra Viva	São Paulo	SP	2015
85. Reserva Utopia	Guiratinga	MT	2015
86. Programa Sementinha: Multiplicando Permacultores	Campo Largo	PR	2015
87. Digaobikeporai	São Paulo	SP	2015
88. Sítio Saramandala	Sarapuí	SP	2015
89. Vida de Clara Luz	Itapevi	SP	2015
90. Terra Viva	São Paulo	SP	2015
91. Casa Sana	Macaé	RJ	2015
92. Aboré Permacultura	Indaiatuba	SP	2015
93. Sítio Sapopema	Cruzeiro do Sul	AC	2015
94. Quintais e Jardins Agroecológicos de Fortaleza	Fortaleza	CE	2015
95. Horta do Beto	Vinhedo	SP	2015
96. Coletivo PermaSampa	São Paulo	SP	2015
97. Paraíso	São Carlos	SP	2016
98. LABambu	Bauru	SP	2016
99. Permacultura Urbana	Rio de Janeiro	RJ	2016
100. Sítio Alto Paraíso	Alfredo Wagner	SC	2016

A tabela acima é uma versão resumida das respostas dos grupos, apenas para uma visão mais panorâmica da abrangência do trabalho, haja vista que o formulário *online* trazia aproximadamente 40 perguntas e sua reprodução na íntegra em formato de texto nesta dissertação seria inviável. A ordem dos grupos elencados na tabela acima está hierarquizada pela data de fundação dos mesmos. Através deste critério, nota-se um crescimento concentrado entre os anos de 2014 e 2015 – sendo registrada a fundação de 13 e 21 grupos

nestes anos, respectivamente, em contraposição à média de 5 a 8 grupos ano a partir dos anos 2000, como ilustra o gráfico abaixo:

Figura 14 - Fundação de grupos de permacultura ano a ano no Brasil (gráfico)

Outro elemento de fundamental destaque é a análise da distribuição geográfica dos grupos, com o fim de constatar onde há maior concentração deles: a região sudeste é, certamente, segundo esta pesquisa, a que mais abriga grupos de permacultura no Brasil. Foram registrados 34 somente no estado de São Paulo, 16 em Minas Gerais, 12 no Rio de Janeiro, e 1 no Espírito Santo. Na região Sul há 20 grupos, com concentração maior entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já as demais regiões apresentam pequenas expressões: No centro-oeste são 6 grupos cadastrados [1 no Distrito Federal, 2 em Goiás, 3 no Mato Grosso e 1 no Mato Grosso do Sul], no Nordeste são 10 [1 em Alagoas, 2 na Bahia, 6 no Ceará e 1 no Sergipe], e no Norte apenas 1, no estado do Acre. Talvez seja possível dizer que as redes às quais a pesquisa teve acesso e penetração concentraram-se nas regiões sul e sudeste, ficando as demais regiões subrepresentadas por fatores circunstanciais tais como a rede de contatos do autor, e seu local de atuação, o interior de São Paulo.

Figura 15: Distribuição geográfica dos grupos mapeados via formulário online

É claro que este mapeamento não apresenta a totalidade dos grupos em atividade no país, sendo que provavelmente muitos deles não tomaram conhecimento da presente pesquisa ou mesmo optaram por dela não participar. Assim, seria necessário um aprofundamento para verificar de fato, de maneira mais precisa, a incidência dos grupos em relação à sua distribuição geográfica. Ainda cientes desta incompletude, acreditamos que este mapeamento oferece pistas concretas neste sentido, e podemos afirmar com tranquilidade que as regiões sul e sudeste são aquelas cujas movimentações no campo da permacultura encontram-se mais ativas e intensas. Abaixo, um mapa com recorte ampliado da citada região:

Figura 16: Mapa ampliado da região sul / sudeste com distribuição geográfica dos grupos cadastrados

4.1.2. Trabalho e diário de campo

O trabalho de campo teve por objetivo o aprofundamento a partir de vivências *in loco* junto aos grupos que se dispuseram a nos receber para diálogos e entrevistas, no sentido de entender com maior detalhamento quais são os desafios, caminhos e concepções dos grupos com relação à popularização da permacultura no Brasil. No capítulo anterior descrevemos o porquê da escolha pela rota sul, e como se configurou o roteiro de viagem, trazendo um mapa dos principais pontos visitados. O trabalho de campo foi da maior importância para que fosse possível ver na prática diferentes abordagens e visões relativas à

permacultura por seus praticantes, encontrando entre elas convergências e divergências importantes e significativas. Cabe dizer também que o trabalho de campo especificamente realizado para fins desta pesquisa acadêmica, somado ao envolvimento diário há quase dez anos com o tema, nos munuiu de diversos elementos e referenciais para enriquecer o presente trabalho.

Com relação ao diário de campo, ele foi escrito ao longo da viagem pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entre os meses de abril e março de 2016 e constitui-se enquanto um documento de aproximadamente 40 páginas com textos descritivos das viagens, dos diálogos e do dia a dia durante o trabalho de campo. Seu intuito foi o de registrar e aprofundar a experiência proposta, bem como gerar um material para posterior aprofundamento e socialização. Portanto, optamos por inserir o diário na íntegra nos anexos deste trabalho, caso haja interesse em entender e acompanhar as minúcias da etapa de campo empreendida.

O texto se apresenta com uma linguagem fluída, leve e informal, não seguindo qualquer padrão de texto acadêmico. Nele constam também poemas, pequenas reflexões, crônicas e anedotas escritas durante a viagem.

Sobre a viagem em questão, ela foi realizada durante os dias 03 de março e 17 de abril de 2016, pela região sul do Brasil. Neste percurso foram visitadas 11 diferentes iniciativas de permacultura, tendo sido realizadas 15 entrevistas gravadas e posteriormente transcritas – além de diversas outras vivências e diálogos enriquecedores para a compreensão do tema aqui desenvolvido.

A escolha pela região sul se deu primeiro pela grande incidência de grupos e iniciativas cadastrados junto ao formulário de pesquisa lançado em outubro de 2015 como parte integrante da presente pesquisa; depois pela proximidade geográfica; e por último, pela expectativa de visitar uma região do Brasil até então desconhecida pessoalmente, com boa infraestrutura de deslocamento e facilidade logística.

Os contatos foram todos realizados previamente pela internet, majoritariamente por e-mail, e alguns deles confirmados pelo telefone. A partir deles, estabeleci uma rota passando pelos pontos delimitados.

Durante a viagem visitei os seguintes grupos, espaços ou pessoas: Associação Reciclázaro (SP); Marcos José de Abreu, do CEPAGRO (Florianópolis, SC); Cidade Escola Ayni (Guaporé, RS); Arca Verde (São Francisco de Paula, RS); Instituto Ambiental DaTerra (Estância Velha, RS); Ocupação Utopia e Luta (Porto Alegre, RS); CSA Porto Alegre;

Assentamento Apolônio de Carvalho (El Dorado do Sul, RS); Rio Grande, RS; Sítio Amoreza (Morro Redondo, RS); Herval do Sul, RS; Sítio ÇaraKura (Florianópolis, SC); Estação BioWitt / IPEPA (Campo Largo, RS).

Em praticamente todas as oportunidades realizei entrevistas gravadas em áudio, a partir de um questionário semiestruturado desenvolvido em etapa anterior do trabalho, com questões preestabelecidas e espaço livre de acordo com o andamento do diálogo.

Cinco dos grupos visitados durante a viagem demonstraram-se especialmente relevantes para a pesquisa: Arca Verde; Instituto Ambiental Daterra; Sítio Amoreza; Instituto Çarakura; Estação Biowit / IPEPA. A escolha baseou-se em grupos mais organicamente engajados e que são parte ativa na comunidade permacultural brasileira, realizando cursos, eventos e encontros. As demais visitas e entrevistas foram importantes porém, por uma razão ou outra, apresentaram menos solidez para demandar este aprofundamento. Em todo o caso, todas constam na íntegra nos anexos e seus excertos também são utilizados em outras partes do mesmo. Para melhor compreensão, faço abaixo uma exposição inicial apresentando cada uma das iniciativas.

A Arca Verde é uma das mais antigas e consolidadas ecovilas brasileiras, situada na cidade de São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul. Sua primeira sede foi estabelecida em São José dos Ausentes. Em um segundo momento, essa terra foi vendida e a atual área adquirida. A ecovila realiza cursos, oficinas, palestras, vivências e atividades conectadas à permacultura, agroecologia e sustentabilidade. Minha passagem pela Arca Verde foi bastante rápida, tendo durado pouco mais de 48 horas. Neste tempo realizei duas entrevistas posteriormente transcritas com dois dos fundadores da ecovila: Leandro Sparrenberger e Marcos Molz. Também fiz uma entrevista em grupo com 3 pessoas no alojamento onde me hospedei: um casal de voluntários (Alexandre e Liriane) e uma moradora em processo de reintegração à comunidade. Esta última entrevista não foi transcrita mas seu arquivo de áudio consta nos anexos do trabalho.

O Instituto Ambiental DaTerra é protagonizado pelo biólogo Jeferson Muller Timm, e funciona desde 2013 na cidade de Estância Velha, região metropolitana de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma Organização Não-Governamental que presta consultorias, realiza cursos e oficinas e apresenta projetos relacionado ao meio ambiente para editais e para o poder público. Estive durante 4 dias na casa de Jeferson, que é também sede do Instituto, de forma que pudemos desenvolver longos e produtivos diálogos.

O Sítio Amoreza localiza-se em Morro Redondo, na Colônia Afonso Pena, há alguns quilômetros de distância de Pelotas, o centro metropolitano mais próximo. O bioma

predominante é a pampa, mas com resquícios e reminiscências de mata atlântica presente. O espaço físico é constituído por oito hectares, nos quais quatro correspondem a mata nativa. Seus principais trabalhos baseiam-se na agricultura familiar de base agroecológica e na permacultura. Cursos, vivências e oficinas são realizados periodicamente no local. Estive durante uma única tarde no sítio, na qual pude conversar por algumas horas com Pedro Vieira Bastos, um dos fundadores do grupo. Trata-se de um espaço bastante familiar e que também acolhe muitos visitantes e voluntários.

O Sítio (ou Instituto) Çarakura é uma ONG localizada em Florianópolis, Santa Catarina, na região de Ratoles, fundada em março de 2007 e que possui hoje a titulação de OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Sua missão é “desenvolver projetos, pesquisas e práticas pedagógicas que envolvam crianças, jovens e adultos em atividades éticas ligadas ao uso sustentável dos recursos naturais, à proteção e recuperação ambiental e à cultura da paz⁴¹”. Estive no local por dois dias consecutivos durante o mês de abril de 2016 enquanto me hospedei na casa de um amigo morador da área. Durante esses dias conversei com Andrea, Ney e outras pessoas presentes como familiares e voluntários, todos muito amáveis e acolhedores. Realizei duas entrevistas fundamentais para a elaboração da pesquisa.

Um dos últimos locais visitados foi a casa do casal de permacultores Martin Ewert e Rafaelle Mendes, que me hospedaram por quatro dias, concederam entrevista e me levaram para conhecer seus trabalhos locais na cidade de Campo Largo (PR) e na Colônia Witmarsum, onde nasceu o Coletivo Biowit. Contaram também sobre a articulação estadual do IPEPA (Instituto de Permacultura do Paraná), dando depoimentos sobre sua criação e objetivos, além de contribuírem com diversos novos contatos importantíssimos para o sucesso e o enriquecimento deste trabalho e parcerias futuras.

4.1.2.1. Aproximações e desafios comuns

Mesmo com as diferenças temporais, espaciais e ideológicas intrínsecas a cada uma das experiências apresentadas acima, é possível observar a existência de alguns elementos comuns a todas elas. Poderíamos resumir em cinco principais pontos, sendo eles:

41 - Disponível em <<http://www.institutocarakura.org.br/>>. Acesso em janeiro de 2017.

a) todas elas são propriedades particulares individuais (familiares) ou coletivas (como no caso da Arca Verde). Nenhuma delas acontece em espaço público, cedido ou alugado;

b) nenhuma conta com subsídio governamental ou algum tipo de parceria sólida com o poder público, desenvolvendo-se exclusivamente a partir dos esforços da sociedade civil organizada;

c) todas realizam cursos pagos de permacultura e afins, possuindo em geral um sistema de bolsas ou trocas para contemplar indivíduos que não possam arcar diretamente com os custos envolvidos. Fazem isso pois todas se preocupam de alguma forma com a popularização da permacultura, vendo com importância esta questão;

d) todas manifestaram a preocupação de alcançar o equilíbrio financeiro e a sustentabilidade econômica, empreendendo das mais distintas formas para que possam se profissionalizar dentro daquilo que acreditam, realizando atividade que traga, além de subsistência material, satisfação pessoal;

e) a maioria das iniciativas (talvez com exceção da Arca Verde, que comercializa em maior escala alguns produtos agrícolas) não apresenta um sistema produtivo que gere renda interna para a manutenção das comunidades, buscando nas atividades externas, cursos, etc, formas exógenas de geração de renda.

Outro elemento comum é a estabilidade e permanência prolongada no espaço. Os grupos visitados investem grande parte de seu tempo em 'produzir o espaço' das suas comunidades, trabalhando em atividades locais, recebendo pessoas, articulando cursos, etc. A maioria não se desloca nem se afasta por longos períodos de tempo de suas atividades, o que demonstra a existência de sistemas centralizados em lideranças necessárias para a continuidade e evolução dos processos

Todos se preocupam com a popularização da permacultura e apresentam visão crítica sobre cursos caros e proibitivos, percebendo que o público em geral se restringe majoritariamente a universitários de classe média e média alta, e indivíduos já sensibilizados para com as temáticas ecológicas. Além disso, concordam que o principal dilema gira em torno de como financiar as atividades e encontram nos cursos (contando com um interesse constante de determinados setores da sociedade para frequentar os mesmos) a maneira de fazê-lo. Para buscar minimizar as contradições, todos afirmam estar abertos a possibilidades de trocas, descontos, bolsas e parcelamentos para democratizar o acesso ao conhecimento, mas acham importante serem remunerados pelo trabalho que realizam.

A maioria concorda de que deveriam haver políticas públicas de fomento governamentais e/ou apoios empresariais para que os cursos pudessem ser gratuitos ou a valores mais baixos ao mesmo tempo que garantissem a subsistência daqueles que os realizam. Em outras palavras, existe a percepção de que o dilema central não é se o curso deve ou não ser pago, mas sim 'quem deve pagar por ele', pois trabalhar gratuitamente transforma-se em atividade puramente diletante e insustentável, principalmente para as pessoas que não possuem fontes de renda de outra natureza e nem possuem outra forma de respaldo ou financiamento familiar. Logo, é importante para incluir e empoderar outros setores que a permacultura de fato gere renda a quem a pratica. Hoje sua principal forma de geração encontra-se nos cursos.

A partir disso, nos surgem dois apontamentos em forma de possibilidades: o primeiro é trabalhar no sentido da busca por financiamento ativo de outras fontes (oriundas do primeiro, segundo ou terceiro setor) e a atuação na institucionalidade para a disputa de recursos que fomentem as atividades para que os mesmos sejam mais democráticos ou acessíveis à população em geral que não precisará arcar com altos custos que sejam satisfatórios para garantir a sustentabilidade. Dessa forma podemos desfazer uma primeira barreira de acesso que é de natureza econômica.

Em segundo lugar, as iniciativas de permacultura poderiam concentrar-se em atividades produtivas e na disputa por mercados locais, suplantando as grandes empresas no fornecimento de bens e produtos essenciais à reprodução da vida, realizando o trabalho cultural de demonstrar a insustentabilidade de certas formas de produção (tal como a dos alimentos envenenados do agronegócio) e a partir disso gerar e compartilhar renda fortalecendo o comércio justo e local, podendo investir os excedentes em cursos, expansão e na disseminação nas práticas e conhecimentos da permacultura

Um possível passo seria superar essa negligência no diálogo para com as instituições burocráticas, estatais e oficiais e dominar a gramática institucional para colocá-la a favor das iniciativas, que podem se fortalecer sem criar dependência.

Outro desafio comum é a constituição de uma sólida rede de intercâmbio de pessoas, experiências e propostas. Todas as iniciativas visitadas conheciam umas às outras, tendo algum tipo de trânsito e contato muito reduzido. A realização de encontros biorregionais periódicos e a efetivação de uma rede de trocas de produtos e serviços certamente poderia contribuir para estreitar os laços das iniciativas e mostrar que os desafios (e portanto as

soluções) enfrentadas são compartilhados pelas maiorias dos pontos dessa rede, e que uma articulação regional poderia auxiliar na superação dos mesmos.

Por último, a busca pela autonomia material por meio de tecnologias sustentáveis como captação de água de chuva, banheiro seco, compostagem, hortas e geração solar de energia podem auxiliar na viabilização de experiências concretas comunitárias e pedagógicas, abatendo custos e gerando receitas.

Figura 17 - No Instituto Ambiental Daterra, em Estância Velha (RS), com Jeferson e Paulo

Fonte: acervo pessoal do autor

Figura 18 - No Coletivo Biowit, na Colônia Witmarsum (PR)

Fonte: acervo pessoal do autor

4.1.3. Entrevistas

Foram realizadas, no total, 26 entrevistas, buscando a maior diversidade possível em termos de representantes biorregionais e com distintas concepções acerca da permacultura. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou à distância, por telefone ou *e-mail*. Abaixo uma tabela com a sistematização das pessoas entrevistadas, com os respectivos locais, datas e formatos

Tabela 5 - Resumo informativo acerca das pessoas entrevistadas durante a pesquisa

Quem	Onde	Quando	Como
Ananta Alano		17 e 18/01 de 2017	Telefone
André Santachiara Fossaluza	Grupo Curare, Botucatu/SP	28/01 de 2016	Presencial
André Soares		21/01 de 2017	Via facebook
Andrea de Oliveira	Sítio Çarakura, Florianópolis/SC	06 e 07/04 de 2016	Presencial
Breno Xavier	FURG, Rio Grande/RS	23/03 de 2016	Presencial
Fábio Klafke	Rio Grande/RS	22/03 de 2016	Presencial
Gabriel “Bizu” Nascimento	Confraria Cult, Franca/SP	Novembro de 2016	Presencial
Guilherme Guisch	UFRGS, Porto Alegre/RS	16/03 de 2016	Presencial
Jeferson Muller Timm	Instituto Datterra, Novo Hamburgo/Rs	12 e 13/03 de 2016	Presencial
Leandro Sparrenberger	Arca Verde, São Francisco de Paula/RS	10/03 de 2016	Presencial
Leonardo Ramos	Veracidade, São Carlos/SP	2016	Presencial
Loci Muller Timm	Instituto Datterra, Novo Hamburgo/RS	13/03 de 2016	Presencial
Marco Aurélio Tavares Bastos		Janeiro de 2016	Telefone
Marcos Molz	Arca Verde, São Francisco de Paula/RS	11/03 de 2016	Presencial
Marsha Hanzi		16/02 de 2016	E-mail
Martin Ewert	IPEPA, Campo Largo/PR	13/04 de 2016	Presencial
Percy Ney Silva	Sítio Çarakura, Florianópolis/SC	07/04 de 2016	Presencial
Pedro Vieira Bastos	Sítio Amoreza, Morro Redondo/RS	24/03 de 2016	Presencial
Rafaelle Mendes	IPEPA, Campo Largo/PR	13/04 de 2016	Presencial
Thiago Ami	Escola Ayni, Guaporé/RS	08/03 de 2016	Presencial
Thomas Enlazador		Janeiro de 2016	Telefone
Tomaz Lotufo		19/01 de 2017	Telefone
Yuri Almeida	PUPA, São José dos Campos/SP	20/02 de 2016	Presencial
Thomas Enlazador e Djalma Nery	4ª CLAP, Colômbia	Junho de 2015	Fala pública gravada
Marcel	Guaporé/RS	08/03 de 2016	Presencial
Nádia Reciola		14/01 de 2017	Texto escrito

Analizando a sistematização das entrevistas, alguns dados nos chamam especialmente a atenção: (i) a maioria delas foi feita ao longo do ano de 2016, demonstrando uma concentração das atividades da pesquisa neste ano, em sincronia com o planejamento inicialmente estabelecido para esta etapa; (ii) nos chama a atenção a grande quantidade de homens (21) em detrimento do número de mulheres entrevistadas (5), o que demonstra a necessidade de um debate de gênero no interior do movimento, uma vez que a maioria dos representantes e protagonistas encontrados (ainda que existam inúmeras mulheres praticantes de permacultura no Brasil) sejam hoje do sexo masculino; (iii) no que diz respeito à escolaridade, a quase totalidade dos entrevistados possuem ensino superior completo ou em andamento, demonstrando a relação direta entre acesso à educação formal e engajamento no universo da permacultura; (iv) a maior parte dos entrevistados possuem entre 25 e 40 anos, estabelecendo uma faixa etária bastante demarcada e perceptível, associada a uma etapa da vida prévia a constituição da família nuclear e de compromissos profissionais mais sólidos; (v) quase todas as entrevistas foram presenciais, pois esse foi o formato priorizado na pesquisa, devido às suas possibilidades de aprofundamentos e diálogos mais longos e produtivos.

Todas as entrevistas citadas acima foram transcritas textualmente, constando na íntegra nos anexos do trabalho (bem como seus respectivos arquivos originais de áudio estão presentes na mídia digital inclusa como parte integrante dos anexos desta dissertação). Para fins de escrita do texto da dissertação, quando necessário e conveniente, foram retirados excertos relevantes para ilustrar, corroborar ou enriquecer determinado debate realizado ao longo das páginas. Os mesmos foram inseridos com formatação própria, análoga às citações textuais diretas porém com recuo menor, diferenciando-a visualmente.

Com base nas transcrições das entrevistas realizadas e a fim de buscar os termos e palavras mais utilizadas pelo entrevistados e entrevistadas ao longo da pesquisa, elaboramos uma 'nuvem de palavras' com a ajuda do software wordle⁴² (FEINBERG, 2009) para poder visualizar de forma gráfica e ilustrativa os termos mais relevantes para o universo dos entrevistados:

42 - Disponível em: <<http://www.wordle.net/>>. Acesso em: janeiro 2017.

Figura 19 - Nuvem de palavras feita a partir das transcrições das entrevistas realizadas

Fonte: FEINBERG, 2009

O resultado da nuvem de palavras aponta destaque para “permacultura”, “gente”, “pessoas”, “fazer”, “trabalho”, “curso”, “aqui”, entre outras. Tal combinação denota a centralidade da prática, das relações humanas e da atuação no território como questões fundamentais à atuação permacultural das pessoas entrevistadas. A aparição das palavras “movimento” e “universidade”, também denotam certas preocupações e recortes relevantes para este trabalho, pois apresentam algum eco no que diz respeito ao engajamento da permacultura com movimentos sociais e em suas interfaces com o âmbito acadêmico, como nessa dissertação de mestrado.

Todos os entrevistados e entrevistadas concordaram em participar desta pesquisa, com a gravação dos diálogos e com a respectiva transcrição e inclusão dos textos na íntegra no trabalho.

No capítulo anterior, sobre metodologia, apresentamos um mapa ilustrando a distribuição geográfica das pessoas entrevistadas.

4.2. Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil

Mas ainda que a “autopista do capital” tenha sido o caminho trilhado por boa parte das contraculturas espaciais, em especial sob as condições neoliberais, é importante deixar claro, uma vez mais, que a subsunção ao *status quo* não é uma via de mão única e sem retorno por onde seguem necessariamente todas as experiências deste tipo. Em assim sendo, outra(s) história(s) pode(m) estar sendo escrita(s) que não a da capitulação ou a da subserviência aos ditames da mais-valia, mas é preciso estar atento para captá-las, afinal, se as forças que movem o capital tendem a cooptar e fetichizar a “rebeldia” até torná-la parte do *establishment*, de outro elas também engendram condições para a criação de novos “focos de rebelião” (SILVA, 2013, p. 119).

Após apresentarmos a história da permacultura e seu desenvolvimento no Brasil, além de um mapeamento nacional de grupos que têm se organizado em torno desse conceito, neste tópico trazemos reflexões e análises específicas acerca dos desafios e perspectivas para a popularização da permacultura, tomando por base experiências concretas e todo acúmulo histórico resultante do processo até aqui.

Essas análises se baseiam em grande parte nas respostas obtidas por meio de nosso formulário de pesquisa e de entrevistas realizadas durante o trabalho de campo e em outros momentos.

4.2.1. Permacultura, movimentos sociais e terceiro setor

Figura 20: Manifestação contra a PEC 215 (2015) e inserção da permacultura no movimento indígena

Fonte: Disponível em: <goo.gl/W1O9jR>. Acesso em janeiro de 2017

Dentre as questões do formulário de mapeamento enviado aos grupos de permacultura brasileiros, duas delas se dirigiam especificamente a tentar entender qual a relação atual dos mesmos com movimentos sociais: se existe, e com quais atores. O objetivo era justamente o de entender o grau de assimilação e parceria existente entre os inúmeros movimentos e os militantes e praticantes de permacultura, e, a partir daí, poder esboçar hipóteses para justificar tal panorama.

As questões se encontravam formuladas da seguinte maneira: “O grupo atua em parceria com movimentos sociais?”. As respostas possíveis eram 'sim', 'não' e 'às vezes'. A inclusão dessa última deveu-se ao fato de buscarmos entender de maneira menos dicotômica o envolvimento (ou não) dos grupos com movimentos, e abarcar aqueles que não necessariamente tenham proximidade o suficiente para afirmar atuar **em parceria** com os movimentos, mas reivindicam parcerias pontuais e localizadas. Na sequência perguntamos: “Se sim, cite alguns dos movimentos parceiros”.

Figura 21 - Gráfico permacultura e movimentos sociais

Este gráfico apresenta um resumo das respostas à primeira pergunta, num universo total de 100 participantes. À primeira vista, é possível analisar que quase metade dos grupos afirmam não atuar em parceria com movimentos sociais. Da outra parcela, a maior parte (30%) afirma atuar de fato com os movimentos e, a outra (23%), apenas às vezes. Olhando de outra perspectiva, podemos afirmar que 53% dos grupos participantes da pesquisa afirmam ter algum tipo de envolvimento com movimentos sociais, contra 47% que não o possuem de nenhuma forma. Levando em consideração uma compreensão difundida da permacultura enquanto uma ferramenta de transformação e, também, o contexto latino americano com alta incidência de movimentos sociais organizados, interpretamos com preocupação o grau (ou a falta) de envolvimento entre grupos de permacultura e movimentos sociais. Tal dado pode apontar um relevante destaque para práticas individuais ou internistas, não engajadas na construção de redes e alternativas coletivas junto a outros atores sociais igualmente dedicados às diversas formas de transformação das relações entre seres humanos e, deles, com a natureza. Vemos aí uma lacuna – ou uma negação – de compreensão histórica no âmbito dos atores da permacultura brasileira, no sentido de reconhecer e valorizar as ações coletivas intencionais protagonizadas por movimentos sociais desde há mais de um século, bem como suas conquistas e avanços. A análise das respostas relativas à pergunta seguinte nos dará mais alguns elementos para aprofundamento.

Com relação aos principais atores citados, como resposta à segunda questão, o resultado foi curioso: aqui temos um detalhamento importante, que nos leva a refletir (e ressignificar) os dados da questão anterior. Num primeiro momento, parece-nos relevante o aparecimento de nomes de movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com 15 aparições, sendo o mais recorrente, o Movimento de Luta pela Terra (MLT), a agroecologia e o movimento de agricultura urbana, o que, de certa forma, corrobora o envolvimento dos grupos com a luta pela questão agrária a partir de um forte vínculo social. Na sequência, analisando mais profundamente as respostas, é possível identificar uma possível fragilidade conceitual na definição de 'movimento social'. Respostas como 'ONGs', 'Agricultores', 'Prefeitura', ou 'Deputados', nos levam, inevitavelmente, a refletir sobre a importância de delimitar mais precisamente qual o nosso entendimento do conceito e, também, a constatar que existe uma discrepância entre a caracterização majoritariamente aceita e o entendimento dos indivíduos que responderam ao mapeamento. Assim – após lapidarmos melhor este termo – poderíamos também relativizar o resultado obtido na primeira questão. Talvez possamos concluir que, nos termos em que buscamos,

menos grupos têm de fato atuação conjunta com movimentos, deslocando a análise para a leitura de que há uma ainda maior desconexão entre permacultura e movimentos sociais. Isso veremos adiante.

Letícia Thurmann Prudente (2007), em artigo intitulado 'Permacultura, uma prática eco-sócio-ambiental: centro de formação do movimento dos trabalhadores sem terra (MST) do Rio Grande do Sul', nos traz importantes reflexões sobre a relação da permacultura com esse movimento social.

O movimento da Permacultura vem crescendo rapidamente, desde os anos 70, através de várias organizações que estão difundindo e aplicando técnicas inovadoras, principalmente para a recuperação de áreas degradadas, gerando o uso sustentável da terra e o fortalecimento de comunidades socialmente marginalizadas. Esse movimento, em alguns países, se articula com movimentos sociais que buscam resolver a demanda de terra para a agricultura e para a moradia. No caso do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) possui uma relação com o movimento da Permacultura através de institutos distribuídos em diversas biorregiões do país. Nessa relação ocorre a troca de informações e a aplicação de técnicas mais ecológicas (PRUDENTE, 2007, p. 1166).

No trecho acima, observamos que a autora fala 'de movimento para movimento'. Ainda que, em outros momentos do trabalho, ela se refira a permacultura como uma ferramenta ou uma ciência, como ao dizer que: “A Permacultura vem a ser mais uma ferramenta que esse movimento vem se apropriando para colaborar na luta de buscar um modo de vida que respeite o meio ambiente” (PRUDENTE, 2007, p. 1167). A ideia central do texto é o entendimento de que a permacultura surge como uma via de acesso à 'tecnologias apropriadas' ou sustentáveis, à disposição dos movimentos

O objetivo desse trabalho é descrever uma aplicação prática de um projeto que vise tecnologias acessíveis a um movimento social. São esses grupos os que mais sofrem a falta de acesso aos benefícios do modelo de desenvolvimento atual e, ao mesmo tempo, são eles que ainda possuem diversos saberes populares a serem resgatados e valorizados (PRUDENTE, 2007, p. 1166).

Os elementos apontados até aqui, nos levam à necessidade de promover um alinhamento conceitual. Começamos então por aí: afinal, o que são movimentos sociais? Talvez devido ao fato de lidarmos com dois termos bastante genéricos, haja uma predisposição popular a interpretações intuitivas na compreensão do conceito.

Manuel Castells (2000), de maneira sucinta, define movimentos sociais como sendo “ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (CASTELLS, 2000, p.20).

Maria da Glória Gohn (2012), em uma definição mais prolongada, formula a seguinte conceituação:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Essa identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política (GOHN, 2012, p. 251).

Dentre as duas conceituações apresentadas, entendemos que a oferecida por Gohn traz uma definição mais completa, aproximando-se da complexidade abarcada pelos movimentos sociais e seus múltiplos elementos, em especial considerando o debate que insere a discussão dos Novos Movimentos Sociais (NMS) em oposição aos tradicionais, onde as lutas identitárias se destacam – a partir dos anos 1960 – perante a então centralidade operário sindical vigente, orientada por teóricos marxistas (GOHN, 2012). De qualquer forma, tomando por base ambas definições, e revisitando as respostas ao questionário onde solicitou-se que os grupos elencassem os movimentos parceiros com quem atuavam, podemos afirmar que muitos ali listados não se constituem enquanto movimentos sociais, mas, possivelmente, enquanto atores sociais, grupos de interesse ou instituições (GOHN, 2012). Acreditamos que tais respostas sejam fruto de uma generalizada imprecisão conceitual acerca do que são movimentos sociais.

Poderíamos afirmar que boa parte dos atores citados aproximam-se mais do que poderíamos caracterizar como sendo terceiro setor.

o terceiro setor é um tipo de ‘Frankenstein’: grande, heterogêneo, construído de pedaços, desajeitado, com múltiplas facetas. É contraditório, pois inclui tanto entidades progressistas como conservadoras. Abrange programas e projetos sociais que objetivam tanto a emancipação dos setores populares e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com justiça social, como programas meramente assistenciais, compensatórios, estruturados segundo ações estratégico-rationais, pautadas pela lógica de mercado. (...) O novo associativismo do terceiro setor tem estabelecido relações contraditórias com o ‘antigo’ associativismo advindo dos movimentos sociais populares (na maioria urbanos) dos anos 70 e 80 (GOHN, 2000, p. 60).

Podemos atestar então a existência de certa imprecisão conceitual que borra as fronteiras entre movimentos sociais e o terceiro setor. Isso é relativamente comum; alguns autores defendem que seja fruto da miscelânea que compõe o que chamamos genericamente de sociedade civil (DESMARAIS, 2013). Ainda assim, a pergunta imediatamente seguinte do formulário de mapeamento elaborado para a presente pesquisa trazia justamente a questão: “O grupo atua em parceria com ONGs ou outras organizações do terceiro setor?”; e, depois: “Se sim, quais?”

Figura 22 - Parceria entre grupos de permacultura e terceiro setor

O grupo atua em parceria com ONGs ou outras organizações do terceiro setor?

Apesar de não muito distinto, é possível observarmos um resultado mais favorável à atuação conjunta entre grupos de permacultura e entidades do terceiro setor, com um aumento

de 10% nas respostas positivas. A pergunta seguinte, de caracterização, também traz respostas que demonstram haver maior entendimento sobre o que são entidades do terceiro setor, pois não encontramos equívocos sintomáticos como nas respostas à pergunta anterior sobre os movimentos sociais, ficando patente o domínio generalizado no entendimento do que é o terceiro setor.

Retornando a reflexão relativa aos movimentos sociais, tal debate nos conduz a uma oportuna questão ontológica, que é entender se a permacultura se constitui, em si, enquanto um movimento social ou não. Ainda que não sejamos capazes e nem tencionemos esgotar tal reflexão, acreditamos que a mesma pode contribuir para necessários aprofundamentos teórico-conceituais e, principalmente, para o empoderamento dos grupos de permacultura do Brasil que, esperamos, inteirem-se deste trabalho.

Tomando por base as definições de Castells (2002) e de Gohn (2012), entendemos que, a princípio, a permacultura não se constitui efetivamente enquanto um movimento social, a começar pela inexistência de uma ação coletiva orquestrada no Brasil. Assim como Melucci (2001), acreditamos que

A ação coletiva deve ser considerada como uma interação de objetivos e obstáculos, como uma **orientação intencional** que é estabelecida dentro de um sistema de oportunidade e coerções. Os movimentos são sistemas de ação que operam num campo sistêmico de possibilidade e limites. É nesse sentido que a organização se torna um campo crítico de observação, um nível analítico que não pode ser ignorada (p. 52, grifo nosso).

O que se observa hoje, no universo da permacultura brasileira, é a constituição de um incipiente mosaico composto por ações individuais de seus atores, sem que tais esforços se correlacionem ou se traduzam efetivamente em processos de formação de rede e/ou articulação coletiva. Quiçá esse 'autonomismo' seja fruto acidental da incessante busca e trabalho com a práxis da autonomia. A permacultura (enquanto sociedade ou coletividade) passa por uma crise de unidade discursiva, com uma narrativa difusa e genérica a ligar os pontos desta grande constelação que se anuncia.

O que nos perguntamos é se a permacultura no Brasil tem um projeto ou programa para apresentar à sociedade. Se sim, qual é? Banheiros secos, composteiras e casas de barro não são o suficiente para explicitar o horizonte estratégico da permacultura, a sua demanda, o motivo pelo qual se movimenta, etc.

Em resumo, três grandes ausências configuram esse distanciamento conceitual da permacultura enquanto um movimento social: a ausência de unidade discursiva e de práxis coletiva; a ausência de um programa claro, com demandas e reivindicações concretas traduzidas de maneiras simples e objetivas; e, por último, a ausência de qualquer corpo ou força social de mobilização coletiva capaz de influir e disputar os rumos da sociedade, suas instituições e seus valores.

Não obstante, acreditamos que a permacultura apresenta grande potencial de tornar-se um movimento social, mesmo que, hoje, ainda não o seja. Defendemos que ela se encontra majoritariamente constituída enquanto um conjunto de técnicas, uma metodologia, uma 'ferramenta': e é nesse panorama, enquanto sujeitos históricos partícipes da comunidade pesquisada, que buscamos intervir, esboçando um esforço incipiente contrário à tecnicização da permacultura e suas manifestações.

Alternativamente, poderíamos dizer que a permacultura se configura no Brasil como um movimento cultural de cunho experimental e incipiente.

Buscando ampliar o debate, e consultar indivíduos envolvidos com a permacultura para subsidiar essas reflexões, às 18h do dia 31/10/2015, publicamos em um fórum especializado dentro da rede social 'Facebook', a seguinte pergunta “Vocês veem a permacultura como um movimento social? Sim? Não? Por que?”⁴³:

43 - Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/141056475952719/1070343956357295>>. Acesso em: novembro 2015.

Figura 23 - Pergunta em rede social sobre permacultura e movimentos sociais

Fonte: extraído de postagem na rede social Facebook

Para nossa surpresa, um profícuo debate seguiu-se, com participação de 21 pessoas em mais de 30 comentários subsequentes. Abaixo transcrevemos alguns trechos dentre os que nos pareceram mais relevantes, para elucidar como tal debate ressoa dentre os adeptos da permacultura nas redes sociais:

FM: Não. Permacultura se refere a princípios e valores. Movimento social supõe a organização e articulação entre pessoas em função de uma causa ou propósito. Permacultura não é um movimento por si só. Pessoas podem formar um movimento em torno de ideias.

LB: Acredito que é um movimento social sim, mesmo que a rede não seja integrada, grupos isolados difundem a ideia e estimulam a participação da comunidade nesta prática. Se por um lado a indústria e a mídia vão para o lado do consumo capitalista, por outro, a geração nova era aceita facilmente a ideia desta fusão com o princípio de conservação e minimização dos impactos. Por isto penso que mesmo que não exista a manifestação popular organizada, o movimento dos permacultores é também social pois visa a melhoria da sociedade, das pessoas que são parte do meio ambiente e do social do mundo.

CB: (...) eu arriscaria dizer que depende do contexto. Em alguns lugares a permacultura se tornou um movimento social, e em outros ela serve de subsídio prático e teórico para a atuação de movimentos.

LE: Diria que não. Gosto da definição pragmática de Hemenway, que diz que Permacultura é "o braço de design de uma mudança de paradigma". Questões sociais e políticas devem ser tratadas nos seus próprios ramos dentro desse novo paradigma, permacultura é, pra mim, apenas uma metodologia abrangente, mas não um movimento social.

MO: Sinceramente, me parece mais um movimento "*socialite*"..., pois não tenho visto esforços para popularizar a questão... Em geral apenas cursos caros, outros caríssimos... Acredito que precisamos dar mais importância à participação... Envolver e valorizar mais as pessoas...

RS: Acredito que em essência a agroecologia e a permacultura são ferramentas para uma transformação social pois seus valores são antagônicos aos valores do capital como: Relação de coletividade, meio de produção, relação entre natureza e ser humano, consumo e organização social. O que tentam fazer é que a permacultura se torne brincadeira para *playboy* se sujar de adobe. Em definição o movimento social é quando um grupo de pessoas agem em prol de uma ideia, então sim a permacultura pode ser um movimento social, mas também poder ser uma ferramenta para outros movimentos que abrange ideias além das questões ambientais.

ES: Acredito que seja um movimento, sim. E, me parece, que iniciativas dessa natureza têm ampliado seu raio de atuação, atingindo pessoas que jamais pensaram a respeito e, dessa forma, criam um movimento social, que vai além de uma ferramenta.

FS: Muito boa discussão, também vejo a Permacultura mais como ferramenta do que como movimento, ferramenta essa que inclusive pode ser apropriada por movimentos. Até onde eu sei, bem superficialmente, alguns movimentos sociais como o MST usam alguns princípios da Permacultura, não sei se consciente ou inconscientemente. Mas os amigos têm razão quando reclamam da elitização desse conhecimento. Eu mesmo tenho vontade de fazer os cursos, mas eles não cabem no meu bolso e pra mim fica uma coisa um pouco estranha porque a Permacultura deveria ser baseada na cooperação e igualdade e não se pautar nas regras e preços do mercado capitalista

HM: Se partimos do princípio que todo ser humano é um ser social então as formas de nos organizarmos no trabalho terão esta característica. Se a permacultura traz mudanças para uma realidade mais coletiva e solidária, ainda não atingiu o alvo, continuamos praticamos a mais valia. Mas considero que o primeiro passo está dado.

AM: Em São Paulo tenho visto o crescente envolvimento da permacultura nas periferias como um movimento social válido...

A partir dos comentários, observamos opiniões qualitativamente bastante distintas, denotando a já citada crise discursiva e, também, a fragilidade conceitual relativa aos movimentos sociais.

Uma noção que se faz especialmente presente é a da permacultura enquanto uma ferramenta. Tal concepção nos parece sintomática, uma vez que uma ferramenta é um utensílio utilizado para desempenhar determinada tarefa, mas não é o agente que concebe a tarefa em si. A ferramenta é um meio utilizado por um sujeito dotado de vontade; um objeto portador de intencionalidade (ainda que este seja um debate que demanda aprofundamento) mas incapaz de demonstrar autonomia ou protagonismo.

Poderíamos depreender do que foi até agora discutido, também, a inexistência de uma identidade coletiva sólida entre os praticantes e entusiastas da permacultura no Brasil.

Identidade coletiva é uma perspectiva interativa compartilhada. Interativa e compartilhada significa construída e negociada através de um **processo de ativação das relações que ligam os atores sociais**. A construção da identidade coletiva implica investimentos contínuos e ocorre como um processo que deve ser ativado para tornar possível a ação dos indivíduos (MELUCCI, 2001, p. 69, grifo nosso).

Tal ausência de solidez identitária contribui também para a interpretação de um universo permacultural brasileiro que ainda não se constitui enquanto um movimento social. Seria necessário promover conscientemente a ativação e estreitamento das ligações entre os atores sociais envolvidos, e fomentar uma compreensão coletiva do que se está construindo enquanto estratégia, horizonte e projeto, mesmo que, dentro de tais negociações, seja possível comportar e delimitar uma ampla gama de táticas e ações variadas, valorizando o princípio da diversidade na unidade.

Reiteramos repetidamente o recorte brasileiro desta pesquisa pois acreditamos que, em outras localidades e contextos, poderíamos obter distintas reflexões, e não pretendemos que o debate aqui realizado (em especial suas conclusões) generalize-se a despeito do *locus* onde se insira. São os elementos providos por nosso recorte que nos conduziram às formulações aqui expostas.

Ainda que assumamos que a permacultura não seja, em si, um movimento social, não podemos deixar de frisar seu engajamento com diversos movimentos, conforme citamos rapidamente acima, principalmente enquanto uma ferramenta conduzida pelos mesmos para a consecução de seus objetivos.

Em termos gerais, a aproximação mais completa que poderíamos fazer da permacultura com um movimento é identificá-la como parte do movimento ecológico ou ambientalista⁴⁴. Mas, como se dá essa relação? E onde se situa o movimento ecológico?

Num certo aspecto, poderíamos classificá-lo como um 'novo movimento social' (NMS), por desvincular-se do recorte classista e da centralidade do operariado e do local de trabalho como agentes e espaços prioritários das ações. Ao mesmo tempo, limitá-lo a uma luta identitária seria reduzi-lo em sua abrangência sistêmica e estrutural, principalmente no que diz respeito às propostas da Ecologia Política (DUPUY, 1980; LOWY, 2005), da Ecologia Social (BOOKCHIN, 2010) e de outras leituras que entendem a crise ecológica como uma manifestação da crise sistêmica do capitalismo; e enxergam a exploração da natureza atrelada

44 - Sobre a disjunção 'ecologia' e 'ambientalismo', ver ACSELRAD (2010) e DOBSON (2007). Não entraremos no âmbito desse debate aqui, com o intuito de não prejudicar o fluxo central posto, ainda que se trate de uma relevante questão para o melhor entendimento do panorama 'movimentalista' em torno da questão ambiental e ecológica. De forma que, por vezes, nos omitiremos acerca do debate desta disjunção.

a exploração do 'homem pelo homem'. Em outras palavras, são escolas da ecologia nas quais a superação da problemática posta aponta, *inevitavelmente*, para a superação da sociedade de classes e para uma transformação estrutural completa do modo de produção e reprodução social. Da mesma maneira, existem outras escolas da ecologia, que, voltadas a uma perspectiva biocêntrica e do valor intrínseco relativo a todas as formas de vida, são menos afeitas aos debates político-sociais e de reformulação estrutural organizativa (CAPRA, 1996; BATESON, 1972; NAESS; ROTHENBERG, 1990), ou a reconstrução de uma 'nova esfera pública', democrática de fato, como condição para o advir de uma sociedade ecológica (BOOKCHIN, 2010).

Castells (2000) enxerga o ambientalismo como um movimento social multifacetado, situado “no cerne de uma reversão drástica das formas pelas quais pensamos na relação entre economia, sociedade e natureza, propiciando assim o desenvolvimento de uma nova cultura.” (CASTELLS, 2000, p. 142). O mesmo é fruto da generalizada 'crise ambiental' que, coletivamente, a civilização humana atravessa. Castells interpreta o 'movimento ambientalista' enquanto um movimento social de forte impacto nos valores culturais e nas instituições da sociedade, adequando-se ao seu conceito fundante da categoria 'movimento social'.

Infelizmente carecemos de tempo e espaço para um aprofundado e merecido debate, que foi introduzido no capítulo 2.1.1 da pesquisa, – com sua respectiva revisão bibliográfica – em torno dos emergentes movimentos ambientalistas e ecológicos surgidos aos finais do século XX, principalmente a partir dos anos 60. O que nos importa aqui é afirmar a grande interface da permacultura com tais movimentos, como uma das expressões em organização no interior do mesmo.

Talvez sejam fortuitas as palavras do geógrafo Luís Fernando de Matheus e Silva no sentido de nos dar uma pista sobre possíveis motivações para tal desconexão. No trecho abaixo, ainda que ele se refira mais especificamente ao movimento de ecovilas, acreditamos que questões muito semelhantes se apliquem também aos praticantes da permacultura – tendo em vista, inclusive, tratar-se de públicos muito semelhantes

na prática, a falta de sensibilidade e/ou mesmo de um conhecimento teórico mais aprofundado “sobre o outro” (o que invariavelmente implica uma mirada com “certo ar de superioridade”) dificulta – senão impossibilita – uma articulação política concreta e eficaz entre os entusiastas das ecovilas e os demais sujeitos/movimentos sociais não hegemônicos, como sindicatos rurais, movimentos de camponeses sem terra, movimentos indígenas, movimentos pela reforma urbana, etc. Não por acaso, a relação entre ambos muitas vezes se limita a trabalhos do tipo “voluntário” ou de “caridade” que – embora possam vir a ser de grande valia em determinados lugares,

ajudando a melhorar as condições de vida das populações locais através de ações pequenas, mas concretas e bastante úteis, como a construção de sistemas de captação e armazenamento de água da chuva, compostagem doméstica, técnicas de bioconstrução e agroecologia – uma vez apartados de um projeto político mais amplo e consistente, dispõem de possibilidades muito limitadas para transcender o atual estado de coisas e corroborar na construção de uma nova ordem mundial (SILVA, 2013, p. 147).

Por fim, acreditamos ser de grande valia – e isso é um convite àqueles e àquelas que se sentirem dispostos a tal tarefa – tecer reflexões aprofundadas e mais específicas da relação da permacultura com algumas das pautas e movimentos em atuação no Brasil. Artigos que se debrucem sobre a relação da permacultura e o feminismo⁴⁵, ou da relação da permacultura com o movimento negro, por exemplo, seriam de enorme contribuição para refletirmos e entendermos algumas das limitações e perspectivas dessa relação, bem como para explicitar potenciais.

A partir do debate aqui realizado, defendemos que, hoje, a permacultura não se manifesta enquanto um movimento social no Brasil, mas sim como um mosaico de iniciativas individuais e/ou regionais, sem uma articulação coletiva concreta e delineada.

4.2.2. Permacultura e políticas públicas

Durante as entrevistas, a possibilidade de inserir a permacultura enquanto uma política pública fomentada por governos federais, estaduais e municipais apareceu como um ponto recorrente. Tendo em vista a verdadeira inexistência de ações concretas nesse sentido, a maioria das opiniões encontradas apresentam um elevado grau de generalismo, sem maiores concretudes, ainda que sejam majoritariamente favoráveis. Muitas delas balizam-se na experiência da agroecologia, cuja política pública implementada pelo 'Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012' é o que chegou mais perto de se instalar no universo institucional a contemplar interesses da permacultura e de seus praticantes.

André Fossaluza, do Grupo Curare, acredita que a permacultura “ainda tem um bom caminho a percorrer antes de ser proposta como política pública”, e complementa dizendo que

45 - Nos anexos deste trabalho consta uma entrevista/texto com a permacultora Nadia Recio debatendo exclusivamente a questão de gênero dentro da permacultura no Brasil

o fato de se tratar de um conceito e de uma prática exógena, e por vezes 'importada' ao Brasil, dificulta o estabelecimento de bases sociais mais sólidas para disputar sua implementação.

Leandro Sparrenberger, da Arca Verde, acredita que

se existisse política pública de financiamento, ia sobrar dinheiro pra projetos permaculturais. Pro agronegócio, pra destruir a amazônia, tem muitos bilhões. Então não está faltando dinheiro. Tu não pode querer que os pequenos projetos financiem e resolvam todos os problemas. Pode se autofinanciar, acho uma ótima ideia ter um fundo; é uma das ideias de articulação econômica.

Leandro defende que na ausência de investimentos e políticas públicas, é necessário que os grupos desenvolvam sistemas de troca e circulação de bens e mercadorias para poderem ampliar seu fluxo econômico.

Por último, o permacultor paranaense Martin Ewert, nos conta em entrevista presencial realizada em abril de 2016 que

um caminho seria mesmo por meio do governo e de políticas públicas; algo muito interessante no sentido da gente colocar realmente a permacultura em outra esfera, que eu acredito ser fundamental. Ter pessoas engajadas dentro de alguns espaços, nos editais, nas esferas políticas até; e a gente poderia trazer a permacultura para quem realmente precisa acessar esse conhecimento.

A despeito das posições favoráveis, são poucas e pontuais as referências de políticas públicas permaculturais adotadas pelos governos brasileiros em qualquer instância. Uma das quais digna de nota trata-se do projeto 'Composta São Paulo', da Prefeitura Municipal de São Paulo sob gestão de Fernando Haddad (PT), cujo objetivo central era o de reduzir a quantidade de resíduos enviados ao aterro, desviando a parcela orgânica para a compostagem. O projeto contou com dois grandes eixos de ação: de um lado a distribuição de duas mil composteiras domésticas (ou minhocários) por parte da prefeitura de São Paulo no ano de 2014 em parceria com a empresa Morada da Floresta, fundada pelo permacultor Cláudio Spinola, que visava introduzir e difundir a cultura da compostagem a nível doméstico, formando multiplicadores e multiplicadoras⁴⁶; de outro, em setembro de 2015, iniciou-se o projeto-piloto 'Feiras e Jardins Sustentáveis' recolhendo os resíduos orgânicos de 26 feiras livres no entorno do primeiro pátio de compostagem do projeto implementado no bairro da Lapa. No final de 2016 já eram 50 feiras atendidas pela segregação e manejo dos resíduos orgânicos, atendendo as regiões de Brasilândia, Pinheiros, Piritiba, Casa Verde, Freguesia do

46 - Mais informações sobre o projeto no site oficial. Disponível em: <<https://compostasaopaulo.moradadafloresta.eco.br/>>. Acesso em janeiro 2017.

Ó e Jaraguá, compostando aproximadamente 60 toneladas de resíduos por semana. Outros cinco pátios estão sendo construídos para ampliar o projeto. Com a troca de gestão da prefeitura, agora sob a tutela de João Dória (PSDB), não se sabe se o projeto terá prosseguimento, e em eventuais discontinuidades como essa reside a fragilidade do caminho das políticas públicas implementadas como políticas de governo. Isso demonstra que tais políticas, isoladamente, de nada funcionam, sendo necessário um movimento sólido de organização da sociedade civil para dar suporte a quaisquer avanços conquistados por meio de medidas institucionais.

Em termos gerais, alguns países já vêm adotando o uso de técnicas da permacultura como políticas públicas para solucionar diversos problemas locais: Austrália, Cuba, Itália, Suíça e Japão, por exemplo, implementaram projetos para a utilização de grandes minhocários municipais que transformam resíduos orgânicos descartados em húmus⁴⁷. Mas em termos de políticas públicas efetivas, permanentes e relevantes ainda existe uma grande lacuna, a nível mundial e nacional, de ações concretas.

A primeira vez que a palavra 'permacultura' aparece em um programa de eleições presidenciais no Brasil foi no ano de 2014, nas propostas de governo da candidata Luciana Genro, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Em seu programa de meio ambiente, consta um item chamado “incentivo à permacultura como ferramenta de soberania”, onde se enuncia que

a educação ambiental à luz da permacultura é um caminho a ser trilhado para o cuidado com as pessoas e com a natureza, pois esta é a sua proposta ética. A permacultura permite compreender, observar e aproveitar os recursos fundamentais de uma cidade como a água, o solo, o clima e as plantas numa perspectiva realmente sustentável. Propomos, neste governo, a criação de uma escola federal de permacultura, tendo na sua grade curricular a educação biocêntrica, a agroecologia, a bioconstrução, a captação e aproveitamento eficiente da água, a utilização de energias renováveis como a solar e eólica, a meliponicultura (abelha nativa sem ferrão), agrofloresta, quintais produtivos, horta mandala e tantas outras ferramentas que reduzem os impactos no meio ambiente e melhoram a saúde das pessoas com atividades na natureza e produção de alimentação saudável⁴⁸.

Ainda nesta linha, nas eleições municipais de 2016, no Rio de Janeiro, o candidato à prefeitura Marcelo Freixo, também do PSOL, apresentou no dia 24 de setembro

47 - COIMBRA, Renato Emílio. Reciclagem do lixo orgânico. Revista Ambiente Brasil. Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/residuos/artigos/reciclagem_do_lixo_organico.html>. Acesso em janeiro 2017

48 - Programa de Luciana Genro (PSOL) nas eleições presidenciais de 2014. Disponível em: <<https://lucianagenro.com.br/eleicoes-2014/programa/meio-ambiente/>>. Acesso em: janeiro 2017.

(coincidentemente o mesmo dia da morte de Bill Mollison) uma Política Municipal de Permacultura no Rio de Janeiro, angariando apoio amplo do setor ambientalista atuante no município expresso por meio de um manifesto

Nós, Permacultorxs Brasileirxs, recebemos com muita alegria a iniciativa (...) de lançar a Política Municipal de Permacultura, que se propõe a repensar a forma do uso e ocupação do solo e das águas cariocas, gerando benefícios para o Ecossistema da cidade e principalmente para as pessoas. O surgimento da Permacultura, que perdeu coincidentemente seu precursor australiano Bill Molinson no mesmo dia do Lançamento da Política, dia 24 de setembro, está ligado a intenção de disseminação das tecnologias de conservação, regeneração e interação com a natureza, buscando formas harmônicas do viver bem, transformando resíduos em recursos (...) Entendemos que as Favelas Cariocas já guardam em si um grande repertório de estratégias colaborativas para a produção de uma vida digna e integrada aos ciclos naturais e poderiam vir a se tornar territórios prioritários para a implantação da Política Municipal de Permacultura. Desejamos força aos militantes e às militantes cariocas nesta empreitada de recriar uma cidade onde as pessoas possam cocriar uma sociedade resiliente, tendo a Permacultura e seus princípios como um importante alicerce para agregar nesta construção ecossocialista⁴⁹.

Nas pesquisas não encontramos nenhuma outra propositura relevante em termos de disputa institucional que trouxesse explicitamente o termo 'permacultura' em seu bojo. E em termos de políticas públicas concretas, apenas pequenas experiências locais e descontinuadas em cidades de interior, como, por exemplo, ações em escolas.

Com base nas informações acima, voltamos a chamar atenção para a importância da disputa institucional respaldada por um sólido movimento social, pois, dessa maneira, será possível enfrentar as contingências e descontinuidades tão comuns a um sistema de embate ideológico que instrumentaliza a 'coisa pública' prejudicando a grande população, tornada refém de antagonismos políticos e partidários. Cabe citar, também, que ambos os candidatos citados (tanto Marcelo Freixo como Luciana Genro) foram derrotados nas eleições, mas que não podemos tomar esse fato como indicativo de uma possível baixa incidência e aceitação popular das propostas apresentadas pelos mesmos, dado que o sistema eleitoral brasileiro configura-se de forma extremamente falha no sentido de representar anseios populares. Ele é, antes de mais nada, um sistema predominantemente controlado por interesses financeiros, sendo eleitos aqueles e aquelas que dispõem de melhor e maior apadrinhamento político e econômico, e que não necessariamente (em geral trata-se até do oposto) possuem as melhores propostas.

49 - Disponível em <<https://www.facebook.com/permaculturacarioca/posts/882395511861050>>. Acesso em janeiro 2017.

Por último, cabe citar o incipiente envolvimento da permacultura com o universo acadêmico, materializado, até o momento, na existência de grupos de extensão e algumas matérias optativas (como no caso da UFSC, uma das primeiras universidades a contar com uma matéria específica, oferecida pelo professor Arthur Nanni, formado em PDCs realizados no Sítio Çarakura). Comenta-se também a respeito de uma articulação para a implementação de um curso de graduação no nordeste e algumas possibilidades no que diz respeito a programas de pós-graduação. Em termos de educação particular, recentemente inaugurou-se a chamada UniPermacultura, protagonizada pelo permacultor Marcos Ninguém, com base em Alpestre, no Rio Grande do Sul. Ela oferece vários cursos pagos no sistema EaD (educação à distância) para formação de público interessado no tema.

4.2.3. Algumas experiências concretas para popularização da permacultura no Brasil: Curare, Pupa, Veracidade e Rede Permaperifa

É importante entendermos, na prática, alguns dos caminhos e perspectivas de grupos que tomaram como sua missão a popularização da permacultura no Brasil – o que eles têm enfrentado e o que têm conseguido. Cada qual à sua maneira, suas experiências são relevantes para a compreensão dos desafios postos, bem como para o vislumbre da superação dos mesmos.

Dessa forma, por meio de entrevistas e materiais que nos permitiram realizar esta síntese e aprofundamento, nos baseamos nas experiências concretas de 4 grupos de São Paulo com os quais tomamos contato direto e que têm se dedicado a tornar a permacultura mais popular, acessível e democrática: Grupo Curare; Associação Veracidade; Pupa Permacultura e Rede Permaperifa.

Ao final do tópico 2.3, ao discorrer sobre a etapa da 'Popularização' da permacultura no Brasil, o grupo Curare é apresentado e citado como um dos precursores dessa guinada que viria a se fortalecer, tendo partido do acúmulo e experiência de momentos anteriores e se consolidado enquanto um dos marcos para essa transição que se opera.

A palavra 'curare' deriva do latim 'curar'. Trata-se de um grupo nascido entre estudantes dos cursos de biologia, agronomia e nutrição da UNESP em Botucatu (SP) no ano de 2011, ainda que suas origens remontem ao ano de 2009, quando da realização do primeiro

PDC Moradia, em parceria com Tomaz Lotufo e o Sítio Beira Serra, conforme mencionado anteriormente.

Seu maior objetivo

é trabalhar a favor da *popularização da Permacultura* – considerando o contexto de difícil acesso aos cursos e discussões às pessoas de baixa renda e participantes de movimentos sociais / ambientais. Assim, temos organizado Cursos de Design em Permacultura (PDC) anuais, em Botucatu, a valores mais acessíveis. Além disso, buscamos uma aproximação com movimentos sociais, grupos de agroecologia e outras vertentes que atuam a favor de uma sociedade equilibrada ecologicamente e socialmente justa⁵⁰.

A realização dos PDCs é apenas uma parte – ainda que seja a central – do trabalho ao qual se propõe o Grupo Curare. Além disso, o grupo também realiza outros cursos, oficinas e palestras para a divulgação da permacultura e suas tecnologias em diversas cidades e, a partir de 2015 começou a realizar PDCs em parceria com grupos em cidades próximas como São Carlos e São José dos Campos.

André Fossaluzza, um dos membros mais antigos e ativos do grupo, doutorando que no presente momento também empreende pesquisa acadêmica relacionada à permacultura, conta em entrevista um pouco sobre as contradições e dificuldades nessa 'escolha' política que é democratizar a permacultura priorizando o trabalho com públicos socioeconomicamente marginalizados e desfavorecidos, apontando suas motivações:

É que a permacultura em si é um tema que ainda carece de popularização. Eu acho que é algo nosso de querer trabalhar com um público de camadas mais baixas mesmo, e aí a gente tem essa contradição: a gente quer escolher um público pra trabalhar, só que ao mesmo tempo você depende de alguma fonte de renda. (...) Isso é uma grande dificuldade quando você tem um público que você quer trabalhar. Porque, se não fosse por isso, trabalhar com permacultura, e com tudo que é dito verde e sustentável hoje na nossa sociedade é muito fácil. Você consegue ter um retorno financeiro muito fácil. Eu acho que é uma opção que o grupo fez, simplesmente. Assim como vocês também fizeram, como o pessoal do PUPA fez, é com essa galera que a gente quer trabalhar, e tudo bem, é mais difícil, mas é uma escolha, uma opção.

Na sequência, quando questionado acerca dos maiores desafios e possíveis caminhos enxergados no sentido de promover a popularização deste conhecimento, responde acreditar em ações como

a aproximação com os movimentos sociais, camponeses e agroecologia; a questão da nossa comunicação enquanto coletivos, a rede (...) E o trabalho dos grupos, que é

50 - Disponível em: <<http://www.grupocurare.com.br/o-curare/>>. Acesso em: janeiro 2017

duro (...) muito pela sociedade que a gente vive, por essa limitação financeira (...) ter que se acostumar muito a fazer trabalho voluntário, e se matar pra conseguir lutar pelas coisas que a gente acredita. E também (...) essa infiltração na academia, em outras instituições de ensino. Acho que é um caminho muito interessante também, até para o fortalecimento do campo, buscar interfaces com outras áreas de especial interesse, e com essa abordagem muito interessante da educação popular.

Já a Veracidade é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) fundada no ano de 2012, na cidade de São Carlos, por um grupo de aproximadamente 40 pessoas – dentre as quais o autor deste trabalho – que encontraram na permacultura, na agroecologia e na educação popular⁵¹, ferramentas de transformação de realidades, especialmente em contextos urbanos, apontando para a construção de sociedades sustentáveis por meio de atividades e processos de sensibilização ecológica.

A Associação Veracidade (nome oficial utilizado como razão social) surgiu a partir de um grupo de pessoas em busca de respostas concretas aos modelos estabelecidos de relações e aos conflitos socioambientais resultantes. A partir da permacultura, o grupo desenvolve inúmeras ações e projetos, além da busca pela criação de espaços educadores baseados na autonomia e protagonismo do ser, no que tange à criação de sistemas sustentáveis de ocupação do território e à valorização das relações humanas. A sede da Veracidade constitui-se enquanto um espaço de sensibilização a partir das vivências e aprendizados práticos onde são realizadas rodas de conversa, cursos e oficinas com foco na multiplicação da permacultura e das tecnologias presentes no local, tais como compostagem, horta urbana, banheiro seco, captação e utilização de água de chuva, energia solar, etc.

A Associação Veracidade trabalha na linha da popularização e da crítica da elitização da permacultura, tendo realizado seu primeiro PDC Popular em parceria com os grupos Pupa e Curare no ano de 2015, no Sítio Manacá, em São Carlos, formando 35 novos permacultores e permacultoras.

Hoje o grupo conta com aproximadamente 10 pessoas que dispõem de seu trabalho de forma majoritariamente voluntária, sendo que a profissionalização das atividades é um dos maiores desafios atuais. Para angariar recursos a fim de manter no mínimo a subsistência desse grupo central, garantindo a manutenção e a continuidade das ações, o grupo busca

51 - Aqui entendemos ‘educação popular’ no sentido freiriano, como uma prática pedagógica emancipadora e dialógica do ponto de vista dos educadores e educandos, que se misturam no processo, uma vez que se trata de uma relação de troca, afeto e construção coletiva de saberes. Educação popular é um processo de formação e constituição dos sujeitos e de seus papéis políticos, focado na conscientização e no engajamento social e cidadão, partindo de temas geradores conectados com a realidade local dos envolvidos nesse processo. Trata-se de uma abordagem descolonizadora específica e que visa a construção de autonomia e consciência em educadores e educandos.

financiamento por meio de editais, parcerias com o setor público e privado, e campanhas para doação e contribuição de entusiastas e apoiadores, tais como aquelas realizadas pela internet conhecidas como '*crowdfunding*', ou financiamento coletivo/colaborativo.

A Veracidade participa de conselhos municipais e estaduais e acredita na disputa institucional como uma das frentes de atuação possível para a promoção da permacultura e da sustentabilidade, visando o alcance mais amplo da sociedade e, em especial, das camadas populares que em geral possuem menos contato com as pautas e demandas ecológicas, desde seu viés prático à compreensão política da importância das mesmas.

O Pupa é um coletivo fundado no ano de 2012 na cidade de São José dos Campos, interior de São Paulo, e tem por foco o desenvolvimento de projetos nas áreas da permacultura, meio ambiente, cultura popular e saúde integral. Localizado no Bairro dos Freitas, em um contexto periférico de transição rururbana, atualmente conta com cerca de 15 participantes ativos e cerca de 30 colaboradores, além de inúmeras instituições parceiras como a Veracidade e o Curare, citados acima. Sua gestão interna se baseia na horizontalidade, e no consenso, organizando-se em formas de instâncias deliberativas. Na gestão, praticam métodos e ferramentas de gestão contemporâneas conhecidas como '*sociocracia*', liderança rotativa e poder compartilhado. O grupo nasce no interior de uma creche chamada ACEL (Associação Cristã Estância de Luz) que atende 200 crianças do entorno há mais de 20 anos, onde o PUPA é '*incubado*'.

Um de seus fundadores, o idealizador Yuri Almeida, nos conta em entrevista que iniciou seu trabalho como diretor pedagógico da ACEL, entidade que havia sido criada por seus pais, e que

O PUPA, com esse nome, foi fundado em fevereiro de 2012. Só que a permacultura aqui começou na ACEL antes de chamar PUPA, comigo e com o Bisqui, antes de ser um coletivo, isso em 2011, em abril, mais ou menos, que foi quando a gente começou a querer dar cursos. Até 2010 já tinha alguma coisa. Eu fazia mais sozinho, pouca coisa, uma horta. Depois a gente começou, uma casinha, e esse tipo de coisa. Em 2012 fundou oficialmente, porque rolou um financiamento pra gente construir. Um financiamento privado, via edital, com a EMBRAER, de investimento social. E aí, a gente construiu um espaço de permacultura em São José, e no processo a gente agregou as pessoas. Então, ao invés de contratar os pedreiros, a gente contratou um arquiteto e um pedreiro. E ao invés de serventes, a gente chamou as pessoas. Abriu um programa de estágio, onde oferecíamos algum dinheiro, uma ajuda de custos, casa e comida pras pessoas que trabalhavam um tempo por semana.

Hoje o PUPA segue com sua atuação no Bairro dos Freitas, dentro e fora da ACEL, promovendo a popularização da permacultura por meio de cursos, oficinas e atividades

pedagógicas gratuitas e/ou a valores acessíveis, buscando a aproximação com o bairro, o entorno e o empoderamento popular das técnicas de sustentabilidade.

Por último, a Rede Permaperifa é o resultado de um encontro entre diversos coletivos de permacultura paulistanos que buscavam um espaço para intercâmbio de saberes e experiências, partindo da crítica à elitização da permacultura e da necessidade dela adentrar as periferias, levando consigo suas propostas e tecnologias de regeneração social e ambiental. Assim, desta necessidade, nasce um fórum autônomo e permanente de parcerias, diálogos e práticas solidárias de mutirões itinerantes para a implementação de tecnologias ecológicas na periferia da cidade de São Paulo.

Lucas Ciola, um dos articuladores e fundadores da rede nos conta que,

A chegada da Permacultura no Brasil (...) ficou restrita ao circuito alternativo das classes mais abastadas e alguns círculos técnicos. A partir de 2012 a permacultura começa a chegar nas periferias através dos projetos de educação ambiental, com forte influência do movimento agroecológico que sempre atuou em paralelo no campo pela popularização da pauta ambiental e pela luta por alimentos sem agrotóxicos a preços populares. Podemos considerar que a Rede Permaperifa reflete também um movimento de insatisfação da juventude com as estruturas vigentes (que também desaguarão nos protestos de 2013) e a necessidade de construir novas estruturas para a gestão política dos bairros e das cidades. Assim a chegada da permacultura na periferia cria um território existencial para esse sentimento de indignação, canalizando esta revolta numa campanha pró-ativa de gerar de forma autônoma a qualidade de vida a partir da regeneração do ecossistema do entorno, do cultivo de alimentos agroecológicos, da bioconstrução, do manejo ecológico da água e produção de energia limpa.

É com esse 'caldo' que se organizam os coletivos que viriam a se encontrar na Rede Permaperifa. Grupos que buscavam acima de tudo a coerência, a horizontalidade, a autonomia e independência para desenvolver o seu trabalho. A convocatória para o primeiro encontro da rede surgiu a partir do diálogo entre os coletivos 'Horta di Gueto' e 'Art Horta', e aconteceu em meados de 2015, tendo reunido diversos outros grupos com alinhamento à proposta. Lucas nos explica que o funcionamento da rede se dá por meio de

encontros bimestrais cujo o foco é promover mutirões que fortaleçam os coletivos que já fazem na sua rotina permacultura e educação ambiental nos bairros. Os mutirões visam suprir demandas estruturais para funcionamento das atividades dos coletivos, dessa forma, a cada evento decidimos coletivamente qual coletivo sediará o próximo mutirão, de acordo com a urgência destes, mas buscando também nos distribuir pelas diversas regiões da metrópole. Assim tivemos o 1º encontro em Perus - Coletivo Art Horta; 2º Encontro em Itaquera - Barracão das Artes; 3º Encontro em Diadema - Espaço Beija Flor; 4º Encontro Vila Sônia - Coletivo Hezbolagos; 5º Encontro Jd São Luis - Coletivo Cendirá; 6º Encontro Perus - Coletivo Art Horta; 7º Encontro Parelheiros - Casa EcoAtiva; 8º Encontro Embu das Artes - Coletivo Terra Molhada.

A Rede Permaperifa é uma iniciativa bastante recente e que demonstra estar completamente alinhada ao propósito de popularização da permacultura, com enfoque no acesso às periferias urbanas, constituindo-se também enquanto uma experiência de articulação entre distintos coletivos. Essas características fazem com que ela seja acompanhada com entusiasmo por aqueles que, como o autor desta pesquisa, se dedicam ao tema.

De modo análogo às chamadas contraculturas espaciais (SILVA, 2013), entendemos as iniciativas acima elencadas como “pontos heterotópicos de resistência (...) como lugares distintos, mas contraditoriamente integrados aos seus arredores e que funcionam como espécies de laboratórios onde se abre a possibilidade de testar, na esfera do cotidiano, formas alternativas de viver e fazer as coisas” (p.50). Tratam-se de pequenos enclaves libertários aprimorando e aprofundando na prática essa 'outra forma de ser no mundo', com todas as descontinuidades e rupturas que isto significa, em seus avanços e retrocessos.

O intuito do presente capítulo foi o de aprofundar algumas reflexões acerca dos caminhos e das perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil, trazendo à tona experiências e práticas concretas nesse sentido com as quais tivemos contato durante a pesquisa. Obviamente não pretendemos aqui esgotar o assunto, mas, pelo contrário, estimulá-lo para que outras pessoas venham a discuti-lo. Muitas outras ações e debates poderiam ter sido contemplados neste capítulo mas, para fins deste trabalho, acreditamos ter cumprido a função de estimular o diálogo sobre o tema, jogando luz sobre algumas iniciativas concretas para as quais podemos nos atentar na busca por pistas e uma melhor compreensão deste processo em andamento. Há muito ainda por ser dito e pesquisado, mas trazemos aqui um esboço de caminhos e perspectivas contemporâneas acerca desta importante questão que é a popularização da permacultura no Brasil.

4.2.4. Permacultura Popular: redundância, incongruência ou disputa?

Expressões como 'escala humana' e 'holismo' tornam-se clichês enfraquecidos quando não são compreendidas em termos da sua plena lógica revolucionária, isto é, como reconstrução revolucionária de todas as relações e instituições sociais (BOOKCHIN, 2010, p. 32).

Como mencionado anteriormente, foi só recentemente que o qualitativo 'popular' tem se agregado ao termo 'permacultura' para definir alguns trabalhos e atuações específicas de

determinados grupos e indivíduos. Mas o que exatamente significa esse adjetivo e por que ele se faz presente?

Quando se agrega um qualitativo distintivo, em geral, objetiva-se dar mais especificidade a algum conceito, diferenciado-o de sua forma original. Poderíamos usar como exemplo, o conceito de 'desenvolvimento sustentável', criado em meados dos anos 1970, para reformular o desenvolvimento a partir de um novo elemento agregado: a sustentabilidade. Foi necessária uma nova roupagem para diferenciar o que era desenvolvimento puro e simplesmente, daquilo que era desenvolvimento sustentável. Registre-se que, neste caso específico, temos inúmeras críticas com relação a tratar-se de um processo mais semântico que efetivo; e do citado qualitativo ter sido agregado majoritariamente para sustentar o substantivo originário: desenvolvimento. No caso da 'permacultura popular', esperamos que o processo seja inverso: que o conceito se consolide apenas para traduzir uma prática efetiva já em curso, e para distingui-la de outras práticas.

Ao longo do trabalho, pudemos concluir que as manifestações da permacultura são muito mais plurais do que imaginamos, sendo necessárias subdivisões para melhor situar os tipos de atuação que se distinguem em algumas características. Anteriormente, discutimos sobre a multiplicidade de abordagens dentro do universo da ecologia, da qual decorre a necessidade de pluralizar o substantivo, entendendo-a como 'ecologias', pois são muitas. Aqui podemos afirmar que o mesmo ocorre com a permacultura, e que, mais correto seria a entendermos não como substantivo singular, mas plural: permaculturas. Dessa forma talvez possamos explicitar mais fielmente a polissemia do conceito e dar vazão à sua diversidade.

Ao afirmar que existem grupos que atuam para a popularização da permacultura, automaticamente, acabamos por afirmar que existem outros que não o fazem. E essa conclusão, feita de maneira leviana, poderia ocasionar embates e atritos desnecessários.

Primeiramente, vale fazermos um comentário contra qualquer tipo de purismo: em suas ações, os grupos e instituições de permacultura transitam por diferentes perspectivas, não sendo possível (nem desejável) taxar o que é ou deixa de ser determinado grupo. Simplesmente, ao analisar o conjunto de suas ações (ou parte representativa desse conjunto) é possível entendermos a qual perspectiva ou abordagem ele se dedica mais.

Em segundo, não temos nenhuma intenção de prestar um desserviço a grupos e instituições que não se identificam com a linha popular da permacultura. Não estamos aqui para dizer o que é certo ou errado. Cada agente tem sua valiosa contribuição para compor o

rico mapa da permacultura no Brasil e no mundo. Esta pesquisa optou por focar-se nos desafios para a popularização da permacultura.

Partindo para uma tentativa de síntese, os grupos que trabalham na linha da permacultura popular são aqueles que visam, ao fim e ao cabo, popularizar a permacultura. Desta forma, dedicam-se a identificar e minimizar as barreiras e obstáculos que afastam a grande população do contato com essa ferramenta.

Cabem aqui alguns questionamentos geradores para nos aprofundarmos neste debate: primeiro quais são essas barreiras e obstáculos? Depois, a permacultura é originalmente concebida para se popularizar? Se sim, por que foi criada uma vertente interna exclusivamente para este fim?

A esse respeito, nos parece válido partir de análises de um dos fundadores do conceito, David Holmgren que, em seu livro, 'Os fundamentos da Permacultura' (2007), apresenta um rápido subitem intitulado “Impedimentos à disseminação da permacultura”:

Existem muitas razões pelas quais soluções ecológicas de desenvolvimento que incorporam os princípios de design da permacultura não tiveram um impacto maior nas últimas décadas. Algumas destas razões são:

- Uma cultura reducionista científica predominante que é cuidadosa, se não hostil, a métodos holísticos de pesquisa.
- A cultura dominante do consumismo, impulsionada por medidas econômicas equivocadas de bem-estar e progresso.
- Elites políticas, econômicas e sociais (globais e locais) que correm o risco de perder influência e poder no caso de adoção de autonomia e autoconfiança locais.

Esses e outros impedimentos a eles relacionados se expressam de forma distinta conforme as diferentes sociedades e contextos considerados. (HOLMGREN, 2007, p. 4)

Tratam-se de elementos genéricos e bastante válidos para responder à pergunta que fizemos sobre quais seriam os obstáculos e impedimentos à disseminação da permacultura. No entanto, podemos observar também que todos esses argumentos dizem respeito a fatores exógenos, localizados do 'lado de fora', no mundo. Tenhamos em conta os 10 anos de vantagem que temos desde a publicação do livro de Holmgren, o que nos dá novos elementos e vivências para poder refletir melhor sobre os impeditivos da popularização da permacultura. De qualquer forma, o que podemos depreender do trecho citado é que a permacultura é concebida para disseminar-se, e que isso não ocorre mais largamente porque existem fatores externos a dificultar esse processo.

É neste ponto que nos surgem algumas reflexões, para as quais este trabalho pretendeu colaborar: não seria legítimo, também, buscarmos razões internas para entender as

dificuldades na difusão da permacultura? Determinadas escolhas não afastariam o acesso das pessoas em geral? Acreditamos que a resposta a esses questionamentos nos leva a olhar pra dentro do movimento, em busca de respostas. Os altos valores cobrados pelos cursos; a falta de engajamento com movimentos sociais e povos tradicionais locais; a centralização da transmissão do conhecimento; a recusa na disputa institucional; entre tantos outros fatores, poderiam ser citados como impeditivos inerentes à comunidade permacultural brasileira.

Uma anedota nos parece oportuna para o presente debate: após a exibição de um documentário sobre ecovilas do Brasil, na sede da Associação Veracidade, em São Carlos, em setembro de 2015, foi realizado um debate sobre o conteúdo do filme, no qual foram registradas diversas entrevistas durante uma viagem dos autores por diversas ecovilas brasileiras em busca de entender suas semelhanças, divergências, processos e horizontes. Em dado momento do debate, uma mulher pediu a palavra e, com toda a sinceridade e força que foi capaz de reunir, disse: “Achei muito bonito o filme, muito bem-feito e encantador, mas uma coisa me inquietou muito: por que não vemos nenhuma pessoa negra nestes lugares? Onde estão elas? O que estão fazendo?”. A pergunta caiu como uma bomba, e nos obrigou todos a olhar em volta e constatar que, de fato, mesmo entre nós, praticamente não haviam negros e negras, com exceção da pessoa que havia feito a pergunta e, no máximo, mais uma ou duas pessoas. E éramos mais de 50 ali presentes. O último censo do IBGE, de 2014, informa que a população negra no Brasil corresponde a 53,6% da população total do país; trata-se de mais da metade do povo e, no entanto, a imensa minoria ali presente.

Essa é uma realidade que se repete, como vemos na seguinte manchete de uma reportagem da Folha de São Paulo, de junho de 2015: “Com metade da população, negros são só 18% em cargos de destaque no Brasil”⁵²; ou no fato de que, entre os representantes do Congresso Nacional, apenas 8,9% sejam negros⁵³; entre diversos outros indicadores inquestionáveis de que a desigualdade econômica no Brasil está entrelaçada também em fatores de raça, etnia, gênero, entre outros. A mesma desproporção vamos encontrar entre representantes de povos tradicionais; mulheres ou outros grupos 'minoritários' e oficialmente oprimidos por instituições políticas majoritariamente brancas, masculinas e heteronormativas.

No caso das ecovilas, tão atreladas às ideias e práticas da permacultura, o que incomoda é que, se elas se apresentam, em alguma medida, como 'um outro mundo possível', porque esse mundo reproduz tais padrões do antigo? Coisas tão importantes como essas, não

52 - Disponível em <<http://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-no-brasil/negros/com-metade-da-populacao-negros-sao-so-18-em-cargos-de-destaque-no-brasil.shtml>>. Acesso em: janeiro 2017.

53 - Disponível em <<http://apufpr.org.br/negros-e-pardos-representam-apenas-89-da-camara-dos-deputados/>>. Acesso em: janeiro 2017.

deveriam ser diferentes? Em termos gerais, trata-se de um movimento realizado majoritariamente por indivíduos oriundos de camadas abastadas, sendo, portanto, elitizado, em termos econômicos, étnicos e educacionais.

Muito poderia ser conquistado a partir de uma postura pró-ativa de aproximação e integração com outras realidades, rompendo a 'zona de conforto' de 'falar para iguais'.

Diversas experiências dos setores pobres da sociedade brasileira apresentam pontos em comum com o ideário alternativo. No entanto, por serem formadas a partir de experiências e sistemas valorativos muito diferentes, grande parte do movimento alternativo não se esforça em ampliar o diálogo com essas experiências e esses sujeitos, apresentando uma tendência a se fechar numa subcultura de certa forma (ROYSEN, 2013, p. 211).

Em termos de horizonte utópico, a partir das entrevistas e vivências realizadas junto a integrantes de grupos permaculturais que se identificam com o qualitativo 'popular', podemos identificar um dado entendimento, entre alguns, sobre a 'transitoriedade' do mesmo. A ideia é que falar em permacultura popular, um dia, seja redundância, a partir do momento em que ela se popularize de fato e que não seja mais preciso identificar e superar obstáculos e impedimentos entre a grande população e ela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ou o projeto é levado à prática até os seus mais radicais fins, ou ele entrará em conflito consigo próprio e com os seus objetivos originais (BOOKCHIN, 2010, p. 32).

Durante o curso desta pesquisa realizamos inúmeras entrevistas, vivências e viagens que nos puseram a conhecer, aprimorar e aprofundar conhecimentos e práticas deste universo chamado permacultura. O contato com outras pessoas e os esforços para sistematizar os dados e referenciais acumulados foram fundamentais para a realização de uma pesquisa prazerosa e produtiva. Foram três anos de trabalho acadêmico somados a quase dez de caminhada.

Mesmo realizando um grande esforço de síntese, o resultado final aqui apresentado superou, em volume, nossas expectativas iniciais, constituindo-se em tamanho atípico para uma dissertação de mestrado. Isso se deve, em partes à riqueza de dados e fontes encontradas e, também, em razão do desejo de produzir uma pesquisa relevante e o mais completa possível.

O resultado está nestas páginas: na apresentação de um mapeamento representativo e atualizado dos grupos em atividade no país, além de uma breve historiografia da permacultura no Brasil e de análises críticas formuladas a partir das entrevistas e dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio do formulário *online*. Acreditamos contribuir de alguma forma para a organização e articulação do cenário nacional, bem como para vislumbrarmos juntos alguns caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil.

A julgar pela conjuntura atual faz-se necessário um grande rompimento com as forças da ordem, uma Grande Recusa (MARCUSE, 1977) com relação ao estabelecido e suas instituições fundamentais de onde emanam as narrativas hegemônicas constituintes da realidade. Não podemos contar com uma evolução linear da história, como se estivéssemos fadados a, em algum momento, superar as contradições objetivas e subjetivas da humanidade 'naturalmente'.

É por isso que nos apoiamos sobre a importância da difusão de práticas e narrativas contra-hegemônicas como tática de superação do estabelecido. Para que isso seja possível, essas práticas e narrativas devem se articular em uma rede capaz de apresentar *um outro projeto de sociedade*, superando suas condições particulares e trazendo para o campo das possibilidades o retorno das grandes utopias, não como imposições totalizantes e opressoras – trauma resultante das degenerações do chamado 'socialismo real' –, mas como espaços de

'unidade na diversidade', onde a pluralidade não seja tolerada, mas sim fomentada e priorizada como forma de estabelecer a resiliência das sociedades. Uma tal ordenação onde “o livre desenvolvimento de cada um seja condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX; ENGELS, 1998, p.23). Entendemos que o salto qualitativo que propiciará mudanças substanciais reside majoritariamente na articulação das lutas e das pautas já em curso.

Entendemos a permacultura como uma potencial forma de resistência, pois baseia-se em princípios de cooperação inter-humana e inter-biótica, além de promover autonomia e reflexão crítica concreta. A permacultura se baseia na cooperação entre os seres como princípio fundamental de sua práxis.

No entanto, acreditamos que tal potencial só se realizará quando os atores que a constituem estiverem aptos a vislumbrar um horizonte comum de superação integral sistêmica (e deixem de buscar apenas reformar o que aí está), articulando-se em redes com outras comunidades e formas de resistência emergentes, em diversas esferas, tais como a agroecologia; o *software* livre, os diversos movimentos sociais do campo e da cidade: MST, MAB, Levante Popular da Juventude, Via Campesina, MTST, MPL; povos tradicionais, indígenas e quilombolas do Brasil e do mundo; organizações políticas progressistas, etc.

É preciso reconhecer que a luta de cada um é a luta de todos, e não há como sustentar a neutralidade frente a tudo que vivemos. E sobretudo compreendermos que a articulação destas lutas constitui-se enquanto um projeto de sociedade, não como um mosaico de demandas pontuais, mas um vislumbre holístico e concreto do sonhado 'Outro Mundo Possível'.

Poderíamos dizer que, hoje, a permacultura – bem como grande parte das outras formas de resistência citadas – consolidou-se qualitativamente apenas em seu espaço semântico e simbólico. Ela reside como um 'campo de possibilidades' próximo aos que buscarem-na procurando por 'algo mais'. Seu alcance é restrito e depende de busca ativa, especialmente por diversos motivos anteriormente apresentados: linguagem e abordagem iniciática e internista; desinteresse e não reconhecimento por parte dos gestores públicos em todas as esferas; falta de financiamento; barreira econômica que dificulta o acesso aos espaços de vivência e transmissão dos saberes; ausência de trabalho em rede dos grupos de permacultura entre si, e com relação a outros grupos e movimentos próximos; conjuntura global alienante; entre outros.

Seja como for, é justamente deste repositório de 'projetos alternativos' que deve sair a alternativa social capaz de fazer frente ao estabelecido. Não se trata de uma nova forma globalizada de imposição, mas justamente de impedi-la.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. **Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental**. estudos avançados, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: As bases científicas para agricultura alternativa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: ASPTA, 1989.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology**. University of Chicago Press, 1972.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo: crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.
- _____, Murray. **Ecologia social e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____, Carlos R. **Pesquisar-Participar**. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-14.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova concepção científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Pensamentos, 1996.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 2). p. 17-28; 78-87; 141-168; 417-427.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2002.
- DA MATA, R. **O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’**. In: NUNES, E. O. (Org.) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- DESMARAIS, Anette Aurélie. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato**. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 1ª edição. São Paulo: Cultura Acadêmica; Expressão Popular, 2013.
- DOBSON, Andrew. **Green political thought** – 4th ed. Routledge, New York, 2007.
- DUPUY, J. P. **Introdução à Crítica da Ecologia Política**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1980
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- FEINBERG, J. **Wordle**, 2009. Disponível em: <<http://www.wordle.net/>>. Acesso em janeiro de 2017
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014.

- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995b.
- _____, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995a.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10ª edição. Edições Loyola, 2012.
- _____, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impacto sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, Vozes, 2000.
- GRUPO CURARE. Disponível em: <<http://www.grupocurare.com.br/o-curare/>>. Acesso em: janeiro 2017
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 1990.
- _____, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- HAGUETTE, T.M.T. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HARVEY, David. **O Novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOLMGREN, David. **Os fundamentos da permacultura**. Traduzido por: Alexandre Van Parys e Amantino Ramos de Freitas. Austrália: Ecosystemas, 2007.
- _____, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**; tradução Luiza Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA; ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**. IBGE, 2003.
- INSTITUTO ÇARAKURA. Disponível em <<http://www.institutocarakura.org.br/>>. Acesso em janeiro de 2017.
- KAPLINSKI, Raphael. **The economies of small: appropriate technology in changing world**. London: Intermediate Technology Publications, 1990.
- KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- LAPYDA, Ilan. **A ‘financeirização’ no capitalismo contemporâneo: uma discussão das teorias de François Chesnais e David Harvey**. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Pesquisa-ação participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória**. Tozoni-Reis MFC, organizadora. A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas. São Paulo: Annablume, p. 13-56, 2007.
- LOWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____, Herbert. **Um ensaio sobre a Libertação**. Trad: Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.
- MÁRKUS, Gyorgy. **Marxismo e antropologia: o conceito de 'essência humana' na filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARX, Karl et al. **A ideologia alemã**. Boitempo Editorial, 2007
- _____, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998
- _____, Karl; RANIERI, Jesus. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo Editorial, 2004.
- _____, Karl. **Grundrisse: esboço da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política, livro I: O processo de produção do capital**. Boitempo Editorial, 2013.
- _____, Karl. **O Capital. Volume I; crítica da economia política**. São Paulo: Cultural, 1985
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____, Alberto. **Nomads of the present: Social movements and individual needs in contemporary society**. Vintage, 1989.
- MENDES, Rafaelle. **PERMA O QUÊ? Permacultura para quem não sabe, mas quer saber**. Trabalho de conclusão para o curso de jornalismo, Universidade Positivo. Curitiba, 2010.
- MOLLISON, Bill. **Permaculture: a designer's manual**. Second edition. Tagari Publications, Austrália, 1988.
- _____, BILL. **Permaculture: A Quiet Revolution — An Interview with Bill Mollison**: entrevista [verão de 2005]. Scottsdale, Estados Unidos: *Green Living Magazine*.

- Entrevista concedida a Scoot London. Disponível em: <http://www.scottlondon.com/interviews/mollison.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- _____, Bill; SLAY, R. M. **Introdução a Permacultura**. Tradução: André Soares. PNFC, MA, Fundação Daniel Efraim Dazcal, Brasília, 1998.
- MORROW, Rosemary. **Permacultura passo a passo**. Ecocentro IPEC. PAL/Ecocentro IPEC, IPEP, IPA, OPA, 1993.
- MOURA, Gedeão Mendonça de. **O conceito marxiano de trabalho**. Monografia apresentada para conclusão de curso de graduação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012
- NAESS, Arne; ROTHENBERG, David. **Ecology, community and lifestyle: outline of an ecosophy**. Cambridge University Press, Inglaterra, 1990.
- NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. **Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados**. Revista de práticas psicossociais, v. 1, n. 1, 2006.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 125-145, 2005.
- PPP MANIFESTO. **Permaculture People's Party Manifesto**, 2008. Disponível em: <http://www.permaculturenorth.org.au/Resources/Documents/Teams/Advocacy/PPP%20Manifesto%20Draft.pdf>>. Acesso em: <13 out. 2015>.
- PRUDENTE, Letícia Thurmann. **Permacultura, uma prática eco-sócio-ambiental: centro de formação do movimento dos trabalhadores sem terra (MST) do Rio grande do Sul**. In: IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e comunidades sustentáveis – ELECS 2007. p. 1165-1174. UFMS/ANTAC, Campo Grande, 2007. Disponível em: http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2007/2007_artigo_124.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- ROBSON, Leslie Lloyd. **A short history of Tasmania**. Oxford University Press, USA, 1985.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Caixa de Ferramentas para uma atitude histórico-crítica na pesquisa-intervenção/Toolbox for a critical attitude in the intervention-research**. Revista Polis e Psique, v. 5, n. 2, p. 6-31, 2015.
- ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SANTOS J. R., S. Ecovilas e Comunidades Intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. III Encontro da ANPPAS. **Brasília, Anais**, 2006.
- SANTOS, Marcelo Loures; BARBOSA, Willer Araujo; CAON, Kyvia Gregório. **Caminhos para a permacultura popular: experiência de formação do grupo sauípe-saúde**

- integral em permacultura.** AMBIENTE & EDUCAÇÃO-Revista de Educação Ambiental, v. 17, n. 2, p. 117-132, 2013.
- SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **O negócio é ser pequeno: um estudo de economia que leva em conta as pessoas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SILVA, Luis Fernando de Matheus. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul).** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.
- SPRADLEY, J. P. **Participant observation.** New York: Holt, Rinehart and Winston Ed. 1980.
- STEINER, Rudolf. **Economia Viva - o mundo como organismo econômico único.** São Paulo: Antroposófica, 3a edição, 2006.
- THIOLLENT, Michel. **Notas para o debate sobre pesquisa-ação. Repensando a pesquisa participante,** v. 3, p. 82-103, 1999.
- _____, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.
- VELASCO, Sírio Lopez. **Ética para o século XXI – Rumo ao Ecomunitarismo.** São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2003
- VIANA, Nildo. **Kropotkin e o Darwinismo.** Élisée-Revista de Geografia da UEG (ISSN 2316-4360), v. 3, n. 2, p. 33-42, 2015.

ANEXOS

Introdução e contexto:

Aqui estão disponíveis na íntegra os materiais coletados para subsídio do presente trabalho. Eles se apresentam sob a forma de transcrição de entrevistas presenciais; entrevistas realizadas à distância, por telefone ou e-mail; anotações; diários de campo redigidos durante viagens exploratórias; e textos produzidos por contatos acerca do tema abordado. Destes materiais, pequenos excertos foram extraídos e utilizados como citações pontuais na redação final da dissertação.

De forma a contribuir com a fluidez da leitura, estes anexos encontram-se separados e organizados por índice único e específico, disponível na página seguinte em ordem alfabética para facilitar a navegação e a pesquisa.

Todo material foi coletado entre junho de 2015 e janeiro de 2017. Todas as entrevistas tiveram suas transcrições autorizadas pelos entrevistados e acompanham arquivo digital em formato 'mp3' para maiores detalhes e futuras conferências. Os arquivos audiovisuais também estão disponíveis na mídia que acompanha o texto da dissertação. Nela também constam fotografias, apresentações e materiais complementares à pesquisa para fins de aprofundamento.

As opiniões expressas nas entrevistas não expressam as opiniões do autor, sendo as mesmas de responsabilidade dos entrevistados e entrevistadas.

SUMÁRIO DOS ANEXOS

Introdução e contexto:.....	171
Entrevista com Ananta Alano, Sítio Pé na Terra, 17 e 18 de janeiro de 2017.....	173
Entrevista com André Santachiara Fossaluzza, Grupo Curare – Botucatu (28 de janeiro de 2016).....	177
Entrevista com André Soares, IPEC – Pirenópolis (21 de janeiro de 2017).....	188
Entrevista com Andrea Oliveira, Sítio Çarakura – Florianópolis (6 e 7 de abril de 2016).....	189
Entrevista com Breno Xavier – FURG, Rio Grande (23 de março de 2016).....	197
Entrevista com Fábio Klafke – Rio Grande (22 de março de 2016).....	204
Entrevista com Gabriel Nascimento sobre David Holmgren – Franca (novembro de 2016).....	210
Entrevista com Guilherme Guisch – UFRGS, Porto Alegre (16 de março de 2016).....	213
Entrevista com Jeferson Muller Timm, Instituto Ambiental Datterra – Estância Velha (12 e 13 de março de 2016).....	224
Entrevista com Leandro Sparrenberger, Arca Verde – São Francisco de Paula (10 de março de 2016)	243
Entrevista com Leonardo Ramos - Movimento 'Rumo ao Sol' e ENCA.....	248
Entrevista com Loci Muller, Instituto DaTerra – Novo Hamburgo (13 de março de 2016).....	252
Entrevista com Marco Aurélio Tavares Bastos (janeiro de 2016).....	255
Entrevista com Marcos Molz, Arca Verde – São Francisco do Sul (11 de março de 2016).....	259
Entrevista com Marsha Hanzi (por e-mail), em 16 de fevereiro de 2016.....	263
Entrevista com Martin Ewert, Ipepa – Campo Largo (13 de abril de 2016).....	269
Entrevista com Ney, Sítio Çarakura – Florianópolis (7 de abril de 2016).....	275
Entrevista com Pedro Vieira Bastos, Sítio Amoreza – Morro Redondo (24 de março de 2016).....	282
Entrevista com Rafaelle Mendes, Ipepa – Campo Largo (13 de abril de 2016).....	292
Entrevista com Thiago Ami, Escola Ayni – Guaporé (8 de março de 2016).....	298
Entrevista com Thomas Enlazador (janeiro de 2016).....	302
Entrevista com Tomaz Lotufo, Rede Permear (19 de janeiro de 2017).....	305
Entrevista com Yuri Almeida, PUPA – São José dos Campos (20 de fevereiro de 2016).....	310
Fala Thomas Enlazador e Djalma Nery sobre o Brasil na 4ª CLAP, na Colômbia.....	321
Indicações permacultura na região de PoA – Marcel, em Guaporé (8 de março 2016).....	324
Texto sobre a questão das mulheres na permacultura, por Nadia Recioli (14 de janeiro de 2017).....	326
Diário de campo Rota Sul.....	328
DVD-ROM com materiais digitais da pesquisa.....	368

Entrevista com Ananta Alano, Sítio Pé na Terra, 17 e 18 de janeiro de 2017

[através de Jeferson Muller Tim, do Instituto Ambiental Daterra, obtive o contato de Diego Alano, um dos atuais articuladores do Sítio Pé na Terra, em Viamão, região metropolitana de Porto Alegre/RS. Ele, por sua vez, me passou o contato de seu tio que hoje mora no Chile, Ananta Alano, fundador do sítio e um dos responsáveis pelo primeiro curso de permacultura no Brasil ocorrido em 1992, com a presença de Bill Mollison. As primeiras mensagens de Alano são a resposta a algumas perguntas mais gerais sobre estes fatos, e, em um segundo momento, ele responde a perguntas dirigidas]

Ananta: Olá, velho! É um agrado saber que alguém está se preocupando com este tema, e eu posso dar todos os depoimentos em primeira mão de tudo o que aconteceu. No site da permacultura internacional eu apareço como o introdutor da permacultura no Brasil, mas não é verdade. Eu já até mandei mensagem mas não sei se retificaram ou não, porque eu nunca mais olhei. Mas não é verdade; eu vou te contar como é que começaram as coisas. Trabalhava na prefeitura de Porto Alegre um engenheiro agrônomo chamado Marcos Paim, não lembro o nome dele, acho que era Marcos Paim, ele soube que eu estava viajando na Austrália, e fez contato comigo para que eu falasse com o Bill para que ele viesse para uma atividade de comemoração do 'Dia da Árvore', para fazer uma palestra de um dia, uma conferência na Semana do Meio Ambiente pela prefeitura de Porto Alegre. O Bill me respondeu negativamente. Ele me disse que não ia, a não ser que fosse para formar permacultores; que ele não iria só para fazer palestra. E eu dei esse retorno para o Paim (acho que era ele), e segui viagem, porque dali eu ia para Nova Zelândia. Quando eu cheguei no Brasil, depois do fim da viagem, depois de um mês e pouco, aí eu fiquei sabendo que eles tinham acertado então o curso com o Bill Mollison. Ele veio em 1992 para formar a primeira turma de permacultura. O local do curso era o Viveiro da Prefeitura de Porto Alegre – eu fiquei com um pouco de vergonha porque as instalações eram realmente simples demais. Não avaliaram muito o tamanho da bronca. Então a gente tratou de levar o Bill para o Sítio Pé na Terra; pra Serra, porque eu tinha uma casa lá, para aliviar um pouco a barra. A Marsha, lá da Bahia; o Paim; o Toni, paisagista de Nova Petrópolis. A primeira turma de 92 que se formou. E realmente, o Bill ficou lá no 'Pé na Terra' um tempo. O sítio começou com a inspiração da biodinâmica, eu não conhecia ainda a permacultura. Com o curso do Bill foi que o 'Pé na Terra' começou toda uma busca de se adaptar a permacultura. Mas nesta estada dele, a gente fundou o Instituto Gaúcho de Permacultura, e o Bill Molison fez questão de botar 5 mil reais (não lembro como era o nome do dinheiro naquele tempo), e no estatuto do Instituto consta que ele “começa com o dinheiro doado nesse momento pelo Bill Molison”, o que foi um privilégio da gente. Porque o Bill, nessa altura da vida, terminou o curso e ia pro Equador ou pra Colômbia pra dar outro PDC, só que o avião de Porto Alegre não decolou por causa do clima, e só tinha voo depois de 4 dias. E aí ele ficou 4 dias no 'Pé na Terra', que foi o meu grande privilégio de viver com ele esses dias exclusivamente lá, com ele nos dando orientação do que fazer para o sítio ficar mais perto da permacultura. Hoje em dia, o 'Pé na Terra' não tem mais nada a ver com isso, tomou outro rumo, porque eu fui embora e até a permacultura saiu da minha vida de certa forma, porque eu fui morar no Chile, aliás onde eu estou agora, e fiquei no Chile trabalhando, fazendo a minha vida permaculturalmente mas quieto no meu canto. E quando eu voltei ao Brasil, agora faz uns 4 ou 5 anos, eu voltei ao sítio, e a cooperativa que eu tinha montado e deixado funcionando meio que se desagregou, e a própria estrutura física do 'Pé na Terra' quase desapareceu. Aí os meus sobrinhos, entre os quais o Diego, estão morando lá agora, e começaram a fazer um trabalho de imersão em idiomas, e estão retomando... Fizeram um

PDC com o João Rocket pra eles mesmos aprenderem e para motivar, e agora estão começando a fazer um projeto de PDC, mas por enquanto não tem nada ainda praticamente. Mas enfim, estou a suas ordens, o que a minha memória puder ajudar...

[Neste momento, envio para ele, além dos agradecimentos pelas primeiras mensagens, uma série de perguntas ordenadas para ajudá-lo a contar essa história abordando elementos específicos importantes para a reconstituição histórica do curso e para o aprofundamento de meu trabalho. Abaixo a mensagem enviada pelo 'Whats App']

Perguntas do Djalma:

- 1) Você participou do PDC? Como foi esse curso? Você gostou? Conte um pouco de suas impressões
- 2) Quantos dias durou o curso? Sabe me dizer as datas exatas? Mais alguém além do Bill deu aula?
- 3) O curso foi pago ou gratuito? Como foi o método de seleção dos participantes? Você lembra do perfil do pessoal?
- 4) Quantas pessoas participaram? Você saberia citar alguns nomes?
- 5) Existe material desse curso? Fotos, vídeos, textos, etc?
- 6) O que você achou do Bill Molison? Conte um pouco sobre ele como professor e também da convivência com ele no sítio.
- 7) O viveiro onde ocorreu o curso existe ainda? Eu consigo fotos dele na internet? Em que sentido que as estrutura lá eram precárias? Pra dar aulas ou pra hospedar o Bill?
- 8) Esse instituto que você citou (Instituto Gaúcho de Permacultura) ainda existe? Quem está a frente dele? Tem cópia desse estatuto contando da doação dele para que possa anexar no trabalho?

É isso, companheiro. As perguntas são um pequeno roteiro pra orientar as tuas respostas e ajudar a ir rememorando alguns detalhes históricos importantes. Não se preocupe com exatidão, fale daquilo que se lembrar. Agradeço de coração novamente sua disposição e, precisando de mim, é só falar!

Ananta: Então, eu participei do primeiro PDC sim, se a minha memória não falha foram 10 dias de aula, o dia inteiro, manhã e tarde. Os professores foram o Bill Molison com o Scott Pittman, dos Estados Unidos. O curso de PDC foi tão impactante que... não vou dizer que mudou minha vida, porque eu já tinha toda uma vivência com ecologia e com agricultura biodinâmica, mas o PDC deu uma visão muito mais ampla da permacultura em relação a vida da gente, a cultura, a permanente cultura. Isso foi um impacto muito poderoso, porque eu comecei a ver não só a relação da agricultura, mas também com o entorno, com o mundo,

principalmente com a questão energética, que é nó da ecologia, o nó da sustentabilidade, e pra isso a permacultura abre os olhos da gente

O curso pelo que me lembro foi pago. Não foi muito caro mas foi pago. E eu não tenho a menor ideia de como foi a seleção dos participantes, mas na maioria eram pessoas ligadas a área. Tinham arquitetos, agrônomos, agricultores. Tinha de tudo na verdade, mas acho que a maioria eram agrônomos e paisagistas. Eu acho que éramos um grupo de vinte e poucas pessoas, o Toni Backes, que é um paisagista conhecido nacionalmente hoje; o... como é nome daquele arquiteto que fez as cooperativas habitacionais em Porto Alegre... não me lembro; o Paim; a Marsha Hanzi, lá da Bahia; eu não me lembro, é muita gente, mas eu estando em casa eu posso te dar muito mais nomes. Eu só vou estar em casa em março, e aí eu te mando cópia do estatuto. Material do curso ficou cada um com as suas notas. Eu também posso dar uma olhada se eu tenho alguma coisa

O Bill Molison é uma figura e meia; um sujeito de uma energia, e de uma capacidade de motivar os alunos, e de mostrar as coisas... enorme. E um dos nossos papos, ele tomou uns tragos, e me disse que o motor dele era a raiva: “*the anger*”. E eu disse “como assim?”. A indignação pelo que a gente tá fazendo com o planeta e com as nossas vidas chegava a tal ponto que ele tinha raiva. Ele queria tentar mudar esse modelo, esse parâmetro, para que as pessoas fossem mais felizes. Um homem profundo. E ao mesmo tempo muito brincalhão e alegre quando ele estava fora da raiva permacultural dele [risos]. Um cara muito gozador. E um grande professor, um grande mestre. Saudades dele.

Ele passou vários dias no sítio. Então toda hora ele estava dando ideias: “você tem água? Então você tem que engarrafar essa água e vender; ela vai ser o melhor negócio do mundo, vai vender mais caro do que petróleo”. Ou também ele dizia “você tem que botar jornal nessas plantas, nessas hortas”, e a gente não queria por conta do veneno da tinta, mas ele dizia “Isso é tudo bobagem!”. E realmente se demonstrou ser bobagem, porque mais tarde eu fiz análise espectrográfica dos jornais no solo, e vi que ele tinha razão, que era tudo bobagem. E assim por diante. Então ele tinha um repertório de informação tão grande que ele praticamente não tinha paciência de repartir – a não ser quando estava dando o curso, e aí era outra pessoa – no conversar do dia a dia, era tanta informação que ia dando, que não tinha muita paciência de terminar tudo, a explicação dos detalhes para os ignorantes totais. Ele dizia por exemplo, “você podem fazer uma máquina de lavar roupa sem energia elétrica, e uma geladeira também se quiser, porque a altura dessa água que você tem dá pressão pra fazer um compressor de ar, e com ele uma geladeira...”. E era toda uma descarga de informação. Obviamente no fim do dia eu compilava tudo isso para não esquecer [risos]. Até nos meus alfarrábios deve estar tudo escrito ainda.

O local onde a gente fez o curso existe ainda, acho que é dentro do Parque Saint Hilaire, é o Horto Municipal, e as instalações eram muito simples. A comida era simples, os aposentos pra dormir eram meio punk, meio simples demais. Ele nunca se queixou, nunca falou nada, nem ele nem o Scott, mas a gente via que “pô, pelo amor de deus, né?”. Era bem menos do que um quartinho de hotel. Era uma peça com piso frio, duas camas. Eu nem lembro se tinha banheiro privativo; nesse nível. E a sala de aula era toda simples, mas também não era necessário que fosse mais, que tivesse maiores luxos, tava bom, era dentro de um viveiro afinal. Só a acomodação pra ele que foi meio pobre.

O Instituto Gaúcho de Permacultura, infelizmente não teve muito andamento. A gente fez algumas reuniões com a diretoria depois do curso, mas foi cada um pro seu lado, e em 1995,

depois do curso, eu me mudei pro Chile, e aí meio que ficou abandonado o Instituto. Nós estamos pensando agora em resgatá-lo, pelo menos com o nome, e tentar reunir os fundadores pra gente conversar e ver se faz alguma atividade pra dar alguma vida pra essa preciosidade

Então como eu te disse, do estatuto eu tenho cópia e posso te mandar. Mas eu só vou estar em casa em fins de março. Se tu precisar antes disso, tu pede por internet pro cartório de títulos e documentos de Novo Hamburgo a cópia do estatuto do Instituto Gaúcho de Permacultura, e aí eles vão te mandar pelo correio.

Então para encerrar, depois do curso de permacultura, o Sítio Pé na Terra já era uma realidade, uma referência até de organização cooperativista e agricultura orgânica, mas depois do curso de permacultura, eu me arrependia de ver as coisas 'mal feitas', do ponto de vista da permacultura e da lógica, do bom-senso, porque não é nada mais do que isso. Como teria sido bom se eu tivesse conhecido a permacultura antes de montar o sítio, porque ele foi montado a partir do zero, não tinha nada. Então foi todo um projeto feito por um agrônomo biodinâmico, e esse projeto foi instalado inteiro. Claro que depois sofreu muitas modificações, mas foi um projeto instalado. Se a gente tivesse tido a visão da permacultura nesse momento do projeto, como teria sido muito mais eficiente e fácil a vida da gente, porque a permacultura realmente funciona, no sentido de te facilitar a vida e dar uma economia energética, e consequentemente uma produção e uma produtividade maior. O Bill sempre disse: “a permacultura é um sistema de design”, e esse design que a gente lamenta de não ter tido desde o começo do Pé na Terra, porque adaptação é sempre mais complicada, cara, e nem sempre possível.

Mas bom trabalho pra você. Qualquer coisa mais tu me dá um grito que eu estou às ordens! Um abraço!

Entrevista com André Santachiara Fossaluza, Grupo Curare – Botucatu (28 de janeiro de 2016)

[doutorando em educação para ciência pela UNESP, biólogo, permacultor e educador ambiental]

Arquivo: Entrevista André Santachiara (Curare) – 28-01-2016.mp3

[Entrevista realizada durante a realização do VIII PDC Curare, em Botucatu, na Casa Diarts]

Djalma: O que eu queria é perguntar um pouco da sua trajetória na permacultura. O que eu estou querendo fazer é um recorte histórico do processo da permacultura, da consolidação da permacultura no Brasil, suas várias gerações e tal. Então, eu queria saber como foi que você começou – primeiro eu vou fazer perguntas mais gerais, depois eu queria saber um pouco mais do Curare, porque eu queria incluir ou um capítulo da dissertação em si, ou um capítulo anexo que falasse de como o Curare chegou a ser o que é hoje, basicamente. Então vamos começar mais pela sua trajetória pessoal: quando que você conheceu a permacultura, que ano, com quem, como foi a primeira experiência, o primeiro PDC; esse tipo de coisa. Uma memória.

André: Tá, legal. O contato com a permacultura ele veio através da minha vinda para a moradia estudantil da UNESP de Botucatu. Eu entrei na faculdade em 2005, e antes dessa época nunca havia tido contato com algo parecido com permacultura, ou agroecologia, ou qualquer outra alternativa, né? Em 2006 em mudei pra moradia, por condições financeiras não tinha mais como eu me manter na cidade, e a moradia aqui de Botucatu tem uma área de mais ou menos um hectare. Dessa área, 4 mil metros quadrados são construídos, e os outros 6 mil não são construídos. E nessa área não construída, era basicamente um pasto, né; em que a única coisa que ela trazia pra gente era na verdade mais trabalho pro pessoal da manutenção da UNESP, que ia lá regularmente roçar e tudo mais. Então, nessa transição de 2006 para 2007, a gente começou a se organizar muito fortemente na moradia, como estudantes, para gente conseguir ser representado, e buscar melhorias para moradia. E nessa busca por alternativas pro espaço, a gente conheceu a agroecologia, por meio de um professor aqui na UNESP que se chama Francisco Câmara, que acabou de se aposentar. Então, nesse primeiro contato, ele trouxe os elementos pra gente.

D: Você teve aula com ele no primeiro ano já, em 2005?

A: Não, eu nunca tive aula com ele, na verdade. Participei depois, quando já estava mais envolvido, como aluno especial, porque ele era professor da agronomia. A gente começou a ouvir sobre agroecologia e afins pela nossa participação em movimento estudantil, em centro acadêmico, né. E a primeira vez que eu ouvi, eu tive contato, e quebrei todos os preconceitos que eu tinha sobre movimentos sociais e tudo mais, foi num ENEB (que é o Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia), lá em Porto Alegre, em 2006. Naquela oportunidade, eu fiz uma vivência que eu conheci o MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens]. Então, foi ali que abriu a cabeça, e daí voltando, com toda aquela energia, a gente começou a buscar alternativas que fossem viáveis lá pra moradia, e com toda a organização.

D: Mas você ouviu falar de agroecologia lá no ENEB ou já tinha ouvido falar antes de ir?

A: Nunca tinha ouvido falar. Ouvi lá. Lá que: “pô, mas o que é isso?”. Daí nessa volta: “vamos buscar gente que trabalha com isso na universidade”. E aí, a gente chegou nesse professor, Francisco Câmara. Ele foi muito importante nesse início, e ele trouxe a ideia da gente desenvolver um projeto de extensão lá na moradia. Então, a gente criou um projeto que se chamava “Moradia Estudantil Agroecológica”, que tinha a ideia de manejar toda essa área que não tinha uso. Então naquela época a gente era um grupo de mais ou menos 15 moradores e moradoras da moradia que começou a trabalhar na área. Então, a gente começou com o mais simples: uma baia de compostagem, adubação verde do solo; e daí depois a gente fez um plantio, plantio de uma horta, e tentou reflorestar a área. Então, começou assim, de uma forma bem inocente: “Vamos fazer alguma coisa pra utilizar essa área, que não seja convencional”, né? Então a gente chegou nesse caminho. Aí, simultaneamente, um outro grupo de amigos começou a ter contato com a permacultura, porque a gente tem a sorte de estar aqui em Botucatu, onde tem o Sítio Beira Serra, que já vinha desenvolvendo trabalhos em permacultura há um bom tempo, pelas figuras do Tomaz e do Lucas Lotufo. De 2000 a 2004, se eu não estou enganado, aconteceram vários PDCs aqui em Botucatu, mas lá no Sítio Beira Serra, inclusive com a vinda do David Holmgren, que deu um curso no Beira Serra em 2006, se não estou enganado.

D: Mas nessa época você já estava em contato com a permacultura?

A: Eu nem sabia, mas esse outro grupo de amigos já estava começando a se envolver, porque o João – João Paulo Lotufo (vulgo João Nabão) é primo do Tomaz e do Lucas, e era da minha sala na faculdade. Então, esses caminhos foram acontecendo paralelamente. E esse grupo, que tinha o João, a Vivian, e outras pessoas que participaram do Curare posteriormente, foram fazer um PDC – eles também eram muito fortemente envolvidos com o movimento estudantil e tudo mais –, e foram fazer PDC lá em Campo Grande, em 2007, com o Skye.

D: Mas o que tem lá? Um centro de permacultura?

A: Tinha um sítio, na verdade. Eu nem sei se aconteceram outros PDCs lá. Eu não me lembro o nome agora desse sítio. Mas eles também foram, e voltaram na pilha, né? Contando pra gente como que tinha sido toda a experiência, e foi aí que eu ouvi falar sobre permacultura pela primeira vez. Mesmo antes, eu não sei se eu não havia me atentado, mas enfim. E daí, começou a rolar essa aproximação. Eles voltaram com muita energia do curso, do PDC, e tava acontecendo todo o movimento na moradia, e a gente começou a conversar; falou: “Poxa vida, né? Tem tudo a ver o que vocês estão fazendo com o que a gente aprendeu no curso lá”. E daí, a gente começou a se organizar nesse sentido, de trazer também a permacultura como base pros trabalhos na moradia. E daí surgiu uma necessidade. Como eu falei, a gente era um grupo de mais ou menos 15 pessoas na moradia, e ninguém nunca tinha feito nenhum tipo de formação em permacultura. E pra gente da moradia estudantil, era basicamente impossível da gente fazer um PDC aqui no Brasil. Era muito fora da nossa realidade, acho que naquela época o pessoal pagou uns 750 no curso, mais toda a viagem até Campo Grande, que pra mim era algo inconcebível de pagar num curso. Resumindo, era totalmente impossível. E daí, o pessoal voltou com essa animação, e aí que eu conheci o Tomaz e o Lucas. O Tomaz e o Lucas já atuavam há um bom tempo, mas eu realmente não conhecia. E daí veio a vontade da gente trazer um PDC pra Botucatu. Falou: “Poxa, a gente não consegue ir, não tem essa possibilidade, tem um grupo aqui de 10, 15 pessoas que faria, então vamos tentar viabilizar pra cá”. E nesse momento, foi uma parceria muito interessante, que foi o pessoal que foi fazer

o curso, com o Tomaz – que foi e é, eu acho, o nosso mestre de todo esse movimento –, e o projeto pela moradia. Então, a gente conseguiu também, na parceria com a universidade, viabilizar um primeiro curso de permacultura aqui em Botucatu que foi em 2009. E, na época, ele custou 100 reais e teve 10 pessoas isentas, que éramos todos da moradia. Quando a gente conversa hoje em dia sobre como isso foi possível, a gente nem imagina muito.

D: Foram 30 participantes? 20 pagaram cem e dez não não pagaram?

A: Isso, 30 participantes. E foi assim: a gente conseguiu isso, basicamente, pela parceria com a universidade, que conseguiu bancar todos os gastos com estrutura, alojamento, água, luz, sala de aula. Pelo Tomaz, que abriu mão de receber boa parte do que normalmente ele receberia num curso desse.

D: Vocês fizeram tipo um ofício pra universidade pedindo cessão de espaço?

A: A gente cadastrou como curso de extensão vinculado ao projeto que a gente tinha na moradia. Então, a gente tinha um projeto de extensão cadastrado, que já vinha acontecendo há dois anos. 2007 começou o projeto de extensão, se não estou enganado, e 2009, janeiro de 2009 aconteceu o primeiro PDC. Também com a ajuda do Chico que era o orientador responsável. Então, esse primeiro curso foi no campus do Lageado, aqui da UNESP, que é onde é o curso de agronomia. E daí eles ofereceram tudo, né? Alojamento, e tudo mais que é necessário pro curso. A gente tinha um salão que era pra festas, que naquela época podia utilizar ainda pra acampar. Era bem diferente do formato que a gente tem hoje, né? Então, pra baratear, e ser possível, as próprias pessoas que participavam que organizavam as refeições, compravam as coisas, faziam o almoço, jantar, café da manhã.

D: Tipo, a galera se inscrevia no curso, e já tinha umas tarefas? Já chegava com umas paradas compradas?

A: Não, foi muita loucura na verdade. A gente, no primeiro dia – nós do grupo que estava organizando (no caso eu era participante e organizador junto) –, então, a gente saía pra comer fora no primeiro dia, num restaurante que tinha ali perto. E a partir daí, cada mutirão fazia uma lista de alimentos, fazia um cardápio, e a gente saía pra comprar e o pessoal fazia. Roots. A gente cozinhava dentro da universidade. No mesmo lugar que era o alojamento, tinha uma cozinha também, com panelas, tudo da universidade. Então, foi nesse esquema que rolou. As práticas foram na moradia, que a gente tinha o projeto acontecendo lá, o que foi bem legal também, porque trouxe gente de fora pra moradia, deu um bom incremento nas atividades que a gente tava fazendo. E aconteceu dessa forma. Foi muito bom pro projeto também, né, porque 10 pessoas que estavam envolvidas com a moradia fizeram o curso. Então, foi bem interessante. Era num momento que a moradia passava por uma situação complicada, que era a de reforma. Então, a gente estava já um pouco desmobilizado, e o PDC trouxe bastante força. Foi bem legal. Mas ainda aí, né, ainda era algo bem superficial, eu acho. A gente tava entrando em contato com a permacultura, e nem se via como um grupo de permacultura. Desse curso quem continua no Curare, que veio a se tornar o Curare, sou eu, o Thiago, e o Enio. Então, nós 3 fizemos aquele primeiro curso.

D: O Curare nasceu quando?

A: O Curare nasceu depois do terceiro PDC, se eu não me engano, entre 2011 e 2012, que depois desse primeiro PDC, na verdade, a gente terminou o PDC e cada um continuou

atuando a sua maneira, sem grupo. A gente no projeto da moradia, o pessoal com outras ações vinculadas a centro acadêmico e tudo mais, o pessoal do Sítio continuou trabalhando no Sítio, e foi assim. E daí, quando já se aproximando de janeiro do ano seguinte, a gente achou que seria uma boa fazer um novo curso. Acho que o primeiro e o segundo, e acho que até o terceiro PDC, se chamavam PDC Moradia. Porque o grupo que organizava era basicamente o pessoal da moradia estudantil.

D: Aí o quarto já foi PDC Curare?

A: Aí era um PDC de transição. Era PDC Grupo de Estudos em Permacultura de Botucatu. Que a gente começou a se reunir pra estudar permacultura, e tomou a frente. Já havia passado um tempo, eu já não estava na moradia mais, o pessoal que organizava essas coisas já não estava mais lá. Mas ainda tinha uma parceria. Então, a partir desse momento que a gente começou a se constituir enquanto grupo, e passamos por um processo bem interessante de formação de identidade do grupo, acho que a gente teve alguns altos e baixos para entender qual era a nossa função, e até onde a gente conseguiria ir. E aí que a gente começou a entender, nesse universo da permacultura, que no meu ponto de vista ele é bastante elitizado ainda, a gente começou a entender um pouquinho mais qual era a importância do trabalho que a gente fazia, e como ele se justificava. Porque que a gente lutava tanto pra fazer um curso barato, e trazer pessoas que tinham uma visão parecida. Isso foi um negócio que mudou bastante também. Nesse últimos quatro PDCs, a gente tem se preocupado muito com o perfil das pessoas que vem fazer o curso. A gente considera muito a condição socioeconômica da pessoa, e principalmente a motivação, porque a ideia mesmo é de agrupar essas pessoas e de difundir. Então, esse foi um movimento muito interessante de busca de identidade do grupo, né?

D: E o Tomaz acompanha vocês desde esse primeiro momento?

A: Desde o começo. O Tomaz teve um papel muito interessante, que no primeiro PDC, ele deu 90% das aulas. E a partir do segundo ele estimulou muito a gente a assumir cada vez mais aulas. Então, ele foi abrindo mão pra gente assumir. Então, a gente sempre teve isso muito claro, que o PDC é formação pra gente também.

D: Inclusive, eu acho que esse é um dos diferenciais, né? Estratégia de formação de formadores, que vocês tem bem forte aqui, né?

A: É, a gente não acha que uma pessoa que faz um PDC tá pronta pra dar um PDC todo, e tudo mais. Mas a gente sempre teve muito cuidado pras pessoas que entravam no grupo, acompanharem o PDC seguinte. Então, vou dar um exemplo: o Rafael. Ele fez um PDC (se eu não tô enganado acho que foi o terceiro), teve interesse em participar da organização do próximo, então, no seguinte, ele ajudou como apoio. Então, organizava questões estruturais, e assistia as aulas, todas as aulas. E daí, nos seguintes, ele já atuava como professor, participava de todas as discussões. Então, a gente tinha muito cuidado, porque a gente é muito cuidadoso com o conteúdo dos PDCs, sobre o que a gente vai abordar. Então, isso é muito legal mesmo, de não se ver como um guru, né?

D: Muito legal. Em geral, os outros PDCs que eu vi, que eu acompanhei, em geral eles tem um professor central bem marcado, que dá aula 80, ou 90% do curso e tal. O que eu vejo no Curare é que rola uma horizontalidade na tarefa pedagógica, que é benéfica tanto pra quem tá

fazendo o curso, por rolar uma múltipla abordagem dos conteúdos, como para formar pessoas que tem interesse em se aprofundar em permacultura.

A: Mas foi um processo também. Eu acho que o Tomaz souber fazer isso muito bem. Acho que, enquanto ele percebeu que essa figura central era importante, ele teve esse papel muito marcado, então ele era referência. A gente contribuía, mas a gente não tinha bagagem pra conduzir um curso. E ao longo do tempo ele sentiu isso, acredito, e a gente se sentiu com mais propriedade pra assumir. Então hoje, esse é o primeiro PDC na verdade que a gente faz sem o Tomaz, o oitavo, nono PDC que a gente organiza junto.

D: Nono?

A: É, porque teve um em parceria com o Veracidade, né? Então esse é o oitavo em Botucatu, mas é o nono que esse grupo traz, né? E essa é a primeira vez que ele [Tomaz] não pode estar com a gente.

D: Mas não veio só porque não pode, né? Senão estaria aqui, né?

A: É, então, mas já nos últimos ele vinha, contribui com uma ou duas aulas e trazia uma contribuição muito importante também. Mas ele já não ficava o período todo com a gente, porque acho que ele também sentiu que a gente já desenvolveu essa parte. E é isso que você falou, né? Isso é uma coisa muito massa mesmo do grupo, que é trabalhar de forma horizontal. Então, tudo que concerne ao PDC é discutido em reuniões. Tudo, desde a alimentação, estrutura, quem vai dar aula, currículo, onde a gente quer chegar, seleção de participantes, tudo a gente discute entre todo mundo. Então, a gente não tem uma organização hierárquica, a gente busca trabalhar de forma bem sincera um com o outro, entendendo que cada um está em um momento diferente da vida – acho que isso é muito importante, de entender quando chega uma pessoa nova do que a pessoa que está a mais tempo, mas de forma que todos possam contribuir.

D: E até hoje o Curare já formou mais ou menos quantas pessoas?

A: Bom, se a gente colocar em média 30 pessoas por PDC, ou um pouquinho a mais, né, são 9, em torno de 300 pessoas.

D: E vocês mantêm contato com essas 300 pessoas?

A: Sim, a gente tenta usar a tecnologia que a gente tem a nosso dispor, né? A partir do quarto curso, que já existia as redes sociais; o facebook, a gente usa bastante. A gente usava grupo de e-mails. A gente tem os contatos de e-mails de todo mundo que participou, né? E hoje eu acho que a via de comunicação mais forte é através de rede social, e a gente ainda tem trabalhado no blog. Mas isso é uma das coisas que a gente caminha um pouco mais devagar no grupo, até porque, até pouco tempo atrás, o trabalho com permacultura e com o Curare não era prioridade pras pessoas do grupo; todo mundo tinha uma outra atividade principal, e o Curare vinha como uma atividade secundária. Mas nesses últimos 2 ou 3 anos, que fomos terminando a universidade, entendendo acho que melhor o caminho, começou a ficar mais claro, né? Então, a gente tem colocado mais energia no grupo

D: Pra você, por exemplo, o Curare é atividade prioritária? Primária hoje?

A: Ela é uma das minhas atividades prioritárias. E acho que isso tem bastante a ver com o caminho que eu segui. Eu fiz o mestrado nessa área também, né? De educação para ciência, e trabalhei com educação ambiental. Mas a permacultura sempre esteve muito próxima, só que nunca era a linha de pesquisa, nunca era o tema de pesquisa. E essa escolha, né; assim como você, que eu tive agora, de seguir o doutorado com pesquisa na interface entre educação ambiental e permacultura, acho que mostra que é mudança de prioridades. Agora vamos caminhar mais juntos ainda.

D: E você diria que hoje você vive de permacultura?

A: Se eu considerar que minha pesquisa tem como tema central a permacultura, sim. Mas é difícil, né.

D: Quais você acha que seriam os principais desafios pra poder viver de permacultura no Brasil?

A: É que a permacultura em si é um tema que ainda carece de popularização. Eu acho que é algo nosso de querer trabalhar com um público de camadas mais baixas mesmo, e aí a gente tem essa contradição: a gente quer escolher um público pra trabalhar, só que ao mesmo tempo você depende de alguma fonte de renda. Eu acho que isso é uma grande dificuldade. Por exemplo, a gente trabalha com visitas de escolas lá no Sítio Beira Serra. E as escolas que fazem isso são basicamente escolas particulares, que tem condições de pagar pelas visitas. E a gente sempre discute isso no grupo, que a gente gostaria de trabalhar com as escolas públicas, as escolas do entorno, e tudo mais. Só que nesse momento da vida ainda é muito difícil da gente fazer isso. Simplesmente por uma condição de renda, né? Isso é uma grande dificuldade quando você tem um público que você quer trabalhar. Porque, se não fosse por isso, trabalhar com permacultura, e com tudo que é dito verde e sustentável hoje na nossa sociedade é muito fácil, né? Você consegue ter um retorno financeiro muito fácil. Eu acho que é uma opção que o grupo fez, simplesmente. Assim como vocês também fizeram, como o pessoal do PUPA fez, é com essa galera que a gente quer trabalhar, e tudo bem, é mais difícil, mas é uma escolha, uma opção.

D: E quais são os modos de financiamento do grupo, do Curare?

A: O Curare, como grupo, não tem dinheiro. A gente não tem um caixa comum. Como nossa principal atividade é o PDC, todas as nossas ações, são para financiar aquele curso. Então, esse curso aqui, o de 2016, a gente precisava de 20 mil reais pra bancar o curso todo. Então a gente foi na mesma ideia de vocês, de externalizar esses custos, que esses custos não fiquem todos nos participantes. Então vamos buscar formas de diminuir. Então, Djalma, a gente já fez de tudo que você possa imaginar pra conseguir que esse peso não fique nas costas dos participantes. Esse semestre a gente fez 3 pizzadas, fez um evento beneficente com bingo e pizza aqui na Casa Diarts, que são grandes parceiros, fez rifa, fez campanha de financiamento coletivo, esse ano a gente conseguiu apoio na prefeitura, que foi muito bom pro curso poder acontecer.

D: E só esse ano? Ou nos outros anos vocês conseguiram apoio da prefeitura também?

A: No ano passado só com transporte, para uma das visitas. E houve um ano – é sempre com transporte –, vários anos eles ajudaram. Mas com alimento, dessa forma, foi a primeira vez. Eles fizeram uma compra. A gente fez o pedido, conversou.

D: Vocês conversaram com quem?

A: Com o secretário de meio-ambiente, o Perseu. E eles, na verdade já conhecem a gente de outras ações que a gente participou. Gostaram da ideia e viabilizaram esse ano, então isso foi muito bom, a gente desonerou muito o custo que teria pros participantes com alimentação, isso foi muito bom. Eu fui conversar com o Perseu e com a Fernanda, que é outra grande parceira lá na prefeitura, a gente levou o projeto do curso, mostrou os custos que, na verdade são muito baixos pra realizar, e eles toparam a ideia. Botucatu já tem um histórico de uma cidade bem reconhecida na área ambiental, inclusive ganhou aquele selo 'Município Verde e Azul', e eu acho que isso é interessante pra eles também; um curso que é apoiado pela prefeitura, e que traz um pessoal de várias cidades pra Botucatu, né? Então, acho que se constitui em uma coisa interessante pra eles também. Então, a parceria foi muito boa, assim como a parceria aqui na Casa Diarts. Foi algo que surgiu depois que a gente não conseguiu ser parceiro da universidade.

D: Até o sexto foi sempre no Lageado?

A: Não, foram 3 anos no Lageado, aí, houve uma troca de diretoria, não podia mais alojar pessoal por lá. A gente foi pra Rubião Júnior, que é outro campus. Lá ficou mais 3 anos; aí, houve uma nova troca de diretoria, e também a gente não conseguia mais alojar o pessoal por lá, por restrições na portaria da universidade. E daí, por acaso eu conheci a Casa Diarts, conheci o trabalho que o Alberto conhece aqui

D: Explica melhor esse “acaso”.

A: Eu participava de um projeto com uma ONG aqui de Botucatu, que se chama SOS Cuesta, e nesse trabalho eu tava participando da parte de educação ambiental. Num primeiro momento a gente teve um trabalho de levantamento na microbacia; do que existe aqui na Microbacia do Córrego da Cascata, e dentro da microbacia, na verdade, bem na borda já, um pouquinho do lado de fora, está a Casa Diarts. Então, eu fui orientado a vir aqui trocar uma ideia, pra ver se eles gostariam de participar de alguma ação, pra apresentar o projeto e tudo mais. Isso foi no começo de 2014 e eu me lembro que quando eu vim aqui, foi aquela alegria de chegar num espaço assim, e ao mesmo tempo um desgosto por ter passado 9 anos em Botucatu e não conhecer. Eu nunca tinha ouvido falar. Loucura! E quando eu cheguei falei “Nossa, o que é isso! Que lugar é esse? Que lugar maravilhoso!”; e, no fim, eu continuei naquele projeto por um ano – o SOS Cuesta – como voluntário, e fui estreitando cada vez mais os laços com a Casa Diarts. A gente tava numa situação muito delicada, que a gente não conseguia ver como fazer o PDC sem ser em parceria com a universidade. E a gente, quando conheceu o lugar, foi aquele processo de encantamento aos poucos, né? Chamava alguém do Curare pra vir aqui: “olha vocês tem que conhecer esse lugar”, aí vinha e a pessoa já voltava maravilhada. Aí, já era um, dois, falando “vamos lá” e aí, vinha outro e por aí vai. E foi isso, né. A estrutura acho que ela não é perfeita ainda pro curso, né? Mas toda a atmosfera do lugar, e a forma como eles trabalham tem muito a ver com o que a gente acredita de permacultura, e é um local que trabalha com todos esses princípios que a gente difunde, mas sem ter usado o nome. Mal sabia o que era permacultura, e trabalhava com isso há muito tempo. Então foi assim. Foi um amor a primeira vista. O Alberto e a Tereza gostaram muito da ideia, apoiaram de cara.

D: Eles tinham ouvido falar de permacultura já?

A: Olha, eles talvez já conheçam alguma coisa pelo contato com o sítio. A Tereza de vez em quando fazia algum serviço de *coffe break* lá pro Sítio Beira Serra. Então, o pessoal acho que se reconhece. Mas eu me lembro de, na primeira vez, eu explicar pro Alberto o que era permacultura, e qual era ideia do curso, o que significava e tudo mais. Acho que daí desse momento, de 2014 pra cá, com esse estreitamento da parceria, a gente só avançou muito.

D: Quer dizer que 2015 e 2016 foram os dois anos que rolou o curso aqui?

A: Foram os dois primeiros anos na Casa Diarts, sendo que foi muito importante pra gente.

D: Vocês tem vontade de ter uma sede, um espaço físico?

A: Então, a gente sempre conversa sobre isso, né; quais os caminhos. Na verdade, todo ano a gente senta pra conversar. E, por enquanto, a gente acha que não seria interessante. A gente sabe o quanto de energia isso consome, ir atrás de sede. E, também, o quão problemático isso pode ser. Quantos grupos de permacultura a gente conhece que investiram uma energia muito grande em construir uma sede, fizeram um negócio muito legal, só que essa energia não se mantém, né? E a gente acha que, por enquanto, a gente não tem essa necessidade.

D: E vocês não pensam nem em institucionalizar o Curare com um CNPJ, numa ONG, nem nada do tipo assim?

A: Então, por enquanto, também não houve essa necessidade. A gente acredita que a gente consegue cumprir nosso papel de popularizar a permacultura; levar os princípios, a filosofia, um pouco das técnicas às pessoas que normalmente não teriam como acessar esse conhecimento, sem estrutura, e sem uma formalização, por enquanto, do grupo. Então, a gente se considera um coletivo, somos vários permacultores e permacultoras que se reúnem pra desenvolver projetos em comum. Então, por enquanto, a gente está bem dessa forma. Mas é uma possibilidade. Acho que, como você perguntou, né; se tem alguém que trabalha prioritariamente pra isso. Isso tem aumentado ao longo dos anos, e pode ser que seja um caminho legal, mas, por enquanto, ainda não. A gente tem como foco os PDCs, inclusive a parceria com vocês, em São Carlos, foi algo muito novo que a gente nem imaginava que fosse acontecer, que fosse chegar tão longe. Foi muito legal. E acho que buscar fortalecer as ações aqui na cidade. Porque a gente, enquanto coletivo, além do PDC, a gente não tem uma outra atividade contínua. A gente participa às vezes de feiras, de “dias do meio ambiente”, de algumas ações em escola, tem as visitas ao Sítio Beira Serra que a gente traz, e também outros eventos que tem lá, mas hoje a gente não é ativo, por exemplo, em políticas públicas, a gente não participa de nenhum conselho ainda.

D: É, essa era uma das perguntas que eu ia fazer também. Como vocês veem a relação da permacultura como uma política pública? Como uma possível política pública? Porque a gente tem a agroecologia como um exemplo de prática, de ciência, de proposta, que está encontrando cada vez mais espaço na institucionalidade, né? Política Nacional de Agroecologia; grupos criados em universidades públicas, e tal. Você vê que a permacultura tem uma possível relação com a estrutura do poder público? Como que é essa relação?

A: Eu acho que ela ainda tem um bom caminho a percorrer antes de se proposta como política pública. Eu vejo a agroecologia como um movimento muito mais de base na América Latina, surgiu aqui, né? Então, ele tem uma facilidade maior em diálogos com movimentos sociais, e se tornou um movimento social ao longo do caminho. Acho que isso facilita, pelo contexto.

Acho que a permacultura traz ideias muito interessantes, mas surgiu numa outra situação, e a gente vem discutindo isso nos últimos anos, de que a permacultura que surgiu na Austrália e é praticada lá, é bem diferente do que a gente vem buscando aqui. Acho que não faz sentido você importar tudo que acontecia lá pra cá. Então, acho que ainda há um bom caminho pra ela percorrer, mas é uma via interessante, né?

D: Você seria favorável, por exemplo, a ter uma Escola Federal de Permacultura bancada pelo governo, uma formação, ou a nível de graduação, um curso?

A: Sinceramente, eu nunca refleti sobre isso especificamente. Não sei qual que seria a melhor forma, né, de ter um curso, ou talvez fomentar mais PDCs pra isso acontecer de uma forma mais ampla; talvez, ter mais subsídio pra isso, seria interessante. Eu sei que tem a Universidade Gaia, a *Gaia University*, que eles buscam trabalhar bastante a permacultura, mas é uma universidade privada, né? E eu sei de algumas outras iniciativas que tem no Ministério do Meio Ambiente. Por exemplo, um pessoal bem ativo na Federal de Santa Catarina, já com Permacultura. Mas eu ainda realmente não sei se a gente já tem um acúmulo e uma aproximação grande dos movimentos sociais pra atuar dentro de uma política pública, assim como tem pra agroecologia que já tem curso na UFSCar, tem mestrado, e tudo mais. Aí, eu acho que é uma limitação minha. Eu não sei ainda como inserir uma organização. Mas seria muito interessante. Um passo bem legal. Acho que valeria a pena investir em uma ideia assim.

Dj: Acho que é isso. Tem alguma coisa que você tá sentindo falta de falar, algum comentário?

A: Eu acho que dentro da permacultura no Brasil nesse contexto que a gente vê em que ela surgiu aqui, eu me sinto muito grato pelo Curare, pela Veracidade, pelo PUPA, pela Estação Luz, por movimentos assim que surgiram nesses últimos anos que tentam dar uma outra cara pra permacultura. Eu acho que foi muito importante o movimento da década de 90, as pessoas que foram pioneiras, formaram os institutos, tiveram e tem um papel muito interessante também. Mas eu fico muito feliz da gente ter esse nível de discussão. Um nível aprofundado de discussão da permacultura. E a gente tá aprendendo ainda, né? E pra mim, eu tenho muita essa vontade de continuar estudando, de pesquisar sobre a permacultura, ver como que é a atuação. Mas se em algum momento, a gente chegar e concluir que a permacultura não é o caminho, é outro, não tem problema. Eu não tô defendendo o termo, não estou defendendo o Bill Mollison e o David Holmgren. A gente escolheu o nosso campo de atuação, a gente tem muito claro que esse modelo de sociedade não é viável, ele não se sustenta e, por hora, a permacultura a gente acredita que é um caminho muito interessante pra construção de uma sociedade que seja mais equilibrada ecologicamente, e que seja socialmente justa. A gente sempre brinca, eu não tenho problemas de chegar em uma situação que ninguém vai entender o que é permacultura, mas que vai entender aquilo do que eu quero falar: quais são as bases, né; não tem problema.

D: É o lance da ferramenta, né? Você escolhe uma ferramenta pra determinado trabalho. Se ela não funciona mais para aquele trabalho...

A: E a gente tem que ter os nossos princípios, né? Dentro do grupo é muito legal que a gente – apesar de virmos todos da universidade –, cada um tem experiências diferentes, e a gente vem se formando, também, na questão de sociedade e educação, formas de educação. Então, acho que tem muito ainda a avançar, mas é bem clara já essa ideia de qual permacultura que a gente tá falando.

D: Quer dizer que é múltipla a permacultura?

A: Sim. E eu acho que tem movimentos bem diferentes, né?

D: Uma última pergunta: assim, então, pra tentar fazer uma síntese também. Como que você vê os possíveis caminhos e as perspectivas pra popularização da permacultura no Brasil? Pra gente conseguir ser mais inclusivo. Você falou num primeiro momento que não tinha feito PDC porque não tinha condições financeiras, você elencou uma barreira pessoal que você vivenciou, que era a barreira econômica. Mas você sabe que tem outras. Você comentou que todo mundo do Curare é universitário. A gente vê que isso é recorrente no mundo da permacultura. Pessoas de classe média, universitárias, normalmente brancas, muitos homens; como que a gente faz pra permacultura de fato ser mais inclusiva e conseguir trazer pra sua base essas “minorias”, entre aspas.

A: Bom, acho que a aproximação com movimentos sociais e camponeses, e outras manifestações sociais é muito importante. Acho que isso tem acontecido, como aconteceu onde a gente se conheceu, né, no ENGA, que era um encontro de agroecologia. Acho que essa aproximação com a agroecologia é muito importante. Muito interessante. Eu acho que o fortalecimento do contato entre os grupos; acho que isso tem acontecido também, e ajuda muito. E, também, não menos importante, acho que buscar o público com o qual a gente quer trabalhar, Djalma. Tem um princípio de design da permacultura que é “busque soluções pequenas e lentas”. Então, eu acho que a gente está aqui no oitavo curso agora por ter entendido isso. Então, a gente acha o nosso papel bastante importante, de formar 33 pessoas por ano no PDC, e vai expandir isso depois. A gente acredita que, nesse caminho, a gente vai avançando aos poucos, a passos de formigas, mas é importante ir nesse caminho que a gente escolheu. Então, acho que é isso: aproximação com os movimentos sociais, camponeses e agroecologia; a questão da nossa comunicação enquanto coletivos, a rede, né? Teve o Encontro Latino Americano agora que você participou [CLAP – Convergência Latino Americana de Permacultura], é bem interessante nosso diálogo com outros movimentos da América Latina, né? E o trabalho dos grupos, que é duro, né? Acho que é o mais duro, muito pela sociedade que a gente vive, por essa limitação financeira que a gente sempre tá batalhando com isso, ter que se acostumar muito a fazer trabalho voluntário, né, e se matar pra conseguir lutar pelas coisas que a gente acredita. E, também, uma via que nós dois estamos envolvidos e que indiretamente acho que nós dois vamos contribuir bastante também, que é essa infiltração na academia, em outras instituições de ensino. Acho que é um caminho muito interessante também, até para o fortalecimento do campo, buscar interfaces com outras áreas de especial interesse, e com essa abordagem muito interessante da educação popular. Teve esse trabalho que gente conversou, do Luiz, da USP, que trouxe uma outra discussão muito interessante com a geografia humana, com o anarquismo.

D: Como é o nome dele mesmo?

A: É Luiz Matheus Silva, se eu não estou enganado. Geógrafo, ele fez doutorado em geografia humana pela USP, e com uma fundamentação muito legal no materialismo histórico dialético. Ele tem umas referências muito boas, é um avanço muito grande pras ideias da permacultura. Então, o que eu pude entender, que é uma visão que eu compartilho também, que a permacultura traz uma alternativa para pessoas que estão vivas agora. Trabalha com o espaço, para além da ética e dos princípios, ela trabalha com a mudança agora. E a gente sempre busca soluções que também são muito importantes: soluções políticas, e aquele

avançar. Mas, ao mesmo tempo, tem muitas pessoas que estão vivas nesse mundo agora, cheio de desigualdade, cheio de pobreza, e a permacultura traz ferramentas muito interessantes pra essa mudança agora também, e pra mudanças futuras. Então, eu achei muito legal a proposta que ele faz da importância da mudança do espaço na sociedade. É um pouco novo, então, eu preciso saber melhor ainda, mas curti muito, muito bom. Acho que é uma pessoa importante também, né? Só mais uma coisa que eu ia falar, que aí é pessoal, né? Porque que eu cheguei – por que a permacultura me encantou tanto? – inclusive tem muito haver com isso, né? Porque essa ideia que a gente tem e compartilha que esse mundo não está certo, essa forma de organizar a sociedade não tem que continuar. E sempre me inquietou muito as pessoas que vivem agora, que vão passar a vida toda construindo projetos pras gerações futuras, mas que vão passar a vida inteira – até onde a gente sabe, né, porque com certeza ninguém nunca viu, a gente não sabe o que vem depois. Então, eu acho justo que, a gente que está vivo e que estas outras pessoas, vivam nesse mundo, sabe? Então a permacultura traz isso, né? Ela traz a possibilidade, nas diferentes esferas, né? Locais, universidades, e cada vez maior da gente mudar algo. Que nesse momento, com certeza, não é algo que tem o poder pra mudar uma sociedade toda, mas tem o poder pra você construir núcleos de resistência, núcleos de alternativa pra mostrar que as coisas funcionam de outra forma, que isso é possível, e trazer um novo horizonte, uma nova forma de ver o mundo e de atuar nele. Isso que me encanta, que me motiva a continuar caminhando.

Entrevista com André Soares, IPEC – Pirenópolis (21 de janeiro de 2017)

[No dia 19/01/2017, após algumas trocas de mensagens anteriores com André Soares pela rede social Facebook, enviei para ele 6 perguntas, convidando-o a responder por ali, por e-mail ou pelo telefone. Abaixo as perguntas e as respostas enviadas por mensagens dois dias depois na mesma rede social]

- 1) Como foi que você começou a se envolver com permacultura? Quando e com quem fez o primeiro PDC?
- 2) Como e quando se deu a fundação do IPEC?
- 3) Quando foi fundada a Rede Brasileira de Permacultura (RBP)? Quais eram os Institutos participantes? Pode contar um pouco desse processo?
- 4) Como foi a seleção para os Institutos que participariam da RBP?
- 5) Qual é a origem dos recursos que financiou os primeiros Institutos? Quais foram contemplados? Pode informar aproximadamente o volume de recursos mobilizado?
- 6) A RBP ainda funciona? Se não, por que e como deixou de existir?

Respostas André Soares:

Olá. Vou responder rapidamente e se quiser conversar podemos marcar um dia e hora.

Fiz meu primeiro PDC em 1993 com Bill Mollison, depois outros com Max Lindegger. Fundei o IPCQ (IP Central Queensland) no mesmo ano. Fundei a Rádio NAG também na Austrália no ano seguinte. A primeira rádio permacultural no mundo. Ao voltar ao Brasil trabalhei 1 ano e meio com o PNUD e realizei 20 PDCs gratuitos em vários estados. Em 1999 fundamos o IPEC e participamos da fundação do IPA e do IPEP.

A rede foi uma confusão desde o princípio. Questões de poder. Nem sei se foi oficializado algum dia. Foram só brigas e delírios. Eram 4 institutos, mas seus líderes não se entendiam. Não foi uma "seleção". Foi uma tentativa de socialização fracassada.

A maior parte do dinheiro dos primeiros institutos veio da PAL (Permacultura América Latina). Uma ONG nos EUA. Não faço ideia do total, mas nunca foi muito. Para fundação do IPEC recebemos 20 mil dólares que usamos para organizar os primeiros cursos. O resto foram recursos pessoais (economias) que usamos para comprar ferramentas, etc.

Sobre o funcionamento atual da RBP, não sei. Desde que o pessoal se apoderou do domínio na internet eu não mais falei com eles. Isto já faz mais de 15 anos!

Se quiser podemos conversar!

Entrevista com Andrea Oliveira, Sítio Çarakura – Florianópolis (6 e 7 de abril de 2016)

Arquivo: Entrevista Andrea ÇaraKura (6 de abril de 2016).mp3

[Entrevista realizada no Sítio ÇaraKura, em Florianópolis]

Djalma: Eu queria saber um pouco a história do lugar, e como que a permacultura entrou na vida de vocês.

Andrea: Tá. Eu sou a Andrea, sou moradora do Sítio Çarakura há 19 anos, sou companheira do Nei, o precursor aqui do Çarakura, e vou contar um pouco da história do lugar, pelo menos uma parte da história. Eu vou iniciar falando um pouco da história do Nei, que é a pessoa que ancorou esse movimento, e que talvez seja a nossa maior referência hoje em todas essas buscas; pelo fato de ser a pessoa que está aqui há mais tempo. Então, o Nei chegou aqui na ilha em 1978, chegou pra estudar agronomia, ele veio de São Paulo. Um dos principais motivos de ele ter saído de São Paulo foi a questão do militarismo, que era na época uma coisa muito triste, ditadura; as pessoas apanhavam por nada. Não podia ter nenhuma possibilidade de expressão, não podia ter cabelo comprido, não podia usar vermelho. Então, ele ia fazer música, na verdade, nos Estados Unidos, na Califórnia, mais propriamente, tava com tudo certo pra estudar música lá, e alguma coisa pulsou mais forte dentro dessa escolha que, apesar de estar tudo certo dele ir para os Estados Unidos estudar música, ele resolveu mudar o caminho da vida, e resolveu prestar agronomia, que era uma outra área que ele tinha muita identificação, que são as plantas, e decidiu vir para o sul em busca de um local que fosse mais harmônico para o ser humano viver e também para se reconectar com a ancestralidade, porque a família por parte de pai dele veio aqui de Santa Catarina, da região de Camboriu e da região de Lages – e por coincidência eu também sou de Lages, eu também sou serrana. Então, ele chegou aqui em 78, e já tinha intenção de se estabelecer num ambiente rural. Então, em um primeiro momento – ele surfava também, e como todo surfista – tirou um semestre para morar do lado da praia, ele morou lá no Ribeirão por 6 meses, que foi o tempo que ele levou pra encontrar o local, um ambiente mais rural. E aí tinha um amigo dele, que já tinha comprado um sítio aqui em Ratones, e que apresentou a área pra ele. E essa área do Sítio Çarakura, que é uma área de 15 hectares, antes ela era uma grande fazenda que englobava todos esses sítios aqui do entorno. Era de um senhor que morreu com 101 anos, que era o 'Seo' Consciano, ele tinha uma grande família, tinha muitos filhos, e quando ele chegou em uma certa idade e decidiu deixar a atividade agrícola dele, ele dividiu a fazenda dele em pequenos sítios – não tão pequenos, mas alguns de 10, outros de 15, outros de 5 hectares – e dividiu entre os filhos, e nenhum deles tinha interesse em continuar vivendo no campo. Então, todos eles se desfizeram de suas áreas e venderam, e o Seo Consciano tinha vendido esse sítio para um senhor que tinha um bar no mercado público – existe o bar até hoje, que é o bar do Goiano, que é o 'Seo' Saintclare – e o Seo Saintclare, na época, ele utilizava essa área só para vir caçar nos fins de semana com os amigos. A caça é ainda uma característica muito forte, hoje já não tão forte quanto antigamente, principalmente por questão da legislação. E quando ele chegou aqui, a área era totalmente diferente do que a gente vê hoje. Toda a região de Ratones, pelo fato de não ser um distrito banhado pelo mar – é o único da ilha, que está no centro da ilha, que não é banhado pelo mar – já conferia uma paisagem bem diferente e mais apropriada para agricultura. Então, era roça, começava do pé até o topo do morro. Onde não era roça o pessoal criava gado – inclusive, depois, eu vou compartilhar umas imagens aéreas lá na década de 1950 pra você ver que a paisagem era totalmente diferente do que a gente vê

hoje. Os morros eram totalmente desflorestados, o pessoal usava muito a coivara: botava fogo, até em cima, ia lá, roça de milho, mandioca, cana. Aqui plantava-se principalmente cana. Tinha um engenho de cana-de-açúcar que já quando o Nei adquiriu a terra, só tinha a ruína do engenho. Aí ele reconstruiu na mesma área, que é aquela área da construção da entrada. Era a única ruína de edificação que tinha quando ele veio morar aqui. Então, ele, ao invés de pagar um aluguel e de morar em um apartamento do ladinho da UFSC, ele resolveu mudar a estratégia: ele vendeu uma moto que ele tinha ganhado dos pais, e com a venda da moto ele pagou 80% dessa área de 15 hectares – muito barato, diga-se de passagem – e aí começou o processo de recuperação da paisagem. Esse rio que vocês escutam, estava seco, porque a mata ciliar tinha sido totalmente devastada, e tinha algumas áreas mais acidentadas, em que a floresta foi preservada. Então, ele, antes de começar a construir, ele começou a plantar. Como não tinha casa quando ele chegou, ele falou com um vizinho da última fazenda, onde acaba a rua, que é a Fazenda Caiçara, e pediu para morar em um paiol. Aí ele morava na parte de cima, e na parte de baixo morava o gado, as vaquinhas, e tal. Aí compartilhava o espaço com elas (risos). Aí ele morava no paiol, à luz de velas, fez uma cama, uma mesa para estudar à luz de velas, fazendo uma faculdade de engenharia, que é bem puxado; ia, voltava, vinha aqui pro sítio, plantava. E aí, em 1979 aconteceu um fato bem histórico aqui na cidade: caiu um Boing dentro da fazenda! Um avião bateu aqui no Morro da Virgínia, que está dentro dessa área da fazenda. Então, ele passou por um momento surreal da vida, que foi ajudar, inclusive no resgate; só duas pessoas sobreviveram, duas ou três pessoas, pessoas que foram arremessadas com as poltronas inteiras – mas eu não vou entrar nessa história, isso aí você pode perguntar detalhes pra ele, mas foi um fato muito forte da vida, então, óbvio que ele não quis ficar morando ali na fazenda, por toda essa atmosfera, por toda essa energia que pairou ali, e pela multidão também. Ele falou que, de um dia pro outro, o lugar tranquilo que ele morava, por meses, ficou povoado, ficou sendo assediado por centenas de pessoas que iam até lá para ver os destroços, pra encontrar alguma coisa do avião, pra conhecer a área. E aí, imediatamente, ele saiu da fazenda e veio pra cá, e começou a construir a casa que ele estava planejando, que era uma casa bioconstruída, com os materiais que ele tinha aqui. Ele já estava juntando as pedras pra construir a casa, e aí foi o impulso pra ele iniciar a casa dele, que foi essa primeira parte de pedra, que ele começou com 20 anos, e com 22 ele já tinha acabado, ele já tinha feito sua própria casa. Então construiu essa casa com 99% de materiais locais e materiais de demolição. Na época os materiais de demolição não tinham valor, então, ele ajuda a desmontar as casas antigas, e aí ganhava, trocava por um valor muito insignificante, utilizando madeiras nobres como canela, peroba – vocês vão ver que todo interior da casa, todo assoalho é de canela preta, que é uma árvore que entrou em extinção, que é endêmica aqui de Florianópolis, na costa catarinense, e foi totalmente devastada. Ela ocorria num fluxo, que cada 5 árvores era de canela preta. Aí, então, ele construiu essa casa, não tinha energia elétrica, concluiu a faculdade, e sempre foi integrando as atividades: a atividade construtiva, com a atividade dos plantios, com a atividade da recuperação do rio. No caso, o rio tinha só uma pequena represa natural, e corria um fio de água. Ele percebeu que aquele rio estava muito assoreado, então ele começou a desassorear manualmente mesmo, com enxadinha, pá; começou a colocar as pedras pra fazer umas contenções, começou a plantar, recuperar a mata ciliar, e ao longo desses 30 anos, a gente tem agora um rio caudaloso, toda água da propriedade vem desse rio, para irrigar, para nós, pros animais, toda a água vem desse fluxo que foi recuperado do Rio Ratonés.

D: ele ia e voltava todo dia pra UFSC?

A: Todos os dias. Depois ele comprou um fusca (risos). Ele estudava, tinha uma mesada da família, mas ele vendia, principalmente, frutas que tinha aqui: laranja, jabuticaba, bergamota.

Aqui era uma antiga chácara de café sombreado. Então quando se plantava o café sombreado – que era uma forma bem sustentável – ele só dava em baixo de jabuticabeira, de laranjais; então, ele já plantava alguma coisinha. Ele é um precursor da agricultura orgânica. Quando ele se formou, a primeira atividade dele foi agricultura orgânica. Ele nunca utilizou nenhum tipo de insumo químico; é um precursor mesmo da agricultura orgânica na ilha, foi a primeira atividade econômica dele. Ele vendia nas feirinhas para restaurantes vegetarianos e macrobióticos, que eram pouco comuns, hoje essa tendência cresceu muito. Depois ele trabalhou com abelhas, e aí, a vida dele correu ao longo desses anos, ele teve um primeiro casamento, veio a energia elétrica pra cá, daí ele se separou, e aí nós nos conhecemos, eu vim pra cá em 1996, pra estudar Engenharia Sanitária e Ambiental, e nós nos conhecemos em 1997, em uma fase que ele morou na Lagoa da Conceição pra construir um imóvel pra família, que era uma pousada, e aí nós nos conhecemos lá. A gente foi percebendo que tínhamos muitas coisas em comum, e uma delas ficou bem perceptível no meu trabalho de conclusão da disciplina de introdução à engenharia sanitária: o meu grupo planejou uma comunidade alternativa. A gente fez o planejamento de uma área, de casas construídas harmonicamente no meio da floresta, com sistemas alternativos de saneamento, mas aquilo era um sonho de estudante, né? E aí, segundo ele, quando ele viu aquele desenho, ele se apaixonou, e falou: “Nossa, é isso que eu busco! Eu tenho uma área lá em Ratones...”. Hoje a gente até completou, agora na Páscoa, 19 anos de namoro. E esse encontro de ideologias foi um grande marco que eu gosto de sempre comentar. E aí a gente ficou na Lagoa por mais 2 anos, até que a gente retornou pro sítio. Ele retornou pro sítio em uma outra fase da vida dele, e eu retornei junto, e a gente passou a sonhar com algo juntos, que era uma intenção de trabalhar com Educação Ambiental – meu interesse de ingresso na Engenharia Sanitária e Ambiental, a minha grande afinidade, meu grande dom, sempre foi trabalhar com crianças. Sempre quis conciliar a área ambiental no trabalho com crianças. Então, lá em 2002, a gente resolveu dar um impulso para sair do mundo dos sonhos e ir pro mundo real, e isso foi o grande impulso para o surgimento do Çarakura. O sítio não tinha esse nome ainda, era 'Sítio do Nei', e lá no ano 2000 a gente trouxe esse nome Çarakura, que é o nome de uma ave. A gente escolheu esse nome pela força da palavra, 'Sara' e 'Cura', e também por ser uma ave sagrada para os povos tupi-guaranis. Se você buscar a mitologia tupi-guarani, todos eles tem uma simbologia muito forte para essa ave, eles consideram uma ave sagrada. Segundo os kaingang, por exemplo, ela é uma ave sagrada pra eles porque ela canta anunciando a chegada do primeiro raio de sol da Terra, e canta também quando o último raio de sol vai embora, anunciando a chegada da noite. Ela é muito simbólica. E aí, a gente escolheu esse nome, e lá no ano de 2002 a gente realizou o nosso grande sonho, que foi o ano que a gente trouxe a primeira classe de escola pra fazer um trabalho de educação ambiental, e depois que essa primeira classe visitou o sítio, na semana seguinte a gente estava com a agenda cheia pra outras crianças visitarem, e nunca mais parou.

D: Escolas públicas aqui de Floripa?

A: Escolas públicas e particulares. A gente não teve uma injeção de capital; a gente surgiu da nossa vontade. Então, a gente sempre trabalhou recebendo escolas particulares e públicas. E as escolas particulares subsidiam parte da vinda das públicas. Então, escola pública contribui com X, escola de médio porte com 2x, e escola particular com 3x. E aí, a gente equilibra esse recurso, e dessa forma a gente consegue receber e não excluir ninguém – quem contribui com 3x, subsidia quem tem 0x. Dessa forma, a gente equilibra. A gente recebeu mais de 80 escolas aqui da ilha e da região, de Santa Catarina, etc.

D: Vocês registraram todo esse processo?

A: A gente registrou com fotos. A gente não é muito organizado com essa questão. Tudo vai acontecendo num fluxo muito natural. Vamos dizer que depois que a gente constituiu a entidade, que é o Instituto Çarakura, que surgiu em 2007, a gente se organizou um pouco mais, porque a gente passou a congregar pessoas, e poder se organizar melhor. Aí, em 2002, a gente iniciou com educação ambiental; em 2005 organizou o primeiro curso de permacultura – e esse curso de permacultura é um marco porque a partir daí a gente passou a trabalhar com jovens. Foi um curso que a gente organizou, vamos dizer assim, contra um movimento; um contramovimento em relação aos cursos de permacultura que na época estavam ficando muito elitizados. Já nessa época custava 1000, 1500 reais um curso de permacultura, e a gente tinha um amigo revoltado que pôs essa energia da gente organizar um curso de permacultura com o custo só de alimentação, com ministrantes voluntários, e foi algo mágico. A gente organizou esse curso para 20 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina. Desses 20 que participaram, 10 foram sócias fundadoras do Instituto Çarakura.

D: E quem era esse amigo revoltado?

A: Era o Gilson Tessara. Ele é um ativista, hoje, da alimentação viva, mas na época ele fez um mestrado em Ecopedagogia, a gente até fundou o primeiro núcleo de ecopedagogia da UFSC que era o Mongaru. Hoje ele mora em Curitiba. Foi um movimento de buscar essas pessoas. Hoje eu não sei se eu faria parte desse movimento, porque eu acho que a gente tem que buscar um caminho do meio. Na época era um caminho que estava do outro lado, com algo tão precioso que era a permacultura, mas já colocando na caixinha, separando pelo econômico – não era a proposta. Aí, a gente organizou esse curso em 2005, foi um sucesso, e esses jovens que participaram, eles vieram para o curso mas frequentam a casa até hoje; foi um marco muito forte. A gente tem contato acho que com as 20 pessoas, muito forte até hoje. Foi um PDC, 72 horas em fins de semana, todos os fins de semana. Como era pra universitários, e eles tinham aulas, então, eles aconteciam nos fins de semana. Aí, a gente realizou outra edição em 2006; e aí, em 2007 a gente começou a ter um envolvimento muito forte com a universidade e começaram a surgir pedidos de fazer estágio de pesquisa científica, que era uma área que a gente tinha muito interesse, de tornar a permacultura mais científica, porque era tudo muito empírico. E aí, desse impulso surgiu o nascimento da instituição. No início a gente não tinha muita ideia do que fazer com o terceiro setor, pra que servia; a intenção era ter uma parceria, receber universitários, fazer pesquisa. E logo de cara (a fundação do Instituto foi em março, de 2007), a gente tinha um grupo de simpatizantes tanto da permacultura, quanto da educação ambiental, que foi a 'cola', o que atraiu essas pessoas. Esse mesmo grupo de universitários que participou da fundação do Instituto, participou da fundação de um núcleo da UFSC, que é o núcleo de educação ambiental (NEAMB), que é uma instituição muito forte, que é irmãzinha do Çarakura. A gente fundou as duas instituições para ter duas ferramentas – uma que a gente pudesse atuar fora da universidade, porque a universidade é muito engessada, e outra que pudesse usar a ferramenta da universidade, que também abre muitas portas pra muitas coisas; surgiram no mesmo ano, fundados pelas mesmas pessoas. Aí, em 2007, ia ter a Convergência Internacional de Permacultura, que foi no Brasil, e o David Holmgren ia vir pro Brasil, e daí a gente falou brincando: “Ah, vamos trazer o David aqui pro Çarakura”. E aí, o David estava lançando o livro dos “12 Princípios Avançados de Permacultura”. Na época ele veio pro Brasil, e tinha essa intenção de ter 4 cursos, porque o Brasil é muito grande, e o tempo dele dava para ele dar 4 cursos antes da Convergência, pra difundir os 12 princípios avançados. E aí, quando a gente falou isso pro universo, brincando, os anjinhos falaram “que seja feita a vossa vontade”, e acabou que esse curso dos princípios avançados do sul do Brasil foi no Çarakura! O David, gente, naquela sala, isso foi muito

lindo, porque a gente endeusa as pessoas, e ele é uma pessoa muito sensível, muito humilde, gente como a gente, e isso pra mim foi o que mais desmistificou. Porque, na época, existiam já algumas 'panelinhas' da permacultura, infelizmente. E aí, tinha a panelinha do Sul que não queria que o curso fosse no Çarakura, principalmente porque a gente estava levando uma corrente de socializar a permacultura, de trazer cursos gratuitos, cursos de baixo custo, de levar oficinas pra universidade; e isso desbancava um grupo que cobrava, e achava que só eles que podiam fazer permacultura. Então, esse grupo, eles foram contra, mas apesar de toda a força que eles tinham, não foi o suficiente para permitir que o curso não acontecesse aqui. Eles achavam que “não! Os australianos gostam de conforto! Imagina trazer eles aqui para essa sala do Çarakura. Eles gostam de ar-condicionado, de conforto!”, tudo história.

D: Eles tentaram desmotivar vocês?

A: Não tentaram desmotivar, tentaram desmoralizar mesmo, desbancar, e fizeram de tudo para não ser aqui. Zuado, mas eu não quero entrar nesses detalhes, porque a ideia é sempre somar, né? São detalhes que, infelizmente, não se apagam do coração [risos], e da mente. Antipatia e simpatia são coisas normais.

[Djalma conta um pouco do artigo que acabara de publicar no site Outras Palavras sobre a importância da popularização da permacultura, e o 'rebuliço' que isso também havia causado em algumas pessoas que não gostaram do mesmo. Enquanto isso Andrea tomava uma água e respirava um pouco do longo depoimento histórico]

A: Pois é, página virada! E aí, ele veio, deu esse curso, bem no mesmo ano da fundação – foi um presente pra gente na verdade – e isso trouxe um compromisso com a permacultura. Mas, por outro lado, a gente vive um momento também da gente não carregar uma bandeira, então a gente não é um Instituto de Permacultura, a permacultura é mais uma ferramenta. Tem tantas filosofias maravilhosas, né? Tem a antroposofia que é uma grande referência pra gente também. Eu sou pedagoga Waldorf inclusive. Rudolf Steiner fez um legado maravilhoso de aprendizagem, de conexão. E muitos outros mestres que passam aí, e que a gente busca se inspirar nesses mestres terrenos, sem seguir uma única linha. Acho que é válido quando a gente tem uma diversidade, mas com certeza a permacultura é uma ferramenta, é uma das principais, é muito atraente. Uma das coisas que eu acho fantástica é que ela traz muito esse impulso da prática, que é o que motiva – você traz a galera, põe a mão na massa, experimenta, você não é muito julgado pelo certo e pelo errado. Até no momento, tinha muito essa linha de não levar a permacultura para dentro da universidade – o próprio Bill Molison que saiu de uma universidade, mas ele não queria que a permacultura fosse pra dentro da universidade, porque ele temia toda essa posse que é feita. Mas, enfim, hoje ela já está até na UFSC aqui como uma disciplina optativa. Até o professor, que dá a disciplina, o Çarakura foi o lugar que ele fez o primeiro PDC, e pra gente foi bem legal que ele adotou o nosso sistema, porque aqui o nosso PDC não é uma única, ou duas pessoas que dão o curso, a gente chama um ministrante cada dia, até para ter essa diversidade. Fulano pensa totalmente diferente de ciclano, mas acho que isso que é a riqueza, que você vai receber pessoas que são empresários, vai receber estudantes, pessoas que estão no caminho do meio, e não existe certo ou errado, né? Bom, é a gente ter esse diálogo e entender que no fim são todos irmãos, e que a gente tem que trabalhar junto; e que bom que tem institutos que são 'chiques', que vão receber pessoas num alojamento confortável, com ar-condicionado, e que vai possibilitar que se troque a consciência, enquanto vão ter pessoas com formas mais humildes de se viver, e acho que está aí, tem lugar pra todos, cada um no seu momento.

D: E esse PDC que ele fez, esse professor da UFSC, foi em que ano?

A: O Arthur? Ele abriu a disciplina há 3 ou 4 anos atrás, depois que ele fez o do Çarakura acho que ele fez uns 5 outros PDCs. Fez o Jorge Timmerman, fez outros. Mas é muito legal, porque ele é um convidado sempre, ele faz a abertura sempre do nosso curso, o Arthur Nani. Ele é bem ligado com o Jorge Timmerman e com a Rede Permean, mas, ele fez o primeiro PDC dele aqui, e é uma grande referência pra ele.

D: E esse curso da UFSC é uma matéria optativa?

A: Sim, eles consideram um PDC, porque ele tem as 72 horas e cumpre todos os requisitos deixados pelo Bill Molison. O Arthur já era professor de Geologia, alocado na Geografia. Ele veio do Rio Grande do Sul, ele veio da Geologia, mas tá lá na Geografia. E aí ele batalhou pra colocar lá, e foi legal, tá sendo bacana. Até criaram o núcleo de permacultura dentro da UFSC. Aí, tem a galera que reclama: “Mas, ah!, é muito teórico”, mas aí cada um vai fazer o seu caminho; acho que o importante é falar, e enfim, promover esse encontro, essa discussão, que também já é uma baita vitória. Agora também vai começar na arquitetura e na agroecologia. E acho que isso é bom, que é uma estratégia de manter os jovens. Antigamente, eu percebia que era muito comum nos jovens que vinham fazer o PDC, deixar a universidade: “não quero mais, eu não acredito na instituição”. Acho que isso também não é um grande caminho. Acho que o fato de encontrar essas possibilidades de agroecologia, de permacultura, dentro da universidade, traz essa motivação a mais para eles estarem dentro da universidade, não pelas disciplinas propriamente, mas por encontrar sua tribo, pessoas, enfim, fazer essa história, e querer mudar a própria universidade.

Entrevista Andrea nº 02 (7 de abril de 2016)

Arquivo: Entrevista Andrea ÇaraKura 2 (7 de abril de 2016).mp3

Djalma: a única coisa que acho que eu não perguntei nem pra você nem pro Nei ontem, é mais projeção de futuro mesmo. Os próximos passos de vocês, como vocês vem o Çarakura daqui há 10 anos; onde vocês querem chegar, horizontes, propostas...

Andrea: Eu acho que talvez o Nei tenha comentando, mas um sonho que a gente vem idealizando, e não depende muito da gente, é a transformação da área numa reserva, uma RPPN, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural. Então, independente de nós estarmos aqui ou não daqui alguns anos, o fato de criar a reserva – já está em fase de criação – é a forma que a gente vai ter de assegurar todo esse trabalho que foi construído ao longo dos anos, legitimando através dessas leis que possibilitam que esses espaços tombados sejam preservados e mantidos.

D: E aí vocês podem morar dentro da RPPN, normal, quando legalizar ela?

A: Então, a gente vai fazer um zoneamento da área que prevê que uma parte dela seja averbada, e na área que for averbada, nós não vamos morar (*tira uma dúvida com o Nei, que está próximo, sobre o assunto, que diz que eles vão morar dentro da RPPN sim*). Porque assim, como aqui é zona rural, tem algumas áreas que são interessantes manter, por exemplo,

área de exploração rural, que são as áreas onde a gente tem ali a agrofloresta, porque se tiver RPPN não pode cultivar, é uma área de preservação permanente.

Nei: Tu, que gosta de permacultura, o que a gente tem colocado em algumas situações por aí, é que a Zona 5, eu vejo, o ideal, aqui no Brasil, é a gente chamar de RPPN a Zona 5. Porque a RPPN te dá acesso até a fundo perdido, e a zona 5 não. Zona 4, eu gosto de chamar Reserva Legal. Qual a vantagem? Reserva legal tem uma linha de crédito que tem um juros mais baixo que o crédito agrícola. A zona 3, tem que ser um crédito agrícola.

Andrea: E é uma forma, também, de você trabalhar de acordo com essas legislações que a gente acredita, que são bem voltadas pro manejo sustentável dos recursos, ou pra manutenção ou pra recuperação; são instrumentos ainda pouco utilizados, mas que a gente acredita muito, como ferramentas bem eficientes.

D: Legal. Então vocês imaginam seguir morando aqui.

A: Isso. E pra garantir aí essa manutenção independente que a gente fique aqui ou não, né? A gente pretende ficar, mas o dia de amanhã ninguém sabe. Mas se a gente averbar, quem chegar vai ter que manter.

Nei: Só em caso de guerra. Só pode deixar de ser RPPN e Reserva Legal se tiver uma guerra.

Andrea: Nossa, que pena. Mas eu acho que não vai ter guerra. Mas eu não sei, eu não poderia te dizer se a gente vai ficar aqui ou não, né? A gente mora em uma capital, com toda essa loucura das capitais, apesar de Floripa ser um local diferenciado das demais, a gente já sente assim que a transformação vem acontecendo de forma intensa. E a gente gosta muito de tranquilidade, então, até o momento que a gente puder se manter tranquilo e sereno, a gente vai estar aqui. A partir do momento que a gente sentir que o ciclo se completou, a gente quer trabalhar pra que o lugar pelo menos continue preservado, mas aí talvez a gente siga caminho, o mundo é tão grande.

D: E o Instituto, a figura mais burocrática, jurídica. Como que é? Tem mais gente que trabalha com vocês neste aspecto?

A: Tem, tem mais gente. A gente tem em média 20 associados, que são pessoas que estão legitimamente vinculadas à entidade, e é um grupo extremamente ativo; o grupo é bastante voltado para essa questão de trabalhos de recuperação de áreas degradadas, também pra gestão de Unidades de Conservação – inclusive o Instituto organiza já, esse vai ser a terceira edição, de um encontro que é o encontro sul-brasileiro de criação e gestão de unidades de conservação. A gente organizou o primeiro em 2012, o segundo em 2014, e agora em 2016 a gente vai ter o terceiro encontro, aqui em Florianópolis, geralmente na Universidade. É bem interessante, porque é uma forma da gente promover o encontro tanto das reservas particulares e as reservas municipais, das estaduais e das federais. Então, é um diálogo que fortalece bastante, e toda a equipe, que trabalha com educação ambiental, e qualquer projeto que a gente vai desenvolver, essa vai ser a ferramenta, seja com comunidades, sejam UCs, ou seja onde for, o grupo é bem incorporado dessa ferramenta, e acima de ser uma instituição juridicamente constituída, o que mais faz a diferença é que é um grupo realmente de amigos, de irmãos, que cooperam entre si, colaboram, ajudam uns aos outros, acreditam muito no bem comum, compartilham sonhos, e mais do que compartilhar sonhos, trabalham juntos.

D: Muito bom, massa! Parabéns pelo trabalho! Acho que era isso. Agradeço!

A: Agradeço pela oportunidade, é sempre bom contribuir, e é sempre importante demais. Quero aproveitar também para te parabenizar pela iniciativa, porque eu acredito na academia, e acredito principalmente quando as pessoas tem a coragem de fazer algo diferente do que vem sendo feito dentro dessa possibilidade que a gente tem de pesquisar. E eu acho que isso é um passo muito importante para a permacultura, que é trazer essas ferramentas para dentro da universidade, construir trabalhos, e principalmente, porque, aí, ela vai chegar nas pessoas que precisam, né? Aquelas pessoas que estão lá também, ou tendo poder de decisão, ou mediando, ou formando outras pessoas; então muito bom. Parabéns!

D: Contem comigo mesmo, pra qualquer coisa que precisar!

Entrevista com Breno Xavier – FURG, Rio Grande (23 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Breno - Rio Grande - 23 de março de 2016.mp3

[Entrevista realizada na moradia estudantil da FURG]

Djalma: Desde que você chegou aqui, você acompanhou um movimento crescente que se interessa pela permacultura, pela agroecologia, ou por por essas práticas? Como foi sua trajetória aqui na FURG?

Breno: Cara, eu acho que eu comecei a me aproximar desse movimento, comecei a conhecer pessoas nesse interesse, mas não percebi um movimento crescente. Acho que essas pessoas sempre estiveram aqui, o que eu acho que elas estão meio espalhadas. A minha ideia com esse grupo de agroecologia, o ALER, era que essas pessoas se juntassem um pouco mais; pegassem esses esforços que estão meio separados e aglutinar eles. Então, eu fiz o “Ciências sem Fronteiras” pra Londres, em 2014, e antes disso eu já vinha me interessando pela agroecologia, permacultura – que eu conheci em 2012 em uma ocupação que teve aqui na FURG – comecei a conhecer o assunto, mas aquela coisa assim, na internet, em casa, dar uma lida e tal. Quando eu fui pra Londres – foi uma experiência muito louca, de viver num centro urbano foda, e conversei com gente de tudo quanto é lugar do mundo, e soube de acontecimentos de todos os lugares do mundo –, tive a oportunidade de ir em um evento que é o “Seed Freedom”, que a Vandana Shiva deu uma passada pela Europa convocando esses grupos para se aglutinarem, e isso foi muito massa. E foi lá que eu decidi que queria trabalhar com isso, que queria fazer isso. Defini mesmo “é isso ou nada”, em relação ao meu curso. Não adianta eu ficar estudando que nem eu estudava “micro algas”, uma parada bem industrial. Não, “eu quero trabalhar com pequeno agricultor, com essa parte da agricultura”. Desde então, quando eu voltei de Londres, eu comecei a fazer um curso de compostagem que teve no SENAR, ele promoveu um curso em parceria com o sindicato de produtores rurais aqui em Rio Grande, e eu fui junto fazer esse curso lá; aí, eu conheci umas pessoas lá, o Flávio, que é técnico do meio ambiente, ele faz uns trabalhos em escolas, é bem massa o trabalho dele, ele faz na Escola Helena Small, lá no centro. E ele fez, lá dentro, um espaço que as crianças ajudam ele a plantar, a colher; elas olham o desenvolvimento das plantas, comem saladinha depois que elas produziram. Ele faz uns álbuns com as crianças mostrando elas plantando, elas dando manutenção, e depois elas colhendo a parada. Ele faz o álbum no dia dos pais e entrega pra eles.

D: Ele é funcionário da prefeitura?

B: Acho que é. Porque ele trabalha pra escola, a escola é pública, acho que é municipal a escola. Então, eu conheci esse cara, que é atuante, que conhece um pessoal, me apresentou algumas pessoas que trabalham com produção de orgânicos, fiz cursos de horta urbanas onde conheci mais algumas pessoas até de outras cidades que fazem isso; tem o Sítio Amoreza aqui em Morro Redondo também, que eu fui lá, visitei eles logo que eu voltei de Londres, e vi as práticas que eles estavam fazendo, conheci mais pessoas, inclusive aqui da FURG que tem interesse pelo assunto.

D: O que você achou do Amoreza?

B: Muito bom. Achei que eles, pra mim – porque tem uma galera aqui que faz críticas ao Amoreza, porque eles fazem oficinas, e cursos que são caros às vezes para os estudantes. E a galera faz crítica de que não adianta você ter uma produção orgânica mas agregar um valor enorme em cima disso. É uma crítica que eu tenho também, hoje em dia só come orgânico o cara que gastar muita grana com isso, mas dentro da lógica da agroecologia da transição –, eu acho massa. Porque, ao mesmo tempo que ele faz esse curso pra ganhar uma grana, que ele precisa pra manter o espaço dele, ele aceita viajante do mundo inteiro, pessoas que vão lá e trocam a estadia por trabalho. Então, eu acho que ele tem também alguma coisa de social lá. E, cara, o espaço é lindo, o ambiente é lindo. O Peu, que é o cara que trabalha lá mesmo, ele manja de técnicas. Eu fui num curso que era “Mãos à Horta”; a gente fez adubação verde, fizemos horta em espiral, que era uma coisa mais lúdica, que se classificaria como uma arte. Então, até agora, há pouco tempo atrás, uns argentinos que estavam vindo de Buenos Aires que fazem acroyoga, eles vieram e fizeram um evento de acroyoga lá no Amoreza, que reuniu várias pessoas do yoga, de várias linhas diferentes. Aí, nessa oportunidade, o pai da minha namorada conheceu essa galera, e eles vieram para cá depois e ficaram na casa dele; a gente conviveu bastante com essa galera. Então, cara, o Amoreza eu vejo não só como um estímulo à agroecologia ou a permacultura, porque lá eles fazem o que eu considero de permacultura de produção pra eles mesmos, mas, também, é um centro cultural massa. Eles puxam a cultura “alternativa”, e acho que funciona muito bem. Então, se tiver oportunidade, não deixe de ir. O Peu é um cara que conhece muita gente, muita coisa que tá acontecendo aqui na região, animal o trabalho deles! Até eu lembro de conversar com o Peu sobre compostagem antes de começar meu projeto, e, aí, ele falou de um cara que ele conhecia que manjava tudo de compostagem, só que o cara tava na Índia, e a mãe dele também estava na Índia na época. Aí, tá, passou-se o tempo e aí depois eu vim a conhecer esse cara, e associei que o Peu tinha falado dele já.

D: Quem que é esse cara que o Peu indicou?

B: É o Samuel, um cara massa também, que passou pro doutorado de Educação Ambiental aqui na FURG. Ele trabalhou com banheiros secos na Etiópia, na universidade lá. Ele fez oceanologia aqui na FURG, e ele fez mestrado, acho que foi lá pela USP, em algum outro campus. Não sei se foi na USP ou UFRJ. Ah!, na Rural do Rio de Janeiro que ele fez, que é em “práticas ecológicas”: esse é o nome do mestrado que ele fez. E aí, também ele começou a estudar a compostagem, e propôs um projeto de ir pra Etiópia e fazer os banheiros secos, e compostar o resíduo dos banheiros em uma universidade que eles não tinham mais água, portanto eles não tinham mais banheiro, e as pessoas começaram a defecar no chão do banheiro, até o momento que não tinha mais onde pisar no banheiro, e as pessoas tiveram que começar a defecar na rua. E isso é uma universidade que forma os engenheiros, filósofos, médicos, assim como a nossa, não é uma escola de uma favela que está com falta de grana. Não! É uma universidade que forma os profissionais, onde o governo teoricamente deveria dar um incentivo maior, e estava nessa situação. Aí, ele chegou lá e fez um trabalho que era – tem até as fotos dele caminhando no meio do coco da galera, bizarro! –, como a mão de obra lá é muito barata, eles conseguiram com o dinheiro do projeto contratar umas pessoas; ou seja, deram emprego para algumas pessoas, limparam tudo, pintaram o banheiro todo, botaram cortinas, e fizeram um ambiente melhor, construíram um banheiro seco, eles fizeram uma caixa e lá algumas pessoas, é cultural fazer de cócoras, então eles fizeram uma adaptação onde tu podia ou sentar ou fazer de cócoras, e botaram um balde com serragem do lado. Essa bombona onde iam os resíduos ela era trocada de tempos em tempos, e eles fizeram a compostagem ali perto. E essa compostagem eles dimensionaram ela para estar sempre funcionando, nunca ter falta de espaço ali, que foi o trabalho dele onde entrou a parte mais

técnica, de quanto tempo que o composto ia ficar pronto, qual era o volume necessário. E aí, a universidade contratou um cara que ele fica fazendo sempre essa manutenção. Junto com isso eles fizeram a educação da galera, de como usar o banheiro seco, o que acontece, e tal. Como o pessoal estava em uma necessidade absurda, o projeto funcionou muito bem, todo mundo aderiu prontamente a essa nova forma de ir ao banheiro, e aí o projeto dele deu super certo. Agora, muito recente, eu vi um lance no facebook que rolou, um projeto que é uma ONG lá dos Estados Unidos, que viu o projeto dele na Etiópia, curtiu, e tava querendo entrar com uma grana para ele fazer 30 mil banheiros secos pela Etiópia, ou por regiões da África. Eles queriam pegar aquela unidade que ele criou e replicar. O nome da ONG é... enfim. Então, esse cara é muito massa; aí ele voltou e deu um curso, aí ele falou que foi pra Índia, aí eu associei que era o cara que manja da compostagem. Ele me ensinou várias técnicas que depois eu trouxe pro meu projeto. Acho que foi isso, aí, eu fui conhecendo pessoas, porque eu comecei a buscar muito. Mas eu não acho que tenha em Rio Grande um movimento crescente de permacultura, uma organização, eu não vejo nada. O Flávio, esse técnico do meio ambiente, ele está sempre tentando puxar coisas para estimular a produção orgânica, pra tentar fazer uma rede de consumo parecida com a que tem em Pelotas também. As pessoas vão na internet e fazem o pedido, eles vão no produtor, recolhem os pedidos, e levam para um centro na cidade onde o pessoal busca semanalmente seu alimento. A gente tentou fazer isso aqui, e a prefeitura a princípio ia apoiar, depois não apoiou mais. Então, acho que não está estático, e tem os resistentes que estão batalhando pra manter aquilo. Por isso que eu vejo essa importância de tentar aglutinar a galera. Tem uma amiga minha que está fazendo um centro cultural na cidade, se chama “Autoconhecimento”, e eu vou dar umas oficinas lá, porque ele está chamando a galera pra fazer oficinas, e eu vou entrar com a oficina de compostagem pra tentar difundir um pouco a ideia, tentar divulgar a compostagem doméstica aqui, no centro de Rio Grande. Mas é isso, acho que o negócio tá meio parado. A galera fala que Rio Grande é uma cidade muito difícil, todo mundo é muito acomodado. Eu tento não acreditar nisso. Eu conheço algumas pessoas que não são acomodadas, mas talvez sejam poucas. Não sei o que acontece aqui, se é a lógica de mercado. O Observatório de Conflitos, você chegou a falar com o pessoal?

D: Não.

B: Tem um Observatório de Conflitos Ambientais dentro do mestrado em Educação Ambiental, até eles tem uma salinha ali, acho que o responsável é o Carlos Machado, e ele orienta uma galera. Eles fazem também o mapeamento aqui de conflitos ambientais da região. E ele criou um termo, ele fala que “Rio Grande é uma zona de sacrifício”, que é polo industrial, tudo que polui pra caramba e a galera não quer fazer em outro lugar, eles mandam as empresas pra cá: adubação, coisas químicas fortes, a galera joga pra cá, e vira um grande parque de obras essa cidade. Ele defende essa ideia de que a postura da prefeitura, do Estado, do país, é que Rio Grande é uma “zona de sacrifício”. Não sei se isso é uma coisa que pressiona muito as pessoas a adotar um trabalho convencional no dia a dia, e elas não conseguem se articular em nível de sociedade, desde a arte até a permacultura, por exemplo. Eu participo de um grupo que é o “Arte na Praça”, a gente está promovendo arte nas praças da cidade, porque não tem casas de cultura aqui; o Teatro Municipal estava com risco de desmoronamento, estava parado. Não tinha um outro teatro, uma casa de shows, tinha o “Mundo Moinho”, que era um barzinho que fechou, e o pessoal não tinha onde expor a sua arte. E aí, essa galera – vários músicos – se juntaram e, eu que não sou músico e que tenho interesse pela arte, a gente tava se juntando todo sábado na praça principal, a Praça Tamandaré, das 13h às 20h, um evento de arte em geral: música, poesia, até algumas artes marciais, capoeira, enfim. Então, essa galera é atuante, puxa algumas coisas, mas parece que

aqui em Rio Grande a galera tem que se organizar e fazer por si. A Secretaria de Cultura é bizarra, não incentiva nada, e quando tem uns eventos é tipo um show de um cara lá de São Paulo que vem pra cá, os caras gastam milhões nessa parada, e fazem dois por ano, um por ano. Não tem incentivo à cultura local. É difícil. Por isso que eu acabei vindo na universidade uma oportunidade, pessoas de outros lugares, com outras mentalidades, que já tem experiência, às vezes em grupos de agroecologia e tal, só que aí que tá: como resolver esse problema da grana, né? Eu acho que tinha que ser uma parada institucional, que os estudantes tivessem um respaldo, que conseguissem focar naquilo. E mesmo dentro da universidade, eu vejo a galera que consegue uma bolsa, e tem que trabalhar num estágio nas horas vagas da aula, e aí o tempo que tem é o final de semana que cai pra quebrada, que quer tomar todas, não flui. E aí, pô, fazer uma horta, fazer um SAF igual o pessoal do GAE está começando, são coisas que exigem trabalho, manutenção, uma dedicação toda. Bom, o pessoal lá em Pelotas é autônomo, não ganha nada pra fazer isso e consegue fazer. Tudo voluntário. Eles estão em um movimento agora, tem um professor que tá com interesse no GAE [Grupo de Agroecologia], e fazer isso institucional pra conseguir levantar verba e apoio. Então, essa galera tá vendo também essa necessidade de institucionalizar um pouco mais, até pra poder promover eventos, congressos; a galera poder submeter trabalhos, enfim, estimular a nível acadêmico. Então, é nesse sentido que eu quero montar um grupo de agroecologia aqui, mas animal se rolar assim autônomo. Eu acho que tem que acontecer de qualquer forma que vai agregar, mas a nível institucional eu acho que é melhor ainda, facilita as pessoas a quererem, se identificarem e fazerem um trabalho sério mesmo. Tem uma história que a FURG, por causa desse desenrolar todo do IBAMA, criaram uma secretaria integrada de gestão ambiental, que trabalha aqui no campus, tirando aos poucos as espécies de árvores que não são nativas, e plantando as nativas; eles querem fazer um ecossistema todo local aqui. Então, acho que dá pra aqui dentro da FURG aproveitar a carona desse movimento e entrar com um projeto de agroecologia dentro do campus, um grupo onde os estudantes vão poder estudar essas técnicas, aplicá-las e gerar resultados de pesquisa, fazer disso a sua profissão mesmo, levar para um nível de ciência mesmo. Então, nesse sentido que eu estou trabalhando agora.

D: Me diz uma coisa, lá em 2012, quando você entrou em contato com permacultura, como que foi? Quem é que te trouxe?

B: Foi até um cara que mora aqui na casa, não sei se tu conheceu o Fábio Kafke, amigo da Carol. Começou a ocupação em 2012, e um dia eu estava saindo de aula – eu entrei em engenharia bioquímica com um interesse já na sustentabilidade da sociedade, eu achava que eu conseguiria estudar dentro da universidade técnicas de engenharia sustentáveis, então a bioquímica seria uma química com os seres vivos, portanto, com diferentes resíduos, e com tratamento de efluente diferenciado, mais ecológico, com menor gasto de energia e tal –, aí, em 2012, eu estava nessa pegada, estudando alguns autores que falam disso, tem até o “*Upsizing*”, que é do Gunter Pauli, que fala bem disso. Aí, em 2012, eu tava andando aqui e vi que a galera começou a convocar para a assembleia de estudante, eu nem sabia direito o que era isso, e decidi chegar lá; gente reunida, pessoal falando, fiquei curioso. Aí, a galera começou a falar dos problemas que universidade tinham que eu nem sabia – porque eu sou daqui de Rio Grande, moro com a minha família, não tenho bolsa de assistência estudantil –, eu não sabia desses problemas e comecei a ver a situação, toda uma situação política de uma greve nacional de professores, estavam discutindo se os estudantes apoiavam ou não, aí dali desenrolou uma votação para a greve estudantil da FURG, tinham 900 pessoas, quase todo mundo votou a favor da greve, e um menino, o Marcus Vinícius, convocou a galera pra ocupar a reitoria. E eu, “bah, que loucura, né?”, fui na massa né, vamos lá. Ocupamos a reitoria, aí, a galera se olhou e falou: “tá, e agora, o que a gente vai fazer?”. Era um monte de

ideia diferente, e aí começou então um debate muito louco do porque que a gente estava lá, quais eram as pautas, toda essa organização entre 900 pessoas, né? Bom, passando o tempo foi diminuindo, mas pessoas atuantes mesmo deveria ter umas 50. E ali eu comecei a conhecer muita coisa, aprender de muitas vertentes políticas, entender o que é anarquia, o que é o socialismo, o que é o comunismo. As críticas ao capitalismo, e ali foram 3 meses de muito conhecimento, e no meio dessa loucura de ideias sendo trocados, e de um ambiente muito próspero, apareceu o Fábio, um dia, com um livro de bioconstrução, falando em fazer uma geodésica com taquara. Aí, eu peguei esse livro, comecei a olhar, e pensei “irado, né, cara?”, fazer casa de barro com cob; e comecei a olhar e achar interessante conversar com ele – ele já tinha uma caminhada dentro disso aí –, e, porra,, aquilo ali ficou dentro da minha cabeça. E aí, comecei a pesquisar por mim mesmo, o que é permacultura, o que é agroecologia, comecei a estudar umas coisas, e fiquei nessa estudando, e conversando com algumas pessoas sobre isso, comecei por essas críticas ao capitalismo, a ver o porque que essa transformação industrial que eu sonhava em fazer, tornar a indústria sustentável, primeiro que não ia acontecer, e depois que se acontecesse não ia durar muito, é a mesma lógica ia continuar existindo, e aí eu pensei que de fato o meu curso não servia pra mim. Entrei em uma crise existencial, até, “o que eu faço, por que eu vim ao mundo?”, foi uma loucura. Disso, terminou a greve, e eu ainda estava me questionando muito, e a gente fez um grupo lá em casa que foi o Emarx, a gente começou a ler “O Capital”, era até um movimento que quem estava organizando e puxando os textos eram uns amigos meus que fazem parte do “Outros Outubros Virão”, o espaço era na minha casa, e a gente começou a fazer essas discussões e levar elas pra frente; e nisso eu comecei a ver que estudando a sociedade, como ela funciona, eu vi que, na real, quem tem a capacidade – na época eu era socialista, hoje eu já não me considero mais –, pensei que o único jeito de acontecer o socialismo não seria pela tomada da indústria, essa revolução do povo, meio armada, tomar as indústrias, os meios de produção, como a galera acredita ainda que deve ser feito, e comecei a ver, a nível de Brasil, os caras que podem ser autônomos e fazer uma revolução mesmo, são os agricultores, porque ali eles conseguem produzir energia e alimento. Então, eles não precisam depender de algo maior do que eles pra sua existência, e uma vez que tu não precisa depender, tu te torna autônomo, tu te torna muito forte. Eu pensei “cara, é isso! É o pequeno produtor que tem a chance de fazer uma virada no nosso sistema econômico”. E aí, entrou essa questão da permacultura como um objeto de estudo pra mim. Aí, comecei a ter umas divergências com o pessoal, ideológica, aí, eles seguiram fazendo, eu parei de frequentar esse grupo, o EMarx, que funciona até hoje, e que eu achei animal, porque eles me deram uma bagagem que não tenho palavras para agradecer, só que segui por outros rumos; eles não falam muito da questão rural, e eu comecei a me interessar muito por isso. Então, surgiu o interesse, juntou com a crítica ao capitalismo e à sociedade que estava sendo feita, e comecei a ver que era esse o caminho, só que eu sempre me interessei pela agricultura familiar, desde esse tempo. Então, por isso que eu considero que faço mais parte da agroecologia do que da permacultura, porque o produtor também está dentro de uma lógica que ele não pode parar de produzir do jeito que ele produz e fazer uma tentativa de algo novo porque se não dar certo, ele morre de fome, né? Então, eu sempre vi que a coisa precisava de uma transição, as técnicas precisavam de transição, os caras tinham que continuar comercializando, só que aos poucos eles tem que ser organizar em rede, fazer trocas entre eles, pra primeiro eles conseguirem tornar a própria alimentação autônoma; aproveitar uma água a chuva, começarem a reduzir os custos deles, para aos poucos conseguirem aplicar parte do trabalho deles em uma produção orgânica para comercialização. Acho que um modelo interessante é o do Peu lá do Amoreza, que o cara consiga, além de produzir, ser um centro aglutinador. Acho fundamental que tenha essa característica de escola e disso tudo. Então, foi meio que isso, meu caminho foi assim, uma crítica ao sistema aliada – até por isso que eu deixei de ser socialista, porque eu pensei que no Brasil hoje, a chance de se

tornar um socialismo opressor é muito grande, de não ser um socialismo no caso, mas de se dizer um socialismo e ao mesmo tempo se dizer opressor e impor limites, e definir o que o produtor vai produzir a base de veneno, eu fiquei com muito medo – e hoje em dia, eu vejo que o capitalismo ele te dá o direito pelo menos de ter a tua terra, e ali dentro fazer o que tu bem entender. Então, nesse sentido, eu deixei de ser socialista, e não sou capitalista, tenho inúmeras críticas ao capitalismo, mas acho que não é mais essa a minha discussão, eu entrei em uma outra discussão, que o produtor está lá, o que a gente pode fazer hoje pra melhorar a qualidade de vida do campo, pra que essas pessoas deixem de sair do campo, seus filhos deixem de sair do campo e tenham apego pelo campo. Entra aí, também, uma parada que eu tenho muito forte, que é a questão espiritual da conexão com a natureza. Eu acho que o homem está se desconectando, e eu sou uma pessoa que eu gosto muito desse contato, e acho fundamental. Então, entra também essa questão da espiritualidade, que em um cultivo com veneno não existe, né? O cara não tem amor a algo em que enfia veneno. Acho que, também, essas práticas fazem com que o homem do campo, ele tenha um apego por aquilo que vá além, que ele faça uma transformação dele mesmo, que seja não só uma técnica de cultivo, um trabalho, mas que seja uma vida, uma interação, que ele faça parte do sistema ali. Então, eu vejo as coisas mais nesse sentido hoje, como fazer o homem do campo conseguir. Porque, também, é uma coisa que eu percebo: quase todo o produtor, ele tem esse apego ao natural, à natureza, e ele sabe da influência, do problema que é o veneno, todos que eu conversei até hoje sabiam. Vários não comem o que eles produzem, porque vê o que está acontecendo com aquela comida. Não sabe quando vai no supermercado e foi um outro igual a ele que produziu, mas, enfim, eles preferem não ver, eu acho. Então, eles tem isso ainda vivo em algum lugar dentro deles, e acho que é isso que tem que ser estimulado. Isso que tem que ser aflorado, ou viabilizado, às vezes, porque o conhecimento está se perdendo. A agroecologia, pra existir, ela precisa de um arcabouço de conhecimento muito grande, tem que entender mesmo de diversidade de plantas nativas à gastronomia, e como fazer com esse milho que é diferente, como que tu vai fazer o leite da amêndoa, tem muito conhecimento que não é disponível em lugar nenhum – em lugar nenhum entre aspas, tem na internet, tem em pequenos grupos, mas para um cara que se criou no campo, e mal a escola frequentou, e vive num núcleo pequeno, fechado, onde todo mundo produz com veneno, o cara fica ilhado, mal sabe mexer em um computador, vai ali mexer no facebook e deu, não busca conhecimento com essa ferramenta. O conhecimento, ele tem que ser propagado, aí entra de novo a questão do acadêmico, da universidade, de fazer centros; a EMBRAPA fez isso. Eu conheci meu orientador da EMBRAPA num dia de campo, um dia que eles abriram a estação, que normalmente é fechada, e convocaram os produtores da região para apresentar todas as técnicas que eles estavam estudando, e ensinaram eles, e disponibilizaram material e ajuda para aplicar aquelas técnicas, e eu fui junto com os produtores e conheci o cara que tava trabalhando com compostagem que indicou o meu orientador [...] *[fala um pouco especificamente sobre o projeto acadêmico, a relação com a academia e sobre o projeto da companhia]*.

D: Uma coisa que eu fiquei curioso da sua identidade teórica em contato com o socialismo, você acha que o socialismo e a ecologia não convergem? São coisas que não podem coexistir? Como é sua visão de um mundo socialista?

B: Não acho que não possam existir. Cuba, por exemplo, tem algumas técnicas de produção orgânica massa, tá enquadrado em uma lógica socialista, a questão é que: que bom que eu aprendi o marxismo, só que o marxismo, na conjuntura em que Marx estava, ele propagou o que ele achava que tinha que ser feito naquela realidade. Só que esse mecanismo de pensamento que o Marx gerou, eu adotei pra mim, e fiz aqui, tentei aplicar da melhor forma

aqui; e eu identifiquei que, na conjuntura que a gente tem hoje no Brasil, na conjuntura política, o nível de educação das pessoas, como que funciona a vida do produtor rural, me faz com que eu tenha muito medo de um discurso socialista hoje aqui no Brasil. Hoje, agora, aqui, eu não sou contra o socialismo, mas acho que não é possível atingir esse socialismo de uma forma ecológica. Primeiro, porque a gente está muito longe de uma revolução socialista no Brasil. Outra, que acho que, se tivesse, não acho que seria ecológica, não acho que a população tenha essa afinidade ecológica, essa cultura ecológica forte o suficiente, para que o país estivesse dentro de um socialismo essa visão. Isso tudo me faz ter muito mais medo dessa revolução socialista do que o sistema como está hoje, de uma transformação do sistema capitalista mesmo, como ele funciona hoje. Então, eu não acho que essas coisas não se ligam, que é impossível de existir em algum lugar. Acredito que, em alguns lugares possa existir, como movimento Zapatista também, eles tem técnicas orgânicas, ele pode coexistir.

D: [...] *fala sobre ecossocialismo, Michel Lowy, transição socialista, etc* [...]

Djalma e Breno conversam sobre as contradições e seus entendimentos acerca do socialismo, de experiências histórias e de possibilidades concretas. Por fim voltam a falar do papel da agroecologia e da permacultura.

B: [...] esse conflito intenso, ele é importante, mas acho que tão importante quanto é a autonomia, e eu comecei a focar na autonomia, e cara, tanto faz. Que meus amigos socialistas continuem, porque quanto mais eles fizerem, melhor pra mim, porque a gente alimenta um ao outro; mas eu passei a entender que essa transição é uma transição capitalista até que chegue o socialismo, e que deve se usar então. A agroecologia deve estar, por exemplo, dentro desse contexto capitalista, que é como está acontecendo lá fora, e o produtor tem que se enquadrar nessa lógica para ganhar sua autonomia. Ele tem que achar os meios disso. Não acho que é “produzindo pra caralho”, acho que pelo contrário, consumindo muito pouco. Autonomia é a palavra.

D: E você me autoriza utilizar essa entrevista para o meu trabalho, citá-la, etc?

[Breno autoriza a total transcrição e utilização da entrevista conforme consta em registro no arquivo da gravação em áudio]

B: Fica a vontade para fazer o que bem entender, adorei teu trabalho. Eu já confiei em si assim, ó [risos].

Entrevista com Fábio Klafke – Rio Grande (22 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Fábio Klafke - Rio Grande - 22 de março de 2016.mp3

[Entrevista realizada em Rio Grande (RS), na Praia do Cassino, na casa de um permacultor local indicado por diversas pessoas]

Djalma: Eu queria saber antes como você entrou em contato com a permacultura, como você conheceu?

Fábio: Cara, eu era casado, e a gente comprou um terreno lá na Quinta – a Quinta é um bairro rural aqui de Rio Grande. Nessa época eu já estava estudando bioconstrução, e eu fui fazer um curso em Santa Catarina, na Casa da Colmeia, para entender como funcionava, como que fazia. A Casa da Colmeia agora está em Maquiné, que fica aqui no sul, com o Riciardi. Aí, voltamos, construímos a casa lá na Quinta, há 7 anos, por volta de 2010, 2009.

D: E como você foi parar nesse curso?

F: Porque eu estava pesquisando, vendo onde eu conseguia encontrar uma referência, e esse era mais perto. E aí, o Juliano [Riciardi], ele trabalhou, ele morava aqui em Rio Grande, fez artes aqui na FURG, e eu não conhecia ele, mas o Fão era amigo dele. Enfim, meu ex-sogro também conhecia ele. Eu entrei em contato com ele, consegui um desconto bom para fazer o curso, fomos lá uma semana e ficamos ajudando a montar as coisas. Na real, eu aprendi bastante antes. Na real, o que eu aprendi no curso é que não precisava gastar mais nem um real com isso [risos], que era só botar a mão, criar, e foi assim; aí eu comecei. Logo depois a gente criou esse projeto da escola, que era em um bairro perto da FURG, eu e mais cinco pessoas criamos o projeto “Horta na Escola”, “Permacultura na Escola”, com uma galera que já tinha experiência; o Diego também, que agora está perto do Chuí, em um sítio massa onde eles estão trabalhando com muita coisa. Eu não consegui ir lá conhecer ainda, ele e a JP, eles pegaram um hectare ou dois de terra e estão produzindo muito, desenvolvendo, e dando aula. O nome do lugar eu não lembro, mas depois eu te passo pelo facebook, eles tem a página. O nome dele é Diego Sábado, ele fez educação ambiental aqui na FURG. No Chuí ele dá aula de história e ela de filosofia nas escolas em uma cidadezinha perto do Chuí. Eles tem um trabalho bem legal, galera massa de trocar uma ideia. E, se não me engano, a Ju vem por causa do mestrado dela, ela está vindo toda quinta-feira pra cá. Com eles é que eu comecei a desenvolver esse projeto que eu estou até hoje nas escolas.

D: Você conheceu eles aqui na FURG?

F: Não. JP e Diego conheci antes já, bem antes da FURG, conheci há uns 10 anos, logo quando eu cheguei. Ela eu conheci antes, o Diego logo que eu comecei a trabalhar nas escolas com horta, porque ele desenvolvia horta urbana aqui nos terrenos baldios, e ele fazia isso em volta da casa. Era a galera que se juntava pra discutir uma ação mais libertária da produção. E na escola, é isso, eu não acredito em uma educação castradora, como a educação que a gente tem na sala de aula hoje. Acho que a gente não tem que puxar nada; a coisa está vindo, basta ter espaço que propicie a educação acontecer, e é isso que eu tento fazer nas escolas. E o CAIC por ser uma escola com muita estrutura, por ser junto da FURG, ter muitos projetos e ter espaço, autonomia, principalmente comigo. Eu sou professor na horta do CAIC e trabalho com permacultura na escola, eu estou trabalhando com o “Mais Educação” e com a bolsa de

extensão da FURG, então eu tenho muitas horas ali. É uma escola municipal, ela se chama “Cidade Rio Grande”, que fica dentro da FURG.

[Fábio fala sobre particularidades e burocracia de seu trabalho com horta e permacultura na horta da escola, elogiando a gestão da escola e as possibilidades que tem sido desenvolvidas junto a comunidade escolar; conta também de sua trajetória em outros projetos e escolas]

D: Tirando esse seu projeto de permacultura na escola, tem outras iniciativas de permacultura aqui na FURG? Pessoas, grupos...

F: Eu acho bem fraco. Eu trabalho com esse projeto há cinco anos, primeiro tinha um grupo forte que trabalhava, daí essa galera se formou, outros largaram e foram pra outros lados, e ficou eu. Conheço mais 3 pessoas que trabalham com horta na escola, devem ter mais. Agora vai ter um curso de horta urbana que é gratuito, inscrição lá na FURG, com o Marcus Vinícius, um cara que começou junto comigo, só que em outras escolas; a gente trocava muita ideia, mas nunca trabalhamos juntos nas mesmas escolas. Marcus é combativo pra caramba, ele fez História e está fazendo licenciatura agora, tá na FURG ainda, trabalhou muitos anos nas hortas nas escolas, agora ele faz projetos a parte, vai dar esse curso.

D: E tu fez o PDC?

F: Não, nunca fiz.

D: E tem vontade de fazer?

F: Não.

D: E por que não?

F: Cara, na verdade eu fujo da ideia de mercado, e não tenho vontade de dar curso de permacultura, acho que é uma coisa que está aí de graça pra galera, acho que se tu é permacultor tu é onde tu tiver e com o material que tu tiver na mão. Pelo que eu percebi dos cursos – nada contra quem dá, tu tem que ganhar a vida de algum jeito –, mas eu acho que entra dentro do mercado verde, e não é minha ideia, fujo disso. E permacultura é isso: eu chegar aqui, ter areia, ter pedra, ter pedaço de tronco, ter as árvores; entender como é que funciona o vento, como é que funciona o sol, e a partir disso começar a utilizar o lugar, o material que se tem. Então, acho que não precisa de um curso. Pra você entender permacultura aqui, você teria que fazer um curso aqui [risos], é bem diferente. O conceito, da mesma maneira que eu vou pegar no curso, eu pego lendo um livrinho. Então, é bom o curso na troca de ideias, em conhecer as experiências, mas eu acho que é a mesma coisa que eu ir lá na casa do permacultor, trocar uma ideia com ele, vai ser muito mais proveitoso do que eu estar pagando 700, 800, 1000, sei lá, os preços que cobram pelos cursos por aí. E eu não tenho interesse nenhum de ter carteirinha, não quero clubinhos, não preciso disso. A gente faz algumas atividades de vez em quando, mas é mais pelo conceito mesmo de se virar, da sobrevivência, como o ambiente funciona com a gente. O único curso que eu fiz foi esse com o Juliano Riciardi, na Casa da Colmeia, e ele serviu muito, mas pra mim perceber que não precisava mais gastar um real com permacultura. O dia que eu quiser comprar permacultura eu não sou mais permacultor [risos]. Mas eu respeito os caras.

D: Já rolou algum PDC aqui na região?

F: Aqui eu acho que não, deve ter tido algum curso, alguma coisa assim. Tinha antes o IPEP, aqui em Bagé. Eu nunca fui lá, na época do IPEP eu já conhecia a permacultura, eu já estudava, mas eu peguei o finalzinho dele. Quem me inseriu na ideia foi o Thiago, que eu não me lembro o sobrenome dele, hoje ele é professor de uma universidade no Nordeste, se não me engano, e ele que veio com a ideia. Ele morava no centro da cidade e já fazia hortinha. Ele que me trouxe essa palavra que eu não conhecia. Eu tinha minha horta também, e a gente começou a trabalhar junto com ele em uma horta aqui no bairro do lado da FURG, na Castelo Branco, uma horta urbana que a gente montou do lado do centro de organização da galera, e a comunidade estava junto, e funcionou um ano muito bem. Depois eu não fui mais e parece que acabou. Não por minha causa, né? Eu não fui mais e parece que a galera também foi sossegando. E foi ele que me trouxe esse conceito de permacultura, e eu comecei a estudar logo depois disso, fazem uns bons 8 ou 9 anos. Tem bastante gente que conhece o conceito aqui, mas pouca gente que vive o conceito. Rio Grande é uma cidade muito estranha com isso. A Universidade de Rio Grande também é muito estranha, você não vê muita comoção nesse sentido. Quando a gente teve – eu e o Diego e mais uma galera – a ideia das hortas, há uns 5 anos, e muita gente falou que gostava e tal, mas a coisa parece que fica sempre só no 'blá blá blá', nunca ninguém colou. Então, o movimento é bem fraco mesmo, fica mais no discurso de muita gente que quer aparecer do que no trampo. Eu parei de participar de qualquer coisa que me convidam porque nunca dá em nada. A gente tem bastante coisa, agora eu tô chegando aí, o Fão também está recomeçando, a gente está botando ordem aqui, fazer horta do lado, tem um monte de coisa pra fazer, colhemos uns milhos já. Eu não vou ficar me preocupando de correr atrás de galera, se tem um monte de coisa pra mim fazer e tá aí, precisando de mim.

D: você conheceu o João Rocket?

F: João Rocket? Não, não conheci ninguém do IPEP. O Thiago fez uns cursos no IPEP, e daí, por isso que ele trouxe essas ideias. Mas tudo que eu aprendi foi fazendo mesmo. Quando eu e minha companheira construímos a casinha lá na Quinta, sobrou madeira porque não tinha material na volta, e aprendemos errando muito, feedback total, de construir a casa para o lado errado, sabe? Terminou a casa e depois fomos fazer o curso, há 7 anos. Chegamos lá e a primeira coisa que o Juliano mostrou pra gente foi planejamento de área, como planejar, e a gente construiu a casa de costas pro sol, começou tudo errado [risos], mas sempre valorizando esses *feedbacks*. E é isso, eu tentei o máximo possível trazer esse conceito pra dentro da educação, e fazer isso dentro de um ambiente que não tem nada de permacultura que é a escola, um ambiente quadrado, e tem dado certo, principalmente no CAIC, que foi a escola que mais deu certo, por ter estrutura, e por me dar liberdade para trabalhar. Porque sala de aula você pode até ter uma outra proposta, mas o sistema acaba te sufocando, tu nunca tem tempo pra nada, tu não pode contar com o tempo lunar, não pode contar com nada, tu tem que fazer naquela hora e ir embora. Se tu não vai uma semana, acaba sendo uma obrigação das crianças participarem também, diferente do CAIC, que tem um outro viés, a gente já consegue conversar. Se algo não está dando certo a gente muda; eu tenho mais liberdade ali. Por isso que eu tô fazendo esse sacrifício de 15 dias passar aqui e 15 dias passar lá [em São Lourenço do Sul], ter duas casas, dois rolês; agora tô montando quartinho aqui, e lá eu vou ficar em uma pousada.

[fala sobre esse momento e as dificuldades de estar nesses dois locais ao mesmo tempo, suas impressões, trajetos e “correrias” para dar conta de tudo]

D: E lá em São Lourenço tem uma galera que também trampa com permacultura?

F: Lá tem, é que lá eu fiquei na casa do estudante, e lá tem uma galera da agroecologia e da gestão. Então, se não partir dali, de onde vai partir, né? Mesmo assim, é bem incipiente, mas rola; os caras tem a hortinha deles, discutem, vivem atrás de tecnologia, faz parte da pesquisa da criatura fazer isso. Se não me engano, tem até cadeira que tem permacultura no nome, eu sei que tem professor que só fala disso em sala de aula.

D: Você vê muita diferença entre agroecologia e permacultura?

F: Eu acho que uma coisa parte da outra. Já leu Fukuoka? Então, é uma coisa dentro da outra. Não tem como fazer agroecologia se não for um permacultor, pelo menos em algum momento, como que eu vou entender as energias ou fazer uma distribuição na área se seu não for permacultor? Depende muito do seu tino, mesmo de levar em consideração tudo que está na volta. Como que eu vou falar de agrofloresta sem falar de permacultura? Não tem como. Não tem como desvincular. Claro, agroecologia vai mais em função da ciência mesmo; permacultura já parte mais do empírico. Agroecologia vem pra provar que isso existe, vamos cientificizar isso. A permacultura já se preocupa mais em como eu vou mexer, como eu sinto. É mais uma ferramenta para o agroecólogo, como a agroecologia acaba sendo uma ferramenta para o permacultor. Tem um documentário massa de um senhor, na Europa, um cara super criativo, ele faz lagos em volta da casa dele para manter a umidade, e um dia chega uma galera e diz “ahhh, o senhor é permacultor!”, e ele “o que? Isso aí é tu!” [risos]. Aí, ele começou a estudar permacultura, mas ele já era permacultor. Então tu vai no campo e muita gente sabe de construir a sua casa, conhece o vento, e sabe até que mês é menos úmido para ele poder fazer uma construção de barro. Eles são permacultores mais do que nós.

D: Por que você acha que a palavra ou o conceito da permacultura é tão restrito, não se difunde tanto? Não se populariza?

F: Eu acho que é a mesma questão que segura também a agroecologia, que segura todos esses conceitos; porque vai contra o que está posto, ao hegemônico. Então, tudo que é contra fica sendo margina, não existe uma propaganda falando de permacultura na globo. Enquanto os caras estão lá, na monocultura, o permacultor está lá na agricultura familiar, e vai contra o tempo até da sociedade. O tempo da pessoa que trabalha com permacultura é outro tempo. Não tem o tempo do relógio: é o tempo do sol, é o tempo da lua, é outro paradigma de existência mesmo; e é por isso que não se populariza, né? Mas existem grupos de permacultura urbana, tem uma galera em Pelotas que trabalha bastante com isso, com agricultura urbana, tem um rapaz que vem sempre aqui, o Rogério, ele é fantástico, trabalha com hortas urbanas lá, fazem horta de resistência. Ele mora aqui no Cassino, e por esses dias ele vai apresentar o mestrado dele, que eu não sei nem do que é, mas ele passou umas semanas aqui acampado naquele cantinho, escrevendo, aqui na casa do Fão, e passou um tempão fazendo isso. Muita galera dos “punks” se viram com isso também, pensam permacultura como aproveitar melhor o ambiente, distribuir espaço; muita “ocupa” que trabalha com isso. Claro que permacultura na cidade tem suas semelhanças, mas é outra com relação ao campo.

D: Você conhece o pessoal do Sítio Amoreza?

F: Não conheço. Conheço bastante galera que vai lá, mas eu nunca fui. Até tenho vontade de conhecer a proposta dos caras, deve ser boa, mas eu nunca fui. O Diego, esse que trabalhava

comigo, e a JP, conhecem e estão com um sítio parecido, lá no Chuí. Depois te passo também o contato do Rogério, que trabalha mais no urbano. Eles tem a OCA lá em Pelotas, que é um prédio que eles ocuparam da universidade, que eles pegaram a chave pra usar e nunca mais devolveram, e aí a universidade por um tempo queria expulsar eles de lá, aí eles fizeram a resistência e entraram com uma proposta, e a universidade entrou com outra, e eles agora conseguiram legitimar o projeto da OCA, que é uma Casa de Cultura agora. É um prédio que estava condenado, eles pegaram, entraram no prédio, tomaram conta, e estão lá até hoje. E ele foi um dos fundadores da OCA, faz alguns anos que funciona muito bem, tem muitos espaços de arte.

[fala um pouco dos contatos do Rogério e dos pormenores do trabalho do amigo Diego, que está em Santa Vitória do Palmar]

[Eu falo um pouco de meu trabalho em São Carlos, com a Veracidade, com as propostas centrais daquilo que estamos chamando de permacultura popular, de alguns detalhes, etc. Quando eu digo que estamos trabalhando para popularizar a permacultura, Fábio me pergunta “e ninguém quis matar você?”, e ri]

F: Eu acho que o principal movimento que eu consegui fazer a partir da escola, é trabalhar com a comunidade. A gente conseguiu fazer círculo de bananeira na casa da gente, a gente conseguiu trabalhar: “ah, qual é o teu problema? Teu problema é saneamento? Se eu te trouxer uma possibilidade aqui será que tu topa?”, aconteceu isso, dos pais quererem conhecer, saber qual é a função. Então, a escola acaba sendo um centro, se você conseguir trabalhar, fazer um trabalho coeso, tu consegue divulgar muito a ideia, porque é um monte de solução. Permacultura vem pra trazer soluções. O Diego, eu lembro que tinha uma vala, como tem aqui, e ele plantou bananeira em toda a volta da vala, toda a volta, aí quando terminou de fazer, foi pra Pelotas passar o fim de semana, e, quando voltou, a prefeitura tinha feito uma limpeza. Outro caso que eu achei bem legal, agora na saída da FURG, tinha um lixão; aí um tiozão foi lá e limpou tudo, aconteceu agora esse ano, eu tô de ir lá pra conhecer ele. Ele pegou uma esquina e fez vários canteiros muito bonitos, e daí a prefeitura foi lá e tirou tudo. Foi lá e varreu o lugar. Aí ele pegou e fez de novo, e cravou um monte de placa: “Lixão ou Horta?”. Daí não mexeram mais. Todo dia eu passo e ele tá lá capinando. E amanhã eu vou ver se vou lá de tardezinha conhecer a criatura que está fazendo isso.

[A gente combina de ir juntos amanhã conhecer esse senhor no final da tarde do dia seguinte]

D: Se eu precisar transcrever algumas partes dessa entrevista e usar, sem problemas?

F: Sem problemas, pode usar. Tem uma galera também que está começando um trabalho massa, que são os guardiões das sementes crioulas, que não eram vistos antes, e ano passado teve um encontro que um secretário de alguma coisa da prefeitura que é lá da Quinta resolveu fazer, e juntou um pessoa da região, e eu achei muito bonito, e eles nunca tinham entendido o valor do trabalho deles. Eles faziam pelo dia a dia mesmo, meu tataravô guardou, meu pai guardou, agora eu tô guardando as sementinhas. E quando eles entenderam que aquilo era uma coisa muito importante pra galera, e a galera parabenizava o trabalho deles, cara, agricultor chorando, é uma coisa que eu não tinha visto, porque a galera nem percebe que está fazendo essa resistência. Achei muito legal, e é uma coisa que está começando agora. Eles conseguem muita semente, e é uma galera mais distribuída pelo interior. Mas é interessante conhecer essa coisa dos caras começando, de terem esse orgulho forte, e a vontade de mostrar que faz, diferente daquela galera que já está há anos na correria, que já não percebe mais o

quanto isso modifica mesmo. Foi uma experiência massa. Mas aqui em Rio Grande eu só vejo focos muito pequenos. Quando não é uma galera lá dentro da universidade, dentro de uma sala, discutindo se vai fazer ou não uma espiral de ervas pra plantar flor no meio da FURG, umas coisas meio sem noção. Ano passado a galera me convidou pra ir um dia de tarde montar uma estrutura de uma espiral no meio da FURG, e eu fui numa reunião para decidir o que ia fazer. Eu fiquei ouvindo o tempo todo, a hora que chegou no final eu perguntei como que ia ser depois que fizesse a espiral de ervas, quem ia manter. Aí, o Magrão falou que os funcionários da FURG iam cuidar. Aí, eu pensei que não queria dar mais trabalho pras tias que já tinham um monte de trabalho: “tem algum fundamento, vai chamar a comunidade pra trabalhar alguma coisa? Vai convidar alguém fora pra trabalhar? Ou vai mandar professores pra discutir o conceito de medicina do simples ou alguma coisa assim?”. Aí, ele me disse, “não, não é a ideia, é mais pela estética mesmo”. Aí, eu dei tchau e disse que estava indo pra horta da escola, que se alguém quisesse me acompanhar era bem vindo, para não contar comigo para aquela espiral. Eu me ofendo realmente, sabe? Me tiraram lá da escola pra vir com esse tipo de ideia? Vai lá pra escola então? Daí vazei, o bagulho nem aconteceu, acho que a galera desmotivou, me senti até meio culpado depois; mas é isso, o que eu vejo aqui é esse tipo de coisa assim, coisa que eu demorei pra perceber, até por inocência de querer ver a coisa acontecendo, eu gastava muita energia atrás de outras pessoas, e acabava até nem vivendo o bagulho. Todo lugar que eu vejo tem demanda, e eu tô correndo atrás de galera que está só por falar, e falar que é bonito, que é bom, que ama, que adora natureza, que abraça árvore, mas que não tá nem aí pro resto. Então, eu cansei disso. Então, eu me junto com pessoas como a Gra, o Fão, ou como a Vali, que estão vivendo o bagulho, e seguir na pegada. Convido a galera porque eu acho que é sempre bom agregar, mas é difícil. Mesmo na horta aqui dentro da FURG eu tô lá todos os dias, ano passado eu ia duas ou três vezes por semana que eu tava lá dentro, e poucas vezes eu não convidei a galera pra ir junto, a galera que eu sei que curte. Nunca ninguém colou. Eu convido até hoje, que é pra poder jogar na cara depois [risos]. Porque quando me convidam pra fazer uma obra prima no meio da FURG, eu digo “Tá, e porque ninguém foi na escola fazer um bagulho pra comunidade? Vocês querem fazer pra aparecer aí?” [risos].

Entrevista com Gabriel Nascimento sobre David Holmgren – Franca (novembro de 2016)

[Entrevista sobre David Holmgren com Gabriel Nascimento "Bizu", realizada em Franca, em novembro de 2016, na 'Confraria Cult'. Gabriel é engenheiro florestal e tem 33 anos]

Gabriel: É um prazer Djalma estar aqui, vou contar um pouco da história que eu vivi lá na Austrália, em Daylesford, perto de Melbourne, lá onde fica o David Holmgren, foi no ano de 2009. Fui passar uns 7 ou 8 meses na Austrália, estudei inglês, trabalhei um pouco com música. E aí, estava meio desfocado em Sidney, eu já tinha ido com a ideia de fazer wwoofing [WWOOF – *World Wide Opportunitties in Organic Farms*] em algum lugar, e fiz o contato com o David e a Su, que é a mulher dele, pela internet, por e-mail. Na época quase não tinha facebook.

Djalma: Você entrou em contato com a permacultura pela primeira vez como?

G: Acho que foi antes de ir para Austrália. Eu estava no primeiro ano de engenharia florestal, e eu fui fazer uma viagem para Goiás com meu pai, e a gente tava em Pirenópolis, de repente conhecemos um cara da pousada (não me lembro o nome dele e nem o nome da pousada) que nos falou do IPEC, e a gente fez uma visita lá, em 2003. E aí, desde então, eu me interessei. Eu sempre vi a permacultura como um grande leque de frentes para você trabalhar. Eu acabei focando mais, e fiz estágios em assentamentos com projetos de agrofloresta, agroecologia, recuperação de área degradada, já participei de muito projeto de plantio de muda nativa. Acabei indo mais pra essa frente e não fiz muita prática com bioconstrução. Aí, eu fui pra Austrália depois de formado, fiquei em Sidney esse tempo que falei, me senti um pouco sufocado, quando acabou o curso de inglês tinha mais dois meses e pouco e eu já sabia que a Austrália era pioneira na permacultura; aí entrei em contato com eles por e-mail e eles estavam com disponibilidade na data que eu queria, geralmente eles recebem uma ou duas pessoas pra ficar lá. Então, eu fiquei lá trocando trabalho por alimentação, convivendo com eles. Quem me respondeu o e-mail foi a Su; o David não responde e-mail nenhum, conheci só na hora que eu cheguei lá. Mas foram super receptivos. Eu estava sozinho, fiquei sozinho uns 4 ou 5 dias, e depois chegou um outro australiano, um cara que era do sul.

D: E você foi pro sítio Meliodora, né?

G: Sim, que é mais uma chácara. Eu não lembro o tamanho. Eu fiquei lá em um quartinho em cima de onde os bodes dormem, onde ele tira leite [risos]. Quartinho que ele improvisou, ele mesmo que fez tudo na casa. Eu lembro que ele tinha uma cisterna grande; produziam pera, maçã; eles comiam carne de canguru, de caça, de vez em quando eles saíam, a cada dois meses faziam uma saída de campo, caçavam e guardavam as coisas. Mas em local onde isso é legalizado, porque na Austrália tem muito mais canguru do que gente. Carne tinha só de vez em quando nas refeições, que eram preparadas praticamente do que ele colhia do jardim dele; mas como eu te falei tinha muita troca na região, com gente que produzia arroz, etc. Eles tem uma rede bem forte, não sei te falar quantas pessoas. Eles tinham dois carros da mesma marca (...).

D: No tempo que você ficou lá, chegou bastante gente para visitar ou conhecer ele?

G: Não, nos dias que eu fiquei lá não teve nenhuma atividade extra. Eu participava basicamente do dia a dia com eles.

D: E a relação com a comunidade? Você sentiu alguma coisa da galera chegar lá e querer saber ou perguntar?

G: Não, todo mundo muito (...). Eu fui em um ou dois eventos com ele, conheci uma outra fazenda de uns amigos deles; eu fazia muito trabalho de pião, cortava lenha, tirava mato, recuperava as áreas, plantava.

D: Você chegou a conversar bastante com o David?

G: Sim, conversava, mas eu confesso que ficava muito cansado. Era um trabalho pesado, cansativo, e como era inglês o tempo todo, a noite eu conversava bastante, mas tinha um pouco de dificuldade, um cansaço de estar sempre acompanhando eles. A gente jantava e almoçava juntos todos os dias. Tinha uma oração antes das refeições. Algumas vezes eles receberam amigos para a hora da janta ou almoço. A gente tá conversando e está começando a vir muita coisa na cabeça [risos]. Ela fazia pão, um pão muito gostoso.

D: Você pensou em voltar pra lá alguma vez, visitá-los novamente?

G: Até pensei, mas nunca mais voltei. Quando eu voltei pro Brasil nós trocamos algumas mensagens, mas perdemos contato. Até podia procurar eles no facebook, mas na época praticamente não usava.

D: Então, lá na Austrália você não diria que o David é um cara famoso?

G: Ele é sim, com certeza, mas ninguém chega qualquer hora, é tudo marcado. Ele faz cursos, tem as datas, mas pelo menos na comunidade ali, na cidade, todo mundo respeita muito ele como uma pessoa normal. Mas todo mundo conhece ele. É, mais ou menos, nesses dias eu fui na casa de um cara, uma outra fazenda a uns 3 ou 4 quilômetros dali, um senhor mais velho que era músico, e ele não conhecia o David. Acho que ele é mais conhecido por quem se interessa e procura saber sobre os temas.

D: Em algum momento você pensou em procurar o Bill Molison, chegou a fazer contato com ele?

G: Contato não, mas eu até pensei nisso. Mas ele fica na Tasmânia, né? É mais longe. É mais difícil de ir. Mas eu lembro que o David e o Bill Molison eles tem um pouco de rixa; algumas contradições desses princípios de cada um, algumas coisas. Eu não sei te falar o que. Em algum momento ou outro o David citava o Bill, mas nunca comentou nada sobre isso. Mas a casa é muito legal, não é muito grande, é simples. Eles não tem cama, dormem no chão, enrolam colchão e desenrolam pra dormir. É muito aberto; eu tomava banho no banheiro que eles usavam. Mas tinham todas as regras da casa, tempo de banho. Uma vez eu fui escovar o dente, eu lembro que eu abri muito a torneira e ele chegou rápido dizendo que era pra não abrir tanto, porque a Austrália não tinha tanta água como o Brasil [risos]. Me deu uma 'carcada'.

D: E você visitou alguma outra fazenda da lista do WWOOF?

G: Visitei essas duas só, a do David e a do vizinho dele. Mas o David é um exemplo, ele é muito organizado. Ele trabalha intensamente nas coisas dele, a casa sempre organizada, limpa. Lembro que a casa dos vizinhos já era a maior bagunça, era outro estilo. Eu até tentei contato com outros pra fazer WWOOF, mas como deu certo com o David eu preferi estar lá. É bem tranquilo pra chegar lá pra quem se interessar de ir, acho que eles ainda devem estar recebendo. Lembro que de Sidney pra Melbourne eu fui de ônibus, eram uns mil quilômetros; depois um trem pra Daylesford, e de lá um ônibus ou uma carona. A casa dele fica bem próxima da cidade, que é pequena, tranquila. É tipo um Alto Paraíso. A ida pro David foi a melhor parte da minha viagem. Lembro que eu não vi nenhum brasileiro, aí você se insere mesmo na vida, na cultura do país, pratica mesmo seu inglês, se esforça mentalmente.

D: E quando você voltou pro Brasil, chegou a visitar algum centro de permacultura aqui?

G: Acho que não. Fui numa ecovila lá de Piracaia; uns trabalhos com ecologia, horta orgânica. Quando voltei já comecei a trabalhar em um emprego de consultoria e assessoria ambiental, sempre tentando praticar as ideias da permacultura. Nunca realmente fiz um trabalho pessoalmente com isso.

D: Você acha que a permacultura se estabeleceu, pelo que você sentiu na Austrália, realmente como uma cultura, algo considerado pelo grande público australiano, ou ela ainda é uma coisa bem marginal?

G: Tem até uma coisa que no David estava meio fresco do Brasil [David veio pra Brasil em 2007], e ele fala que ele tinha percebido que aqui todo mundo praticava permacultura, mas não percebia. Ele via as favelas e dizia que a galera aproveita tudo, dá um jeito de fazer os barracos, se segurar, pratica os princípios, mas na Austrália é uma coisa mais avançada, até pela estrutura da sociedade, pela Austrália ser um país que não tem pobreza, não tem escassez, pouca violência, é mais favorável para se estruturar uma rede de permacultura naqueles moldes mais perfeitos. No Brasil é uma outra realidade. Ele falava isso. Dizia que o aproveitamento dos resíduos era uma coisa que a gente pratica.

D: Você chegou a ver alguma política pública de permacultura, alguém que falasse disso?

G: Bastante gente falando disso, está até que bem estruturado lá. É o berço mesmo.

D: Legal! Acho que é isso. Quer falar mais alguma coisa?

G: Não, acho que é isso mesmo. Eu fui falando e fui lembrando muita coisa. Tem que dar uma olhada e te mostrar todo o material. Tem um livro e um CD que eu comprei lá em Meliodora que mostra todo o design, onde fica cada coisa. Fui muito bem recebido lá, uma experiência inesquecível.

Entrevista com Guilherme Guisch – UFRGS, Porto Alegre (16 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Guisch antropologia permacultura - UFRGS - 16 de março de 2016.mp3

[Entrevista realizada em Porto Alegre, no campus a UFRGS]

[Guisch inicia falando sobre seu trabalho de pós-graduação com a 'Comuna Pacha Mama', perto de Santa Maria, em São Gabriel, um assentamento da reforma agrária com influências e propostas anarquistas]

Guisch: (...) e outro movimento que estava interessante, que agora deve estar se reerguendo de novo, mas eu saí fora, é o movimento do CASA, que é o Conselho de Assentamentos Sustentáveis das Américas, que tava com uma política de aproximação e popularização da permacultura, era a política do eixo “Educação”. Eu fiquei muito tempo como representante aqui do sul, e depois representante brasileiro, depois fazendo a ponte continental, mas era muito difícil toda essa articulação, pouca gente engajada, a maioria dos centros de permacultura nem um pouco engajados ou interessados em ampliar, e era isso. Eu conheço outros movimentos mais espontâneos de propostas de bioconstrução, que se chamou de autoconstrução de casas Guarani, em alguns lugares que popularizaram a bioconstrução aproximando do mundo Guarani, porque não adianta querer achar que sabe ensinar as pessoas sem ouvir. Teve esse movimento que pode talvez se ampliar e acontecer outras vezes.

Djalma: Cara, eu queria saber um pouco da sua história. Eu escutei falar de você duas vezes. Eu escutei de você lá na Arca Verde, a Rebeca me falou de você; e eu escutei de você lá no 'Utopia e Luta' também, quem me indicou foi a Maria e o Digão. Eu trabalhei com a Maria na RECID, entre 2012 e 2014, então eu achei que seria um cara importante pra conversar. Eu queria saber como você entrou em contato com a permacultura, qual foi a sua trajetória, qual sua visão mais geral, e depois fazer algumas perguntas mais específicas.

G: Eu sei lá como! Acho que foi naquela movimentação pra fundar a Arca, a gente foi em um mega encontro chamado “O chamado do Beija-Flor”, lá em Alto Paraíso de Goiás; a gente foi num ônibus pra lá, e eu já estava participando de movimentos autogeridos, de autogestão, e aquilo foi interessante pra mim, e a gente voltou pilhado querendo fazer coisas. Aí, a biorregional sul começou a se articular pra fazer encontros por aqui, e um deles foi um mutirão na Arca Verde pra construir a Pipa, a primeira casa que a gente fez lá, e para o plantio de frutíferas. A gente começou a organizar vários cursos, eventos e atividades lá na Arca Verde, lá em São José dos Ausentes. Daí, neste mesmo 2005 que a gente estava fundando a Arca, a gente ocupou o prédio do Utopia e Luta também, então a luta política urbana. Eu cheguei um pouco depois da ocupação, eu não entrei dentro, mas eu estava junto. Morei desde o início lá. E, ao mesmo tempo que eu estava no Utopia, eu estava entrando pra Sociais aqui na UFRGS, e eu ficava quando podia na Arca, e quando tinha que ficar na cidade, ficava no Utopia, que na verdade foi inaugurado só em 2009, depois da reforma. Mas desde 2007 a gente já fazia mutirão no terraço, 2007 e 2008 a gente foi levando as banheiras pra cima pro terraço e começou a fazer o plantio lá em cima, com a ideia de fazer uma horta urbana no terraço do prédio. Então, ali foi um engajamento também, mais pela luta que eu já estava fazendo na Arca, de plantio e de agrofloresta. Enfim, foi mais ou menos por aí que começou toda a história. Depois dali várias outras conexões. Várias outras questões.

D: Você chegou a fazer algum PDC?

G: Eu fiz, participei de vários PDCs, mas nunca exigindo certificado, nunca inscrito para pegar o certificado, então não tenho, não me chamo permacultor.

D: Mas você não se chama só porque você não fez o PDC ou por outras questões?

G: Porque eu não faço questão e porque não tenho o certificado, e também não faço questão.

D: Mas você pegou cursos inteiros.

G: Fiquei, alguns, vários. Alguns na Arca, outros em Florianópolis, por aí. Sempre participei de PDC, quase sempre na organização.

D: Você chegou a dar aula em algum curso?

G: Sim, nos cursos da Arca, que não se chamam PDC, se chamam cursos de permacultura, eu já dei aula em vários.

D: Aula de que temas?

G: Meu interesse por ter me formado em sociais, sempre foi a área social mesmo. A parte social da permacultura que inclusive é ignorada muitas vezes, e a parte social tem a ver com a parte política. Então, tanto da parte social, como da parte econômica da permacultura: moeda social, economia solidária; e na parte social, questão de comunicação não-violenta, sociocracia, tomada de decisão por consenso, feedback, essas várias coisas sociais. E, de certa forma, em algum momento, essa crítica sempre foi presente, eu sempre estava no movimento de ocupação, ocupação de prédio, ocupação de casas pela cidade, e a crítica da questão da permacultura se elitizar sempre foi uma questão emblemática. Na Arca sempre se teve muita vontade de fazer cursos gratuitos e tudo, mas toda a questão de “tá, mas como que a gente vai fazer um curso gratuito e ser remunerado por isso ao mesmo tempo?”. Tem uma questão de que deveria ser subsidiado isso de alguma forma.

D: Por quem?

G: Pelo Ministério da Cultura, da Educação, sei lá por quem; pela prefeitura. E como a galera não tem muita vontade dessa articulação burocrática de fazer projetos, nunca rolou. Mas já rolaram parcerias para formação de professores, fazendo um minicurso de final de semana pra professores para dar formação em educação ambiental.

D: Politicamente você se considera anarquista, ou não?

G: Não me considero nada.

D: de esquerda?

G: Também não. Mas a esquerda é simpática [risos]. A esquerda como um 'procurador de problemas', de não achar que as coisas como estão são a solução. E, talvez, anarquista, por achar que o poder ou se constrói conjuntamente, ou a gente precisa ser insubmisso. Então, acho que a construção da permacultura tem tudo a ver com isso, que é plantar o próprio alimento, tratar do próprio lixo, tratar do próprio cocô, tratar do próprio tratamento da água,

construir a própria casa, elaborar a própria educação; isso é extremamente anarquista e potente. E, também, uma potência de ser anarquista por ser não dependente do Estado, ser anti-Estado, ser de fato uma tática de vida que é contra o Estado. Contra o Estado no sentido de ser contra um ponto de vista único que deve subsidiar e promover todas as políticas públicas.

D: Você falou uma coisa importante, que é essa interface com a burocracia, que ninguém tem saco de fazer, mas que está determinando em muitos sentidos a nossa possibilidade de acessar certos conhecimentos. Como você vê a relação da permacultura, com as instituições, com a disputa pelos espaços institucionais, como prefeituras, governos, etc. Porque o movimento da permacultura costuma ser bem alheio a esse tipo de questão. E eu vejo que muita gente do movimento realmente não tem saco para essas burocracias, pra pensar uma disputa política, pra fazer esse trabalho mais burocrático. Mas você acha que é importante, por exemplo, pra permacultura se inserir nesse universo da disputa institucional?

G: Cara, ao mesmo tempo que acho que deve se popularizar, acho que seria interessante ter alguma aproximação, eu acho que não também. É paradoxal. Porque eu conheço várias outras comunidades que são permaculturais e que resolveram ir para um lugar, e foda-se. Não vou pagar pau pedindo migalha e fazendo projeto pra nada. E eu não condeno. Não acho que seja uma fuga e nem uma elitização. Acho que todo mundo tem o direito de fazer isso. E, às vezes, a popularização parece uma tendência de descobrir algo que é maravilhoso e que agora tem que espalhar para todo mundo. Não sei, várias vezes isso já aconteceu com outras coisas, e não funciona assim. Tipo, ou as pessoas se interessam e vão atrás, mas levar isso como política pública para outros lugares para popularizar não funciona, entendeu? Não é assim. Um exemplo – que eu não acho tão exemplo assim, mas é um exemplo forte –, a Arca Verde, de certa forma, faz cursos lá e as pessoas que se interessam, vão até lá, os cursos tem um preço bem popular, e a partir dali, pessoas que realmente são interessadas nesse assunto se engajam, buscam informação, vão pra lá passam um tempo ali, e eu conheço várias outras comunidades e coletivos que se formaram a partir da Arca. Então, se alguém denunciasse “Ah, vocês são um bando da elite que fugiu da cidade, e tão fazendo um mundo”, não! Existe um contato gigantesco com centenas de pessoas por ano, senão milhares. Certamente mais de 100 pessoas vão pra Arca por ano. O último curso de permacultura tinha 40, 50 pessoas. Então, devem ir sei lá, 400 ou 500 pessoas por ano na Arca, e isso tem um potencial transformador enorme. Várias pessoas que a gente conheceu na Arca, que foram lá, voltam contando que estão fazendo novas comunidades, e assim são várias pessoas.

D: Mas é uma experiência micro, né? Uma experiência localizada. Por mais que sejam centenas, ainda são só centenas perto dos milhões, ou bilhões no mundo.

G: É, acho que pode ser pensando assim se tu tiver um ponto de vista comunista massivo, onde as coisas tem que ser massivas, e se não for pro Brasil todo, não vale, o que eu não acho. Eu acho que sim, é micropolítico, rizomático, e as pessoas que fazem isso, e é menor, e é mais devagar, isso é muito mais efetivo. Não adianta tu puxar uma árvore do chão, ficar puxando ela pra ela crescer mais rápido. É assim, ela cresce conforme ela cresce. E se tu ficar olhando pra ela, ela não está crescendo. Vai ficar nervoso. É isso. Vai ver os zapatistas, há quantos anos? Foi a primeira revolução verdadeira na América Latina, e estão lá. Parece que não tem nada acontecendo, mas tem muita coisa acontecendo. Tem coisas acontecendo, e estão se fortalecendo cada vez mais. E eu acho que essa questão de atingir milhões é uma falácia; não é factível, e não vai ser viável, e não vai ser eficiente. Não é possível fazer isso, não adianta

botar agora uma disciplina de permacultura na educação e achar que isso vai resolver todo o problema. Não vai.

D: Compartilhando uma experiência pessoal. No meu trabalho de conclusão de curso eu trabalhei com os Ashaninka lá do Acre, e eles estavam, na época, construindo o Yorenka Atame, o Centro de Saberes da Floresta. Eles tão em uma cidade chamada Marechal Taumaturgo, no sul do estado do Acre, com o Rio Amônia. A aldeia fica do lado de lá do rio, e a cidade fica do lado de cá. E eles começaram a fazer um trabalho porque eles tem uma relação com a natureza que é especialmente; os povos indígenas já tem outra relação com a natureza e com o entorno em geral, caracterizada por outros parâmetros, e eles já tem uma conexão muito especial, bem diferenciada mesmo com a natureza e tal, e eles começaram a ter problemas com a pesca porque a população da cidade, os não-indígenas principalmente que não entendiam, não respeitavam essa conexão, jogando todo o lixo da cidade no rio, começaram a afetar a possibilidade deles sobreviverem da pesca. Então, eles criaram o Centro de Saberes da Floresta, que era pra ter uma interface de contato com as pessoas que estavam na região, que eles perceberam que se só a aldeia fizesse um trabalho de manutenção da biodiversidade, isso não seria suficiente, porque nós não somos ilhas, a gente está em conexão com o mundo. Então, quando eu falo em microexperiências eu não deixo de reconhecer o valor que é muito especial, são pontos de luz que estão difundindo o conhecimento, mas em uma limitação de transformação real, vai esbarrar um uma barreira porque se o vizinho tem uma monocultura e joga agrotóxico no rio ao lado, você pode criar uma ilha, um refúgio, mas está cercado por uma história que não vai permitir o pleno desenvolvimento daquela proposta de sociedade crescer. Então, não querendo massificar pela disciplina, pela imposição, mas como fazer essa transição para um mundo coletivamente harmônico, sem ser permissivo com práticas de um mundo velho, antigo, contraproducente. Até porque a gente não pode deixar todo mundo fazer o que quiser...

G: Eu acho que o que está sendo feito, é o que pode ser feito. Eu acho que cada vez que cada um tiver um ideia de como fazer um centro de saberes da floresta, também, que ótimo. Diante desse impasse, eu tenho um pessimismo grande. Eu acho que é micro, e o micro é que vale. Tentar ficar ensinando pessoas que não estão dispostas a serem ensinadas é um gasto enorme de energia que vai desfocar totalmente a sua produção, a tua questão, e talvez te tirar uma energia que seria fundamental para que o teu trabalho andasse. Ao mesmo tempo, eu acho que é importante. Eu acho que pode ser importante ter outro tipo de apoio, apoio institucional, talvez não diretamente do Estado, mas do Estado através de suas outras instituições, como universidades.

D: A agroecologia, acho que é um grande exemplo, porque ela está se consolidando em um tripé fincado na academia, com os núcleos de apoio à agroecologia financiados pelo governo federal; com o movimento social, o MST, a Via Campesina, estão adotando a bandeira da agroecologia; e como política pública, com uma lei de produção agroecológica e tal. Então, tem um tripé na universidade, na política e no movimento social bem fincado. Por que a permacultura não consegue fincar esse tripé, ou não quer fincar esse tripé? O que você acha?

G: Não faço a menor ideia. Mas eu acho que falta algum interesse dos permacultores. Acho que falta um engajamento político, talvez. Que eu também não sei se é necessário, mas que, se tivesse, poderia gerar alguma coisa interessante. E pra mim, a agroecologia e a permacultura não são coisas diferentes, se a agroecologia se fortalece, a permacultura se fortalece. E não é uma questão de lutar por uma outra área, mais uma área a ser investida e 'blá blá blá'. Não, se engaja na agroecologia e pronto. Agroecologia pode englobar toda uma questão. Então, se

essa área está engajada e está fortalecida, que ótimo, elas não estão separadas. A gente teve uma experiência que a gente discutiu a filosofia da permacultura há algum tempo atrás, e se chamava, “Percursos de (im)permacultura”. E foi uma das primeiras movimentações de uma universidade desescolarizada. E nessa movimentação que a gente fez, esses encontros sobre (im)permacultura.

D: O que é isso de (im)permacultura?

G: Então, o que é a permacultura?

D: A cultura da permanência.

G: E (im)permacultura, o que seria? A cultura da impermanência. Daí, abre-se todo um debate filosófico também. Por que estamos querendo a permacultura? O que a gente perdeu no meio do caminho para querer permanecer agora? E o que a gente acha que está acabando? Acho que a proposta da permacultura pode ser muito interessante, resgata saberes passados, indígenas, e compila de uma forma técnica pra que a gente possa criar novas culturas, que sejam mais permanentes no tempo, mas, ao mesmo tempo, querer que seja uma cultura permanente ainda é demasiadamente ocidental e eurocêntrico. É muito duro. Então, a aproximação com povos indígenas daria uma outra perspectiva. Daí, eu acho que a permacultura se aproxima de povos indígenas, mas o que ela fez em outros países, na Austrália, por exemplo: ela pega a cultura desses povos indígenas que se sabiam permanentes, e tecniciza como agora um saber: a Permacultura. E eu não sei como está sendo a troca com essas etnias nesses lugares, assim como aqui no Brasil. Tem muito conhecimento da permacultura que são dos povos indígenas, a gente pega pra nós e acha que vai querer ensinar pra eles de novo. Não é assim. Acho que precisa uma humildade também. A permacultura não é a salvação de tudo, a permacultura tem que ser humilde, tem que se aproximar de forma humilde dos movimentos camponeses, dos indígenas. E, talvez, essa prepotência eurocêntrica afaste a possibilidade de outros engajamentos. E daí, sem querer falar pessoalmente de algumas, mas a maioria dos permacultores tem um pouco dessa coisa de ser a referência na sabedoria da permacultura, ou da cultura permanente. Não, não é assim que funciona!

D: É rola muito ego.

G: A (im)permacultura daí se propôs a tentar vasculhar outras questões, tipo estudar questões indígenas. Atualmente, algumas etnias indígenas, várias delas na verdade, adotam um pessimismo alegre, digamos assim, que é dizer “cara, não tem saída, as pessoas são muito burras. Os brancos são muito burros, e você não tem o que fazer, mas se quiser fazer, faz, pode fazer. Vai lá, faz um posto de saúde, uma escola, vem aqui fazer o instituto socioambiental”. É foda, não tem como olhar para o que está sendo feito e se achar otimista. E daí, a permacultura tem alguns desses vícios brancos que virou uma escola que quer ensinar isso a todo mundo, que tal coisa tem que ser a regra. Será? Será que não precisa de mais humildade? E a (im)permacultura entra aí mesmo, somos impermanentes, e daí? Tem muito medo no meio de toda essa galera 'eco-new-hippie'. O cuidado com a saúde é muito porque eu preciso viver 200 anos; ou eu preciso, se possível, superar a morte, sabe? A galera quer ser permanente, mas não é. Ninguém vai ser. E esse medo da morte, esse medo de acabar, isso gerou toda uma filosofia e toda uma psicologia, toda uma disciplina, toda uma escolarização, toda uma sociedade embasada no medo e na não aceitação da impermanência. E daí, se não fizer um exercício de construção ontológica de mundo, que questione as bases com as quais tu constrói a permacultura, se tu achou que tem uma verdade ali e é isso que a gente vai fazer, aí

já fica difícil, todo esse outro paradigma sendo inventado, de novo. A mesma coisa. Então, ao mesmo tempo que eu acho maravilhoso, teria coisas que poderiam ser flexibilizadas, mas daí, cabe uma disposição dos movimentos permaculturais, talvez, dos Institutos de permacultura, que eu não consigo nem falar como um todo. Quando eu estava no Conselho de Assentamentos Sustentáveis, eu sabia, melhor, mais ou menos, como é que tava; tinha gente que tava mais se aproximando da política, do prefeito, não sei de quem – tinha gente fazendo essa aproximação, captando recursos. Tem gente, aqui em Alpestre. O Marcos Ninguém se aproximou da prefeitura, a prefeitura deu um terreno pra ele; eles estão com uma proposta de construção de casas populares; estão ampliando o conceito. Então tem coisas que estão acontecendo.

D: Você acha legal essa iniciativa deles?

G: Não sei se eu acho legal, e nem não acho. Quer dizer, a tendência é achar legal, mas eu nunca fui lá. Acho legal fazer bioconstrução.

D: Você conhece o Marcos?

G: Conheço.

D: Você conhece o pessoal do IPEP também?

G: Do IPEP não conheço muita gente. Nunca conversei com o João Rocket.

D: Você já visitou algum centro de permacultura no Brasil? Algum espaço?

G: Visitei alguns.

D: Você lembra de alguns que você citaria?

G: É que isso faz um tempinho; começou há 10, 11 anos, e eu estava mais engajado nessa circulação nesse período. Daí, já faz uns 2 anos que eu saí, que eu não moro mais na Arca; então faz 2 anos que eu estou afastado disso aí.

D: Atualmente você está fazendo mestrado aqui na UFRGS?

G: Tô fazendo mestrado.

D: E qual exatamente é a área de pesquisa?

G: Filosofia da diferença e educação; Deleuze. Mas um cara interessante que eu estou estudando que tem a ver com a filosofia da diferença é o Eduardo Viveiros de Castro, que tem uma contribuição que seria muito valiosa para qualquer permacultor, de conseguir compreender melhor uma cosmovisão indígena para trazer para a permacultura. Mas para trazer não para tornar técnica, trazer para um questionamento filosófico, de visão de mundo mesmo. Só que daí, também, entendo uma pragmática mais produtivista “temos que plantar agrofloresta e colher”; a galera está nessa neura, de mostrar que funciona. Eu acho que está certo, tem que fazer mesmo, só que daí, às vezes, não dá tempo de contextualizar

filosoficamente, de mergulhar mais nas questões sociais. Tudo isso que eu estou falando é coisa da minha cabeça, não reflete a realidade, principalmente da Arca Verde, onde eu vivi mais tempo; isso é só o que eu penso.

D: Eu acho que uma das coisas que movimenta tudo isso é um esforço, por parte de alguns talvez, de tentar superar o status de caricatura que o movimento alternativo, “novo-hippie”, adquiriu ao longo dos anos. É um pouco tentar deixar a condição de adjetivo para se tornar um substantivo. Não ser uma comunidade alternativa, mas uma alternativa para a sociedade. E aí, parte daí um esforço de tentar, não massificar, mas postular esse modo de viver como um modo possível dentre tantos. Mostrar que não é só uma caricatura, só uma viagem; que esse modo é tão viável concretamente e subjetivamente como qualquer outro em termos de produção, em termos de convivência, enfim.

G: É isso, eu acho que tem muita gente fazendo. A galera ali da Barra do Rio do Turvo, ali em São Paulo, CooperaFloresta, aquilo ali é profissional. Tem um puta movimento aqui no município de Ipê, em Antônio Prado, uma mega organização de produção orgânica, e uma rede mega, tem uma galera fazendo. Acho que, talvez, seria identificar esses potenciais, que são caminhos mais fáceis de popularização, sem imaginar uma massificação que ultrapasse esse volume de engajamento. Não quero atingir milhões amanhã, mas vou atingir milhões daqui a 20 anos. Aí sim.

D: E eu acho que nem é o caso também de atingir milhões, sabe? Se a gente tiver uma mínima massa crítica formada, o salto é gigantesco.

G: Também acho, com certeza. Não sei cara, a parte mais divertida foi mesmo essa exploração, de até pegar o livro do Holmgren, e estudar (im)permacultura no livro dele. Foi muito foda, muito divertido. E é fundamental fazer uma pesquisa e uma investigação filosófica para reformular a prática, e isso ficar sendo feito o tempo todo. Acho que essa reflexão teórica é importante.

D: Você chegou a reproduzir mais vezes esse curso da (im)permacultura?

G: Ele aconteceu algumas vezes, mas como bom impermacultor ele acabou, porque ele era impermanente. O primeiro foi caminhando, ele começou em um lugar, e a gente se propôs a caminhar, a gente só se encontrou naquele lugar e caminhou, foi até uma praça e ficou na praça. O segundo foi em uma casa, e a gente não caminhou. E a gente se propôs a fazer também uma identificação de plantas alimentícias não convencionais com moradores de rua, sair pelos parques; só que isso acabou não acontecendo. É que falta fôlego pra organizar tanta coisa. E essa questão, ao mesmo tempo que é o emblema do movimento, a gente só não faz mais coisas porque não tem dinheiro. Dá onde a gente tira dinheiro? Não sei? Tem muita gente que faria muito mais coisas se tivesse subsídio pra fazer.

D: E pensando em termos éticos, você é contra receber subsídios ou do Estado ou de empresas públicas pra fazer permacultura ou não?

G: Não sou contra não, não sou contra nada praticamente. Tudo que for possível é bem vindo, e dinheiro do Estado é dinheiro público, e dinheiro público saiu do meu bolso e vai voltar, não pro meu bolso, mas pra fazer alguma coisa bacana. Eu acho que é ruim depender disso, e é uma merda o cara depender, tipo, só fazer um curso popular gratuito pra uma comunidade que

precisa, se o Estado me subsidiar. Aí o cara depende de pagar pau pro Estado, fazer projeto, prestar conta, e todo o inferno da coisa.

D: E no caso da iniciativa particular. Se a Monsanto bancasse um curso, por exemplo, de permacultura, você acha ok?

G: Aí não sei, porque daí envolve a publicidade pra Monsanto. Daí a publicidade pra Monsanto que é a contrapartida, já é mais pesada. Ali, no Utopia e Luta, teve várias coisas que foram financiadas pelo governo federal, Petrobrás, e todas as propagandas que foi possível boicotar e aniquilar, se tirou fora. Mas, ao mesmo tempo, eu acho justo receber essa grana. Essa grana vai para vários outros lugares, mas eu não acho justo ter que fazer propaganda pro governo porque essa é a mínima obrigação do governo, não é ter que ficar fazendo propaganda.

D: Você pode me contar um pouquinho da história da horta lá do Utopia? Porque eu conversei com o Robson lá, só que ele é novo, não sabia de muitos detalhes históricos. Queria saber um pouco da história da horta, e um pouco se houve, ou se há alguma intersecção mais consciente da permacultura com o movimento do Utopia e Luta em forma de cursos, oficinas, etc.

G: Já teve mais engajamento de vários outros coletivos da cidade pra ajudar a fazer aquela horta funcionar. E eram coletivos de agroecologia, bioarquitetura, enfim, teve mais gente engajada em fazer. E era uma proposta de uma intervenção permacultural num terraço de uma área urbana; a gente conseguir fazer um plantio no próprio local onde as pessoas vivem, dentro do urbano. Tem um estudo muito grande ali de plantas alimentícias não convencionais, que eu acredito que tenha morrido quando eu saí dali, porque ninguém (...); foi mais ou menos o que eu imaginei fazer, pra também criar uma outra visão sobre essas plantas. Mas é bem difícil o engajamento das pessoas de entender que aquilo poderia comer, e mesmo assim a gente fazia a receita e servia pra comunidade; mas é isso, a galera queria as coisas mais comuns, e foi uma peleia bem grande. Eu fiquei por quase dois anos, sozinho – tinha uma ajuda de vez em quando, mas basicamente sozinho –, fazendo a compostagem com todo o rejeito de todo prédio, lá no terraço. Então, por dois anos, eu recolhi todo o rejeito, tinha todo um esquema de como fazer, como largar o rejeito para não ir plástico nem sacolinha plástica junto. A gente fazia isso com caixa de fruta, e fazia a compostagem lá em cima, que era o jeito mais óbvio de encher as banheiras. E quando tinha bastante composto, que ia dar pra encher uma ou duas banheiras, daí a gente fazia um frete para pegar o composto de poda do DMLU [Departamento Municipal de Limpeza Urbana], que é de boa qualidade. A gente ia lá e buscava o que dava de composto de poda, e subia nas costas, com saco de terra, misturava tudo isso, enchia duas ou três banheiras, e plantava.

D: Como que era a coleta? Você batia de casa em casa e ia pegando o orgânico num balde?

G: Não, era uma garrafa pet cortada onde as pessoas iam jogando o rejeito, pra não ficar muito tempo, por isso não podia ser um recipiente muito grande. Eu sugeria pras pessoas que colocassem um jornal, pra não sujar a garrafa pet, porque elas poderiam pegar o jornal e jogar o jornal num lixo maior que tinha em cada corredor. E esse lixo maior tinha um tanto de serragem no fundo, e as pessoas largavam o orgânico ali. Eu tinha que recolher tudo umas 3 ou 4 vezes por semana, dos 8 andares. Não era tão difícil, era bem simples o processo. Em 15 minutos eu recolhia tudo, e largava lá em cima. Eu só tinha que ir com um elevador, pegava o lixo, e botava em um outro balde, largava o lixo de novo. Ia botando todos os andares num balde só, chegava lá em cima, botava em outro, virava a serragem em cima, e pronto. Eu

voltava descendo, botando a serragem no fundo dos baldes dos corredores. Só que aí deu um problema, porque eu tentei ensinar. Eu fazia isso 4 vezes por semana, e toda quarta eu dizia: “oficina de compostagem”, chamava todo mundo. Ia um ou dois, mas ninguém se engajava pra assumir a responsabilidade. Daí eu virei um escravo, eu não podia viajar. Aí teve uma vez que eu viajei 5 dias, quando eu voltei estava tudo fedendo, podre, daí eu manejei tudo. Aí outra vez eu viajei 10 dias, juntou barata, rato, e o inferno. Aí era o caos, porque ninguém tirou dos corredores. Daí a galera despilhou, e eu falei “não, tudo bem, se vocês acharam nojento, eu paro de fazer, porque só eu que estou fazendo mesmo”.

D: Caramba cara, dois anos não foi suficiente para instituir a cultura da compostagem?

G: Porque assim, eu tentava chamar as pessoas para que elas ajudassem a fazer também, mas ninguém assumia essa responsabilidade. O processo de autogestão do Utopia foi péssimo, desde o início, as pessoas não se engajavam em nenhum processo, muito difícil. Eram sempre 4 ou 5, e assim é até hoje. No ápice, eram 10 pessoas engajadas que trabalhavam pelo coletivo, e aí é ruim porque essas pessoas se sobrecarregam. E a horta lá em cima também, nos primeiros anos; o Eduardo se interessava no início também, ajudava a encher, esses outros coletivos ajudavam também, davam um gás, mas daí, logo depois que a gente botou a estufa hidropônica, eu também tinha as minhas ressalvas, eu não sabia, não estudei para ver se era realmente a melhor forma de fazer, mas pela restrição de espaço, eu achei que valia experimentar a produção hidropônica. E foi bacana, só que depois que começou a hidroponia, não tinha mais como sair, tinha que plantar tal dia, mudar de vaso, lavar as coisas; daí me desgastou muito, fiquei muito desgastado, muito trabalho para uma pessoa só. Aí, tinha cursos, eu ia ensinar um monte de gente, e eu falava pro pessoal que tal dia tinha que fazer tal coisa e vocês sabem como fazer. Chegava tal dia, ninguém chegava. E assim foi, foi, foi (...), de novo. E eu pensei: “bom, só eu saindo mesmo. Se eu sair alguém assume”. Eu que montei toda a estufa também, mesmo sem saber, o cara me ensinou basicamente como que era, eu entendi os esquemas, estudei os livros, e montei plugando o motorzinho, furando as coisas. O cara deu uma consultoria mais ou menos, e disse “vai, agora se vira, basicamente é isso aí, a mangueira vai lá e escorre aqui”. Mas fazer a coisa toda; fui eu que montei toda a bancada, montei os troços e fui aprendendo tudo na marra. A hidroponia permite menos peso e mais produção com menos área. E bem rápida. Ela não é orgânica, mas ela não leva agrotóxicos, ela leva insumos, todos os micro e macro elementos em forma líquida. Enfim, daí eu saí dali e fui pra Arca, definitivamente.

D: Você é casado?

G: Agora tô casado, nessa época eu era solteiro. Aí eu fui pra Arca porque lá tinha terra pra plantar, tinha um coletivo de pessoas engajadas para revezar o trabalho, realmente engajadas; outro mundo, outra vida. E pro movimento político urbano falta um pouco de conhecimento sobre comunidades e organização social.

D: E você ficou quanto tempo na Arca depois de sair do Utopia?

G: Morando direto na Arca acho que eu fiquei uns 2 anos e meio, não chegou a 3 anos. Morando mesmo, né? Porque eu participava ativamente desde 2005.

D: E o que te fez sair de lá?

G: Acho que foi a gravidez. Eu engravidei, a parteira da comunidade tinha saído, daí a gente não ia poder fazer o parto ali, e não era interessante ficar morando ali. Aí, a gente veio pra cidade, e encontrou a parteira aqui, fizemos o parto em casa, em Porto Alegre, mas a ideia é sair da cidade de novo, ir pra algum outro sítio. E eu tenho um apartamento no Utopia e Luta, que eu acho muito pequeno pra minha filha junto, e daí esse apartamento, eu avalio e mantenho ele como sendo social, ele é do coletivo. Todo mundo que precisar de um apartamento em Porto Alegre, terá um apartamento em Porto Alegre. Todos os movimentos que precisam de um pouso, meu apartamento está de portas abertas, que agora está sendo reformado.

D: Você que tá bancando a reforma?

G: Mas não estou gastando nada. As tintas foram de graça, de reuso de uma outra coisa; nós mesmos desmanchamos a parede; eu e um outro amigo meu que estamos trabalhando na reforma. Gastamos ali com rolo, máscara e luva; pouquíssima coisa.

D: Cara, acho que é isso, antes de fechar, você quer deixar mais alguma fala, um recado pensando nesse foco do trabalho, na popularização da permacultura no Brasil. Tem alguma coisa que você sentiu que falta falar?

G: Acho que do que eu estou estudando mais, que tem haver com todo o movimento, eu acho que a Arca Verde e todos os institutos de permacultura são grandes universidades de tecnologias sustentáveis; que tem espontaneamente dentro dos ambientes em que eles se propõe a viver, cursos de arquitetura, de tratamento de água, de tratamento de resíduos sólidos – todos esses nomes que são bonitos nas universidades, lá tem esses cursos práticos. Tem curso de pedagogia, uma infinidade coisas. Está acontecendo ali, nessas comunidades. Está acontecendo! São universidades ricas em sabedoria que estão fazendo a universidade acontecer com a proposta de dizer: “para aprender essas coisas, eu tenho que morar, construir e participar ativamente dessas tecnologias”. Eu acho isso fantástico. Acho que as pessoas fazerem por elas mesmas é o que educa mesmo, é o que faz a educação. Qualquer pessoa que passar uma semana tendo que fazer a própria comida, plantar o próprio alimento, limpar o próprio lixo, já vai aprender um monte. Passei 13 dias nesse encontro em Alto Paraíso em 2005, esses 13 dias conseguiram desescolarizar meus 13 anos de educação escolar, porque em 13 dias de autogestão, eu percebi que passei 13 anos na escola fazendo merda, me serviam a comida pronta, alguém varria, alguém ensinava, alguém fazia tudo. Eu ficava ali, tratado feito um incapaz, mas quando me disseram “não, tu que tem que fazer tudo!”, foi fantástico! Isso educa, esse é o potencial, porque quando a pessoa começa a fazer as coisas, e intimamente aquilo faz parte de sua vida imediata, nisso a pessoa se encontra com a potência dela de viver, e a potência dela de viver faz com que aquilo faça sentido. Então, se uma pessoa encontra com sua potência num espaço como esse, então ela se educa. Essa é a macro-revolução: uma pessoa sentir o prazer de estar vivendo a vida por ela mesma, e construir as suas coisas por ela mesma, e ter uma postura ética na relação com o meio ambiente e com as outras pessoas com as quais ela vive. Essa é a revolução! Se você fez isso com uma pessoa, já ganhou. Daí quanto mais for fazendo isso, melhor. E pra fazer isso, pra ampliar isso, tem que superar um pouco do medo, do receio, da insegurança. Não dá pra achar que tá tudo errado, ou que tá ruim, ou que tá pouco. Não precisa ter garantia, nem almejar resultados e objetivos enormes, é só fazer. Segue fazendo, porque é tua vontade, é tua potência. Está dando certo, mesmo que seja pouco, vai indo, isso vai se contaminando. É focar nesse encontro das pessoas com sua potência de viver, com a vontade de fazer as coisas, pronto. Sem forçar nada, sem tentar ensinar nada.

D: Você me autoriza a transcrever essa entrevista e usar pro meu material de mestrado?

G: Totalmente autorizado, qualquer coisa, mas isso tudo que eu falei não precisa ser citado com meu nome. Isso tudo que eu falei faz parte de um conhecimento amplo e de uma vivência com várias pessoas que só saiu de mim, mas não é meu. Então eu não exijo nenhuma citação no meu nome.

D: Só mais pensando no formato da academia que tem essa rigidez, tudo bem transcrever?

G: Tudo bem.

Entrevista com Jeferson Muller Timm, Instituto Ambiental Daterra – Estância Velha (12 e 13 de março de 2016)

Arquivo mp3: Entrevista Jeferson Muller 1 (Da Terra - 12 de março de 2016).mp3

[Entrevista realizada em duas partes na sede do Instituto Ambiental DaTerra]

Djalma: (...) É que ela focou no trabalho de vocês aqui no DA TERRA mais, ou foram vários?

Jeferson: Não, não. Ela focou em vários coletivos da região. Inclusive, em projetos mais individuais, vamos dizer assim. A “Vida Feita a Mão”, que é uma casa lá no centro budista de Viamão, que era um casal que estava fazendo sua casa em mutirões. Então divulgavam os mutirões no face, a galera ia lá, construía. Então, não necessariamente institutos.

D: Entendi, mas foi aqui na região sul

J: É, na região sul em geral, de Porto até... não sei te dizer exatamente o alcance da pesquisa dela.

D: Aliás, você falou de Viamão. Viamão tem um movimento de permacultura que, se não me engano, um dos primeiros PDCs rolou lá, em 1992, quando o Bill Mollison veio para o Brasil, né? Ele veio aqui pro Rio Grande do Sul?

J: Então, eu não tenho certeza se foi em Viamão, mas sim, porque tem uma galera dos permacultores “das antigas” aqui do estado: João Rockett, o Toni; o João é de Bagé, mas tem uma galera que eu acho que fez esse PDC aí com o Bill Mollison. Essa primeira semente da permacultura na região. Mas faz bastante tempo.

D: Você fez PDC já, né?

J: Eu fiz o bioconstrução lá no IPEP, depois eu fiz o PDC com o Skye, no IPCP.

D: Qual que é o IPCP?

J: Instituto de Permacultura do Cerrado e Pantanal, Mato Grosso do Sul, Campo Grande, com a Adriana Gambiati. Aí, depois eu fiz os outros cursos. Agrofloresta eu cheguei a fazer com o Ernst também, que é uma baita referência. Baita curso muito bom.

D: Ele tá lá trabalhando bastante em Itirapina, perto da gente, em São Carlos, na Fazenda da Toca, tive com ele algumas vezes também.

J: Ah, sim. Bem legal lá na Toca. Eles estão fazendo um negócio em larga escala, né.

D: Eles estão com maquinário, tem grana.

J: É, sim, investimento, né. Eu até esses dias estava conversando com um amigo sobre isso. Aquela dualidade, né? Se nós vamos ter sistema em larga escala, que seja em agrofloresta, né.

Mas o legal é picar: pequeno agricultor, descentralizar. Mas, ao mesmo, tempo esse tipo de produção não vai deixar de existir, né? Então, que se desenvolva também. Bem massa.

D: Mas seu primeiro contato com a permacultura foi aonde? Por onde?

J: Cara, foi esse na bioconstrução. Na verdade quando eu fui fazer o curso de bioconstrução, nunca tinha ouvido nem falar de permacultura. Lá por 2006, então, eu estudava biologia já, e aí houve um episódio de um programa de televisão sobre casas ecológicas; eu estava assistindo, eu morava com a minha mãe e meu irmão, e nós estávamos justamente pensando em construir outra casa e tal, se mudar. Nossa casa precisava de reforma, coisa e tal. “Ah, vou fazer o curso e vou fazer uma casa ecológica pra nós”. Morava em Campo Bom, na cidade. E aí, nesse curso eu conheci a permacultura. Foi um de bioconstrução, mas foi quase um PDC, com muita pegada de permacultura, inclusive de agricultura. Aí, lá, também nesse curso, eu conheci a Bruna, da Arca, e aí ela convidou, né: “Vai lá conhecer a Arca”. Daí, quando eu fui conhecer a Arca ela disse “eu estou indo fazer o curso com o Skye, PDC e tal, vamos juntos”.

D: Então, em 2006 você fez o bioconstrução, lá no IPEP, com o João Rockett. Foi ele que deu o curso?

J: Ele, a equipe dele, e teve uma parte que foi o Lúcio Ventania, de bambu. Ele deu a parte de construção com bambu. Aí, eu fui pra Arca, se não me engano, era o começo de 2007, lá em São José dos Ausentes, aí depois eles mudaram pra São Chico. Aí, eu fui fazer o PDC, no final de 2007 ou começo de 2008, algo assim. Aí, então, morando na cidade, eu não morava aqui, morava numa casa da cidade; permacultura urbana total: terreninho, plantações apertadinhas, aquela coisa. Morando com a minha mãe. Depois disso fiz outros cursos em outras áreas, também parecidos: tipo de paisagismo ecológico, com o pessoal de Canela com o Benetti, que trabalha bastante a agroecologia nos jardins comestíveis. Esse de agrofloresta com o Ernst.

D: Foi aqui o curso com o Ernst?

J: Foi na Arca. E na Arca também participei de um PDC como facilitador da parte de saneamento. Eu fiz meu TCC com saneamento ecológico, na parte de zonas de raízes, e mestrado agora também nessa área aí, dos wetlands, tratamento de esgoto com plantas. Inclusive foi uma troca: eu fiz o agrofloresta em troca de dar a parte de saneamento do PDC.

D: E você fez o mestrado na Fevale?

J: Não, aqui na UNISINOS, daí, que é em São Leopoldo, outra cidade.

D: A graduação foi na Fevale, em biologia; e o mestrado foi na UNISINOS, em São Leopoldo.

J: Isso, na engenharia civil. Sim, a parte de saneamento fica na engenharia.

D: Você terminou seu mestrado quando?

J: Em janeiro do ano passado. E eu, desde então, tenho trabalhado bem mais com essa parte de saneamento. Até a pesquisa está se estendendo até agora, não como mestrado, mas fui contratado pelo projeto Verdes Sinos, um projeto guarda-chuva, entre a universidade Fevale, a

Unisinos; vários centros de educação ambiental da região são integrados nesse projeto, a Imater. E aí, tem várias vertentes, vários caminhos deste projeto, desde educação ambiental, até recomposição de mata ciliar; capacitação de agricultores para agrofloresta, bastante coisa forte. E, por esse projeto, eu dei dois cursos de saneamento ecológico, um focado mais pra professores e comunidade em geral: alunos de gestão ambiental. Gratuito, com 40 vagas, divulgadas. As pessoas se inscreviam e iam lá fazer o curso de 20h. E aí, atualmente eu estou continuando o monitoramento desses sistemas que foram construídos nesses cursos, e outros também, que eu construí antes, que eu continuo fazendo o monitoramento pelo projeto Verdes Sinos, que vai ter esses resultados divulgados talvez no meio do ano.

D: Vocês construíram aonde os sistemas?

J: Tem diversas cidades: tem um em Igrejinha – bem na frente da Schincariol. Num centro de educação ambiental em Igrejinha, CEAAC: Centro de Educação Ambiental Arthur Conrad. Tem uma unidade – que aí não foi construída pelo Verdes Sinos – que é em Nova Hartz, foi construída pela prefeitura de lá. Na verdade, eu fiz o projeto e a oficina, e também construímos a unidade lá. Tem uma unidade em Araricá, que é uma Ghunterland, que é uma propriedade agroecológica, onde funciona um restaurante. Eles criam carneiro, plantam uva e tem cultivos agroecológicos de vários alimentos. Todas essas unidades de tratamento de esgoto são diferentes. Essa da Ghunterland que é o restaurante, ela não foi construída para um restaurante – até foi um desafio, uma surpresa positiva o comportamento desse sistema. Ela foi construída antes de existir o restaurante no espaço, pra atender os moradores, que são dois. Só que eles passaram uma vez por mês a fazer almoço para 50 pessoas no lugar. Então tem um pico de água fora do normal, mas a estação se comportou bem, nunca transbordou. Todo o esgoto, águas cinzas e negras: fossa, filtro e zona de raízes. Manda a água negra para fossa e filtro, e faz a ligação da água cinza depois da fossa e filtro; tudo vai pra zona de raízes juntos daí. A cinza na fossa e filtro, ela complica o tratamento, ela acaba comprometendo as comunidades de micro-organismos que decompõem esgoto, então acaba prejudicando.

D: Mas como você faz esse filtro da água negra?

J: Então, pode ser um filtro comprado no mercado. Esse no Centro de Educação Ambiental, em Igrejinha, eles compraram o filtro no mercado, com umas pecinhas de plástico – que não precisa ser, né, mas por eu não estar diretamente envolvido, foi o caminho mais fácil. Lá na Ghunterland eles fizeram o filtro com brita mesmo, uma câmara anaeróbica, depois uma câmara com brita dentro. Faz uma pré-filtragem pra ir pedaço de nada muito grande lá pras plantas, pra não entupir.

[Explicação sobre o funcionamento do sistema, demonstração do sistema da casa, conversa sobre técnicas de saneamento, telhado vivo, troca de experiências... etc – irrelevante pra pesquisa como um todo]

D: E você fundou a Da Terra quando? Como foi esse processo de iniciar?

J: 23 de março de 2013, vai fazer 3 anos agora. A primeira ideia da Da Terra era trabalhar, também, com permacultura, mas ter um foco em consultoria ambiental – como eu sou biólogo, tenho uns colegas que estavam ali perto de se formar, e queriam focar em alguma coisa para trabalhar e se sustentar; aí a gente trouxe a ideia de fazer um viveiro de mudas, e trabalhar com consultoria ambiental. Então, a gente teve uma experiência primeiro nessa parte de consultoria. O viveiro a gente começou e logo no começo a gente se deu conta de que

plantar as mudinhas pra vender seria uma função e que a gente não teria condições de concorrer com o mercado, e tudo mais. Então, a gente abortou essa missão e decidiu focar na consultoria e oficinas de permacultura. Aí, já estávamos trabalhando com oficinas antes da Da Terra estar oficializada como um Instituto, né? E aí, nosso primeiro trabalho grande, a gente fez um diagnóstico do arroio Estância Velha, que é o principal arroio aqui da cidade, pra prefeitura. E a gente trabalhou em equipe e sem articular muito o que cada um vai fazer e como vai ser essa parceria; e aí, no meio a gente se desentendeu por várias razões, assim de “ah, da minha parte não opino”, e coisas do tipo. Foi em 2011. E aí desse trabalho, rolou uma percepção de que o formato não podia ser uma empresa pro trabalho; mas sim uma outra coisa que não tivesse dono, que estivesse já pré-estabelecido de como seriam os acordos e participações, porque sempre achei estranha aquela história de alguém mandar na coisa. E quando a gente trabalhou sem ninguém fazer isso, também não funcionou, porque cada um teve autonomia na sua parte, mas sem discutir muito isso, faltou comunicação, talvez. Uma parte estourou do orçamento, enfim. Depois a gente sentou, né, se desentendeu, e falou “vamos pensar em outro formato e ver o que a gente vai fazer aqui”. E aí, surgiu a ideia da ONG. “Vamos fundar uma ONG. Se rolar trabalho de consultoria a gente até pode fazer, mas via contratação específica, do que cada um vai fazer”. A gente depois sistematizou dentro disso.

D: Isso com essa galera da consultoria do arroio e com outras pessoas também.

J: Isso. Aí, vários amigos que já eram simpatizantes da ideia, que já tinham vindo fazer curso, que já tinham conversado a respeito, pessoas com as quais eu já tinha conversado sobre em algum momento da vida comprar uma terra e montar um espaço coletivo. Então, se formou um grupo da fundação; foram 30 pessoas que fundaram. Mas que participam ativamente digamos que tem umas 15 pessoas. É difícil manter o pessoal próximo. Até esse último ano, semana passada, vieram aqui alguns membros da diretoria que fazia quase um ano que eles não vinham. Mas que a gente está em contato. Que apesar de não virem aqui, eles não estão deixando de cumprir os objetivos do instituto. Por exemplo, eles não veem aqui mas fazem parte do grupo de certificação orgânica da cidade deles, eles visitam os produtores orgânicos, ajudam a assinar o certificado de produção; sistema de certificação colaborativa, participativa, consumidor, técnico e produtor. O presidente, a OCS Sapiiranga, faz parte da ONG também, que é produtor agrícola orgânico. Então, tem várias pessoas que não estão diretamente aqui, mas que estão trabalhando no regional, de certa forma estão “cumprindo as metas”, mesmo não sendo um projeto específico do instituto, mas trabalhando nas causas, e, eventualmente, a gente se junta e movimenta alguma coisa. Porque nem todos são da área ambiental, tem músicos, artistas circenses, tem pessoas de várias áreas. Então, a galera também se articula nas suas áreas, às vezes.

D: Então em 2013 vocês fundaram a ONG, oficialmente.

J: É, oficialmente aqui é a sede oficial. O sítio aqui é cedido pra ONG. Um contrato de cedência do espaço – de uma parte do espaço. Sem limite de data para expirar. Então, funciona aqui a empresa no mesmo espaço, do meu pai, que faz trabalho de reciclagem e reaproveitamento de couro. Embora seja o mesmo espaço – o primeiro curso que teve aqui foi o Leandro da Arca que deu o curso aqui, foi de fogões, e na hora do feedback ele disse que não esperava chegar aqui numa fábrica, que é meio estranho –, mas acho que é justamente um diferencial legal da permacultura urbana: conseguir se integrar num espaço que não tem nada a ver com a permacultura, e trazer trabalhos desse tipo. Aí, tem o histórico, né? Meu pai mora aqui há 15 anos, eu estou há 5 anos e meio. Quando ele veio pra cá, tinha um outro dono, que

tinha uma salgadeira de couro aqui. Então, esse prédio era cheio de peles de couro com sal grosso, dobradas. Eles molhavam o couro, e toda essa água com sal corria por todo o pátio ali no fundo. Então, não nascia nada ali. Era uma terra muito pobre. Inclusive, acredito que deve ter couro enterrado em alguns cantos, porque esse couro era cru, sem curtir, eles cortavam as aparas do couro, e provavelmente enterravam aqui, que era prática comum antigamente. Uma outra observação interessante é que Estância Velha, nos anos 80, foi a cidade mais poluída do Brasil, a capital nacional dos curtumes. Nos anos 80 não tinha controle nenhum de tratamento de efluentes, né? E o curtume polui muito, usa cromo, metal pesado no arroio. Na verdade, o arroio Estância Velha, o nome popular é arroio preto, porque ele é preto. Preto preto, não marrom escuro. É preto. Até hoje. Mesmo já tendo melhorado muito da situação que era nos anos 80 – nos anos 80 o pessoal aterrava terreno com couro aqui nessa região, a maior parte dos loteamentos que se encontram em área que antes eram banhado eles foram construídos com aterro de couro, com cromo, o pessoal ia lá, descarregava as aparas de couro, botava a terra por cima e construía em cima.

[Conversa sobre couro, Novo Hamburgo como capital nacional do calçado, a base da economia local, etc]

J: Como eu estava falando, era tudo muito contaminado com sal, e, também, o que tinha antes de vegetação era eucalipto. Tinha algumas cabeças de gado dos proprietários, eucalipto e gado. Onde nascia grama, onde não pegava o sal, era pisoteado ou tinha eucalipto; então foi um trabalho bem de recuperação. Então, sem a deposição de sal, quando eu vim trabalhar aqui, ficou-se uns 8 ou 9 anos, então deu uma remediada, mas mesmo assim, nessa parte mais próxima ao prédio, não nascia quase nada. O sal fica na terra, né. E aí, a gente tem umas experiências diferentes de agrofloresta, uma mais voltada pra recuperação de área; tem agora uma recente, mais agrícola.

D: Nossa, você pegou um terreno complicado pra trabalhar, hein?

J: É, mas é o desafio da região também. A gente fala na permacultura, né, o “sistema de luxo”. Quando tu vai pro sítio lá no interior você tá no sistema de luxo, tu chega lá e implementa teu desenho e produz. Mas nem toda realidade é assim. Permacultura urbana geralmente é o contrário, né? O sistema já está sem nada de energia e tu vai ter que batalhar até ele começar a produzir.

D: Os cursos você começou a fazer aqui a partir de 2013?

J: Desde 2011 já tiveram algumas oficinas, tem mais ou menos 5 anos trabalhando aqui nesse espaço.

D: E desde que vocês fundaram a ONG, como é a relação institucional? Vocês tem reunião semanal, uma organização... como funciona essa parte institucional?

J: Cara, a gente não tem uma regularidade nos encontros, até por essa distância das pessoas morarem em outros lugares. A gente faz, no mínimo, uma assembleia anual, que seria um encontro pra discutir agenda, fazer prestação de contas, ou então a cada dois anos para eleição da diretoria.

D: Vocês se inspiraram no estatuto de alguma outra instituição?

J: A gente se inspirou em vários na verdade. Mas tem algumas regras básicas pra ONG: aquelas questões básicas, membro da diretoria não é remunerado, e tal.

D: Vocês não pensaram em fazer uma OSCIP para poder remunerar os membros, por exemplo?

J: Mas aí a gente achou mais burocrático, por ter mais impostos e coisas, assim, né?

[conversa sobre o que é uma OSCIP, contando o caso da Veracidade, vantagens e desvantagens]

D: Mas como é essa questão dos trabalhos remunerados pela ONG? Vocês tão conseguindo fazer convênios, parceria, etc?

J: Depende do trabalho... quando entra consultoria eventualmente eu faço até direto. Por ART de biólogo mesmo, não necessariamente via ONG. Mas oficinas que acontecem aqui que eu ministro o recurso vai todo pra ONG, e algumas parcerias, né, pessoas que vem dar oficina aqui e que normalmente não são da diretoria, aí fica mais tranquilo de remunerar.

D: Mas vocês tem uma conta no Banco da ONG, né?

J: Ainda não. A gente tem uma conta da tesoureira, aonde fica o recurso. No ano passado a gente tentou abrir a conta, e teve uns problemas de documento, aí ficou enrolando e daí, a gente deixou isso parado.

D: Então vocês nunca formalizaram convênio com o poder público, por exemplo...

J: Não, ainda não.

D: Vocês tem essa intenção de fazer alguma coisa via prefeitura?

J: Talvez, mas dependendo do que.

D: Como é a relação aqui com a prefeitura?

J: A prefeitura é bem corrupta. Antes até de fundar a Da Terra como ONG, eu já fiz estágio na prefeitura de Estância Velha, na secretaria de meio ambiente, e depois eu fiz um projeto do jardim didático permacultural do centro ambiental daqui, que foi projetar e implementar um jardim de permacultura no centro de educação ambiental. Que até foi uma experiência interessante, que esse jardim foi implementado com os alunos, e aí, depois desse trabalho, eu comecei a trabalhar bem mais com professores do que com alunos, porque os alunos aprenderam, talvez, a fazer, mas não a reproduzir, e como eu sai do espaço, as estruturas começaram (...). Quem cuidava das estruturas era a zeladora do espaço, e as outras professoras não se articularam muito, sabe. Então, dei uma declinada no espaço, as atividades perderam base de permacultura. Depois disso eu trabalhei bastante com capacitação de professores que hoje em dia eu acho que é bem mais interessante até pelo alcance.

D: E esses projetos com professores, quem te paga por eles?

J: Esse da prefeitura foi um contrato direto. Eu já prestei serviço pra ANAMA também, não sei se você conhece: Associação Nascentes Maquiné, que é uma ONG. Normalmente são ONGs que me contratam. Por essa questão da diretoria, se eu presto serviço eu acabo fazendo direto e não pela ONG. Que se gasta um pouco mais em imposto, mas (...).

D: E MEI, você nunca pensou em abrir uma MEI?

J: Sim, sim. Eu não podia abrir um MEI até agora há pouco, porque eu era sócio do meu pai na empresa. A gente só formalizou essa desvinculação no final do ano passado, então eu não me preocupei ainda em abrir um MEI, mas é uma alternativa pra mim prestar serviços.

D: Queria te perguntar, também, um pouco dos horizontes pros próximos passos com os seus trabalhos aqui em Estância Velha. Que que vocês planejam para esses próximos anos, como vocês imaginam os alcances dos projetos, aonde vocês querem chegar...

J: Bom, tem bastante ideias e vontades. A gente está mudando. Quando eu mudei pra cá, tinha uma casa do lado de lá do pavilhão da empresa – que amanhã a gente vai conhecer lá – que tava vazia, não estava terminada. Eu vim pra cá e reformei essa casa, e passou a ser a sede do instituto ali, do lado de lá. Aí, a gente começou a trabalhar o jardim, viveiro de muda, um caminho; um design de permacultura ali. Um terreno só de 3 hectares. Na verdade, quando meu pai veio pra cá, não tinha nenhuma casa aqui na frente, a construção mais próxima era lá na esquina. Há 15 anos atrás. Era zona rural, mas agora é zona industrial. Nós estamos ilhados aqui. Na periferia, aqui, se tu andar mais 1 quilômetro tu sai da cidade e entra na cidade de Pontão. Nós estamos bem na periferia da zona urbana. Então, nesse terreno aqui – mais uma recuperação de área que eu vou te descrever agora (risos). Quando meu pai comprou essa terra aqui, foi numa ação judicial, era uma confusão enorme. Tinha um proprietário, que vendeu a terra para um segundo cara, e esse segundo cara vendeu para um terceiro. Só que o segundo cara, ele não pagou a compra da terra, e o terceiro pagou pro segundo. Então o cara do meio não pagou e recebeu a grana. E ele morreu. Aí meu pai comprou a terra do terceiro já com uma perspectiva de perder a causa, porque ia voltar pro primeiro, e ele ia ter que comprar do primeiro. Só que meu pai estava já com empresa aqui, nessa época eu trabalhava com ele, e ele pagava um aluguel pelo prédio. E ele calculou quanto tempo a ação ia correr na justiça mais ou menos, e ele comprou a ação do cara meio que por quatro ou cinco anos de aluguel. Aí quando foi pra justiça, ele perdeu, a terra foi pra leilão e ele comprou em leilão essa terra. Aí, quando ele comprou em leilão – se passaram vários anos – o cara que era caseiro do cara de quem ele comprou a terra, morava aqui. Um cara a parte, era só caseiro do sítio. Ele tinha uma casa ali [*mostrando no terreno*]. Só que quando foi pro leilão ele chamou o cara e falou que tinha comprado a terra, e que ele quisesse ficar com aquela parte ele fazia um desmembramento da terra e o cara pagava pela parte respectiva dele do terreno. E o cara topou. Mas aí quando foi na hora de pagar o cara veio e disse que os filhos tinham aconselhado ele a não fazer, porque ele já morava lá há vários anos e ia pedir uso capião. E meu pai disse “então tá. Fica aí”. Aí, o cara entrou com a ação e ele perdeu porque ele tinha duas casas de aluguel na cidade. Aí, ele saiu da terra aqui e eu negocieei com meu pai esse abandono do lado de lá e assumi esse terreno aqui. A ideia é desvincular um pouco essa entrada da indústria. Não que não seja interessante, até pra conhecer em visitas, por se trabalhar com reciclagem, mas o acesso vai ser por aqui. Mas porque eu falei que era outra recuperação de área: quando eu vim pra cá, eu tirei uns cinco sacos de lixo grandes da horta, porque durante muito tempo não passava caminhão do lixo e ele fazia uma compostagem com todo o lixo da casa, com sacolinha, com embalagem, com tudo junto e botava na horta. Então os canteiros, eu tive que peneirar. Ainda tiro lixo, cavoco e encontro lixo. Então, é uma

recuperação de área. Em compensação, já tenho várias árvores, já está adiantado o espaço, está bem encaminhado. Mas aí, com essa saída do morador eu fiz essa proposta de sair dali onde eu estava ali na frente, fiz essa troca, reformei aqui, transformei numa casa mais ecológica, e a ideia é transformar aquela casa ali na sede da Da Terra, e essa aqui a minha casa, ali se concentram os cursos, mas com um design que integre as duas.

[mostrando e apontando no espaço os planos do design futuro e ideias de usos]

Até lá no fundo, a gente tem uma área onde está intocada, só com recuperação natural, onde a ideia é trabalhar com trilha ecológica, receber crianças. A gente recebe cursos técnicos de meio ambiente, a gente tem convênio com a Feevale, então, tem estagiário também.

D: O estagiário faz o que?

J: Na verdade, a gente traça um cronograma, a gente sempre discute, vê o que o cara está a fim de fazer, e a gente elabora um plano de trabalho na linha que ele tem aptidão.

D: Ele faz manutenção do espaço?

J: Não, manutenção não tanto. Às vezes, mais em plantações, pra passar técnica. A parte de manutenção eu faço, meu pai faz, às vezes um funcionário da empresa ajuda. Já teve um tempo funcionário aqui que era direcionado mais pra essa função, e que tinha um conhecimento de permacultura também. Mas a experiência de uma pessoa só trabalhando aqui, sozinha (...). Porque, atualmente, eu não trabalho aqui, não fico o dia inteiro aqui, eu trabalho na universidade Feevale.

D: O que você faz lá?

J: Eu trabalho no convênio de combate a dengue, faço o planejamento da ação no município. A gente tem um convênio com a prefeitura de Novo Hamburgo, onde a universidade desenvolve trabalho de combate a dengue, substituindo os agentes de saúde por estagiários dos cursos da saúde.

[Conversa sobre a função, atuação e metodologia de trabalho dele e da equipe do programa de combate a dengue, curiosidades, etc – não relevante para a pesquisa]

D: Então, de planos de futuro. A ideia é reformar aqui, receber escolas?

J: Na verdade, a nossa ideia é transformar a DaTerra numa escola. Já tivemos algumas reuniões sobre como viabilizar isso. Até com pais de crianças que nem são associados a Da Terra, que nem são associados, mas que vieram aqui fazer reuniões e discutir essa possibilidade. A ideia então é tentar reformar esse espaço e criar condições de trabalhar, talvez de dia, de segunda a sexta, recebendo crianças mesmo, numa escolinha mais livre e na terra mesmo, e a noite funcionar cursos técnicos. Não sei se na área ambiental. Eu tinha muita vontade de ter algum curso mais técnico voltado pra permacultura. Acho que é bem promissor isso. Mas, enfim, essa ideia ainda está sendo construída, e na sementinha ainda.

D: Você já ouviu falar de um projeto que está rolando em Guaporé que chama Cidade Escola Ayni?

J: Sim! Eu acompanhei, eu até ofereci uma oficina pra lá. Eu até me comuniquei em um momento e ofereci da DaTerra dar uma oficina em alguma necessidade. Aí, ele sugeriu que eu fosse pra lá pra gente se conhecer e tal. Então tá meio parado nisso daí. Não tive ainda a oportunidade de ir lá.

[conversa sobre as pessoas que estão trabalhando lá e o andamento do projeto – Jeferson pediu pra contar minha impressão já que eu havia acabado de sair de lá. Conteí o que vi e a história que ouvi direto do Thiago, protagonista do projeto em Guaporé, com alguns detalhes e comentários]

D: Bem legal, você tem que ir lá conhecer

J: É que também, tu tirar tempo pra ir conhecer, por mais importante que seja a coisa, não sobram muitos dias, até pelos projetos que o cara se envolve. Mas acho que o grande lance é essas iniciativas surgirem em vários lugares, de estar se construindo diversos espaços ao mesmo tempo, em vários pontos. Vários centros de referências e tal. Tem a escola “Orelha de Macaco”, não sei se tu conhece, que é em Viamão, se não me engano, que é uma escolinha infantil que abriu agora há pouco tempo também, e bem voltado pra essa pilha de permacultura, uma escolinha mais da terra, mais no tempo da criança. Tem até a Fernanda lá da Arca, e mais um pessoal que está envolvido, se não me engano.

D: Falando nisso, de cabeça, o que você me recomenda de projetos de permacultura aqui pela região ou pelo estado. O que te vem de recomendações?

J: Bom, uma das referências seria a Arca mesmo. Um espaço que é legal de conhecer de permacultura urbana, embora já seja um lugar um pouco mais retirado, é o Naturalmente, do Carlos e da Pati. Lá é bem legal, é um terreno. É lá no Lami, é em Porto, mas uma área mais próxima da lagoa. Um lugar mais praiano, um chão de areia. Eles tem um trabalho bem forte com bambu. Ele e a esposa. Eles trabalham mais na parte da bioconstrução. Construção com terra.

D: Ele recebe gente lá também?

J: Se tu contatar ele, acredito que sim. Eles são bem abertos. Te receberiam lá. Inclusive, o Carlos, da região aqui, é o melhor bioconstrutor que eu conheço. Ele e a Pati. Não dá pra dissociar os dois porque eles trabalham bem legal com o barro, tanto de acabamento; as paredes deles são muito bonitas, muito bem feitas. Nesse centro budista de Viamão, tem três bioconstruções que eu visitei lá, uma que eu ajudei a fazer o telhamento, e mais duas, uma é a casa da Ameri, que é uma senhora que é artista visual, artista plástica, e a casa dela tem relevos fantásticos esculpidos no barro, com garrafas. Inclusive, ela, o Carlos e a Pati estiveram no Pindorama, se não me engano, fazendo umas intervenções nesse sentido também. E lá no centro budista tem também algumas casas construídas pela Clara e pela Raquel, que são duas arquitetas da Senda Viva, não sei se você já ouviu falar. Elas tem um trabalho com bioconstrução, na verdade é uma empresa de consultoria de arquitetura, aí elas tem alguns projetos de casa em execução. Não sei se elas já tem alguma obra concluída, mas tem várias que já estão sendo feitas. E algumas são lá no centro budista, em Viamão. Aí, eu não sei se ainda funciona, ali em Porto tinha uma casa (como que era o nome), Casarinho. Que é um casarão antigo, uma comuna. Uma galera alugou a casa e no pátio tinha algumas intervenções de permacultura e uma gestão da casa também. Deixa eu pensar qual mais (...). Tem o Sementinha, que é em Araricá, que é uma ONG – até de uns amigos de infância – que

são dois irmãos (eu comentei da Guntherland lá, onde tem a estação de tratamento de esgoto que é uma propriedade agroecológica), mas são dois irmãos que são biólogos, e eles tem esse espaço que é a Guntherland, e eles criaram uma ONG em um determinado momento. Eles tinham uma relação boa com a prefeitura de Araricá, e o município cedeu uma escola rural, o terreno de uma escola rural para eles desenvolverem um trabalho de permacultura, e mantinham sempre uma pessoa lá, cuidando. Então, eles desenvolveram um trabalho bem legal com educação ambiental nessa linha de permacultura, nesse espaço. Pelo que eu sei, está meio em baixa, porque mudou a administração da prefeitura, e eles pararam de investir no projeto. Então, quando tu depende do poder público, sempre tem essas questões, tipo, não sei se eu comentei do diagnóstico que a gente fez pra Estância Velha, do arroio. O intuito era que, com base nesse diagnóstico, se restaurasse a mata ciliar, se fizesse toda uma recuperação do arroio; a gente identificou quais eram os principais pontos de lançamento para tentar amenizar, e aí, mudou o Secretário de Meio Ambiente, no ano seguinte, e o projeto foi engavetado, e nunca mais. Hoje em dia, até a relação com a Secretaria de Meio Ambiente é bem complicada. Embora tenham técnicos competentes e sérios, é aquela coisa, secretário é um cargo político, né? Então, pra ti ter ideia, amanhã, eu vou te levar ali nos fundos, tem um arroio que passava exatamente aqui, agora não tem mais, porque ele está canalizado nessa parte, só que a canalização acaba daqui uns 50 metros aqui pra baixo; aí tem um ponto de lançamento, que é uma cratera, que quando canalizaram o arroio – ele vinha do lado de lá da rua, ali do bairro onde tu desceu – aí, no avanço da cidade, se canalizou toda a parte de nascente do arroio, e se canalizou todo o pluvial pra cá. Então, quando chove, toda a água do bairro sai num cano ali na ponta e causa uma erosão gigante. Até aí, tudo bem, paciência. Só que aí, o vizinho, ele comprou canos de forma particular, pediu uma licença pra secretaria de meio ambiente para canalizar o resto do arroio até o rio que é lá no fundo. Só que essa autorização é do DRH Estadual, né, não municipal. Precisa de uma licença ambiental. E aí, a secretaria de meio ambiente forneceu pra ele uma autorização para canalizar, forneceu máquina. Então, até tem uma ação do Instituto contra a prefeitura, que está no Ministério Público, porque aí eu fui até o secretário explicar o que estava acontecendo, e ele disse “aqui, ó, mas tem uma autorização”, e eu disse: “olha, isso aqui não é um documento válido, precisa ser com o DRH”. E aí ele disse: “tô vendo que isso aí é intriga de vizinho, tu te acerta com teu vizinho, que eu não tenho nada a ver com isso”. E eu: “como assim? Tu é o secretário de meio ambiente! Tu não pode dizer que não tem nada a ver”. “ah não, quem deu essa autorização foi o secretário que estava antes de eu assumir, e eu não vou me meter nisso daí. Se vira”. Assim, nessas palavras. Então, tá, nossa relação com a secretaria do meio ambiente, embora os técnicos fossem bons (inclusive a bióloga da prefeitura me liga pra dizer “ó, as máquinas vão amanhã canalizar, fica ligado”, ela é uma pessoa do bem, preocupada, inclusive, ela tem um parecer negativo recomendando não canalizar o arroio), só que, aquela coisa, interesses.

D: E qual que é o impacto negativo ambiental de jogar no rio ao invés de jogar aqui.

J: Bom, o impacto é perder quase um quilômetro de arroio com mata ciliar, que na situação como está hoje é refúgio pra fauna, tem associação com fauna. Aqui no terreno, por mais que a gente esteja praticamente dentro da cidade, a gente já avistou aqui tamanduá, graxaim, furão, esquilo ou serelepe (que é um esquilinho da região); então, tem uma fauna bem legal. Porque nesse diagnóstico, a gente identificou que tanto a parte da nascente do arroio, que fica nos morros, na divisa com outro município, tem uma área bastante grande de mata ainda, com banhado, com área de refúgios pra fauna, então, tem bastante bicho. Tem capivara, a gente achou pegada de capivara a 100 metros daqui, ali atrás, bem nesse arroio. Então, esse arroio, por mais que ele ainda tenha esgoto doméstico, é um curso da água importante pra fauna, e se tu vai suprimindo esses cursos da água, tu vai suprimindo a área de vida dos bichos. Se

canalizar tu bota o cano, cobre de terra, não precisa ter mais mata ciliar, que é o argumento do vizinho. Porque antes de ir no Ministério Público eu tentei convencer ele de várias maneiras: “olha, vamos fazer então uma estabilização do talude, fazer só uma carreirinha de árvores, não vamos usar os 30 metros da mata ciliar. Eu faço o projeto pra ti, a gente faz de conta que não viu que tem a mata ciliar, mas deixa o arroio, não canaliza”. E ele disse: “não, não. Esse arroio vai ser canalizado, nem que seja pra fazer um estacionamento em cima. Não quero essa água passando na minha terra...”.

[Nesse momento paramos a entrevista pela chegada de um amigo do Jeferson, chamado Paulo, e demos sequência apenas no dia seguinte]

Entrevista Jefferson Muller segunda parte - (Da Terra - 13 de março de 2016)

Arquivo mp3: Entrevista Jeferson Muller 2 (Da Terra - 13 de março de 2016).mp3

Djalma: queria te perguntar, mas da sua visão, acerca da permacultura no Brasil enquanto um movimento, uma corrente do pensamento. Como eu te falei, o meu trabalho, em um primeiro momento, é sistematizar o histórico da permacultura. Entender como que a galera que faz encara esse movimento, esse momento histórico que a gente está passando; e o outro depois é entender o que a gente pode fazer para popularizar mais a permacultura, como cada um vê os desafios, ou porque ela não está tão difundida como poderia, quais são os caminhos e as perspectivas.

Jeferson: Cara, eu acho que a galera, em geral, não é muito disposta primeiro a sair da zona de conforto, de mudar a maneira de viver. E eu acho que a galera interpreta meio de forma muito romântica, aquela coisa “ahhh, casa de barro”, enfim, eu vejo um pouco isso, que a maior parte da galera que gosta ou curte, deixa para praticar isso quando tiver uma terra num sistema de luxo no interior, mas que “aqui na cidade não adianta, né?” - acho que tem bem forte isso. E acho que o alcance mesmo: a galera não conhece, né? Quando eu comecei a trabalhar com permacultura, eu cheguei na faculdade, entregando uns trabalhos de iniciação científica sobre permacultura e tal, e cheguei a ouvir que: “ahhh, tu é do povo que faz aquelas coisas de hippie, né?” (risos). E é isso aí, a galera interpreta por aí.

D: E a galera que faz permacultura? A gente até conversou sobre isso ontem. Essa maneira como a permacultura se difunde através, por exemplo dos cursos, dos PDCs. Você acha que alguém, para alguém poder se intitular permacultor, tem que ter feito um PDC? Ou não? Como que você vê esse formato institucionalizado?

J: Boa pergunta. Conheço um monte de permacultor que nem sabe o que é permacultura. Tipo, um agricultor que trabalha com várias técnicas; eu conheço um monte de permacultor que não aplica o que aprendeu no PDC também. Vou te dizer que eu não tenho uma opinião formada sobre se pode ou não trabalhar na área, se pode ou não dar oficina. Acho que, às vezes, é até um trabalho inicial, de alguém que é iniciante na área e que tem comprometimento e esforço, acaba podendo ser bom também. Às vezes, pode não ser tão técnico, mas enfim, não sei te dar uma opinião muito formada, acho que também tem uma questão (que até algumas pessoas da permacultura discordam de mim), que cada um tem a sua aptidão, né? Uma coisa que saca mais do que os outros, e que pode, talvez, colaborar mais naquilo. Já falei isso pra muito permacultor, e me disseram: “ah não, isso aí na permacultura

não pode existir, porque não tem especialista, todo mundo é generalista”. Eu até concordo que a permacultura tem um pouco disso do generalista, mas, inevitavelmente, tem um pouco de especialidade também das pessoas em determinadas coisas.

D: Não dá pra saber tudo também, né?

J: Então, é isso aí. Por isso se forma uma equipe, uma rede, né?

D: Tem o mito da autossuficiência também, que é um negócio meio perigoso, né? Parece que a gente tem que suprir todas as nossas demandas no nosso espaço. Então, a gente acaba perdendo a beleza das relações de troca. Não é que eu preciso produzir toda a comida que eu consumo, mas que eu consuma a comida de um ciclo produtivo justo. E aí, entram projetos como o CSA [Comunidade que Sustenta a Agricultura], etc.

J: E até porque tu não vai ser autossustentável. Isso aí é meio romântico. Tu pode produzir a maior parte da tua comida, mas também não vai produzir todos os teus bens.

D: E o lance dos cursos serem caros? A gente conversou um pouco sobre isso ontem também. Como que você vê? Porque, na verdade, tem vários tipos de curso, né? Mas, em geral, os PDCs não são tão acessíveis economicamente. Você acha isso meio contraditório com a ética da permacultura? Ou não?

J: Então, eu acho que tem um custo, né? Pra organizar um PDC, pra trazer gente, e tal. Na real, eu vou te dizer que um PDC é no mínimo 8 dias, normalmente, geralmente é mais do que isso, e cara, a galera paga 400 reais para ir num show dos Rolling Stones, e daí pra se empoderar, acha caro. Eu até concordo que para algumas pessoas é bem caro, e talvez aí caibam as ferramentas de troca, algum tipo de negociação, que talvez nem todo espaço proponha, mas a maioria tem essa abertura. Mas aí, eu acho que se tu avaliar a questão profissional das pessoas que estão encarando isso como uma profissão (que eu não sei se é também. Esses dias a gente estava discutindo se permacultura é uma profissão, se é um modo de vida, uma filosofia, o que que é). Eu até não encaro isso como uma profissão, justamente porque, a princípio, a ideia da permacultura não é tu ser um cara que dá curso, mas tu trabalhar com a sustentabilidade do teu espaço. Mas a permacultura, eu vejo que tem muito essa pegada, da galera encarar como um trabalho, como dar curso só. Então, tem essa interrogação. Mas, se for um trabalho, aí eu não vejo como injusto ter um custo mais alto, conforme o curso, que é pra ficar hospedado um bom tempo, porque tem que remunerar o profissional também. Geralmente a galera – claro que não todos –, mas tem uma boa parte que tem uma bagagem de conhecimento e até uma formação, uma graduação, um mestrado, como tu, como eu, que durante esse estudo também foi se especializando, melhorando e ficando preparado para passar esse conhecimento. Então, o que eu acho, na verdade, é que é justo cobrar pelos cursos, mas também é interessante ter alternativas de oficinas gratuitas. E aí, eu faço um observação sobre a realidade que a gente vive aqui: quando é mutirão, tem no máximo 5 pessoas, quando é curso pago, a gente consegue uma média de 10 a 12 participantes – nosso limite é 15 aqui, por causa do espaço físico. Alguns curso que é mais ao ar livre, ali na agrofloresta rola umas 20 pessoas, mas os mutirões, geralmente, tem menos gente do que os cursos. Claro que tem diferença no andamento, no que se faz, mas a opção gratuita tá aí né, e a galera não abraça muito.

D: E tem um público meio específico da permacultura. Você já chegou a observar se tem um nicho, em geral, as pessoas que procuram e se interessam por permacultura tem um perfil, né?

J: Geralmente, o que eu vejo mais é universitários, dos cursos ambientais. Bom, ambientalistas em geral, mas a maioria é um público universitário. E tem aparecido, aqui pelo menos, bastante professores também, que buscam capacitação para trabalhar em escolas.

D: Mas normalmente é uma galera já com alguma formação, uma busca, já sensibilizados e tal, né? É muito legal acessar essas pessoas, né? Mas pensando que 99% do mundo são as outras pessoas, você também deve achar importante que a permacultura chegue até estas pessoas, ou que essas pessoas cheguem à permacultura. E por que você acha que esse público-alvo é majoritariamente composto por universitários, professores, etc? Por que que não acessa outras camadas, outro nichos?

J: Eu acredito que muito é pela comunicação não chegar nessa galera. Nesse meu trabalho de combate a dengue eu tenho muito contato com essa camada da população mais pobre, e a perspectiva e o dia a dia dessa galera, pelo menos a galera aqui da cidade de Novo Hamburgo onde eu trabalho, é ter uma TV massa, uma TV grandona, uma Sky, ouvir um som alto. Acho que essa galera não tem acesso (não busca talvez), mas nem tem noção da existência disso. Enquanto na universidade, a chance de tu ler alguma coisa de permacultura, já é bem maior. E o perfil de buscar essa informação também. Acho que a maior parte da galera que topa com a permacultura, é gente que busca esse tipo de coisa.

D: Meu medo é ficar um diálogo só para os iniciados. É bom, é importante, mas vejo que para uma transformação mais significativa a gente precisaria encontrar essa estratégia de comunicação com essas pessoas que pensam desse jeito, e se de fato pensam, é porque a constituição social levou elas a entender as coisas desse jeito. Então, como que a gente abala essas estruturas desde as bases e começa a possibilitar outros desejos, outros espaços.

J: Uma semente que eu acho interessante é essa pilha com que a minha mãe trabalha dos jardins escolares. Acho que essa é uma das ferramentas, a médio prazo, de pelo menos popularizar, as pessoas já trabalharem com permacultura na escola. Mas, ao mesmo tempo, o processo é lento; e já tem vários espaços que estão colocando isso aí mais próximo das crianças, dos alunos. Mas, uma coisa que eu vejo também, é que a maior parte desses espaços, os próprios professores e gestores dos espaços não estão empoderados em permacultura. Eles curtem a espiral de ervas porque é bonita; ou faz um sistema de saneamento, mas não se preocupa se ele vai continuar funcionando. E não levam pra casa isso. Digo, por essa experiência que eu tive aqui na estação de ecologia, de ter implantado um design no pátio, trabalhava com as crianças e tal, e aí a composteira do centro ambiental que ia só os restos de comida dos professores estava sempre cheia de plástico. Aí a zeladora, que era a faxineira do espaço, que separava os plásticos da composteira. Quer dizer, o lixo vinha orgânico lá de dentro, tirava os plásticos e botava na composteira. Então as mesmas pessoas que deram uma aula sobre separação do lixo estavam misturando o lixo! Daí é complicadíssimo.

D: Como acessar esse universo, essas pessoas, né? Mas acho que você falou uma coisa legal também, que é mostrar alguns resultados na prática, mais do que ficar trabalhando só com a parte pedagógica, que é importante, mas trabalhar com a implementação de sistemas permaculturais que funcionem. Inclusive, isso eu acho que foi uma das coisas, uma das divergências do Bill e do David, lá nos idos dos anos 80; o Bill Molison decidiu se dedicar mais aos cursos e aos PDCs, a formalizar o conhecimento; e o David falou “não, eu quero fazer o meu sítio funcionar”, e ficou 15 anos trabalhando no sítio dele, e hoje ele trabalha muito mais nessa parte produtiva, de implementação do sistema, do que na parte pedagógica.

Tanto que o Bill que escreveu a maioria dos livros posteriores, e o David ficou trampando no sítio dele. Uma abordagem diferente mesmo.

J: Mas, ao mesmo, tempo que se complementa, né? Um foi falar o que fazer e o outro foi fazer pra ver se dava certo, né? Tu já conheceu o IPEP, lá em Bagé?

D: Não! Então, como que é lá?

J: Ah, é bacana, cara. Eu não sei como está atualmente, mas quando eu visitei, era muito legal o espaço deles. Várias bioconstruções, uma casa de fardo de palha bem massa.

D: Quando que você foi lá?

J: Em 2006. Pra fazer um curso de bioconstrução. E, ah!, biodigestor, galinheiro móvel, tudo funcionando. O desenho andando.

D: E a galera é conhecida? O IPEP é famoso aqui no sul?

J: Ah, o que eu vou te dizer? Acho que não entre quem não é da permacultura, né? Quem é da permacultura sabe quem é, conhece. Mas senão, não.

D: Por exemplo, o João Rocket, ele é conhecido mais no meio da permacultura ou ele é uma figura mais pública?

J: Acho que é no meio da permacultura só. Não sei também, mas me parece que é na permacultura só. Lembrei de outro espaço agora que tu me falaste pra contar pra ti. Que não tem uma pegada muito forte, porque é uma galera que começou agora a se empoderar na permacultura, mas que tem chamado gente legal pra dar curso aqui em Novo Hamburgo e Lagoa Grande, que é o “Pé na Terra”. Eles já chamaram o Peter Webb; chamaram o João pra dar PDC, e aí tem essa imersão em língua, chega lá e você só fala inglês. Inclusive, eles tem uma história, na real o que referencia o sítio é bem mais a história dele do que através da atualidade, do que tá andando, acho que eles estão retomando um trabalho, e eu acho que vai ter proporções bem legais. Mas, antigamente, nos anos 80, se fundou uma cooperativa de agricultores ali, orgânicos, criaram a primeira versão do sítio Pé na Terra, e era tipo uma ecovila, só que produzia pra vender. Aí, o “Ananta”, que é o dono da terra mesmo, foi pra Suíça, eu acho, se especializar em biodinâmica, e aí parece que não voltou mais. E aí, a coisa se desmanchou... Essa é a história que eu conheço, né? Porque ele puxava, e aí a coisa foi se desestruturando. O Ananta é da turma do primeiro curso de permacultura aqui, do Bill Molison, aquele que a gente falou antes.

D: Ananta? Mas você conheceu esse cara?

J: Sim. Ele tem a idade do João [Rocket] mais ou menos. Uns 50 e poucos anos.

D: Ele deve estar lá pela Suíça ainda?

J: Não cara, eu não sei onde ele anda, mas eu conheci ele aqui no sítio mesmo, no Pé na Terra. Morando ali ele não está, deve estar morando no entorno, porque quem está fazendo o agito ali são os sobrinhos dele, que é o Diego, o “Naruel”.

D: Você tem o contato dessa galera?

J: Eu tenho no face, posso te passar.

D: Porque pra mim era interessante falar com essa galera, tentar falar com esse Ananta, com o próprio João, que eu não consegui conversar ainda. A galera mais velha guarda pra eu poder pegar esse depoimento “das antigas”, sabe?

J: É, porque eles colonizaram o terreno, né? Se a gente acha pouco difuso hoje, imagina essa galera, né?

D: E o que você acha, em termos de ação concreta, que a gente poderia fazer enquanto grupos de permacultura, pra consolidar uma rede de permacultura no Brasil, onde rolassem trocas, intercâmbios de informações, materiais, pessoas, algumas ações concretas para amarrar melhor. Porque, assim, a gente tem o mesmo horizonte, né? Estamos em lugares diferentes, mas somos irmãos de ideologia. Então, como fortalecer o nosso trabalho?

J: O que a gente faz aqui com os “vizinhos”, o pessoal de perto, é muito em função dessas oficinas e cursos. Tipo, troca um curso no meu espaço pelo espaço onde tu tá. A gente tem feito muito isso aqui. Já rolaram várias conversas sobre produção de material também, de apostilas, de livros, coisa assim, né, que também é uma maneira de difusão legal.

D: E um encontro de permacultura nacional ou alguma coisa assim?

J: Ah, acho que seria uma pegada legal também. Não teve nenhum, né? Tem de agroecologia, tem de várias coisas, tem o ENCA também, das Comunidades Alternativas.

D: O de permacultura, talvez, até teve no passado, há um tempão. O que está voltando a rolar são as CLAPs, que é a Convergência Latino Americana de Permacultura; porque a permacultura se organiza teoricamente continentalmente, nos seus encontros na América Latina, na Europa e tal, e depois tem o IPC [*International Permaculture Convergence*], que a cada dois anos acontece, sempre em um continente diferente. Essa de 2015 foi em Londres; 2017 vai ser na Índia; e 2019 talvez seja na Argentina. Mas o encontro nacional assim, não sei se já rolou, seria importante rolar.

J: Então, a galera já falou sobre isso. Mas, realmente, ninguém movimentou. Não sei se vocês fazem parte do CASA [Conselho dos Assentamentos Sustentáveis na América]? Eu até fui em um encontro há algum tempo atrás, na Arca, mas foi muito pontual, não se uniram aos objetivos da conversa inicial. Mas, eu acho, que iniciativas tem muitas, só precisaria ter uma maneira de se engajar mais forte, da galera estar alinhando mais as ideias, tirando elas da cabeça, botando no papel, depois na prática.

D: Talvez até rolar uns encontros biorregionais, tipo “permacultura sul”, “permacultura sudeste”, fazer uns debates, aproximar a rede, depois fazer um encontro nacional. Mas é isso, alguém tem que puxar mesmo.

J: E pra difundir isso também, é que é uma função tudo, conseguir articular com uma galera, ter um espaço que receba. A gente faz um evento aqui que é o “Encontro por uma Educação Libertária”, que na verdade surgiu com a iniciativa de duas professoras, duas meninas, bem novas, e aí a gente sempre apoiou, com oficinas. Uma vez até ajudou diretamente na

organização. Só que no último a gente até ficou de fora, porque elas tem uma pegada muito forte – da teoria delas – de que para pagar o aluguel de um espaço, sempre tiveram muito forte a ideia de ter show de bandas no Festival; e desde o começou eu sempre disse: “não, não tem nada a ver. Tira a banda dessa história”; e os outros colaboradores também, porque, no final, daí tinha que se comprometer com o aluguel de equipamento de som, e todos os eventos praticamente deram prejuízo, tanto que elas não querem mais fazer. Mas o encontro em si sempre foi muito interessante, porque os primeiros não tinha nenhum tipo de cobrança de entrada, só pro show de bandas, pra ajudar. Daí, alguns outros pagava um valor bem barato, tipo 10, 15 reais. Mas daí, vinha gente de todo o estado, interessados em mudanças na educação – professores, ONGs e tal. E acho que nesse formato dá pra fazer alguma coisa pra permacultura. Um encontro regional, como tu falaste. Inclusive talvez esse ano a gente faça aqui esse encontro de educação.

D: E a vizinhança aqui, é de boa?

J: Cara, são empresas. Então, a noite não tem ninguém pra reclamar do barulho. Tem meu pai só ali que, normalmente, quando faz alguma coisa mais barulhenta, se acorda com ele antes.

D: E no dia a dia, durante a semana, horário comercial, rola algum contato com a galera, tem algum intercâmbio?

J: Agora eu tô direto fora da empresa aqui. Mas, por exemplo, quando eu estava de férias, várias coisas que foram feitas teve gente que ajudou, participou, e tal.

D: E deve ter bastante resíduo das indústrias da região, das empresas.

J: É, então, esse trabalho do meu pai é com resíduos. Ele pega o resíduo e reaproveita. Mas tem vários, só que o que não é aproveitado vai pro aterro sanitário, né. E estão aterrando os fundos aqui, há uns 800 metros, do outro lado do rio.

D: Tem o rolê da terraplanagem aqui, né? Se você precisar de terra pra fazer uma construção ou alguma coisa, se você for lá talvez a galera te dê terra.

J: Talvez sim. As terras que eu usei pra construir aqui eu tive que comprar terra, um caminhão pra aterrar alguns lugares, então, eu já usei a mesma terra, mas se quisesse ir lá buscar um carrinho de mão, acho que era de boa. O solo aqui é muito arenoso para construção.

D: Como que você vê o envolvimento da permacultura com os movimentos sociais? MST, e outros movimentos.

J: Teve esse “Bioconstrução” que eu fiz, eu me lembro que o Rocket deu vagas para o MST lá, tinha um rapaz do MST. No PDC que eu fiz com o Skye, também tinha gente do MST. E eu me lembro que o Skye, depois dali, ele ia fazer uma atividade especificamente em um acampamento do MST. Ah, eu acho que o MST tem uma pegada importante na questão de resgate da agroecologia. Não sei a que ponto anda dentro dos assentamentos ter alguma aplicação mais prática de outros conceitos da permacultura além da agroecologia. Mas não circulo muito no meio dessa galera, que aqui não tem muita área de estabelecimento de grupo de agricultor; aqui é mais os movimentos dos trabalhadores sem casa, que montam um loteamento e constroem sua casa, sem produção agrícola. Os assentamentos mais perto daqui pelo menos.

D: Mas você acha que é uma relação importante? Porque a permacultura é uma ferramenta também de autonomia; se os movimento se apropriam dela de repente dá um salto qualitativo nas suas atuações, né?

J: Ah sim, acho que até o agricultor né. Esses agricultores que estão mais pro caminho da agroecologia, se misturar a permacultura na agroecologia facilita muito a vida dele. Acho que dá pra desenvolver coisas bem legais, que são diferentes, né? Agroecologia e permacultura. Agroecologia é dentro da permacultura, mas tem várias propriedades agroecológicas que não trabalham com permacultura, não integram.

D: Como você vê essa diferença entre agroecologia e permacultura? O que é o que?

J: Cara, agroecologia é produção agrícola mais sustentável e ecológica mas sem necessariamente o design de integração entre as estruturas por exemplo. Tudo pode ter toda uma grande horta ou lavoura agroecológica, mas que não tá trocando funções com outras estruturas do sítio. A meu ver a agroecologia seria uma das ferramentas da permacultura, que tu pode encaixar dentro do teu design. É claro que, se tu botar um sistema de agricultura convencional dentro do teu sistema de permacultura, não tá certo, mas eu não acho que necessariamente uma propriedade agroecológica pode se dizer permacultural se não integrar, por exemplo, um questão prática de compostagem, de ciclos, com outras ferramentas integradas com o cultivo de alimentos.

[uma pausa e depois continuamos a entrevista em outro arquivo de áudio]

Arquivo: Entrevista Jefferson Muller 3 (Da Terra - 13 de março de 2016).mp3

Djalma: (...) se fosse sei lá, 5% do mundo, acho que já teria caldo suficiente para uma mudança mais (...).

Jeferson: É, e o que acontece muito é que não tem o exemplo, né? Eu comentei antes dos agricultores que foram capacitados em agrofloresta, ali em Araricácia, aquela região, e eu me lembro que o pessoal comentou que os agricultores foram levados em algumas propriedades que já trabalham com esse princípio a mais tempo, de agrofloresta e sistemas manejados mais agroecologicamente, e os agricultores ficaram “de cara” com a produtividade, com a diminuição da mão de obra, de não precisar estar passando calda bordalesa, essas coisas assim. Então, acho que ter exemplo funcionando bem é o que vai fazer a maioria ir aderindo. E a necessidade também, né?

D: Igual ao que a gente falou de Cuba, né? Passou por uma necessidade, que era “ou ia ou ia”, e foi. Eu vejo que esse trabalho que você tá fazendo, que a gente tá fazendo, e outras pessoas, são algumas referências que, mesmo que tenham um alcance local, são importantes para começar a colocar possibilidade. Porque a pessoa já vê quem tem algo diferente acontecendo, por mais que não entenda muito bem o que é esse algo. E a partir do momento que tem alguma possibilidade de acessar essa proposta, tem pelo menos a quem procurar, a quem recorrer, a quem encontrar. Então, a gente tem uma função muito importante nesse processo, que é de ser e criar referências para que as pessoas possam buscar aprofundamentos. Eu acho muito legal. Não é um movimento como você falou, mas é uma proposta que nos unifica de

norte a sul, não só do Brasil, mas do mundo. Cada um da sua maneira, é claro, com seu foco e tudo, mas, em grosso modo, a gente tem um horizonte comum. Então, se o cara for visitar a gente e for visitar você, minimamente nosso discurso vai estar unificado pra apontar pra um princípio. E isso é muito legal, compartilhar disso. Sei lá, eu venho aqui, 2 mil quilômetros de distância, e a gente fala a mesma língua. Isso que é legal, começar a compartilhar esse idioma novo, essa linguagem nova com as pessoas.

J: Você perguntou de como difundir, e a gente falou, não sei se foi ontem ou hoje, a parte da ciência, né? Eu acho que falta muito a galera da permacultura se ver não como holísta, mas como cientista também, de botar no papel seus aprendizados e pesquisas, e comprovar essas coisas. Mostrar que pra fazer tratamento de esgoto com plantas, tu gasta menos, e tu tem um resultado muito melhor, e tem um ganho com jardim. Ou, sei lá, na agricultura também, produção consorciada: “ah, mas produção agroecológica consorciada é um pouco de cada produto”, tá, mas no fim da conta, tu vai ganhar mais ou menos? Será por ser um pouquinho de cada produto? Tá rolando um movimento de gente que, apesar de não saber o que é a permacultura, e nem entender a coisa como permacultura, está se preocupando cada vez mais com saúde, com alimentação orgânica, esse tipo de coisa, né? Aí, tem um sítio que produz hortaliças, lá em Sapiranga, que, cara, o tomate é 12 reais o quilo, e eles vendem. Acho que é caro, talvez eles pudessem fazer mais barato, talvez não consigam, mas talvez consigam, é meio elitizado também o consumo destes produtos, mas eles vendem a produção deles toda, porque tem mercado. O mercado é restrito também, não é qualquer um que vai comprar tomate a 12 “pila” o quilo, mas ao mesmo tempo aquela premissa do “tu vai pagar barato a comida e caro o tratamento da doença, ou tu já paga a comida logo”?

D: Ia te pergunta daquela sua amiga, Pati, que fez trabalho com bioconstrução, como que eu encontro ela? Como é mesmo o trabalho dela?

J: Ali em Porto Alegre, ela mora numa casa normal; eu posso te passar o contato dela, e tu pode contatar ela. Foi o doutorado sobre mutirão na bioconstrução. Ela é administradora. Aí, pelo que eu entendo é, como que os espaços que trabalham com permacultura fazem a administração desses cursos, eventos, mutirões, como são essas ferramentas de planejamento e design das atividades; integração entre os espaços. Patrícia de K. de Camilis; acho que estudou na UFRGS mesmo. Eu não sei se ela já fez PDC coisa e tal, mas ela teve um integração bem legal com esses grupos.

D: Eu achei legal ela ser administradora e trabalhar com isso.

J: Eu to conversando com outra menina que está fazendo o TCC, ela também quer integrar ferramentas da permacultura na administração, na parte de gestão, que é muito interessante. O design de permacultura cabe em qualquer coisa.

D: Você tá vendo um movimento – você até citou dois já – de permacultura entrando na academia? Galera pesquisando?

J: Um pouco com agrofloresta, e essa parte do saneamento que, por exemplo, eu tô fazendo, e que tem bastante gente fazendo, mas eu não vejo se falar muito em permacultura nesses artigos. Falam especificamente daquela ferramenta, né? Eu vejo que são várias ferramentas que, juntas, podem ser aliadas com o design que seria a permacultura. E eu vejo a coisa meio fragmentada, tu fala de agrofloresta, tem uma galera que sabe o que é agrofloresta, mas não

sabe o que é permacultura, por exemplo. Agroecologia, tem uma galera que sabe o que é, mas não sabe o que é permacultura.

D: Você não pensou em fazer doutorado?

J: Então, pensei, mas “naquelas”, assim. Tenho uma visão da academia meio de “linha de produção”. E eu não curto muito isso. Acho que eu não me adequaria, para ser um professor por exemplo, de ter, sei lá, uma produtividade de 20 artigos por ano. Eu acho uma função meio, acho que é uma maneira de medir o profissional meio “nada a ver”. Eu posso, por exemplo, pegar o meu mestrado e dividir em 10 artigos, e, talvez, se eu publicar um artigo só ele vai ser melhor do que os 10. E aí a medição é pelo número, e não pela qualidade.

D: Então, mas tem espaço para umas pesquisas mais artesanais, né? É claro que é minoria, mas rola, né? Tá rolando. Não sei, por exemplo, eu me sinto, eu tô fazendo essa pesquisa, e tudo depende também de quem você está cercado. Minha orientadora por exemplo é muito gente boa, então eu estou conseguindo fazer um trabalho com bastante autonomia, e tem o lado bom da academia, que é estar disponibilizando uma estrutura e tudo.

Entrevista com Leandro Sparrenberger, Arca Verde – São Francisco de Paula (10 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista rápida com Leandro, no carro (Arca Verde).mp3

[Entrevista realizada no carro para a Arca Verde, após chegar a cidade de São Francisco do Sul, onde Leandro me pegou na rodoviária para chegar até a Ecovila, pois não existe transporte público que leve até o local]

Leandro: (...) e a gente não se articula nem com os uruguaios, nem com São Paulo. Supondo que cada estado fossem países, a gente faria a “rede gaúcha”; então não tem essa identidade local de articulação, que faz falta. Tem o CASA, não sei se você tá ligado. Então, já participei da Rede CASA, já falei que tem que desmembrar. CASA Brasil e CASA Continental é a mesma coisa.

[Djalma explica o trabalho e pede permissão para a gravação da conversa]

Leandro: Então, essa coisa do território muito distante que dificulta uma articulação das iniciativas, porque o Brasil é muito grande, embora tenha internet; aí tem outro elemento que entra. Tem internet, mas falta material; a questão econômica mesmo, para unir as comunidades. Existe um mito no movimento alternativo brasileiro, um mito com dinheiro, uma confusão de que dinheiro é capitalismo. Então, muitas iniciativas vivem na “pindaíba”, e outras são acusadas de capitalistas. Talvez até sejam, não dá pra rotular ninguém. Mas a integração econômica das iniciativas não existe, é nula. Quase nula. Então, se o pessoal tivesse uma noção empreendedora de articulação, de troca de produtos e mercadorias, de comércio, inclusive, de compra coletiva, porque como os projetos são muito iniciais, eles não tem produção; e quando tem não é profissional, exceto, por exemplo, as “12 tribos”, lá os caras são super empreendedores, ganham alta grana e exportam chás orgânicos. Eles estão bem, estão por eles, mas também não estão articulados com outros. Então, os projetos permaculturais tem dificuldade em ter produção e ter satisfação econômica que não precisa ser só com produtos. No momento que eu tiver um troca pra fazer de produto ou serviço econômico com alguma outra iniciativa ou comunidade, pronto, está feito o relacionamento com ela. Todo o resto vem junto, e é consequência. Isso é algo que falta.

D: Você fala de trocar produtos e serviços, é pensar em uma economia compartilhada? Por exemplo, a gente tem um dos princípios da permacultura que é compartilhar os excedentes. Se a gente pensar que projetos mais avançados, poderiam compartilhar os excedentes econômicos com projetos menos avançados, como um fundo comum da permacultura no Brasil; você acha que algo assim seria viável?

L: Pode ter um fundo para financiamento, é outra coisa. Mas acho que o partilhar excedentes da permacultura não quer dizer doação de nada. Pode ser doação, mas não é isso que fala essa terceira ética. E sim de uma economia partilhada e distribuída. No momento em que as comunidades não estimulam suas atividades econômicas, ou por não ter capacidade técnica pra isso, ou por ter preconceito, então elas não tem economia para partilhar, não vive em abundância, vive em escassez. Então, existe muito o discurso da escassez no movimento alternativo, que é o discurso do “falta”, do “não temos”, do “não pode”, do “não mereço”; isso é um problema, uma questão a ser superada, com cuidado para daqui a pouco não entrar em um capitalismo, como alguns alertam, na minha opinião.

D: Mas você acha que a permacultura, cabe dentro do capitalismo? Ou o capitalismo cabe dentro da permacultura?

L: Nenhum dos dois. Permacultura é anticapitalista total. Quando eu falo que os movimentos permaculturais e alternativos tem que ganhar dinheiro e ter atividade econômica e abundância, é honrar a abundância da natureza, como uma economia compartilhada. Então, assim, ganhar dinheiro não é ser capitalista. O que é o capitalismo? É acumulação de capital indefinidamente, e que transforma o dinheiro em mercadoria, como no mercado financeiro. Tu ganhar dinheiro e ter um retorno financeiro pra isso não tem nada a ver com capitalismo. Tá aí um princípio do David Holmgren, no livro dele, excelente livro, muito bom, que é o “Princípios e Caminhos para além da Sustentabilidade”, fala: “obtenha rendimento”. Tendo rendimento tu tem um prêmio, um estímulo para que tu faça mais permacultura. Se a permacultura não der dinheiro, não vai ter mais permacultura, ela precisa crescer. Mas isso é muito fácil de ser confundido com capitalismo, mas não é.

D: Mas pensando no contexto latino americano, onde a gente tem uma série de movimentos sociais, povos tradicionais, indígenas, quilombolas, etc, que não tem condições financeiras muitas vezes de arcar, de contribuir com recursos, como não elitizar o acesso a permacultura através de cursos muito caros, coisas inacessíveis e garantir uma sustentabilidade do grupo? Acho que aí que tá a contradição, né, a dificuldade.

L: É (...), assim, se existisse política pública de financiamento, ia sobrar dinheiro pra projetos permaculturais. Se os bancos emprestassem, se os projetos de financiamento emprestassem pra isso. Pro agronegócio aí, pra destruir a amazônia, tem muitos bilhões e bilhões. Então, assim, não está faltando dinheiro. Mas tu não pode querer que os pequenos projetos financiem e resolvam todos os problemas. Pode se autofinanciar, acho uma ótima ideia, como tu falou, de ter um fundo; é uma das ideias de articulação econômica. Na Arca Verde a gente tem uma moeda complementar, a “verdinha”, e a gente tem um ecobanco próprio, então a gente se financia dentro da comunidade, e no momento que a gente estiver articulado com uma, duas ou três outras comunidades, cada um com a sua moeda, e integrar os mecanismos financeiros, como fazem os bancos – porque banco é uma ferramenta poderosa, e criminosa, que rouba as pessoas –, se a gente usar as ferramentas que os bancos usam pra nós, para autofinanciamento da permacultura, a gente ia ter uma ferramenta muito poderosa nas mãos, mas tem que superar os preconceitos relacionados a dinheiro, que é confundindo com capitalismo.

D: É, os bancos, muitas vezes, são poderosos justamente porque eles escravizam as pessoas. Então tirar esse lado da escravidão, de subjugar as pessoas, também diminui em certa medida o poder da instituição banco, vira uma associação civil mais horizontal, muito importante e poderosa também.

L: Continua sendo poderosa, só que a outra se sustenta com base na exploração dos outros, e os bancos comunitários, microbancos, tem uma proposta de autofinanciamento. Eu estive no Equador faz uns dois anos, cada cidade tinha um banco. Os Estados Unidos tinham milhares de bancos antes da crise de 1929, depois eles deram um monte de golpes, um atrás do outro, pra fusão bancária e pra domínio do mercado financeiro. Então, a galera precisa aprender a lidar com dinheiro.

D: Concorde, é uma ferida mesmo, aberta no movimento alternativo. Dinheiro é energia, né? A gente tem que saber canalizar essa energia para coisas boas.

L: Uma ferramenta que pode ser muito melhor usada. Quanto aos cursos caros, a questão de elitizar que você perguntou, tem o seguinte: a gente aqui na Arca Verde dá um monte de cursos, então a gente sabe como que é, e a gente ganha pouco, os indivíduos ganham pouco, a gente tem qualidade de vida, mora num lugar ótimo, mas tem pouca grana, e a gente gostaria de ser mais valorizado. Advogado é bem valorizado, médico é bem valorizado, e permacultor tem que ser pouco valorizado? Professor é pouco valorizado, também deveria ser muito mais, e permacultor também. A gente está fazendo um trabalho de vanguarda. Deveria ser muito bem valorizado, e não é. Então, se tu fizer curso muito barato, quem tá dando o curso tá sendo pouco valorizado também. E tem outra questão: existem cursos caros e cursos baratos. O pessoal fica malhando, detonando o IPEC porque o curso é caro. Meu, tá cheio de curso Brasil afora! Se tu não tem dinheiro pra fazer no IPEC faça em outro. Pronto. Tem curso pra tudo que é bolso. Tem projetos que estão iniciando; enfim, a gente tenta, dentro do que a gente pode fazer na Arca, parcelar para as pessoas, a gente faz muita troca dentro de propostas, mas é assim, não tem jeito, não tem muito milagre pra fazer também. Filantropia só se alguém financiar pra pessoa, aí sim. O governo poderia pagar a inscrição para o quilombola, para o indígenas, ou pra gente em situação, gente sem grana fazer curso conosco, aí sim, entendeu? Agora, a gente ajuda até onde pode.

D: É, acho que a questão não é ser de graça o curso, tem que ser cobrado. A questão é: quem paga? Se sai diretamente do bolso das pessoas, que muitas vezes não tem dinheiro; ou se tem uma fonte de renda alternativa, que pode ser o governo, pode ser uma empresa, pode ser um projeto, um edital, que financie para pessoas que não possam pagar. E as que podem pagar, que paguem.

L: Isso é uma alternativa, é possível, embora, quando a pessoa quer, dá um jeito, sabe? Parcela, paga, mesmo se a pessoa tem menos grana. Se a pessoa quer, vai atrás. Pra alguns pode não ser muito justo, pra alguns pode ser mais difícil, pra outros mais fácil. Mas tem cursos que não são tão caros e tem outros que são uma exorbitância, que realmente não é acessível a todos. Mas, se fala em popularizar, né, chegar nas periferias, é um desafio. Eu acho importante que isso aconteça, mas aí faltam algumas outras condições também, os movimentos sociais estarem se apropriando mais da permacultura

D: Vocês trabalham com agroecologia também?

L: Sim, bastante. Principalmente com agrofloresta. Eu sou membro da Rede Ecovida.

D: Porque agroecologia parece que foi uma bandeira da qual os movimentos sociais se apropriaram bastante na América Latina, né? A Via Campesina, o MST, eles estão dialogando bastante com esse conceito. Por que será que não acontece o mesmo com a permacultura?

L: Boa pergunta. Realmente, a agroecologia é um conceito bem apropriado pelos movimentos sociais. Talvez porque a permacultura seja um conceito estrangeiro, que chegou ao Brasil já de certa forma elitizado. Gente que teve acesso a ir para Europa, Austrália, Estados Unidos; então, talvez, isso explique um pouco a origem de como chegou a permacultura no Brasil, embora a permacultura tenha chegado no Brasil com o curso do Bill Molison em Viamão, ali do lado de Porto Alegre, há 23 anos.

D: Você participou desse curso?

L: Não. Alguns dos “velhos”, dos dinossauros da permacultura estavam lá, né? André Soares, Marsha Hanzi, Claudio Sanchotene.

D: Alguém aqui da Arca Verde participou?

L: Não, então isso, talvez, explique um pouco isso, né, dos movimentos sociais e da permacultura.

D: Você fez seu PDC aonde?

L: Então, nunca fiz PDC; já fui instrutor de PDC mas nunca dei PDC. Como aluno nunca fiz.

D: O pessoal da Arca Verde; alguns fizeram?

L: Ahn, o pessoal fez curso que a própria Arca Verde fez, mas o PDC mesmo; tem uma sócia que não mora aqui que já fez vários PDCs, fez na Austrália (...).

D: Vocês nunca realizaram um PDC aqui na Arca Verde?

L: Realizamos quando era em São José dos Ausentes, lá na outra sede. Aí, sim, naquele eu estava de professor auxiliar. Dei várias aulas, apoiei várias. Agora o PDC mesmo, esse de 9 dias, a gente já não fez mais, porque é muito trabalho, muito intenso; 9 dias de produção é muito exaustivo, e aí tu não consegue cobrar um valor compatível. Então, a gente, em 5 dias, faz um curso de altíssima qualidade, e consegue cobrar um valor legal, e que as pessoas conseguem pagar, senão vou ter que cobrar mais de mil, mil e duzentos, e aí fica um pouco mais complicado pra pagar.

D: É, tem curso de 3 mil reais, de 2 mil reais; como você falou, tem valores para todos os bolsos.

L: E o nosso – eu sou suspeito pra falar –, mas nosso curso de permacultura é muito bom.

D: Vocês fazem uma introdução à permacultura?

L: A gente faz o curso de permacultura de 5 dias, e tem o outro que é o “Caminhos para a vida sustentável”, que poderia ser permacultura também, só que o “Caminhos”, ele é inspirado no Gaia Education, na Educação Gaia.

D: Já fizeram um Gaia aí na Arca Verde?

L: Não, esse curso eu fiz em São Paulo, os 4 módulos. Então, ele é inspirado, mas também tem introdução à permacultura, tem agrofloresta, tem quase tudo que o curso de permacultura tem, mas com um foco mais na ecologia profunda, em questões sociais, comunicação não-violenta, aspectos sociais e comunitários; isso é mais aprofundado no “Caminhos”, embora no curso de permacultura a gente também aborde esses temas.

D: E você conheceu a permacultura como?

L: Eu já tinha internalizado os conceitos da permacultura, eu já pensava em permacultura, mas eu não sabia o que era permacultura. Aí, no ano de 2000 um amigo estudante de

arquitetura fez o curso de bioconstrução no IPEC, e largou na minha mão o livro de Introdução à Permacultura. Aí, em 2 dias eu li aquele livro, depois eu li de novo, de ponta a ponta. Era isso o que eu sempre pensei, ali já sistematizado. Então, considero que eu pratico permacultura desde o ano 2000, quando esse livro me veio à mão, como diria Tim Maia: “quando esse livro me veio à mão” [risos]. E a Arca Verde já tem 10 anos.

D: Então, eu já ouvi falar muito daqui, parece que vocês são uma referência bem sólida aqui no sul, né?

L: Ah, eu acho que a gente já referenciou muita gente em todo o Brasil. O pessoal vem visitar, tem referências, e leva isso. Tem aquele conceito de zonas de influência, que é mais amplo que as redes. Então, no caso as redes nacionais são pouco articuladas, mas tem uma zona de influência de pessoas que falam, que ouvem falar, embora a Arca Verde quase não fale com Piracanga, tem gente morando em Piracanga que já esteve na Arca Verde e vice-versa. Então, essas tecnologias vão migrando, muita gente que passou por aqui viu que é possível, e isso serviu de inspiração pra fazer outros projetos que, daqui a pouco, nem citam mais a Arca Verde. Mas essa influência de 10 anos eu considero ela bem forte, bem importante, principalmente como pioneirismo. Tu vê, há 10 anos atrás, o que tinha de projeto de permacultura e o que tem hoje? Não tinha quase nada, muito pouco.

[Nesse momento chegamos na Arca Verde e a entrevista termina]

Entrevista com Leonardo Ramos - Movimento 'Rumo ao Sol' e ENCA

Arquivo: Entrevista Leonardo (permacultura) - movimento rumo ao sol, enga.mp3

[Entrevista realizada com Leonardo Borges Ramos na sede da Associação Veracidade, em São Carlos]

Djalma: (...) Então, eu estou discutindo essa questão do histórico da permacultura, e querendo também fazer uma abordagem mais crítica da elitização da permacultura, de que primeiro foram os Institutos, depois os PDCs, e ele sempre foi mais voltado para um público que poderia pagar pelos cursos, que foram cursos caros, etc. E não chegou a ser uma ferramenta mais popular.

Leonardo: É, meio que seguindo a demanda da Europa. A origem da permacultura já foi um pouco elitizada, na Austrália principalmente, onde tem várias ecovilas. Mas teve um movimento diferente, que foi um movimento bem popular, que o pessoal chama de “Rumo ao Sol”. Foram várias pessoas jovens, na faixa de 16 até 20 anos de idade, que estavam viajando pelo Brasil buscando alguma forma diferente de viver. E aí, vieram algumas pessoas remanescentes das ecovilas, da “The Farm”, nos Estados Unidos; algumas ecovilas da Europa, e trouxeram para o Brasil conhecimentos de alimentação viva, como por exemplo utilizar a soja para alimentação viva; trouxeram conhecimentos de parto natural, que é o parto humanizado que muita gente conhece, onde o homem participa do parto junto com a mulher; trouxeram os conhecimentos em agrofloresta; trouxeram os conhecimentos de meditação, de Yoga, que vieram da China. E eles começaram a se organizar a partir de um encontro – todo ano eles iam se encontrar para poder trocar conhecimentos. Esse encontro, na época, começou a ser estudado pelo governo federal (...), porque naquela época tudo era muito monitorado, cerca de 1980, até um pouco antes. Houve um movimento muito forte em 1980 no Rio de Janeiro, e aconteceu uma repressão, onde a polícia foi atrás do pessoal, trocaram ideias, mas não acharam legal toda aquela liberdade que se tinha na época. Liberdade por exemplo de não utilizar roupas, de falar muita coisa contra o governo, contra a produção de alimentos convencionais. E essa repressão resultou que o pessoal começou a buscar um caminho para poder seguir, para não ficar sempre no mesmo local. E então, havia uma comunidade em Alto Paraíso que se chamava “Fraternidade”, que existia desde 1975; e uma outra comunidade que era “As Cúpulas de Saint-Germain”, comunidades diferentes que criticavam o consumo de carne, a agricultura com agrotóxico, mas que ainda não tinha esse conhecimento de permacultura de fato. Esse projeto “Rumo ao Sol” resultou em uma comunidade que se chamava Bona Espero, onde eles estudavam o esperanto como base da língua, que já era uma elitização, porque até então o pessoal vivia na terra, cultivava o próprio alimento, e simplesmente criticava o sistema. Nessa comunidade viveram mais ou menos 250 pessoas, aos pés do Morro da Baleia, em Alto Paraíso. Esse pessoal viveu lá cerca de 4 anos, de 1980 a 1984 mais ou menos, e lá eles produziram o ENCA e vários outros encontros, já era um movimento mais popular mas, de certa forma, trazendo a face elitizada.

D: Mas eles já falavam de permacultura, já usavam esse termo?

L: Isso, já falavam esse termo, só que falavam outros termos. Falavam de meditação, de alimentação viva.

D: E a galera que falava de permacultura tinha trazido da onde? Como que foram chegar nesse conceito?

L: Principalmente da “The Farm”, teve várias pessoas que foram exiladas na época da ditadura, e ficaram cerca de 20 anos nessas comunidades convivendo e aprendendo. E também eles tinham uma certa condição pra poder fazer essas viagens para fora do Brasil e trazer esse conhecimento. Mas quando eles trouxeram, o movimento era 100% de base, que era o movimento “Rumo ao Sol”. Eram muitas pessoas que não sabiam o que era permacultura, não tinham ideia, e decidiram plantar e ir pra roça, literalmente, foram fazer roça de mandioca e aprender muita coisa. E aonde eles estavam havia uma influência muito forte dos quilombolas. Então, começou a criação de um novo estilo de permacultura. Eles permaneceram lá por alguns anos, até que houve uma fragmentação desse movimento, e foram várias pessoas para vários lugares. Algumas foram pra cidade cuidar dos filhos, conseguiram terrenos.

D: Ah, você falou que rolou uma política de distribuição de terreno lá da prefeitura. Como foi isso mesmo?

L: É porque nessa época, o pessoal do “Rumo ao Sol” era um pessoal muito culto, sabiam ler e escrever, já tinha dado aula, eram professores, e Alto Paraíso tinha uma necessidade muito grande de desenvolvimento. E aí esse pessoal estava começando a coordenar a prefeitura, começaram a criar demandas como escolas, hospitais, e com isso a prefeitura foi obrigada a distribuir terrenos para esse pessoal porque eles estavam desenvolvendo muito o local. Teve um outro pessoal, um grupo pequeno, que criticava mais a fundo esse sistema, que foram para as comunidades quilombolas mais distantes, e foram pesquisar os conhecimentos que esses quilombolas tinham. E no Vale do Moinho eles encontram um terreno muito fértil pra isso. Lá existe uma senhora que se chama Dona Flor, que desde sempre foi parteira, ela recebeu esses conhecimentos de herança da família dela; já produziu sabão de tingui; doces; rapaduras; plantavam; cultivavam muitos alimentos lá no Vale. E eles foram para o Vale com esse projeto, de viver em comunhão com a natureza e sair do sistema que, na época, não estava tão em colapso como hoje, mas já apresentava algumas formas desse colapso. E aí, eles fundaram uma ecovila que se chamava “Flor de Ouro”. Houve uma situação quando o pessoal estava vivendo da terra, e chegou um pessoal com conhecimento e com essa estrutura financeira, para poder investir e desenvolver o local. Então, essa ecovila acabou ficando muito grande, se desenvolvendo, e teve outra fragmentação – mais pessoas foram para mais dentro da floresta, e algumas pessoas continuaram vivendo no Vale, mas não fazendo parte desse movimento que já era a permacultura elitizada chegando no Brasil. Algumas pessoas voltaram para suas origens ou foram para outros lugares, como a Serra da Mantiqueira, a Chapada Diamantina, Chapada dos Guimarães, Serra do Caparaó. E o movimento teve outras faces menos elitizadas.

D: E essa comunidade Bona Espero, ela existe ainda? O que é onde ela era?

L: Hoje em dia existe o terreno como era na época, do jeito que ele foi deixado, com alguns cultivos, canteiros e bastante agrofloresta. Só a dona da terra mora lá, que até então tinha doado ela pra comunidade. Mas como a comunidade não quis permanecer ali, ela começou a cuidar do terreno. E muitas dessas famílias que entraram nesse movimento sem saber o que era permacultura, tiveram muita informação, foram pra cidade e começaram a lucrar muito com isso; começaram a comercializar produtos veganos; produtos de alimentação saudável; produtos que aqui no Brasil até então não tinha na época. E foi onde ocorreu a elitização desse movimento também.

D: O “Rumo ao Sol” não existe mais?

L: Não, mas em Alto Paraíso você tem os vestígios que ele deixou: bastante escola estabilizada, escolas da base Waldorf que eles trouxeram; tem um sistema de saúde que é alternativo; e você tem muitos costumes tradicionais dos quilombolas que o pessoal adquiriu e começou até a lucrar com isso; comercializar produtos para fora do Brasil; trazer pessoas de fora para viver nessas comunidades que tinham ficado, que eram as “Cúpulas de Saint-Germain”, que durou até 1992 se não me engano; o pessoal da “Fraternidade”, que era em um terreno perto da Macaquinhas, perto de Alto Paraíso, também voltou pra essa terra, receber pessoas e trocar trabalho em troca de alimentação e conhecimento. Aí, o ENCA começou a crescer muito. Atualmente, o ENCA tem algumas intrigas dentro do movimento, porque você tem algumas pessoas que organizam caravanas pro encontro e que cobram das pessoas para entrar. E a base dele era totalmente livre; um encontro em um lugar que não teria energia elétrica, mas teria água pura; e que seria de difícil acesso, então as pessoas teriam que ir caminhando para lá, e viajando como nômades para não ter essa elitização. Até o 25º foram encontros pequenos, com menos de mil pessoas; depois disso já houve encontro de até 3 ou 4 mil pessoas. Então, os grandes anciãos desse encontro já partiram para fora do Brasil, começaram a fundar outras comunidades pequenas espalhadas pelo Brasil inteiro, e elitizar de certa forma a permacultura. Mas a base disso tudo é uma coisa que não tinha finalidade de lucro.

D: Mas aconteceu alguma coisa para ter essa virada no 25º encontro?

L: Muitas coisas. O pessoal conta, por exemplo, uma história que os remanescentes da Bona Espero que viviam no Vale do Moínho, e remanescentes da Flor de Ouro começaram a ser investigados pela polícia de Brasília, a Polícia Federal esteve no local e investigou eles durante vários dias, por fim acabou fazendo amizade com eles, e toda essa troca de conhecimento que eles tiveram com a polícia fez eles verem que o movimento precisava se espalhar porque se eles permanecesse unidos ali poderia despertar muito interesse político, podia despertar muito interesse financeiro de grandes fazendeiros de investir nesse pessoal. Eu não sei muito bem a história da permacultura tradicional, pelo Bill Molison, como foi que ele espalhou, mas tem uma conexão muito forte desse pessoal com essa base da permacultura. Que eram as pessoas que chegavam dentro do movimento, que era de autogestão, trazendo um pouco de estrutura e oferecendo dinheiro para o movimento. Foi essa a grande causa da fragmentação, foi a principal, o pessoal que chegava com uma estrutura muito grande para um movimento que não tinha demandas de ser muito grande, mas de conhecimento quilombola, indígena, e aí acho que tem pessoas desse movimento que estão ainda na amazônia, foram viver em aldeias, mas a maioria foi viver em quilombos e viver com os nativos, criaram feiras de agricultura. O pessoal que ficou remanescente em Alto Paraíso começou a ter uma organização um pouco mais financeira. Ele produziam arranjos de flores com as flores nativas da Chapada, levavam pra feira de Brasília pra poder vender; produtos que estavam sendo até exportados. Atualmente esse pessoal já está mais de idade, e eles quase não vão no encontro. O encontro já tem outra cara, já estamos na 40ª edição, muitos anos.

[Leonardo fala um pouco mais do ENCA e de algumas iniciativas recentes]

L: (...) aí tem muitas pessoas desse movimento que adentraram à política. A política de Alto Paraíso tem muitas pessoas do projeto “Rumo ao Sol”. Candidatos a prefeito, vereadores, alguns chegaram a ser prefeitos alguns anos atrás. E aí, é uma grande elitização. O movimento

que tinha de base a autogestão e vida em harmonia, pessoas que receberam muito conhecimento através dele, e adentraram outras formas de viver.

Entrevista com Loci Muller, Instituto DaTerra – Novo Hamburgo (13 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Loci (mãe do Jeferson Muller) - 13 de março de 2016.mp3

Loci: Todas as escolas do município tem o seu grupo de monitores ecológicos, e um grupo de hortas urbanas – aqueles que tem espaço pra fazer a horta. E mesmo aqueles que tem pouco espaço, eles fazem aquelas hortas alternativas, hortas verticais, com vaso, garrafa PET, com pneu. Então, todas as escolas improvisam a sua horta. E eu, no caso, de manhã, eu tenho 11 alunos, entre meninas e meninos, que vem no período da manhã, daí eu tenho das 7h20 às 9h, eu tenho o grupo que faz horta.

Djalma: Daí, então, no caso você dá aula de tarde, e de manhã.

L: Não, eu não estou atualmente em sala de aula. Eu só tenho os projetos de contraturno. Eu tenho 3 projetos de contraturno. E daí, então, eu faço das 7h20 às 9h o projeto da horta – daí, a gente limpa a horta. Agora eu estou ensinando eles a usar a grama seca pra conservar umidade, pra decomposição também; aí, a gente faz aquela mistura (até amanhã é um dia que a gente vai plantar, vai começar o plantio deste ano, até essa semana a gente só limpou). E daí, das 10h às 11h50, é o projeto dos monitores ecológicos, que são os mesmos alunos que ficam. Aqueles que gostam vem pros dois. Esse a gente trabalha com chás, com ervas medicinais, com temperos. Nós temos o relógio do corpo humano, e temos uma espiral de ervas também. E eu comecei a criar lá na escola um jardim sensorial, só que a gente não conseguiu fazer uma inauguração formal, porque sempre chovia na data que a gente marcava (risos). Mas ele é feito com 12 totens – eu chamo assim –, que são 4 pneus, um em cima do outro. A gente pintou (isso é antiecológico pintar o pneu, né? Porque depois, mais tarde, pra reciclar ele, aqueles que tem a tinta já não aproveita tanto, né? Mas como a gente pretende deixar muito tempo) para ficar colorido. E daí, nós temos, assim, 4 desses totens com plantas que vão ser do toque: daí, é confrei, kalanchoe, aspargos; com texturas. Aí, tem 4 do olfato, e 4 do paladar. E da visão é o conjunto. Eles usam uma máscara para esses do toque, todos serem sem a visão. Daí, a visão, no final eles tiram a máscara, e tem a visão do conjunto. E no solo, nós temos uma parte que é brita, uma parte que é areia, e uma parte grama, que também sentem a diferença. E daí, pra audição, a gente confeccionou – eu com meus alunos, confeccionamos – mensageiros do vento com canos de antena, pedaços de antena, que faz aquele barulhinho, e umas peças de plásticos, umas sementes de jacarandá, são bem suaves os barulhinhos, para eles conseguirem ouvir eles tem que se concentrar bem.

D: E você construiu com esses 11 alunos, ou no caso...

L: Não, esses já são outros; todos os anos vão mudando, eles vão saindo da escola e vão entrando outros.

D: Então, no caso eles passam pelo percurso que foi construído, e o resto da escola...

L: O resto da escola esse ano não aconteceu ainda. Ano passado aconteceu em dois momentos. Aí a professora vem com eles. E daí, a gente vende os cházinhos na escola, pra plantar novas mudas, eu confecciono com eles sabão com azeite, pra ensinar eles também isso. Tem uma pasta de limpeza que eu produzo com eles também, que é ecológica. Procuro ensinar bastante produtos ecológicos para eles.

D: E a prefeitura dá apoio também material ou não?

L: O ano passado eles ainda nos deram uma terra preta. Agora, esse ano, a gente solicitou e eles não nos deram mais. Daí, as mudinhas, como eu disse, as primeiras a gente tirou dinheiro da APM, quando não tem. Mas eu, esse ano, já consegui vender esses brindes para os professores, esse sabão que eu confecciono com os alunos, a gente vende pra eles, os ramalhetes de cházinho, também, da própria horta. Aí, vai colhendo, vende pra eles por um preço bem irrisório, e depois compra muda. Um maço de tempero orgânico, e com esse dinheiro já vai comprando as mudinhas.

D: E no caso é uma escola só?

L: Eu trabalho em uma só. Mas cada escola tem o seu grupo.

D: São muitas escolas aqui na cidade?

L: Nós temos, acho que são 10 escolas de sexto a nono ano, e daí nós temos 20 escolas infantis – inclusive nas escolas infantis eles fazem esse trabalho com os pequeninhos também –, daí, eles só plantam, regam, cuidam, eles não trabalham assim. O tempo e germinação, as plantas companheiras (que eu procuro fazer, aquelas que sociabilizam mais) eu planto lá na escola. Pena que eu não sabia, senão eu tinha trazido algumas fotos da escola, teria salvo num pendrive algumas fotos pra eu te mostrar.

D: Mas se você puder me mandar depois.

L: Eu tenho fotos da nossa horta, com as beterrabas que a gente colheu, com as cenouras que a gente colheu, a horta com alface; tem uma mandala bem bonita; tem a espiral de ervas que foi o Jefferson que fez num momento com os pais, e que agora eu só mantenho ela. Mas a construção da estrutura foi o Jefferson que fez, fez dois anos em novembro.

D: E quando começou esse projeto?

L: Na escola que eu trabalho, a horta nós demos início dia primeiro de outubro de 2013, que eu comecei a trabalhar lá. Até então não tinha horta, que foi com a atual diretora, ela facilitou e a gente fez. Tem uma mandala que foi feita em duas carreiras de tijolos, espaços entre os tijolos da base para as minhocas e os bichinhos poderem passar e água escoar; nós temos também pneus que a gente planta. No ano passado tinha uns *pallets* com moranguinho, fiz uma horta vertical, mas agora com a chuva apodreceu, agora tem que transplantar. Eu usei bombona de água mineral, peguei umas em cima das outras e plantei. Ah, a gente tem diversos tipos. Eu vou conversar lá na escola e passar pra ti por e-mail. Tem bastante coisas, bem diferentes. Garrafas PET a gente usa (...).

D: Aí, no caso você já mexia com isso? Faz tempo que você mexe com planta? Como que foi esse contato?

L: Eu que eu me criei no interior. Eu nasci e me criei na roça até os 14 anos. Até os 14 anos eu trabalhei na roça. Daí meu pai plantava batata, milho, feijão, e daí, eu vim pra Campo Bom, trabalhei muito tempo em indústria de calçados, depois eu fui estudar. Daí com a parte dos monitores ecológicos, e da horta, eu trabalho efetivamente desde 2013. Mas antes, nas outras escolas que eu trabalhava, sempre dava uma ajuda nas plantas.

D: Mas depois que a senhora conheceu a permacultura, e essas coisas, seu trabalho mudou alguma coisa?

L: Com certeza a gente muda. Muda bastante, porque coisas que quando eu era criança não entedia, porque que o meu pai fazia aquele monte de palha, por exemplo. A gente via ele fazendo, mas não entedia. Depois, quando eu vim pra cidade, a gente fica com aquela mentalidade de que tem que ser tudo o mais limpo possível, quanto menos terra aparecendo, menos sujeira, mais bonito. Só que hoje a gente vê, se tu olhar o aspecto de um canteiro cheio de grama, cheio de restos de folha, visualmente ele não é muito interessante, se tu olhar. Mas tu tem que ver por trás disso o que é que tem. Então, é isso que eu tento passar pros alunos também. E junto nesse trabalho na escola, a gente ajuda a manter o pátio organizado. Passa pros alunos que eles devem manter o pátio limpo, colocar as coisas nos seus devidos lugares, não desperdiçar água, essas partes mais assim.

D: E a senhora lembra o primeiro contato que você teve com essa palavra, com esse conceito da 'permacultura'?

L: Permacultura, foi em 2006, eu acho, quando o Jeferson foi pra Bagé fazer aquele curso de bioconstrução. O primeiro curso que ele fez, eu disse: “isso é muito estranho, uma palavra muito diferente”. A gente não tinha conhecimento. Durante todo o tempo que eu fiz, porque eu fiz licenciatura em biologia, mas não dá tanto enfoque.

D: Mas você nunca tinha ouvido falar antes disso?

L: Não, antes disso não. Até achei meio fora, pensei “que que o Jeferson vai se meter nessas coisas que a gente não conhece” [risos]. Mas, depois, eu comecei a me interessar e entender aquilo que meu pai fazia lá quando eu era criança, que a gente não entendia. E meu pai, só quando a mata era fechada que eles tiravam a mata, que eles ateavam fogo; e daí, depois daquilo eles faziam, a gente dizia, os morrinhos de mato, a gente juntava no meio da plantação, por exemplo, o trigo, a cevada; tu não conseguia usar e deixar espalhado as plantas. Então a gente recolhia.

Entrevista com Marco Aurélio Tavares Bastos (janeiro de 2016)

[Entrevista realizada a distância, através de 'Whats App' em janeiro de 2016]

Perguntas enviadas:

- 1) Quando e como você começou na permacultura? Quem te apresentou?
- 2) Você fez o primeiro PDC do Brasil em 1992? Como foi? Quem você lembra que estava presente? O que te marcou mais?
- 3) Depois do PDC, o que você fez?
- 4) Hoje, qual é o papel da permacultura na sua vida?
- 5) Como você vê o panorama da permacultura no Brasil?
- 6) Deixe quaisquer comentários ou informações que você julgar importantes para um trabalho que vai traçar o histórico e o panorama da permacultura no Brasil.

Respostas:

Marco: Na verdade, eu fiquei sabendo da permacultura através da Associação Yamaguichi, Associação Felicidade, uma comunidade super interessante mundial da qual eu faço parte. Foi no Segundo Congresso Latino Americano de Permacultura na Chapada Diamantina, acho que foi em 2000. Eu fui mais pela companhia do pessoal que estava indo, porque quando me falaram o que era permacultura, eu falei, “ah, isso é mais uma técnica. O homem é que não está preparado”. Tanto que depois de ter feito o PDC, eu resolvi fazer a permacultura do ser. Como é que o ser será viável nesse planeta? Como é que vai ser essa cultura interna para lidar com o externo, seja o físico, seja o cultural, seja o energético? Como é que esse ser se torna sustentável? Técnicas existem várias, e eu já fazia isso, de uma forma ou de outra, desde 1979, quando estudei dois anos com o Valdo França agricultura orgânica, com reciclagem, com geração de energia, usando principalmente o material que na época tinha na EMBRAPA de tecnologia adaptada. Enfim, mais ou menos isso, conheci em 2000.

O que eu fiz depois do PDC? Eu continuei principalmente divulgando ele, porque agora nós tínhamos uma organização pedagógica onde você tinha um começo, meio e fim, e que levava a um conceito comum. Tem muita gente falando que dá PDC, sem cumprir exatamente o livro inteiro dos princípios. Aquele primeiro livro, aquele tem a cobrinha. Então, se você não passa por todos aqueles temas, e se você não vê o desenvolvimento do aluno a compreender aquilo intimamente, chega a ser uma transformação tão forte que a gente tem que tomar cuidado pra ver se o cara não pira. Então eu achei muito interessante existir um método para aquilo que eu já era. Então, o que mudou na vida é que eu achei um tema, é quando você conhece um, Lenon, um Trotsky e fala, “pô, esse cara está dizendo aquilo que eu sempre queria ser, um método político mundial”. A permacultura reúne esses princípios, essa ética, e dá pra você conversar no mesmo tema e, acima de tudo, ter uma ressonância mundial. Então, a permacultura veio como uma luva, eu já o era, mas uma andorinha sozinha não faz verão. Eu

não sou famoso, como é que você vai ficar explicando pros outros? Pra mim, se eu fosse dar um PDC – e essa é uma discussão que eu coloco na rede – ele deveria ter dois meses de imersão; ou dois anos dentro de uma universidade. Agora, 12 dias, é muito pouco, é muito superficial. Precisa ter uma técnica muito boa de didática, uma dialética muito eficaz, um local, e uma boa equipe para dar apoio. E gente já previamente acordada, isso é importante, tem muita gente que está ainda em sono profundo.

A permacultura no Brasil? Olha, eu andei me dedicando mais a outras questões. Como tudo tem sua função, em certo momento minha função se fez necessária em uma atuação mais local. Então eu parei de participar nos últimos 4 ou 5 anos de forma mais ampla. Mesmo porque saiu do ar o site “permear.org” que a nos dava a possibilidade de nos comunicar, porque era o Brasil inteiro que estava participando dessa rede. Então, fiquei atuando mais localmente. Agora, tenho visto muita deturpação; tenho visto que o critério da permacultura com toda a sua eficácia, com o padrão técnico exigido tem sido quebrado, e isso difama o nome. Por exemplo, nós estávamos trabalhando com o Skye e mais uma galera, para conseguir colocar a permacultura dentro de uma universidade, ter um padrão acadêmico. No Brasil ninguém quis encarar essa história. Teve uma universidade no Reino Unido que encararia, mas todo o acompanhamento daqueles dois anos, para dar um aval que aquilo tinha uma qualidade técnica como em uma universidade. Custava muita grana, tem que falar bem o inglês, tinha que acompanhar sempre, enfim. Mas, na verdade o importante é a confiança na qualidade técnica. Não adianta fazer caixa de gordura com desnível; círculo de bananeira em baixo de sombra; construir com adobe em cima de um prédio na Paulista; ou que se coloca tão metido e arrogante a ponto de não ouvir, isso tudo não é permacultura, porque isso tudo não é sustentável. Não tem o coração que o nosso planeta nos mostra através da natureza. A gente tem que ser mais humilde, mais observador e aprender muito mais do que ensinar. Então, eu vejo gente com ganância fazendo coisas que não são corretas. Tem esse outro lado também, acho isso perigoso, acho isso chato, eu sou contra um PDC que não tenha uma pessoa que o faça em toda a sua essência técnica. Não pode deixar o cara sair por aí dizendo que é bioarquiteto se ele não tem noções de arquitetura, de conhecimento. Só seria possível uma pessoa se considerar permacultor depois de 2 anos de atuação correta, e se um professor assine seu diploma, e esse que assinar uma coisa errada, a gente devia não deixar que aconteça, como acontece com várias universidades que soltam médicos que na verdade não tem a capacidade e não a aptidão de ser médicos. Eu negaria diploma de PDC para algumas pessoas. Eu sou um professor meio que à moda antiga. Eu acho que nós temos que corrigir o nosso rumo.

Não, eu não fiz o primeiro PDC do Brasil, acho que houve algum ruído nessa informação. Eu fiz em 2001, o PDC com o Instituto Austro Brasileiro, com o Jorge Timmermann, lá em Santa Catarina, na comunidade do Daime. Foi o primeiro PDC que eu encontrei, e eu fui lá me certificar, conhecer, me familiarizar, tirar meu certificado com a galera, pra conhecer essa turma. A permacultura é uma coisa legal porque reúne as pessoas em torno de um conceito, então fica fácil quando você fala um tema, e o cara tem todo o conhecimento daquele arcabouço que aquilo quer dizer. Então, eu fiz o PDC lá. Naquele época a gente tinha um sistema de continuar praticando durante dois anos até a gente conseguir a diplomação pela Austrália. Eu fiz isso, dando curso, e acompanhando pelo meu mestre. Depois fizemos 3 anos de um curso de pedagogia do PDC junto com a Suzana que é orientadora pedagógica; depois fizemos alguns PDCs. Enfim, trouxemos o David Holmgren pro Brasil na época que o Bill veio participar de uma história assim, muito elitista, a permacultura tem, como em todo lugar que tem o ser humano, tem dois lados, tem o lado super elitista do Bill e a turma do IPEC, de Manaus, de Bagé; que faz assim uma coisa tão careta, tão pouco sustentável, pouco

cooperativo, como eu vi no Segundo Fórum Mundial lá em Porto Alegre, quanto o mundo que está aí, insustentável e impermanente. E aí, quando trouxeram o Bill pagando pra ele altos hotéis, nós fizemos uma vaquinha e trouxemos o David que estava aqui na América Central, pagamos uma passagem pra ele, e ele fez uma visita em Santa Catarina, São Paulo, Brasília e acho que alguma coisa em uma outra cidade, com tradutor, tudo voluntário, e ele estava apresentando o quarto trabalho dele de continuidade desse tema. Então, a gente foi rediplomado pelo David, foi lindo, foi maravilhoso. Ele foi quem escreveu todo trabalho de permacultura, né. O Bill na verdade era o orientador, e ele parou ali. Ele era, vamos dizer a Zilda Arns que fala da multimistura, mas na verdade quem fez a multimistura foi a Clara Brandão. Enfim...

Bom, voltando a questão do panorama da permacultura no Brasil. Ao mesmo tempo que eu fiz aquela crítica – já que você vai abrir um PDC, acho isso muito importante de ser colocado –, a Marsha começou aquele Congresso Latino Americano já falando sobre alguns problemas. E ficou anos se dedicando à tradução de um livro, e teve gente que acabou lançando a tradução do livro antes, tudo por uma questão de ganhar direitos autorais, uma coisa louca. Enfim, acho importante a gente colocar isso, a seriedade de que se trata esse nome para que ele continue tendo uma boa autoavaliação, porque somos nós que vamos avaliar aquilo que os permacultores fazem. E sobre o panorama no Brasil, acho que os brasileiros sempre foram muito abertos a muita coisa nova. Ele tem que ser criativo, ele tem que se virar com muito pouco, essa é uma característica brasileira em toda a parte do mundo, e acho que ela se multiplicou bastante. Me convidaram para fazer um PDC na França porque lá eles não tinham técnico pra dar o PDC, só tinha em inglês, e eu falo francês (não tão bem quanto um francês, é lógico, mas era mais do que eles entenderiam em inglês). Então, eu acho que no Brasil isso se desenvolve mais depressa, Califórnia também está legal, Austrália também, que na verdade é o berço da história. Lá em 1980, quando começou o trabalho do David, eu estava indo para uma comunidade alternativa, fui lá pro Mato Dentro, em São Lourenço, Minas Gerais, lá com o Sideral, o Paulinho. Depois de lá, mudamos pra Alto Paraíso de Goiás, aí veio o projeto “Rumo ao Sol”, o restinho do projeto, depois Visconde de Mauá. Essas experiências todas em que a gente se atira é o que vamos buscando para tentar sobreviver. Devem ter coisas boas no Brasil. Como te falei, não estou muito atento, estou num trabalho local, trabalhando mais com criança, acho que nossa grande forma de mudar o mundo é trazer aquele jovem, até 14 anos, que você consegue mostrar o que é um mundo correto, e formar uma índole, um caráter correto. O resto ele aprende sozinho, a natureza escreve. Ler o livro vivo que está sendo escrito a sua frente a cada instante – essa é a capacidade importante. Essa frase, o Ernst Gotsch me falou em quatro cursos em que eu fui monitor com ele, e demorou 3 anos até eu conseguir fazer a primeira leitura, e aí, pronto, fez a conexão; é igual Yoga, se você consegue fazer a postura invertida sob as mãos, você não esquece mais, você não precisa de força, é só achar o equilíbrio, é como andar de bicicleta. Mas para saber ler isso, é preciso ter a mente quieta. Mas sempre estar absorvendo tecnologias, técnicas; lendo a Primavesi, que está velinha mas é uma figura maravilhosa; descobrir o que é “trofobiose”, ir fundo nessa técnica. Nesse sentido, é preciso policiar o coração. Eu insisto: permacultura do ser, como é que o ser vai se transformar em uma forma onde ele trabalhe junto, onde ele aprenda a ler, em que ele deixe de ser egoísta. Aqueles princípios e aquela ética é tudo; traduzido em um coração que saber ler o ouvir o ruído da sua própria cabeça.

Ah, esqueci um pouco de me apresentar, meu nome é Marco Aurélio Tavares Bastos, eu tenho 53 anos, sou um pouco precoce. Eu fui secretário de célula da Organização Socialista Internacionalista ligada a Quarta Internacional, isso já em 1978. Fiz o primeiro grêmio livre em uma escola no estado de São Paulo. Enfim, tenho atuações no ramo da saúde também,

importantes que fechamos agora no final de 2016 com chave de ouro. Sou jornalista; tenho vídeos que fiz, fotografias.

[Marco conta do curso Tokkou, da comunidade Yamaguichi, que é para ele um dos cursos mais importantes que existem no mundo, na concepção dele. Me dá dicas também de coisas importantes para abordar na primeira aula do PDC que eu daria no dia seguinte, em Botucatu, em parceria com o grupo Curare]

Marco: Pô, que legal, adoro a família inteira de Botucatu, o Thomas, os irmãos, a mãe, a comida que eles fazem; foi no sítio deles que a gente fundou a Permean, em contra partida a rede que começou a ser elitista. Manda um abraço pra todos! Quanto a tudo que eu falo, puxa, falo sempre a verdade, e ponho minha cara a tapa em várias situações. Pode citar. Acho que se o universo me colocou essas questões, tenho provas das minhas opiniões, eu nunca tiro uma conclusão de alguém pelo meu parecer, mas sempre através de fatos. Por mais que me falassem do IPEC, que era terrível, que o André era terrível, eu fui lá, e tenho situações muito curiosas de como realmente se mostra, por A + B, que as coisas com ele não certo. Enfim, e a relação política com a permacultura sempre foi uma questão complicada, porque aí vira uma discussão conceitual, difícil, assim como a questão da religião. Então, geralmente, a pessoa fugia um pouco disso, mas a gente não consegue fugir de lidar com a política; senão a gente acaba sendo manipulado por ela. Naquele tempo que eu te falei, em 1978, a gente não tinha outro partido a não ser PDS e MDB, e nós pleiteávamos fazer um primeiro ou terceiro partido, que foi desde lutar pelas diretas, pelo fim da ditadura, pela greve de 1976, isso junto com Gushiken, lá no Sindicato dos Bancários. Eu, naquela época, era *office-boy* do banco BCN, e a gente pleiteava um partido dos trabalhadores, que foi feito com uma grande fé, na base. Então, talvez por toda a nossa inexperiência política, de toda aquela sujeira que existe lá dentro, nós fomos muito manipulados mesmo, e o PT fez uma verdadeira merda, estragou tudo, mas as pessoas que fundaram foi na melhor das intenções, tanto que quando falaram do Gushiken eu não acreditei, tanto que foi comprovado que era mentira. O Zé Dirceu por exemplo descambou.

[Marco fala da visão e experiência política dele, do PT e das leituras contemporâneas]

Meu sítio fica em São Francisco Xavier, no Alto de São José dos Campos, já divisa com Minas Gerais, do lado de Monte Verde, a mil metros de altitude, no bairro de Santa Bárbara. Nos últimos anos eu fui fazer um projeto para o Ministério do Trabalho, o Pró-Jovem, lá no menor IDH do Brasil.

[Marco conta dos trabalhos atuais, do sítio e da dinâmica de vida entre São Paulo e interior]

Entrevista com Marcos Molz, Arca Verde – São Francisco do Sul (11 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Marcos Molz (Arca Verde - 11 de março de 2016).mp3

[Entrevista rápida realizada na cozinha coletiva da Ecovila Arca Verde]

Djalma: Quando você chegou na Arca?

Marcos: A primeira vez que eu conheci foi em 2007, em cursos, como voluntário e visitante.

D: Você estava aonde antes?

M: Estava morando em Santa Maria, sozinho. Estava tentando o mestrado. Não passei e aí fui pra Alemanha. Quando voltei eu já entrei na arca como sócio, e estava na transição pra cá. Aí a gente criou um documento de divisão. Compramos o lugar e entramos todo mundo junto aqui

D: Você entrou então pra essa primeira leva deste terreno aqui?

M: É, o primeiro terreno era de um dos moradores, e esse aqui já é totalmente coletivo.

D: Esse terreno antigo continua sendo utilizado?

M: Não, aquele foi vendido.

D: Quando que você ouviu falar em permacultura pela primeira vez?

M: Acho que foi na faculdade, mas bem por cima. Eu fiz biologia.

D: Mas foi em uma aula, com um amigo?

M: Não, de ouvir falar. Não foi em aula não.

D: Então quando você chegou aqui você já tinha uma noção de permacultura, mas nada muito profundo.

M: Não, eu já tinha feito cursos na Arca antes.

D: Você já fez PDC?

M: Já.

D: Quando você fez?

M: Faz uns dois anos. Antes disso era mais a prática.

D: E onde você fez o PDC?

M: Lá em Viamão, com o Kerlon, e o Marcos Ninguém. Na verdade eu fui ajudar a dar uma oficina durante o PDC, mas acabei fazendo também. Uma oficina de *Dragon Dreaming*. Aí fiquei todos os dias do PDC e fiz o curso inteiro.

D: E você conhece outros grupos que trabalham com permacultura aqui na região ou em outros lugares do Brasil?

M: Sim, conheço algumas coisas.

D: Você costuma viajar para visitá-los? Tem um trânsito entre os grupos?

M: Bem esporádico, uma vez por ano talvez. Claro, tem grupos que a gente frequenta mais. Lá em Porto tem uma comunidade que a gente frequenta bastante, o Casaredo, que é urbano.

D: Como que você vê o movimento da permacultura no Brasil? Tá rolando, tá crescendo, tá forte, tá fraco? Como você vê?

M: Não tenho muito conhecimento para diagnosticar como é que anda. Mas, a meu ver, tem muitos pequenos projetos, mas poucos que sirvam como exemplo pra pessoas realmente se convencerem que é algo que pode gerar abundância, renda, e tudo mais, em todos os sentidos. São sempre muito limitados os projetos.

D: Tem os Institutos, né? Tipo IPEC, IPEMA, IPOEMA.

M: Tem muito dinheiro posto em cima, poucos realmente geram uma grande renda, vivem daquilo. Muitos vivem de cursos; pouquíssimos fazem renda da terra mesmo. Então acho que isso falta. Pelo menos eu não conheço muito.

D: E você acha que o público que frequenta os espaços de permacultura é um público meio específico, restrito? Ou pessoas de todos os tipos frequentam? Tem um perfil? Como você definiria esse perfil?

M: São pessoas que em geral buscam de alguma forma mudar ou sair do sistema, não satisfeitos mais com o sistema como ele é. E disso tem tudo que é tipo de gente, com várias filosofias, prioridades diferentes, depende, só que sim, são pessoas que pensam alternativas, e tentam viver alternativas a esse tipo de modelo vigente.

D: Só pra você entender: meu trabalho vai bem no sentido de buscar os caminhos pra popularizar a permacultura, e entender porque que ela não se difunde mais. E minha leitura, por enquanto, é que o público que acessa a permacultura é bem restrito a essas pessoas que você falou, e que geralmente são pessoas de classe média, classe média-alta, universitários, e o grande público, a massa, não acessa esse tipo de conhecimento. Eu tô tentando entender quais são os obstáculos, se são sociais, econômicos, estéticos...

M: Com algumas exceções, né? Como o Marcos Ninguém e mais algumas pessoas organizarem esses tempos em Alpestre um PDC de graça quase, subsidiado pela prefeitura. Mas é bem restrito mesmo. Mesmo assim se espalha, né? As pessoas acabam ouvindo falar. Às vezes não de forma positiva.

D: mas você acha que rola uma elitização pra acessar os conhecimentos da permacultura?

M: Acho que sim, e acho que pra isso deveria ter mais projetos que realmente funcionam disso, e consigam conhecimento e apoio de prefeituras, enfim, financiamento pra projetos maiores, mas precisa ter esse conhecimento, fazer acontecer.

D: Em certo sentido a agroecologia trabalha nesse foco.

M: É, isso já funciona mais. É que também esse público que pratica a permacultura não são agricultores em geral, são pessoas da cidade. Eu acho que isso dificulta muito o reconhecimento, e não ter nenhum agricultor associado a isso, não ter gente que nasceu na terra. Gente que tem isso mais presente, não só como ideal, como uma ideia que está se concretizando.

D: O lance dos PDCs, como que você vê? Uma pessoa pra ser considerada permacultor, obrigatoriamente deveria ter que ter feito um PDC?

M: Não, obviamente que não. Pra mim não. Isso não tem nada a ver com títulos, nem direitos autorais, nem nada disso. Porque permacultura na verdade é uma palavra; ela sempre existiu, não foram o Bill Molison e o David que criaram. Sempre existiu, e eles só captaram, resumiram e adensaram conhecimentos que já existiam. Porque toda essa teoria, é só teoria. A prática sempre existiu.

D: Concordo. Mas você sabe que existem dentro da permacultura correntes que defendem o contrário, né? Que o PDC é fundamental para se tornar permacultor.

M: Não concordo não, acho bobagem.

D: inclusive que a palavra permacultura é patenteada.

M: Ah, pode patentear o que quiser, mas não é [risos]. Bill Molison pode patentear uma coisa que é universal? Que vários povos já praticavam? Não tem como.

D: Então, você acha que o caminho das políticas públicas seria uma boa saída para ajudar a popularizar a permacultura?

M: Acho que sim. Trabalhar junto com ONGs, com governos, empresas, pessoas.

D: E a rede de grupos de permacultura entre si? Você acha que rola um troca, um intercâmbio? Elas tecem uma teia sólida?

M: Não tô muito ligado nessa rede na verdade, não sei. Parece um pouco restrito, assim como a rede de comunidades no Brasil é bem frágil.

D: Beleza, era mais ou menos isso. Queria ouvir suas impressões sobre esse movimento. Tem algo que você gostaria de contribuir, acrescentar ou que acha que seria fundamental pra esse debate?

M: Acho que as pessoas que praticam permacultura tem que se abrir bem mais a outras coisas. Às vezes eu acho que é uma coisa muito restrita; apesar de que acham que é tudo, e acabam se fechando. Inclusive, essa questão social e espiritual, que acho que é bem fraca na

permacultura, é uma ciência muito *hard*, que capta pouca coisa da essência humana. Mas tá sempre se desenvolvendo. No começo era muito mais, agora já tá se abrindo mais pra esse campo, pra parte social, espiritual, econômica, educacional.

Entrevista com Marsha Hanzi (por e-mail), em 16 de fevereiro de 2016

[Marsha Hanzi é uma das figuras mais importantes da permacultura no Brasil, tendo sido ativa no movimento desde sua primeira etapa, no início dos anos 1990, participado de cursos e organizado encontros e convergências. Atualmente mora no interior da Bahia. Dada a impossibilidade de visitá-la pessoalmente, através de contato por e-mail, conseguimos realizar uma entrevista da maior importância para este trabalho. Abaixo seguem as perguntas e as respostas na íntegra]

Perguntas feitas por Djalma:

- 1) Como/Quando se deu seu envolvimento com a permacultura? Conte um pouco dos seus primeiros passos e impressões nesse universo, quem te apresentou, etc.
- 2) Quando você fez seu primeiro PDC? Quem você se lembra que estava presente? O que te marcou mais?
- 3) O que você fez logo depois do seu primeiro PDC?
- 4) Qual o papel da permacultura na sua vida hoje?
- 5) Como você vê o panorama da permacultura no Brasil?
- 6) Você acha que existe uma 'rede' de grupos de permacultura ou de permacultores que deu ou dá certo no Brasil?
- 7) Como você vê a atuação da PAL (Permacultura América Latina)?
- 8) O que você acha do formato dos PDCs? Em termos pedagógicos e de acessibilidade, acha viável?
- 9) Acredita que a permacultura é de certa forma elitizada no Brasil?
- 10) Fique a vontade para deixar quaisquer comentários ou informações que vocês julgar importantes para esse trabalho, bem como críticas e sugestões

Respostas de Marsha Hanzi:

1. Estava morando no sítio, perto de Bragança Paulista, já praticando agricultura orgânica há anos, quando vi o livro "Permacultura Um", que me inspirou muito. Logo em seguida mudamos para a Bahia, onde procurei em vão um curso, que ainda não existia no Brasil.
2. Fiz meu primeiro PDC, curso Avançado e de Professores no Havai em 1992, com Max Lindegger e Lea Harrison, dois professores muito antigos no movimento (ele mora na Austrália, ela em Nova Zelândia). Depois fiz outro quando Bill Mollison e Scott Pittman

vieram para Porto Alegre, acho que foi o ano seguinte. Algumas das pessoas que fizeram este curso deram continuidade, mas acho que foram poucas! Perdi todo mundo de vista...

3. Depois de volta, dei umas palestras e cursinhos. No mesmo ano, estudantes da universidade de Espírito Santo me convidaram a dar um curso de 5 dias. Em 1995 (acho) fui ao encontro Internacional de Permacultura, como o único representante do Brasil, onde conheci o Australiano Matthew Kovacks. Ele veio para o Brasil, e, juntos demos o primeiro PDC completo para estudantes de agronomia da UFRG, numa fazenda na Bahia. Nosso Instituto foi fundado logo em seguida.

4. Hoje continuo envolvida com a permacultura, embora que meu real interesse é agroecologia... Não tenho muito vínculo pessoal com bioconstrução embora que nos empenhamos a fazer construções o mais ecológicas possíveis, dentro das condições locais. (Não temos barro aqui, por exemplo, só areia...)

5. Vejo enormes atividades de todas as formas, inclusive urbanas. Acho que hoje tem uma ênfase excessiva em bioconstrução, quando eu pessoalmente acho o modelo agrícola muito mais importante de ser abordado! (Bom é meu interesse profissional!) Vejo muitos jovens se envolvendo, mas, ao mesmo tempo, os princípios de permacultura se estendendo por dentro de universidades e escolas agrícolas.

6. Existem várias redes boas, e muitas trocas pelo país todo, muito dinâmico... Como moro no fim do mundo no Sertão, estou um pouco fora destas redes... A "Rede" original do IPEC não era uma rede, e sim um pequeno punhado de pessoas, com atitudes exclusivas... Mas um destes (Jorge Timmermann) saiu e formou a rede "Permeiar", que era para os permacultores se visitarem e trocarem ideias. Só que de cara, mais de 300 pessoas queriam participar, tornando a coisa um pouco difícil logisticamente falando. Não sei como ficou. A ideia original era para a gente se visitarem, algo difícil com centenas de pessoas! Foi na época onde vim morar no Sertão, e perdi eles de vista...

7. O PAL ainda existe? Participei como tradutora e professora no primeiro PDC dado por eles (Ali Sharif e Geoff Lawton) em Manaus, onde tiveram uma atitude colonialista, pouco gentil comigo e as atividades que já estávamos desenvolvendo aqui. Ali Sharif chegou ao cúmulo de publicar na revista de Permacultura que "Infelizmente, depois do curso de Bill Mollison, nenhum outro curso tinha acontecido no Brasil", quando o Instituto de Permacultura da Bahia – o mais antigo do Brasil, mais antigo até do que o PAL – já tinha oferecido 5 PDC's aqui no Brasil... Isto criou um conflito no movimento que só se curou quando Ali Sharif foi embora para a África... E foi responsável por eu me afastar do movimento durante 10 anos, me dedicando somente a agroecologia... (Faz 3 anos que comecei a me reaproximar do movimento...). Não sei quem é o PAL hoje, nem suas atividades... Nunca mais ouvi falar...

8. É muito caro oferecer um PDC: alimentação, normalmente vários professores, o lugar, transporte, etc... Quando eu era professora de permacultura em tempo integral, ganhava na média de R\$400 por mês, mal conseguindo pagar minhas próprias despesas, muito menos

ajudar nas finanças da família... O PDC é viável se você já tem seu lugar no campo (como é o caso do Epicentro Marizá), com dormitório e equipe, etc... Acho que, agora que têm tanto material disponível impresso e online, que os PDC's estão com um excesso de sala de aula e falta de atividades práticas. E tenho a impressão que muitos nem entendem o que é "desenhar" no sentido de Permacultura, que é a razão de ser do curso... Mas acho bom que seja longo e intenso, de duas semanas de imersão, para mudar paradigmas, e ensinar o pensamento sistêmico... Cursos curtos ou fragmentados são teóricos demais. Mas todos tem um impacto benéfico...

9. As pessoas se queixam do custo dos cursos, mas são caros para montar, a menos que os professores não sejam remunerados (como nos cursos de Marcos Ninguém). Neste caso, os professores teriam de ter outras fontes de renda própria, para poder pagar suas contas no final do mês... Acho justo que os professores sejam remunerados. Facilitamos aqui o acesso, abrindo para voluntários durante o ano mas cobrando os cursos, dividindo o pagamento em 4 vezes. E nunca faltam participantes! No começo a permacultura era um movimento de classe média, donos de sítios etc. Certamente não elites! Classe média mesmo. Mas hoje vejo muitas atividades de jovens, mutirões, cursos gratuitos, em assentamentos, nas cidades, etc. Acho que deixou de ser um movimento exclusivamente de classe média.

10. Pronto! Sugiro que procure entrevistar Skye, que é muito antigo no movimento internacional e mora hoje no Ceará. Não sei se ele tem tempo para responder, mas vale a pena! (Skye Skye no Facebook).

PS: Lembrando bem, no começo, o público maior dos cursos de Permacultura era sempre universitários, centenas deles... Assim posso dizer, que sim, a Permacultura era elitizada, se você considera os universitários membros da "elite"...

[depois dessa primeira mensagem, enviei a Marsha um novo e-mail, com agradecimentos, e novas perguntas]

- 1) Você citou a sua aproximação com a agroecologia. Pra você, quais são as principais semelhanças e divergências da permacultura com a agroecologia?
- 2) Como você vê o envolvimento da permacultura com os movimentos sociais do campo e da cidade? Ele existe? Deve existir? A permacultura seria um movimento social também?
- 3) Você é uma das poucas expoentes femininas da permacultura no Brasil. Como você vê a inserção das mulheres na permacultura? Há espaço? Há participação? Falta algo?
- 4) Você acha possível buscarmos efetivar uma rede de permacultura no Brasil, que promova encontros regulares e intercâmbios entre os grupos? Você tem alguma ideia de como ela deveria se dar?

Respostas:

Bom dia Djalma,

Aqui um texto recente, explicando a diferença entre permacultura e agroecologia...

O que é a Permacultura?

Existe hoje muita confusão sobre o que é a permacultura. De fato é uma coisa bem simples é um sistema de PLANEJAMENTO (“design”) para que nos (e nossa comunidade) possamos ter nossa própria casa, comida, água, e dinheiro. Assim podemos nos libertar do sistema que nos escraviza pelas necessidades básicas. É um grito de liberdade e de autonomia!

O PDC - “Permaculture Design Course (o curso básico de desenho em permacultura) é o curso básico que nos ensina como conseguir esta liberdade com o mínimo de gasto em dinheiro e energia, apelando às energias naturais já existentes: sol, vento, declive, água, barro... Aborda desde agroflorestas até bioconstrução. Mas a permacultura NÃO é a bioconstrução, utiliza a bioconstrução como um dos elementos de um desenho bem-feito! Tampouco é agroflorestas – utiliza agroflorestas como um elemento de um desenho bem-feito. Este curso básico é de 72 horas. Ficou na moda ultimamente de reduzir o número de horas, que não é uma boa ideia, porque reduz as possibilidades de atividades práticas dentro do contexto do curso. O curso mais rápido fica superficial e teórico. Entre os muitos benefícios deste curso é o pensamento holístico, sistêmico, onde conseguimos ver todas as inter-relações dos muitos elementos da nossa vida, e a certeza que nos podemos fazer algo para transformar nosso mundo em paraíso, começando por nossa própria casa!

2. Acho que a permacultura leva a transformação social, sim, sobretudo agora que ficou "na moda"... Mas moro no fim do mundo, então não estou muito em contato com estes movimentos. Sugiro que contacte Ricardo Bortolato, que tem uma rede social de permacultura. Ele pode responder esta pergunta.

3. Hoje têm muitas mulheres participando nos cursos. Ainda vejo poucas mulheres como professoras, mas acho que isto deve prosseguir com tempo. Me parece que as lideranças de permacultura urbana são mulheres, e as pessoas que se dedicam a bioconstrução são mais homens.

4. Procure o Ricardo Bortolato. Ele vai-lhe dizer o que tem como redes, etc. Acho que já têm estas coisas acontecendo mas, como disse, moro tão longe disso tudo que fiquei um pouco sem saber o que está acontecendo. Meu negócio é sobretudo transformar estas terras pobres em jardim! Meu foco é a terra e não o movimento.

Entrevista com Marsha parte 2 – 21 de janeiro de 2017

[no dia 18 de janeiro de 2017, enviei mais um conjunto de perguntas a Marsha por e-mail, com questionamentos específicos acerca das Convergências Latino Americanas de

Permacultura, as CLAPs. Abaixo segue minha mensagem e a resposta dela que chegou três dias depois]

Djalma: Ainda na reta final da escrita, venho te procurar para perguntar mais algumas coisas que seriam fundamentais para a efetivação de um bom e completo trabalho. Espero poder contar novamente com seu apoio. No momento, estou interessado em me aprofundar na história das CLAPs. Participei da última, na Colômbia e, pelo que soube, você organizou a primeira no ano 2000, aqui no Brasil, na Bahia. Gostaria de algumas informações suas sobre essa Convergência, e outros detalhes e apontamentos que julgar importantes.

- 1) Como foi a organização da primeira CLAP no Brasil? Quem mais estava junto? Quais suas impressões?
- 2) Você participou das outras (segunda e terceira)? CLAPs?
- 3) Eu não achei nada na internet sobre a segunda CLAP (e bem pouco material sobre a primeira e a terceira). Você sabe me dizer onde, ela ocorreu, quando, e como foi? Teria materiais complementares para consulta?
- 4) Por que houve esse hiato entre a terceira e a quarta CLAP? Por que entre elas existe um intervalo temporal tão grande? de 2008 para 2015.
- 5) Você pretende ir à CLAP na Venezuela neste ano de 2017?
- 6) Existe algum texto, estudo ou trabalho que você me indique que fale mais ou conte a história das CLAPs?

Resposta da Marsha:

Oi Djalma, confesso que nunca ouvi falar de "CLAP". Sempre falamos em "Convergência". Estes eventos já se perderam na memória, mas vou tentar. E pode entrar em contato com o Instituto da Bahia em Salvador – acho que eles tem os arquivos disso tudo.

1. Fizemos a primeira conferência em Salvador (na época só tinha a gente praticando Permacultura no Brasil), num centro de treinamento da Igreja Católica em Itapuã. Não lembro o ano, mas foi bem no começo da nossa história. Fizemos sozinhos, com a pequena equipe que tinha na época, chamando as pessoas interessantes: arquitetos, agricultores, Ernst Gotsch, etc. Tivemos um público de mais ou menos 120 pessoas, a maioria universitários.

2. O segundo foi no Vale do Capão, e foi a gente de novo, com a coordenação de um antigo morador da Comunidade Lothlorien – não lembro mais o nome dele, mas deve contar nos arquivos lá no Instituto. (Tudo ficou com eles, quando sai de Salvador, 15 anos atrás). Acho que foi por volta do ano 2001. O público foi por volta de 150 também.

Depois fizemos outro em Salvador, num centro de conferências grande. Esta vez foi coordenada por uma profissional, que também não lembro o nome, mas se procura Luciana

Sarno no instituto em Salvador, acho que é amiga dela. Esta pessoa pode provavelmente contar mais detalhes. Esta vez tivemos um certo apoio do secretário de florestas, acho. Lembro que foi um órgão de governo- que nos deu trabalho no final, porque nunca entregaram o valor prometido,(as passagens dos convidados!) porque a pessoa que assina os cheques recusou assinar. Nos todos levamos um grande prejuízo por conta disso. Lembro que, além do Ernst, esteve Hiroshi Seo, e outros profissionais e agricultores. Não lembro de mais eventos grandes coordenados por nosso instituto. Logo depois deste, participei na Argentina, na convergência sul-americana.

Depois desta época eu fui embora de Salvador, e o Instituto se dedicou mais ao Projeto Policulturas, durante 8 anos, sob coordenação de Cinara Sanches del Arco, que, acho, também participou em alguns destes eventos. Poderia tentar um contato com ela. Faz 15 anos que só me dedico a agroecologia. Só agora que estou voltando a trabalhar com cursos de "design" em Permacultura.

Nunca fiquei sabendo destes eventos que você cita, inclusive este de Venezuela de 2017. Eu sinceramente nunca ouvi a expressão "CLAP", que aliás acho bem feia! Sempre falamos em Convergência, que acho bem mais bonito como expressão.

Participei, como convidada por ser a única profissional de Permacultura no Brasil, na convergência Internacional na Escandinávia em 1995. E participei na Convergência Internacional na Inglaterra em setembro 2015, onde apresentamos (com minha filha Karin) o trabalho da Fazenda Toca. Karin estava trabalhando lá na época como coordenadora do projeto de Ernst Gotsch. E na conferência em Londres, que aconteceu antes de Convergência, eu apresentei meu trabalho com agroecologia em terras secas, onde um artigo foi publicado na revista de Permacultura da lá.

Muitos anos atrás houve conflito no movimento de Permacultura entre as pessoas com inclinação puramente técnica, e os praticantes mais holísticos. Acho que hoje os holísticos dominam! Acho melhor não aprofundar este assunto do conflito, porém, para não reabrir velhas feridas, já que hoje o movimento tem um alto grau de harmonia!

Lamento não poder ajudar mais. Eu realmente não me interesso muito pela história. Me interessa bem mais o futuro, em face do colapso que já começou.

Entrevista com Martin Ewert, Ipepa – Campo Largo (13 de abril de 2016)

Arquivo: Entrevista Martin Ewert Ipepa (Campo Largo - 13 de abril de 2016) 1.mp3

[Entrevista realizada na casa do casal de permacultores Martin e Rafaele]

Djalma: Eu queria que você contasse um pouco da sua história com a permacultura.

Martin: No começo eu trabalhava no banco; eu tava morando na casa dos meus pais, e comecei com uma horta, simples. Chamei meus amigos, e a gente fez uma mandala recolhendo as pedras na rua com o trator do meu pai. Foi bem legal esse momento de interação. Carregamos uma carreta cheia de pedras pra minha casa e um tanto pra casa do Daniel, daí a gente começou as primeiras hortas. Eu não sabia muito bem o que estava fazendo, na verdade não tinha noção nenhuma de solo, a ideia da biodiversidade, nada; sabia só que queria plantar e mexer na terra. E fui plantando, e ficou bonito, cresceu, deu bastante fruto, foi inspirador. Mas aí, apesar da família não entender muito bem, eu tinha que provar pra eles que deu certo. Mas eu vim a conhecer a permacultura depois. Assim, tinha ouvido falar, daí a Rafa tava super engajada com o projeto final dela de TCC, o “Perma o que?”, eu acredito que era em 2009 ou 2010. A horta foi em 2009. Eu saí do banco e tranquei o curso de administração.

D: Onde fica a casa dos seus pais?

M: Na colônia Witmarsum, no município de Palmeira, uma comunidade menonita, de descendência menonita, um movimento religioso protestante que se iniciou há 500 anos atrás, teve muitas migrações e historicamente sempre perseguições, muitas fugas, sobretudo porque quando eles não queriam servir o exército, pois é uma premissa menonita não derramar sangue, então com isso era bastante perseguido. E nessas novas migrações, acumulou bastante cultura, e hoje está distribuído no mundo todo. E aí, tem essa colônia Witmarsum, hoje já não são mais os menonitas tradicionais conservadores, são menonitas globalizados, com toda a tecnologia, acesso e tudo mais. A colônia é uma potência econômica, sobretudo no agronegócio. Então, aquele sistema cruel de plantio de soja, milho, muito adubo, muito veneno; essa era uma das grandes questões que a gente levantava. Eu lembro que na época a gente teve essa “caída de ficha”. A gente olhava em volta tentando entender esse sistema produtivo. Quando eu estudava isso em administração eu estava no banco pensando sobre isso, por que eu olhava a minha volta e via tanta pobreza, tanta gente morrendo de fome? Isso não era normal. Ao mesmo tempo tinha uma informação que me falava que a gente produzia o dobro do alimento necessário para alimentar o mundo. E eu falava tentando entender o que acontecia. Aí comecei a questionar a posse de terra, e aí entendendo um pouco de agricultura eu pensei “cara, eu acho que esse é o princípio da permacultura que a gente usou naquela época e não sabia, que o problema é a solução”. Porque a gente percebeu todo esse problema de carência alimentar, de soberania alimentar, aí a gente começou a produzir nosso alimento, fazer uma horta, e aquilo foi nossa revolução naquele momento. A gente chegou até a permacultura; na verdade, e a permacultura veio com um pé no peito, foi um divisor de águas pra tudo isso, porque de um lado eu já sabia o que queria, já sabia o que precisava ser feito, mas não tinha noção nenhuma. Aí a gente aprendeu permacultura com o Jorge e a Suzana, em Campo Largo, na chácara da Karin, em 2010, quando a gente fez o PDC. A gente juntou o pessoal, Ricardo, Daniel e mais um amigo, o Rafael, a Rafa, e eu, e a gente trocou por alimento, e isso foi bem legal porque já começou em uma troca que a gente mesmo não sabia

dessas economias alternativa como uma coisa existente, a gente sabia que trocar era um benefício pra gente, era um produto que as gente tinha disponível, então vamos trocar, mas não sabia direito como fazer. Olhando pra trás hoje, eu percebo que a gente fazia princípios da permacultura de forma muito natural, a gente ia fazendo. Jorge e a Suzana no PDC são fantásticos, eles tem essa coisa cativante no curso, de mexer com quem está assistindo o que está sendo apresentado, emocionalmente. Acho que o próprio PDC na sua grade curricular tem essa ênfase de sensibilizar as pessoas, com uma realidade que a gente precisa passar a pensar cada vez mais, um alerta de que o planeta não está legal, de que as pessoas não estão em um bom sistema de consumo, de alimentação. E o PDC traz muito isso, o que é uma coisa difícil, das pessoas saírem de lá sensibilizadas, como também é uma forma de empoderar as pessoas. Então, a gente saiu com esse espírito limpo nosso, de estar no caminho certo, agora vamos fazer mais. E nessa de “vamos fazer mais” a gente pensou no Coletivo BioWit, na primeira reunião a gente chamou os amigos que saíram do PDC super animados, “vamos trabalhar juntos, vamos produzir, vamos se ajudar, e vamos ver no que dá”. Aí, a gente foi com isso na cabeça, foi morar 10 dias em Primavera, do lado de Witmarsum, tinha um sítio lá de 60 hectares, com 20 hectares de floresta, e o sítio estava meio abandonado nessa época, plantava soja e milho lá, arrendado, e a casa já estava há muitos anos largada. Aí, o Ricardo falou pra gente ir pro sítio pensar um pouco e, quem sabe, já dar uma organizada. Toda essa galera foi pra lá, e a gente fez uma revolução lá. Ficamos 10 dias sem luz, acampados, comendo só no fogo, foi uma vivência, também pra ver que a gente não precisava passar tanto perrengue, de repente energia elétrica, sistema de aquecimento de água, a gente saiu de lá motivado a isso. A gente teve que quebrar esse paradigma, e de repente abdicar até dessa própria “simplicidade”, porque muito simples não foi tão cômodo. E a gente voltou de lá com a proposta de fazer as coisas, de pensar nessas soluções. E nesse mesmo momento já estavam rolando as primeiras discussões de ajudar mais o movimento, e aí o Vitor falava do IPEPA [Instituto de Permacultura do Paraná], e a gente foi pra São João do Triunfo encontrar o Jopa e a Carla, falamos das propostas, do BioWit, e falamos dessa ideia de fazer um instituto de permacultura no Paraná, mas ficou aquela coisa de “tá, mas quem vai fazer?”, que é uma realidade até hoje, né? Aí a gente falou de marcar uma reunião, fizemos um estatuto, isso já era por volta do final de 2010. Aí a gente saiu de lá com o estatuto, marcamos a primeira assembleia, que foi em Witmarsum também, reunimos todas as pessoas que queriam se associar ao IPEPA; já tinha várias pessoas engajadas, pegamos o Coletivo BioWit, pegamos o Felipe de Piraquara, a Letícia e o Varela, enfim, essa primeira turma, que, na verdade, atuante já não é mais essas mesmas pessoas, já mudou bastante. Aí, a gente começou a sonhar, fez uma tempestade de ideias onde trouxe a vontade de cada um, na primeira assembleia passamos 4 ou 5 dias juntos. E aí, também fizemos uma intervenção na casa do Rudi, um morador lá de Witmarsum que estava em uma situação não muito vantajosa pra ele, construindo uma casa sem muito dinheiro, e a gente foi lá ajudar ele a construir a casa, uma parte dela, fazer o saneamento dele e tal. E também se autocapacitar, que era uma lógica nossa, é até hoje. A gente saiu com a primeira visão do que queria, nessa primeira assembleia. Logo depois a gente fez a segunda assembleia, e assim por diante, fazendo planejamento, pra ir decidindo melhor o que a gente queria. Até hoje não registramos o IPEPA, tampouco o BioWit é registrado, tampouco o Sementinha, que é outro projeto que a gente trabalha, é registrado. A gente percebe que existem vantagens com isso, com relação a gente não estar registrando e assumindo um papel físico, de uma estrutura.

D: Legal esse início. E como se deu o aprofundamento de vocês na permacultura? Vocês fizeram outros cursos, atividades, etc?

M: Então, rolou de várias formas, tanto com a estação de permacultura o BioWit, quanto dentro do IPEPA. E a ideia, a proposta do IPEPA era justamente essa: observando os outros institutos, a gente queria fazer uma coisa descentralizada, seria muito melhor cada um ter sua sede, e estabelecemos alguns parâmetros para funcionar. O IPEPA são estações de permacultura. O BioWit por exemplo é uma estação de permacultura do IPEPA, apesar que o BioWit é dividido em outras subestações; tem um grupo em Piraquara, e a estação principal é a do Felipão, que é mais atuante; tem estações como em São João do Trunfo, só o Jopa, agora o tio dele, e de repente entrou mais um agricultor lá do assentamento. Então, são outros coletivos se formando, mas cada um é uma estação individual. O IPEPA não existe sozinho, mas ele é baseado na ideia de autogestão de cada estação de permacultura, ele representa, nesse sentido, essa articulação das pessoas, e isso movimentou muito trabalho até agora. Sobretudo depois da gente muito pensar sobre o que a gente queria fazer, muitas pessoas pensando ao mesmo tempo, muita opiniões, a gente não conseguiu entrar em alguns consensos também, até hoje; então isso dificultou algumas coisas, e o registro é um deles, é um impasse, uns querem, outros não. Mas tudo bem, a gente respeita esse tempo, a gente até gostaria de registrar, mas talvez precise resolver algumas outras questões, mais regulares. Mas, de qualquer forma, se pensou, por exemplo, que cada estação poderia ser uma MEI, microempresa, mas também logo depois a gente percebeu que não faz sentido porque teria que fazer um registro individual de novo. Então, a diferença é justamente essa, ter estações de permacultura, em diferentes lugares, como eu acho que é a permacultura, descentralizada. Então, eu não posso colocar um instituto de permacultura em um único local, onde as pessoas tenham que ir até ele, um espaço físico aonde tudo acontece. Não, é pelo contrário, é o caminho inverso, essa era a nossa lógica, e é o que nos pareceu mais coerente. A gente poderia ser uma ONG, uma OSCIP, até hoje a gente não chegou também a essa conclusão. Depois de muito discutir, a gente percebeu que ser uma associação é muito mais legal, então seria uma associação com o nome de Instituto de Permacultura do Paraná, mas ela seria registrada como uma associação, por vários fatores, entre eles poder remunerar o corpo diretivo. Então, a gente ficava pensando que era preciso funcionar como o mercado de trabalho e remunerar bem as pessoas que estão trabalhando, senão elas não vão se interessar a fazer essa parte da gestão e planejamento do Instituto, essa organização. E a gente sempre encontrou dificuldade como uma cooperativa tem dificuldade de remunerar, uma OSCIP, uma ONG, sempre tem que ter outros caminhos para que o dinheiro chegue a essas pessoas que estão lá fazendo. E também por outras razões, porque a gente queria comercializar produtos, a gente queria fazer assessoria, consultoria, porque essa é a nossa realidade hoje. Eu posso até te mostrar uma apresentação muito legal na internet depois. Não, vou te mostrar agora já que a gente está falando dela.

D: Eu queria te perguntar como você vê a história e a chegada da permacultura aqui no Paraná, e quem são os pontos, as pessoas mais relevantes para essa história.

[Martin começa a mostrar uma apresentação de slides]

M: Então, em 2008 a ideia principal do IPEPA surge lá com o Jopa, em 2009 teve o CarinaVerde. A ideia era justamente trabalhar com pessoas de várias áreas e com formação de PDC.

[Ele vai mostrando fotos para exemplificar os trabalhos que citou e outros que vem fazendo; fotos das estações do IPEPA, de cursos, projetos, etc]

D: Eu queria te fazer umas perguntas mais gerais. Como é que você vê os caminhos para gente conseguir popularizar a permacultura no Brasil? Como você traçaria um plano, pensaria um caminho, um horizonte? Como a permacultura tem que atuar para ela conseguir ampliar mais esse conhecimento de mundo que ela propõe?

M: Hum, pra mim, um dos caminhos é o PSA, Pagamento por Serviços Ambientais. Eu acredito que a gente poderia estar criando Unidades de Conservação ambiental e social, e que esses espaços estivessem promovendo segurança alimentar, soberania alimentar, e também gerando uma renda e, ao mesmo tempo, valores e serviços ambientais para a própria humanidade. Hoje quem recebe esse tipo de serviço são, normalmente, outras pessoas. Temos que discutir PSA para agrofloresta; de repente as estações de permacultura poderiam estar ganhando assim. E aí, acredito que a gente poderia estar trazendo mais pessoas interessadas em fazer isso. Mas para popularizar mesmo o conhecimento, não sei. Bom, acho que o conhecimento deveria ser gratuito, ele não devia ser cobrado, começa assim. Só que claro, ia ser difícil; as pessoas sempre tem o argumento de que “como vamos viver?”. Então, os cursos são um pouco isso. Como também eu vi um outro lado dizendo que quando não cobra o curso, de repente a pessoa não valoriza. Não sei teria que testar tudo isso. A gente fez a experiência de não cobrar, e as pessoas fazem uma contribuição voluntária, e a gente percebeu que é muito legal mas isso é outra realidade, não dá pra dizer que se aplica a todos os casos. Algumas pessoas valorizaram esse conhecimento e se sentiram a vontade a pagar, mas de novo né, era uma parte da elite branca que pode pagar. Eu acho que um caminho seria mesmo por meio do governo, políticas públicas poderiam ser muito interessantes, no sentido da gente colocar realmente a permacultura em outra esfera, que eu acredito ser fundamental, no sentido de ter pessoas engajadas dentro de alguns espaços, os editais, nas esferas políticas até; e a gente poderia estar trazendo a permacultura para quem realmente precisa estar acessando esse conhecimento. Tem que pensar muito sobre isso. Muitas pessoas vem tentando isso também, temos que aproveitar esse conhecimento dos que tentaram e fizeram. A gente teve a nossa experiência na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, com um trabalho na periferia de Curitiba, de levar a permacultura com várias ações práticas, e botou uma galera jovem de 15 a 17 anos pra trabalhar, e foi muito legal, fantástico. Adolescentes de periferia, muitos deles ligados ao tráfico de drogas, alguns não tinham comida em casa direito. Eles vinham participar dos encontros porque a gente oferecia comida. Mas foi porque a gente tinha um benefício dentro da secretaria de meio ambiente, toda uma estrutura para isso. A gente tinha um carro, ferramentas, recurso, tudo o que precisava a gente conseguia acessar para levar pra eles, assim como o conhecimento era bem pago também, de certa forma.

D: Como você vê o diálogo entre as estações e grupos de permacultura no Brasil? Rola uma conversa, uma ação coletiva, encontro?

M: Ah, com certeza. Isso só rola, o tempo todo. Essa articulação é muito forte, essa rede já tem uma estrutura invisível. A gente acha que ela está acontecendo. Bem, quem faz permacultura entende isso, essa estrutura invisível, das pessoas se ligando. Bom, a nossa geração, né. Tem umas coisas aí no passado que de repente dificultam, assim como tem alguns permacultores que talvez, de repente, não são tão confiáveis aos olhos dos outros.

D: Você acha que seria legal organizar um encontro?

M: Talvez seja o momento. Precisa reunir essa galera, pensar como fazer essa rede; tem muitas pessoas engajadas, isso está acontecendo. O que talvez está acontecendo é uma divergência de permacultores que façam com que eles não venham a um encontro como esse.

De repente foi sugerido fazer pequenos encontros, que até já acontecem. Eu acredito que seria (...); você não quer organizar essa convergência? Tu já tá subindo, leva essa notícia lá pro Sérgio.

D: Bora! [risos]

M: O Sérgio falou, eu senti uma empolgação nele, porque ele partilha dessa visão. Ele está no centro do Brasil, lá é tudo lindo. Mas falta justamente essa garra, de pegar e fazer a coisa. Vamos ver o que dá em juntar essa galera, e botar de frente com nossos objetivos bem traçados, e agora vamos pensar, vamos refletir.

[É feita uma pequena pausa, e depois a entrevista continua]

M: Eu percebo uma grande necessidade, de formar cada vez mais pessoas. Isso a gente só vai conseguir com mais PDCs. E acho que essa é a grande chave da gente reunir essa galera toda em uma Convergência Nacional, seria buscar essa perspectiva de como popularizar a permacultura de uma maneira que as pessoas possam realmente ter acesso a esse conhecimento, e eu não faço ideia de qual é o caminho. Poderia sugerir alguma coisa. Uma coisa que eu venho pensando seria a criação de um Banco Internacional, uma coisa muito doida, onde a gente tivesse uma moeda, talvez digital ou não, solidária, que fosse uma moeda de troca, de horas, de trabalhos, e com esse banco poder acessar esse tipo de conhecimento. Mas porque também a gente não quer a visão de uma permacultura assistencialista, onde a gente chega lá e dá tudo pras pessoas, e não acontece nada – a gente quer pessoas empoderadas que realmente tomem pra si essa responsabilidade, e tragam mais pessoas a perceber isso. Então, eu lanço o desafio, se isso chegar aos ouvidos de alguém, desafio os permacultores a fazer PDC gratuito, vamos ver como vai ser, quanto tempo isso dura, quantos PDCs assim a gente pode fazer pra realmente quem precisa, quem vai bancar isso? Tem toda uma alimentação, logística, tem despesas. Será que a gente consegue isso? Não sei? Essa é uma pergunta que eu faço pra mim há muito tempo, se como qualquer outro tipo de trabalho, isso precisa ser recompensando. Eu acredito que sim, mas talvez com outro tipo de recompensa, não precisa ser com o dinheiro. Se não queremos criar um Banco Internacional com uma moeda digital, vamos pelo menos solucionar essa parte de como vamos financiar a permacultura, como que ela se financia? Quais estações de permacultura realmente são eficientes economicamente falando? Que pode ser autossuficientes? Raramente você vai encontrar alguma; eu nem sei se isso é isso mesmo, se a gente precisa ser assim. Mas o que eu vejo é aquilo da permacultura teórica, que foge um pouco da prática. A gente sonha com uma permacultura onde nossas palavras sejam nossos atos, nossos atos sejam nossos pensamentos. Mas na prática é diferente, eu conheço alguns poucos exemplos, gostaria até de conhecer mais no sentido de produção, de tudo, e também conhecimento. Aí sim você não precisa de banco nenhum, porque ela é autossuficiente, e aí faz todo sentido pra mim. Mas isso você só consegue com pessoas. O que eu venho percebendo que falta é gente qualificada, que realmente sabe o que está fazendo, que está engajada nisso, não só sonhando com um mundo perfeito, melhor, mas realmente vivendo. Isso vai um pouco na minha visão sobre política. Eu conheci o Seo 'Editano', lá na Cooperafloresta, soube que ele era analfabeto, e fiquei pensando, depois de ouvir ele falar, que o analfabeto era eu, que não conhecia a linguagem com que ele falava sobre ecologia. E de repente, eu percebi que a academia também não me traz um conhecimento que o Seo 'Editano' tinha. E a gente parte do princípio de que a gente sabe muito, e aí quando eu fiz os primeiros PDCs eu percebi que na verdade eu era o grande aluno. Isso eu encaro para qualquer permacultor que está dando PDC, essa visão de que no PDC você também é o aluno. Eu, na verdade, penso isso pra gente fugir do sistema de

escolarização cartesiana onde, na verdade, o conhecimento vem de cima pra baixo. E a proposta é muito na pegada da pedagogia de Paulo Freire, é o lance de fazer as pessoas entenderem que todo mundo sabe, e todo mundo desconhece. Isso é importante, porque traz uma outra questão, que é a questão política, como eu falava no começo. Eu me acho um analfabeto político, mas percebi que não preciso compreender tanto a política, porque o suficiente é saber que se a gente tem um espírito de coletividade, passa a se auto-organizar, que é uma raiz da nossa existência, aí sim a gente vai cumprir todo esse papel a que se propõe a permacultura. A gente estabelecer, então, que não precisa de governantes, nem de Estado interferindo, a gente pode tranquilamente com nossa ética e princípios viver em comunidades autogestionadas e autossuficientes, com esses sonhos utópicos que a gente sempre teve, mas que, de repente, está na hora de botar na prática. E é experimentar mesmo, e ver no que dá. E acho que é um pouco disso que você está fazendo, conseguir trazer diferentes visões e experiências na bagagem de permacultores que já experimentaram tanta coisa. Eu nunca morei em uma ecovila; eu morei em uma comunidade, que tem semelhanças, mas é diferente. Mas meu sonho sempre foi esse, morar em uma ecovila, onde cada um produz uma coisa diferente. Mas claro, por isso que eu acho, não podemos ser ingênuos – e isso é uma coisa que eu aprendi com o Jorge –, porque a política não vai acabar, porque o governo vai continuar, porque os opressores vão tentar manipular, e a mídia, e tudo mais. Resta saber quantas pessoas a gente consegue empoderar a tempo de evitar uma crise maior, uma catástrofe maior. E aí, qual será nossa estratégia? Será que é voltar a morar em uma caverna, em um *bunker*? Nossa grande preocupação tem que ser os princípios éticos: cuidar da terra; cuidar das pessoas. A gente realmente cuida uns dos outros? Não estou falando só dos nossos amigos permacultores. Mas da mesma forma como você critica a permacultura elitizada, também tem uma reflexão sobre o cuidar do próximo que a gente fala, cuidar das pessoas. Temos que quebrar essas barreiras agora, desconstruir e reconstruir; ressignificar a permacultura. A gente tem experimentado uma coisa que eu acho fantástica nos PDCs, que é a questão espiritual, frequências energéticas muito intensas. Essa é uma outra coisa que eu fico pensando, que desconheço, mas gosto muito. Muitas vezes é até um tabu dentro da permacultura, não se toca na espiritualidade. Uma energia muito forte, de que estamos todos conectados. E uma das minhas sensações do PDC, do que as pessoas mais levam – a gente tem feito avaliação no final – e o que eu notei é que as pessoas se apegam a questão espiritual, elas se sentem acolhidas no espaço, se sentem pertencendo, se sentem bem, e se sentem como uma grande família, e isso tudo é pra mim espiritualidade. Nós vamos pra casa com uma frase que sempre aparece, que é “com o coração quentinho”; outros escrevem “baterias recarregadas”. Aí, a galera vai embora, se despede, fica triste, depois se encontra de novo, é um barato. Teria que pensar a permacultura como uma grande família.

[Djalma fala sobre o primeiro PDC dele e a sensação de cumplicidade e parceria com a galera da turma]

M: E claro, a permacultura está rachada, tem muito ego ainda, escolas diferentes. A gente precisa falar sobre isso, mas precisa ser feito um embate com muita empatia.

Entrevista com Ney, Sítio Çarakura – Florianópolis (7 de abril de 2016)

Arquivo: Entrevista Nei ÇaraKura (7 de abril de 2016).mp3

[Entrevista realizada no Sítio Çarakura, em Florianópolis]

[A gravação se inicia com Nei contando sobre sua experiência com a Comunidade Figueira, liderada por Trigueirinho, onde esteve algumas vezes e pela qual tem imensa admiração. Conta inúmeras anedotas, reflexões e comenta algumas passagens interessantíssimas da sua vida em termos mais gerais, não relacionados diretamente com o tema da pesquisa, por isso omitidos nessa transcrição.]

Fala de sua relação com a música, o aprendizado de piano, violino, violoncelo, etc. Fala de um projeto de fornecimento sustentável de madeira para construção de instrumentos musicais, citando especialmente o caso do Pau Brasil, cuja madeira é utilizada para arcos de violino e similares.

Fala de projetos de reflorestamento envolvendo políticas públicas regionais, burocracias, etc.

Fala sobre o envolvimento com a universidade, e a vontade de receber cada vez mais gente para fazerem seus trabalhos de TCC, mestrado e doutorado no Sítio, já que eles tem todo um 'laboratório' de pesquisa à disposição, com vários temas possíveis.

A transcrição se inicia no 20:58]

Djalma: você chegou a fazer o PDC, o curso de permacultura?

Nei: eu fiz aqui.

D: Você deu o curso?

N: Não, não, eu recebi aqui o primeiro, e aí passei a dar.

D: Que ano que foi esse?

N: Foi em 2005, foi o primeiro que a gente organizou aqui. Quem deu foi a Sumara e o Fábio, uns meninos daqui, que já tinham feito, os dois fizeram com o Jorge Timmermann, acho. Lá no Rio Grande Sul, talvez em 2002, parece que eles fizeram, uma coisa assim.

D: E o Çarakura vocês fundaram quando?

N: 2007. É uma coisa que até hoje a gente recebe umas críticas às vezes; às vezes uns elogios. Eu e a Dedé, ou melhor, mais fácil, falando de mim mesmo, a gente vive como ONG, né? É interessante até viver sem fins lucrativos, é o tipo do ser sem fins lucrativos. Mas, às vezes, nem todas as pessoas que participam da ONG são sem fins lucrativos [risos]. É uma coisa interessante, mas eu sou totalmente sem fins lucrativos. E no caso, algumas leis e filosofias que regem o terceiro setor até foram muito úteis pra que eu me entendesse melhor, ou até para

aperfeiçoar meu trabalho, minha forma de colocar as coisas, mais dentro da academia, ou dentro de empresas, ou em ambientes mais do primeiro setor, questões governamentais. Porque, às vezes, você fica no autônomo, fica aquela coisa muito ampla, e essa questão do sem fins lucrativos acho que é muito fácil de entender, e você simplifica suas atividades, seleciona mais fácil os caminhos, as parcerias e resolve mais rapidamente as coisas, apesar que os próprios colegas do Instituto, às vezes, tem dificuldade de trabalhar junto mesmo. Mas é bacana essa coisa do voluntariado. O Trigueirinho trabalha muito isso. Ele estuda e aplica muito antroposofia, do Rudolf Steiner – ele já falava muito no dinheiro de compra, que era o antigo, antes da Revolução Industrial, onde você comprava sua esposa, os trabalhadores, os escravos; e que agora, depois da Revolução Industrial pra cá, é o dinheiro de troca; e que no futuro seria o dinheiro de doação, simplificando a coisa do recurso financeiro. Mas, enfim, é isso aí, é uma coisa muito futurista a doação, o voluntariado. Aquela lógica de que se todo mundo doar, não falta nada pra ninguém, e também não sobra nada, está sempre girando tudo.

D: E quando vocês fazem cursos aqui, vocês tem uma preocupação com acessibilidade das pessoas poderem fazer o curso tranquilo?

N: Sim, super. Eu lembro que eu li da Helena Blavatsky, 1840 e tal, ela já falava que pra você ter uma vida um pouco mais espiritualizada, nesse caminho da espiritualidade, você não deve vender conhecimento; acho que nem precisa se ligar em espiritualidade, mas não tem lógica nenhuma você vender conhecimento. Porque, a partir do momento que você vendeu, você estagna. O conhecimento tem que ser evolutivo; você tem que compartilhar, aí o outro compartilha, e a coisa vai, evolui muito mais do que você ficar fechado ali, essa lógica é muito retrógrada. Eu acho, né. E a galera me ouve um pouco porque eu sou bem chato [risos]. Acho que tem que cobrir custos, quando falar em curso, né. Vivência e tal dá pra brincar, pensar em celebrações, dá pra sofisticar se quiser. Agora, curso que você vai passar conhecimento, informações, aí você só cobre custo.

D: Mas você já teve alguma dificuldade com a galera da permacultura nesse sentido, né?

N: Ah, é normal, né? Eu acho normal, com o ser humano, você ter dificuldades em fazer doação, assim, simplificando. A doação na humanidade é uma coisa difícil; é uma coisa pro futuro. É por isso que tem uma lei, que é a lei do terceiro setor, que saiu agora no começo do ano, que possibilita que 2% da receita bruta de todas as empresas seja doado para ONGs, e depois descontado do imposto de renda. E aí, doa pra ONG que você achar, e a ONG vai fazer o que for preciso com essa grana. Vamo lá, galera! [risos]

D: Porque eu entendo também que tenha que ter uma fonte de renda pra gente se manter e tal.

N: Sim, e acho que essa lei aí é uma boa, e é doação! Começa aí um pouco da coisa da empresa, aquela história do “ah, mas é legal porque você pode chegar na empresa, ela vai doar pro projeto, e depois colocar a placa dela ali”. Mas o ideal seria que a empresa falasse: “Não, não quero botar minha placa lá. Eu vou te doar essa grana porque eu já vou descontar do imposto de renda. Não quero nada, não quero por meu nome lá. Não Preciso”. Puxa, aí a empresa, o empresário, avançou anos. E eu acredito que com uma boa conversa, explicando todas essas histórias, é evolução pra ele, como pessoa, como espírito, vai evoluir muito, ele vai estar doando mesmo. É uma doação que ele ainda vai descontar no imposto de renda, ou seja, não tem o que reclamar, não precisa mais do que isso.

D: Você já participou de alguma Convergência Brasileira ou Latino Americana, Internacional, de Permacultura.

N: O David veio aqui, né? Ele deu o curso de 4 dias aqui no Sítio. Aí teve toda aquela politicagem, aí teve a Marsha Hanzi, ela que resolveu, ela que chegou, mandou um fio lá pro David Holmgren, e disse “ó, tem um lugar lá que tem um espaço, que é agrícola, rural, que estão fazendo permacultura, bem simples, mas fazem, e tem um outro espaço que está concorrendo que é dentro de uma sala de aula”. E ele falou “ah, não, prefiro um lugar que dá pra fazer um estudo de caso, que dá pra comparar”. Esse outro lugar era uma sala na UFSC, aí as pessoas iam almoçar em restaurante, etc.

D: O David ficou dormindo aqui os 4 dias?

N: Não, dormiu no último dia. Aí, ele foi lá com o Jorge e com a Suzana. Eles moram aqui em Santo Antônio. Aí eles tem o sítio que é lá em Alcântara. A vida inteira eles moraram aqui perto de Florianópolis, agora esses dois últimos anos não sei mais [*comenta um pouco sobre onde eles estariam morando mas diz que faz tempo que não sabe deles*].

D: E você já foi lá no Ivy Porã?

N: Não, nunca fui. Cara, assim, é difícil eu sair daqui. Adoro ficar aqui [risos]. Quando eu saio pra um projetinho ou reunião, eu saio desagradado. Difícil. Vou assim, fui pra um projeto lá em Maranhão, uma comunidade quilombola, fui, corpo e alma, mergulho fundo. Mas, pra visitar mesmo, férias, só de 10 em 10 anos, uma semana e, mesmo assim, se tiver algum lugar pra ajudar em alguma coisa, senão, não tem graça. Mas tem um monte de colegas, de trabalhos incríveis, parceiros que a gente acompanha, e ajuda como pode, manda, e troca histórias. O pessoal lá da Arca Verde mesmo, são parceiros, vários, todos já passaram aqui, toda hora passam pra cá, pra lá, volta, fica aqui. E eu nunca consegui ir lá [...].

D: E em 2007, quando o David tava aqui no Brasil, o Bill Molison tava no Brasil também, não tava?

N: Foi. Foi quando teve essa tal da Convergência Internacional. A Convergência foi em São Paulo.

D: Você foi lá pra São Paulo?

N: Não, pô; mal eu conseguia arrumar, me preparar emocionalmente pra receber o David.

D: E como foi? Você chegou a conversar com o David?

N: Não, nada. Ele chegou dois dias antes, botou a cabeça ali na janela, a gente tava arrumando o banheiro seco, lá onde tem o tatu agora. Era ali, mas era um modelo bem inicial, um tambor enorme, mas já era um banheiro seco. Eu não ia conseguir receber ele sem um banheiro seco.

D: Aí ele veio com o Jorge aí, deu uma olhadinha.

N: É.

D: E durante os dias do curso teve tempo de vocês conversarem?

N: Ah, deu, um pouquinho.

D: Teve uma celebração do curso ou alguma coisa assim?

N: Ah, tinha, é, não muito, porque ele é bem (...), todo mundo, no fundo que é muito (...); por isso até que eles restringiram bem, não falaram pra ninguém, porque senão ia ter fila aí na porta, e coisa assim. Então pouca gente ficou sabendo, aquela coisa toda, os caras abafaram bem.

D: A Marsha tava também no curso?

N: Não, ela só resolveu o assunto, porque tava nessa coisa, 20 dias antes de começar, não sabia se ia ser aqui ou se ia ser lá, a gente não sabia se ia sair arrumando coisa, prato, essa coisa toda.

D: E você já era amigo da Marsha?

N: Não, foi uma amiga em comum, uma menina lá do Instituto também, que mora lá no Rio Vermelho, até o marido dela vem amanhã pra fazer os painéis solares. Aí, a esposa dele já tinha ido fazer um PDC com ela lá, e mandou um e-mail pra ela lá, dizendo “Ó, os caras tão aqui querendo levar o David lá pra UFSC, pra uma sala, com ar-condicionado, não sei o que”. Aí, resolveu na hora. Foi bacana. Foi um curso que ele fez em cima desse livro que ele lançou, dos 12 princípios avançados. E foi os 4 dias só sobre isso. E ele tinha recém lançado lá.

D: E como foi a dinâmica? Foi conversa o dia inteiro?

N: Não, power point; lembro que uma das coisas pelas quais eles estavam nos pressionando é porque a gente não tinha um datashow. Poxa, eles podiam chegar dizendo “você não tem nada, então vamos alugar um, vamos arrumar um lá na universidade”. Em 2007 era difícil, na época era caro pra caramba. Mesmo o aluguel era caro. A gente conseguiu um cara lá que era um fotógrafo de São Paulo que ia emprestar, mas não sei o que. Aí, no fim, alguém, não sei se foi a própria Marsha Hanzi que comentou que a gente tava com esse problema, e o David mesmo trouxe o dele, ele tinha um lá, pequeninho, trouxe, fez com o dele. E os caras fazendo maior pressão “se não tiver um datashow e um ar-condicionado” – eles queriam que pusesse um ar-condicionado em maio, que é maior frio. Aí a gente falava que ia acender a lareira, e eles falavam “não, não, se não tiver um ar-condicionado e um datashow”. Foi uma das últimas coisas que eles arrumaram pra travar.

D: Aí os quatro dias foram de power point? O David mostrando foto e falando?

N: O dia todo, a galera perguntando; mas entrava na noite, cheio de material, ficava mostrando um monte de coisas, detalhes e tal. E a galera conversando, trocando ideia. Chegava na hora do almoço que podia conversar um pouquinho, tinha uma fila de 30 querendo falar com ele. Foi legal que a mulher dele, que estava junto, ela ficava mais por fora, até a Dedé que não participou, porque ela ficou mais na cozinha, teve mais contato com ela, apesar de que a Dedé não entende muito inglês, não entende nada de inglês [risos], e a outra só falava em inglês, mas tinha sempre alguém traduzindo um pouco. E aquela velha mímica, que une os povos [risos]. Mas foi legal, essa coisa extra-institucional, acadêmica, que rola,

que o cara meio que (...), aquela coisa do campo de ressonância mesmo; ele integra a alma dele, o espírito dele, com a alma do lugar, com o espírito do lugar, das pessoas do lugar, acho que essa magia é uma coisa que acontece, que às vezes não acontece assim em um power point, em um livro, em uma palestra, é uma coisa que fica forte no lugar.

D: Vocês chegaram a fazer alguma dinâmica, uma roda, alguma coisa?

N: Ah, teve, teve várias, toda manhã, tem até umas fotos aqui no gramado.

D: Aliás isso eu ia te perguntar, tem fotos dessa vida dele pra cá?

N: Tem, várias.

D: Mas tem na Internet, essas coisas?

N: Não, até era legal, né? Porque foi uma coisa que não foi divulgada, quase que ninguém soube. Ele foi pra Brasília, não sei se a galera de lá fez alguma divulgação, e foi pra Botucatu. O mesmo curso nos 3 lugares. Botucatu, Brasília e Floripa.

D: E essas fotos que você tem são físicas? Impressas?

N: Não, são só digital.

D: Depois se puder me passar.

N: Sim, a gente precisava organizar legal. É uma ideia até da gente, no site. Agora tem a menina que tá dando esse impulso, de colocar um monte de coisa bacana que já aconteceram aqui, e pode ser bacana pra outras pessoas saberem também, aproveitarem um pouco disso. E aí teve até no final, um meio período de uns trabalhos em grupo de leitura da paisagem que foi bem bacana.

D: E depois de 2007 você participou de algum outro evento da permacultura? Alguma atividade grande?

N: Não, não. É, a gente acabou desenvolvendo em outros lugares, aqui na Serra; semana do meio ambiente lá no Maranhão, levar uns cursos de permacultura, formou umas oficinas em aldeias indígenas, aldeias quilombolas. Até isso, lá no Maranhão, foi pelo Ministério do Meio Ambiente e o foco era permacultura mesmo, levar a permacultura pros quilombos.

D: E o envolvimento da permacultura com os movimentos sociais, com o MST e essas coisas? Vocês chegaram a participar? O que você acha disso?

N: Então, eu tenho muita vontade de estar me aproximando bastante, talvez esse ano a gente consiga fazer um primeiro, um arranjo aqui num assentamento no oeste, através de um deputado que tem uns trabalhos por lá, e que a gente participou de um edital lá da Finlândia uma vez sobre “dry toilet”, e aí como a gente chegou a mandar, a gente fez um exercício – e foi aí que eu até dei um toque pro colega que a gente escreveu a proposta –, que pra mim a gente tinha chegado nas bases do que representa a permacultura, pra mim, né? E isso foi muito legal porque facilitou a minha compreensão e como eu compartilho isso de forma mais simples, mais fácil, mais rápida e mais efetiva nesses grupos onde esse tipo de conhecimento

ainda não chegou. Foi bacana que a proposta que a gente mandou foi de construir 120 banheiros secos em 3 comunidades quilombolas e 3 aldeias indígenas. A gente ia fazer uma bioconstrução, ia deixar todas as ferramentas de bioconstrução lá que a gente desenvolveu, umas ferramentas próprias para trabalhar bambu, umas facas, eixo de lâmina, e ia trabalhar o saneamento ecológico com essa técnica que a Maria Elisa desenvolveu, com aditivo, que é bem simples, e o produto dele, o substrato do banheiro seco, a gente ia desenvolver um canteiro agroflorestal. Então, pra mim, foi genial ter fechado o projeto com essas bases. E isso a gente levou pro Maranhão, levou pro Pantanal, pra Natal, pros cursos de PDC; essa base integrada de bioconstrução, saneamento, e agrofloresta, numa construçãozinha de banheiro seco que é simples, é muito especial. A gente levou aqui pro interior também em um EREB [Encontro Regional dos Estudantes de Biologia] que teve, e é muito simples, né? Em dois dias vocês coloca os 3 sistemas, você pode até colocar um telhado verde pra sofisticar a coisa, e aí você exercita as 3 técnicas básicas, dá um início, uma iniciação à bioconstrução, saneamento ecológico.

D: E vocês executaram esse projeto? Construíram os 120 banheiros secos?

N: Não, então, aí essa ONG, a instituição que estava organizando esse edital sofreu uma auditoria, lá na Finlândia, do Ministério das Finanças; levou quase um ano a auditoria. Até mandaram uns e-mails dizendo “olha, estamos ainda na auditoria, vai levar mais não sei quanto tempo”. Enfim, mas valeu pra nós, porque a gente traduziu tudo pro inglês, formou uma ideia muito bem arranjada, com valores, com técnicas, materiais, métodos, e agora teve um edital da ONU no fim do ano, de construções sustentáveis, e a gente mandou uma proposta bem mais elaborada, porque foi quatro anos atrás aquela lá, mas bem dentro dessa linha. E estamos esperando a resposta, que também é outra coisa que eu nem espero muito ser selecionado, valeu porque a gente se aproximou da FUNAI, mostrou a proposta pra FUNAI, que eram as cozinhas comunitárias com fogão eficiente, com essas bioconstruções desse “calfitice” [técnica de bioconstrução].

D: Mas quando a ONG lá saiu da auditoria aí não tinha mais a grana?

N: É, aí eles mudaram até o edital, que era pra países emergentes, até não voltaram. Até convidaram pra ir pra lá, ia ter uns seminários, congressos, mas o edital mesmo, nem sei o que houve, se voltou a ter de novo. Eu até acredito que se eles tivessem organizado algum outro a gente ia receber um convite pra participar. Mas não soubemos nada. Mas é aquelas coisas que vem mais por outros motivos, mais pra você se organizar, fazer, ver quem são as pessoas, quem são os parceiros. Nesse caso, agora a gente fez uma parceria forte com a FUNAI, eles já viram o projeto, já gostaram, a gente já está envolvendo eles em um outro projeto que já estavam encaminhando. Na semana que vem vai ter a semana de cultura indígena, da cultura guarani. E a cacique da aldeia lá de Palhoça, que morreu os cavalos, mandou um “whatsapp” pra Andrea [risos], convidando a gente pra terça-feira agora fazer uma trilha com umas pessoas da aldeia, umas pessoas de fora, por dentro da aldeia, de reconhecimento da floresta. Aí, convidou pra gente fazer uma parceria junto com um outro membro da aldeia, que não sei como vai ser, se é o cacique, se é o professor da escola... e ele vai falar de umas plantas, eu vou falar de outras plantas, a gente vai fazer uma trilha em parceria.

D: E vai ser aberto pra quem quiser chegar?

N: Eu acho que vai, não tenho certeza, mas acho que vai ser aberto. Tem uma nova política da FUNAI de começar a fazer uns turismo dentro das aldeias, que é uma coisa delicada, tem que

ser muito bem feita, e eu acho que pode ser positivo. Mas é uma coisa que pela FUNAI fica travado, né? Por Brasília, pela ONU, e de repente a cacique chama a gente e fala “Ó, vem cá aqui, e vamos fazer”. Mas vamos dizer que a gente está ali nas duas frentes, tocando o processo junto a FUNAI, que é burocrático, aquela coisa demorada pra caramba, cheio de reunião, e paralelamente depois ver outras formas – essa forma mesmo de doação das empresas. E aí, aquela coisa, de repente levantou um recurso das empresas, tem a vontade da aldeia, e o consentimento da FUNAI (a FUNAI não precisa entrar com grana nenhuma, só consentir que a gente entre e faça o trabalho), acabou. Bem mais prático. Aí fica até uma política interessante se abrir pra isso, porque vai ser legal pra todo mundo.

Entrevista com Pedro Vieira Bastos, Sítio Amoreza – Morro Redondo (24 de março de 2016)

Arquivo: Entrevista Pedro Vieira Bastos (Sítio Amoreza - 24 de março de 2016).mp3

[Entrevista realizada no Sítio Amoreza, em Morro Redondo, município próximo a Pelotas]

Djalma: Vocês estão desde quando no Amoreza?

Pedro: Faz praticamente uns 6 anos e meio que a gente adquiriu aqui, depois de morar em Pelotas, aqui perto. Ganhamos uma casa de herança da minha avó que veio a falecer, que é onde nós morávamos, vendemos a casa e começamos aqui a história. E assim que a gente conseguiu o dinheiro pra comprar aqui, e começar a viver daqui. A gente vive daqui mesmo, não tem nenhuma renda externa. É o lugar aonde a gente trabalha, a gente fala muito isso pra galera que vem aqui, porque tem muita gente que fantasia. Viver aqui é muito bom, mas viver daqui é diferente. Então, a gente ficou quase um ano aqui, sem poder comprar o terreno porque a nossa casa ia ser vendida, foi uma longa história, e aí o cara não pode comprar, nos enganou, e a gente acabou pedalando com a mulher daqui, mas a mulher queria muito que fôssemos nós que comprássemos, porque ela entendeu o projeto e sabia que a gente não ia desconfigurar o lugar onde ela viveu com a família; então ela aguentou mais um sete meses aqui, até a gente conseguir vender de novo a casa e pagar ela. Uma pessoa muito iluminada, virou nossa amiga. Então, minha mãe e meu irmão ficaram aqui quase um ano fazendo algumas obras com o dinheiro que tinha, que sobrou, a gente meio sem saber o que ia fazer. Depois de quase um ano e meio os dois só aqui – eu ainda morava em uma casa alugada em Pelotas de um companheiro meu, junto com a minha companheira –, até que depois de um ano e pouco aqui teve um carnaval, e a gente fez um evento porque os lugares parecidos com os nossos pra fora já estavam cheios, e a gente visitava muitos lugares com essas propostas. Aí, a gente abriu o sítio a 5 carnavais atrás, 2010, 2011. Fizemos o primeiro evento aqui que foi o carnaval, onde vieram 14 pessoas, e o sítio começou a ter uma marca.

D: Já chamava Sítio Amoreza?

P: Já. A minha mãe teve um sonho com o nome do sítio, segundo ela. Aí começou já a criar, no tempo do orkut, criamos um orkut para o Sítio Amoreza, e começou a ganhar alguma cara. Mas a minha mãe continuava aqui só com o meu irmão. Depois de quase dois anos aqui, eu vim pra cá com a minha companheira, e aí já tinha algumas pessoas que estavam morando aqui, o sítio tem esse caráter familiar, mas vem muita gente. Gente que já morou aqui dois anos e meio, um ano, seis meses, muitas pessoas que passam um, dois meses, dez, quinze, vinte dias, então a rotatividade é grande, ela vai muito conforme a gente queira. Se a gente quisesse teriam 5 ou 6 pessoas aqui hoje trabalhando, mas a gente também gosta de descansar um pouco até porque o verão, como eu te disse, começa lá em setembro, e até janeiro é muita gente, e isso é desgaste de energia muitas vezes pra nós, então a gente também gosta de repousar um pouco, assim como o inverno.

D: E essas pessoas chegam por quais canais?

P: Facebook principalmente, e alguns canais de sites que fazem esse intercâmbio como “Work Away” e “WWOOF”, mas basicamente é facebook. A gente tem um programa de

voluntariado, temos alguns modos de recebimento, e um deles é o voluntariado onde a gente cobra um valor bem pequeno ou muitas vezes não cobra se a pessoa não pode, onde a gente troca por trabalho a estadia, e as pessoas ficam aqui, absorvendo como que é o Sítio Amoreza, como é o dia a dia, viver em comunidade, então a gente pede no mínimo 10 dias. Quando a pessoa entra em contato ela recebe um PDF onde tem ali umas instruções básicas, e algumas perguntas pra gente entender o mundo dessa pessoa; ou muitas vezes se a gente quer receber esse perfil, porque de vez em quando tem 3 ou 4 aqui que nunca tocaram na terra, e tu não pode ter tanta gente assim senão tu não consegue dar conta. Então, isso tudo serve para selecionar um pouco, também ver como é que a gente tá, se a gente vai poder receber, e tal. Agora em abril a gente já volta a receber, começo de abril estão chegando 3 pessoas. Então, tem esse período do sítio que é a compra, depois o botar pra fora a ideia, e depois o momento da chegada de toda a família aqui, que o sítio é como um filho; na verdade ele dá mais trabalho que um filho. Todo dia, toda hora, então, realmente o sítio tomou mais forma quando a família inteira estava aqui; depois chegou meu avô também que está aqui já faz uns 2 ou 3 anos, que veio depois de se aposentar, com uma idade mais avançada, veio descansar um pouco depois de trabalhar 70 anos da vida, sempre foi um trabalhador. E também virou uma atração, né? O alpendre do vô, todo mundo vai, toma um chimarrão, ouve uma poesia. Então, o Sítio Amoreza tem esses históricos. Agora a gente tá com uma coisa muito grande aqui, um momento novo, que são os vizinhos chegando, vários projetos paralelos juntos, a gente ganhando mais a cidade, até quando a gente chegou foi um choque cultural muito grande pra cidade, até ela absorver e entender qual é o propósito, e hoje em dia a gente está trabalhando muito dentro da cidade de Morro Redondo também, um município de 8 mil habitantes, com uma cultura totalmente diferenciada da nossa.

D: Tem um centro urbano aqui em Morro Redondo?

P: É uma avenida urbana, não tem um centro, é uma avenida, reta. Uma rua asfaltada, e dentro disso tem vários centrinhos, não tem um centro, diferente de outras cidades pequenas onde tem uma praça em volta; não, aqui é uma avenida, com seus 4 quilômetros, 5 quilômetros.

D: São quantos quilômetros daqui até a cidade?

P: Daqui até a cidade são seis quilômetros e meio, é perto.

D: Quando que você entrou em contato com a permacultura?

P: Foi quando eu fui fazer um curso há uns 8 anos, 9 anos atrás aqui num sítio que tinha uma proposta parecida conosco, que até foi uma das grandes sementes do Sítio, um curso de sabonetes e pomadas, num lugar chamado “Templo das Águas”, com um permacultor bem conhecido aqui no Brasil, o Marcos Ninguém, e ele morava aqui em Pelotas, ele estudou aqui, e daí ele foi dar esse curso. Até então eu nem conhecia ele, nem permacultura. E eu tava numa fase de faculdade, de entrar na academia, e sempre tive essa questão que achava tudo errado, faculdade muito reducionista, nada amplo, nada complexo, tudo muito pequeno. E eu tava fazendo esse curso, de pomadas e sabonetes, até que um cara lá, chamado Tiaguinho – hoje é até o padrinho do meu filho –, esse cara veio com uma conversa da permacultura. Aí, ele falou um pouco, e eu pedi pra ele falar mais. Na verdade o curso de sabonetes foi mais pra eu ouvir o que era permacultura. Quem deu o curso foi o Marcos Ninguém. Esse evento também foi uma baita vivência, porque teve meio que uma chuva chegando e nós fomos para uma geodésica onde a gente plantou umas coisas, e depois nós fomos tomar banho de cachoeira pelados, com raio caindo, uma coisa sensacional, sensação nova em vários aspectos, que é

bem a permacultura, não é só uma bioconstrução em si, é toda uma ética de vida, que hoje está meio deturpada, mas ela é todo um arcabouço de vida, ela não é só uma técnica em si. E aí, aquilo tudo, renasci naquele dia. Tudo que eu dizia, tudo que eu falava (...). Aí, fui pra casa, botei no Google, e “bah, olha isso, é tudo junto! Tudo ligado! Não tem nada fragmentado”, e aí comecei. Procurei na internet, já vi que tinha um lugar aqui perto, em Bagé, o IPEP, mas que estava desativado, o Instituto de Permacultura dos Pampas, do João Rocket, que é um cara que não pude conhecer, mas ele é fantástico na técnica. Em posterior veio logo a Arca Verde, em São José dos Ausentes ainda, agora eles estão em São Chico, mas era em São José dos Ausentes, na cidade mais fria do Brasil. E eu já escrevi e-mail na hora dizendo que queria ir pra lá, precisava ir pra lá, aquela coisa que até hoje eu recebo muito, que é muito legal de ver porque eu já passei por isso, aquele deslumbre, “me aceitem por favor, eu preciso disso”. E fui pra lá, eu e meu amigo, e aí saí de lá pensando que se eles estavam na cidade mais fria do Brasil, morando numa pipa de vinho, porque que eu não posso fazer? E comecei a surtar minha família, minha mãe, meu irmão, que também já tinha essa sensibilidade, minha companheira; daí começamos a visitar esses lugares na colônia aqui, até que deu uma combinação de fatores éticos, financeiros, ideológicos para a gente poder adquirir o nosso.

D: Você fez graduação em que?

P: Não terminei nenhuma. Fiz biologia, depois fiz ecologia, terminei fazendo geoprocessamento, e ainda não terminei. Ecologia eu fiz dois anos e meio, foi o mais perto que eu cheguei de acabar. Biologia e ecologia foram na católica, e depois geoprocessamento foi na Federal. Minha companheira se formou em biologia; meu irmão nunca entrou para uma faculdade; a minha mãe era enfermeira.

D: Esse “Templo das Águas”, existe ainda?

P: Existe, mas ele está bem mudado, o casal se separou. O Marco Gottinari hoje toca um sítio bem parecido, com as mesmas propostas, em Caxias, com uma outra companheira; a Marta ficou aqui no “Templo das Águas”, onde trabalha muito mais com turismo rural, na colônia de Pelotas, a uns 30 quilômetros daqui. Na verdade, é na colônia Maciel, é um lugar lindo. Templo das águas já diz, uma cachoeira fantástica e tudo mais, mas a cola de lá era muito o Gottinari. Ele é músico, ele que era o permacultor, o agrofloresteiro. Ele saiu de lá, então, pra mim pelo menos, ele é a cola de lá. A Marta continua lá, mas eu não ouço mais muito falar, faz tempo que eu não vou lá também. Tem outros lugares na colônia de Pelotas que me serviram também de inspiração pro meu jardim, pra minha família também, então é um pouco de cada lugar que a gente foi vivenciando até montar esse sítio.

D: Você nunca chegou a ir ao IPEP então depois?

P: Não, depois até teve cursos lá, o João Rocket voltou pra lá, ele faz uns cursos, mas eu não tô muito mais na onde de curso hoje em dia, porque eu tenho sítio, então muitas vezes eu deixo de fazer um curso porque eu estou trabalhando aqui. Hoje as teorias estão muito difundidas com a internet, e lá eles tem um valor um pouco maior; então, muitas vezes eu também não tenho esse valor, e não adianta eu prefiro trazer alguém pra cá pra fazer um curso, ou vou eu estudar. Hoje em dia está muito difundido, você pode assistir um vídeo e aprender a fazer, tu pode ler, baixar um pdf, é muito fácil pra você aprender e se formar em casa. Então, não fui ainda lá, mas eu tenho que ir na verdade.

D: E você fez PDC já?

P: Fiz um PDC que teve com o Marcos Ninguém, o PDC +20 que teve em Rodeio Bonito há uns 3 anos, que foi de graça, mais do que PDC como a técnica, foi o encontro. Porque como foi de graça, veio mais de 100 pessoas de todo o Brasil, então foi uma mistura de cultura, que foi demais. Em 2015 foi em Alpestre, onde eles estão agora naquela região. Depois em 2014 teve outro, que não foi um PDC, foi um encontro que foi em Iraí, e ano passado teve em Alpestre, que é tudo na mesma região, porque eles estão com muito incentivo lá, e estão com vários projetos. O que eu fiz foi em 2013, PDC +20 em Rodeio Bonito, que foi onde teve uma entrada ao vivo do David Holmgren via skype, que foi um dos momento únicos da permacultura aqui no Rio Grande do Sul. Pô, falar com o cara assim ao vivo, estava todo mundo bobo, o Marcos também; todo mundo vendo o cara ali ao vivo. Foi um evento muito forte. Teve um cara também direto da Findhorn, na maior ecovila que tem no mundo, falando ao vivo sobre as “cidades em transição”, teve também a May West, teve vários, foi bem forte. Acabou sendo bem espiritual, uma coisa que eu até sentia meio falta de estar tanto na batalha, na prática; cheguei lá e tomei um susto porque eu nem pensava que ia curtir tanto essa outra parte. E até hoje, já recebi mais de 20 que foram pro curso, tem gente que ficou meu amigo, que vem toda hora pra cá. Bem permacultura mesmo, fazendo pontes por várias formas, não só pela técnica em si. Foi um curso de 10 dias, total 12, com uma galera dormindo junto todo dia. Foi de graça, ele pediu apenas um simbólico de 80 reais pela alimentação. É que eles tinham projeto, captaram recurso. Venderam um desenvolvimento sustentável de cidade que eles chamaram de PDC. A prefeitura bancou. Eles tem esses apoiadores, que acho que é o futuro, começar a trabalhar com essas parcerias, jogar o jogo, brincar de Robin Hood, como a gente fala. Tirar de quem tem pra dar pra quem não tem. Foi muito bem feito. Várias pessoas vindo de fora, pessoal da Arca Verde, Roberto, do bambu, do Rio de Janeiro.

D: Vocês dão curso aqui também?

P: Sim, de bioconstrução. Eu não dou curso assim, armado, vou armar um curso só pra mostrar. Eu dou curso quando vai acontecer alguma coisa mesmo, e já faço. Acho que, às vezes, isso está deturpado, uma questão minha; o pessoal faz curso de tudo. Então, quando eu vou fazer uma lavanderia ali de barro, faço uma parte, e deixo uma parte pra fazer em curso, pra disseminar, pra me ajudarem e também pra gente se sustentar. Agora eu estou fazendo aqui um banheiro novo, vestiário com 3 chuveiros. Então, eu vou fazer um curso lá em maio. De vez em quando chega a primavera onde eu vou dar uma nova cara pra horta, faço um curso de horta. De vez em quando vou manejar a agrofloresta que eu tenho ali em cima, faço um curso de agrofloresta. Um curso mais longo tipo um PDC nunca fiz, e não sinto o momento de fazer, porque eu acho que o PDC tem que estar com um design muito bem arrojado funcionando aqui, ainda vai demorar uns bons anos, eu não me sinto a vontade de fazer PDC. Já vi vários PDCs que é isso, tu mostra no slide captação de água, mas tu vai olhar não tem. Então, não adianta eu falar de energia solar se eu puxo minha água ainda por uma bomba submersa. PDC pra mim vai ser daqui uns 10 anos. Poderia fazer e ganhar e uma baita grana, mas não me sentiria bem, nem um pouco.

D: Qual é principal fonte renda de vocês aqui hoje?

P: São várias, não tem uma principal. A gente entrega alguns produtos em Pelotas; fizemos uma feira virtual, um projeto da Federal daqui, e a gente junto com os produtores daqui entrega alguns produtos pra Pelotas, num projeto onde um carro vem aqui pegar no sábado, de segunda a quinta vende pela internet, quinta chega a lista do que a gente vendeu, organizamos

tudo aqui, e sábado vem um carro às 7h da manhã, pega tudo, e entrega num centro de distribuição em Pelotas onde as pessoas vão lá pegar. Um projeto bem legal, que acaba com o maior problema da colônia que é o escoamento dos produtos. Esse ano cresceu muito a questão do turismo; foi criada aqui uma rota do turismo rural chamada Morro de Amores, aonde pega diversos empreendimentos, não sei até se você observou, a gente está com plaquinha agora, foi uma coisa que ontem chegou pra mim, eu não tinha visto ainda; vou te dizer que eu nem queria, nem sabia que eu ia, eu gostava de uma coisa mais mística, quem tem que chegar chega, mas (...), tem que jogar o jogo, é bom pra comunidade ver. Então, a gente acabou atraindo muito essa questão do público, a gente começou a trabalhar com essa visita aberta também, cobrar pelo pessoal que chega, muitas vezes a gente não sabe lidar com dinheiro, como eu disse a gente tem que virar tudo, empreendedor, administrador, pai, encanador, eletricitista; e a gente teve uma assessoria legal do SEBRAE, ano passado, onde a gente começou a cobrar a visitação. Pessoal vem pra cá final de semana, dentro de uma ética, de não trazer comida, de não cozinhar com carne, de não fazer comida fora do espaço, não deixar lixo, não usar bebida alcoólica, se quiser fumar em lugar reservados. Isso também trouxe uma renda nova, e os eventos que a gente faz, oficinas, eu por exemplo dou aula de agroecologia numa escolinha municipal aqui pelo projeto “Mais Educação”. Minha companheira sempre fez produtos: bolachinhas, pães; minha mãe também faz umas coisinhas. Esse ano minha companheira está se especializando mais em massagens. Nossa grande vontade esse ano é conseguir viver aqui, não ter que mais ir pra Pelotas pra poder viver, sobreviver. E o sítio por ele só tem uma vocação, tem um design muito bonito, a gente já tem uma marca, a gente já tem um nome conceituado em Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e regiões. Então, a gente quer começar a oferecer coisas aqui, massagens, dias para relaxar, descansar, oferecer um pacote; sei lá, trabalhar com empreendedorismo mesmo, mas aqui dentro.

D: Você vai muito pra Pelotas?

P: A gente ia uma vez por semana, aí revezava: ia eu, minha companheira. Aí, no outro ia minha mãe, meu irmão, sei lá. E agora estamos indo cada vez menos. Estamos parando de entregar as bolachinhas e pães, não tava mais compensando, o dinheiro está valendo pouco, cada vez mais. Se for botar o preço que valia a bolachinha, vai ser a 8 ou 9 reais, aí não compensa. Nossa ideia é conseguir viver daqui, nossa grande busca. O ano passado eu terminei a confecção de uma ONG chamada Instituto Surucuá, já tá tudo pronto, CNPJ, tudo, então é uma carta na manga pra se dedicar a tentar captar recurso, de poder fazer o que a gente já faz.

D: Por que você não colocou Instituto Amoreza?

P: Para não ficar ligado ao sítio, só. Uma ONG é composta por 12 pessoas, e a gente quer que o Instituto seja uma alavanca para vários projetos. Tem duas pessoas que são de Porto Alegre, e se elas quiserem fazer um projeto lá? Vai botar Amoreza vai ficar ligado sempre a gente, entendeu? Então não sei até que ponto eu vou querer que esteja sempre ligado ao Amoreza. Então Amoreza é uma ferramenta propulsora dentro do Instituto Surucuá. No caso o nome já vem dessa ideologia, Surucuá é um pássaro que a gente tem aqui, muito colorido, escondido. Então a ideia é isso: que dê cor a vida, esse é o logo: “dando cor a vida”. Que cada pessoa possa fazer ele voar. Também tem um pessoal que é do Instituto que é do Vida Simples, nesse sítio que eu tava lá, e eles podem usar o Surucuá também pra fazer. Aí, tu imagina, o cara tá no Vida Simples e vai usar o nome de Sítio Amoreza pra fazer projeto no sítio dele. Então, nesse caso pode botar Instituto Surucuá, Vida Simples, Amoreza, eu achei mais abrangente do

que fixar no sítio. É um CNPJ coletivo, para que cada um possa se apropriar, até daqui a pouco tem uma outra comunidade e a gente pode falar pra ela não fazer uma ONG porque é uma baita burocracia, mas usar e se apropriar da nossa. Pode ser uma carta na manga para muita gente.

D: E vocês tem algum trabalho em intersecção com política públicas municipais, estaduais?

P: Ano passado começou a crescer isso, muito pelo meu perfil, porque eu sou muito idealizador, gosto de projetos, gosto até de política, gosto de estar nesse meio. Então, a primeira coisa é isso. Aí, a gente começou a entrar mais na comunidade, com a questão do turismo, porque o turismo tem reunião mensal, toda primeira terça-feira do mês tem reunião do turismo. Ano passado acabou-se criando o Conselho de Turismo de Morro Redondo, que não tinha, e, por votação eu ganhei uma cadeira, então mês que vem se reúnem todas as pessoas que ganharam a cadeira, e vamos formar o conselho, ver quem vai ser o presidente, enfim. E é uma vontade minha também, trabalhar mais na comunidade. Esse ano eu comecei a levar projetos pra cidade, tipo o acroyoga que estava aqui, eu levei eles lá pra praça no final de semana, fizemos uma vivência com o pessoal, com crianças da comunidade. E porque, também, quando a gente optou por vir pra Morro Redondo, comprar o sítio aqui, isso nos deixou muito aguçados, porque aqui é uma cidade virgem culturalmente, não tem muitos vícios como tu vê numa cidade (...), é uma cidade pobre culturalmente, vamos dizer assim. Então, a gente pensou “imagina a gente no Morro, tudo é novidade”. Aqui nunca teve uma peça de teatro, nunca teve um cinema. A gente pode começar a trabalhar nesse nicho, e jogando o jogo, puxando pro nosso lado, pra um lado mais sustentável de percepção da vida. Há 6 anos atrás esse sítio era difícil vender, porque é um lugar com muito declive, não tem como plantar, tem um arroio aqui, o pessoal não dava bola pra isso. Agora, esse sítio vale 6 ou 7 vezes mais do que eu paguei, porque o pessoal começou a ver “meu deus! Qualidade de vida!”. O pessoal de Pelotas quer vir pra cá, porque aqui eu estou a 45 minutos de carro de Pelotas, que é quase tu andar no centro de uma grande cidade. Tem segurança, qualidade de vida, e isso é muito importante para valorização; isso também é uma fonte de renda para quem está na colônia, diversificar, a gente é muito escravo aqui, um município com poucas fontes de renda: uma fábrica, uma indústria, ou tu é agricultor que tem que vender seu produto a um real pra ter quem compre. Então, isso o pessoal vê agregar valor quando vê mais aqui. Então, esse ano meu objetivo é estar atuando cada vez mais dentro da cidade, da política, quem sabe um dia ser vereador, começar a jogar o jogo deles mesmo, lá dentro. Eu não descarto essas possibilidades.

D: Qual que é a área total aqui do terreno?

P: Agora são 5 hectares. Eram 8, vendemos 3.

D: Área de produção de alimentos, qual que é?

P: A gente tem 1 hectare e meio de agrofloresta, mas que nesse momento é só uma floresta devido à falta de manejo. Porque a gente romanceia muito no começo, pega uma enxada e acha que vai plantar tudo que vai comer; o trabalho aqui é todo manual, mas meu sonho é uma máquina esse ano, um trator, sonho com ele. Então, a gente começa a ver na prática que não é assim. Eu fiz 30 anos, ganhei um filho, aí vai aparecendo com dor nas costas, dor na perna, aí tu vê que tu não é de borracha. Aí, já vê que está na hora de comprar um trator porque eu não consigo carregar pedra no lombo, fazer tudo com enxada. Acho que são coisas que tu vai ganhando na prática. São coisas que só a prática e o erro te fazem ensinar. Tu vê muitas vezes

uma coisa de permacultura que é bonita, uma enxadinha, zona 1, vou fazer uma mandala, mas aí tu vê que não é assim; só, que pra tu ter um feijão tu não vai ter em uma mandala. E pra ter uma agrofloresta tu precisa de um baita manejo inicialmente. Essa é opinião minha, então são coisas que eu só vou aprendendo errando. Então, a gente tem uma área produtiva, era pra ter de 2 hectares. A gente tem 5 hectares mas a gente tem a metade de mata nativa. Também esse ano a gente tá tentando tirar do papel logo um projeto que a gente chamou de “Aventureza”, que é oferecer um dia de educação ambiental para escolas dos arredores, de educação ambiental do bioma pampa e de agroecologia; então vai ser um pacote que a gente vai vender, que é trabalhar da terra até a comida, e também do bioma pampa, que a gente não conhece e é onde a gente está inserido. A gente brinca no projeto que a criança, se você pede pra ela falar um animal com “Z” ela vai falar “zebra”, mas não vai falar “zorro”, que é o que vive aqui; se você pedir um animal com “P”, ela vai falar “panda”, não vai falar “paca”; e se tu não conhece, tu não preserva. Então, baseado nessa ideia a gente está montando um programa de educação ambiental aqui, que eu não consigo tirar do papel porque eu sou meio perfeccionista, mas o cara do SEBRAE está em cima de mim, está com tudo pronto, só que aí eu percebo que “cara, mas minha horta não tá dando, eu tive problema com água, eu não consigo produzir”, mesmo tendo tudo que tem [risos], coisas minhas, problemas meus.

D: De uma maneira mais geral, você visita outros centros de permacultura, você conhece outros grupos, tem um trânsito com a galera, como que é a relação com outras iniciativas.

P: Eu não visito muito não, muito pelo meu jeito hoje de ser, de ficar muito aqui, reservado. Tenho contato aqui no Rio Grande do Sul mais pela internet; tenho uma amizade com alguns lugares como a Arca Verde e alguns sítios que estão começando também, que é muitos até saíram com a ideia depois de visitar aqui. Acho que isso é uma falha, inclusive me ponho nessa falha, na falta de comunicação e articulação em grupo, existe um projeto que acho que é o CASA, o Conselho de Assentamentos Sustentáveis. Acho isso uma falha, mas ao mesmo tempo é difícil conciliar tudo. O dia a dia, infelizmente, pela necessidade de dinheiro, e estar correndo atrás, e muitas vezes pra sair um curso você vai gastar no mínimo 1000 reais, com comida, pra ir.

D: Mas você sente falta em ter uma articulação da permacultura a nível regional?

P: Sim, regional, nacional, com certeza. Claro, o cenário cada vez aumenta, mas muitas vezes é uma briga de ego, cada um cuidando do seu, muitas vezes também é só falta de conversa, falta de tempo, um pouquinho de tudo. É um caminho que tem que ser, da permacultura se politizar. Isso de vez em quando é meio errado, tu vê, até por isso que eu te disse, e é interessante estar mostrando isso, que aqui eu tenho uma visão bem política da história também, empreendedora, e não só uma coisa romântica, de “ah, permacultura, vamos cuidar da natureza, e viver em comunhão”. Enfim, acho que a permacultura ainda não consegue atingir o problema da sociedade, sabe? Pessoas excluídas, por dinheiro, por cor, por classe social.

D: E porque você acha que a permacultura não atinge essa galera ainda?

P: Eu acho que muito por essa falta de articulação, muitas vezes porque ela está ligada a lugares que tu tem que ter uma locomoção, tem que arcar com algum dinheiro para estar nele, e acho que isso exclui muita gente. Eu diria isso por aqui mesmo. E vejo com as instituições, formalizações, PDCs, assim como nós estamos fazendo um instituto, tentar sanar essa lacuna, poder oferecer para essas pessoas o Brasil, que a nossa cultura exclui.

D: Você acha que os cursos que são oferecidos, em geral, são caros para serem feitos? Como que você vê o cenário das contribuições?

P: Tem alguns que são bem caros, elitizados, é claro. Hoje em dia também sou um que tenho que oferecer cursos com valores, e sei também que não é fácil. Já tive várias discussões até via e-mail: “porra, tu tá cobrando isso!”. Os meus cursos acho que são os mais baratos; difícil ter cursos mais baratos que os meus. Tem, mas não com o que a gente oferece. A gente tá cobrando aqui a média de um evento a 60 reais por dia. A Páscoa agora – não é permacultura, mas é permacultura também porque envolve essa ética, porque a permacultura tem esse erro, muitas vezes “ah, curso de permacultura, bioconstrução”. Não, é curso de bioconstrução, a permacultura está na ética que você vai lidar no dia a dia, tu vai oferecer o teu valor, tu vai falar com essa pessoa quando ela chegar, isso é permacultura. Pra mim permacultura é uma ética de vida, é aquela flor que representa tudo. Curso de bioconstrução é um curso de bioconstrução. Agrofloresta é agrofloresta, permacultura rege isso. Então esse final de semana é permacultura. É cuidar de si, a gente vai cobrar 60 reais por dia, com todas as alimentações; tu é acordado na tua barraca às 8h da manhã, com um berimbau, vai dormir, comida orgânica que a gente sai pra buscar, 60 reais é quase uma alimentação, um almoço. Então eu acho que é barato. E muitas vezes tem que jogar o jogo, e isso pra mim é uma contradição, mas é difícil. Agora eu vou fazer um mini-retiro aqui, pra lidar com a ansiedade, que é um problema meu, o qual eu enfrento. Também é interessante saber lidar com essa questão do dinheiro, dinheiro tem que estar rodando, não tem que estar parado. Então eu acho que realmente tem cursos muito caros, que não precisa isso aí, mas tem muita gente que fala que é caro, mas também não sabe como é que é. Recordo uma vez que um cara – cada cara um curso novo – e ele era hippie, e eu dizia, “mas cara, até tu vende teu brinco de pena por 40 reais, isso aqui é meu trabalho”. Foi bem legal porque ele até me deu um feedback bem positivo, “pô, cara, nunca tinha visto por esse lado”. Foi bem massa. E foi legal porque ano passado eu peguei o SEBRAE aqui, que já é outra coisa, e é empreendedor, e eles diziam “tu não sabe oferecer, tu não sabe ganhar. Isso aqui é único, falando de turismo aqui na nossa região, só que tu não sabe cobrar”. Aí, é todo um trabalho de aceitação, realmente de ver como um trabalho, porque o dinheiro tem que estar rodando. Esse é o movimento dos “Novos Rurais”, que é isso de morar pra fora, mas com essa questão empreendedora, é um movimento que existe em todo o Brasil, tem gente na Europa, é um novo campesinato. É isso, morar pra fora, sem deixar as tecnologias, tanto que tem wi-fi aqui em todo sítio, tem internet, tem acesso. Isso é muito legal. Uma vez, eu trouxe uma escola aqui, Mario Quintana, pra trabalhar com barro, eles fizeram uma parede de barro, e aí tinha um professor olhando tudo, e ele disse: “vocês tem luz aqui? Como é que vocês fazem no verão? Calor, ventilador?”, e o pessoal não quer sair dessa [risos]. Nesse tempo eu tinha videogame ali, e eu levei o cara na casa, e falei “não, eu tenho Play 2, curto um monte de futebol, tenho facebook, sou uma pessoa normal, só moro pra cá”. Ele ficou rindo. O pessoal tem muito uma visão meio deturpada, ou tu tá na cidade, ou tu é o hippie que anda pelado.

D: Como você vê o envolvimento da permacultura com os movimentos sociais do campo e da cidade? Vocês tem relação com o MST, com ocupações urbanas? Você acha que está rolando uma troca?

P: Acho que o cenário mais forte da permacultura hoje, que eu tenho contato, é a permacultura urbana, dentro da cidade. A permacultura nasceu no campo, com o design de ambientes, depois foi ganhando forma com o David Holmgren, ganhando uma ética, saindo um pouco do Bill, ganhando uma ética que é o que eu estudo e absorvo hoje da permacultura, e aí ela ganha

a cidade. Se todo mundo sair da cidade e vir pro campo acaba o mundo, então eu acho que esse movimento está crescendo. Perto do que a gente faz de mal pro mundo, ainda é pouco, mas está crescendo. Aqui eu não tenho contato forte com outros movimentos sociais não; tem a permacultura, mas não com esse nome. A permacultura na verdade é o resgate dos saberes que já existem, então muitas vezes tu vai em produtores do MST que fazem várias técnicas porque são inteligentes, vivem na natureza. A permacultura nada mais é do que observar a natureza e interagir positivamente com ela. Então, muitas pessoas fazem, não sou eu que vou falar “cara, vocês fazem permacultura, deixa eu te explicar”. Muita gente faz porque é inteligente. Vai lá, faz uma fossa biodigestora porque no final colhe um adubo, dá pros porcos, etc. Na verdade, tem muita permacultura aí, e não cabe nem a nós querer dar “padrão” de permacultura, botar nome e tal. Mas ligado assim, movimentos, aqui na região, não vejo muito não, movimentos como tu citou, sem-terra, reforma agrária.

D: E o que você acha do MST?

P: Eu acho que tem os dois lados, como tudo no Brasil. Realmente tem aquelas pessoas que já tiram uma fatia para trabalhar politicamente em cima; mas eu acho que a verdadeira raiz do MST é muito positiva, porque ela vem dessa desigualdade de terras, que existe. Nada mais é o MST do que se apropriar do que foi desapropriado há muitos anos atrás, na minha opinião, né? Isso é uma coisa política, respeito a de cada um, mas se a gente for olhar o Brasil, ele foi totalmente apropriado, porque que a gente não pode se apropriar. Mas como tudo hoje em dia, a política tá pegando fogo, então é muito perigoso. Então, nesse meio acho que também se apropriam várias pessoas com outros ideais. É muito difícil, sempre tem os dois lados em tudo. Mas a raiz do MST é uma coisa que tem que lutar, com certeza. Muita terra parada, muita apropriação indevida de grandes posses, pessoas que só fazem o mal e só se beneficiam. Mas enfim, a gente tem que conseguir separar.

[Djalma explica o trabalho com permacultura urbana, com a Veracidade, e do mestrado, citando a militância pessoal pela popularização da permacultura a partir da criação de um movimento com esse objetivo]

P: Massa! É isso, né, cara? Os novos caminhos que a permacultura tá ganhando, a popularização. Olha, de 8 anos pra cá o salto dela é muito grande. Hoje em dia tu vai em palestra do SEBRAE, semana passada teve uma palestra de “alinhamento estratégico”, aí a mulher, com 50 anos, em outra escola, eu falei do meu sítio, ela perguntou qual era e eu falei “Sítio Amoreza”, não usei a palavra, falei de sustentabilidade, bioconstrução, e ela perguntou: “é permacultura?”. Eu falei que sim, e ela “Ah não, então eu já entendi”. 8 anos atrás se você falava isso era capaz de alguém te xingar, né? É tu! [risos]. Então, eu acho que é isso, o cenário está crescendo. Eu não sei como é que funciona, mas sei que o Neymar [Marcos Ninguém] está com diplomado em permacultura de dois anos. O PDC é apenas uma coisa ética, tu não pode assinar nada, é uma ética que existe entre nós, permacultores.

D: Sim. Acho que a gente tem muito a aprender também com a agroecologia, porque ela conseguiu se fixar como uma ciência, inclusive nas universidades, com curso de graduação, com apoio, com política pública.

P: Esse que é o problema da permacultura, a gente até discutia isso. Eu sou um cara bem mais reto, mais técnico. Então, a permacultura se apropria de várias coisas. Teve uma vez que eu discuti lá no Congresso de Agroecologia, no ENGA. Até eu fui convidado no CBA, eu fui dá uma palestra chamada “da margem ao centro: juventude rural”, às 8h da manhã, por causa

aqui do pessoal da EMBRAPA aqui me conheceu, e eu trabalhava muita com essa coisa dos “Novos Rurais”. Aí, eu fui falar, 8h da manhã, e a galera até 3h da manhã dançando reggae. Porra, não conseguia dormir pra estar no outro dia. E aí, no outro dia eu falei “pô galera, isso aí tá errado”. E a agroecologia é legal que é uma ciência, é isso, não tem essa coisa de ficar dançando capoeira no meio da agrofloresta, não, tem que ir lá e plantar! E aí, a permacultura acontece isso muitas vezes, e fica deturpada a questão dela. Pô, mal dormi, a galera mal dormiu, 3h de sono, quase ninguém foi da juventude pra discutir, pra formalizar esses caminhos, é muito importante. Claro, não quero deixar uma ciência de novo, reducionista, mas ter essa seriedade, ser uma ciência, que funciona, que tem começo, meio e fim, e que é sustentável, acho que isso é muito importante. Pra não ficar uma visão muito errônea, tipo “permacultura, vamos ficar de boa, no sol da manhã”, a gente vê muito disso aí, a galera confundindo. Muitas vezes até o David fala no livro dele que é um caminho que ele se preocupava, que era a religiosidade ganhar a permacultura também, a galera tomando ayuhasca e daime, e dizendo que é permacultura, isso é perigoso, eu acho. Respeito total, mas acho perigoso, tem que separar.

D: O foda é que quando uma coisa é tão ampla que tudo é ela, nada é ela.

P: Bem isso. Curso de permacultura xamânica, e de permacultura com ayuhasca. Não, espera aí pessoal [risos], a gente vai separar, vamos começar a segregar, e isso é chato. Eu já sou de outra linha, por isso que tem essa coisa do voluntariado hoje em dia de ver o perfil de pessoas, porque tem pessoas que vem aqui e sei lá, querem se alimentar da luz, estão em um outro momento, e quando você vai trabalhar a pessoa não está no ritmo porque não é um dia do meu “kim”. Aqui não é assim, aqui não dá. Quem sabe até um dia dê, mas agora não dá.

D: Todo mundo é vegetariano aqui?

P: Não. Eu não sou, minha companheira não é. Minha irmã é, minha mãe é, e meu vó não é. Mas eu tenho uma ética dentro disso. Sempre compro dos vizinhos quando eles matam bicho, compro deles, guardo uma carne pra quando vai consumir. Consumo uma ou duas vezes por mês. Gosto muito de pescar, gosto muito de carne branca. Tem açude lá em baixo, mas não consegui chegar, de tempo e financeiro, já assoreou muito, caiu muita terra da estrada, então tem que vim aí uma retro e cavar ele todo. Eu tenho problema com uma espécie invasora de rã, rã toro, que depreda tudo, uma rã africana que trouxeram pra cá pra servir de ração e alimento, só que ela se expandiu, saiu dos tanques e ela come tudo, ela não tem predador natural. E então, se eu for botar hoje em dia os alevinos ela vai comer tudo, então tem que cercar o açude matar elas todas, passar a rede, uma baita função. Dizem que é uma carne extremamente boa. É um baita bicho. Aqui o espaço é vegetariano. Oferecemos só comida vegetariana. Uma que é pra trabalhar um nicho de mercado diferente; e também pra não deixar ninguém trazer tudo que é lixo. Então o espaço é vegetariano.

D: Acho que é isso, tô satisfeito com a conversa. Mais alguma coisa que você sentiu necessidade de falar?

P: Não, qualquer coisa estou às ordens. Mas fica a vontade aí!

Entrevista com Rafaelle Mendes, Ipepa – Campo Largo (13 de abril de 2016)

Arquivo: Entrevista Rafaelle Mendes Ipepa (Campo Largo - 13 de abril de 2016).mp3

[Entrevista realizada na casa dos permacultores Rafaelle Mendes e Martin Ewert, em Campo Largo]

Djalma: A gente conversou bastante ontem de noite, o Martin contou a história do IPEPA, do BioWit, conversamos sobre várias coisas, mas eu pensei em te perguntar um pouco mais especificamente sobre o seu trabalho, seu TCC, como que você começou a se envolver com a permacultura, e como você chegou nesse seu TCC?

Rafaelle: Eu conheci a permacultura em 2006, por um amigo de Cascavel que estava vindo pra cá fazer PDC, e aí achei muito legal, e falei pra na volta, depois do PDC, ele passar por aqui de novo pra contar como foi. Na época eu morava em Curitiba. O Thiago é amigo do Luiz que fazia faculdade comigo. Aí, a gente se conheceu e ele falou que ia fazer esse tal de PDC em Campo Largo, aqui na Karin, quando ela dava PDC aqui. Aí, ele fez com o Jorge e a Suzana também. Ele contou o que era permacultura, e na época eu e o Luiz, esse meu colega de faculdade, a gente trabalhava na Secretaria Estadual de Meio Ambiente, no final de 2006. Não sei se foi no carnaval de 2007. Bom, ele voltou contando muita coisa massa, e a gente começou a ir atrás. Em 2007, como a minha melhor amiga ela é arquiteta, ela estava no último ano de faculdade. Em 2006 a gente foi no EREA [Encontro Regional dos Estudantes de Arquitetura], em Porto Alegre, e eles depredaram o colégio onde foi, foi uma coisa horrosa. Aí, na plenária final o Jopa, o Ermi, que eram da Federal e da Positivo, estavam na comissão para trazer o EREA 2007 para o Paraná, e apresentaram um vídeo mega turístico da Ilha do Mel, e eles queriam fazer lá dentro, que é uma Estação de Preservação Ecológica. Na hora que eles apresentaram aquele vídeo, eu peguei o microfone na plenária e falei “escuta, olha o que vocês fizeram nesse colégio! Vocês não vão entrar na Ilha, eu trabalho na Secretaria do Meio-Ambiente” – eu era só estagiária [risos], mas na hora eu me vali daqui – “eu vou ser a primeira pra fazer tudo que eu puder pra que esse encontro não aconteça”. Aí, passou um mês – foi aí que eu me aproximei do Jopa, porque ele me mandou um e-mail, aí me ligou: “Então, Rafa, conversei com a galera, e o Ermi mandou dizer o seguinte, que se você acha que vai dar errado, então é pra você vir ajudar a fazer dar certo” [risos]. Eu fiquei meio “assim”, mas a gente tinha muita abertura na Secretaria – acho que foi um dos melhores estágios que eu fiz –, a gente foi conversar com o secretário, fomos numa reunião que era só pra falar o que ia ser preciso de ajuda, e aí já era a reunião pra formação da COMORG, a comissão organizadora. Fiquei como diretora de comunicação, a Malu acabou pegando finanças, e beleza. Organizamos, saiu o encontro, foi em maio de 2007, pra 1300 estudantes na Ilha do Mel, e foi muito legal, porque teve oficina de bioconstrução, teve muita coisa.

D: Mas não ficou aquele caos?

R: Não porque a gente foi muito chato, e por ser uma Estação Ecológica, tinha uma série de critérios que ou a gente cumpria ou o encontro não saía. E aí, a gente foi conversar com o moradores, o pessoal do IAPE, foi muita conversa, muita reunião, mas a coisa fluiu, foi bem legal, a gente trouxe um aporte financeiro para a ilha que naquela época do ano normalmente não existe, que é começo de temporada de inverno, então não tem muito movimento, isso foi bem bacana. E aí, depois disso, continuei em contato com o Jopa e com todo mundo, e começamos a pensar a institucionalizar a permacultura no Paraná, porque não tinha nenhum

movimento. A gente sabia da Karin, mas era a única. Ela e o cara de Ponta Grossa (como é o nome dele?). Enfim, eram os únicos dois permacultores que a gente tinha notícia, e não tinha muito contato, até porque permacultura naquela época era uma coisa que de fato, era muito novo, pelo menos pra mim e pras pessoas ao meu redor. E aí, tinha que apresentar um projeto na faculdade, eu fiz, mas resolvi trancar o jornalismo, passei o projeto pra Sílvia, e ela fez esse primeiro livro, que era de vivências. Ela foi pro Sítio Curupira, pro Sítio Raízes, e pro Ivy Porã, e relatou isso no livro. Foi uma experiência bem bacana. E nesse tempo de 2008 e 2009 eu ia estudando, fazendo mini-curso quando dava, mas não via a necessidade de fazer o PDC até porque naquela época, até por ter trancado a faculdade, eu estava buscando um outro rumo; mas continuava trabalhando na Secretaria do Meio Ambiente. Em 2010 eu resolvi voltar para a universidade para finalizar o curso, então eu retomei o contato com a Suzana, a gente foi lá pro Ivy Porã, entrevistar ela e o Jorge para o livro. Porque como a ideia inicial a Sílvia já tinha desenvolvido, eu peguei um outro caminho de fazer um guia, e contar a história da permacultura, como ela tinha chego no Brasil. No final de 2007 eu já tinha entrado em contato com a Suzana, mas, na minha busca, eu não tinha achado nada praticamente sobre a história da permacultura no Brasil. Só sabia por quem ela tinha sido criada, e uma ou outra informação de como ela havia chego aqui, mas não sabia muita coisa. Então, em abril de 2007, nós fomos pra Ivy Porã, eu entrevistei o Jorge, que foi a primeira entrevista do livro, e a partir dessa entrevista com o Jorge foi que começou a clarear. Tá, então o primeiro PDC foi em 92 com a Marsha, ela que foi tradutora do Bill, em Porto Alegre. Então, os primeiros nomes, até para dar continuidade, saíram dessa primeira entrevista com o Jorge e a Suzana. E aí, começou a peregrinação de tentar contatar essa galera Marsha, Claudio Sanchotene, Sérgio Pamplona, que foi o mais fácil de contatar, foi só mandar um e-mail e ele respondeu [risos]. O Sérgio se formou com a Marsha lá na Bahia, em 98 ou 99. Aí, foi essa dificuldade de contatar, porque uns moravam no sítio, nessa época a Marsha, por exemplo, não tinha internet no Marizá, então ela ia pra Tucano uma vez por semana, e tinha 15 minutos na “lan house”, e era aquilo que ela conseguia ver, que estava lá por ordem de chegada. Aí ela respondeu. O André Soares muito tempo eu tentei, não consegui, e uns 6 meses depois que eu já tinha entregue o trabalho ele me mandou uma mensagem dizendo que tinha visto meu e-mail só naquela hora. O João Rocket também foi por e-mail a entrevista, e foi bem curioso porque ele fez questão que depois que eu tivesse montado o texto dele, ele queria aprovar, ler, e tal. Ele aprovou. O Carlos Miller também, foram dois dias de entrevista.

D: O João também estava nesse de 92?

R: O João estava no de 97, junto com o Jorge. Na mesma turma se formaram o Jorge, o André Soares, o João Rocket. A minha intenção era ir mesmo atrás de cada permacultor e entrevistar pessoalmente, mas aí é questão de custo, era graduação, não tinha bolsa, não tinha nada. E durante todo esse processo de feitiço, de dar corpo pro livro, dava pra ver que era uma coisa desconhecida. Na minha sala por exemplo, eu ouvi inúmeras das piadas mais infames, tipo “ah, espermacultura”; “olha lá a menina da espermacultura” [risos]. E toda vez que eu falava sobre o que era meu projeto, eu ouvia das pessoas: “Perma o que?”. E aí, foi tanto isso, que o nome do livro ficou sendo esse. O único intuito que eu tinha com o livro era de fato desmistificar essa coisa, mostrar que não tinha nada a ver com espermacultura, que era super legal e que não era tão difícil de entender. Então, não tinha grandes pretensões com o livro. Talvez esse seja um dos motivos de eu nunca ter levado a sério, ter feito a revisão gramatical e lançado. Até porque, eu lembro de ter comentado na banca com meus orientadores que eu já me sentia realizada, fazendo a banca, e durante aquele ano eu já havia me realizado com o processo do livro. Porque, por mais que nunca mais fosse visto, por mais que ninguém nunca mais pegasse nele, aquelas 37 professores que estudaram comigo, e aqueles 3 professores que

ficaram na banca, já sabiam o que era permacultura. E eu vejo que, de alguma, forma isso foi importante, porque desses meus colegas de faculdade, tem alguns que podem não ser permacultores, mas eles sabem o que é, eles entendem, eles acompanham. E, de fato, eu pelo menos não encontrei nada de bibliografia nesse sentido, de contar a história mesmo, de quem trouxe, quem fez, como é que foi, o que aconteceu. E o que eu notava e sabia, não só por conta da entrevista do Jorge, mas porque eu sentia um certo desconforto nas coisas que eu achava, nas poucas pistas sobre os permacultores, de que tinha rolado alguma coisa, mas não se falava o que era, se tinham brigado, ou o que. Aí, depois eu fui descobrindo como formou a Rede Brasileira de Permacultura [RBP]; a ideia era que se fizessem institutos por biomas, e tinha gente que não queria institucionalizar, que entendia que permacultura era pra pessoas e não para prédios [risos]. E gente que queria que tivesse prédio e tal. Não sei se tem um certo ou errado. Acho que os dois tem seu propósito e seu mérito. Mas o primeiro grande “racha”, que a princípio dá pra notar, foi isso. Mas tem coisas muito legais que se perderam dentro da permacultura que eu acho que não deviam se perder. O Sérgio, por exemplo, ele editou, na raça, durante algum tempo, uma revista sobre permacultura, muito legal. Uma revista autoral, brasileira, que mostrava o trabalho da galera. Eu tenho algumas fotos dela em algum lugar; mensal, que era bancada pela PAL [Permacultura América Latina], grande parte dela. Tinha anúncios também, mas era bancada pela PAL. A Suzana tem todas as edições. Era um troço muito legal, porque a internet estava começando, era começo de 2000. Era uma revista física, com foto, colorida, muito bonita. Aí, quando começou essa discussão entre criar ou não criar sede, pessoas, prédios, foi cortada a verba dessa revista, e saiu uma última edição que é quase um manifesto mesmo, de permacultura pra pessoas e não para prédios. O Sérgio deve ter, se você conseguir ir até Brasília, acho que vale. E aí, parou de se fazer. Aí, criou-se a [rede] Permear, que também hoje em dia já não existe mais; existe, mas não tem nada físico dela, não tem site, é só uma rede de pessoas. Acho que quem pode explicar melhor sobre a Permear é a Suzana mesmo, do que aconteceu, porque é que começou. E isso é uma coisa que a gente percebe muito nos movimentos de permacultura, que existe uma intenção de união, de fortalecimento, mas por algum motivo, a coisa junta e racha, falta liga. Não sei se é espiritual, não sei se é o design social da coisa que não vai bem, mas falta liga. É bem visível isso. Não só aqui, eu imagino que nos outros lugares também deve ser assim, porque mesmo que seja de longe, a gente acaba acompanhando um pouco. Aquela coisa de “vamos fazer, vamos juntar”, e aquilo começa, engrena e desmonta. Aí, cada um vai pro seu lado. Não sei explicar porque. Algumas pessoas com as quais a gente conversa dizem que é coisa do ego. Não que o ego seja ruim, mas é que, às vezes, atrapalha. Isso é uma coisa que a gente sempre fala no PDC pros alunos, porque quando a gente sai do curso, tem aquela gana de catequizar todo mundo que a gente vê pela frente, de enfiar permacultura goela abaixo, e não é assim, não tem que ser. Enquanto for assim, não vai rolar; de fato vai ficar faltando a liga pra coisa andar e fluir. E a coisa de cair na armadilha do ego mesmo, porque você sai do PDC achando que você é melhor que todo mundo, que agora você é super engajado, e se você já vinha de um engajamento, o PDC é uma injeção de ânimo, e você sai se achando superior as pessoas porque agora você sabe como salvar o planeta, e como fazer diferente. Pô, não é assim! Humildade acima de tudo; não desmerecer o conhecimento do outro. Até tive uma discussão numa conferência de educação ambiental com um cara que falava que deveria ter um professor de educação ambiental em cada escola, porque professor de português não pode falar sobre meio ambiente. Quem disse que não? Aí, entra a coisa de um dos princípios da permacultura que é “integrar”, e não “segregar”. Se o professor de português se sente empoderado de falar de meio ambiente em sala de aula, e se os alunos prestam atenção no que ele está falando, pode ser plantar o feijão em um copinho; pega na mão e traz junto e diz “olha, além do feijão no copinho, você pode fazer isso, e aquilo, e aquilo...”, dar mais ferramentas para que ele se empodere cada vez mais, e para que se democratize de fato isso,

para que deixe de ser um “Perma o que?”. E, às vezes, eu vejo que as pessoas entram em outra coisa, que também cai na discussão de ter PDC ou não ter PDC. Se a pessoa é autodidata, e é comprometida com ela mesma, com o aprendizado dela; eu entendo que o PDC é importante, para repassar conhecimento, é importante ter formação, mas não é fundamental. Dentro de uma escola dos projetos que a gente trabalha, nenhuma professora tem PDC, e tem algumas que tem muito mais engajamento do que muito permacultor que eu conheço. Nesse sentido, de ter a consciência da ética da permacultura muito mais forte, muito mais sensibilizada, e de maior acesso às crianças, porque está ali todo dia com elas, do que permacultor que faz lá seu quadrado, sua espiral de ervas.

D: É o lance do rito de passagem no PDC, né? A pessoa passa por um processo de aprendizado, de vivências, que vai inserir ela em um universo novo. Agora, eu acho foda que isso seja controlado de maneira muito burocrática, para determinadas pessoas, de uma determinada forma.

R: Olha, o que eu acho que é a premissa principal para o PDC é cumprir o que está no Syllabus. Se vai ser em módulo, se vai ser online, se vai ser em libras; ele cumprindo os passos que está no Syllabus, cumprindo todo o conteúdo que está lá, cumprindo com toda a carga prática e teórica proposta, pronto. A gente demorou muito tempo para dar PDC, fizemos muita palestra, muita semana acadêmica, mas para dar PDC mesmo, foi só em julho do ano passado. E justamente por isso, porque a gente achava que antes de sair dando curso a gente tinha que testar e ver se funcionava, quebrar a cabeça, coisas que a gente viu de perto acontecendo e que não funcionam. Às vezes, a gente vê que a galera vem fazer PDC com a ânsia de sair dando curso. Não gente, o PDC é só o “start” de todo o resto. Tem gente que vem pro PDC já com uma bagagem muito grande de mini-curso, de curso de introdução, de vivência, de oficina, mas ainda assim, na minha visão o PDC é só o “start”. Eu costumo falar que o PDC é o tapa na cara pra te acordar pra vida. E a coisa de sair dando curso depois de fazer o PDC, eu tenho um pouco de receio. O que o Jorge e a Suzana fazem eu acho muito bacana, que a gente colocou o nome de tutoria, mas não é isso. É um acompanhamento, por assim dizer. Quem faz o PDC com eles, eles ficam de olho, e não é aquela coisa “ah, nós vamos ficar stalkeando você”, não. Eles estão ali perguntando o que está fazendo, se está fazendo projeto, e, às vezes, eles nem vem atrás, porque as próprias pessoas quando começam a fazer coisas depois do PDC costumam escrever pra eles contando, a gente mesmo fez isso, e notamos que geralmente é isso que acontece. Os que vão trabalhar de fato, eles vão voltar até você. E daí, esse acompanhamento de dois anos depois do PDC, vendo que estão sendo realizados projetos., legal, tá pronto; ou vai fazer um curso de formação, que foi o nosso caso. Dois anos depois do PDC a gente foi fazer um curso de formação pra professores. Daqui 10 anos pode ser que a permacultura esteja tão democratizada que o PDC se torne uma coisa irrelevante, porque vai estar tão intrínseco dentro das pessoas que não vai precisar toda aquela coisa – que não deixa de ser uma burocracia –, talvez outras formas de PDC, PDC em libras por exemplo, por que não? Integrar ao invés de segregar. Deficiente auditivo, visual, faz PDC como?

D: [Djalma conta sobre o trabalho da Arca, em São Paulo, do amigo Rodrigo Flaire].

R: Que massa! É isso que tem que acontecer! Outra coisa que vejo que é muito falha é a comunicação. Permacultor gosta de se fechar no casulo. Como é que eu vou saber o que é que está acontecendo lá no Acre em permacultura? Na verdade, eu não sei o que está acontecendo no Acre, não faço a menor ideia, nem sei se tem permacultura lá. E, às vezes, as pessoas falam que falta informação. Claro que falta informação, mas só vai ter informação se as pessoas se

comunicarem. Às vezes, eu fico pensando, que a permacultura no Brasil é muito maior do que a gente imagina e visualiza, simplesmente porque não se registra, porque não se tem esse hábito. Talvez agora, com a coisa das mídias sociais, instagram, etc, dê uma popularizada nisso.

D: Realmente, mas aí cada um ainda tem que compor o seu mosaico. Falta um trabalho igual ao seu que junte essa história.

R: Exatamente! E aí, a gente vem conversando com pessoas de vários lugares do país sobre uma plataforma online; um aplicativo de agenda, para que unifique mesmo, onde coloque lá todos os cursos. A gente criou, e nosso grupo aqui tem tentado monitorar isso; criamos uma agenda no curso, e se tem um curso de permacultura no sul, bota lá na agenda, e vai pra toda rede por e-mail, enfim. Mas é isso, às vezes falta comunicar, porque não adianta você ir lá pro interior do Piauí fazer um curso de bioconstrução se você não contar pra ninguém de fora dali. E nisso o facebook ajudou muito; as mídias sociais nesse sentido vieram para agregar.

D: Uma coisa que eu queria te perguntar: questão de gênero na permacultura. A inserção da mulher no universo da permacultura, é uma coisa que eu tenho dificuldade.

R: Cara, a mulherada trabalha muito, muito. Eu vejo que os cursos ultimamente tem muito mais mulheres do que homens. Quando eu fiz PDC tinham mais homens. Os 3 PDCs que eu acompanhei antes de dar aula tinham mais homens. No ano passado já tinha mais meninas, nesse também; as vivências com mais meninas. E as meninas tem uma força de trabalho que às vezes cai em descrédito. Pô, se ela foi ali e se dispôs a erguer um carrinho cheio de brita, deixa ela fazer! Se ela ver que não aguenta, ela vai pedir ajuda. Isso é uma coisa que, diferente dos homens, mulher não tem vergonha de pedir ajuda quando ela precisa. Se ela não vai dar conta ela não vai pegar. E se ela pegar achando que vai dar conta e ver que não aguenta, ela vai pedir ajuda. A minha mãe sempre fala que gentileza a gente não nega. Tudo bem, mas já aconteceram algumas situação de estar em curso e de alguém dizer “não, você não faz isso”. Ei, parou, né? É permacultor, mas não seja machista, né, por favor! Porque, às vezes rola, e eu entendo que talvez não seja nem por mal, porque tem todo um contexto histórico de como foi criado. Mas é dar vez mesmo, e entender que se a “mina” foi numa vivência e se propôs a erguer um saco de terra, um carrinho de brita, deixa ela fazer.

D: E esse lance das referências? Porque tem cada vez mais mulheres fazendo os cursos, mas eu vejo que as referências, os pontos focais da permacultura, ainda são majoritariamente masculinos.

R: Mas aí, acho que é papel das permacultoras de quebrar esse ciclo. Fez PDC, saiu do PDC, vai procurar permacultora. Vai procurar quem é que está fazendo antes de você. E se descobrir uma permacultora nova, conta pra alguém, conta pro mundo isso. Porque os relatos que a gente tem são das figurinhas carimbadas: Marsha, e para as pessoas mais próximas tem a Cecília Lenzi, que é uma permacultora fantástica que pouca gente conhece; tem a própria Suzana que faz um trabalho de educação ambiental dentro da permacultura com um livro lindo pra crianças, que empodera elas dentro da permacultura; a Lucy Legan; a Mildred, que é mais da nova geração; a Sumara, arquiteta e permacultora forte também. Então, tem. Falta mesmo, e falta essas permacultoras conversarem, uma articulação. Agora a Karin Hanzhi, filha da Marsha, que voltou pro Brasil, botando a mão na massa. E dos curso que a gente faz, tem várias meninas com um puta potencial, que eu sei que daqui a 10 anos eu vou ver aquela pessoa sendo muito mais permacultora do que ela é agora.

D: Da minha parte acho que é isso, tem mais alguma coisa que você queria falar?

R: Ah, lembrei. O que eu vejo, às vezes, que eu acho muito errado, é dizer que permacultor tem que saber de tudo. Se estiver escrito em algum lugar, alguém me mostra que permacultor tem que saber de tudo. Não tem que saber de tudo! Vai ter permacultor que curte mais bioconstrução; vai ter quem curte mais ecologia cultivada; quem curte mais apicultura; quem curte espiral de ervas, e vai fazer as espirais de erva mais fantásticas do universo, mas se você pedir pra ele falar de bioconstrução, não vai saber fazer. E tudo bem! Só que eu, às vezes, eu vejo que se cria umas rixas “ai, porque fulano não entende de solos”. Eu vejo que se criam umas intrigas, umas coisas que é de ego mesmo, não tem o menor cabimento. Qual é um dos princípios éticos da permacultura? “Cuidar das pessoas”, e cuidar das pessoas não é ficar fazendo intriga e fofoca de umas pessoas pras outras.

[fazemos uma pequena pausa na gravação para Rafa lembrar a última coisa que queria falar, e começamos em um arquivo novo]

R: E pra encerrar, uma das coisas que a gente tem que bater nesse tecla cada vez mais, é do comprometimento do permacultor com a permacultura. Do comprometimento dele com os princípios, que é o “cuidado com as pessoas”, “cuidado com o planeta”, “partilha justa”; e quando eu falo de comprometimento é de repassar aquele conhecimento da forma mais lúcida possível, porque o que a gente vê e sabe, e tem relatos de pessoas que fizeram PDC onde rolava maconha solta “everyday all the time”. E isso eu tenho um pouco de receio. Que aprendizado que quem está lá vai levar, e que comprometimento o permacultor que está dando esse PDC tem com a permacultura? Quer fumar? Fuma! O problema é único e exclusivo seu, desde que isso não interfira na vida de outras pessoas. Mas dar uma aula de PDC chapado? Só não fala; apenas pare [risos]. E o que a gente percebe também que muitas vezes, principalmente por pessoas que tem grande poder de ação, e que são engajadas, ambientalistas, que permacultura é coisa de bicho grilo, que permacultura é coisa de hippie, permacultura é coisa de quem fuma maconha. Ou o que, às vezes, o que é ainda muito pior, que permacultura é coisa de quem faz de qualquer jeito. Então, ter comprometimento e fazer bem feito: a arte do bem fazer. Ter isso em mente sempre, independente do que for fazer, fazer bem feito. A arquitetura fala do “firmitas, utilitas y venustas” - que seja firme, que seja funcional e que seja bonito. Acho que é isso.

Entrevista com Thiago Ami, Escola Ayni – Guaporé (8 de março de 2016)

Arquivo: Fala Thiago Ami (Ayni) sobre a construção da escola.mp3

[a primeira transcrição é de uma gravação feita na fala de recepção aos novos voluntários da Ayni em que Thiago apresenta o projeto e fica à disposição para tirar dúvidas de todos e todas]

Thiago: Bem, se querem saber, perguntem.

[uma voluntária faz uma pergunta sobre a parceria com o Instituto Ná Lu'um, na Argentina. O volume da gravação está muito baixo de modo que se faz impossível transcrever a pergunta com exatidão]

Thiago: Então, assim, eu conheci o Tierra em Havana, em Cuba, em um encontro que eu nem sabia que iria. Sabe quando a gente vai e não sabe porque é que foi em algum lugar? Eu desci de moto do Alaska até aqui, e quando cheguei no México, uma senhora já de certa idade me disse, “ah, você quer construir sua escola com bioconstrução? Você deveria conhecer a permacultura”. Eu já tinha ouvido falar. E ela me contou que haveria um encontro daqui a 20 dias, em Havana. Então, eu desci com a moto até Costa Rica, deixei a moto, fui pra Cuba, e conheci o Tierra. E era pra conhecer ele. Eu não tava muito ligado na estrutura do IPC [*International Permaculture Convergence*], que é o encontro mundial, porque eu não estou mais para estruturas, já decidi que não quero mais. Mas foi muito importante conhecer o Tierra, e decidir que esse cara ia construir a Ayni comigo; é o meu irmão de alma. Temos uma relação comercial. A Ayni paga caro porque ele é o mestre, ele é o Pablo Picasso, ele merece. Paga bem caro. Pra que? Pra gerenciar a obra – porque é uma obra –, e para entregar um processo educativo aos bolsistas. São as duas coisas que são pagas para o Instituto Ná Lu'um entregar. Em maio acaba o contrato, é um ciclo que se encerra, daí nos começamos um outro ciclo, que é contratar provavelmente alguém parecido com o Tierra, só que brasileiro. Porque como uma parte do dinheiro acaba em maio, que é um dinheiro informal, porque é o dinheiro que eu tinha, que eu coloquei na Ayni, agora o próximo dinheiro que vier vai ser sim ou sim de outras pessoas; e as outras pessoas não vão aceitar a informalidade de eu pegar o dinheiro e dar pra alguém, e o Tierra é estrangeiro, é muito simples. Então, eu preciso contratar bioconstrutores brasileiros. Se vocês tiverem sugestões; a gente já tem contratos em vias. Nesse ponto, é muito pé no chão. Eu vi muito projeto lindo, com muito amor, mas faltava algumas coisinhas também. Então, tudo me serviu, sem julgamento algum; a Ayni, em verdade, nesse quesito ela é bem um empreendimento, sem fins lucrativos, não é para enriquecer ninguém, ela é uma associação civil sem fins lucrativos – ainda que ela tenha vários negócios para se sustentar. Na minha veia corre empreendedorismo, e hoje eu olho pra trás e vi porque que eu aprendi todas essas coisas. Porque por muitos dias eu fui para reuniões com clientes dizendo “para que que eu estou fazendo isso?”. É tão boa a sensação de dizer “agora eu sei”! Porque é uma empresa a Ayni, meche com muita coisa, muitas situações aqui. Que bom, que nada assusta! Não tenho medo, vamos lá. Então, segue, vai seguir normal a obra, dependemos de investidores com os quais estamos em namoro. A Ayni são dois milhões de reais para construção, no mínimo, não considerando móveis. Por exemplo, nós vamos ter o hotel, não considera os móveis, só a obra. A gente levantou, 350 a 400 mil, faltam um milhão e meio ainda, só que esse recurso que foi levantado é uma história tão bonita de ser contada. Eu percebi que sucesso financeiro é uma linda de uma responsabilidade, não é um mérito; não tem merecimento em ter dinheiro, tem uma responsabilidade. Então, tá tudo perfeito; maio, até lá devem chegar outros bioconstrutores, outro padrão de trabalho. E a Ayni segue mais um

ano e meio, ou dois anos de construção, a princípio. A Ayni custa 50 mil por mês, por isso eu honro vocês estarem ajudando, não tem problema vocês saberem o que é. Esses valores são alugueis, água, luz, gás, material de construção, comida para os bolsistas, e o pagamento da consultoria do Instituto Ná Lu'um. E que bom que a gente tem condições de fazer isso. Até maio termina; maio tem que vir o dinheiro de algum lugar. Vai chegar, anjos existem [risos].

[A partir daqui, Thiago conta sobre sua história pessoal e os primórdios de idealização da Ayni. Ele conta que devido a problemas familiares de violência doméstica, saiu de casa muito cedo, tendo sido expulso. Montou uma empresa com 19 anos, e ganhou muito dinheiro. Com esse dinheiro, aos 30, viajou o mundo e decidiu dar concretude a escola com a qual sempre sonhou. Conseguiu o terreno em uma parceria com o prefeito e fez o investimento inicial com as próprias economias. Ele conta sobre a pedagogia da Ayni, que se resume em uma 'forma de viver'; fala da vontade de inspirar o entorno, e fazer com que toda a cidade seja modificada pela presença da escola]

[No mesmo dia, mais tarde, uma segunda entrevista é realizada, dessa vez apenas entre Djalma e Thiago, onde perguntas mais objetivas são realizadas]

Arquivo: Entrevista Thiago Ami (Ayni).mp3

[Entrevista realizada no canteiro de obras de construção da Escola Ayni, em Guaporé. No início ele fala sobre uma palestra que dará no dia seguinte na cidade de Canela, a convite de uma amiga]

Djalma: Bom, o mais importante você já falou lá na nossa conversa inicial, deu uma visão geral. Eu queria perguntar algumas coisas mais pontuais só. Primeiro, o formato da escola Ayni juridicamente falando, é uma ONG?

Thiago: Toda organização não governamental é uma ONG. Toda associação civil que faz algo sem fins lucrativos, a definição dela, social, é uma ONG. Ser ONG não é uma ética, é um tipo de pessoa jurídica que não é governamental, e não é um restaurante para dar lucro. A Ayni é uma ONG, ainda que ela não tenha o caráter de caridade ou de social no sentido de “vamos dar algo às faixas sociais mais vulneráveis”, não é a ideia. Todo mundo está em algum tipo de demanda, ou vulnerabilidade, ou necessidade que mais ou menos nos une, dos mais ricos aos mais pobres, financeiramente.

D: Mas o que eu queria perguntar é se vocês tem um CNPJ e tudo.

T: Sim, é uma associação civil. Que se você olhar na internet, está Fundação Ayni, porque a gente ainda vai ser, porque no começo a gente ia ser uma fundação educacional, mas ficou tão complicado, porque aí pediram coisas vinculadas a educação como um projeto pedagógico, nós apresentamos, porque a Ayni tem um projeto pedagógico muito bem escrito e fundamentado, mas entrou uma burocracia. A gente fez em uma semana a associação, ainda que a gente vai seguir na ideia de fundação. Por que ser uma fundação? Para inspirar os empresários. O que significa uma fundação? Alguém colocou uma grana. Associação civil não, tem sócios, e que ninguém precisa botar nada, pode ser uma assinatura. Fundação sim, é alguém que botou algo. E a Ayni nasceu disso, foi posto uma grana, só que a gente não entrou nesse mérito agora.

D: E no caso, esse investimento inicial como você disse foi seu, né?

T: Sim, depois vieram 3 ou 4 empresário que doaram um dinheiro, bacana, né?

D: Você começou com esse lance da computação?

[Thiago conta que montou a empresa dele com 19 anos, de segurança na informação, anti-hacker, e aos 30 a vendeu, mobilizando uma boa quantia de recursos. Conta que o CNPJ foi fundado há menos de um ano, e que a prefeitura cedeu a área de 45 mil metros quadrados num contrato de cessão; depois disso, desenha na terra um rascunho do projeto idealizado]

D: E essa conversa com a prefeitura começou faz quanto tempo?

T: Novembro de 2014.

D: E eles foram entusiastas do projeto?

T: No começo não muito. É a magia, né? Não sabem porque aprovaram, mas aprovaram. Em um mundo que não fosse mágico, imagina a burocracia disso aqui? Isso aqui vale milhões, aqui tem pressão, eles queriam fazer loteamento. Sei lá, não consigo entender, mas fizeram.

D: Mas você já conhecia o prefeito?

T: Não, fazia 18 anos que eu não morava em Guaporé. Sou de Guaporé, mas eu não morava aqui. Então eu fiz uma palestra, contei da viagem, porque estava voltando. Em 2014 e 2015 a gente fez cento e poucas palestras, 8 mil pessoas foram. Foi muito bonito, foi toda uma história da Ayni. No Brasil, na Argentina. Então eu disse pro prefeito: “olha, nós vamos fazer uma escola diferente, queremos cessão de uso daquele parque lá”. Ele disse, “não entendi tua proposta, tenho medo do que tu tá dizendo, mas eu vou te apoiar”. E isso aí, não é racional de um prefeito; depois 11 vereadores votaram, unânime, foi muito bonito, todos aprovaram a lei; a igreja nos apoia, e a igreja é o segundo poder da cidade, se não é o primeiro, é um fato, não é que eu esteja de acordo ou não. Os 11 vereadores, o sistema jurídico (...).

D: E agora na eleição desse ano, se trocar a prefeitura não tem risco desse projeto retroceder?

T: Não porque é uma lei, né? Uma lei municipal, pode ter menos apoio, mas não quero estar pela política, senão a gente entra em um mundo que (...). Ainda que um dia a Ayni venha a influenciar política com técnicas de gestão. Eu morei 6 meses no Butão, aprendi muito sobre o FIB [Felicidade Interna Bruta]. FIB para mim é uma técnica de gestão de famílias, empresas, prefeitura, país, Estado, comunidade, ecoaldeia; linda.

D: Mas na questão da política, você não acha que existem pessoas e ideias mais progressistas que podem apoiar certos projetos, ou deixar de apoiá-los, e que é importante.

T: Eu acredito que a nova política, a nova educação e a nova economia, partem do novo ser humano. A nova política está dentro da gente. O que Platão definia como “a República”, e os conceitos da política são interessantes, mas Platão era Platão, quando todo mundo for um Platão, pode falar do que ele entendia da política. Eu sou até um pouco apolítico, porque tá distorcido, né?

D: Porque é uma coisa muito complicada de se lidar mas, concretamente, tem efeitos na nossa vida prática. Uma prefeitura onde alguém se dispõe a apoiar projetos como esse é uma cidade que tem muito mais chances de desenvolver outros tipos de seres humanos abertos a essas ideias. É uma coisa que se retroalimenta, o concreto e o sutil.

T: Verdade, nesse ponto sim. É, esse ponto é o paradoxo lindo de que se você pedir para qualquer um dos 11 vereadores, o que é a Ayni, eles não sabem definir. E na verdade, foram eles que aprovaram, o prefeito só mandou o projeto. É um ridículo lindo, né? Porque não está nesse esquema, está em outro. Eles tem medo, não sabem o que é isso aqui. A galera vem, olha desconfiada; sei lá, não é uma competência nossa, é um plano espiritual, a gente só serve o baile, porque houve um alinhamento, e eu assumi o alinhamento. Então, existe uma ferramenta que está a serviço disso, e as pessoas chegando, olha o que é toda essa galera! O que une todo mundo aqui, além do que nós falamos filosoficamente antes? Todo mundo soltou algo. Tu soltou pra estar aqui. Soltar algo é um esquema legal. Vai fazer 5 anos que eu não trabalho mais por mim, que eu vendi todas as minhas coisas, e isso me deu um prazo. Muito simples, eu vi que eu podia viver com pouco, porque eu não quero mais nada – me tornei milionário. E não é por ter um monte, mas por olhar e dizer que eu não quero nada. Fui um rapaz que tive carros milionários. Fui e tive, não é dizer que isso não serve, mas que fui, experimentei e vi que isso é uma ilusão. Então, é muito simples, eu tinha um apartamento lindo em Porto Alegre, tinha um carro de muitos milhares de dólares, e hoje eu ando a pé, aí dá certo a conta. O que eu não gasto com apartamento opulento, eu pago 400 reais de aluguel de um amigo, que me deixa morar ali. Essa diferença entre o apartamento caríssimo e os 400 pila de aluguel, que não pagava nem o início do condomínio, eu como. Porque daí isso me dá um tempo de vida, porque as coisas que eu tinha conquistado eu vendi, e eu posso me dedicar à Ayni integralmente por um prazo. Vai terminar essa mesada que eu mesmo me dei de me dedicar. Quando terminar, eu tenho um tesouro nas minhas mãos: pouca necessidade – não quero nada. Tudo que eu tenho está bom, já é suficiente. Eu sou agradecido a deus, ao universo, aos anjos, não preciso de mais muita coisa. Minha necessidade sendo baixa, eu sei instalar impressora, cobro 10 pila, 50 pila, instalo impressora, como 3 dias.

D: E aqui, quando terminar a construção e começarem as atividades mesmo, você vai ser uma espécie de coordenador pedagógico?

T: Por enquanto não, não pretendo estar não. Não sei o que eu vou ser, eu quero não estar a frente da Ayni. Que é um preceito da teoria geral da administração moderna, você fazer um bom administrador, ter um empreendimento que funciona sem que tu esteja. Então, eu estou criando para que ela seja fechada daqui uns 10, 20 ou 30 anos, e a curto prazo para que ela não dependa de mim, para que tenha uma equipe, uma inteligência coletiva, uma administração matricial horizontal. Pela associação, está no estatuto, os diretores são voluntários, não ganham salário. Da Ayni eu não ganho um real, só aporte na verdade. E vai ter funcionários, colaboradores, equipe, em 3 perfis: voluntários, que queiram vir aqui; quem trabalha meio turno; e quem trabalha turno integral. Só existe um salário na Ayni. Quem trabalha turno integral é o mesmo salário, pode ser a tia que limpa o banheiro; pode ser o diretor do restaurante – o mesmo salário. Só existe um outro salário, que é o meio turno.

Entrevista com Thomas Enlazador (janeiro de 2016)

[No dia 27/01/2016, entrei em contato com Thomas Enlazador por meio do aplicativo de comunicação “Telegram”, convidando-o a responder algumas perguntas relativas a vivência dele com permacultura para meu trabalho de mestrado, sobre o qual já havia falado pessoalmente com ele. No dia seguinte ele me retornou positivamente, com a mensagem transcrita abaixo]

Thomas Enlazador: Grande Djalma! Vamos sim, meu irmão! Tem muita novidade. Nós vamos fazer uma mostra latino americana de perma no final do ano, em Sampa. Estamos com a possibilidade concreta de nesse primeiro semestre fazer o primeiro PDS: Permacultura e Design Social, que é a maior demanda hoje no momento da permacultura nacional, no meu modo de ver. E muita coisa rolando, a gente também tá integrando a história da permacultura na Raiz [partido político/movimento em processo de formação], como um dos eixos principais. Então, eu tô super disposto a ajudar, como sempre. Eu acho legal. Me manda por Telegram (...). Acho que o Telegram ele é o nosso comunicador permacultural, né? [risos]. E me manda por escrito as perguntas, e aí eu vou respondendo por áudio pra ti. No máximo em uma semana eu dou conta. Eu ainda tô com uma “netzinha” só da TIM. Eu tô em Floripa agora, esse ano eu vou ficar bastante aqui nesse eixo sul-sudeste, vou estar indo menos lá pro IBC, porque eu estou com alguns projetos aqui, ativando algumas histórias, e meus filhos vieram pra cá, né. Estão morando aqui. Mas estamos em contato. Eu vou estar também fazendo curso em Sampa, vou estar fazendo curso aqui no Sul. Então, me manda por escrito as pergunta, e eu vou respondendo por áudio, com o maior prazer. Tá bom, e vamos trocando essa ideia. Conta comigo para o que precisar. Grande abraço.

TE: [Adendo de uma segunda mensagem]: Sim, meu Txai, uma coisa que eu tô precisando de uma mão tua e de outras pessoas. Eu tô fazendo uma pesquisa, sobre o que está rolando de permacultura popular no mundo. Em especial, focado nos assentamentos populares. Como por exemplo: MST, campos de refugiados; achei muito pouca coisa. Qualquer coisa é válida pra pesquisa que eu tô fazendo, que é para um mega projeto ligado a campos de refugiados de guerra. Como que a gente poderia adaptar a permacultura a essas condições. Então, se tu puder me passar links, fotos, tá? No meu e-mail mesmo, tá? Se você conseguir fazer isso o mais rápido possível assim vai ser de bom grado, mas é isso, 'tamo junto aí, e um grande abraço pra ti. Fica com Deus.

[No dia 28/01, então, enviei as seguintes perguntas pra ele:

- 1) Quando e como você começou na permacultura? Quem te apresentou?*
- 2) Quando você fez seu primeiro PDC? Quem você lembra que estava presente? O que te marcou mais?*
- 3) Depois do PDC, o que você fez?*
- 4) Hoje, qual o papel da permacultura na sua vida?*
- 5) Como você vê o panorama da permacultura no Brasil?*
- 6) Deixe quaisquer comentários ou informações que você julgar importantes para um trabalho que vai traçar o histórico e o panorama da permacultura no Brasil.*

Duas semanas depois, no dia 17/02, ele me retornou as respostas]

TE: O primeiro contato que eu tive com permacultura foi no ano de 2001, num curso de especialização que eu fiz, de melhores práticas em Ecoturismo e Educação Ambiental. Que era um curso de mais ou menos 400 horas, dentro de uma reserva no Espírito Santo, e eu tive uma aula com o Sérgio Pamplona. Foi como se fosse um curso de introdução à permacultura. Isso ano de 2001. Foi o primeiro contato que eu tive com a permacultura, e consequentemente foi o Sérgio Pamplona que me apresentou.

TE: Bom, nesse meio tempo, entre 2001 e meu primeiro PDC, que foi em 2006, eu comecei a atuar com permacultura na Casa dos Hólons, que pelo que temos notícia, foi o primeiro centro de permacultura urbana do Brasil, onde a gente começou a fazer uma série de atividades práticas de permacultura. E fui ganhando um ritmo de estar trabalhando na prática lá nesse laboratório, e vim fazer o meu primeiro PDC com a Marsha Hanzi, em 2006, quando a gente foi pra o Epicentro Marizá. Agora não tenho certeza se foi 2006 ou 2007. E logo na sequência, a gente já começou a realizar vários cursos de permacultura. A gente também fez o primeiro curso de permacultura com essa proposta de permacultura popular, que foi em 2008, lá no Ecocentro Bicho do Mato. Estávamos eu, o Marcos Ninguém, o Luiz Vieira, o Tchela, e muita gente que hoje está trabalhando com permacultura no sul da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco. E foi um sucesso. Teve mais ou menos umas 50 pessoas. A gente cobrou um valor bem legal, e começamos a mudar um pouco, a complementar o currículo, né, a grade, a ementa do PDC, que a gente considerava um pouquinho fora do contexto brasileiro, e fora dos contextos biorregionalistas. E aí, começamos a fazer essa adaptação também.

TE: Então, na realidade o PDC não mudou a minha vida, porque eu já atuava com a questão ambiental há muitos anos. Antes mesmo de conhecer a permacultura, eu já estava atuando na questão ambiental, com muitas práticas permaculturais. Então, não foi algo paradigmático, que transformou a minha vida. Aliás, particularmente, eu acho que o PDC não dá essa grande mudança de consciência, né? Esses PDCs que estão sendo dados, a maioria deles. Eu acho que PDCs que são mais holísticos, que tem uma visão de mundo um pouco mais ampla, mais integrativo, expande um pouco a permacultura. E dependendo também de quem são os instrutores, aí eu acredito que ele tem um poder transformador.

TE: Bom, hoje a permacultura inspirou bastante a gente, lá também na construção do Ecocentro Bicho do Mato, e depois nessa migração lá pro IBC, e todas as outras ativações que a gente fez ao longo dos anos. Hoje eu trabalho não só com permacultura, mas a linha que eu mais foco é o design social, que pra mim é o calo, o maior calo da permacultura no Brasil e no mundo. Pra fazer horta mandala e sanitário seco, você pega um PDF, bate a cabeça duas ou três vezes, mas faz. Fica profissional. Mas organizar uma comunidade, trabalhar o conceito de biorregionalismo, a economia, as relações, a governança, a institucionalização, a politização... aí que é o grande desafio dessas pétalas da flor da permacultura, em especial do design social.

TE: A permacultura no Brasil ela passou por vários momentos, né? Aquele momento inicial em que estava restrita a 4 institutos, depois uma segunda geração, uma terceira, uma quarta, quinta, acho que hoje já tá indo pra sexta geração de permacultores no Brasil, haja visto que a permacultura já vai fazer 25 anos, desde quando teve o primeiro PDC no Brasil. Mas, infelizmente, eu acho a permacultura no Brasil muito desarticulada, ela é um movimento ainda bastante despolitizado. Eu sou a favor da politização da permacultura. Eu acredito que a permacultura tem que estar mais presente nos processos de construção política com os movimentos sociais e ambientais. Ela deveria se pautar e se tornar política pública, a exemplo da agroecologia, né? Mas, a permacultura ainda é um movimento bastante elitizado, onde a maior parte dos permacultores no Brasil são permacultores brancos, filhos de classe média e

classe média alta, que não tem formação política, muito menos ecossocialista. E que, é um movimento que eu estou chamando de “eco-coxinhas”. Não só esse movimento da permacultura, mas esse movimento em geral, né? Permacultura, Gaia Education, as próprias ecovilas no Brasil. É uma crítica que eu faço. Acaba sendo uma alma de coxinha, só que um recheio mais sustentável. Ao invés de ser uma coxinha de frango é uma coxinha de jaca. Ótimo! Que bom que é sustentável, que bom que é ecológico. É um espaço válido. Que bom que está sendo ocupado esse espaço, e que essas pessoas estão fazendo esse movimento ligado à sustentabilidade, mas, se não houver emancipação política, e uma visão mais crítica dessa construção desse Brasil mais ecossocialista, a gente vai continuar fazendo permacultura nós pra nós mesmos.

TE: E claro, tem várias exceções. Várias não, algumas, que estão buscando levar a permacultura pros assentos do Movimento dos Sem Terra; pra produtores rurais; pro movimento mais campesino. Algumas poucas ações com o Movimento dos Sem Teto. Foi criado também – isso é importante estar citando – a UIRI, que é a Aliança Multiétnica de Permacultura, que é para trabalhar a permacultura nas aldeias indígenas. Então é isso: eu acho que a permacultura no Brasil precisa se voltar mais para os movimentos sociais e para as comunidades tradicionais, democratizar mais esses cursos, viabilizar financeiramente eles, e não transferir o custo do curso para as inscrições, e de alguma forma a gente começar a pensar numa federação ou numa Associação Brasileira de Permacultores, que represente politicamente a formação dos permacultores, o permacultor enquanto profissional da área, e que possa ter uma incidência política forte nessas instâncias legais, e na construção também de políticas nacionais e nesse lobby também em ministérios, secretarias, prefeituras, etc.

TE: Eu vejo também que, a permacultura, ela está começando a dar um salto no sentido de ser um pouco mais conhecida no Brasil. Esse ano, inclusive, a gente está para organizar uma mostra latino americana de documentários e permacultura, em São Paulo, em novembro. Eu tô pra confirmar isso. Uma parceira que eu estou fazendo com a Crisantempo, com o CASA. Eu vou dar um toque pra você. E é isso: a gente ainda tem um abismo muito grande – institutos que cobram 2.500, 3.000 reais em um PDC, se colocando como o melhor PDC do Brasil. Eu acho que a gente tem que sair um pouco dessa disputa, desse jogo de ego da permacultura. Eu acho que o momento agora é da permacultura se emancipar enquanto movimento, e trazer mais pra dentro esses permacultores antigos que não estavam muito conscientes da importância política da permacultura.

Entrevista com Tomaz Lotufo, Rede Permeiar (19 de janeiro de 2017)

[Entrevista realizada via 'Whats App' com o permacultor Tomaz Lotufo. Na primeira mensagem, o pedido foi o de contar um pouco sobre a história da rede, como se formou, e como foram os primeiros passos]

Tomaz: Bom dia! A formação da Permeiar é muito legal. Em 2002, que é bem o período que eu estou entrando na permacultura, o que acontece, é que ninguém sabe o que é permacultura. Então tem aquela pergunta, “perma o que? O que é esse troço?”. Parecia astronauta falando. É a coisa mais esquisita do mundo a palavra permacultura. Parecia uma nova seita, um novo guru. Era uma época que tinha os Institutos, e eles eram super importantes porque traziam visibilidade. E aquela coisa que a gente hoje super questiona, meio que uma 'Disneylândia' da permacultura, uma coisa impossível de ser construída por um permacultor, mas só por um instituto, na época era fundamental, porque isso ia dar visibilidade para a permacultura e quebrar esses preconceitos, e mostrar que é uma coisa séria, eficaz e transformadora. Então foi muito importante até 2002 e 2003 a existência dos Institutos.

Nesse período – eu vou misturar coisas da minha história porque fica mais fácil de falar – eu comecei a fazer uns PDCs lá em Botucatu. Eu, o Lucas, meus primos. Teve o Fórum Social Mundial, e eu encontrei o Jorge Timmermann na volta do Fórum, lá em Santa Catarina, e a gente fez um PDC em Botucatu. E eu lembro que a conversa com ele, era muito assim: “olha, legal os institutos, mas agora tem muitos permacultores se formando; tem pessoas se formando, e vai chegar o momento onde o protagonismo não deve estar mais com os institutos, mas sim nos permacultores fazendo”. E é com essa ideia que surge a Permeiar. O Jorge fazia parte da Rede Brasileira de Permacultura (RBP), que tinha um portal na internet. O provedor desse portal era a UFSC, era então um portal gratuito, e que o Jorge e o Mariani – que é outro permacultor que faz parte da Permeiar –, até hoje mantém aberto, gratuito, para as pessoas encontrarem alguma coisa de permacultura por lá. E veja, nessa época, nem tinha orkut, menos ainda facebook. Então a coisa da rede social era muito pequena. Então uma rede brasileira de permacultura acolhendo os institutos e tendo um portal, era uma coisa muito significativa, tendo em vista que talvez fosse o único meio das pessoas encontrarem esses institutos.

Bem, o Jorge fazia parte da RBP, e ele começa a ver pouco sentido em fazer parte de um instituto. Nessa época, eu, o Lucas (meu primo), Filhão... a gente estava muito em contato com o Jorge, e começou a fazer coisas com ele, ir pra Santa Catarina... O Jorge e a Suzana organizaram aquele primeiro curso de formação de professores. A gente continuou fazendo curso em Botucatu, tiveram 3 seguidos com o Jorge. A gente começou a entrar como educador... Quer dizer: eu e muitos outros permacultores começaram a se empoderar, e o Jorge foi vendo que não tinha sentido mais ser um instituto. Então juntou um monte de permacultor que estava orbitando, próximo ao trabalho do Jorge, dialogando com ele, que foi uma pessoa que acolheu muito a gente. Tinha o Sérgio Pamplona que também fazia parte da RBP, e estava nesse grupo; tinham outros permacultores do sul que também estavam se encontrando... enfim, a gente começou a juntar um grupo de permacultores e permacultoras, óbvio, a Suzana, a Edla, etc. Então fomos fazendo formação, discutindo permacultura, e no momento que o Jorge sai da RBP a gente começa a pensar “bom, agora vamos fazer uma rede de permacultores”, e a Permeiar surge nesse lugar. Foi muito legal, porque a gente teve o privilégio, lá no Sítio Beira Serra, de juntar todo mundo desse grupo, que tinha gente de Brasília, do Sul, de São Paulo... juntar no Sítio, e lá o Sérgio com a companhia dele na

época, eles sugeriram o nome Permear, e assim foi fundada a Rede. No fim, como a Rede Permear surge? Surge pelo afeto, aquilo que você já me viu falando, e que eu insisto muito: rede não se decreta, ela se costura, por confiança – confiar. Então foi um grupo que tinha muito afeto, muita vontade de um suportar o outro, de dar força, empoderar, e aí a gente tomou esse passo como uma continuidade do que estava acontecendo nos institutos, agora uma rede não de institutos, mas de permacultores.

[Peço então para ele enviar informações do funcionamento da rede e do estado atual dela, com mais dados fundacionais como datas e nomes que ele lembrar]

Tomaz: Bom, a data de fundação foi 2004.

2003 foi um ano de muitos encontros do grupo, mas a gente não estabeleceu nenhuma rede. No início de 2004 foi a fundação, se não me engano, porque eu lembro que tinha bastante manga no sítio, lembro da gente chupando manga [risos]. Uma coisa que é bem bacana, é que o Sérgio escrevia a revista da RBP, super legal, eu até tenho vários números. E ele parou de escrever pelas questões internas da rede, e nesse ano de lançamento, saiu a primeira e única revista da Permear. Uma das coisas bem fortes da proposta da Rede era manter a revista de permacultura. O grande problema é essa questão de custos, e tudo mais. Então não deu pra seguir. Outra coisa que foi legal foi a página da Permear na internet, que ia contando dos permacultores ou dos grupos, ou das estações, e vinculava aos blogs e sites. Então tinha também essa coisa de mapear e mostrar o que estava rolando. E tinha um espaço muito forte em informações práticas, uma grande biblioteca de 'faça você mesmo'. Como fazer um fogão a lenha, uma cisterna... então tinha um belo de um banco de dados. A gente conseguiu alimentar essa página por um tempo. E a gente começou a fazer encontros frequentes, acho que foram mais anuais do que semestrais. A gente se comunicava bastante, fizemos outros encontros em Santa Catarina, também lá em Brasília com o Sérgio Pamplona, com o pessoal do IPOEMA, a Marsha Hanzi entrou na Permear, o Guilherme Gaio lá do Paraguai, um cara que trabalha com bambu, o Skye com a Ivone... que tinha o Instituto de Permacultura do Cerrado e Pantanal, O Marcelo Bueno com a Cris, do IPEMA... então, nesses encontros iam chegando pessoas, parceiros e novos permeares, o que fazia a discussão ir ficando rica e interessante, com várias propostas, a gente discutia questões pedagógicas do PDC, essa questão da certificação, do diploma australiano, da página, das citações, dos caminhos a que a permacultura está levando, e sempre fazia coisas também. Sempre onde tinha o encontro a gente tentava ver o que estava acontecendo naquele território, discutir, refletir e propor intervenções aonde a gente se encontrava. Então tinha uma coisa dos encontros serem lugares aonde a gente se fortalecia para entender como fazer permacultura de fato. Eu lembro da gente lá no Gardel, no Sítio Curupira, discutindo a questão de produção de peixes, de cultivo de shimeji... cada lugar tinha uma questão que a gente trabalhava. Vinha o Itamar, do Sítio Sete Lombas, e trazia questões que ele estava curtindo e aprendendo no Yamaguichi, o Tokkou, etc. Aí o próprio Itamar organizou um curso de agrofloresta com o Ernst que foi todo mundo. Então foi um período super legal que durou alguns anos dessa maneira aquecida.

Bom a Permear rolou por muito tempo, aconteceu muita coisa, encontros... uma coisa que foi muito forte foi a formação de professores, que era uma das grandes questões; o PDC ficar mais barato, mais acessível, coisa que a gente, eu com você, com o Curare, a gente já teve muito essa discussão, e também o PDC ter uma base de conteúdos e de conceitos específica, mantendo uma qualidade... então a gente fez muitos processos de formação de professores, até o André do Curare participou de um que foi muito legal, ele pode até te contar. Também a

gente representou a Rede Permear em um congresso de agroecologia que teve em Santa Catarina, foram rolando mil coisas. Não é que a Permear terminou, mas ela deixou de se formalizar, e isso é muito interessante, porque a permacultura começou a crescer demais, e começou a ter uma demanda de um monte de gente querendo participar da Permear, e a gente sem saber o que fazer. Porque eu tenho muito isso, e a maior parte do grupo também, que é essa coisa de que uma rede se faz por afeto, ela precisa de cola, de liga. Ela tem solidez, ela trabalha bem na medida em que tem esse afeto, e afeto é olho no olho, é confiança, tudo aquilo que a gente conhece bem. E na medida em que veio uma demanda de crescimento para a Permear, ela foi perdendo o seu sentido, porque para a gente crescer teríamos que abrir mão do afeto. E aí, qual é o sentido de tudo isso? Então a gente simplesmente foi parando de falar e de se articular como Permear, e o interessante é que, via Permear, as coisas tinham muita visibilidade, e as ações de muita gente do grupo continuaram acontecendo, ações incríveis, e ficou uma coisa meio que sem divulgação, o que eu acho que é legal, porque a questão da permacultura não é divulgar. Então um monte de coisa bacana tem rolando, mas muitas vezes a gente não fica sabendo. E acho que o fato da gente parar de se posicionar como rede, fez com que muitos tivessem menos divulgação nas ações, e eu não acho isso ruim. Lógico que é importante que as pessoas saibam das ações, mas o importante é a ação propriamente dita, e a força que ela tem no local em que ela está acontecendo. A gente poderia optar de continuar com a Permear com esse intuito, de promover essas ações, mas a gente entendeu que isso não era a prioridade, a prioridade era agir. Então a gente parou de falar dela, não decretou um fim, não aconteceu uma data onde ela deixou de acontecer.

E eu acho que, sei lá, que a Permear ainda existe na verdade. Essas pessoas elas continuam se articulando, dialogando, não com aquela intensidade, mas os cursos de formação de professores ainda acontecem, ainda tem muita troca. O Gardel, que é do Sítio Curupira, ele construiu a casa dele toda de pedra, e o projeto foi da Cecília Lenzi, que hoje está no Usina e faz parte do Curare também. E o projeto foi pago por troca, então o Gardel deu um curso de shimeji em Botucatu, na parceria com o Curare, e eu ajudei na época, e a renda do curso foi pra Cecília, e esse foi o pagamento do projeto que ela fez pra ele da casa de pedra, que ficou linda, com umas abóbodas, uma coisa impressionante. Ainda tem algumas coisas que rolam. O Itamar do Sítio Sete Lombas, montou a minha página na internet, que é o 'bioarquiteto.com.br', que eu ainda preciso atualizar, está meio parada, mas na época eu usei bastante essa página. Então ainda tem uma articulação em rede, mas não formal. E eu gosto dessa situação informal, porque acho que os propósitos, muitas vezes, ganham maior solidez. A gente tem essa fragilidade com a permacultura, como ela é muito intensa, muito forte, está em rápida ascensão e crescimento, as vezes a gente pode levar ela pra lugares que talvez não sejam os mais interessantes. Eu acho que a gente tomou a decisão certa, de parar de falar de Permear, e continuar nos encontrando, trocando, com cursos que ainda rolam, alguns PDCs, e é isso. A permear está aí, mas enquanto uma estrutura invisível.

Aí pra fechar, eu podia fazer um depoimento de como foi a Permear pra mim. Deu pra gente passar nesse histórico, como foi antes, durante, e depois. Pra mim, a Permear, ela me deu propósito. Você discutir em grupo a permacultura, sentar, pensar, sonhar, ver o que cada um está fazendo, visitar as propriedades, os territórios onde ela está acontecendo, discutir o PDC, etc, ela me deu muito propósito, muita força de entendimento do que é a permacultura, o que a gente pode fazer com ela, quais são as coisas mais relevantes, qual a importância do PDC, etc. Também me ajudou muito a me formar como educador, e como alguém que hoje tenta levar um pouco pra frente essa semente que veio da Permear. Todo esse processo que eu gosto muito de fazer em alguns PDCs, de entrar como coordenador pedagógico pra depois ir saindo de campo para o grupo ir assumindo, isso vem muito da Permear, o trabalho que a Suzana e o

Jorge puxaram, essa formação de educadores. Então eu tenho gostado de fazer isso, sempre quando pinta um PDC e o pessoal me convida, primeiro eu entro, bastante atuante, bastante propositivo, e aos poucos eu vou me retirando. Serviu muito pra ter uma base de amizades incrível, então por exemplo, nesse exato momento eu estou começando a desenvolver um projeto de arquitetura em uma propriedade lá em Brasília com o Sérgio Pamplona, a gente está projetando juntos. Agora nas férias eu fiquei com a Suzana e o Jorge dois dias em Yvyaporã na propriedade deles. Ainda existe muita amizade no grupo. Logo que eu fiz o PDC, que eu fiz no IPEC, com o André Soares, um cara fantástico, um baita de um educador, eu não sabia como existir enquanto permacultor no Brasil, ainda mais que era muito recente naquela época. E a Permeiar, ela me ajudou a existir também. Isso é muito doido. Naquele período, naquela época, a gente se sentindo acolhido, com aquelas pessoas, facilitou muito o meu entendimento de existência como permacultura. E não é a toa que, hoje, o centro da minha atividade é a permacultura. Como arquiteto, como educador, a permacultura é o que me dá base.

Outra coisa foi a Convergência de permacultura que teve, e por causa dela a gente teve dois grandes momentos. Um deles que a Permeiar trabalhou muito bem, foi receber o David Holmgren. O Skye trouxe a notícia de que o David queria vir pro Brasil antes da convergência, e se a gente não conseguiria se articular para receber ele. Então tinha um custo de passagem, o custo dele no Brasil, então aproveitar pra ele fazer uma atividade de permacultura aqui. Isso, com a gente tendo uma rede, foi fundamental, porque rapidamente a gente se reuniu e organizou a passagem do David por Santa Catarina, São Paulo, Botucatu, Brasília, Bahia, e não sei se foi em algum outro território. Lá na Bahia, além da Marsha, tinha a Cinara, que é sensacional, faz tempo que eu não ouço falar dela, do IPB. Por isso que eu falo, hoje as pessoas estão fazendo um monte de coisas incríveis, mas a gente não sabe muito o que está rolando. E a gente se articulou super bem, pagamos a passagem dele, fizemos um monte de curso, muita gente participou, e foi histórico. Ele deu o curso de permacultura avançado, um curso pra permacultores atuantes, onde ele trabalhava o tema de quais são os cenários possíveis, as possibilidades que a gente pode seguir quando começar a acabar o petróleo, e os recursos energéticos. Em São Paulo eu estava bem dentro da história, e a gente levou ele pra UMAPAZ, ele deu uma palestra, que coincidiu com a época do Gaia Education que era gratuito, então aquele salão estava lotado, com umas 200 pessoas. E depois ele foi lá pro Sítio Beira Serra, em Botucatu, e deu esse curso de permacultura avançado. Aí deu em Brasília, e deu no IPB. Nessa época também veio o Bill Molison para convergência, e eu tive a honra de receber ele no restaurante do meu pai, aqui em São Paulo. Ele fez também os seus corres por aí, e a gente fez uma palestra com ele que foi sensacional. Nesse caso foi uma coisa meio que em parceria com o IPEC, e a PAL, Permacultura da América Latina. Então no evento estavam o André Soares, o Ali Sharif, etc. Foi fantástico. O David ficou hospedado na casa da Danuta, ela morava em um apartamento na Vila Madalena, e ele ficou dormindo lá, tomando café, a gente almoçava juntos, andava pela rua, ele ficava tirando foto das árvores e comentando, sempre com uma máquina, descrevendo as observações dele, e a gente acompanhando. E a Su Dennett, que é esposa dele, uma mulher fantástica. A gente fala muito do David, mas ela é fantástica. E aí fomos de carro para Botucatu, ele se maravilhando na estrada com os eucaliptos que crescem em 3 anos e lá demora 20 anos. Foi uma convivência maravilhosa. A Permeiar foi muito forte nessa época. Isso foi em 2007, se não me engano. A rede foi capaz de absorver a vinda de um cara como esse, ele ser muito bem recebido e, ao mesmo tempo, semear em muitos lugares, pra muita gente, as propostas dele. Uma coisa necessária, porque a gente sempre dá muita força pro Bill Molison, e acaba esquecendo muito do David Holmgren. Atualmente não, acho que no Brasil a gente fala muito do David. Hoje, se fosse acontecer uma história como essa, e uma chegada de alguém, a gente conseguiria se

estruturar, mesmo com essa Permeiar que não institucionalizada, por isso que eu acho que essa rede não morreu, porque o afeto, os contatos e as trocas continuaram. E logicamente, cada um da Permeiar tem muitas conexões, eu hoje tenho muita conexão com o Veracidade, o Curare, com o PermaSampa, com outros coletivos que fazem parte desse braço. Então, na verdade, será que o Curare, o Veracidade e o PermaSampa não são dessa Permeiar invisível? Isso que é o tesão do afeto, a rede está aí, ela acontece. Na hora que a gente precisar se articular, a gente consegue. Porque eu confio em você, confio no André, na Vivian, no Rafael, na Nádia, na Marjori, Pett, Gui, então, pô, a gente se articula. Será que a gente precisa decretar uma rede, ou será que a gente precisa ter esse amor no coração uns pelos outros, e a gente se ver, se olhar, e estar juntos com muito respeito e confiança?

Entrevista com Yuri Almeida, PUPA – São José dos Campos (20 de fevereiro de 2016)

Djalma: Fala pra mim, de uma maneira resumida, como que foi o seu primeiro contato com a permacultura. E primeiras lembranças

Yuri: Bom, o primeiro contato pra mim foi na faculdade, em Araraquara, foi em 2008, se eu não me engano, com o Digo e o Evandro. Eu tinha ouvido falar de algumas coisas, e o Digo trazia algumas propostas de intervenção na rua, em Araraquara. Aí, a gente passou a morar junto e fez uma horta na Av. 16, perto do SESC, no canteiro central. Eu participei um pouco, mas não me interessava tanto assim.

D: Sério que ali foi seu primeiro contato, Yuri? Que legal [risos], até eu plantei nessa horta aí. Levei umas mudas de citrus, uns negócios.

Y: 2008, 2009, né? Então, aí tinha uns livrinhos lá da galera do IPEC, da agroecologia, da bioconstrução que foi o primeiro contato. E aí, sei lá, veio o interesse, mas por questões pessoais e fases da vida, não foi além. Daí, eu voltei pra São José para coordenar a ONG, a ACEL, que é aonde está alocado o PUPA. Isso aí já terminando a faculdade. Eu estava fazendo só duas matérias à distância. Eu me formei em 2010. No final de 2009, começo de 2010 eu vim pra São José, comecei a trabalhar na ACEL. Quando eu comecei a trabalhar aqui eu tinha poucas referências de amizade mesmo. Então, por uma questão pessoal, eu comecei a buscar alguma coisa diferente pra fazer, e a permacultura ficava sempre na cabeça, e aí eu descobri o IPEMA, aqui perto de São José, em Ubatuba. E fui fazer um curso de “Permacultura e Educação”. Como eu trabalhava com educação, e me interessava um pouco pela permacultura, eu fui fazer o curso. Fiz o curso com o Skye e o Marcelo Bueno do IPEMA, no final de 2009. Um curso de 4 dias. Era um pouco de permacultura, uma introdução, e uma vivência bem espiritual. Assim, de fica na mata com o Skye, umas coisas assim, que foi bem interessante. Depois eu comecei a me interessar e vislumbrar a possibilidade de trazer isso pra vida. Na verdade, o que gerou o interesse na permacultura é a possibilidade de ação prática, na hora, dá pra começar agora. E acho que isso, aliado ao vazio, que tinha depois da faculdade de Ciências Sociais. Foi uma coisa que casou com o momento. Aí, eu fui e fiz mais 3 cursos no IPEMA: O PDC, em 2010; fiz o de bioconstrução. Ah não, foram 3 ao todo. O primeiro que já falei, PDC e bioconstrução. Depois disso eu comecei a buscar outros lugares pra fazer, pra tentar me capacitar. Comecei a ler a bibliografia do Bill Molison, do David Holmgren, e fui buscar outras possibilidades. Aí que eu fui conhecer: Morada Natural, em Minas (isso tudo em 2010), pra fazer um curso de bioconstrução também. E fui também na Morada da Floresta.

D: Essa Morada Natural fica em que lugar de Minas?

Y: Fica em Conceição do Rio Verde, perto de São Tomé das Letras.

D: É um centro de permacultura?

Y: É uma casa de dois permacultores. Um casal, que faz diversas coisas lá. Desde 2008 acho que eles estão nessa, e dão cursos lá até hoje.

D: Como que eles chamam?

Y: Marcelo Chini e Priscila Last. E foi muito legal. Esse cara manja muito de construção, o Marcelo. Esses caras tinham outro emprego, eles largaram, foram pro mato, cuidavam de umas vacas, tinham várias coisas lá. E a casa bioconstruída, né. Ele estava construindo um espaço pra receber mais gente. Imagino que hoje deva estar mais estruturado. Foi bem no começo. Bom, daí, nessa situação, eu fui fazendo vários cursos, e tentando aplicar alguma coisinha na ACEL, né? Trabalhava na coordenação da ONG, uma creche. E aí, nesse sentido, fui começando a fazer um trabalho com crianças, com horta escolar, uma coisa bem básica. E o que deu o passo até para começar a trabalhar com permacultura aqui foi a falta de oferta de espaços, e o alto custo dos cursos. Eu como estava remunerado e era coordenador da ONG, eu tinha possibilidade de horário, e de repor isso, ficar 10 dias fora, né? Passei muitos dias no IPEMA. Assim, eu fiz o curso, mas fiquei 10 dias a mais. Mesma coisa na Morada Natural, e tal.

D: Mas esses dias que você ficou a mais você contribuía? Pagava?

Y: No caso da Morada Natural eu fiquei dois dias a mais, ajudando eles a terminar uma coisa que a gente começou no curso. No IPEMA, depois do PDC, eu fiquei uns 10 dias a mais. Na verdade eu ia ficar 10 acho que fiquei uns 6 dias, porque eu fiquei doente e tiver que ir embora. Mas era pra trabalhar lá, ficar lá, e contribuía com a comida. Porque a galera comprava tudo junto e contribuía. Eu fiquei acampando lá.

D: Aí essa galera que você conheceu nos primeiros cursos no IPEMA, qual era o tipo do público? Quem eram as pessoas que faziam esses cursos?

Y: A grande maioria eram dois grupos: universitários – que tinham grana pra isso –; e pessoas que estão querendo mudar de vida. Em geral, pessoas que trabalhavam na indústria, serviço, sei lá. Levavam uma vida “comum”, e estavam de saco cheio, procurando uma alternativa pra fazer coisas diferentes. A maioria das pessoas em estágio inicial do conhecimento da permacultura, a grande maioria. Tinha uma boa parte com um primeiro contato com qualquer coisa diferente. Empresários, sei lá. Às vezes, parecia que caíam meio de paraquedas. Mas, em geral, gostavam. Acho que gostavam. Uma questão interessante é que tinha um custo meio elevado né. Na época, eu acho que o PDC eu paguei 800 contos. 800 reais.

D: Há 6 ou 7 anos atrás?

Y: É, por aí. Então, era um custo meio alto na época. Apesar que não é dos mais altos. Existem outros bem mais caros. Mas daí, era uma galera assim. E tinha até uma relação que a gente tentou depois até não reproduzir no PUPA, acho que é uma coisa que eu trouxe pra mim, é que o alto custo trazia uma relação mercadológica com o conhecimento. Então, assim, no IPEMA eu lembro de ter presenciado umas coisas de gente indo embora, um galera que caiu meio de paraquedas, indo embora porque as instalações não eram a altura, sabe? Tipo: “o colchão é muito velho”; “o quarto coletivo é muito precário”. Em todos os cursos do IPEMA teve pelo menos um caso desse. Alguém indo embora porque esperava uma instalação de hotel, sabe? Então, era um público mais elitizado em geral, com certeza. Poucas bolsas. Acho que no IPEMA rolava até uma bolsa, mas era pouca coisa.

D: Relação entre homem e mulher você tem alguma lembrança se, em geral, era equilibrado?

Y: Em geral era equilibrado, cara. Sempre tendendo a ter um pouco mais de mulheres. Eu imagino sempre um pouco mais de mulheres, assim, nas minhas memórias. Bom, aí foi isso. Na verdade, até o que motivou a dar passo além e criar o espaço de permacultura em São José, foi porque o pouco que tinha era caro. E eu acho que, no caso, o PUPA até se inseriu em um movimento novo, de lugares fazendo coisas de graça, na faixa. Foi bem o momento que deu uma explodida. Porque hoje em dia você encontra bastante mutirão, bastante coisa rolando, que quando eu comecei, não tinha. Eu, por exemplo, nunca fui num mutirão gratuito, porque quando começou a ter os mutirões gratuitos, eu já fazia os meus, né? Então, já não tinha muito tempo pra ir. Mas, na época que eu comecei a buscar, basicamente não existia. Eu fui em um só, também logo no início, com o Ricardo Bortolato, na casa dele, que era na região de Bragança Paulista. Eu não lembro o nome da cidade agora. Ele tinha uma terra lá, bem no início, e era uma vivência com uma moça que chamava Cristina Brasileira, de São Paulo. Esse foi gratuito, tipo chapéu: dá quanto pode e dividi a comida e vai comprando as coisas juntos e tal. E era pra fazer alguma coisa. Mas nesse caso, na época, era algo também que tava no gratuito, mas bem precário, no sentido de vivência, ou de passar alguma coisa realmente funcional pras pessoas. Então, eu imagino que nada funcionou do que a gente fez lá, sabe? Depois com a experiência adquirida, eu falei: “nossa, aquilo lá deve ter caído tudo”. Mas assim, o Ricardo tava bem no início também. Ele não conhecia nada, tanto que ele chamou uma galera. Hoje ele tá bem militante, né? Desde sempre, mas ele estava bem no início. E ele era bem desse perfil, de um empresário largando tudo. Foi muito legal. Lá que eu tive a ideia de fazer mutirões gratuitos igual ao dele. Já tentando aprender com os erros do mutirão de lá, de como fazer uma coisa que tivesse mais conteúdo ou fosse mais interessante. Esse mutirão foi em 2010, meio de 2010. E, bom, acho que depois disso, nessa formação de permacultura eu fiz o Gaia Education na Ecovila Terra Una, que foi a última formação mesmo, aí também com um custo mais elevado mesmo, longo.

D: Isso foi em que ano?

Y: 2011, e um módulo em 2012. Depois eu acabei não fazendo mais grandes formações. Na verdade, isso já casou com o processo do PUPA e formação foi na prática. Aprender ensinando, e esse tipo de coisa.

D: O PUPA foi fundado quando?

Y: O PUPA, com esse nome, foi fundado em fevereiro de 2012. Só que a permacultura aqui começou na ACEL antes de chamar PUPA, comigo e com o Bisqui, antes de ser um coletivo, isso em 2011, em abril, mais ou menos, que foi quando a gente começou a querer dar cursos. E também, até 2010, já tinha alguma coisa também. Eu fazia mais sozinho, pouca coisa, uma horta. Depois a gente começou, uma casinha, e esse tipo de coisa. Em 2012 fundou oficialmente, porque rolou um financiamento pra gente construir. Um financiamento privado né, do terceiro setor, via edital, com a EMBRAER, de investimento social. E aí, a gente construiu uma sede de permacultura, um espaço de permacultura em São José, e no processo a gente agregou as pessoas. Então, ao invés de contratar os pedreiros, a gente contratou um arquiteto, um pedreiro. Eu fui meio que pra me aprofundar em construção, e a gente chamou, ao invés de servente, chamou as pessoas. Abriu um programa de estágio, onde a gente dava uma grana, uma ajuda de custos, casa e comida pras pessoas, eles trabalhavam um tempo por semana, e isso funcionou com os ajudantes. E assim a gente construiu o espaço né.

D: E em fevereiro de 2012 vocês ganharam a grana do edital ou vocês terminaram de construir o espaço?

Y: A gente começou a construir. Eu recebi a notícia que eu ganhei a grana, eu tava fazendo pequenas vivências, já tava na 8ª vivência, isso em dezembro de 2011. Foi quando ganhou. Em janeiro saiu a verba, começou a construir, e a gente inaugurou o PUPA em setembro de 2012. 15 de setembro. Bom, depois tem a história própria do PUPA, que as pessoas que vieram como serventes de pedreiros nesse estágio de bioconstrução seguiram querendo tocar o espaço de permacultura, e durante a construção também a gente fez diversas vivências, foram 7 cursos gratuitos. Não, gratuitos não. Nessa época a gente cobrava em baixo custo, na média de 50 reais por dia de curso, com alimentação e hospedagem. E sempre de graça pra população local.

D: E a população local vinha pros cursos?

Y: Pouco. Vamos dizer que uma média de um ou dois por curso.

D: O público que vinha para os cursos era parecido com o público dos cursos do IPEMA que você frequentou?

Y: Se você for falar em termos socioeconômicos, não muito. Muita gente que vinha era pra apoiar o início do projeto também. Pessoas que eu conheci em tantos cursos, que queriam chegar e trazer até alguma coisa. A maioria era um público universitário nos cursos do PUPA. E com menos condição. Mas assim, ainda tinha uma boa parcela dessa galera que ia pro IPEMA também. Que eu imagino que juntava uma grana pra fazer uma coisa maior, mas estava sempre se movimentando em coisas mais baratas também.

D: E qual foi a relação do PUPA naquele primeiro momento com o mundo institucional? Vocês não tem CNPJ? Vocês decidiram usar o CNPJ da ACEL? Como foi, como é? (risos)

Y: Então, essa é uma relação que a gente ainda está construindo até hoje, mesmo com 4 anos e meio de projeto. A gente resolveu usar o CNPJ consolidado da ACEL. A gente fez um adendo pra meio-ambiente e cultura no estatuto, pra poder trabalhar com essa parte; a gente não quis abrir um novo CNPJ, no começo mais por comodismo e pela dificuldade de você institucionalizar o processo. Precisava de uma sede, e a gente usava a sede da ONG e tudo mais. Então, a gente resolveu não abrir, e como uma estratégia de inserir a permacultura em algo que já existe, e não criar um negócio novo dentro de um lugar que já existe e ficar sem comunicação. Eu acho que foi até uma estratégia de inserção da permacultura no cotidiano da ACEL, que funcionou até certo ponto, não tanto quanto a gente gostaria, porque acho que essa é uma grande dificuldade, mas acho que foi mais essa estratégia mesmo, e um pouco da facilidade de lidar com a burocracia, e um pouco de tentar inserir nos processos que já existem e não criar novas ilhas. Então, a gente resolve usar e a gente usa até hoje. O PUPA não tem CNPJ, ele é só um coletivo. Ele é uma ideia, e as pessoas que tem essa ideia. Ele está ancorado em alguns CNPJs, algumas MEIs para prestar serviço pras pessoas, e no CNPJ da ONG pra prestar recurso. E a gente pretende continuar assim. Até porque, hoje, depois de 4 anos, a gente se considera muito bem inserido dentro da entidade. Bem consolidado. Foi difícil o começo, mas hoje está bem consolidado, por isso que não faz sentido abrir outro. A gente já pode dizer que a ACEL se tornou uma ONG de permacultura, e não foi criada uma coisa nova.

D: No começo essa relação foi meio difícil? Pra galera da ONG captar essa proposta?

Y: Foi bem difícil. Só rolou por dois grandes motivos, na minha opinião: primeiro a insistência das pessoas do PUPA em fazer isso rolar. E segundo, pela interface que eu já fazia, por eu estar na coordenação da ACEL, eu consegui empurrar algumas coisas que, se eu não estivesse lá, as pessoas não teriam aceito. Então, teve que empurrar algumas coisas no começo, e hoje a gente consegue discutir, e isso virou uma pauta importante pras outras pessoas que já estavam lá.

D: E uma questão meio pessoal: quem começou a ACEL foram seus pais, né?

Y: Isso.

D: E como se deu e como se dá esse vínculo familiar? Foi um fator importante pra permacultura vingar dentro da ONG.

Y: Sim. Nessa questão foi bem importante.

D: Se alguém de fora chegasse, que não fosse o filho (...).

Y: Não ia ter rolado. Acho que chegou num ponto crítico que, se eu não fosse filho, se eu fosse só o diretor, eu seria demitido, entendeu? Não dava pra me demitir, então teve que conviver. Porque não teria rolado, com pessoas só chegando. Isso eu tenho certeza absoluta. Impossível, não existia abertura. Mas foi um processo pessoal, que casou com um processo familiar, um momento em que meus pais voltaram a me dar confiança, né? Porque quando você é um universitário revoltado, você tem pouca confiança dos pais. E como eu já trabalhava ali, enfim, eles olharam e falaram: “ah, tá, o Yuri tá querendo realmente trabalhar, não é só (...)”. Porque, pras pessoas, parece bagunça. “ah, mas é horizontal, quem que é o chefe?”. Então, parece que é só uma bagunça, uma brincadeira. Essa interface ajudou. Eles confiaram em mim primeiro. E hoje eles confiam. E não é só eles, tem outros diretores, outras pessoas confiam no projeto e não na pessoa.

D: Agora, olhando pra 2012, como você resumiria o objetivo principal de fundar um centro de permacultura no Bairro dos Freitas? O que vocês queriam fazer?

Y: Assim, o Bairro dos Freitas é um bairro rural, em transição para uma periferia urbana. Então, ele convive com um pouco de rural, um pouco de periferia urbana. Eu acho que qualquer ambiente é propício para permacultura, mas esse é um ambiente de transformação, de movimento. Então, as pessoas aqui, elas mesmas fazem as próprias casas. Não tem arquiteto e tal. Muita gente ainda mantém uma horta, alguma coisa. Então, eu achava isso bem propício pra situação do bairro, sabe? E bem carente de políticas públicas. Então, a galera tem que se virar. Isso é uma demanda. A permacultura é uma demanda pronta, não é a galera que tá consolidada e com uma vida que acha que é boa. Ela tá lá, correndo atrás de algumas coisas, e ela achava que aquilo lá era uma potencialidade. Então, eu achava que casava muito bem um espaço de permacultura. E o objetivo inicial era influenciar localmente, de forma indireta – existindo de forma diferente, influenciar as pessoas. Através de cursos gratuitos para a comunidade, influenciar o cotidiano das pessoas através de uma existência diferente, num ponto que era uma das únicas referências do bairro. Assim, referência social: uma creche com 210 famílias, 210 crianças, com atendimento médico, de dentista. Já existia toda uma série de serviços na entidade. E a gente queria agregar. Olha, as pessoas vão lá, então, que elas convivam num lugar diferente, com uma proposta diferente de construção;

com uma proposta diferente de saneamento, não tem esgoto no bairro. Então, o saneamento foi uma das primeiras coisas que a gente fez. Era mais inserir novas possibilidades dentro da entidade. Começou com esse objetivo bem específico, e hoje eu acho que já ampliou um pouco. Além desse objetivo que permanece – na verdade esse objetivo parecia pequeno, mas a gente viu que ela era muito maior, a gente foi atingindo outros objetivos –, a gente começou a expandir como uma referência regional. Pessoas vindo, arquitetos, uma galera de tudo quanto é tipo chegando aqui pra ver muito mais do que a galera do bairro. Então, a gente se tornou uma referência pra cidade, lá no centro da cidade, né? E talvez, pro Vale do Paraíba e pra região, muito antes de se tornar uma referência pro bairro. Que é o que a gente tá buscando. Na verdade, atualmente, esse objetivo ele está renovado. É o que a gente quer. A gente tá meio de boa de expansão pra além dos limites, a gente tá bem focado no bairro. A gente tá retomando o objetivo, com mais estrutura. As pessoas já conhecem a gente. A desconfiança já está menor no bairro. Então, acho que o objetivo que começou é o objetivo atual. Mas, nesse meio do caminho, teve uma hora que a gente focou no: “Ah, mas se a galera do bairro não tá muito a fim, não vamos ficar chateados, vamos focar na referência regional, vamos seguir, vamos trazer gente, vamos pra frente, que uma hora isso acontece”. E acho que agora chegou a hora de novo.

D: Massa. Então, agora umas perguntas mais gerais. Você quer agregar mais alguma coisa sobre seu trabalho?

Y: Com relação ao PUPA, acho que a gente amplia também um pouco do conceito da permacultura, pra além de técnicas sustentáveis. Então, é uma forma de produzir cultura. Hoje, um dos grandes focos que a gente tem, um dos grandes dispêndios de energia talvez hoje, é um espaço cultural, no sentido de cultura popular. Maracatu, rabeca, viola, violão. Então, é uma das principais frentes. E aí, isso acontecendo em uma construção, pensada, num espaço bioconstruído. Num lugar com o design pensado e tal. Então, a gente tá expandindo o conceito da permacultura como uma forma de cultura em geral. Produção de cultura, produção de modo de vida. Produção de formas de estar no mundo. Acho que é isso. A gente não fica naqueles “ah, mas o que vocês fazem?”, e tal. A gente faz de tudo na verdade. Porque a gente tem a ideia bem ampla da permacultura, de que ela pode ser qualquer coisa, assim, tudo o que diz respeito ao ser humano, diz respeito a permacultura. Então, a gente tá sempre em muitas frentes. Acho que é mais isso. Talvez alguns lugares se limitem mais as técnicas e tal, e sejam referência mais nesse sentido, mas aqui a gente dialoga muito com outros pontos. A maioria das pessoas do PUPA não tem o PDC. Agora a Desirrê foi a segunda que fez, só eu tinha feito. A gente tá há quatro anos, e só eu tinha feito um PDC. Agora a Desirrê fez, e é por isso que a gente vai fazer um aqui. Então, somos em 20, esses outros 18 não fizeram, absorvem o conceito, mas trazem outros elementos; do RAP, da cultura popular, da capoeira. Então a gente mistura bem.

D: Posso fazer umas perguntas mais gerais? A permacultura está há pelo menos 25 anos circulando pelo Brasil, se a gente considerar a vinda do Bill Molison para cá em 92, sendo que já tinham outros grupos que tinham trazido o conceito antes. Mas vamos fazer essa conta dos 25 anos. Você acha que, nesse tempo, a permacultura se enraizou na população, ela se difundiu? Qual é o estado atual da permacultura com a população brasileira? Qual é a relação com o povo?

Y: Olha, eu vejo como nesses 25 anos, esse dado que você trás, na minha experiência curta, que é de 2008; eu vejo uma expansão do conceito, muita gente hoje entende o que é esse conceito, e em 2009, 2010, eu não conhecia ninguém em São José que soubesse o que era.

Toda conversa eu tinha que explicar. Hoje tem muita gente que conhece. Então, acho que ela está atingindo, talvez, pelas mídias sociais também, está se popularizando o conceito. Esse avanço deu pra perceber. E na minha visão, na região aqui do estado de São Paulo, sul de Minas, o número de espaços que se propõem permaculturais, ou de projetos que trabalham com permacultura, eu não sei se foi aos poucos que eu fui conhecendo, mas me parece que aumentou muito. Tanto que quando eu comecei, tinham poucas ideias de lugares pra ir, e eu fui em tudo que dava na época. Eu fui pra todos os lugares que eu descobri na internet. Hoje em dia já tem diversos lugares. Igual você falou do Marco Aurélio, por exemplo, tá certo que ele é “das antigas”, mas ele tá aqui e eu não conheço. Mas tem diversas iniciativas aqui na região que eu não conheço, porque já tem bastante coisa. E eu vi um aumento no interesse das pessoas da cidade grande. Então, eu acho que ela vem num processo de expansão do conceito, popularizando o conceito, as pessoas entendendo o que é e buscando mais, se interessando. E eu vejo na questão do PUPA, cada vez aumenta o número de procura, isso também se deve, obviamente, porque cada vez o projeto cresce, fica mais conhecido, e as pessoas procuram. Mas eu vejo que muita gente hoje já vem sabendo o que é permacultura. Antes as pessoas procuravam porque viam o telhado verde. Eu acho então que tem esse movimento de expansão. Antes de 2009 eu não vivenciei.

D: Mas você acha que essas pessoas que estão procurando a permacultura são um público específico? Tem um recorte de classe ou é a população em geral?

Y: Eu penso num recorte de classe. Classe média, classe alta, como predominante, pelo menos o que chega pra mim. Mas isso acaba reverberando em outras coisa também. Mas o massivo do que eu tenho contato é de classe média pra cima.

D: E esses grupos de permacultura que você falou que estão surgindo, são vários e tal. Você acha que eles conversam entre si? Como que é a relação dos grupos, dos coletivos, entre eles?

Y: Eu acho interessante. Eu acho que, em geral, esses grupos, os que eu tenho contato, tem uma tendência a querer conversar. Mas eu acho que falta articulação em geral. A gente consegue conversar com a Veracidade, agora com o Curare. Mas, de aprofundamento de relação, eu acho que é pouca conversa. Acho que é um ponto que poderia ser investido. Por experiência própria, a gente tem dificuldade de conversar porque, quando você tá no início (eu considero que esses 4 anos e poucos que a gente tá é o início ainda), você tem muita demanda. E aí, você fica com dificuldade de largar um pouco o projeto para expandir. E ainda mais aqui, que foi custoso a gente abrir o espaço. Eu vejo que hoje a gente tá muito mais estruturado pra isso, mas eu não vejo que as pessoas não querem conversar. Eu acho só que a gente teve essa postura de não querer tanta conversa, porque não tinha tempo pra fazer. Você quer [conversar], mas não consegue viabilizar tanto as trocas quanto gostaria pela demanda de trabalho. E principalmente porque a maioria das coisas que a gente faz é voluntária. Então, a gente tem que desfocar um pouco, tem que ter outros empregos, a galera tem isso. Se a gente conseguisse viver da permacultura (eu consigo hoje), se a maior parte do nosso grupo conseguisse hoje, teria muito mais raio de ação pra fazer isso. Só que, realmente, é uma parte que falta. Eu acho que isso talvez esteja atrelado a uma crise de como sobreviver financeiramente trabalhando com permacultura.

D: E você acha que faz falta uma rede brasileira de permacultura? Um organismo, uma associação, um encontro. Algo que oficialize esse contato dos grupos? Ou não?

Y: Eu acho que é uma ideia. Uma rede que concentre os contatos, que você possa achar as pessoas de forma mais fácil. Agora, institucionalizar um encontro, depende. Eu vejo como importante até certo ponto. Eu acho que isso precisa ser pra fomentar encontros das pessoas, [mais] do que coordenar processos. Acho que se você cria uma rede para coordenar processos, acho que a gente acaba burocratizando e atrapalhando. Tem que ter esse equilíbrio. Qual é o papel de uma rede dessa? Com certeza é importante, porque os encontros são essenciais, as trocas são essenciais. Mas acho que tem um limite do poder desse grupo. Acho que ele deve só proporcionar encontros. Não sei se é essa a pergunta. Eu acho importante que ele proporcione esses encontros, que ele não vá pra coordenar nada. Eu acho que a permacultura ela tem que ser bem descentralizada, nesse sentido. Mas aí, a ideia da rede pras pessoas estarem criando colaborações espontâneas. Acho que não cabe uma agenda, mas é uma coisa pra se pensar. Isso pode ser um pouco complicado: você ter uma coordenação da associação dos permacultores, alguma coisa assim, além de proporcionar encontros e esses encontros e gerarem colaborações pontuais ou não, ou duradouras, mas talvez algo que coordene seja um pouco fora do movimento do que eu acredito. Sei lá, não gostaria de me vincular a alguma coisa que coordenasse o nosso projeto, e que quebrasse um pouco essa espontaneidade. Por outro lado, tem a desmobilização. Então, tem um caminho do meio bem difícil de construir, que é uma construção de uma rede coletiva, horizontal, que vá romper as distâncias das pessoas, mas que não vá engessar o processo.

D: A gente tem dois abismos aí. Um é o espontaneísmo, e o outro é o dirigismo. Acho que a gente tem que escapar desses dois grandes abismos, mas não pode deixar de se organizar. É como eu vejo. Porque espontaneamente as coisas podem acontecer, mas podem não acontecer. Então, na dúvida, acaba sendo muito difícil acreditar num processo coletivo.

Y: Isso. E a missão é fazer acontecer.

D: Tem que fazer acontecer, por isso que eu acho que tem que rolar algum tipo de intervenção consciente, pra estimular essas relações, esses encontros, e tentar criar convergências. É um desafio fodido mesmo, de não cair em um abismo em e nem no outro.

Y: É, justamente. Mas eu compartilho agora. Eu não tinha pensando sobre isso na verdade. Então, com a sua fala eu acho que ficou bem claro: são dois abismos, e existe uma necessidade sim, de organização. Acho que é por aí.

D: Acho que é isso. Você tá sentindo falta de alguma coisa? Dar alguma opinião, contar alguma história? (risos).

Y: Deixa eu pensar um pouco. Eu acho que pensando na permacultura, eu vejo como dificuldade e desafio, além da mobilização, a gente conseguir colocar isso na pauta do mundo. Não, do mundo em geral. Não precisa sair na ONU agora (risos), mas tipo, a gente precisa colocar isso na pauta política dos lugares, políticas locais. A gente precisa entrar nas prefeituras, a gente precisa colocar na pauta das pessoas, a gente precisa colocar ela na vida cotidiana, e não no fetiche de um hippie ou de um “nova-era”: “Ah, é um doidão que abdicou, e que está lá”. Acho que a maioria das pessoas que não estão buscando começam a enxergar assim: “Ah é? Legal, mas como seria? Tem que viver, né?”.

D: Deixar de virar caricatura, né?

Y: É, justamente, deixar de ser sociedade alternativa. Tem que ser algo efetivo.

D: Alternativa para a sociedade

Y: É, alternativa para a sociedade. Eu uso isso que você falou várias vezes. Minha mãe só fala isso agora também. Eu falei isso pra ela, e ela em todos os discursos está nessa. E é virar a alternativa para a sociedade, e dialogar com tudo. É entrar nas podreiras também, é fazer de tudo. Porque eu acredito que existe a luta, que você vai esbarrar em um monte de coisa, bater um monte de cabeça, mas, eu acredito que a gente tem muito em comum com qualquer pessoa. Até vou dizer um negócio que é engraçado; você pode imaginar, sei lá, o Aécio. Você vai ter muita coisa em comum com ele, por incrível que pareça. Eu imagino assim. Muita coisa em comum, sabe? Então, eu acho que cabe, você levar isso pras principais discussões, porque é pertinente pra qualquer pessoa, enquanto ser humano. Não importa se ele é liberal, se ele é industrial. Pode ser pertinente. É óbvio que tem pessoas que militam em outra “pira”. Mas acho que ainda assim existe espaço pra fazer dois tipos de transformação: transformação no embate, que essa já é óbvia, a gente já acaba fazendo; mas uma transformação também nos bastidores. Eu acho que as coisas se dão em diversos níveis, que dá pra colocar isso na pauta de qualquer governo municipal, independentemente de quem seja, uns são mais fáceis, outros mais difíceis, mas taí o desafio. Mas, eu acho, que a permacultura tem um poder de transformação que vai além do embate que provoca, é um conceito que tem um poder de transformação que pode unir pessoas que não se batem mesmo em outros pontos.

D: Agora, aproveitando que eu estou falando com um sociólogo aqui, a relação da permacultura com o Estado. Pensando numa sociedade permacultural, num plano ideal, utópico. A permacultura se propõe muito a ser uma alternativa civil. De independência, autonomia e tal. Num mundo ideal, balizado pela permacultura, como seria a relação com essa figura do Estado? Não existiria o Estado, como seria?

Y: Eu acho que os processos permaculturais, inclusive, são um dos motores pra gente ressignificar o poder. Então, num mundo ideal eu não consigo pensar no Estado. Ele não está no meu mundo ideal. Mas existe alguma forma de governança; de distribuição de poder, de relação, de poder e tudo mais. Eu também não consigo imaginar uma forma ideal, mas eu imagino que os processos envolvidos com as permacultoras, dos grupos que eu conheço, podem ser processos que vão criar novas formas. Que estão criando e podem criar novas formas de relação. Sempre na organização de rede e descentralizada. Eu acho que o meu futuro ideal está um pouco aí: na descentralização do poder; na autonomia comunitária; e talvez na diminuição de uma centralidade mesmo, que rege as coisas. Eu acho que é mais por aí. E eu acho que, na verdade, o meu plano ideal – sociologicamente – pro mundo, tem a ver com os processos permaculturais que a gente tenta desenvolver. E eu acho que não dá pra conviver com o tipo de Estado que a gente tem.

D: Mas, por exemplo, o banheiro seco, que é uma tecnologia que a permacultura difunde bastante, né, ele tem que ser uma iniciativa da sociedade civil, de aprender, aplicar e construir, ou tem que virar uma política pública? Tem que receber incentivo, subsídio. Ou de repente até virar lei? Como você vê essa relação?

Y: É, essa é uma outra relação que a gente possui dois abismos para serem superados também. É óbvio que isso está inserido no Estado como ele está. É importante pra uma massificação, e pra gente trabalhar esse tipo de coisa. E por outro lado, a política pública tende a ser homogênea. Então, você tem que ressignificar a forma de fazer política pública pra trabalhar com permacultura. Você não pode jogar um banheiro seco em qualquer lugar, pra todos os

lugares do mundo. Só que a política pública, em geral, vai tender a fazer isso. “Ah, banheiro seco. Então é banheiro seco”. Isso é um processo que, pra dialogar, e ser importante, já tem que ter uma certa mudança, na minha opinião. É lógico que pontual. “Ah, a cidade tal vai fazer pra comunidade tal, a prefeitura vai por banheiro seco”. Legal. Mas pra colocar permacultura em pauta, não é abrir pras técnicas, você tem que abrir pra discussão de como é feito nos espaços públicos, pra ser realmente permacultural o processo. Então, eu acho que é possível, e eu acho que talvez essa seja uma das entradas de transformação já. Porque, afinal, as pessoas que cuidam das pequenas instâncias de poder municipal e tudo mais, são pessoas. Sempre são pessoas. Então, é possível você trabalhar dentro dessa estrutura já com uma dinâmica mais flexível, mas tem que mudar toda uma mentalidade. Tem toda uma barreira, pra não ser diretivo, né. A intenção não é trocar “Minha Casa Minha Vida” de bloco, vai ser agora de pau-a-pique. Não, pode ser de qualquer coisa, sabe? Ela tem que ser relacionada com o meio, com cada contexto. E isso já é a primeira barreira, mas é o caminho. E ocupando essas instâncias, eu vejo em São José, que a gente já conseguiu algum avanço. Em colocar a discussão da permacultura e do como fazer dentro do processo público, através do PUPA, trabalhando junto com a prefeitura. Algumas ainda sofrem barreira. A gente constrói com os funcionários, chega o diretor e corta: “Não, não pode, porque não é assim que funciona e tal”. Então, tem que abrir os espaços, porque até dentro dessa estrutura já dá pra dar esse passo, de colocar como política pública, e obviamente que é importante.

D: Por último, pensando no título do meu trabalho “Caminhos e Perspectivas para a Popularização da Permacultura no Brasil”, como você resumiria um caminho de superação dos obstáculos pra que a permacultura se popularize? O que nos impede de fazê-la, de fato, massificada, difundida e popularizada? Fatores econômicos, sociais, estéticos. Na sua concepção, quais são alguns dos caminhos possíveis para popularizar a permacultura?

Y: Acho que, resumindo, duas frentes principais: primeiro criar a demanda – ela já existe –, mas, instituir a demanda na vida das pessoas das periferias, ou dos movimentos sociais. Começar a entrar com a permacultura na galera que já é mais autônoma, que é na periferia, e que são nos movimentos sociais. E daí, começar a criar a permacultura como uma cultura dessas pessoas. Isso é um trabalho longo, e diverso. É popularizar mesmo: os cursos gratuitos, os mutirões, levar pra lugares que a galera nunca vai sair de lá pra ir atrás. Então, ir pra periferia mesmo, pras bordas. Na permacultura mesmo, a borda é sempre um lugar rico. Então, você ir pra esses pontos em que a galera já é mais autônoma, e estar apresentando e começando a instituir lá. Esse é um processo longo, que daí você cria uma demanda de baixo. E ao, mesmo tempo, em paralelo, estar ocupando as instâncias. Até pra facilitar a ida. As instâncias de decisão política. Então, acho que esses dois caminhos dialogam. Lógico, não precisa abandonar. Eu acho ruim um cara que dá um curso caro. Eu só acho que não é só isso. Tudo bem, ele dá o curso caro, uma galera de elite também vai entrar nessa, vai fazer umas coisas na casa deles, e vai já entrar em outro processo, só que pra criar essa demanda a gente precisa ser muito mais abrangente, precisa estar na periferia, precisa estar com a população em geral. Então, eu acho que essas coisas podem conviver: pode ter a galera que faz curso caro, mas é essencial a gente estar atuando na galera que já é autônoma. E acho que a permacultura não tem que ser um compilado de técnicas. Ela tem que ter um conteúdo político forte. Você tem que politizar a permacultura, você tem que trabalhar ela como uma proposta de sociedade, tem que casar com ela politizada, e fazer esse trabalho. Nunca apresentar uma técnica isolada, do tipo: “Ah, faz aí, é 5 mil. Faz na sua casa, você tem uma grana, você pode”, sabe? É trazer ela pra realidade de baixa renda, enfim, levar esses processos. E politizar. Mesmo nos cursos caros também, as pessoas estarem politizando o

processo, e não ser tipo: “Ah, é a solução porque você vai morrer. A humanidade vai morrer, então, se salva, tenha uma solução, um monte de técnica pra você se salvar”, não é isso. Mas é uma mudança de cultura. Acho válido todos os tipos de cursos, todas as iniciativas, mas o foco é ocupar instância de poder e trabalhar nas bordas.

D: Resumindo, estrutura e cultura. De um lado você trabalha a cultura do povo, do outro você ocupa os espaços de poder pra influenciar a sociedade.

Y: É, porque é a história do ovo e a galinha. Quem é que veio primeiro? É o povo que cria a demanda, ou o Estado que cria a demanda no povo/ Então, é tudo junto, um pouco de cada. Então, você tem que trabalhar nas instâncias que a gente tem e transformar tudo. Sempre melhorando tudo. Todas as possibilidades que você tem de melhorar os processos de decisão, e tudo mais, acho que são válidos.

Fala Thomas Enlazador e Djalma Nery sobre o Brasil na 4ª CLAP, na Colômbia

Arquivo: Fala Thomas e Djalma (Brasil) na 4 clap.mp3

[Esta foi a fala de apresentação do panorama da permacultura no Brasil feita por Thomas Enlazador e com uma pequena contribuição de Djalma Nery na 4ª CLAP (Convergência Latino Americana de Permacultura), no ano de 2015, realizado na Colômbia, perto de Bogotá, para um público de aproximadamente 150 pessoas representantes de quase todos os países latino americanos. Esta fala foi originalmente proferida em espanhol mas segue sua tradução livre e direta para o português. Ela foi feita durante a exposição de uma apresentação de slides, e algumas falas se referem as imagens apresentadas. Tal apresentação também se encontra como conteúdo anexo deste trabalho]

Thomas: (...) como todo o tema da corrupção, da política, estamos bastante desapontados. Brasil necessita de ajuda nesse momento. O gigante está adormecido, é preciso despertá-lo. E a permacultura seguramente é uma forma de despertar esse gigante. Bom, começando a falar sobre o Brasil, boa tarde a todos. Este ano completamos 23 anos de permacultura no Brasil. O primeiro PDC foi em 1992, no Rio Grande do Sul, então temos um bonito histórico, com uma média de 20 a 30 PDCs por ano no país; e tem de tudo. É muito complexo falar de permacultura, eu tampouco sou uma unanimidade dentro do Brasil, porque no momento existem muitas redes de permacultura no Brasil, eu não vou falar nada das redes de agroecologia, como muitos de vocês falaram, porque é um universo a parte, não dá nem para falar, mas estamos tentando cada vez mais integrar. Eu não vou falar nada das redes de Economia Solidária, que também são um universo a parte no Brasil. Vou retratar uma visão geral sobre a permacultura no Brasil. Bom, “permalinhas” Brasil para, entendermos um pouco a complexidade da permacultura no país.

Permacultura formal, escolas e universidades. Há um projeto muito interessante que se chama Escola Sustentável, que inclusive tem um livro com o mesmo nome que te dá milhares de receitas para se aplicar dentro das escolas, e o governo brasileiro tem o projeto de transformar as escolas em sustentáveis. Tudo que vou falar são informações para vocês dialogarem com seus governos e organizações locais para tentar replicar o que estamos fazendo. Outra coisa boa é que estamos articulando um curso de graduação acadêmica de 4 anos de permacultura, na universidade. Isso está adiantado, é uma universidade no nordeste do Brasil, e acredito que para o próximo ano teremos o primeiro curso acadêmico de graduação em permacultura.

Tem crescido muito a permacultura urbana no Brasil, isso a Mônica vai falar um pouco depois. Cresceu muito a partir do ano 2000, em São Paulo com um espaço chamado “Casa dos Kims”, conectado com o movimento 13 Luas. Hoje existe em São Paulo a “Casa dos Hólons”, muito interessante. E outra, que a Mônica vai falar também, que é a Morada da Floresta, que hoje tem o maior projeto de compostagem urbana de São Paulo. Todos malucos como a gente, criaram junto com a prefeitura de São Paulo, o maior projeto de compostagem da cidade com distribuição de 10 mil caixas de minhocário para muita gente.

Permacultura institucional, aqui, é 8 ou 80. Porque tem desde os institutos, desde as permaculturas informais, os mais antigos que cobram de 1000 a 1100 dólares por um PDC no Brasil, até a linha onde trabalho, “permacultura institucional popular”, que tenta de alguma forma ou proporcionar bolsas de estudo, como fizemos há 2 meses atrás no Rio Grande do Sul no PDC +23, com David Holmgren em conferência; onde demos bolsas para 85 pessoas,

100% do curso, essa é a permacultura que queremos. Como Beatriz falou, não elitizar mais a permacultura; basta de formarmos permacultores de departamento, dentro das capitais, permacultura deve ser para todos e para todas.

Permarural, são os grupos que estão trabalhando nos sítios, fazendas, nos centros de agroecologia, e estão fazendo um bonito trabalho. 80% dos projetos de permacultura no Brasil se concentram no sul e no sudeste. E aí temos outros 10% no centro-oeste, onde eu vivo, e os outros 10% entre norte e nordeste. Poucos mais pra cima.

Permaroots, que é a linha das comunidades alternativas, que fazem a permacultura mais “roots” que tem, com um significado de resiliência muito grande. Temos um movimento bem forte no Brasil por conta do ENCA, o Encontro Nacional das Comunidades Alternativas, que este ano completa 39 anos. O ENCA acontece todos os anos, da lua crescente à lua cheia do mês de julho. Cada ano em uma comunidade diferente. Esse ano será em Terra Ronca, que é um dos maiores complexos de cavernas da América Latina.

E por fim, a permacultura popular da qual vamos falar. Bom, os centros de permacultura popular estão mais conectados, e outros amigos depois podem complementar. No sul temos a Nova Oikos em Santa Catarina e a Estação de Permacultura Marcos Ninguém, que é um amigo de muitos de nós, que faz uns PDCs grandes, é o permacultor “pop star” do Brasil, mas um cara muito gente boa, muito competente no que faz. E a prefeitura doou para ele uma escola toda pronta, por 20 anos, por conta de toda a questão da hidrelétrica, de gente saindo da cidade; e estão fazendo dentro da escola uma estação de permacultura, e podem receber qualquer um de vocês para fazer cursos, em uma cidade que se chama Alpestre. No centro-oeste estamos nós, Instituto Bio-Regional do Cerrado, o IBC, a 230 quilômetros de Brasília, em uma cidade que se chama Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. E no nordeste, no Epicentro Marizá, está a nossa mestra, rainha, bruxa, avô, a grande Marsha Hanzí, que é uma mulher incrível que se vocês tem a oportunidade de levar para o seu país – a maior bruxa de todas! Aqui temos uma lista de 1% das iniciativas de permacultura no Brasil, há muita coisa, eu não vou ler, depois deixo pra vocês. Depois tem as falas da Mônica e do Djalma que também está aí.

Essas são fotos do nosso instituto, estamos com uma área de 120 hectares. Eu vou dar uma oficina sobre “design social” e vou falar um pouco sobre o estudo de caso que estamos fazendo, e como estamos sendo bem sucedidos. Aqui o nosso site. Aí, o “Pé na Terra”, que foi o encontro biorregionalista brasileiro há dois anos, com 500 pessoas de todo país. E há 10 anos fizemos o primeiro chamado intercontinental das ecovilas e dos movimentos, no Brasil também, na Chapada dos Veadeiros, que foi o “Chamado do Beija-Flor”, onde foram 2 mil pessoas de 33 países. Super bonito, 13 dias do céu ao inferno.

Bom, essa é a nossa rede [mostra a PSB – permacultura social brasileira]. Essa é a maior rede social de permacultura do mundo. São 10 mil pessoas inscritas nessa rede, sendo que dessas 10 mil, temos mais ou menos duas mil ativas. Temos cursos, grupos de vários tipos. Tem como uma “timeline”, mas apenas de permacultura. Todo dia com cursos e eventos. E aqui temos também esse mapa, que até agora tem 327 iniciativas, estamos começando esse cadastro. Tudo bonito e “copyleft”, qualquer um pode fazer o que quiser.

Desafios que temos são: um país continental muito grande, difícil fazer qualquer coisa para ter uma maior integração. Estamos vivendo uma crise econômica brutal, sem linhas de financiamento do governo, está bem difícil. Distintas visões, a linha mais antiga, mais

tradicional que não aceita essa permacultura mais alternativa, mais anárquica, mas holística que fazemos, esse mito dos “diplomados”. Nós queremos “permados” não diplomados. E integrar esses mundos, que é um pouco do papel que eu cumpro. Comunicação é outro desafio, e resolução de conflitos. Nós temos permacultores no Brasil que não se falam há décadas, e estamos tentando fazer essa ponte. E também popularizar a permacultura, com cursos acessíveis, PDCs, etc.

Os pontos positivos: conseguimos colocar a permacultura na política nacional de agroecologia. É a primeira vez que a permacultura aparece em uma política nacional. A permacultura já é um critério em muitos editais, um critério de desempate. A crise de água que estamos tendo no sudeste, especialmente em São Paulo, fez com que as pessoas comesse a captar água de chuva, e aí se criou o movimento “Cisternas Já!”, e o governo está pagando um grupo para implementar 100 mil cisternas na cidade de São Paulo, pequenas cisternas. Fortalecimento da permacultura popular. Estamos cada vez mais trabalhando dentro das aldeias indígenas, dentro das comunidades tradicionais e quilombolas, eu mesmo sempre estou indo para a floresta. Nesta rede, a PSB, estamos tendo também uma maior politização dos permacultores, porque não adianta ser permacultor e não falar de design social, de política, temos que abrir os flancos para tornar a permacultura políticas públicas factíveis. As escolas sustentáveis e o conceito de design social está ressoando mais no Brasil. A integração com o CASA está começando a melhorar. E algumas tecnologias já são certificadas pelo governo oficialmente, como o “bason”, o banheiro seco, e um tratamento de águas cinzas. Não é mais ilegal como era até alguns anos atrás. E um movimento muito forte de ocupação dos parques urbanos, ocupar e resistir. Então em um minuto o Djalma vai só complementar um pouco.

Djalma: Vou falar sem o microfone. Bom tenho um minuto, é uma tarefa difícil. Eu não terei tempo para apresentar meu trabalho no interior de São Paulo, em uma estação de permacultura popular urbana chamada Veracidade, mas eu adoraria falar depois sobre isso com quem queira saber. Para tentar ser fiel ao tempo eu escrevi algumas linhas que vou tentar ler, e aqui começo. Como Thomas falou, o Brasil é um país continental, e qualquer coisa que vise ter uma unidade nacional terá muitos desafios. E é isso que acontece com a permacultura no Brasil, que é muito melhor vista e pensada quando a colocamos no plural: as permaculturas. E nossos desafios no Brasil e também no mundo, é fazer desta pluralidade uma riqueza; dentro da diversidade encontrar e construir uma convergência. Para chegar a esta unidade, creio que devemos buscar os fundamentos básicos da permacultura, ou seja, voltarmos para a ética de “cuidado” e de “partilha”, e a partir daí, respeitar toda e qualquer adaptação contextual que se faça, e que não podemos deixar de fazer na América Latina, que é um lugar completamente diferente da Austrália, onde surgiu a permacultura. Eu digo isso porque vejo – e falo também em nome de uma rede de permacultura, uma das tantas que estão surgindo no Brasil, no estado de São Paulo –, nós vemos uma certa “tecnificação” da permacultura. As técnicas de como fazer “isso” ou “aquilo” tem estado, muitas vezes, em primeiro plano quando, na realidade, elas não tem sentido sem o contexto e sem a ética proposta pela permacultura. Eu tenho esperança que no Brasil e no mundo, nós possamos nos voltar as bases disso que fazemos: cuidar das pessoas e compartilhar. E assim, encontraremos a unidade na diversidade. E para isso há uma palavrinha que vem dos Incas, cuja representação é a bandeira da Confederação dos Povos Latino Americanos, a Whipala, com os quadrados coloridos, eu trago essa palavra para finalizar e lançar boas energias para essa Convergência, para que consigamos convergir de fato, aqui e em nossas regiões. Essa palavra é “TAHUANTINSUYO”. Unidade na diversidade, e é exatamente isso que fazemos aqui hoje. E é isso, muito obrigado.

Indicações permacultura na região de PoA – Marcel, em Guaporé (8 de março 2016)

Marcel: (...) “Carlos Naturalmente”, ele é bem focado em bambu e terra crua. Fica lá na Zona Sul de Porto Alegre. Tem ônibus que vai, demora uma hora e meia pra chegar lá; mas ele é tri-receptivo pra receber gente. Também tem em Maquiné, que é do lado de Porto Alegre. Do lado não, uns 100 quilômetros. É o Recanto da Mata. É uma pousada do Marcelo Tcheli, ele é o dono. O cara é um gênio. Ele inventa um monte de bugiganga tudo com o conceito de permacultura e tal. Que mais tem que eu lembro (...)?

Djalma: Você é de Porto Alegre?

M: Sou, sou. Também tem uma outra cidadezinha perto de Porto Alegre, que acho que fica a uns 60 quilômetros, que é o Instituto DaTerra.

D: Ah, esse aí eu vou.

M: Bacana, lá do Geovane.

D: Eu não lembro o nome dele, mas eu vou.

M: Eu fiz um curso com ele, bem gente boa. Assim, tem um Sítio que é em Novo Hamburgo, com o nome “Pé na Terra”. Muitos produtos coloniais, orgânicos, e também trabalham com sistemas de bio construção. Ahn, o que mais?

D: Você tá no rolê da permacultura faz tempo já?

M: Há uns dois anos.

D: E você conheceu como a permacultura?

M: Foi na insatisfação com a faculdade (risos).

D: Faculdade de que você fazia?

M: Gestão ambiental. Eu faço ainda, tô me formando na Federal. E foi assim que eu conheci. Um amigo meu fez o PDC no IPEP (Instituto de Permacultura dos Pampas), lá em Bagé.

D: Tá funcionando ainda o IPEP?

M: Tá, tá. Só que o Rocket ele dá muito curso pelo Brasil. Então, é uma vez por ano tem um curso, um PDC em Bagé. Senão, às vezes, ele vai dar lá em Mato Grosso, em Minas Gerais; enfim, ele tá sempre viajando.

D: Então você fez o PDC lá no IPEP?

M: Não, não. Eu fiz na Morada Ekoa, em Ibiraguera, na praia de Ibiraguera. Perto aqui do Rosa, Imbituba, Santa Catarina. Antes de Floripa. Foi ano retrasado. Depois do PDC faz uns dois anos que entrei nessa e tô até agora. E tu, como é que conheceu?

[Djalma conta sua história em 1 minuto – conheceu também da faculdade, com amigos, em 2008]

D: Na época, e até hoje, eu acho meio caro os PDC's

M: Cara, eu acho muito caro. Porque é pra ser uma coisa pra ajudar as pessoas, né, o planeta, enfim. Só que é bem difícil ter o poder aquisitivo, porque o mínimo, quer dizer, a média que tu vê é uns 1.400. Porra, mil e quatrocentos é dois salários mínimos. É muito caro.

[Djalma fala do trabalho de mestrado na USP, da fundação da Veracidade e do primeiro PDC Popular realizado em São Carlos]

M: Esse da Morada Ekoa que eu fiz, eu paguei 600. Eles também foram pra essa temática. Eles falaram “bah, a gente quer passar uma informação pra todas as pessoas, não só pra elite”. Porque 1.400 é elite, né? O loco!

D: É lá no IPEC tá 2.800 o último que eu vi.

M: Eu olhei lá e falei “cara, eu nunca vou fazer isso”. Eu não vou gastar 3 conto (...). Ah!, lembrei mais um em Maquiné: “Ecosítio”, é com o Juliano Riciardi. Ecosítio ele é de um dos que foi os orientadores do PDC [que fiz]. E ele até vai dar um PDC agora em março. Lá nesse Ecosítio. De Porto Alegre até Maquiné dá uma hora e meia.

[o restante da conversa foi apenas despedida e encerramento]

Texto sobre a questão das mulheres na permacultura, por Nadia Reciola (14 de janeiro de 2017)

[No dia 06 de janeiro de 2017, escrevi uma mensagem a permacultora e amiga Nádia Reciola, solicitando contribuições específicas sobre o 'papel' da mulher na permacultura, em forma de texto, para subsidiar reflexões e propostas a respeito, além de compor os materiais de minha pesquisa. Segue a pergunta feita e o subsequente texto escrito por Nadia, enviado por ela no dia 14 de janeiro]

Pergunta: Como você vê o 'papel' e o protagonismo das mulheres na permacultura? Quais suas experiências, vivências e reflexões a respeito? Como você percebe as relações de gênero nas atividades das quais participa e participou?

Só posso responder a essas perguntas a partir de minha própria experiência e perspectiva, portanto é obviamente, uma visão parcial.

O primeiro pensamento que a pergunta me traz é a percepção de que são ainda poucos os nomes femininos tomados como referência técnica em Permacultura. Desde que adentrei essa área, é claro que me deparei com muitas mulheres incríveis no caminho, mas de fato, quem são elas, onde estão agora e o que têm feito?

Posso dizer que tenho visto as mulheres como grandes articuladoras, em suas comunidades e na linha de frente de projetos, propondo atividades e organizando tudo, trabalhando muito (e muitas vezes sem remuneração) para que o movimento permacultural aconteça. Percebo as mulheres extremamente disponíveis e de prontidão para colaborar, com todo amor à causa da sustentabilidade. Tende a ser mais ágil e eficiente trabalhar com elas devido a isso. No entanto, em geral são os permacultores homens que são tomados como os grandes detentores do saber, com quem todo mundo quer aprender, lotando as turmas dos cursos; que se tornam porta-vozes ou ficam com a “autoria” de projetos onde muitas vezes são principalmente mulheres que estão trabalhando na base; que, por isso mesmo, estão sempre sendo requisitados para mil trabalhos em mil lugares.

Já ouvi diversos relatos muito sérios de falas e atitudes machistas explícitas por parte de permacultores de renomados institutos de permacultura e já presenciei algumas situações. Mas na minha experiência pessoal e mais recente isso aparece mais velado e subjacente, na divisão dos “papéis” que se configura.

No âmbito da educação em permacultura, nos cursos de formação que participei como aluna foi frequente encontrar uma figura feminina na função de coordenação e organização, ou na função de cuidar do bem estar dos participantes, promovendo dinâmicas que tornem a vivência mais “agradável”. O próprio curso do qual hoje sou coordenadora pedagógica não foge a essa regra. Atualmente eu sou essa figura. Somos duas mulheres na organização das atividades, e temos ali um grupo de gira em torno de 12 educadores, dos quais apenas 3 são mulheres.

Esse lugar da coordenação e organização se confunde às vezes com a ideia da “secretária”, a pessoa que se desdobra para organizar calendários e agendas, em vez de ser entendida como a

idealização e lapidação constante de um projeto político pedagógico coerente, para a promoção de uma formação de qualidade.

Em sentido análogo, muitas vezes essa figura forjada da mocinha simpática que propõe vivências corporais, se torna uma espécie de ornamento ao tão cobiçado aprendizado da técnica, como se esta última fosse algo maior. Com isso se está esquecendo o fato de que o cuidar das pessoas é afinal um dos pilares da ética permacultural e é a razão última de tudo o que fazemos: as construções sustentáveis, o saneamento ecológico, a produção de alimentos, o design dos assentamentos têm um único sentido, que é servir ao bem estar das as pessoas, com uma justa distribuição dos recursos. Quero dizer com isso que vejo aí todo um *modus operandi* a ser repensado, pois esses aspectos ligados ao cuidado e ao corpo, não me parecem menores, absolutamente. A discussão que não cabe entrar no mérito aqui, mas que precisa ser feita, dado que certamente se reproduz no âmbito da permacultura, é a noção machista que liga a técnica ao masculino e o cuidado ao feminino.

No âmbito de mutirões, que são o momento de praticar de fato a permacultura, algumas coisas se revelam. O machismo que, sabemos, é estrutural e está em toda parte, vem mais à tona nesses contextos, pois esbarramos nas bobagens mais arcaicas sobre divisão sexual do trabalho. Então, já ouvi sim, que por exemplo as mulheres devem fazer as funções mais delicadas, como amarrar as verduras enquanto os homens devem cuidar das tarefas mais pesadas do plantio. Esse tipo de mentalidade certamente é um fator importante a ser questionado, pois já aconteceu comigo, por exemplo, de estar em um curso de sistemas agroflorestais e não conseguir acessar a motosserra, ferramenta altamente disputada pelos homens presentes, e com isso não poder aprender a prática da poda de árvores. Considerando que paguei pelo curso o mesmo valor que todos os homens presentes, é algo bastante injusto e meu aprendizado fica com um deficit em relação ao deles. Acredito que isso aconteça com muitas mulheres. Por pura preguiça de ter que provar a cada vez minha habilidade no manuseio de ferramentas e por me recusar a representar a cena clássica da mocinha que se dispõe humildemente a aprender como se faz (algo que na verdade já sei) com algum homem, por um longo período parei de participar de mutirões.

Nesse ponto preciso ressaltar que os encontros da Rede PermaPerifa em que participei foram os ambientes mais igualitários que pude presenciar. Isso me faz pensar em um possível aspecto geracional. Me parece que as pessoas mais jovens que articulam a permacultura têm mais clareza das questões de gênero e tomam para si essa preocupação sem se acomodarem como se as desigualdades fossem um mero acaso.

Por último, vejo as mulheres com uma postura que pende para a inovação na pesquisa, misturando os campos do saber. Assim, conheço permacultoras que estão envolvidas com diversos movimentos políticos, feminismo, cultura hacker, ciência autônoma, práticas corporais, alimentação saudável, arte, terapias, etc. Isso nos torna menos rotuláveis com títulos de especialistas e, por isso mesmo, mais interessantes!

Diário de campo Rota Sul

Dia 0 (03/03/2016 – quinta):

A viagem começou no prelúdio. Ainda antes de iniciar as vivências e trabalhos de campo da pesquisa estive – por outras razões – num espaço da maior relevância para meu trabalho.

Sáimos de São Carlos às 6h da manhã, com notável pontualidade, rumo à SP. Éramos cinco: Estela, Joana, Amanda, Júlia e eu – equipe quase completa da Veracidade. Havíamos marcado uma visita (praticamente uma consultoria) com Wagner Annunciato, um especialista em aquaponia (modelo de produção consorciada de peixes e plantas com ciclagem de água e nutrientes), entre muitas outras coisas (de psicologia à anatomia).

Depois de um ou dois pequenos equívocos de percurso na 'Babilônia', chegamos exatamente às 10h na [CEFOPEA](#) (Centro de Formação Profissional e Educação Ambiental), no Belezinho, Zona Leste de SP (Av. Ariston de Azevedo, 10) – espaço que abriga diversas cooperativas, de reciclagem a padaria, passando por produção de tijolos; trata-se de uma das casas da Associação [Reciclázaro](#), que gere e incuba as cooperativas, e possui um comodato (cessão de uso) da área em questão, de posse da prefeitura de São Paulo. O contrato de comato será válido por mais 90 anos. É um lugar incrível, com um trabalho social profundamente necessário, reinserindo e ressocializando indivíduos tidos por vulneráveis socialmente.

Hortas verticais, lagos, agroflorestas e canteiros espalhados por todo o espaço já nos chamaram a atenção de cara. Canos de PVC, garrafas PET, jardins verticais. Ao fundo, via-se os materiais da cooperativa de reciclagem em um barracão, e a esteira de triagem onde estavam posicionadas algumas pessoas trabalhando. Um lago, um quiosque, construções circulares. Tudo ali, à beira da Marginal Tietê, completamente insuspeito. Quase clandestino.

Um rapaz nos orientou onde ir para encontrarmos com Wagner, que atendia uma pessoa. Nesse meio tempo nos encontramos com Yuri e Gabriel, que acabavam de chegar de São José dos Campos, pontuais como nós.

Às 10h15 entrávamos na estufa repleta de mudas (alfaces – crespas e roxas –, almeirão, tomate, pepino, etc); água, tanques, tecnologia e... calor. Era difícil abrir os olhos quando o sol saía detrás das nuvens. Por sorte o dia estava nublado.

Naquele mormaço, o simpático Wagner nos recebeu – camiseta pólo azul, uniforme da Cooperativa Equilibrium, óculos e barba. Ele nos apresentou as linhas gerais de seu sistema de aquaponia ('uma vitrine de divulgação e experimentação', conforme nos contou): 15.000 litros de água circulando; 700 plantas; 1 tonelada de carne/ano. Seu horizonte é a automação completa, não por 'não querer colocar a mão na massa', mas pelo fato de que se ele 'puder ficar com o tempo livre é melhor, né?'.

A conversa com Wagner avançava rápido; alguns de nós já tínhamos alguma experiência no assunto. E todos, sem exceção, trazíamos muitas dúvidas. Passamos a manhã toda conversando para entender os meandros daquela engenhoca, e para entender também a trajetória daquele sujeito singular que nos recebia. Na hora do almoço, Wagner consultou se poderíamos comer ali no restaurante da cooperativa mesmo. Com a resposta negativa, fomos todos almoçar num restaurante ali perto.

Retornamos para o CEFOPEA sob um fina garoa e nos sentamos ao redor de Wagner para a continuação da sabatina.

Nesse momento avistei Isaque (Arte Bambluz / Arboreser) trabalhando na estufa que havia construído. Nos cumprimentamos alegremente antes de nos atualizar dos últimos acontecimentos. Ele estava dando manutenção no sistema de irrigação, e me contou um pouco

do trabalho que estava fazendo por lá, e da história do espaço e da ONG Reciclázaro, que fazia a gestão dos projetos e o contratava (assim como ao Wagner). Contou que funcionavam vários projetos (patrocinados por diversas empresas como Cargill e Novelis): implementação de agroflorestas, horta vertical, aquaponia, etc. No entanto, naquele momento, não havia qualquer coordenação ou integração pedagógica que 'amarrasse' todas aquelas ações. Conversamos sobre possíveis parcerias e cursos no local, inclusive um PDC voltado ao público-alvo atendido pela Reciclázaro.

Com o Wagner, tiramos diversas dúvidas relativas ao projeto que estávamos concebendo para instalar no PUPA, e saímos de lá às 16h: uma hora depois do que havíamos combinado inicialmente. Ganhamos mudas, tiramos fotos, e nos despedimos, agradecendo. Foi uma visita realmente necessária para amadurecer nossos conhecimentos específicos na aquaponia, além de entrar em contato com aquele incrível projeto. Ver aquele protótipo operando me deu muito ânimo para dedicar-me ao da Veracidade; e, ao mesmo tempo, me trouxe uma percepção de que as coisas são menos simples do que parecem, e é preciso considerar detalhes minuciosos para a garantia do bom funcionamento de um sistema, o que exige um grau de estudo em profundidade considerável. Além disso, pareceu-me importante o fato muitas vezes frisado pelo Wagner de que quase não há bom material disponível em português para estudo, e que, infelizmente, a partir dali, teremos que recorrer à fontes estrangeiras.

As meninas me deixaram no metrô Belém, linha vermelha, e voltaram pra São Carlos, com o tempo chuvoso. De lá fui até a estação Vergueiro, linha azul, e caminhei sob a garoa até a casa do amigo Munhoz, que me ofereceu pouso, chegando levemente molhado e preocupado com o fato de que não estava levando nenhuma capa de chuva, nem galocha – apenas um tênis roto e frágil que, dificilmente, voltaria vivo pra casa.

Alguns assuntos me chamaram especialmente a atenção durante o dia, parecendo-me relevantes de serem registrados aqui:

Primeiro, o ecopólo em Piracaia que Wagner está construindo (protagonizando), e todo o contexto da Aliança Luz e da Cooperativa Equilibrium, que preciso estudar melhor. Em linhas gerais, parece-me tratar-se de duas organizações com os mesmos propósitos, porém de naturezas distintas e metodologias análogas; ambas protagonizadas pelas mesmas pessoas, aparentemente, com destaque para Wagner e Henrique. O macro contexto é a proposta de uma outra forma de habitação e relação humana, com diversas tecnologias associadas, desde gestão à produção de alimentos. Parece-me um projeto bastante completo e complexo, repleto de elementos e referências, e bastante 'ambicioso', na melhor acepção do termo.

Os cooperados e associados podem desfrutar de toda uma estrutura jurídica consolidada (CNPJ) mediante uma contribuição financeira, parece-me. Além disso, uma terra coletiva foi comprada em Piracaia, por quase 30 pessoas, está em vias de planejamento e, em breve, será iniciada a construção das casas. É um assunto para se ficar atento e, eventualmente, participar. O valor de participação é de 20 mil reais, que lhe confere o direito à participação na cooperativa e, conseqüentemente, o direito de usufruir do espaço físico.

Outro ponto que me chamou a atenção foram os projetos da Reciclázaro, principalmente a ausência de uma articulação/coordenação geral entre tantas frentes interessantes. Pelo que pude perceber, esta associação está conseguindo mobilizar quantias consideráveis de recursos, e investi-los em projetos de geração de renda e autonomia para a população vulnerável, com abertura para temas como permacultura e agroecologia, ainda que, segundo relato do Isaque, estes sejam conceitos novos para todo o pessoal da ONG. Me parece que a Reciclázaro é um grande parceiro em potencial e com o qual devemos buscar

estabelecer e manter relações, visando atuações conjuntas, compartilhamento de trabalhos, experiências e esforços.

Por último, registro aqui algumas indicações do Isaque para o meu trabalho de mapeamento e registro da permacultura no Brasil, trazendo algumas lembranças deles da região:

- 1) Nivaldo, especialista em bambu que está comercializando peças já tratadas e sob medida para todo o Brasil. Telefone: (11) 2294-2911;
- 2) Sabor de Fazenda: 'sítio' que promove visitas pedagógicas, eventos e que vende mudas de hortaliças orgânicas para plantio e cultivo;
- 3) Sítio Saramandala, em Sarapuí, com Felipe Toledo.

Dia 01 (04/03/2016 – sexta):

Depois de uma noite de sono revigorante, despertei pouco antes das 7h. Enquanto eu ligava o computador para mandar as últimas mensagens antes de partir, Munhoz levantou-se, e colocou-se a preparar um café e torradas com manteiga. O Brasil já pegava fogo com os rumores da 'prisão' de Lula – mensagens no Whats App e no Facebook rolando; boatos, posições, salvadores do país pululando em cada postagem. Uma manhã agitada, e um assunto que, em outras situações, talvez me estimulasse a participar intensamente. Dada a conjuntura (pessoal e macropolítica), contentei-me em informar-me

Eu teria um longo dia pela frente. Às 8h deixava a casa do amigo Munhoz – que me recebeu muito bem, e com o qual foi fundamental conversar antes de partir – com minhas duas mochilas: uma grandona nas costas, com roupas, cobertor, toalha, etc; outra menor à frente, com computador, 4 livros escolhidos ('Sociobiologia ou Ecologia Social?', Murray Bookchin; "Ecologia e Política Mundial", vários artigos e autores; "Continhos Galantes", Dalton Trevisan; "O negócio é ser pequeno", criminosa tradução de '*Small is beautiful*', de E. F. Schumacher); materiais da Veracidade, e pertences menores. Na rua, dois porteiros troçaram comigo: "tá equilibrado aí, hein, colega?", e riam de minha postura ereta produzida pelas duas mochilas. "Pelo menos não fica torto, né?", e rimos. Devia ser uma figura engraçada, aquele ser comprido e carregado andando pelas ruas de São Paulo naquela manhã de quinta.

Antes de encontrar minha carona, às 10h, no Shopping Eldorado, eu precisava passar em uma casa, para pegar algumas encomendas de Maria Alejandra, que me esperava em Florianópolis. Fui então até a casa dos pais de Marcela (Márcia e Tadeu), onde Ale havia deixado sua mala, próxima da estação de metrô Vila Madalena. Fui bem recebido, e busquei por entre as coisas da mala toda a lista de coisas que me foram encomendadas: granola, calça roxa, computador, carregador, 'disco duro', entre outros. Foi uma missão curiosa.

Ganhei a rua, preocupado com o horário. Caminhando, instalei o aplicativo 'Moovit', que me havia sido recomendado na noite anterior, para escolher a melhor maneira de chegar ao shopping. O app me surpreendeu. Em questão de segundos me informava que ônibus deveria pegar, aonde, e quando passaria: Itaim, em 3 minutos, logo adiante, no próximo ponto. Além disso, ele informa onde desembarcar, avançando ponto a ponto uma vez embarcado no coletivo.

Assim, cheguei ao local combinado praticamente na hora marcada. Lá me esperava Juliano, com o qual eu havia combinado carona pra Floripa pela internet, pelo valor de 100 reais, usando um outro aplicativo (é a era dos aplicativos), chamado 'Bla Bla Car', e do qual

gostei. Em sua companhia, já estava outro caroneiro, Gilson. Esperamos um pouco por mais um rapaz, que estava perdido, chamado Ricardo, com o qual conversei mais durante a viagem, por afinidade e pela localização: ambos fomos no banco de trás do Corola cinza. Saímos de SP por volta das 11h, num carro confortável e estável; Ricardo – educador físico – e eu conversamos sobre diversos temas: de cinema e literatura a condicionamento muscular.

Almoçamos na estrada, e fizemos mais duas ou 3 paradas no caminho, rápidas. contei um pouco sobre meu trabalho, mas soava algo meio exótico. Decidi não insistir muito, e tratei mais como 'informe', do que como 'assunto'.

Pelas 20h30, após cruzar a ponte que separa ilha e continente, Juliano me deixava na rodoviária, ao lado do terminal central (TICEN) da cidade, onde as amigas de Ricardo que foram buscá-lo me deixaram; e onde tomei um ônibus até o terminal Rio Tavares (TIRIO). No ônibus, pedindo informação, conheci Charles, tendo me sentando ao seu lado. E depois Sandro que, nos ouvindo conversar, ofereceu uma carona para onde eu ia (destino dele também), quando descemos da condução. Bem assim, espontâneo. Ele me ouviu conversando, cutucou-me e disse: 'eu tô indo pra lá também. Chegando no terminal estão me esperando de carro. Eu te levo'. Eu disse: 'bora'.

Ao fim, ele era praticamente vizinho da amiga que me receberia em sua casa no Campeche, Camila, e me deixou exatamente à porta da casa dela.

Fui recebido por Maria Alejandra, que me aguardava, até que Camila chegasse na sequência.

Depois de 1h de conversas e atualizações, fomos até a praia, nas dunas, em uma caminhada de 5 minutos por uma passagem mágica. Apreciamos o mar, as estrelas e a noite agradável, comendo um delicioso bolo de banana com canela, e gravando um vídeo de feliz aniversário para mãe da Ale, do qual fui '*camera man*' e iluminador.

O dia terminou ainda com a lembrança das estrelas, das ondas e do vento muito viva em mim. Além do delicioso gosto do bolo que comemos.

Dia 02 (05/03/2016 – sábado):

Acordamos “tarde”. Devia ser perto das 8h. A primeira coisa que fizemos, depois de lavar o rosto e nos aprontar, foi ir até praia, onde corremos por uns 20 minutos, margeando a água. Eu nunca havia feito uma corrida de verdade na praia, é bem diferente; o relevo meio inclinado; a impressão de que você corre, corre e não sai do lugar. A poesia. Deu pra suar um pouco, e acordar o corpo. Entramos um pouco no mar, que estava agitado – água deliciosa. Nos esticamos cinco minutos ao sol da manhã e voltamos pra casa, onde tomamos uma ducha rápida.

Ainda em jejum, fomos tomar um gostoso açaí de café da manhã, num local próximo. Caro. Uma 'lanchonete' nova era, mas gostoso. Ficava a 10 minutos da casa da Camila. Ale e eu fomos conversando e nos atualizando dos planos, ideias e caminhos.

Em geral, foi um dia calmo, de planejamento e descanso. Fiz todo o meu itinerário na parte da tarde, com base nas respostas que obtive. Decidi ficar viajando até os primeiros dias de abril. Tentarei visitar aproximadamente 10 lugares na rota sul. Almoçamos tapioca com queijo, tomate e temperos, que compramos num mercado próximo.

Mande todos os e-mails e conversei por telefone (mais de noite) com os dois primeiros lugares do itinerário que esbocei (Arca Verde e Daterra), ambos bastante receptivos. Evoluí na minha organização geral, e no funcionamento das minhas planilhas, melhorando a sistematização da experiência e da viagem.

Gostaria de ficar mais tempo em Florianópolis, para ver algumas pessoas e para visitar o projeto ÇaraKura, que não respondeu meu formulário de pesquisa, mas é um importante

espaço de difusão da permacultura em Santa Catarina. Pedi pra Camila me ajudar na intermediação do contato com eles, pra visitá-los na minha volta. E também para pedir que preencham meu formulário de pesquisa que está disponível na internet. Além disso, quero fazer o mesmo com o pessoal do CEPAGRO, do Marquito (para o qual mandei mensagem e combinei de ir visitar rapidamente na manhã do dia seguinte).

Neste dia lavei algumas poucas roupas sujas – só para não irem acumulando – e conversei muito com a Camila, que me contou de suas coisas: projetos pós-faculdade; revistas, bolsas de estudo; capoeira, etc.

Alejandra vai ficar 10 dias em Guaporé, na Escola Ayni, e depois uma semana em Floripa. Combinamos de passar os três primeiros dias juntos na Escola, e nos reencontrarmos no dia 27 em Florianópolis, ao fim de sua formação em pedagogia Waldorf.

Antes de dormir, visitamos e navegamos pelo site da Cidade Escola Ayni, para onde iríamos no dia seguinte de manhã bem cedo.

Dia 03 (domingo – 06/03):

Havíamos nos programado para acordar às 6h, para ver o nascer do sol na praia. Só que não deu. Nos levantamos às 7h30, com muito esforço.

Estava combinado que iríamos visitar o Marquito o mais cedo possível – às 8h30, segundo ele me indicou –, antes de cair na estrada. Isso porque pra viajar de carona, como pretendíamos, o quanto antes começarmos, antes terminamos. 500 e poucos quilômetros nos separavam de Guaporé, e o Google informava que seriam 7 horas de viagem (de carro). Em termos de carona, é sempre bom colocar o dobro ou o triplo. Então teríamos que nos preparar para umas 20 horas de viagem.

Os planos eram o de fazer uma visita rápida, nos atualizarmos, e estar o mais cedo possível na estrada para Guaporé, onde conheceríamos o projeto da Cidade Escola Ayni, que também não preencheria meu formulário, mas que vinha se destacando muito na relação com a permacultura na região sul do país, até porque quem conduzia o processo de construção e pedagógico era um permacultor argentino bastante famoso chamado Tierra Martinez, que conheci na Colômbia, em junho de 2015, durante a CLAP (Convergência Latino Americana de Permacultura). O projeto da Escola estava sendo puxado por Thiago Berto.

Acabamos saindo da casa da Camila quase às 9h. Pegamos um ônibus até o TIRIO, e outro até o Morro das Pedras, esse último lotado, no qual fui em pé, e Ale sentada com as malas.

O sistema de transporte público em Floripa é péssimo. Os motoristas são vorazes. Locomover-se por aí de mochilão não é tão fácil. Dizem que isso é parte do plano de gentrificação da ilha. Querem que as pessoas que moram lá sintam-se obrigadas a ter carro, sucateando o transporte público, necessário apenas às pessoas de baixa renda. Não duvido do plano. Dizem que a especulação imobiliária cresce vertiginosamente. Um terreno de 20 mil reais, em 8 anos, está custando um milhão. Entretanto, disseram-nos que havia uma certa cultura das caronas urbanas por ali, mas o tempo apertado e o ônibus passando nos levaram à opção mais imediata.

Graças as indicações de passageiros, descemos no ponto certo, e caminhos 800m para casa do Marquito, que eu já havia visitado uma vez, e da qual fui me lembrando aos poucos, conforme andávamos. Chegamos lá por volta das 10h, onde fomos muito bem recebidos, com carinhos, abraços e o habitual bom humor.

As coisas estavam parecidas, como há dois anos atrás, quando o visitei. Inclusive sua esposa, Emília, estava novamente grávida; e Maia já tinha 1 ano e dois meses.

Preparamos uma rodada de tapioca enquanto conversávamos. Marquito me contou pessoalmente de sua atuação política, que acompanho à distância: sairia candidato pelo PSOL, com um grupo grande apoiando-o (em torno de 30 pessoas); falou dos trabalhos com compostagem na cidade de São Paulo, onde fora contratado para assessoria na construção do Plano Municipal de Resíduos (PGIRS). Me contou também da Lene e do Maycon (ambos da Revolução dos Baldinhos, que conheci na minha outra vinda). Eles não estavam bem. Ela – HIV positivo – voltara ao crack; ele acabara de ser solto depois de um tempo preso por tráfico. Enfim, conversamos por uma hora mais ou menos, e, bem alimentados, pegamos as mochilas e saímos por volta das 11h, depois de ver algumas fotos antigas da construção das casas, e Ale admirar o genial mosaico no banheiro. Marquito nos convidou pra ficar lá na volta, passar um ou dois dias na casa dele.

Na rua decidimos tentar carona. Em uma folha de sulfite, escrevemos a palavra 'Centro' e, no ponto de ônibus, decidimos tentar a sorte com os dedos e a placa até que pelo menos surgisse o ônibus. Em aproximadamente 25 minutos uma pessoa parou. Ofereceu de nos deixar no TIRIO pelo menos, da onde podíamos pegar um ônibus pro centro. Na pressa, aceitamos.

Dentro do carro, tocava 'Três Apitos', de Noel Rosa, na voz de Maria Bethania. Gosto musical aprovado de cara. Começamos a conversar, o trajeto seria curto. Nossa primeira carona era uma mulher, de seus 40 e poucos anos, talvez 50. Teca Dias, era seu nome. Astróloga, ela se definiu. Surpresa. Disse ter um blog que anotei para ver mais tarde. Conversamos sobre astrologia, eu falei do Saturnália, e ela também disse gostar muito. Me apresentei: leonino, com ascendente em áries e lua em capricórnio. “E funciona?”, ela me perguntou, rindo. “Deve funcionar, né? Você chegou até aqui”, completou ela mesma, enquanto eu dizia que não funcionava muito. Rimos muito. Deixei um cartão da Veracidade, e, em coisa de 10 minutos nos despedíamos, na porta do TIRIO. Foi no mínimo curiosa essa primeira carona – com uma astróloga.

No terminal, Ale foi se informar do próximo ônibus que iria ao TICEN (lá, andaríamos até o terminal velho, onde nos planejamos para pegar um ônibus até a BR, para conseguir carona). Ele sairia em 20 minutos, decidimos ficar então tentando carona com a mesma placa centro, mas não conseguimos. Assim que no horário marcado atravessamos a rua, pagamos, e entramos no TIRIO, exatamente a tempo de subir no ônibus, também lotado.

Descemos no TICEN cerca de 25 minutos depois. Ao descer, avistei o rosto conhecido de um rapaz na fila de um ônibus. Nos encaramos. Ele também me reconheceu. Ainda sem ter certeza, decidi cumprimentá-lo. Ele fez o mesmo, e perguntei se ele era de São Carlos, ao que ele respondeu “fui”. Eu tinha vagas lembranças; ele lembrou meu nome, eu perguntei o dele: Leonardo. Ele me perguntou da Sônia Pinheiro (mãe do João); e disse que era amigo do Dado. Ele já tinha ido em casa tocar, e nos trombamos muitas vezes na noite. Ele estava com um cavaco, e algumas lembranças vieram. Nos despedimos rápido, Ale comprava uma garrafa de água, e achou engraçado eu encontrar um conhecido daquele jeito. Enquanto conversamos, Leo saiu da fila e me cutucou, perguntando se eu tinha lugar pra ficar em Floripa. Eu disse que já estava indo embora, e ele me ofereceu a casa dele nas próximas vezes que viesse, na zona norte da ilha, Ratones. Eu agradeci e falei que aceitaria certamente. Trocamos telefone, e ele correu pra não perder o ônibus que já saía. Feliz encontro e que simpático da parte dele a oferta da casa. É ótimo ter amigos, e conhecer gente. Espero poder agir como ele em outras situações semelhantes.

Caminhamos até o terminal velho, há 300 metros dali. As ruas estavam vazias, e o domingo parado. O terminal velho parecia um grande deserto, só faltou a bola de feno rolando. Na entrada, me informei com um funcionário de uma das empresas. Eu queria descer no Engenho do Boi, mas ele sugeriu ir até Santo Amaro, mais adiante, pagando apenas um real a mais, pois quase todos que passassem ali iriam no sentido de Lages, nosso primeiro

destino. Esperamos cerca de 40 minutos pelo ônibus, e pagamos 6 reais para ir até um posto de gasolina já em outra cidade. Andamos uns 30 quilômetros, eu diria, dali de onde saímos.

Descemos num posto 'Shell' indicado pelo motorista. Não parecia ser uma parada de caminhões, nem um cenário ideal para caronas, mas estávamos confiantes. Pedimos um papelão na conveniência do posto, e com as tintas da Ale, fizemos uma placa “LAGES”, vermelha e preta. Achamos uma sombra, e ficamos pedindo carona, além de conversar com as pessoas que paravam ali por perto. Depois de quase duas horas pedindo (estávamos cansados já), um carro parou enquanto Ale vinha de dentro do posto. Pedi pra ela ir ver se era pra gente enquanto eu seguia pedindo. E era. João Mariano era o nome do nosso primeiro grande salvador, indo exatamente pra Lages, onde morava.

Entramos no carro confortável, deixando as mochilas no porta-malas. Fui no banco da frente. João Mariano é um sujeito incrível, notável, de enorme coração, que ia se demonstrando mais especial à medida que conversávamos. Ele havia deixado alguns engenheiros da Ambev de Lages no aeroporto em Florianópolis, e retornava para casa. Um de seus trabalhos era ser motorista, numa pequena empresa que montou com o irmão. Além disso era militar aposentado, soldado, policial. E, por último – o que mais gostava mesmo – era ser empresário. Mais especificamente, sorveteiro. Ele possuía uma paletteria mexicana no norte da ilha em Florianópolis, onde a filha trabalhava. As 'paletas mexicanas' eram feitas em Lages, onde tinha todas as máquinas e, semanalmente, ele abastecia a loja. Com ele conhecemos a Serra Catarinense, e as belas paisagens. Ele nos falou das plantações locais: cebolas, morango, etc. Disse que comprava os morangos orgânicos 'bicados' por pássaros – e que portanto não era 'comercializados' para mesa dos fregueses – por R\$2,50 o quilo! Ficamos tentados a levar quilos na volta. Ele prometeu que, quando nos encontrássemos novamente, ele encomendaria pelo menos um quilo pra gente levar.

A viagem até Lages – devido às curvas da serra – demorou quase 3 horas. Isso porque ele corria muito, apesar de ser um excelente motorista. Não tive receio em nenhum momento, ele realmente dominava o volante, mas não segurava o peso do pé. Dessa forma que, ao chegar em Lages, já estávamos no entardecer, com a noite se anunciando. Ele nos ofereceu de fazermos uma parada em sua casa, para tomar um café e um lanche, conhecer a família e descansar um segundo. Então, ele nos deixaria no posto de gasolina mais indicado para seguir o percurso no sentido sul, passando por Vacaria, e rumando para Caxias do Sul ou para Passo Fundo, o que surgisse.

Aceitamos de bom grado, e fomos recebidos como reis por aquela simpática família. Na entrada uma bela cadela “Chow chow”, peluda e graciosa, chamada Dara. Dentro da casa de madeira, uma lareira de ferro fundido, uma mesa comprida. Conhecemos a esposa de Mariano, Salete, sua filha Rafaela e o bebê Carlos, sobrinho de Salete, pelo que entendi. Nos sentamos, e nos presentearam com um banquete. Comecei a perceber a hospitalidade gigantesca daquele povo simples do sul. Comemos pão caseiro, maionese de batata, queijo, tomamos café, suco, enfim, muita coisa. Conversamos sobre várias coisas, todos eles curiosos a nosso respeito. Fomos por demais bem tratados. Coloquei meu celular pra carregar.

Depois de uns 40 minutos (já era noite) nos aprontamos pra sair. Mariano pegou outro carro (uma fiorino), para cabermos todos, e lá fomos, família completa, nos deixar no posto. Trocamos contatos, e eles pediram muitas vezes para ligarmos para eles caso algo desse errado; ou se precisássemos dormir por lá. Pareciam realmente preocupados conosco. Rafaela, de 17 ou 18 anos, estava pensando em prestar vestibular para arquitetura. Conversamos sobre universidade, literatura, e outras coisas, nos fundos da fiorino onde fomos.

No posto nos despedimos efusivamente, e ficamos de manter o contato. Foi uma ótima primeira carona! Bom sinal! Ale e eu nos preocupávamos com o horário, mas decidimos seguir sem pensar nisso. Fui pra pista, mas pouco confiante, pelo horário. Ela e eu íamos nos

revezando para abordar as pessoas que paravam no posto, em busca de uma carona. Mais duas horas se passaram até que Ale viesse me buscar dizendo que talvez havia conseguido uma carona, mas que eles queriam me conhecer.

Fiz minha melhor cara de jovem universitário e me apresentei para Fabiano e Wellington. Fabiano bastante desconfiado e apreensivo, um rapaz jovem, apesar de desgastado pelo trabalho exaustivo. Simples, direto. Disse que não podia se arriscar a nos levar, e perguntou se não carregávamos drogas, ao que respondi que 'não'. Ele disse então: “mas nem pra 'nois fumar?’”. Rimos e eu disse que nem pra isso, que eu não fumava. Eles estavam em dois caminhões. Ao fim, ele aceitou, meio apreensivo. Não senti uma energia tão boa, mas não podíamos nos dar ao luxo de escolher quem nos levaria naquela situação.

Minutos depois estávamos na pista, e foi uma das caronas mais tensas que já peguei em minha vida. Fabiano era um rapaz bem legal, mas bastante inconsequente, a meu ver. Ele não dormia a dois dias, e cada vez que bocejava, eu puxava um novo assunto. Nunca puxei tanta conversa sem parar com alguém. Não deixei ele ficar quieto nem um segundo, não parei de falar e de perguntar coisas. Ele tinha apenas 24 anos; sem estudo; o caminhão foi uma consequência quase natural pra ele. Cheirava pó, tomava rebite. Nos contou que uma vez havia ficado 6 dias sem dormir, trabalhando direto: “meus rins já estavam parando depois de 6 dias acordado cheirando cocaína”, nos contou. Ganhava por comissão, então tinha que correr pra fazer dinheiro. Pagava pensão para uma filha e ajudava a sustentar a casa dos pais. Ele corria absurdamente, 130 km/h, com o caminhão carregado de aço da Gerdau. Ultrapassava carros, outros caminhões; e ultrapassava na faixa dupla, onde era proibido fazer isso. Desligava as luzes, ficava no escuro. Fazia jogos perigosos, fazia dançar a carreta. Praticamente um rally noturno em um caminhão carregado com 13 toneladas. Ele parecia não prestar muita atenção na gente. Só seguia, e falava. E corria. E ria. Fumava muito. Disse que havia dado carona pra um casal de garotas: Carol e Bruna, que iam pra alguma festa de música eletrônica no Espírito Santo, ou na Bahia, não me lembro.

Ele ia até Vacaria, no caminho, nos recomendou ficar no posto fiscal na divisa entre SC e RS, 20 km antes do destino dele, onde todos os caminhões deviam obrigatoriamente parar, e talvez fosse mais fácil conseguir algo. Dadas as condições da viagem, topamos, e ficamos ali no meio do nada, num posto fiscal à entrada do Rio Grande do Sul, às 23h aproximadamente.

Ali íamos falando com os caminhoneiros um a um, além de tentar também o dedo na estrada. Realmente parecia ter sido uma boa ideia.

Meia hora depois, conseguíamos carona com Luiz Carlos Prestes (exatamente isso), que nos deixou num posto de gasolina entre Ipê e Antônio Prado. Um sujeito muito gentil, sensível. Sua história também apresentava elementos semelhantes a história de Fabiano, porém no passado. Ele disse já haver usado muitas drogas, se envolveu inclusive com o tráfico, e quase morreu quando um amigo surtou e lhe desferiu 7 facadas. Tinha seus 30 anos, e uma filha de 9. Vinha de Quatro Barras, vizinho de Curitiba. Sua esposa também era 'usuária'. Um dia ele teve um sonho: um pessoal indo para igreja, que o chamava. Ele dizia que não tinha tempo para falar com deus. Acordou incomodado com aquilo, e apesar de não ser religioso, mudou de vida no dia seguinte. Parou com tudo. Trabalhou por 5 anos na linha de montagem da Volks, em Curitiba. Foi demitido num 'Lay-off', e se tornou caminhoneiro há 3 anos. Sua esposa é enfermeira. Tivemos ótimas e profundas conversas, desde desenho japonês, até o capitalismo, e o fato de sermos tratados como números para o sistema e seus gestores.

Ele nos deixou num posto BR chamado 'Andreazza', onde todos já dormiam. Inúmeros caminhões encostados. Muitos mesmo, o que me animou. As luzes do posto já estavam apagadas, bem como a das cabines dos caminhões. Falamos com uma ou outra pessoa acordada, mas, pela conjuntura, decidimos que seria melhor nos abrigar e esperar o

movimento começar, por volta das 5h da manhã. Infelizmente não trazíamos barraca, pois esperávamos concluir o trajeto em um único dia, o que não se confirmou. Fomos até um local chamado 'Sala do Motorista', com alguns sofás, que aparentava ser um ótimo local de descanso. Fazia frio. Um velho rabugento e pouco comunicativo disse apenas que não podíamos ficar ali dentro, que ele ia ter problemas, que tinha câmera, e blá. Disse que tínhamos frio, ao que ele respondeu: “O que eu posso te dizer...? Aí já não é um problema meu”. Fico me perguntando o que leva pessoas a esse tipo de atitude. São pessoas que já morreram; estão vivas apenas para... para que mesmo? Não fiquei com tanta raiva dele, mas não posso ignorar a sensação de absurdo. Não quis discutir. Falamos 'ok'. Colocamos várias roupas que trazíamos na mala, e nos sentamos em cadeiras de plástico disponíveis ali no posto. Tirei meu cobertor e meu saco de dormir, para nos protegemos. Ficamos cabeçando sentados, apoiados na mesa de bar. Eu não conseguia dormir, fui então para o banheiro (local iluminado e com paredes, abrigado do vento) para escrever durante uma ou duas horas. Onde registrei os fatos desse dia, e esbocei um poema:

Lançar-se
a alma pede
para
não descansar

Mover si
o corpo pode
todo
se esgueirar

Caminho
é algo que surge
ao andar

Dia 04 (segunda – 07/03):

Não está sendo fácil. Chegar em cidades minúsculas, integralmente de carona talvez seja um investimento energético que eu não deva fazer agora. Uma possibilidade é me deslocar de carona entre os centros urbanos de maior fluxo, e utilizar ônibus para trechos mais específicos. Se bem que nem isso é fácil: nesse exato instante estou ilhado em uma cidadezinha chamada Nova Prata, a 40 km de Guaporé. Passam apenas dois ônibus por dia pra lá, e estou aguardando o último, às 17h30.

Depois de uma horrenda noite de domingo no posto Andreazza – onde colocamos todas as roupas para não congelar e cochilamos sentados entre a uma e às quatro da manhã – começamos a falar com os caminhoneiros que despertavam. Por fim 'invadimos' a sala do motorista, a despeito dos olhares de reprovação do velho frentista do posto. Muitas respostas negativas, até que um aceitou nos levar até Caxias do Sul, num posto de estrada sentido Farroupilha. Nem me lembro o nome dele. Mal conseguia conversar de sono. Decidimos pegar rodovias maiores, ainda que andássemos mais.

Em Caxias/Farroupilha ainda poucos sequer conheciam Guaporé, o que nos deixava apreensivos. Perdermos dois ônibus para Bento Gonçalves que passavam a cada meia hora. Era manhã, por volta das 8h. Ale queria muito chegar ainda nesta manhã até a Escola, onde seria feita uma recepção para nova turma de aprendizes da qual ela fazia parte. Ela estava um pouco frustrada com isso. Tentamos ligar para o Thiago avisando que não chegaríamos a

tempo. Não conseguindo, deixei um SMS. Depois de algum tempo, decidi fazer uma placa (as placas sempre fazem a diferença nas caronas) escrito “B. Gonçalves”, com papelão e canetão emprestado da loja de conveniência do posto. Além do que, metas modestas – trajetos curtos – são mais viáveis e animam. Deu certo. Lucas – um rapaz de 24 anos de Lajeado, engenheiro civil recém formado – parou para nos pegar. Ele havia nos visto e fez o retorno.

Já dentro do carro, ligamos na rodoviária em Bento Gonçalves, mas o próximo para Guaporé só sairia no final da tarde, e Lucas ia para Veranópolis, um local mais próximo do nosso destino final. Assim é que fomos parar naquela que é conhecida como a 'Terra da Longevidade'.

(Como não encantar-se com esse paradoxo que é recarregar-se exaurindo-se? Das grandes contradições da vida, o papel que 'viajar' representa na minha é notório e carregado de simbolismo)

Foi uma passagem rápida por Veranópolis. Comemos algo no posto onde ficamos e, rápido, conseguimos uma carona na pista até Nova Prata, com o motorista de uma Van que fazia entregas. Ninguém ia pra Guaporé. E poucos conheciam-na. Meu deus, até quando rodearíamos aquela cidade?

Esse motorista, Rafael, era um rapaz de seus 30 e poucos anos. Havia recém terminado o curso técnico em meio ambiente na escola agrícola 'Bom Pastor', na cidade de Nova Petrópolis, próxima à Caxias do Sul. Ele me falou bastante dessa escola, que me interessou muito enquanto experiência pedagógica concreta. Gravei uma rápida entrevista com ele (3 minutos) só pra pegar os detalhes, nomes e dados, para registro e posterior pesquisa.

A viagem com ele mal durou 20 minutos, e logo ele nos deixava em uma rua dentro da cidade de Nova Prata, no sentido da estrada para Guaporé, na frente de um mercado onde pedi informações de ônibus e aproveitei para carregar o celular na tomada enquanto pedíamos carona com a nossa rota placa escrita 'Guaporé' e os sorrisos apesar de tudo. A expressão das pessoas passando por nós era engraçada. Acredito que possamos ter sido os primeiros caroneiros que já pisaram (e praticaram a caronagem) naquela cidade. O espanto era expressado de diversas formas, e outros só disfarçavam. De uma maneira geral, não passamos despercebidos.

O mercado fechou para almoço – a cidade de colonização italiana (os 'gringos', falavam alguns) estava parada –, e decidimos caminhar um pouco, aumentando as chances de que os passantes fossem todos à Guaporé. Felizmente, com 500m de caminhada, já estávamos próximos de uma das pontas da cidade.

Numa curva, nos sentamos à sombra de uma árvore, placa em punhos, e pedimos carona por algum tempo. Eu tinha fome e cogitava consultar os preços de um restaurante próximo por onde passamos, aparentemente bem simples.

Pouco depois do meio-dia, um casal de irmãos que tinha nos visto mais abaixo, em frente ao mercado, perguntou se havíamos almoçado, e nos convidaram à casa deles, ali perto. Fomos com gosto e fome, e passamos duas horas lá, conversando, comendo e descansando.

Eliana – a irmã mais velha (28 anos) e mãe da pequena Manoela – e seu irmão (cujo nome me escapa) foram por demais hospitaleiros. Nos informamos e de fato havia mais um único ônibus dali para Guaporé naquele dia (40 Km de distância!), às 17h30, passando ali pela rua.

Me senti muito a vontade ali. Me estiquei num colchão depois de comer o almoço simples e gostoso. Usei a internet, o banheiro, fiquei descalço. Senti um acolhimento enorme por parte dos irmãos, pessoas de bom coração que criticavam o jeito 'gringo' da população local, muito preocupada em cuidar da vida alheia, espiando pelas janelas.

Realmente enquanto pedíamos carona isso ficou de certa forma claro; nos sentimos como alienígenas perante os olhares incrédulos dos passantes, com destaque para as crianças, que não se preocupavam em disfarçar seu assombro perante a existência daqueles dois seres com suas mochilas. Ale e eu brincávamos que seríamos matéria de capa do jornal da tarde, e que talvez organizassem grupos para vir nos ver, tipo excursão. Pelo menos nossa placa deixava claro o que queríamos: chegar à Guaporé. E que a notícia corresse!

Como queríamos até o fim nos locomover de carona, decidimos já nos colocar a postos para tentar a sorte. Caminhamos de volta até a curva, agradecendo enormemente a hospitalidade de Eliana. Rua de paralelepípedo na subida, outra vez.

Encontramos uma sombra ao lado de um poste em frente a uma casa, e nos sentamos. Melhor dizendo: nos jogamos. Mais tarde, descobriríamos que teria sido mais produtivo haver ficado dormindo, pois foi basicamente isso que fiz ali, só que na rua. Talvez as manchetes já não anunciassem mais “viajantes”, mas “mendigos”. No início tentei ler, mas o sono era brutal. Ale decidiu me desenhar. E me pediu para que eu parasse em uma posição. “Dormindo”, eu disse. E assim fiz. Apaguei por pelo menos uma hora ali na rua. Apoiado no poste e nas mochilas. Escorrendo pelo chão, cada vez mais. Os carros passavam de quando em vez, e eventualmente esticávamos os dedos ou a placa. Primeiro Ale até se levantava (eu não). Depois, já ficávamos os dois sentados. Um pouco depois, deitados. E por mim eu já nem abria os olhos para pedir carona. Ao ouvir o som dos carros chegando, involuntariamente meu braço direito e meu polegar se moviam, assumindo a posição tão repetida nas últimas 24h.

É claro que não conseguimos carona.

Lá pelas tantas desisti, e já conformados com pegar o ônibus das 17h30, aproveitei o sono na calçada.

Próximo do horário, nos dirigimos a um ponto, e esperamos. Aproveitei para mandar algumas mensagens de áudio pelo celular.

Quando entramos no ônibus, minutos depois, mal podíamos acreditar que estávamos finalmente a caminho do nosso destino. O humor mudou, e ao nos sentarmos lado a lado nas poltronas pudemos até sorrir com vontade.

Fizemos uma viagem de quase uma hora, pegando um bom trecho em 'estrada de chão' (de terra), passando por um vilarejo no caminho. Mal observei a paisagem, mas era bonita. Interior dos interiores. Avistamos até alguém de bombacha.

Anunciava-se a noite quando desembarcamos em Guaporé, em uma praça encantadora. E que cidade linda!

Em meu imaginário, Guaporé era apenas ruas de terra e senhores de chapéu tomando chimarrão. Eu não poderia estar mais enganado. Trata-se de uma cidade razoavelmente grande (30 mil habitantes), em ótimo estado de conservação; calçadas largas, ruas asfaltadas em ótimo estado; casas com jardins belíssimos a mostra; mercados; lanchonetes; praças e um belo centro histórico. Depois vim a saber que está entre as cidades com melhor qualidade de vida no país. Realmente um lugar encantador e fantástico em uma localidade insuspeita. Lembrei-me daquela música do Gil onde, se não me engano, ele fala em Guaporé. Preciso ouvir.

Como tínhamos fome, decidimos buscar algo pra comer antes de subir ao Seminário São Carlos, onde ficaríamos hospedados. Primeiro paramos em uma padaria. Compramos um iogurte e alguns biscoitos, para o café da manhã do dia seguinte. Depois, fomos andando, pedindo informações nas ruas. Depois de uma ou duas tentativas, nos sentamos na lanchonete “Ponto Certo”, já na subida para o seminário.

O homem que nos atendeu perguntou se éramos 'da Escola', ao que respondemos que sim. Aproveitei para sondar qual era a visão dos locais com aquele movimento. O homem de seus 50 e tantos anos, magro, de óculos, disse que o pessoal de lá é freguês dele, todos gente boa. E que a cidade está começando agora a entender essa coisa da escola; que tem muita

gente de fora, eles acham estranho e tal. Mas que parece que vai ser coisa boa. Claramente eles viam a movimentação (e as pessoas), como algo exótico.

Comemos um lanche e tomamos um suco de morango antes de subir a íngreme ladeira para o seminário. No caminho, saquei dinheiro no Banco do Brasil.

Em 15 minutos entrávamos nas dependências do grande seminário: dois prédios enormes, em um terreno bem alto, da onde era possível avistar boa parte da cidade, localizado na região norte do município. Vimos algumas luzes em uma porta; vários sapatos na entrada; e algumas vozes... falando espanhol. Fomos entrando, e já no primeiro olhar, soubemos que era ali – o tipo das pessoas batia com o nosso. Achávamos então a tribo! Cumprimentamos as pessoas presentes ali na cozinha, umas 5 ou 6. Quase todas de outros países da América Latina que não o Brasil. O idioma oficial dos trabalhos na Ayni, viemos a saber depois, era o espanhol, e não o português. Esse fenômeno se deu porque o permacultor Tierra Martinez, do Instituto de Permacultura Ná Lu'um, era o encarregado da obra e do processo pedagógico. E ele próprio – muito conhecido – havia trazido ou convidado muitas das pessoas presentes.

Rapidamente nos informamos do básico: funcionamento das alimentações (almoço coletivo e o resto cada um por si, autogerido); acomodações (quartos separados entre homens e mulheres, eu no 68, e Ale no 67); e outros acordos básicos. Havia uma ala do seminário reservada para nossa estadia, de modo que não cruzaríamos com os padres, e vice-versa. Um amigo me levou ao segundo andar, onde estava o meu quarto, e me mostrou o espaço. Chegando lá, um conhecido: Andrés, que conheci na Colômbia, em junho. Ele estava deitado, com a perna engessada – havia se machucado num jogo de futebol, há 15 dias. Nos reconhecemos e cumprimentamos. Ele se alegrou em me ver, e eu a ele. Me contou que estava ali há alguns meses, e sem destino depois. Viajando para aprender, como muitos fizeram. Uma das minhas metodologias favoritas.

O quarto era grande, com 5 camas, e janelas enormes por todos os lados. O prédio era amplo, corredores largos. Devia ser bem iluminado de dia. O banheiro coletivo com vários boxes de chuveiro e vaso, logo ao lado. Uma estrutura excelente. Sofás, mesas, internet aberta... Enfim, já nos encontrávamos plenamente acomodados, com tudo o que precisaríamos.

Estávamos exaustos e já alimentados. Tomei um banho, mandei umas mensagens, me despedi de Ale e dormi cedo. Foi uma noite de sono revigorante.

Dia 05 (terça – 08/03):

Acordei bem cedo, com o amanhecer inundando o quarto. Deviam ser por volta das 6h e pouco. O dia se anunciava belo. Como era o meu primeiro, estava observando a rotina, pra ver como eles faziam.

Às 7h eu descia para o café, onde boa parte já estava. Éramos umas 15 ou 20 pessoas aparentemente. Cada um preparando seu café, ou organizado em pequenos grupos. Ale preparou para nós um copo de frutas com iogurte e granola, delicioso.

Faltando 10 minutos para as 8h, ganhávamos as ruas na direção das obras da Escola.

Me explicaram que, no dia anterior, não havíamos perdido nada de muito relevante. Não houve qualquer grande conversa ou explicação, simplesmente foram recebidos para trabalhar. O grupo de aprendizes que se iniciara era composto por umas 10 pessoas, dentre as quais Alejandra. O combinado era que às 8h todos chegavam na obra, e faziam uma roda de abertura para dividir os trabalhos e tirar qualquer dúvida. O almoço era por volta das 12h. Das 14h às 17h30, os trabalhos eram retomados.

Descemos a ladeira até o Parque Municipal que onde se estava construindo a Escola: uma APP de 4,5 hectares, cedida para a Fundação Ayni, no intuito de mantê-la e construir as instalações da escola, por onde passava um pequeno rio chamado Tacaoca.

Lá já estavam diversas outras pessoas, que também trabalhavam na obra, residindo em outros espaço e sob outras condições. Além dos aprendizes, eles tinham um sistema de bolsistas que ficava por 3 meses lá; e haviam também alguns locais. Ao todo, umas 40 pessoas, eu diria, fizeram a roda de abertura. Mais um reencontro: Rodrigo Marques, brasileiro que também conheci na CLAP, na Colômbia, me abraçou efusivamente. Conversamos um pouco, mas logo partíamos para o trabalho. Cada grupo tinha seu coordenador ou coordenadora. Várias construções estavam sendo erguidas simultaneamente, com barro e hiper-adobe, basicamente. Nós fomos para uma construção circular, e logo chegou Joana para nos passar algumas instruções: faríamos o reboque de barro (com as mãos), na parede externa daquela construção circular. A massa já estava pronta.

Ela tirou nossas dúvidas, distribuímos tarefas entre nós e começamos. Passei as primeiras horas da manhã ali. Tirei a camiseta depois de receber os primeiros bocados de barro na cara e no corpo. Jogávamos pequenas bolas e depois a espalhávamos com as mãos. Tudo muito artesanal, e terapêutico. Mas trabalhoso. Bastante. Aproveitamos o trabalho para ir conhecendo as pessoas que estavam por perto. Histórias muito parecidas: jovens que buscavam aprender mais sobre a vida, sobre a natureza, sobre eles mesmos, e que se dispuseram a viajar para conhecer, para desvendar, para buscar. Um grande número de mulheres. Idades girando entre 20 e 30 anos. Quase todos estudantes universitários ou formados.

Depois de um tempo, decidi caminhar pelo terreno, e checar o andamento e o processo das outras obras. Além do nosso, haviam mais 3 grupos: um construindo a biblioteca, outro uma sala de aula, e um último os banheiros secos. Cada qual com 7 ou 8 pessoas. Passei por cada uma das construções, conversando um pouco com o povo, me apresentando, olhando, entendendo.

Todos se dedicavam muito, sem patrão, sem empregado, com boas energias e intenções. Quando eu chegava, sempre alguém parava para conversar comigo. Eu me sentia estranho por estar atrapalhando, mas eles me diziam pra ficar tranquilo. Eu era bem vindo. Contavam um pouco do que estavam fazendo, de si, etc. Conheci Carol, mineira que havia feito seu PDC no ano passado, no Instituto Pindorama, no interior do Rio, e que agora havia ido parar lá; conheci Michel, um italiano que havia feito o PDC com Tierra, na Itália, há alguns meses, logo após o IPC (International Permaculture Convergence), realizado em Londres; entre outras pessoas. Um tio do Thiago Berto também estava na obra, mexendo com madeira. Um senhor mais velho. Perguntei se ele estava sendo contratado ou se era voluntário. Ele falou que 'um pouco dos dois'. Às vezes recebia algo, mas no geral era trabalho voluntário mesmo. Ele emprestava algumas ferramentas, dava uma força, etc. Além do mais, não tinha o que fazer, e era bom estar ali. Ele me contou que o pessoal da cidade já havia 'crucificado o Thiago umas 3 vezes já', dizendo que essa escola não ia dar certo, que isso era loucura, e muitas outras coisas. Mas disse que o Thiago 'havia ido pra cima, dando entrevista nas rádios, jornal, TV', e que agora o pessoal estava começando a ficar quieto, porque a coisa ia acontecer mesmo. Disse que o pessoal ali tinha cabeça muito pequena, mas que quando eles vissem a escola pronta, iam ficar calados e ajudar, ao invés de reclamar. Era um senhor simples, de origem humilde, e que estava ali de boa vontade. Depois vim a saber que Thiago crescera em Guaporé, mas foi expulso de casa, e ainda moleque, foi morar em Porto Alegre. Os pais de Thiago eram falecidos, mas parte da família ainda estava em Guaporé, em especial a avó e o tio, soube depois.

No banheiro seco, vários brasileiros trabalhando, inclusive Rodrigo, com que conversei até demais, desconcentrado-o do trabalho dele.

Minha impressão geral era que algo grande estava acontecendo. Havia uma organização notável (grupos, mutirões, coordenação, sala de ferramentas, materiais, etc), aliada à certa flexibilidade que qualquer obra comercial jamais teria. Um verdadeiro 'canteiro-escola'. E era para isso que Tierra (e o Instituto Ná Lu'um) havia sido contratados: para entregar 10 prédios bioconstruídos, e para entregar e conduzir um processo pedagógico. A Escola já existia.

Ao meio dia, subimos para o almoço, feito ali mesmo, numa cozinha improvisada. Uma refeição vegetariana simples e saborosa: arroz, abóbora, salada, farofa, e sopa. Em fila, os pratos eram feitos e entregues nas nossas mãos. Sentamos em uma mesa comprida para comer. Na sombra das árvores e das lonas ali colocadas para nos proteger do sol e da chuva.

Às 13h30, Thiago (que eu havia apenas cumprimentado, pois ele estava apressado) havia marcado de falar com a nova turma de aprendizes, apresentar a proposta e tirar qualquer dúvida. Depois do almoço, corri ao seminário (literalmente desci correndo as ladeiras, para chegar a tempo) para buscar meu caderno de anotações, pois eu havia me esquecido de trazê-lo. Uma moça da obra me disse que eu não precisava pegá-lo, pois o que era importante eu lembraria. Ela insistiu para eu não ir buscar o caderno, quase que me propondo um desafio pessoal. Eu sorri e fui até o seminário buscá-lo. Afinal, cada um tem seu jeito de lidar com as informações, e um dos que aprecio é escrevendo; ou pelo menos ter papel e caneta à mão, por uma questão de segurança psicológica.

Cheguei a tempo de me sentar à sombra de uma árvore na roda que se formava em volta de Thiago. Éramos apenas nós – o grupo dos novos aprendizes – e ele. Foi um diálogo bem livre. Ele pediu que primeiro disséssemos o que sentíamos, o que queríamos, e qualquer coisa que nos fosse por dentro, usando um bastão da fala improvisado. Comentou que se os professores e professoras se dessem ao trabalho de iniciar cada aula daquela forma, muitos dos problemas seriam superados. Bastava olhar nos olhos das crianças e perguntar: 'como você se sente?'; 'como você está hoje?'; 'o que você fez ontem?'; para começar uma relação muito mais profunda e transformadora.

Alejandra foi a primeira a falar, e eu o segundo, por sermos as pessoas 'mais novas' ali. Nos apresentamos e agradecemos a oportunidade de estarmos presentes. Outros foram falando até que Thiago também começou a contar um pouco de sua história, bastante curiosa. Pedi permissão para ele e gravei trechos da conversa, que irei transcrever mais tarde.

Em linhas gerais, Thiago não teve uma infância fácil: agredido violentamente pelo pai, com 12 anos dormiu por diversas vezes ao relento, no inverno de Guaporé, por não poder voltar pra casa e nem querer admitir para ninguém pelo que passava. Além disso tinha que ir à escola no dia seguinte. O pai não o aceitava, e o negava fazendo uso de violência física. Muito cedo foi expulso de casa, e ele foi pra Porto Alegre, onde tudo o que pensava era em estudar para ser melhor que o pai. Confessou ter sido o 'ódio' o primeiro sentimento que o moveu verdadeiramente. Movido pelo ódio ao pai, e pela vontade de ser diferente, tornou-se um grande especialista em computação, e com 19 anos montava uma empresa de segurança na internet que viria a crescer rapidamente, tornando-o um empresário jovem e bem sucedido, de modo que ele sequer chegou a concluir o ensino médio, dedicando-se inteiramente a ganhar dinheiro. Comprou apartamento, casa, carro. Provou para si mesmo do que era capaz. Mas não se ajustava simplesmente às possibilidades de consumo que o dinheiro lhe trazia, e aos 30 anos vendeu a empresa e, com a grana que tinha, decidiu viajar o mundo por 3 anos: Butão, EUA, Europa, América Latina, Brasil... queria conhecer as possibilidades do mundo, projetos sociais, educacionais, comunidades, escolas. Viu muita coisa por aí, e seu mundo crescia a cada passo. Muitas referências iam se cruzando. E depois desse período itinerante, vendeu alguns de seus bens e decidiu retornar à terra natal, e começar um projeto que agregasse alguns elementos e proporcionasse um outro tipo de formação para as pessoas: nascia a Ayni. Creio que não é meu papel descrever as missões e objetivos institucionais da escola, uma vez

que tudo isso está disponível no site dela. O que me cabe é descrever minhas impressões gerais e reflexões acerca de tudo que vi e ouvi.

Voltando à Guaporé, Thiago se reuniu com o prefeito, e pediu diretamente a área do parque para construir uma escola. Ele conta que nem o prefeito sabe porque, mas ele topou. 'É a magia', disse, 'não é racional'. As coisas simplesmente foram acontecendo. Ele decidiu investir seu dinheiro nessa história. O projeto total da escola custaria 2 milhões e meio. Ele injetou os primeiros 20%. 'O resto virá', dizia, de algum ou de alguns doadores que acreditavam na proposta.

Além disso, ele contava que havia entrado em contato com os trabalho de Tierra e que o havia contratado, tendo uma relação comercial com ele. E fez questão de frisar que pagava bem, 'porque ele é um mestre, e porque ele merece ser valorizado'.

Na transcrição das conversas na íntegra outros elementos aparecerão, mas essas foram as linhas gerais. Às 14h30 ele disse que tinha outro compromisso, e citou Steiner dizendo que a 'pontualidade é o amor na prática'. Ao que nós voltamos ao trabalho.

Eu ajudei um pouco e me coloquei a escrever e a conversar com as pessoas. Pensei em voltar ao Seminário, mas decidi ficar até o fim para pegar o círculo de encerramento, até para ver como era a dinâmica de um dia inteiro.

Tentei ter uma conversa particular com Thiago, mas parecia difícil. Ele corria pra cima e pra baixo. Eu queria tirar algumas dúvidas pontuais que ficaram. Perto das 16h nos cruzamos, e ele disse que poderíamos conversar naquela hora, pois no dia seguinte iria viajar para uma palestra em Canela, e seria inviável, dado que eu iria embora logo. Ele estava cansado, disse que se não desse não havia problema, ao que ele insistiu dizendo que não; que 'queria honrar minha ida até ali'. Fiz uma entrevista com ele de aproximadamente 15 minutos, e que será futuramente transcrita na íntegra também, perguntando detalhes da fundação da entidade e outras questões mais políticas.

Um aprendizado que me surgiu ali (e em outras situações futuras) é que preciso aprender a me colocar menos, não porque acredite em uma suposta neutralidade, mas porque quero que as pessoas se sintam a vontade a dizer aquilo que elas pensam de verdade; e não se sintam induzidas ou coagidas a falar ou não falar algo. Minha missão prioritária, no momento, não é o convencimento político de ninguém, mas entender o que pensam e quais os horizontes e visões de indivíduos importantes para a história da permacultura no Brasil. Thiago se define como apolítico (é bastante avesso à esse tipo de debate), o que para mim é inconcebível; queria insistir no fato de que se não fosse o prefeito ter topado, o que ele teria feito? E a partir daí puxar a importância de fazermos a luta institucional para termos mais prefeitos como esse, e eventualmente até melhores, para catalisar processos de transformação como aquele ao redor do Brasil. Mas ele insistia no pólo da 'magia'. Em todo o caso, meu aprendizado é o de não tentar convencer as pessoas em meus diálogos de pesquisa, apenas constatar fatos e tecer diálogos produtivos para isso. Claro que existem espaços de convencimento, mas o processo é lento, e é preciso entender as oportunidades que se apresentam.

No final do dia, depois da grande roda de encerramento, fomos para o Seminário. Tomar banho, comer, e descansar. Todos bastante cansados; não é pouco trabalho. E nem leve, por mais que seja descontraído. E para encerrar o dia, Alejandra e eu fomos ao supermercado comprar algumas coisas básicas para nossa alimentação.

Meu objetivo era passar a noite trabalhando no computador: transcrevendo entrevistas, digitando diário, respondendo e-mails para aproveitar a internet... Mas não fiz nada disso. Depois de algumas conversas fui me deitar bem cedo. Antes das 22h eu já dormia profundamente.

Dia 06 (quarta – 09/03):

Quem dorme cedo, acorda cedo. Dessa vez fui o primeiro a acordar no 68. Éramos quatro no quarto: Lucas Ota (estudante da UNESP Rio Claro, brasileiro); Kevin, argentino; Andrés, colombiano; e eu.

Amanhecia. Passava um pouco das 6h. Me dirigi até a ampla janela. Uma mancha arrebol, semi-violácea, cortava o céu da manhã. Araucárias a vista, uma leve neblina, as casas e prédios da cidade abaixo de nós. Uma vista sublime. Cheguei a ficar emocionado com aquele quadro logo de manhã. Abri um pouco a janela, vagarosamente, para não fazer barulho, e respirei profundamente o ar frio do sul. No quarto fazia calor. Talvez porque éramos quatro pessoas fechadas num quarto alto e que tomava sol o dia todo, devido a imensa janela de vidro. São cenas como essa que me convencem da importância de despertarmos pela manhã. O nascer do sol que não vimos na praia do Campeche, em Floripa, se oferecia ali à minha vista. O sol se esgueirava pelas nuvens e neblinas, e prometia fazer daquele mais um dia lindo.

Decidi tomar um banho e me sentar para trabalhar no computador, aproveitando que todos ainda dormiam, e só acordariam dentro de uma hora. E assim fiz.

No corredor entre os quartos havia uma mesa ampla, com cadeira e tomada próxima, onde me sentei para trabalhar com o computador. E-mails, mensagens, pendências. Assinatura, documentos para oficinas no SESC, datas. Uma hora depois, quando todos levantavam, comecei a ouvir um barulho de gotas e água. Começava a chover. O clima havia se modificado profundamente. Da promessa fez-se cinzas. Com ou sem sol, o dia de trabalho aconteceria. Talvez menos entusiasmado com o frio e a umidade, mas se daria da mesma forma.

Desci para tomar o café junto com o povo. Alejandra preparou iogurte com frutas e granola para nós. Na saída, disse que ficaria mais um pouco por ali, adiantando meus trabalhos no computador, e que os encontraria mais tarde. Ale me pediu que, quando fosse – caso não estivesse chovendo –, que eu levasse seus materiais de desenho/pintura, que deixou comigo.

Por volta das 8h então retornei ao trabalho no computador, com internet. Inicialmente, eu me planejara para, por volta das 11h ir à obra, ajudar um pouco, e almoçar por lá. Porém a chuva não parava, e os trabalhos também não acabavam. De modo que decidi por ficar ali mesmo, e passar o dia todo trabalhando.

Pude responder todas as mensagens, me informar, conversar com algumas pessoas pela internet, enviar documentos, e transcrever uma entrevista curta que, como foi a primeira, exigiu-me criar um método (enviei os arquivos para o computador, converti de '.wav' para '.mp3' para ocupar menos espaço; criei um atalho rápido no teclado para definir play/pause; desenvolvi uma metodologia de trabalho, enfim). O mesmo se deu para a transcrição do meu diário, para a qual tive que inventar uma maneira eficiente de realizá-la.

Além disso, aproveitei a internet para tirar todas as minhas dúvidas de itinerário: por que estradas eu iria, quais ônibus, valores e horários. Cheguei a ligar em duas rodoviárias para confirmar se de fato havia tais linhas. Isso foi essencial, e percebi a importância – e o trabalho – de um planejamento sólido, com informações atualizadas e verificadas em fontes confiáveis e, preferencialmente, múltiplas.

Por último, usei pelo menos uma hora do dia pesquisando sobre a Arca Verde, minha próxima parada, ecovila em São Francisco de Paula. Naveguei pelo site, li textos e vi vídeos. Me pareceu mais adequado chegar minimamente informado ao invés de partir do zero. Dessa forma as entrevistas e a vivência renderia mais, e eu poderia pular perguntas muito básicas a partir de informações disponíveis na internet. Tem até um documentário sobre a ecovila, antigo, no YouTube.

Dessa forma, não há tanto o que registrar desse dia. Almocei pão com queijo, tomate e temperos; e cookies comprados no mercado. E umas bananas.

Um pouco depois das 16h, Alejandra retornou para o seminário, toda suja de barro e molhada. Passou o dia trabalhando na chuva. Mas estava feliz. Não se importou com a minha ausência.

Segui trabalhando mais um pouco (até o limite, há muito o que fazer) e, pelas 17h, decretei que tinha feito o meu melhor por aquele dia. Pedi o tapete de yoga emprestado da Ale, e fui me esticar um pouco. Coloquei uma música e fiquei uma hora me alongando e exercitando. Meu corpo estava meio fraco pela ausência de exercícios e pelo dia todo sentado. Notei que minha flexibilidade, a despeito do tempo sem alongamento, estava boa. Talvez como reflexo de um período onde me alonguei com certa frequência. Nos exercícios senti o mesmo. Não fui capaz de fazer as 150 flexões (em ângulos variados) que eu vinha fazendo há 20 dias atrás. E meus músculos se exauriram antes do que eu esperava, mas foi quase. O meu 'ponto de falha' havia retrocedido um pouco – um claro reflexo das semanas sem exercício. E nos dias seguintes, eu sentiria as dores características de um exercício que realmente desgasta o corpo.

Tomei outro banho.

Me contaram que haveria uma festa de aniversário surpresa para uma austríaca que estava hospedada por ali também, trabalhando na obra da escola. Eu podia sentir o clima de festa no ar, todos excitados e ansiosos.

Lá pelas 20h desci para a cozinha, onde o 'circo era armado'. A garota havia sido impedida de descer com uma desculpa qualquer. Havia pão, vinho, guaca-mole, e outras coisas. Eu tinha fome.

Voltando à festa, foi tudo muito bonito. Chegavam logo depois as pessoas hospedadas em outras casas (ao todo eram três espaços que alojavam os aprendizes e bolsistas: o seminário; a casa de pedra – dentro do parque onde se construía a escola –; e um apartamento alugado pelo Thiago). A moça completava 23 anos, e tínhamos 23 velas acesas. Nos posicionamos como em um corredor, éramos quase 30 pessoas, cada uma segurando uma vela ou algo para presentear-lá. Depois de muito riso e espera (algumas pessoas já começavam a ficar 'altas' pelo vinho), a aniversariante apareceu. Fazíamos uma balburdia – palmas, gritos, assobios – que provavelmente se podia escutar de toda Guaporé. Eu me perguntava se os padres ou a administração do seminário não estaria incomodada: jovens, bebendo e farreando dentro daquele espaço. Não que fosse qualquer coisa muito pesada, mas tendo em conta o caráter noturno das práticas religiosas cristãs, acredito que pudesse ser algum incômodo para eles. Mas em momento nenhum vieram ter ou reclamar conosco.

Enfim, depois de muita espera, tensão e risada (todos muito alvoroçados, correndo de um lado para o outro com os preparativos), a aniversariante chegou e chocou-se com aquela cena. Foi apagando as velas uma a uma, em um ritual que levou pelo menos meia hora, pois ela abraçava cada um e cada uma com calma; conversava; ouvia e trocava palavras. Foram então 23 abraços demorados e interativos, além de outras pequenas intervenções. Durante todo esse tempo, Rodrigo ficou puxando músicas brasileiras com o pandeiro e o gogó, para não baixar o astral: Jorge Ben; Adoniram; sambas antigos e novos.

Depois disso fomos para o salão com os comes e bebes, e a aniversariante fez um pequeno discurso em alemão, emocionada. Não entendi palavra, mas pareceu bonito. Então comemos. O namorado dela, italiano, havia preparado um macarrão. Estava comível, mas não muito saboroso. É difícil acertar o ponto de comida feita pra tanta gente, ainda mais de macarrão. Havia ficado meio grudento, sem molho. Mas pela minha fome, estava ótimo. Comi um prato, e várias fatias de pão com guaca-mole. O vinho (local) não me agradou. Achei azedo, e seco demais da conta. Não me dava prazer tomá-lo.

Conversei com algumas pessoas durante a noite: uma garota espanhola, e outra argentina. Além de papear mais com o Andrés e Lucas, dos quais já havia me tornado amigo. Lá pelas tantas, Alejandra me pediu que pegasse o violão para tocar. Eu não estava muito a fim, e, aproveitando a deixa e a vontade de subir, fui para o quarto às 22h. Aproveitei ainda uma última hora para enviar um projeto do Cine Veracidade e, às 23h, eu me ajeitava para dormir.

Dia 07 (quinta – 10/03):

Conforme havia me informado, eu deveria pegar o ônibus para Bento Gonçalves às 8h30 para conseguir chegar a tempo em São Francisco de Paula. E assim fiz. Arrumei minhas coisas de manhã, e sai junto com o povo que ia à obra, sob uma fina garoa.

Encontrei Tierra com seu fusca na saída. Disse que queria bater um papo com ele depois sobre minha pesquisa, ao que ele me disse para escrever. Ele me ofereceu uma carona até a rodoviária, eu disse que preferia ir andando, pra conhecer um pouco a cidade, afinal eram só 20 minutos de caminhada, e as malas não estavam pesadas.

Me despedi de Ale e deixei-a com a missão de tentar entrevistar Tierra em algum momento, e me mandar o áudio. Combinei de voltar a vê-la em Floripa, dentro de 15 dias.

Me informando na rua cheguei até a rodoviária com facilidade, faltando 10 minutos para saída do meu ônibus. Já perto me preocupei com a questão de ter pouco dinheiro vivo, torcendo para que eles aceitassem cartão. O que não se confirmou. Um aprendizado – que se reforçaria mais tarde – é o de, viajando pelo interior, confiar menos em cartão, e andar mais com dinheiro, porque muitos lugares (inclusive rodoviárias) não vão aceitar senão notas, dinheiro vivo. Ao fim tive dinheiro suficiente (15 reais), e comprei a passagem até Bento Gonçalves.

Lá sim tive que correr ao caixa eletrônico que, por sorte ficava próximo, e não chovia muito. Pois para Caxias do Sul eles também não aceitavam cartão, e eu não tinha mais dinheiro. Em menos de meia hora eu já havia trocado de ônibus, e rumava para Caxias, onde cheguei quase ao meio dia.

O ônibus de Caxias para São Francisco de Paula saíria apenas às 13h30. Atravessei a rua para almoçar em um boteco barato que me indicaram. 12 reais 'buffet' (risos) a vontade, e um pedaço de carne. Comida simples, bem salgada e gostosa.

Aproveitei o dia de viagem para ler. Desde manhã eu havia iniciado a leitura de 'Ecologia Social ou Sociobiologia?', de Bookchin, e após o almoço (e pelo resto do dia) segui-a. Consegui ler o livro todo (que é um ensaio pequeno) durante a viagem. Aproveitei para mandar ao amigo que me apresentou o livro mensagens de voz com algumas críticas superficiais e primeiras. Conforme disse ao amigo, quero ler esse livro novamente, sentando em uma mesa, com um caderno e internet próxima, pois as referências são muitas. É um livro bastante técnico, onde Bookchin demonstra uma considerável erudição e profundo conhecimento no campo das pesquisas científicas contemporâneas, principalmente na área da biologia e da genética. Parece-me tratar-se de um livro resposta à obra de E. O. Wilson: "*Sociobiology: the new synthesis*"; um livro de polêmica. Guardadas as proporções e as diferenças, lembrou-me um pouco o que o 'Anti-Édipo' (de Deleuze e Guattari) faz ao centrar sua crítica na psicanálise freudiana ao longo de toda obra; ou o que Marx faz em 'A miséria da filosofia' na crítica à 'Filosofia da miséria' de Phrodoun. Outros textos de Bookchin me agradaram mais, principalmente os que abordam a questão do municipalismo libertário, onde ele aborda os conceitos de Esfera Pública não-Estatal; nos debates sobre as Assembleias Populares; formas de democracia direta; etc. Mas em todo o caso separei alguns trechos –

grifando o próprio livro – para me debruçar mais tarde. Em termos gerais, o livro aborda a desconexão entre sociedade e natureza fomentada pelo pensamento hegemônico a partir do renascimento; desconexão que se manifesta no fazer científico, nas religiões, na filosofia, no modo de produção e em todas as esferas da existência humana.

Ouvi música e cochilei um pouco no caminho também, além de admirar a paisagem.

Por volta das 16h30 desembarquei na rodoviária de São Francisco de Paula. Chovia muito. Eu tinha um mapa de como chegar à Arca Verde: 10 quilômetros dali, com 6 em estrada de terra. O melhor que me informaram era pegar um ônibus para Tainhas (custando 8 reais) e descer no trevo, onde eu andaria os 6 quilômetros de terra a pé. Naquele clima, sem condição. Perguntando para os táxis, o valor que eles cobram era o de 45 reais. Também sem condições.

Liguei para o Marcos. Ele havia me dito que poderia pedir pra alguém me buscar na rodoviária, mas que eu teria de fazer uma contribuição padrão para a manutenção do carro no valor de 30 reais. Dadas as circunstâncias, aquilo me pareceu o melhor a fazer. Mesmo que eu tivesse pouco dinheiro e buscasse economizar.

Assim que, pedi a senha da wi-fi da lanchonete da rodoviária (o 3G na cidade era horrível) e fiquei esperando pelo Leandro, que chegou por volta das 17h30 para me pegar.

Leandro foi muito simpático. Aproveito a vinda à cidade para passar na farmácia e comprar gás. No caminho fomos nos apresentando e, logo, eu já pedia para gravar a conversa (“sei que é chato chegar assim gravando, mas é que vou ter pouco tempo aqui, e o papo está bem interessante; já é um ótimo material pra minha pesquisa. Será que posso gravar essa conversa?”). Foi no carro para Arca Verde que realizei então minha primeira e precoce entrevista por lá. Leandro é bastante eloquente, fundador da Arca, com bastante acúmulo e vivências no 'movimento alternativo' brasileiro, tendo participando de diversos ENCAs, do GEN/CASA, PDCs, Redes de Agroecologia, cursos, etc. O foco da nossa conversa foi o contexto econômico do universo da permacultura, e durou pelo tempo da ida à ecovila: uns 15 minutos. Fomos devagar, pois chovia bastante, e um bom trecho do caminho é de terra.

Ao chegar na Arca Verde, Leandro me levou à cozinha central, onde boa parte do povo se reunia naquele momento (era final da tarde). Cheguei com minhas mochilas e meu sorriso, e me apresentei a todos – reparei que a presença feminina era ligeiramente superior à masculina. Havia cerca de 10 pessoas ali, cozinhando. O espaço era apertado, apinhado de coisas, com teto baixo, um forno a lenha ligado. Estava agradável. Leandro disse que precisava fazer algumas coisas, e deixou a cargo dos presentes me receber e instalar. Me apresentei brevemente, e preferi ouvir os diálogos.

Logo de início – e mais tarde essa impressão só se aprofundaria – vi semelhanças muito grandes com a dinâmica da Ecovila Tibá, em São Carlos, o que me agradou pelo carinho e apreço que tenho por eles. Em termos de caracterização superficial, o grupo era composto basicamente por jovens com uma idade média girando entre 20 e 35 anos; algumas crianças/bebês. Majoritariamente universitários, brancos. Realmente as Ecovilas são uma tecnologia social cujas iniciativas se unificam por propósitos e uma estética comum, de norte a sul do Brasil e do mundo, existem muitas semelhanças.

A primeira pessoa com quem conversei mais foi Angélica (ou 'Angel', como ela me disse mais tarde ser chamada em geral). Ela me recebeu com uma atenção louvável e, após uma meia hora, me levou à Casa Grande, onde eu ficaria hospedado, há uns 500 metros dali. Garoava, mas nada grave. Fomos caminhando tranquilos, e conversando. Ela me contava algumas histórias, apontava algumas construções, e fazia comentários.

A Arca existia há 10 anos. Primeiro em uma outra terra, num município próximo e, desde 2009, ali. Eram aproximadamente 15 moradores. Distribuídos em 6 casas, mais outras edificações coletivas, como as que íamos agora. Antigamente aquilo era um pesqueiro esportivo. A área total era de 25 hectares, dos quais 4 eram de um grande lago, o que fazia da

área especialmente fria e úmida (como se não bastasse estarmos na cidade com um dos maiores índices pluviométricos do Brasil, segundo ela me contou mais tarde).

Chegando na Casa Grande, ela se certificou de que eu tinha tudo que precisava, e me emprestou roupa de cama. Instalei-me num quarto com duas beliches. Era uma casa feita de madeira, com uma pequena varanda frontal. No chão da sala, um mosaico representando o 'ying-yang'. Um papel com algumas instruções básicas fixado na parede. Conversamos um pouco na varanda, mas senti que não era adequado pedir-lhe uma entrevista ali. Inclusive essas situações tem sido um grande aprendizado para mim, pois as conversas 'informais' são as mais ricas, e temos que ser bem cuidadosos para não estragar determinados momentos introduzindo elementos que possam constranger nosso interlocutor, tal como um gravador, que muda toda a dinâmica de uma conversa.

Angel cresceu na roça; seus pais eram agricultores que cultivavam fumo. Cedo ela quis sair dali (e curiosamente hoje se reaproxima do campo, que por algum tempo rechaçou), e foi morar em Porto Alegre, onde trabalhava e, depois começou a cursar faculdade. Os encontros levaram-na a conhecer a Arca Verde, onde havia chegado para uma pequena permanência há alguns meses; mas estava ali desde então, se ambientando e integrando àquela comunidade. Depois de alguns minutos de conversa na varanda da Casa Grande, Angel se foi e eu me ajeitei no quarto. Outras pessoas – que também estavam hospedadas ali – chegavam na casa: Alexandre, Liri, Rebeca e seu filho Lírío.

Tomei um gostoso banho e, ao sair, me juntei ao grupo completo que conversava na sala. Rebeca era a mais antiga na Arca; Xande e Liri estavam como voluntários há pouco tempo, mas já bastante integrados a rotina. Após algum tempo, vendo que, inevitavelmente nossa conversa passaria por eles apresentarem o espaço e suas vivências ali, pedi para gravar a conversa, ao que eles toparam na boa. Fiz então um segundo registro, dessa vez bastante longo pois se tratava de uma conversa livre, não de uma entrevista propriamente dita. Creio que, posteriormente, será interessante editar/cortar esse tipo de material, preservando apenas os trechos mais relevantes para a pesquisa, 'enxugando' o conteúdo do trabalho e ajustando a demanda de transcrições.

Eles me contaram que dormiam cedo, e quando chegamos perto das 23h, eles disseram que era madrugada. Nos recolhemos então, após uma ótima conversa, com várias dicas e comentários úteis e interessantes. Afeiçoei-me muito àquelas pessoas com quem dividi casa por dois dias. A simpatia e o acolhimento não tem limites.

No quarto, aproveitei o recolhimento para atualizar um pouco o diário (manual), e recapitular o dia.

Dia 08 (sexta – 11/03):

Aquele seria o primeiro dia de fato na ecovila, e eu queria, além de conversar com as pessoas, entender a dinâmica da comunidade. Das 8h às 9h era o horário definido para o café da manhã, com uma 'dupla' (ou equipe), responsável por preparar alguns itens básicos. O almoço era servido às 13h, igualmente preparado por uma equipe de responsáveis do dia. A janta era autogerida, com ingredientes comuns (comprados com dinheiro do caixa coletivo) disponíveis a todos, e com a possibilidade de cada qual agregar outros alimentos a partir de uma 'dispensa' particular.

As pessoas iam chegando então aos poucos para o café. Comi banana, tapioca, patês.

Sexta era o dia de faxina, e as pessoas iam se organizando em um quadro branco para ver quem limparia cada espaço. Um detalhe são as semelhanças organizativas com a Veracidade; lá eles também possuíam diversos quadros, lousas, avisos e cartazes pendurados, com divisão de tarefas, recados, comentários e toda sorte de informação, algo que, em São

Carlos, também estamos buscando fazer. Parece-me realmente importante nos apropriarmos dessas ferramentas simples.

Queria ajudar e, casualmente, voluntariei-me a auxiliar o Anderson, na organização do yurt dos cursos. Além das casas de madeira, eles possuíam diversas construções circulares feitas de bambu, lona ou madeira, a maioria construída no modelo de yurt. O espaço onde trabalhei já estava limpo. Havia que entrar descalço. Era um local de reunião e cursos, assoalho de madeira, alguns tapetes e muitas almofadas para as pessoas sentarem-se ao chão. Passamos uma vassoura, relocizamos algumas coisas, distribuimos outras e em questão de meia hora já havíamos feito a nossa parte. Pelo que Anderson me explicou, todas as manhãs eram voltadas ao trabalho comunitário e todas as tardes era livres para que cada um escolhesse ao que dedicar-se: projetos pessoais, lazer, descanso... enfim, livre.

Aproveitei para conhecer Anderson, um cara muito bacana. Ele é de Santos, havia chegado ali no ano passado. Ele viajava com a companheira para conhecer algumas comunidades e ecovilas. Depois me contou que até havia entrado em contato com a Veracidade e a Ecovila Tibá, mas que em ambas não tinha conseguido um retorno positivo. Disse que chegou a mandar 3 e-mails para a Tibá, mas que eles estavam sempre lotados. Ele é terapeuta, trabalha com diversas técnicas, principalmente PNL e hipnoterapia. Durante a viagem, enquanto eles passavam pela Arca, descobriram que estavam grávidos. Decidiram parar, e ali estavam desde então, com a pequena Prana a ocupar o centro de seus cuidados no momento. Nos despedimos após o trabalho e ficamos de conversar mais.

Na saída encontrei com Marcos, a pessoa com a qual eu havia me comunicado por e-mail e telefone, antes de chegar ali, e que havia preenchido meu formulário de pesquisa. Me ofereci para fazer mais alguma coisa, e ele me indicou para coletar as 'grimpas': galhos/folhas das araucárias, bastante pontiagudas, que de espalhavam por todo o gramado. A ideia era fazer pequenos montes delas, liberando o caminho e organizando-as para serem usado para compostagem ou para iniciar o fogo. Passei mais uma meia hora fazendo isso, com o auxílio de uma carruola e, vendo que estavam todos ocupados, decidi pegar o meu computador e me por também a trabalhar.

Fui então ao 'redondo', uma construção circular de madeira com mesas e cadeiras, onde há um brechó e uma loja com diversos produtos: incensos, livros, artesanatos, coletor menstrual, e toda uma gama de ofertas vinculadas ao universo 'alternativo'. Chamou-me a atenção especialmente algumas cópias impressas do livro 'Permacultura Um', traduzido para o português (tirei foto das informações); e eu sequer sabia que existia aquela tradução! Achei uma estratégia interessante para difusão: mandar imprimir os livros, encadernar, e colocar pra vender a um preço acessível e que gere um mínimo retorno à instituição. Fiz uma nota mental de, quem sabe, propor algo semelhante em São Carlos.

No redondo, encontrei uma mesa próxima a uma tomada e abri o computador. Não havia internet, mas achei que era uma ótima oportunidade de começar a transcrever meu diário, e realizar outras tarefas offline (como a transcrição das entrevistas), para não acumular todo o trabalho pra volta. Assim eu já poderia ir revisando o texto e rememorando os fatos. E foi assim que passei o resto da manhã, num ritmo notavelmente produtivo. Não sei se pela energia do local, se pela decisão interna, ou se pela ausência de internet, mas todas as vezes que trabalhei naquela sala, senti minha concentração afiada como nunca. Eu simplesmente não parava de escrever por um minuto sequer! Ia registrando os fatos e ocorridos ali no computador, de maneira leve, direta e sem quaisquer preocupações de rebuscamento. Sem pressão para inovação estética. O que me bastava era expor fatos, pensamentos e sensações que me parecessem relevantes, e registrá-los em texto.

Faltando 10 minutos para o almoço, tocaram o sino. E na hora em que foi servido, tocaram novamente. Nesse momento, eu conversava com Francesco, um rapaz equatoriano

que morava na Arca há quase 5 anos. Ele me falou um pouco de sua busca e viagens, e de como foi parar ali, além de sua visão da permacultura como ferramenta.

Uma coisa bastante recorrente ali foi a proximidade com a agroecologia. Desde o início, ouvi esse conceito ser repetido várias vezes. Eles eram parte da Rede EcoVida, do sul; haviam recebido pelo menos duas vezes cursos/visitas do Ernst Gostch para implementação de sistemas agroflorestais; e estavam bastante empoderados das técnicas de produção agrícola desse sistema. Lembrei-me pois Francesco trazia a tona também esse debate.

Almoçamos coletivamente e conversamos até as 15h. Chovia ininterruptamente. Aliás, assim foi durante 90% da minha estadia ali. Eu me molhava indo de um lado pro outro; todos usando galochas, e eu com meu parco tênis furado; passei dois dias com os pés frios e molhados. Uma das coisas que preciso, inclusive, é arrumar um sapato decente para seguir viagem. O meu já está em seus últimos momentos de existência, com um rasgo que cresce a cada dia.

Leandro ia para Porto Alegre após o almoço, e cogitei ir com ele para, de lá, ir à Estância Velha para o Instituto Ambiental Daterra, próximo local a ser visitado. Na última hora, consegui ver um e-mail (que eu havia recebido ainda na cidade, mas não havia visualizado) do Jefferson, responsável pelo Instituto, me pedindo para chegar no sábado ao invés da sexta, pois seria mais cômodo para ele receber-me. Achei que aquilo era um sinal, e decidi então ficar mais um dia ali, negando a carona para Porto. Mais tarde, descobrindo um ponto de internet numa obra no caminho de entrada para a Arca, vi que Jefferson reconsiderara, dizendo que eu poderia chegar naquele dia mesmo, sexta. Eu respondi dizendo que já havia me reprogramado para ir amanhã, ao que ele disse não haver problema.

Depois do almoço, me atualizei do mundo e das mensagens nesse ponto de internet que me indicaram. às vezes é bom ficar 24 horas afastado da rede, para se sentir querido, risos. Uma dezenas de mensagens para responder. Que gostoso.

Mais tarde segui tentando conversar com as pessoas e também na transcrição e atualização dos diários.

Durante o preparo da janta, fiz uma entrevista com Marcos, que não fluiu tanto quanto eu gostaria. Talvez por inexperiência minha em conduzir, ou por qualquer outra razão, mas de qualquer maneira trouxe algumas informações úteis que preciso selecionar e revisitar mais tarde.

De noite, Liri e Xande propuseram um Cine. Fomos ao yurt e escolhemos o filme 'Enter the Void', do diretor argentino Gaspar Noe. É um filme baseado no 'Livro Tibetano dos Mortos'. Bem forte e pesado; sinestésico; psicodélico. Não sei se gostei de vê-lo antes de dormir, mas é um ótimo filme, e me instigou a procurar esse livro, que descreve minuciosamente o que acontece conosco logo após a morte. Éramos 6 assistindo. Um desistiu antes do fim.

Dia 09 (sábado – 12/03)

Continua chovendo.

Meus planos eram me movimentar o mais cedo possível, para não chegar à Estância Velha em um horário impróprio. No café, conversei sobre as rotas com o povo da Arca, e ligamos na rodoviária para nos informar. Minha conclusão: a locomoção pelos interiores não é tão fácil. Não havia ônibus direto no sábado. Eu deveria ir pra Porto Alegre, e o próximo era só às... 15h! Eu teria mais umas boas horas ali então, nas quais eu, basicamente: conversei (ouvi), transcrevi um pouco do diário, usei a internet, e ajudei a preparar o almoço. Diga-se de passagem que o almoço desse dia foi divino, preparado por amigos deles, profissionais na

cozinha, que os estavam visitando no final de semana, um coletivo de alimentação vegana chamado 'Até o Talo'. E não apenas o nome é genial.

Daniel iria me dar uma carona, assim como a outras pessoas que também precisavam ir à cidade. Falei com o Marcos de acertar minha estada, ele me sugeriu um valor entre 80 e 100 reais pelos dois dias, baseado nas tabelas deles. Eu disse que sacaria na cidade em um caixa, pois não tinha ali em dinheiro.

Na hora de sair, eu estava pronto há muito, mas o pessoal acabou enrolando, e saímos super em cima da hora. Eu estava com medo de perder aquele ônibus. Felizmente Daniel sensibilizou-se, e dirigiu bastante rápido (e com segurança). Chegamos na rodoviária a tempo apenas de comprar a passagem (para a qual eu não tinha todo o dinheiro, mas a moça do caixa 'deixou passar', e eles não passavam cartão, claro).

Me despedi efusivamente e combinei de pegar a conta da Arca para fazer o depósito posteriormente, pois não havia tido tempo de pagar a estada.

Esse foi mais um dia de estrada; no caminho, fiquei no celular, apesar de haver sacado um livro pra ler ('O negócio é ser pequeno'); mas aquele ônibus chacoalhava demais da conta, não tinha condições de ler. Em todo o caso, essa questão da internet é séria, pois 'gasto' muito (não é essa a palavra exata) com ela; e estando ao alcance quase sempre, acaba se tornando um refúgio muito recorrente. Sinto que preciso me disciplinar nesse aspecto, e estabelecer dois ou três horários por dia, no máximo, para me permitir navegar. É que, de fato, trata-se de algo muito prático. Qualquer dúvida, qualquer lembrança pode ser imediatamente satisfeita ou encaminhada com alguns toques. Ao deixar pra mais tarde, temo esquecer-me. E também tem essa coisa do apego – gosto de me comunicar com pessoas queridas, e vivo trocando mensagens, atualizações e notícias. Mas talvez seja bom eu me permitir um tempo; e permitir às pessoas queridas um pouco de minha ausência. Enfim, breves reflexões sobre as dicotomias e contradições no uso da internet.

Cheguei em Porto Alegre no final da tarde, e lá me orientaram pegar um trem até Novo Hamburgo. Não apreendi muito do clima da cidade ainda; obviamente pude sentir tratar-se de um espaço metropolitano, pessoas de todos os tipos (pela primeira vez vi um número considerável de negros e negras), enormes ruas e avenidas, grande rodoviária, etc.

Caminhei alguns metrô e cheguei à entrada da 'Trensurb', cuja última parada é Novo Hamburgo, numa analogia com o trajeto de São Paulo à Jundiaí.

Andei por quase uma hora no trem, a maioria do percurso em pé, ouvindo música.

Em Novo Hamburgo segui as indicações de Jefferson, e procurei a parada do ônibus Lago Azul, da Viação Montenegro, no terminal próximo à rodoviária. Dei sorte, e um sairia em 10 minutos. Informei-me com o motorista, e ele me indicou a parada correta, em frente a uma empresa de terraplenagem, conforme indicara meu anfitrião. A bateria do meu celular acabou no caminho, e acabei um tanto perdido pois, ao descer, não avistei nada que me indicasse pra onde ir. Não havia placas e quase ninguém na rua. Um bairro industrial na periferia de Estância Velha. Sai andando para um lado a esmo, e, ao encontrar pessoas na rua fui me informando. Perguntava pelo Instituto Ambiental Daterra; e depois pelo Jefferson, mas ninguém conhecia. Fui parar num bar, onde coloquei o celular pra carregar. Indicaram-me onde ficava a rua que eu procurava. E um menino perguntou se o que eu procurava era uma floricultura.

Com o celular na mão, eu apenas segui a localização no mapa que me havia sido enviada. Eu estava de fato bem perto (da parada de ônibus, era só caminhar alguns metros à frente). Ao me aproximar, vi um rapaz na porta. Era Jefferson que já me aguardava. O lugar era de fato insuspeito, uma indústria de reciclagem de couro – nos fundos dessa empresa era que funcionava o Instituto, e onde Jefferson morava. Sem placas e indicações, e, aparentemente, desconhecido pelas pessoas do bairro. Perguntei-me se poderia acontecer o mesmo com alguém que buscasse a Veracidade andando pela Vila Prado, em São Carlos. Se

perguntadas na rua, as pessoas saberiam indicar onde moro ou onde fica a sede da nossa organização? Pois também não temos placa nem dizeres. Eu chegava lá por volta das 21h.

Jefferson é um cara tranquilo, muito sereno e suave. Sua recepção foi fantástica. Perguntou se eu tinha fome – comi duas bananas –, se eu precisava de algo, etc. Pegou a cuia para tomarmos um 'chimas' e nos sentamos na varanda ao lado da casa.

Sua localização é bem singular. Ele construiu/reformou sua casa e sede do Instituto no terreno da empresa de seu pai, que trabalha com reaproveitamento e reciclagem de couro, onde trabalhou e foi sócio por vários anos. Me contou que a região é um pólo calçadista nacional, e que os cortumes são muito presentes, e toda a cadeia produtiva de calçados. O que eles faziam é reaproveitar tiras e pedaços de couro que eram muitas vezes dispensadas em outras circunstâncias. Era um terreno grande – 3 hectares – onde além da empresa e dele, morava também o pai, numa casa ao lado, todos dividiam espaço e se dedicam às suas atividades. Conforme conversamos posteriormente, identifiquei-me muito com ele, pela questão do convívio familiar, do terreno cedido e outras situações muito semelhantes às minhas em São Carlos, com desafios e benefícios bastante análogos.

Ele também estava bastante interessado em meu trabalho e logo já falávamos sobre permacultura. Não perdi a oportunidade de pedir para gravar, pra adiantar meu trabalho, ao que ele concordou sem hesitar. Conversamos por uma hora, onde nos introduzimos um ao outro. Um amigo dele viria e, na sequência, faríamos um arroz carreteiro para jantar, acompanhados por algumas cervejas. Repito que a recepção foi fenomenal, raras vezes me senti tão cuidado e tão à vontade simultaneamente.

Dia 10 (domingo – 13/03):

Foi um dia família. Dormi na sala, num colchão improvisado. A casa tinha um formato inteiro, com poucas divisões. Quarto (do Jeferson), cozinha e sala eram todos um cômodo só. Acordei cedo com a claridade da casa iluminada.

Tomamos mate pela manhã; comemos pão e banana (da agrofloresta) com granola.

Aproveitei o dia de sol (e a máquina) pra lavar a roupa suja acumulada.

Na parte da manhã fiz mais uma entrevista com Jeferson, dessa vez mais focada em assuntos específicos do meu trabalho, e em algumas opiniões e vivências dele. No dia anterior, o depoimento foi mais histórico e para me situar.

Ele me levou para conhecer o espaço: uma casa bioadaptada (um espaço que já existia e que foi reformado e melhorado por ele, em cursos e oficinas); um terreno grande na área industrial de Estância Velha, 3 hectares na cidade; ao lado, passa um rio. Lá vi: dois pequenos lagos com peixes; agrofloresta; banheiro seco; a casa dele; a empresa do pai que trabalha com reciclagem de retalhos de couro; e a própria casa do pai, que mora com a esposa, também no mesmo terreno. Ele tem alguns cachorros. Dois que notei mais próximos, um deles com uma 'bicheira' terrível (algo como berne).

Na hora do almoço chegaram visitas: a mãe, e uma prima de Jeferson, com o filho Lorenzo, trazendo um delicioso almoço: lasanha de frango, salada de batata, arroz. A mãe de Jeferson, Loci, é professora de biologia, hoje trabalhando com projetos no contra-turno, justamente com educação ambiental: hortas e sensibilização ecológica. Aproveitei o tema e entrevistei-a também, tentando trazer a conversa para o contato dela com a permacultura, por meio do filho, e a visão geral que ela tinha.

Conversei um pouco com Lorenzo também, mas ele estava mais entretido com seu tablet. Só em um determinado momento que me chamou para mostrar uns golpes de judô, e

jogar um pouco de bola. Ele tem 6 anos. Subimos juntos no telhado verde, e a conversa que tivemos lá virou uma anedota que escrevi intitulada “Trocando em Miúdos”, sobre sabedoria infantil. Deixo esse material em anexo ao diário.

De tarde, Jeferson me mostrou onde funcionava a internet, o que acabou atrasando violentamente meus trabalhos a partir dali, mas me adiantou muita comunicação. Mil mensagens. A dificuldade de ficar 24 horas sem internet é imediatamente recompensada quando você se reconecta, e se sente querido, risos.

De qualquer forma, me instalei em uma mesa de vidro na sala, próxima a uma tomada, e me pus a trabalhar pela noite.

Trocando em miúdos

Jefferson implementou em sua casa – O Instituto Ambiental Daterra, em Estância Velha (RS) – diversas tecnologias permaculturais: parede de terra, tratamento de água, banheiro seco, telhado verde, etc.

Naquele domingo de março, tive o prazer de conhecer parte de sua família: sua mãe, que nos presenteou com um belo almoço (digno de sua ascendência italiana); e sua prima com o filho Lorenzo, de 6 anos, do qual busquei me aproximar algumas vezes, a despeito dele estar entretido em jogos eletrônicos.

Em determinado momento, o garoto queria subir para passear no telhado 'vivo', e sua mãe – que estava ocupada –, disse que ele não poderia ir sozinho. Sem pestanejar me ofereci para subir com ele, e lá fomos nós, pela escada em caracol que dava acesso ao espaço.

Lá em cima um bom trabalho havia sido feito: 10 centímetros de terra boa cobriam toda a extensão daqueles quase 50m² de telhado verde: gramíneas, flores, espontâneas, onze-horas, e diversas espécies conviviam ali, naquela grande caixa de madeira impermeabilizada com uma geomanta.

Uma das coisas que mais gosto é de descobrir como as crianças enxergam o mundo, e como enxergam aquilo que nós adultos fazemos. Especialmente me interessa a visão dos pequenos de nossas atividades menos convencionais. Não perdi a oportunidade, então, de perguntar a Lorenzo se ele sabia porque o tio dele havia colocado aquelas plantas no telhado.

A resposta dele foi rápida: sim.

– E por quê? – perguntei, querendo verificar se ele já entendia questões como 'conforto térmico' ou 'biodiversidade', ainda que usando palavras simples e infantis.

Mas a resposta remeteu à razões ainda mais necessárias e essenciais.

– Ele fez pra poder mostrar pras pessoas. Ele traz um monte de gente aqui e fica conversando com elas.

Realmente, as crianças sabem ver muito melhor o que é realmente importante.

Estância Velha, 13 de março de 2016

Dia 11 (segunda – 14/03):

Decidi ficar um pouco mais. O ambiente estava muito agradável e sereno, apenas Jeferson e eu, com algumas eventuais visitas, sem muito barulho, com local para trabalhar e internet fácil. Conversei com meu anfitrião e ele disse que não havia problema me hospedar por mais um dia ali.

Ele estava mal de garganta: inflamação, tosse... de modo que foi ao posto de saúde e pegou um atestado para ficar em casa. Ele é biólogo e coordenador de um projeto de combate à dengue pela universidade Fevale em parceria com a prefeitura de Novo Hamburgo.

De manhã eu aproveitei pra lavar outras roupas, mais grossas (blusa de frio, toalha, bermuda jeans) que não havia lavado no dia anterior. E o dia foi 100% no computador, escrevendo e trabalhando.

Transcrevi a entrevista que Thomas Enlizador me concedera um mês antes, por telegram (aplicativo de comunicação baseado em software livre, análogo ao whats app, porém código aberto). A transcrição levou cerca de uma hora (o que me assustou, pois ela é bastante curta, e mesmo assim levou um tempo). O conteúdo da entrevista estava fantástico. Thomas fala coisas muito fortes e alinhadas com a minha maneira de ver as coisas. E o interessante é que ele é uma pessoa que tem um grande lastro na 'comunidade'; está envolvido há bastante tempo, tendo adquirido certa notoriedade pelos espaços. O que legitima mais seu discurso.

Da transcrição surgiu a ideia de fazer uma matéria ou artigo, em estilo jornalístico, para movimentar o tema da popularização da permacultura. Assim o fiz, acrescentando algumas falas minhas de maneira bem superficial, centrando-me nos depoimentos e posições de Thomas. Ao terminar, mandei pra ele uma versão da matéria, perguntando se ele me autorizava publicar ou se queria modificar algo. Ao mesmo tempo que enviei para amigos/amigas jornalistas para uma primeira avaliação, pois gostaria de publicar em alguns portais de matérias e debates.

De noite, Paulo, amigo de Jeferson, veio. Conversamos um pouco, tomando cerveja. Eles estavam escrevendo um projeto para um edital do fundo municipal de cultura, para criar e circular um espetáculo educativo pela prevenção da proliferação da dengue. Me propus a ajudar em algo, e, de noite, fiz uma rápida revisão comentada do texto formulado por eles, bastante bom, aliás. Foi um momento muito gostoso com eles; senti ali uma amizade nascente. Fiquei muito feliz com a possibilidade de receber Jeferson em minha casa. Ele é um sujeito realmente bondoso, tranquilo, atencioso. Tratou-me muito bem; se interessou pelo meu projeto. Contribuiu nos níveis material e imaterial. E continua contribuindo. É ótimo encontrar pessoas como ele na estrada, nos anima a seguir.

Dia 12 (terça – 15/03):

Com as coisas prontas, acordei cedo e sai com Jeferson. Ele ficou de me deixar na estação de trem em Novo Hamburgo na ida ao trabalho. E foi assim que por volta das 9h30 eu entrava no trem com destino a Porto Alegre.

O engraçado foi que Jeferson havia comentando que, ao menos, por eu pegar o trem na primeira estação e descer na última, eu conseguiria ir sentado o trajeto todo. Só que não. No segundo em que as portas abriram, as pessoas correram vorazes para tomar seus assentos; e eu me neguei a fazer tal disputa, mesmo estando com duas malas grandes. Fui num canto, soltei as mochilas, e fiz o trajeto todo a pé, observando as pessoas que entravam e saíam; ouvindo música e olhando a paisagem urbana que ia se intensificando e apresentando por entre os vidros do trem. Fui também me comunicando pela internet com as pessoas que me receberiam em Porto.

Uma grande amiga, Maria, havia intermediado o contato para que eu fosse recebido em uma ocupação urbana no centro da cidade chamada Utopia e Luta, onde ela mesmo já havia morado com o companheiro e o filho. Hoje ela mora em um assentamento há 30 minutos da cidade, em Eldorado do Sul. Tendo em vista que eu gostaria de visitar vários locais na cidade, e conversando sobre isso com ela, surgiu a possibilidade dessa acolhida na

ocupação, para onde fui direto, assim que desembarquei na última estação da outra ponta, no Mercado.

Cenário de metrópole. Uma mistura de Belém e São Paulo. Muita gente; comércio, cais, água, arquitetura colonial. Fui me informando aos poucos para descobrir como chegar à escadaria da Borges, bem próxima dali.

Andei no máximo uns 15 minutos até chegar ao prédio que reconheci pela faixa e pelas bandeiras. Eu falava com uma amiga ao telefone quando cheguei. Terminei a conversa e liguei para o Robson, que me receberia ali. Ele estava trabalhando na horta, no terraço, e desceu para me receber. Um rapaz com seus 25 anos (eu chuto), muito solícito, me convidou pra entrar, e me levou direto para o terraço, depois do 8º andar, onde ele estava.

O prédio havia sido ocupado em 2005, durante o primeiro Fórum Social Mundial. Antes estava abandonado por 18 anos, tendo sido utilizado pelo INSS. Moram ali cerca de 50 famílias, de diversas origens. O movimento anarquista sendo a força política mais presente. Núcleos produtivos e autogestão são conceitos e práticas bem presentes ali.

Chegando no terraço, Robson me apresentou a horta hidropônica onde ele estava trabalhando há 6 meses, desde que viera viver ali com sua companheira. É um espaço bem aproveitado, bastante pitoresco, que demonstra o contraste entre o verde e o cinza. A horta já existia há alguns anos. Tirei diversas fotos e fiz uma entrevista com Robson, que me contou o histórico da ocupação, da horta, e dele.

Depois ele me levou pra conhecer o espaço, alguns moradores, e os núcleos: padaria, serigrafia, etc. Ao fim, ele me levou ao 706, minha casa pelos próximos dias. Ele me explicou que ali era o apartamento 'coletivo', que recebia a galera, em geral. Me apresentou então a Fernando, paulista que ali estava morando, e perguntou se eu poderia ficar ali uns dois dias. Ele concordou a princípio, dizendo que iria conversar com o companheiro de quarto.

Robson foi embora e Fernando e eu ficamos conversando, procurando gente em comum, trocando referências, etc. Ele me mostrou um vídeo sobre um encontro de ocupações ali da região, realizado no Orquídea Libertária, ocupação em construção financiada pelo Minha Casa Minha Vida Entidades. Muito bom para me situar. Falou de alguns projetos que conhecia na região e saímos para almoçar em um restaurante vegetariano oriental ali perto. Na saída esbarramos com Nancy, fundadora da ocupação da qual eu já havia ouvido falar. Conversamos rápido, me apresentei, e ela falou: 'ahh, você é o Djalma amigo da Maria... ela me avisou que você vinha. Bem vindo'. Disse que eu queria conversar com ela, fazer uma entrevista para o meu trabalho, e tal, e ficamos de marcar. Ela bem direta, mas simpática.

Gostei do clima da cidade e do centro. Barba e cabelo comprido masculino pareciam ser bem mais comuns por ali, um fator que me agradou. No restaurante aquela impressão de já conhecer algumas pessoas que avistei. Coisa de tribo, de cheiro, de tato. Comida gostosa. Fernando fala bastante, o que é bom, porque prefiro ouvir. Me contou sua avaliação política, as críticas às instituições, aos partidos, etc – quando eu disse que era do PSOL ele fez uma piadinha sobre esquartejar pessoas de partido que dormiam na ocupação; rimos muito.

Depois de tarde ele saiu, e fiquei por lá, no computador e no caderno. Escrevendo e usando o sinal de internet do vizinho (nome da rede: LULA 2018. Senha: 'foracunha').

No meio da tarde comecei a escutar um burburinho e umas palavras de ordem. Fui à janela e vi que um ato passava por ali: professores estaduais e municipais protestando contra o governo. Bandeiras do sindicato local e da CSP-Conlutas ao vento. Umas 200 pessoas. Peguei minhas coisas, desci correndo, e decidi seguir o ato: não havia jeito melhor de ir me inteirando da conjuntura local do que vivendo e acompanhando aquele tipo de manifestação. Andei apenas umas duas quadras com eles, tirando algumas fotos e filmando, e chegamos à Praça Marechal Deodoro, onde está o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa, o Judiciário, a Catedral, enfim, toda a concentração dos poderes e instituições dominantes. Peguei panfletos e ouvi os discursos, que achei bons. Protestavam pela ausência de reajuste, e

por diversas outras razões. Não vi camisetas nem símbolos de qualquer partido. Aproveitando que estava ali fui conhecer o Palácio Farroupilha, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Um prédio com toda a pompa exigida pela posição. Por 'sorte', era dia de sessão, e depois de passear um pouco pelo prédio (de bermuda e chinelo, contrastando com as indumentárias tão enobrecidas de toda aquela corte moderna), fui ao plenário, onde me sentei por aproximadamente uma hora, assistindo as falas dos deputados.

Foi minha primeira experiência acompanhando uma sessão. E poucas vezes me lembro de ter tido uma hora tão chata e enfadonha. A casa estava vazia. Não é à toa que ninguém frequenta: jogaram sal naquela terra – ali está algo estéril. Entre eles, não há diálogo ou escuta. Os deputados falam para si mesmos; para nada. Enquanto fazem uso da palavra, os outros estão cochichando entre si, em pequenos grupos, conspirando, de costas, escrevendo ou fazendo qualquer coisa que não escutando. Realmente é um ambiente inóspito e pouco produtivo. Ainda assim, sua relevância é para o que acontece fora dali. Me chamou a atenção, por exemplo, a ausência do único deputado do PSOL, Pedro Ruas. Ele estava no ato, com os professores, onde era muito mais importante estar naquele instante. Em todo caso, pude me situar em alguns pontos. Mas o debate girou quase que exclusivamente em torno da conjuntura nacional, com discursos antagônicos que se seguiam com defesas e ataque ao governo Dilma. Nem vale a pena relatar com minúcia, creio. Talvez em uma crônica sobre. Depois voltei pra casa, pro 706, no Utopia e Luta.

No fim da tarde Fernando chegou. Ele havia ido no fórum acertar algumas burocracias com relação a pensão do filho Camilo, que conheci na sequência. Um bebê fofíssimo, de 6 meses. Conheci o companheiro de quarto, Alfeo, que estava dormindo num ap ao lado, aproveitando que o morador estava fora e havia deixado a chave. Um rapaz cabeludo, de 30 e poucos anos, do sul do Estado, amigo do Marcos Ninguém, sobre o qual conversamos. Entre vários outros assuntos. Um cara muito simpático e atencioso também. Achei curioso o uso da expressão 'bruxo', no lugar de 'cara', ou 'pinta', como diriam no sul.

Fernando me convidou para uma reunião no teatro anexo ao prédio, onde eles estavam construindo uma programação de atividades para o primeiro de maio, trazendo a temática dos agrotóxicos e da alimentação. Foi muito bom ter participado. Poucas pessoas presentes, das quais eu já conhecia a maioria: Robson, Fernando, Alfeo e Nancy. Além deles, Eduardo (também fundador da ocupa, marido de Nancy) e um rapaz de Gravataí, do Movimento Nacional dos Catadores. A conversa foi bem livre. Tentei falar algumas vezes mas não consegui muito (risos). Só no fim, porque eles acabaram me convidando para construir um forno de barro em uma ocupação; e eu disse que queria falar pra eles também sobre CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), que os interessou bastante. Além disso, fiquei muito bem impressionado com Eduardo. Um cara do povo, sincero, honesto e muito bem informado. Conversamos bastante sobre os movimentos de ocupação e moradia urbana, suas contradições e fronteiras, de norte a sul.

Antes de dormir, Fernando me contou que sua companheira era também do PSOL, e combinamos dela me encontrar no outro dia, às 11h, para me apresentar algumas pessoas, a cidade, e papearmos.

Dia 13 (quarta – 16/03):

Vou começar o relato pelo encontro com Babi, companheira de Fernando, que foi quando o dia começou de fato. Antes disso adivinhem? Fiquei na internet. Benção e maldição. Acordei cedo, com a imensa janela de vidro no quarto. Dormi num colchão no chão, na cama ao lado de Fernando.

Eu lia a biografia do Stalin feita por Trotsky quando Babi tocou o interfone e desci para encontrá-la, por volta das 11h30. Encontrei uma guria super simpática, aberta e extrovertida, conforme já me 'prevenira' Fernando. Ela havia me convidado para uma panfletagem que foi cancelada pela falta de panfletos. Fomos então caminhando até a Câmara dos Vereadores, para conhecer o pessoal do gabinete da Fernanda, onde ela precisava ir para deixar algumas coisas.

Mais uma aventura por espaços institucionais: tão encantadores e bizarros; importantes mas que precisam ser desfeitos. Insustentáveis. Impertinentes. E lá dentro gente boa. No gabinete fui bem recebido: abraços e sorrisos, a maioria das trabalhadoras mulheres. Ficamos uns 40 minutos por ali, conversei bastante com a Raquel, que me colocou a par das questões locais. Lá ao me apresentar, uma moça se interessou pela palavra 'permacultura', e entrou na conversa, pois seu marido estava estudando esse tema. Deixei meu cartão e combinamos de nos encontrar ainda durante minha estada por Porto Alegre, para conversar.

Na saída da Câmara encontramos duas outras companheiras, e acabamos decidindo por almoçar ali mesmo no restaurante, junto com elas. X reais por quilo, ou 15 a vontade. Fui no a vontade.

Durante o almoço Fernanda (a vereadora) apareceu, e se sentou conosco. Fiquei assutado com sua simpatia e competência política, que ficou clara na meia hora que estivemos juntos e durante a qual observei-a. Um mulher jovem, guerreira, bela, capaz. Com 24 anos assumia seu primeiro mandato na Câmara de Porto Alegre. Precoce. E honestamente interessada: me fez muitas perguntas – o que eu fazia; por onde ia; o que achava; etc. Um diálogo de fato. Super expressiva, contou várias histórias. Ficamos de nos encontrar a noite, na Audiência Pública sobre o Cais Mauá, que os empresários buscavam suprimir para transformar num Shopping, retirando a vista cartão-postal da cidade. Esse encontro (e as impressões que me deixaram) vale uma crônica a parte, que está encomendada para mim mesmo já.

Após o almoço – fazia calor – pegamos um ônibus. No ponto, encontrei uma pessoa conhecida (!). Um menino da Arca Verde, Felipe, que estava por ali para participar de algumas reuniões de Conselhos e ATER. Ficamos ambos surpresos com o encontro, que foi rápido.

Alguns minutos depois descemos em frente a nova sede do partido, que seria utilizada durante a campanha 'Compartilhe a Mudança', a ser lançada em breve. Algumas pessoas estavam por lá preparando fisicamente o local: pintura, limpeza, etc. Tirei algumas fotos e conheci rapidamente alguns companheiros. Ficamos uma hora por ali, mais ou menos.

Às 16h eu havia combinado de encontrar com Guilherme, indicação da Arca e do Utopia. Antropólogo, educador e permacultor (ainda que ele não reivindique tais 'títulos'). Uma pessoa interessante para ser entrevista, como de fato se comprovou mais tarde. Fomos até a UFRGS, na FAGED, onde combinei o encontro com ele. Fomos andando, passando pelo lindo e enorme parque da Redenção, que me encantou. Babi ia me apresentando coisas da cidade, e conversamos muito. Ela estava realmente empenhada em me receber bem; e conseguiu. Ótima de papo. Não faltou assunto. Muitas experiências e visões parecidas. E muito bonito o sentimento dela por Fernando, de quem falou várias vezes; uma relação recente, e ainda com contornos sendo definidos, mas claramente de muito carinho e desejo.

A entrevista com Gui foi bastante boa. Nos sentamos á sombra em uma mureta da universidade, tomando chimarrão. Ele não acredita que a permacultura deva se difundir massivamente; vê mais como um trabalho descentralizado, pontual e localizado. Sua fala certamente contribuirá muito para minha pesquisa como uma visão 'anti-institucional', de cunho mais zapatista, de revolução silenciosa e local. Um sujeito bem tranquilo. Não muito expansivo. Ele tinha horário definido: das 16h às 17h, então não pudemos nos aprofundar muito em conversas pessoais. Nos despedimos.

Dali voltamos caminhando para o centro. Paramos rapidamente no Utopia, encontramos o Fernando, comemos um pastel e um suco e fomos (Babi e eu) para a Audiência Pública ali ao lado, na Assembleia, lotada de gente e bastante combativa, onde ficamos até estarmos bem cansados. Vários rostos conhecidos, inclusive Luciana Genro e Roberto Robaina. E até uma companheira de Campinas que reencontrei ali.

Na volta pro Utopia começamos a nos inteirar dos fatos do dia, e ver seus reflexos. Lula indicado Ministro da Casa Civil; ligações telefônicas dele divulgadas pelo juiz Sérgio Moro no mesmo dia; a Rede Globo alimentando um golpe usando de seu aparato para incitar as pessoas às ruas. Cenário tenebroso, e por volta das 22h30, milhares saíam as ruas em Porto Alegre, passando bem ao lado do prédio. Carapintadas, camiseta do Brasil, bandeiras, buzinas, trombetas, boçalidade, provocações. Nos reunimos para observar na porta do prédio, começando a nos assustar com tudo aquilo. Fiz uma piada com um companheiro (Alfeo) sobre já estar preparando a rota de fuga pro Uruguai e ele não riu. Me olhou sério, em silêncio por uns 5 segundos, e só disse, fraterno porém direto: “não é brincadeira, compa. Olha o que está acontecendo. A gente já viu esse filme. Você sabe o que vem depois, né?”. Nada mais constrangedor que uma piada feita fora de hora. Meu sinal de desculpas foi ficar em silêncio um pouco, pensando e observando.

Nesta noite não consegui dormir antes da madrugada retirar todas minhas forças. Ficamos até tarde conversando e assistindo aos 'noticiários' absurdos e tendenciosos; a cobertura 24 horas da Globo, obviamente empenhada em derrubar o governo. Despenquei e acordei às 6h da manhã, com o celular na mão, lendo notícias.

Dia 14 (quinta – 17/03):

Eu havia pensando em trabalhar na minha pesquisa durante toda a manhã, mas o clima não permitiu. As primeiras 3 horas foram de leitura e reflexão sobre a conjuntura. Basicamente facebook e associados, links de pessoas e amigos.

Saí para comprar umas bananas para o café, e a rua estava uma loucura: ato/vigília anti-golpe na Esquina Democrática; gente se provocando. Escrevi uma anedota (dupla) sobre isso. Comprei umas alpargatas, umas bananas, e voltei pro apartamento.

O dia foi de leitura e escrita, disputa de narrativas e conversas pela internet. Não pude me concentrar em meu trabalho. Reviravoltas se sobrepunham umas as outras: juiz cassa por liminar a indicação de Lula como Ministro; outro juiz derruba a liminar; e assim por diante.

Eu havia decidido passar um ou dois dias na casa da amiga de um amigo, pra dar uma variada de ambientes, conhecer uma outra galera, e não pesar muito ali também. De modo que, no começo da noite, fiz minha mudança. Me despedi da galera e caminhei com minhas mochilas para a Ocupação Pandorga (no primeiro momento fui pro lado errado, pois só coloquei no google 'Pandorga', e ele me levou para uma 'Loja Pandorga'. O percurso que deveria ser de meia hora levou uma).

Na ocupação eu encontrei Alessandra (amiga do Algodão, de São Carlos); conheci o espaço – um prédio da prefeitura abandonado há muitos anos, ocupado e convertido em centro cultural de atividades para as crianças e comunidade do bairro. Um clima muito agradável: umas 10 crianças corriam, brincavam de bambolê e malabares, etc. Era possível respirar liberdade naquele ar.

Paulo (um português que morava há um ano no Brasil) me contou a história do espaço e trocamos informações. Ele me falou de dois amigos que eu gostaria de conhecer, ambos interessados em pemacultura.

De lá pegamos um ônibus para o Jardim Botânico, onde Alessandra mora com a irmã em um apartamento super bonito e confortável. Conversamos, comemos uma gostosa sopa de lentilha e me aprontei para dormir no sofá da sala, morto de cansaço. Mais uma vez, fui muito bem recebido. Que sorte!

Dia 15 (sexta – 18/03):

Dormir de frente para gigantescas janelas, portas de vidro ou afins parecia ser minha sina. Acordei com a luz inundando a sala – e minhas pupilas. Levantei cedo, tomei um banho e preparei meu computador em cima da mesa.

Alessandra fez um gostoso café da manhã com frutas picadas e mel; e uma 'torrada' (é como eles chamam lanches tipo sanduíche) com queijo, tomate e rúcula. Além disso, ela fez pão, hómus e bolo – aparentemente ela tinha saudades de cozinhar. Me contou que desde que se mudara para aquela casa com a irmã, mal havia parado. Sempre fora; e constantemente na casa dos pais. Queria estar mais presente naquele canto, cozinhar, ficar em casa.

Eu queria me concentrar no trabalho, aproveitando uma mesa, uma cadeira e a internet à disposição. Pedi desculpas algumas vezes pelo 'silêncio' e pela concentração excessiva pois, de fato, socializei menos do que eu gostaria (e até menos do que acho que deveria) – nossas conversas se restringiram ao mínimo.

De manhã até de tarde meu dia foi parecido: computador. Consegui transcrever metade da entrevista que fiz com o Yuri, do PUPA, há um mês, em São José dos Campos. E fui me comunicando com algumas pessoas, principalmente com a Babi, com a qual havia combinado de me encontrar no centro, antes das 17h, para pegar o ato e, na sequência, o lançamento da campanha 'Compartilhe a Mudança', a plataforma do PSOL para a disputa na prefeitura de Porto Alegre.

Alessandra e sua irmã saíram, e fiquei sozinho na casa a maior parte do tempo. Depois de um dia sem grandes acontecimentos ou novidades, antes da 17h saí em direção ao centro. Peguei um ônibus e desci chegando perto, pois havia um engarrafamento bem grande – seria mais rápido descer ali e ir caminhando. Assim fiz e encontrei Babi com um amigo na frente do Utopia e Luta. O centro estava apinhado de gente de vermelho; bandeiras do PT, da CUT, e inúmeras outras. O ato desse dia estava bem maior – claramente – do que o ato contra Lula, de dias atrás. Essa força de mobilização que o PT ainda carrega me assusta, e demonstra que há algo ainda vivo neste projeto. Como já estava tarde, decidimos caminhar direto para o Teatro de Arena, há alguns metros ali, para pegar o lançamento da campanha desde o início.

Algumas pessoas já estavam por lá. Cumprimentamos conhecidos e conhecidas, e esperamos o início da atividade. Lá conheci o arquiteto Pedro Ciarlo, marido de uma companheira do PSOL que conheci no gabinete da Fernanda Melchionna, chamada Sonia. Um senhor mais velho, muito simpático. Morava num sítio em Viamão, região metropolitana de PoA. Estudava e praticava permacultura; havia feito cursos (entre eles o PDC) no IPEC. E se encantou de poder conversar comigo. Eu também gostei muito de conhecê-lo. Fiquei com vontade de visitá-lo. Trocamos contatos (cartões e facebook). Lembrei-me de um artigo que li, escrito por Letícia Thurmann Prudente, em 2007, sobre um centro de formação do MST bioconstruído em parceria com permacultores, em Viamão. Centro de Formação Filhos de Sepé, no Assentamento Sepé Tiaraju. Talvez seja uma boa ideia visitar os dois lugares. E também me lembrei que o primeiro PDC dado por Bill Mollison foi, salvo engano, justamente em Viamão, em 1992. Preciso saber aonde exatamente foi realizado esse curso.

Momentos depois sentávamos no anfiteatro interno com capacidade para aproximadamente 150 pessoas, e com umas 200 ali. Foi um evento muito bonito, transmitido online pela internet, onde apresentou-se a proposta para a disputa eleitoral municipal: uma

plataforma subdividida em 29 temas onde as pessoas podem entrar e sugerir assuntos e debates, participar deles e intervir de uma forma direta nos rumos das discussões.

Após o lançamento da plataforma fomos tomar cerveja no Bar do Marinho, ali na Cidade Baixa. Conversei um pouco com o povo mas fui embora 'cedo', por volta das 23h. Tinha muito sono e a perspectiva de acordar cedo com a luz não era muito confortável. Peguei um ônibus e fui pra casa, chegando junto com uma chuva torrencial que, por pouco, não me encharca. Na chegada conheci o namorado da Pati (irmã da Alessandra), e comi um bobó de camarão que eles haviam preparado.

Dormi uma hora depois, bem alimentado e abrigado.

Dia 16 (sábado – 19/03):

Dormi com um pano na cara, e até que deu certo. Fui levantar mesmo pelas 9h – horário recorde.

No meio da manhã as meninas saíram e fiquei sozinho novamente. Um pouco indeciso com relação ao que fazer. Mas terminei de transcrever a entrevista com o Yuri (não é uma tarefa fácil – os 45 minutos de áudio viram pelo menos 4 horas de trabalho mecânico). E fui mandando algumas mensagens para pessoas com as quais eu estava em contato, para me planejar.

Depois de avaliar, decidi que o melhor seria ir pra casa da Maria, no assentamento Apolônio de Carvalho, em El Dorado do Sul, e passar o final de semana com ela, com o Rodrigo e o pequeno Camilo, e foi certamente o melhor que fiz.

No meio da tarde arrumei minhas coisas, tomei um banho e sai, deixando um bilhete.

Fui até a rodoviária e peguei o ônibus até El Dorado. Desci na entrada do Guaíba City, e cheguei juntinho com a Maria, que havia ido me pegar de carro, pois são 4 km de terra até o lote.

Cheguei no final da tarde na casinha linda onde ela mora. Rodrigo estava roçando a grama, e, depois de me cumprimentar, pediu licença para continuar trabalhando, aproveitando o sol. Me ofereci pra ajudar em qualquer coisa. Entrei, me instalei. Um casa muito confortável, praticamente sem divisão de cômodos – a não se o banheiro –, o que dava um aspecto de amplidão bastante interessante. Conversamos um pouco, (re)conheci Camilo, agora com 6 anos, que eu havia visto rápida e superficialmente algum tempo atrás.

Um pouco depois, Rodrigo me convocou pra ir buscar algumas varas de bambu no vizinho. Eu iria dirigindo o carro e ele segurando os bambus no porta malas. E aproveitando os últimos minutos de sol lá fomos nós. Eu havia sujado e molhado todo meu tênis pisando no barro, e coloquei uma galocha pra sair (item essencial na região e nessa época do ano – tenho vivido com o pé molhado). Em pouco tempo estávamos no lote onde guardavam o ônibus escolar da comunidade, do qual, inclusive, Rodrigo era o novo motorista.

Pegamos 3 taquaras compridas, de quase 7 metros cada. E voltamos pra casa conforme combinado: eu dirigindo o gol e Rodrigo segurando as varas. Um cachorro veio nos seguindo pelos quase 2 km, e acabou ficando por lá, pelo menos enquanto eu estive. Me despertou a reflexão sobre a itinerância canina naquelas circunstâncias rurais e de assentamentos da reforma agrária. Os cachorros transitam livres; é uma relação mais próxima da parceria do que da posse.

Sentei com a Maria para começarmos a conversa, tomando chimarrão. Era muita coisa, nem em todo o final de semana conseguimos colocar a conversa em dia. Em determinado momento Camilo chegou com algumas notas de 2 reais e me deu: 'toma, um dinheiro pra você, se você precisar. Tem 8 reais aí'. Demos risada, eu agradei mas não

aceitei. Ele insistiu. Maria disse que ele nunca tinha feito isso antes. Eu agradeci novamente e disse pra ele que, se precisasse, eu pediria pra ele com certeza. Achei muito curioso aquele gesto.

Voltamos pra casa. Maria havia combinado de dar uma aula para um menino ali do bairro, e assim o fez. Um menino chamado Walmor, de 15 anos. Magro e baixo. Ele cuidava do gado para a família, filho mais velho de 5 irmãos. Havia sido tirado da escola para poder cumprir suas funções. Não sabia ler. Ele havia repetido dois anos antes. No ano seguinte teria idade para entrar no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Uma história a parte esse garoto. Maria passou uma hora com ele, enquanto eu conversava com o Rodrigo – outra história a parte.

Tive uma aula de sociologia com ele, que me contextualizou de várias coisas: me colocou a par da MST no Rio Grande do Sul; contou da sua trajetória em São Gabriel; das violentas disputas pela terra que atravessou – onde conheceu Maria e nosso amigo em comum André; do Utopia e Luta e outras ocupações, entre vários temas. Com relação a este último, definiu como um movimento político, e não um movimento social, pelo simples fato – recorrendo à semântica – de que aquela ocupação 'não movimenta a sociedade. E movimento social é isso, né?'. Trata-se de um movimento localizado, minoritário, de vanguarda. Ele me falou também da 'Orquídea Libertária', uma ocupação em Gravataí da qual ouvi falar no Utopia, onde estive acampado por 3 meses em 2014, praticamente sozinho. Seria dispendioso transcrever com cuidado a riqueza e profundidade de detalhes e informações com as quais Rodrigo me presenteou ali, mas afirmo que foi um momento incrível de entender – pelos olhos de outro, com experiência e vivência – um pouco da realidade local.

Além disso, enquanto Maria conversava com Walmor, Rodrigo me sugeriu alguns lugares para visitar, dando várias dicas. Conversamos sobre o IPEP, em Bagé; sobre a comunidade Pachamamma, em São Gabriel; sobre o arquiteto Fernando, de Porto Alegre; entre outros. Ele me sugeriu alugar uma moto para fazer as visitas, o que iria me dar mobilidade e agilidade muito maior a um custo reduzido. Procurei na internet, mas não havia esse serviço. Na hora ele estava ligando para o tio perguntando se ele não alugaria a moto dele pra mim por 10 dias e quanto cobraria. Fechamos por 300 reais a princípio.

Mais tarde eles esquentaram uma carne que havia sido feita no almoço para jantarmos, com arroz, feijão e milho: uma bóia bem boa.

Conversamos mais um pouco, todos juntos, lá fora. E, por fim, fomos assistir Avatar. Eu disse para Camilo que queria muito ver esse filme, do qual tantas pessoas falavam. Não consegui ver até o fim, mas acompanhei com atenção mais da metade dele. Depois fui deitar em um colchão no chão ao lado da cama de Camilo, da onde conseguia avistar a TV, e dormi assistindo o filme.

Dia 17 (domingo – 20/03):

Abri os olhos e dei de cara com o rosto dele, pequeno, me encarando. Risonho; faceiro: 'Ei, já é dia. Levanta!'. Nem respondi. Ou grunhi pro guri. Fechei os olhos e me virei pro outro lado, protegido sob grossos cobertores.

Um tempo depois despertei novamente. Camilo dormia a menos de um metro de mim. Fiquei contemplando o garoto: será que acordaria enquanto eu o olhava? Não parecia.

Tive um dia pleno no campo, que me revigorou. Antes das 7h eu levantava, ouvindo o ronco potente de uma roçadeira não muito longe. Às 7h30 eu já vestia galochas, e estava roçando.

Rodrigo estava roçando desde um pouco depois das 6h. Com seu jeito 'afobado' (ou com a ausência de tempo perante o volume de demandas), ele precisava aproveitar cada brecha para realizar seus trabalhos; e havia prometido para Miche (que cedera um pedaço do

lote para a casa deles) que roçaria uma parte do terreno naquele final de semana, para abaixar a grama.

Me juntei a ele, e, pouco depois estávamos desenhando e já implementando o projeto da construção de uma mini-estufa, para produção de hortaliças no inverno, com algumas madeiras e o bambu que havíamos retirado no dia anterior. E foi isso que fizemos durante toda a manhã: cavando os buracos (a água aflorava 50 centímetros abaixo do solo, o que tornava bem difícil a tarefa de cavar buracos de um metro e pouco, conforme queríamos); desenhando, cortando bambu, etc. Me impressionou o jeito prático de Rodrigo. Ele dizia não saber nada, mas saía fazendo tudo. Me pediu pra fazer as contas e o planejamento levando em conta o tamanho da lona que ele tinha. Reparei que eu não sabia muito também, inclusive preferia a prática. Fui acompanhando o ritmo dele, e perto do meio dia entrávamos para tomar café, com a estrutura da estufa pronta. Não valia a pena colocar a cobertura num dia frio, senão ele ficaria flácido ao esquentar. Para colocar o plástico seria preciso esperar um dia quente, de sol.

Eles queriam me levar pra passear naquela tarde: conhecer o irmão de Rodrigo, Fabrício, no assentamento vizinho; e uma amiga, ex-esposa do tio de Rodrigo, Cecile, francesa. E assim foi. Passei o dia passeando com eles, visitando o assentamento vizinho e os parentes e amigos.

Jogamos pôquer na casa do Fabrício, irmão mais novo de Rodrigo, morando com a namorada Aline num lote com quase 200 pés de laranja, que estão com algum fungo. Tomamos mate e conversamos; fazia frio; chovia fino. Depois fomos pra casa da Cecile, e ficamos um pouco também. Ela é agrônoma, me deu algumas dicas e falou de pessoas que eu poderia conhecer (inclusive um contato de Pelotas), anotei no celular e adicionei-a no facebook.

De noite chegamos cansados, esquentamos o que havia sobrado da comida, fiz uma bela placa com giz de cera para pegar carona ('Rio Grande' de um lado e 'Pelotas' do outro), escrevi um pouco e me deitei por volta da meia-noite, quando todos já dormiam. Combinamos de acordar bem cedo, às 6h da manhã.

DAQUI PRA FRENTE NÃO ME ORGANIZEI PARA UMA ESCRITA DIA A DIA, E ACHO MAIS VIÁVEL E FLUIDO ESCREVER POR BLOCOS, SEM PRECISAR EXATAMENTE O DIA EM QUE CADA UM DOS FATOS OCORREU

RIO GRANDE (de 21 à 24 de março):

As noites prévias a viagens são desajeitadas, ainda mais quando temos horário tão rígido e curtas horas de sono. Acordei várias vezes, com medo de estar atrasado, e olhei no celular. De modo que às 6h da manhã daquela segunda-feira, hora de acordar, eu estava um caco, e passei o dia com sono. Nos aprontamos rápido, e antes das 7h, Maria me deixava em um posto de gasolina para tentar carona. O tempo estava fechado; garoava de quando em vez. Agradei muito pelo ótimo final de semana, nos despedimos, e ela foi pra escola dar aulas. Rodrigo já estava trabalhando no ônibus escolar, e ficou de passar ali para ver se eu ainda estaria na área quando se liberasse do serviço, dentro de uma hora mais ou menos.

O posto não era bem localizado, apesar de movimentado. Ele ficava em uma reentrância da pista; os carros lá em cima, indo no sentido de Pelotas, passavam direto, rápido e longe. A maioria dos carros ali estava entrando para Eldorado, ou apenas transitando na região. Falei com os frentistas, e alguns caminhoneiros no posto, e me coloquei na saída e estiquei minha placa, para que todos que ali passassem pudessem ver para onde eu ia e, eventualmente, me levar. Aproveitei o tempo ali para escutar e mandar mensagens de áudio no

celular. Uma hora se passou, e realmente eu não botava muita fé naquele local. Um frentista me disse que havia outro posto, na pista, 4 quilômetros à frente. Pensei em andar até lá, ou pegar um ônibus circular.

Por volta das 8h30, Rodrigo apareceu no posto, e propôs de irmos andando até a escola onde Maria lecionava, pegar o carro e ele me deixaria no posto. Topei. Ali fomos. Choveu no caminho, tínhamos um guarda-chuva. Não adiantou muita coisa, nos molhamos um tanto. Lutei pra proteger as mochilas. Meu pé já estava outra vez ensopado. Nota mental reforçada: viajar com galochas, botas ou sapatos de borracha em tempo de chuva é fundamental. É horrível ficar o dia todo com o pé molhado.

Mas afinal lá chegamos e pelas 9h30 chegamos no tal posto, realmente melhor localizado que o primeiro. Falamos com alguns motoristas, com Rodrigo me ajudando, e decidimos nos dividir, para otimizar: ele ficaria falando com caminhoneiros no posto e eu ficaria na pista com minha placa. Dei sorte naquela manhã cinza. Também, depois de tanta ajuda e tanta luz, essa era a tendência. Afinal eu partia de El Dorado confiante. Precisamos ajudar a sorte, nos investir de bom agouro para emaná-la. Sorte é um ponto de vista; estado de espírito; rolar de dados sempre em aberto. Com a ajuda de Maria e Rodrigo eu estava ali na rodovia, ao lado do posto Bufon, erguendo minha placa confeccionada com carinho onde se lia em letras garrafais: “Pelotas” - em verde no papel pardo. Em menos de 10 minutos um carro estacionava a meu lado, decidido. Era Nilton que me levaria não só até Pelotas, mas direto pra Rio Grande.

Acenei um entusiasmado 'tchau' para Rodrigo e entrei no carro daquele homem com quem aprendi muito. Um sujeito muito sábio e gentil, que me fez refletir muito naquelas horas de viagem.

Nilton era um típico pai de família, não fosse por sua aguda consciência do 'absurdo', da 'ilusão' de tudo aquilo. Me disse com todas as letras, que havia trabalhado dedicadamente pelos últimos 25 anos de sua vida, dia e noite. Conquistara coisas e confortos, mas não tinha dúvida: não valia a pena. Melhor seria ter menos, ou não ter nada, e haver mais tempo para estar com quem se ama, com os filhos, com as pessoas, consigo mesmo. Seu filho iria se mudar para Austrália depois de passar um ano lá, e ele mal podia aproveitar o garoto de 20 e poucos anos. Não sabia quando o veria novamente. Aquilo era triste, que a vida o separasse brutalmente de quem se quer está perto; que as trombetas soassem tão ferozmente chamando-o à rotina. Ele estava, nos últimos meses, passando a semana em Rio Grande, onde era gerente de uma loja de pneus, e, aos finais de semana, voltava pra casa, numa cidade da grande Porto Alegre, Cachoeirinha, se não me engano. A conversa com ele me emocionou de verdade; nos demos muito bem, e ele perguntou bastante sobre meu ponto de vista, minha história, etc. Me pagou um suco e um pão de queijo no posto e, por volta das 15h, me deixou na faixa no local indicado pela Carol, que me receberia na moradia estudantil da FURG.

Chovia de leve. Ela foi me encontrar. Pegamos o circular interno da universidade, que ia até ali, e descemos num ponto próximo da moradia. Foi ótimo revê-la. Ela estava feliz, eu também. Fazia tempo que eu dizia que iria. Inicialmente eu disse que iria para irmos juntos viajar ao Uruguai, mas, dadas as circunstâncias seria uma visita mais rápida, e sem viagens adicionais. Logo falei pra ela que não ficaria muito, e ela falou 'tudo bem'.

De segunda à quinta pela manhã fiquei ali em Rio Grande. Carol tinha muitas aulas, passei boa parte do dia 'sozinho', na universidade, lendo e escrevendo, usando a internet e resolvendo assuntos relativos à viagem e trabalhos em São Carlos. O povo da moradia é super bacana. Cozinhamos bastante em casa. O espaço é um tanto precário, mas não é diferente de todas as moradias estudantis que visitei.

Em Rio Grande entrevistei duas pessoas para minha pesquisa: Fábio Klafke, amigo de Carol que mora com um cara citado várias vezes quando eu disse que buscava pessoas que

trabalhavam com permacultura, cujo nome agora me escapa [o 'nome' dele é Fão]; e Breno, também citado por algumas pessoas.

Fábio mora no Cassino. Rio Grande tem basicamente 3 grandes núcleos habitacionais um tanto separados: Cassino, Centro e a região da universidade, FURG, no meio. Passamos a tarde com Fábio e sua companheira; conhecemos a praia; ventava muito. Vi muitos geradores eólicos no horizonte. Os carros entravam até a areia na beira do mar, aquilo era estranho. Fábio contou sua perspectiva do mundo da permacultura, bastante crítica e interessante, foi uma das melhores entrevistas, bastante completa e espontânea, além de possuir várias indicações. Não vejo a hora de transcrevê-la. Decidimos jantar por lá, paramos no supermercado para comprar coisas e me propus a fazer um macarrão ao molho pesto. No último ônibus fomos embora

No outro dia entrevistei Breno, com uma trajetória mais vinculada à universidade, grupos de estudo e de extensão, e também com uma expressão bastante clara e articulada. Um ótimo orador, além de militante. A entrevista foi feita numa das cozinhas da moradia estudantil.

Visitamos outra amiga de São Carlos, Andreia, que mora no centro, próxima ao Cais, com a Sarah. Saímos todxs para comer e papeamos bastante. No fim elas nos levaram pra casa com o famoso fusca.

Combinei com o Pedro, do sítio Amoreza, que iria visitá-lo na quinta. Ele me passou as instruções de como chegar lá desde Pelotas. E assim fizemos. Na quinta fomos para pista Carol e eu, onde pegamos uma carona com minha placa e chegamos até a rodoviária de Pelotas, onde pegamos um ônibus para Morro Redondo.

PELOTAS – MORRO REDONDO (24 e 25 de março):

Fui muito bem recebido por Pedro, por sua companheira, e por toda a família que vive no sítio Amoreza. Pedro nos buscou de carro após a parada do ônibus. Passamos algumas horas na propriedade, conhecendo o espaço e realizei uma entrevista de aproximadamente uma hora com Pedro. Comi deliciosas bolachas feitas pela companheira dele. No fim do dia, pegamos outro ônibus e retornamos para Pelotas, onde dormimos na moradia estudantil na casa de alguns amigos da Carol

HERVAL DO SUL (de 25 à 27 de março)

No dia 25 de manhã fui caminhando até a rodoviária de Pelotas onde Maria e Rodrigo me pegaram de carro (junto com Camilo e o pai de Maria) para irmos até Herval, visitar a família de Rodrigo que vive em um belo sítio. Foi um feriado em família dos mais gostosos de que me lembro. No interior, sem celular, sem internet. Conversando com gente boa e simples, comendo deliciosamente, proseando e aprendendo. Foi a primeira vez que vi um carneiro sendo morto. Fomos buscá-lo no sítio. Acompanhei o processo do começo ao fim: captura, morte, cozinha e jantar. Era uma festa.

Na estada em Herval produzi alguns textos e poemas, que deixo aqui em anexo.

Fazer das tripas fundação

Dona Núbia é um João-de-Barro. Há mais de um ano não via o filho Rodrigo, e nos recebeu com festa. Perto de seus 60 anos – ao longo dos quais parece ter só acumulado forças, apesar de todo esforço –, Núbia (como me pediu pra ser chamada) emana pura positividade.

“Fácil” é um adjetivo externo à sua existência e história. Fez tudo e mais um pouco: construiu, cultivou, gestou, criou. Praticamente sozinha inventou-se, e povoou de sonhos e anjos seu entorno. Cultivou um lar; gestou seu alimento; construiu futuro com os cacos do presente.

Mulher forte, mãe guerreira. Elétrica, inspiradora. Conquistou seu pedaço de chão, do qual cuida com fé e carinho.

Depois de horas tomando mate em uma roda animada naquele sábado chuvoso – sem tarefas e sem eletricidade –, ela me contou o seu segredo:

– Cada vez que alguém me jogava uma pedra, eu guardava, pra usar como tijolo. Assim ergui minhas paredes.

E seguiu dizendo que, quanto temos raiva, desperdiçamos nossa energia, e também nossa munição. A cada pedra que nos lançam, atiramos duas de volta. Ela não.

– Minha casa é forte. Ela é feita de pedra.

Núbia fez das feridas fundação. E suas cicatrizes são o alicerce de uma vida dura e abençoada.

Herval do Sul, 26 de março de 2016

REFLEXÕES SOBRE A CIDADE

A cidade impõe seu ritmo soberano. Autocentrada, egocêntrica – seus vínculos são com seu próprio projeto. Só aceita a biologia e a natureza aonde – ainda – não pode negá-la: na finitude dos corpos, e na mecânica celeste dos astros que ensolaram e anoitecem (a artificialização no interior dos shoppings centers já se apresenta como experiência e tentativa precoce de ignorar esses ciclos, pois dia e noite mal se notam dentro desses espaços).

A cidade é autorreferente; é agricultura de precisão; ambiente controlado. Para qualquer desvio há uma receita-retorno. Para cada catástrofe, uma teoria-conforto. Exercita a demiurgia, como se a existência fosse aventura por ela criada. Ainda contará à si histórias de como criou o mundo. É simples adulterar uma cosmogonia que já foi até inventada. Se Constantino o fez no século III, por que não conseguiríamos hoje? Basta um exercício repetido de substituição: “E a Cidade disse: *fiat urbe*”. E a Cidade se fez, já iluminada.

Artificializa e impõe até ritmos afetivos: é necessário consumir os corpos e, de vez em quando, consumir pessoas. O duplo virtual nas redes sociais ganha cada vez mais importância – construção e manutenção da aparência em detrimento do que ela encerra.

II

Naquele sábado o céu desabava de manhã: vento, chuva e cinza na roça. A casa cheia estava silenciosa, apesar de pequenos e cuidadosos movimentos. Achei que seria dos últimos a acordar, e estranhei ao ver que já eram 9h30.

– Acordar cedo pra que, nesse tempo? – me explicou mais tarde Alexandre, servindo o mate.

– Aqui a gente faz o que é possível.

Aos poucos foram levantando, e antes das 10h a algazarra já estava feita: criançada, visitas e todos se reuniam na enorme cozinha construída por Núbia. A casa na zona rural de Herval do Sul – oeste do Rio Grande do Sul, na região das campanhas – já estava acordada. Porque havia gente, e não porque o cimento chamava. Era gente o que ali havia.

III

URBANOEFAGIA

A cidade saliva cinza
vendo seus canapés de aço
Geme
enquanto os pneus dos carros
lambem a glândula negra do asfalto
Imensa zona erógena de azeviche –
nada mais lhe excita
que o atrito entre borracha e piche

A cidade se autofecunda
Hermafrodita estéril, libidinosa
crescendo se aprofunda
firme e desastrosa

A cidade almoça gente
e defeca gente em troca
tem uma sabedoria de planta –
pureza autotrófica

A cidade canibaliza
semelhantes, sementes, caminhos
o que encontrar fagocita
o que tocar, reivindica

A cidade pari seu pares
A cidade está no cio
A cidade se especializa
em produzir o vazio

Herval do Sul, 26 de março de 2016

Burguesia, agradeça à esquerda por ainda ter cabeça

Rodrigo tinha 13 anos quando a mãe chegou em casa chorando, vinda da capital, depois de alguns meses trabalhando direto em Porto Alegre. Ela era doméstica na casa de um renomado psicólogo. Fazia de tudo: trabalhava das 6h às 23h, sem parar. Não tinha registro em carteira – emprego *frio*, ganhava suas diárias, sem vínculo – mas morava no trabalho. Limpava os 3 andares de cima a baixo.

Um belo dia, comeu uma fatia de abacaxi que sobrara do almoço do patrão sem a autorização dele. Ele disse que não comia a mesma comida que a empregada, e a demitiu. Um adoecido mental, que tratava de outros.

Rodrigo contou que, a partir dali, queria sangue. Sua vontade era massacrar qualquer indivíduo que ostentasse o menor sinal de riqueza: um tênis Nike; um carro bacana; uma roupa de playboy. Aquelas pessoas eram más, e não mereceriam qualquer respeito.

Poucos anos mais tarde conheceu o MST, a esquerda, e as organizações populares, onde atua há mais de 10 anos.

Ele me mostrou que, paradoxalmente, muitos burgueses só estavam vivos graças à esquerda:

– O MST e os movimentos vieram para politizar essa revolta; para nos fazer entender o que estava acontecendo. Se dependesse de mim, era pegar uma arma e sair atirando, sem conversa, sem reflexão. Foi esse envolvimento que me fez pensar melhor, ao invés de simplesmente reproduzir a opressão que eu sofria.

Disse também que a esquerda buscava a construção de um outro mundo, e que esse mundo necessitaria de outros sujeitos, diferentes destes. E que, por fim, outros sujeitos precisam de outras práticas.

– Nós podíamos até matar todo mundo, quem sabe até aniquilar a burguesia. Mas certamente nasceria ali outro Rodrigo, adolescente, com sangue nos olhos, e juntaria um grupo para fazer justiça. A sua justiça. Então seria tudo outra vez.

Há uma linha tênue entre o 'crime' e os 'movimentos', onde a revolta é, muitas vezes, um elemento comum. A diferença é o método, a profundidade, e o horizonte. O crime visa melhorar apenas a condição individual ou de pequenos grupos, e os movimentos tem um projeto amplo e coletivo de conquistas compartilhadas. A politização dos marginalizados e excluídos pode diminuir a criminalidade e dar um impulso transformador estrutural em nossa sociedade – foi o que aprendi com Rodrigo.

Herval do Sul, 27 de março de 2016

2ª PARADA EM PORTO ALEGRE (de 28 de março à 3 de abril)

De Herval do Sul, voltei de carona com Maria e Rodrigo para El Dorado e, no dia seguinte, voltei a Porto Alegre. Passei mais alguns dias no Utopia e Luta, transcrevendo entrevistas, conhecendo a cidade, conhecendo gente e desfrutando da dinâmica metropolitana por alguns dias.

2ª PARADA EM FLORIANÓPOLIS (de 3 de abril à...

Em Florianópolis, fiquei na casa de um amigo de São Carlos, o Leonardo, músico e matemático, que morava em Ratones, próximo (meia hora caminhando) do Sítio ÇaraKura,

onde eu queria entrevistar Nei e Andrea. Além desta entrevista, passei um ou dois dias com o amigo Marcos José de Abreu, acompanhando-o a atividades como um encontro municipal de agricultura urbana e uma reunião com um deputado estadual para tratar de políticas públicas para agricultura familiar e de combate à transgenia no estado.

CURITIBA E CAMPO LARGO

A última parada da viagem foi em Curitiba, rapidamente, e Campo Largo, região metropolitana de Curitiba, onde fiquei na casa dos permacultores Martin e Rafaelle, imensamente acolhedores, os quais entrevistei, e pude conhecer seus trabalhos e opiniões. Detalhes encontram-se nas entrevistas realizadas com eles.

REGISTRO E SÃO PAULO

Antes de chegar em casa, fiz uma rápida parada em Registro, sul de SP, onde dormi apenas uma noite na casa de uma amiga e pude conhecer um pouco da realidade dela, da cidade, e desse campus da UNESP que eu nunca havia visitado. Conversamos muito sobre agroecologia, e os processos organizativos da Cooperafloresta.

Depois peguei um ônibus para São Paulo, onde aproveitei para visitar a Horta das Corujas e conhecer a incrível Cláudia Visoni antes de chegar em casa, em São Carlos.

DVD-ROM com materiais digitais da pesquisa

O DVD-ROM abaixo traz materiais digitais relativos à presente pesquisa, tais como: tabela completa com as respostas dos grupos de permacultura cadastrados via formulário online; fotos da viagem durante o trabalho de campo; áudios das entrevistas realizadas; materiais correlatos; e a versão digital deste trabalho. Por meio dele, esperamos oferecer mais materialidade e profundidade às pessoas interessadas no tema desta pesquisa.